

**O imaginário social <Mulher Brasileira> em Portugal: uma
análise da construção de saberes, das relações de poder e dos
modos de subjetivação**

Mariana Selister Gomes

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de
Doutor em Sociologia

Orientadora:
Doutora Beatriz Padilla,
Investigadora Sénior,
CIES, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Co-orientadora:
Doutora Susana Gastal,
Professora Adjunta,
Universidade de Caxias do Sul (Brasil)

Março, 2013

Escola de Sociologia e Políticas Públicas

**O imaginário social <Mulher Brasileira> em Portugal: uma
análise da construção de saberes, das relações de poder e dos
modos de subjetivação**

Mariana Selister Gomes

Tese especialmente elaborada para obtenção do grau de

Doutor em Sociologia

Júri:

Doutora Carmen Gregorio Gil, Professora Titular da Universidade de Granada

Doutor João Alfredo dos Reis Peixoto, Professor Associado (com Agregação) do ISEG -
Universidade Técnica de Lisboa

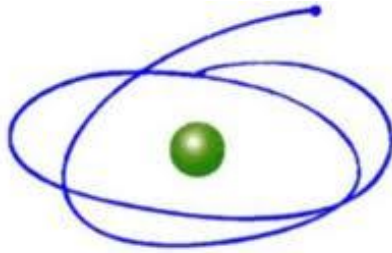
Doutora Maria das Dores Horta Guerreiro, Professora Auxiliar do ISCTE – Instituto
Universitário de Lisboa

Doutora Elsa Beatriz Padilla, Investigadora do CIES – ISCTE – Instituto Universitário de
Lisboa

Doutora Susana de Araújo Gastal, Professora Adjunta da Universidade de Caxias do Sul,
Brasil

Março, 2013

Financiamento



C A P E S

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior



Resumo

Esta Tese analisa o imaginário social <Mulher Brasileira> em Portugal, buscando perceber: os elementos que o compõe; as relações de poder imbricadas e como se constituem em racismo e sexismo; o seu impacto nas experiências de brasileiras imigrantes; e, os modos de subjetivação destas mulheres em Portugal. Empreende-se uma investigação teórica e empírica, organizada a partir do tripé analítico de inspiração foucaultiana: saber – poder – subjetivação. No primeiro capítulo desenvolve-se a perspectiva teórica e metodológica, a qual relaciona as perspectivas foucaultiana, feminista, descolonial e interseccionada; e, reflete sobre migrações, turismo, imaginários e a produção da diferença. Nos capítulos segundo e terceiro – através de entrevistas, análise documental e observação participante – analisa-se a construção da ordem discursiva de saber-poder <Mulher Brasileira> em Portugal. Mapeiam-se os discursos turísticos e culturais (no terceiro capítulo) e os discursos do universo migratório (no segundo capítulo). No quarto capítulo investiga-se – através de entrevistas, observação participante e auto-etnografia – o modo como esta ordem discursiva afeta a experiência migratória de brasileiras, bem como, as diferentes formas de resistência a este discurso hegemônico, através das narrativas dos sujeitos. As conclusões apontam que as mulheres brasileiras são vistas como “corpo colonial” em Portugal, na medida em que são definidas, essencializadas e estigmatizadas através de características atribuídas desde o colonialismo histórico, relacionadas com a hipersexualidade. Referente aos modos de subjetivação identifica-se três formas pelas quais estas mulheres resistem e reexistem ao discurso hegemônico construído sobre elas: resistência passiva, afirmativa e combativa. O argumento central consiste em afirmar que: não sendo substantivo, nem essencial, <Mulher Brasileira> é antes de tudo uma construção social, discursiva e performática, imersa em relações de poder históricas e em modos de subjetivação sempre reconstruídos.

Palavras-chave:

Imigração; Turismo; Saber-Poder; Mulheres Brasileiras.

Abstract

This thesis analyses the social imaginary <Brazilian Women> in Portugal, to explain: its constituting elements, the power relations involved and how they turn into forms of racism and sexism, its impact on the experiences of Brazilian female immigrants, and the modes subjectivity of these women in Portugal. It was carried out through a theoretical and empirical research, based on a analytical tripod of Foucauldian inspiration: knowledge - power-subjectivity. The first chapter developed the theoretical and methodological perspective, relating the Foucauldian, feminist, decolonial and intersectionality perspectives, reflecting on migration, tourism, imaginaries and the production of difference. The second and third chapters - using interviews, documental analysis and participant observation - analyzed the construction of the discursive order of knowledge-power <Brazilian Women> in Portugal. It mapped the tourist and cultural discourses (chapter 3) and the discourses about migration (chapter 2). The fourth chapter investigated – using interviews, participant observation and auto-ethnography - how the discursive order, affects the migratory experience of Brazilian Women, as well as the different forms of resistance to this hegemonic discourse, through the narratives of the involved subjects. The findings indicate that Brazilian women are seen as "colonial body" in Portugal. They are defined, essentialized and stigmatized through characteristics attributed by colonial history, related to hypersexuality. Regarding the modes of subjectivity, three types were identified illustrating the ways these women resist and re-exist the hegemonic discourse: passive, affirmative and combative resistance. The central argument is that: not being substantive nor essential <Brazilian Women> is above all a social construction, discursive and performative, embedded in historical power relations and reconstructed modes of subjectivity.

Keywords:

Immigration; Tourism; Brazilian Women; Knowledge-power.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, à CAPES / Ministério da Educação do Brasil pela Bolsa de Doutorado Pleno no Exterior, a mim concedida, pelo período de quatro anos, sem a qual esta Tese não seria possível. Em sentido semelhante, agradeço ao Instituto Universitário de Lisboa, especialmente seu Centro de Investigação e Estudos de Sociologia e seu Programa de Doutoramento em Sociologia, pela acolhida. Nomeadamente, gostaria de agradecer ao Professor Doutor Fernando Luís Machado (Diretor do CIES e Coordenador de Doutoramento em Sociologia), pela atenção dispensada a mim e às minhas necessidades burocráticas específicas (por ser imigrante e por articular instituições de diferentes países).

Sou imensamente grata a minha orientadora Professora Doutora Beatriz Padilla, por ela ter aceitado, antes mesmo da minha chegada a Portugal, orientar uma Tese que se pretende desafiadora. Seu apoio foi indispensável, tanto a nível acadêmico, quanto emocional. Gratidão dedico, também, a minha co-orientadora, e tutora no Brasil diante da CAPES, Professora Doutora Susana Gastal, a qual tem sido incansável no acompanhamento não só desta Tese, mas de meus trabalhos acadêmicos deste a Graduação em Turismo (2002-2005). Sua co-orientação, mesmo a distância, foi fundamental para o desenvolvimento desta Tese; e os momentos presenciais em Porto Alegre e em Lisboa foram inesquecíveis. Agradeço, também, ao Professor Doutor José Carlos dos Anjos, meu orientador de Mestrado, o qual me auxiliou em momentos fundamentais desta Tese, com suas reflexões sempre provocadoras, profundas, engajadas, foucaultianas e descoloniais. Sou grata a todos os Professores e Professoras do Doutoramento em Sociologia do ISCTE-IUL. Agradeço, ainda, aos Professores e às Professoras que irão compor o Júri desta Tese de Doutoramento, suas avaliações e sugestões serão fundamentais para o aprimoramento deste trabalho.

Agradeço profundamente a todas as pessoas que concederam entrevistas para esta Tese, sem as quais o trabalho não seria possível: líderes de associações de imigrantes, diretores de escolas de samba, produtores culturais, gestores de políticas de marketing turístico, jornalistas da imprensa de viagens. Em especial, agradeço as mulheres que, não só concederam entrevistas, mas abriram suas dores e suas reflexões sobre o preconceito que sofremos neste país.

Gostaria de agradecer aos amigos que fiz em Portugal, os brasileiros (que chegaram e partiram), os portugueses e os de diferentes nacionalidades. Agradeço, também, aos colegas de Doutoramento que apoiaram meu tema de pesquisa, apesar do desconforto que poderia

causar. Especialmente, sou grata à colega que se tornou amiga, Professora (em breve) Doutora Paula Lopes, grande incentivadora desta Tese e pessoa especial que me ensinou muito sobre a academia portuguesa, ajudou-me na inserção em Portugal e conseguiu-me o contato de vários entrevistados.

Impossível esquecer as amigas e familiares que lá do outro lado do Atlântico enviaram-me mensagens de apoio e sempre torceram por mim: obrigada! Gostaria de registrar minha gratidão às grandes guerreiras que me socorreram e ajudaram-me a compreender esta forma de racismo e sexismo com a qual me deparei em Portugal: Luanda Sito, Laura López, Kelly Moraes, Tatiana Rodrigues, Junara Ferreira, Ana Paula Mentz. Agradeço as minhas irmãs (a que os meus pais me deram e as que a vida me trouxe): Roberta Selister, Mariana Leão e Giovana Cossio por serem grandes incentivadoras e sempre valorizarem a minha sensibilidade, sem a qual esta Tese não existiria. Em especial, não posso esquecer-me de agradecer a Mariana Leão por ter perdido um dia de suas tão sonhadas férias na Europa para me acompanhar (e ajudar) na pesquisa de campo no Carnaval de Sesimbra.

Por fim, agradeço as pessoas mais importantes da minha vida, sem as quais nada seria possível. O meu pai, Osvaldo Gomes, e minha mãe, Vera Lúcia Selister Gomes, que desde criança me ensinaram o valor do conhecimento, acreditaram em mim, ensinaram-me a sonhar e a correr atrás dos meus sonhos. O meu companheiro (porque as palavras marido e esposo não comportam tudo o que ele significa), Júlio César Cossio Rodriguez, o homem feminista que esteve (e está) sempre a meu lado: nas indignações com as injustiças do mundo, nas reflexões da Tese, nos momentos dolorosos da escrita, nas garrafas de vinho, nos momentos divertidos dos dias (que nos distraem da Tese, ainda bem), nas ausências (lado a lado, cada um na sua Tese), em momentos inusitados da pesquisa de campo (perdidos no interior de Ovar tentando encontrar as Escolas de Samba)... Todo meu amor!

A todos e a todas: muito obrigada! Espero que esta Tese contribua para aqueles que participaram dela de alguma forma e para os quais participarão dela através da leitura. Espero que esta Tese auxilie na compreensão do preconceito contra as brasileiras em Portugal e, assim, na reflexão, na crença e na luta por um mundo melhor.

Índice

Índice de Figuras e Quadros.....	ix
Introdução.....	1
Capítulo 1: Fundamentações Teóricas e Metodológicas.....	9
1.1 Uma proposta teórico-metodológica de inspiração foucaultiana: análise a partir do tripé “Saber - Poder – Subjetivação”.....	12
1.1.1 Analítica do Saber-Poder: a Arque-genealogia.....	13
1.1.2 Analítica do Sujeito: os Modos de Subjetivação.....	22
1.1.3 Estratégias Metodológicas e Referentes Empíricos.....	32
1.1.4 Conhecimento Situado como complemento teórico-metodológico.....	39
1.2 Para analisar o Sistema de Diferenciações em Portugal: Raça, Gênero, Sexualidade e Luso-tropicalismo.....	42
1.2.1 Raça, Gênero e Sexualidade através de uma perspectiva Descolonial, Feminista e Interseccionada.....	43
1.2.2 A construção histórica do “corpo colonial”.....	53
1.2.3 O Luso-tropicalismo através de uma perspectiva Descolonial, Feminista e Interseccionada.....	63
1.3 Institucionalização e Racionalização do Sistema de Diferenciações: Turismo e Migrações como produtores de Imaginários Sociais.....	72
1.3.1 Turismo e Imaginários.....	74
1.3.2 Migrações e Imaginários.....	77
1.3.3 Turismo, Migrações e a Produção da Diferença.....	80
Capítulo 2: A construção da ordem discursiva <Mulher Brasileiras> em Portugal (I): Imaginários sobre a “brasileira imigrante”.....	87
2.1 A Brasileira Imigrante em Portugal: contextualização.....	88
2.1.1 A Sociologia das Migrações em Portugal e o tema da Imigração Brasileira	90
2.1.2 A Imigração Brasileira em Portugal e a Feminização das Migrações.....	93
2.2 A Brasileira Imigrante na Mídia Portuguesa e nos estereótipos da população portuguesa.....	96
2.2.1 A Brasileira Imigrante na Mídia Portuguesa.....	96
2.2.2 A Brasileira Imigrante nos Estereótipos da População Portuguesa.....	101
2.3 A Brasileira Imigrante nos discursos institucionais das Associações de Imigrantes	103
2.3.1 Casa do Brasil de Lisboa.....	105
2.3.2 Associação Lusofonia Cultura e Cidadania.....	109
2.3.3 Associação Comunitária.....	114

2.4 O Imigrante, a Imigrante, a Brasileira e a Lusofonia nos discursos oficiais de Imigração.....	119
2.4.1 Discursos Oficiais Brasileiros: o Conselho de Representantes dos Brasileiros no Exterior (CRBE/MRE).....	120
2.4.2 Discursos Oficiais Portugueses.....	126
2.4.2.1 Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF).....	126
2.4.2.2 Alto Comissariado para Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI).....	131
2.5 Conclusões e quadro síntese do capítulo.....	137
 Capítulo 3: A construção da ordem discursiva <Mulher Brasileiras> em Portugal (II): Imaginários sobre a “mulher brasileira” como um “atrativo turístico” e um “produto cultural”.....	 141
3.1 A <Mulher Brasileira> no Marketing Turístico.....	142
3.1.1 Marketing Turístico Público.....	142
3.1.1.1 Breve Histórico das Políticas da EMBRATUR.....	142
3.1.1.2 O Plano Aquarela de reposicionamento da imagem do Brasil.....	144
3.1.2 Marketing Turístico Privado.....	153
3.2 A <Mulher Brasileira> na Imprensa Turística Portuguesa.....	157
3.2.1 Entrevistas a Jornalistas.....	157
3.2.2 Análise de Reportagens.....	166
3.3 A <Mulher Brasileira> no Mercado Cultural da Brasilidade em Portugal.....	170
3.3.1 Os Bares, as Danceterias, os Restaurantes.....	173
3.3.2 A exposição “Carmen Miranda”.....	181
3.3.3 As Escolas de Samba Portuguesas.....	185
3.4 Conclusões e quadro síntese do capítulo.....	193
 Capítulo 4: (Des)(Re)Construções da ordem discursiva <Mulher Brasileira> em Portugal: Modos de Subjetivação das Brasileiras, suas Resistências e Reexistências.....	 199
4.1 Existe Racismo-Sexismo contra as mulheres brasileiras em Portugal?	201
4.2 Resistência/Reexistência Passiva.....	216
4.2.1 A Resistência Passiva em exemplos da literatura e da observação participante.....	217
4.2.2 Luana: a luso-angolana bailarina de ritmos brasileiros.....	225
4.3 Resistência /Reexistência Afirmativa.....	230
4.3.1 Dandara: a cantora, a percussionista e a investigadora.....	233
4.3.2 Cristina: a bailarina do Porto.....	236
4.3.3 Michele, Priscila e Carolina: as bailarinas celebridades.....	241
4.3.4 Leonor: a portuguesa Rainha de Escola de Samba.....	246
4.3.5 Jussara, Fabiana e Márcia: a cantora e as recepcionistas.....	249
4.3.6 A Resistência Afirmativa em exemplos da literatura.....	253

4.4 Resistência/Reexistência Combativa.....	257
4.4.1 O Manifesto contra o Preconceito às Brasileiras em Portugal.....	258
4.4.2 As Brasileiras no SlutWalk Lisboa.....	265
4.4.3 Feministas em Associações de Imigrantes, Imigrantes em Associações Feministas.....	271
4.4.4 A Arte Crítica das Brasileiras.....	275
4.5 Conclusões e quadro síntese do capítulo.....	280
Conclusões.....	285
Referências Bibliográficas.....	293
Anexo A: Guião de entrevista semi-estrutura às associações de imigrantes brasileiros em Portugal.....	315
Anexo B: Guião de entrevista semi-estruturada com as agentes do Plano Aquarela de Marketing Turístico da EMBRATUR.....	317
Anexo C: Questionário aberto aplicado à gestora de marketing turístico da EMBRATUR para Europa.....	319
Anexo D: Guião de entrevista semi-estruturada aos jornalistas da imprensa turística portuguesa.....	321
Anexo E: Guião de entrevista semi-estruturada ao produtor cultural, informante privilegiado sobre o mercado cultural da brasilidade em Portugal.....	322
Anexo F: Guião de entrevista semi-estruturada ao curador da exposição “Carmen Miranda: a maior luso-brasileira de sempre”.....	323
Anexo G: Guião de entrevista semi-estruturada às Escolas de Samba.....	324
Anexo H: Guião de entrevista semi-estruturada às Mulheres Brasileiras que trabalham no Mercado Cultural da Brasilidade.....	325
Anexo I: Questionário aberto a Mulheres Brasileiras Ativistas em Portugal.....	327

Índice de Figuras e Quadros

Figura 1: “Mulheres do Hungo”. Gravura publicada no periódico À Volta ao Mundo, nº 20, 1881.....	55
Figura 2: Capa da Revista Civilização, nº 69-70, 1934.....	56
Figura 3: Cartum “A Conquista de Lourenço Marques”. Jornal Branco e Negro, nº 57, 1897.....	57
Figura 4: Publicidade da Fábrica de Chocolates Africana, Diário de Notícias Ilustrado, nº 28, 1919.....	58
Figura 5: Residentes brasileiros em Portugal, por sexo, 2001 – 2011.....	94
Figura 6: Capa da Revista Focus, Agosto de 2010.....	99
Figura 7: Propaganda eleitoral do candidato a Presidência em 2011, Fernando Nobre...	101
Figura 8: Revista Rio, Samba e Carnaval, 1973, EMBRATUR.....	142
Figura 9: Marca Brasil.....	146
Figura 10: Peça Publicitária da EMBRATUR, lateral de paragem de autocarro, Lisboa, 2010.....	150
Figura 11: Peça Publicitária da EMBRATUR, Instalação em paragem de autocarro, Lisboa, 2011.....	151
Figura 12: Peça Publicitária da EMBRATUR, Aeroporto da Portela, Lisboa, 2012.....	151
Figura 13: Estande da EMBRATUR, BTL Lisboa, 2012.....	152
Figura 14: Publicidade na Revista B de Brasil, editada em Portugal, inverno de 2001...	154
Figura 15: Capa da Revista da Agência Abreu, 2011.....	155
Figura 16: Cartaz na montra/vitrine de uma loja da Agência TopAtlântico em Lisboa, Fev. 2012.....	155
Figura 17: Salvador. Revista B de Brasil, nº 2, inverno de 2001.....	167
Figura 18: Minas Gerais. Revista B de Brasil, nº 2, inverno de 2001.....	168
Figura 19: Carnaval do Rio de Janeiro. Revista B de Brasil, nº 2, inverno de 2001.....	168
Figura 20: Brasília. Revista Tabu, 12 de Agosto de 2011.....	169
Figura 21: Imagens de um Restaurante Brasileiro no Porto, Agosto de 2011.....	177
Figura 22: Cartazes de divulgação de Danceterias Brasileiras em Lisboa, Junho de 2011.....	180
Figura 23: Cartaz de Divulgação da Exposição “Carmen Miranda”, Cascais, 2010.....	182
Figura 24: Publicidade da “Globeleza em paragem de autocarro, Lisboa, Fev. 2010.....	187
Figura 25: Imagens do “Samba de Roda”, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.....	187

Figura 26: Imagens da bandeira do Brasil nas sedes das Escolas de Samba Portuguesas.	189
Figura 27: Passista Homem. Desfile de Escolas de Samba. Sesimbra, Carnaval 2012....	190
Figura 28: Imagens do Desfile de Escolas de Samba, Sesimbra, Carnaval 2012.....	192
Figura 29: Personagem Gina, Programa “Café Central”, RTP.....	260
Figura 30: Imagens do SlutWalk Lisboa, Junho de 2011.....	267
Figura 31: Campanha “Não é Não”, vinculado ao SlutWalk Lisboa, com foco nas brasileiras.....	270
Figura 32: Galdérias desfilaram em Lisboa contra a “moral machista”. Reportagem do Diário de Notícias, edição do dia 26/06/2011.....	267
Figura 33: Pichações racistas no muro “Lisboa: cidade da tolerância” no Largo de São Domingos.....	273
Figura 34: Trabalho artístico de Letícia Barreto. Série Carimbos: “Prostituta” (esq.); “Brazuca” (dir.).....	276
Figura 35: Trabalho artístico de Letícia Barreto. “Paulinha – Meio”. Intervenção sobre embalagem.....	277
Figura 36: Trabalho artístico de Letícia Barreto. “Manuella – Migrate”. Impressão Digital.....	277
Figura 37: Trabalho da artista Janáina Teles. “Corpo Des-mapeado: Série Mulher Brasileira”.....	278
Quadro 1: Desenho analítico da Tese.....	38
Quadro 2: Estereótipos dos portugueses sobre os brasileiros (%).....	102
Quadro 3: Síntese do Segundo Capítulo. Imaginários em torno da “Brasileira Imigrante” nos discursos sobre Imigração.....	138
Quadro 4: Síntese do Segundo e do Terceiro Capítulo de forma conjunta. A ordem discursiva <Mulher Brasileira> em Portugal: discursos sobre imigração, turísticos e culturais.....	196
Quadro 5: Síntese do Quarto Capítulo. As Resistências de Mulheres Brasileiras em Portugal.....	282

*“Não me diga quem sou e não me peça para
permanecer o mesmo”*

Michel Foucault

*"Por um mundo onde sejamos socialmente iguais,
humanamente diferentes e totalmente livres"*

Rosa Luxemburgo

*“Que nada nos defina. Que nada nos sujeite. Que
a liberdade seja a nossa própria substância”*

Simone de Beauvoir

Introdução

<Mulher Brasileira> é um imaginário bastante presente em Portugal. Esta visibilidade relaciona-se com: o passado colonial que une Brasil e Portugal; o fluxo de migração brasileira para Portugal no final do século XX e início do século XXI, o qual foi marcado, nos últimos anos, pela feminização; a presença midiática, cultural e turística do Brasil em Portugal.

Esta Tese¹ tem como objetivo geral desvendar este imaginário <Mulher Brasileira>, o qual perpassa a história colonial, os discursos turísticos e culturais e os discursos do universo migratório. A partir deste objetivo geral, tem-se como objetivos específicos: 1) desconstruir este imaginário, ao perceber minuciosamente os elementos que o compõe; 2) analisar as relações de poder imbricadas neste imaginário e como estas se constituem em formas de racismo e sexismo contra as brasileiras; 3) compreender o impacto deste imaginário nas experiências de brasileiras imigrantes; e, 4) perceber como pessoas se subjetivam como mulheres brasileiras em Portugal diante deste imaginário sobre <Mulher Brasileira>. Acrescenta-se, ainda, o objetivo de desenvolver uma metodologia original, fundada em reflexões foucaultianas, feministas e descoloniais, que orienta a pesquisa empírica.

Empreender uma Tese de Doutoramento com estes objetivos justifica-se tanto a nível sociológico, quanto social. Em termos sociais, busca-se contribuir para a reflexão sobre o preconceito contra as brasileiras em Portugal a fim de auxiliar na sua superação. No que tange a produção de conhecimento sociológico, este trabalho de investigação teórica e empírica insere-se nos estudos sobre Migrações, Gênero, Racismo, Sexismo, Cultura (Imaginários, Comunicação, Turismo). De forma interdisciplinar, pretende-se suprir lacunas da Sociologia e da Antropologia das Migrações. Investigações nestas áreas evidenciaram a existência de um estigma em torno das brasileiras em Portugal; no entanto, focaram suas análises em compreender como as brasileiras reagem a este estigma, sem compreendê-lo de forma detalhada, o que resultou em alguns equívocos ou insuficiências das análises – como será discutido, sobretudo, no quarto capítulo desta Tese. Busca-se suprir lacunas, também, das áreas que se enfatizaram a existência do estigma de mulher brasileira. Ou seja, investigações das Ciências da Comunicação, que demonstram a presença de estereótipos da brasileira na

¹ Destaca-se que esta Tese de Doutoramento está escrito ao abrigo do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, de 1990, o qual entrou em vigor, no Brasil e em Portugal, no ano de 2009, apesar de ainda aguardar implementação em ambos os países. Nos casos em que o acordo prevê formas de grafia brasileira e portuguesa como corretas (como na palavra gênero ou género) optou-se pela grafia brasileira, pela conveniência da autora e entendendo que não causa prejuízo aos leitores portugueses.

mídia, bem como, da Psicologia Social, as quais abordam a presença de estereótipos sobre os imigrantes na população portuguesa.

Esta Tese consiste, portanto, em um trabalho de investigação original sobre um tema que tem sido tangenciado em diferentes investigações: o imaginário <Mulher Brasileira> em Portugal. A originalidade desta investigação é construída em termos teóricos, metodológicos e empíricos.

Em termos teóricos e metodológicos desenvolve-se um arcabouço que orienta a investigação empírica e permite suprir as lacunas evidenciadas na literatura. A fundamentação teórico-metodológica geral consiste na analítica foucaultiana, baseada no tripé: saber-poder-subjetivação – conforme é desenvolvido no primeiro capítulo. O saber-poder é percebido através da arque-genealogia (Foucault, 1986, 2004a), a qual propõe o resgate dos percursos de construção dos saberes, assim como, a análise de como estes compõem estratégias de poder.

A emergência de saberes é perceptível através de vestígios discursivos (textos e imagens de diferentes fontes) de maneira não necessariamente organizada (por isto a analogia com o método arqueológico). A análise das relações de poder permite compreender a emergência e a naturalização de determinados saberes e identificar uma ordem discursiva hegemônica (esse mapeamento é chamado de genealogia). Complementa-se a arque-genealogia como o enfoque nos sujeitos e como estes se constituem a partir de dobras de subjetivação do discurso hegemônico (Deleuze, 1998; Foucault, 2007a, 2007b, 2008a, 2010a).

Entende-se que uma ordem discursiva hegemônica (Foucault, 2008a) é homogeneizadora e anterior (historicamente construída) ao processo pelo qual um sujeito se constrói. Assim, quando cada sujeito existe enquanto sujeito único, está reexistindo (existindo novamente) diante de um discurso hegemônico que nega a sua existência individual porque o uniformiza, essencializa e inferioriza. O sujeito não existe a priori, não é ontológico, ele se constrói em determinado contexto, em relação ao discurso hegemônico. Como o sujeito tem uma nova existência diante do discurso hegemônico, esta reexistência é também um confronto ao discurso hegemônico, uma dobra, uma resistência.

A analítica de Michel Foucault, utilizada aqui para orientar a investigação empírica, permite compreender de forma minuciosa os elementos do imaginário <Mulher Brasileira>, através do mapeamento de diferentes discursos. Possibilita, também, evidenciar as relações de poder que transformam este imaginário em uma ordem discursiva hegemônica de saber-poder. E, ainda, auxilia na compreensão das múltiplas formas pelas quais pessoas dobram esta ordem discursiva ao transformarem-se em sujeitos. Desta forma, é empreendida uma análise combinada entre discursos sociais, relações de poder e reexistências/resistências dos sujeitos –

saber-poder-subjetivação – a qual não foi, até então, empreendida na análise das mulheres brasileiras em Portugal. Pretende-se, ao invés de focar as “mulheres brasileiras imigrantes” como objeto de estudo, abordar a construção da categoria <Mulher Brasileira> e como sujeitos múltiplos constituem-se em relação a esta categoria. Assim como Gregório-Gil (2010), acredita-se na necessidade de desconstruir a categoria “mulher imigrante”.

No primeiro capítulo, para além da apresentação da analítica geral da Tese, são discutidos conceitos fundamentais para a análise dos dados, quais sejam: Raça, Racismo e Racialização (Fanon, 1983; Balibar, Wallerstein, 1988; Foucault, 1996; Munanga, 2003); Sexualidade, Sexismo e Gênero (Scott, 1986; Pateman, 1993; Foucault, 1993; Butler, 2008); Colonialidade e Luso-tropicalismo (Quijano, 2000; Mignolo, Grosfogel, 2008; Almeida, 2000a); Interseccionalidade (González, 1988; Hooks, *et al*, 2004); Corpo Colonial (Lugones, 2008; Oto, 2006; McClintock, 2010); Conhecimento Situado (Löwy, 2000); Imaginários (Maffesoli, 2001a; Silva, 2003); Diferença (Deleuze, 1988; Hall, 2006; Brah, 2006); Turismo (Moesch, 2000; Gastal, 2005); Imigração (Miller e Castles, 2009; Padilla, 2007a). Desta forma, aproxima-se a analítica foucaultiana das perspectivas feministas e descoloniais interseccionadas, propondo uma metodologia original para orientar investigações empíricas. A pesquisa pretende inserir-se no contexto explicitado por Connell (2012), o qual aponta para uma transformação na teoria social contemporânea a partir de novas abordagens, propostas fora dos centros do poder e do conhecimento (ou por sujeitos oriundos destas periferias). Neste sentido destaca-se que, apesar de diversos autores apontarem a necessidade de novas teorias e epistemologias a partir do Sul, pós-coloniais, descoloniais e subalternas, poucas são as investigações empíricas realizadas a partir destas reflexões, as quais, desta forma, acabam por permanecer apenas no âmbito teórico ou político. Esta Tese parte destas reflexões descoloniais – combinadas com a perspectiva feminista e a abordagem foucaultiana – mas com objetivo de realizar uma investigação suportada pela empiria.

Nos capítulos subsequentes são analisados os dados provenientes da pesquisa empírica, discutidos em relação à literatura. Nos capítulos segundo e terceiro, é empreendida a arque-genealogia (ou o mapeamento da ordem discursiva de saber-poder) sobre <Mulher Brasileira> em Portugal, através de entrevistas, análise documental e observação participante. No quarto capítulo são analisados os modos de subjetivação desta ordem discursiva, através de entrevistas, observação participante e auto-etnografia.

Especificamente, no segundo capítulo, são analisados os discursos em torno da mulher brasileira como imigrante. Primeiramente contextualiza-se a imigração brasileira para Portugal, a partir de dados secundários e dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras de

Portugal. Ainda a título de contextualização, são analisados discursos da comunicação social e identificados estereótipos da população portuguesa, através, sobretudo, da literatura pertinente, mas com alguns vestígios discursivos da comunicação social recolhidos de forma aleatória (conforme permite a metodologia arque-genealógica de mapeamento discursivo). Em seguida, iniciando a pesquisa empírica propriamente dita, são mapeados os discursos institucionais de associações de imigrantes, através de entrevistas e observação participante em atividades e reuniões, notadamente da Casa do Brasil de Lisboa, da Associação Lusofonia Cultura e Cidadania e da Associação Comunitária. Por fim, abordam-se os discursos oficiais do Estado Brasileiro com relação a seus emigrantes (notadamente o Conselho de Representantes dos Brasileiros no Exterior, com enfoque na Cartilha de Gênero) e do Estado Português referente a seus imigrantes (notadamente o Alto Comissariado para Imigração e Diálogo Intercultural e o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras), através de análise documental e observação participante em eventos.

No terceiro capítulo, analisam-se os discursos turísticos e culturais em torno da mulher brasileira. Sobre os discursos turísticos, inicialmente mapeia-se o marketing turístico público do Brasil em Portugal, através de entrevistas, análise documental e de peças publicitárias e observação participante em um evento. A seguir identifica-se o marketing turístico privado que comercializa o Brasil como destino em Portugal, através de peças publicitárias. E, por fim, enfoca-se a imprensa turística portuguesa, através de entrevistas a jornalistas e análise de reportagens sobre o Brasil. Acerca dos discursos culturais, primeiramente investigam-se os bares, restaurantes e danceterias que utilizam a brasilidade como diferencial de mercado em Portugal (em Lisboa, Porto e Olhão), através, principalmente, de observação participante. Posteriormente é analisada a exposição “Carmem Miranda: a maior luso-brasileira de sempre”, através de observação participante e entrevista com o curador. Por último, são analisadas Escolas de Samba portuguesas (em Sesimbra e Ovar) que se originaram a partir da influência do Carnaval do Rio de Janeiro, através de observação participante e entrevistas.

O enfoque nos discursos turísticos, culturais e em torno das migrações ocorre a partir da percepção de que estes fluxos transnacionais, com grande expressão na contemporaneidade, são espaços privilegiados de construções de imaginários e de diferenças. Em cada um dos diferentes discursos analisados busca-se perceber quais os elementos do imaginário de <Mulher Brasileira> vão emergindo, como, por exemplo: associação à prostituição, hipersexualidade, disponibilidade sexual, alegria, beleza, entre outros. A análise destes elementos permite compreender como e porque – em quais relações de poder – determinados elementos se tornam preponderantes; bem como, a forma como estes elementos

são enunciados pelos discursos portugueses. Busca-se perceber se há relação com imaginários coloniais que constroem a <Mulher Brasileira> como um corpo disponível aos portugueses; e, ainda, se estas construções discursivas podem ser entendidas como racismo e sexismo. Tendo em vista a multiplicidade de discursos analisados, ao final de cada capítulo é construído um quadro síntese que relaciona os discursos mapeados e os elementos do imaginário <Mulher Brasileira> que emergiram. A percepção do imaginário de <Mulher Brasileira> enquanto uma ordem discursiva só é possível através deste mapeamento de variados discursos.

Após o mapeamento exaustivo da ordem discursiva <Mulher Brasileira>, empreendido no segundo e no terceiro capítulo, parte-se para o quarto capítulo, no qual são analisadas as formas de resistência e reexistência a esta ordem discursiva. O último capítulo inicia com um questionamento: “Existe racismo-sexismo contra as mulheres brasileiras em Portugal?” Neste subcapítulo conectam-se todos os capítulos, apresentando exemplos de como esta ordem discursiva de saber-poder que constrói a <Mulher Brasileira> como hipersexualizada afeta a experiência de mulheres brasileiras imigrantes, pois se transforma em preconceito, discriminação e assédio. Os exemplos apresentados são oriundos da literatura, da observação participante (incluindo etnografia virtual) e da auto-etnografia (da investigadora como uma mulher brasileira imigrante em Portugal). Em seguida, são analisadas as formas de subjetivação da ordem discursiva que foram identificadas na pesquisa de campo.

Para fins analíticos, estas formas de subjetivação foram divididas em três: 1) Resistência Passiva, a qual se caracteriza por ser uma resistência que parece resignação, ou seja, ocorre quando as mulheres brasileiras buscam se aproximar do discurso português, afastando-se do que é considerado brasilidade; 2) Resistência Afirmativa, que consiste na reversão do discurso hegemônico a partir da valorização daquilo que é inferiorizado, seria uma exaltação da brasilidade; 3) Resistência Combativa, a qual trata-se de uma tentativa de desconstrução do discurso hegemônico, da possibilidade de outras definições identitárias, da emergência de múltiplas brasilidades.

Destaca-se que não são as mulheres que estão sendo classificadas, pois uma mesma mulher pode adotar cada uma das formas de resistência em diferentes contextos. Este mapeamento dos diferentes modos de subjetivação foi possível através do diálogo com 17 interlocutoras, de exemplos trazidos pela literatura, de observação participante e de auto-etnografia. Ressalta-se que em termos empíricos, buscou-se o diálogo com mulheres que ainda não haviam sido destacadas em investigações anteriores, ou seja: mulheres que se relacionam diretamente com o imaginário de <Mulher Brasileira> ao trabalhar no mercado cultural da brasilidade (bailarinas de ritmos brasileiros, cantoras, organizadoras de eventos);

bem como, mulheres que buscam combater diretamente o imaginário de <Mulher Brasileira> ao participar de movimentos sociais. Todos os modos de subjetivação são entendidos como resistências e reexistências – na medida em que a ordem discursiva hegemônica é construída em relações de poder, o processo de subjetivar-se é sempre uma resistência e uma possibilidade de reexistir (reinventar-se) em uma ordem que inferioriza.

Sendo o capítulo quarto centrado nas subjetivações, e os capítulos segundo e terceiro focados na ordem discursiva de saber-poder, completa-se a analítica de inspiração foucaultiana baseada no tripé: saber-poder-subjetivação. Acredita-se que, desta forma, é possível desvendar o imaginário <Mulher Brasileira> em Portugal, a partir de uma perspectiva que aborda tanto aspectos estruturais (dos discursos sociais e das relações de poder), quanto à analítica dos sujeitos. Pretende-se associar uma análise mais estrutural dos discursos racistas e sexistas em torno de <Mulher Brasileira>, a uma análise das diferentes formas como as mulheres brasileiras resistem e reexistem a essa ordem discursiva. Assim, esta Tese insere-se na tentativa de superação da dicotomia estrutura-agência, a qual iniciou há algumas décadas nas Ciências Sociais (Alexander, 1987).

Ressalta-se que, a fim de analisar e desconstruir o imaginário <Mulher Brasileira> em Portugal, a Tese aqui defendida é que: não sendo substantivo, nem essencial, <Mulher Brasileira> é antes de tudo uma construção social, discursiva e performática, imersa em relações de poder históricas e em modos de subjetivação sempre reconstruídos. E, na forma como se dá em Portugal, na passagem do século XX para o século XXI, esta construção <Mulher Brasileira>, pode ser tratada como um racismo interseccionado com sexismo e marcado pela colonialidade. Esta abordagem é, ainda, inédita nos estudos sobre mulheres brasileiras em Portugal e objetiva contribuir tanto para estes estudos em específico, como para investigações mais gerais sobre Migrações, Gênero, Racismo, Sexismo e Cultura (Imaginários, Comunicação, Turismo).

Ao finalizar a introdução desta Tese, parece importante destacar que esta investigação sobre o imaginário <Mulher Brasileira> em Portugal origina-se em uma investigação anterior: na investigação de Mestrado² (Gomes, 2009a) sobre o imaginário de <Mulata> no Brasil. Durante o Mestrado investigou-se como foi construído um imaginário de <Mulata> hipererotizada no Brasil, através de discursos históricos, literários, intelectuais, artísticos, midiáticos e turísticos. Foram analisadas, também, as disputas discursivas provocadas por

² Dissertação de Mestrado aprovada com louvor no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (qualificada em 1º lugar na avaliação do Ministério da Educação do Brasil, em 2012). A investigação do Mestrado resultou em artigos publicados, os quais serão referidos ao longo da Tese quando necessário. Ver: Gomes (2009b; 2010a).

movimentos sociais (antirracista, feminista e de combate ao turismo sexual) que buscam desconstruir este imaginário; bem como, provocadas pelas novas políticas de marketing turístico do governo brasileiro (a partir de 2003), que juntamente com uma reorientação na política externa, buscam desconstruir o imaginário de Brasil exótico e erótico. O estudo voltado para as construções simbólicas internas (no Brasil) sobre a mulher brasileira demonstrou o caráter transnacional deste imaginário. Nesse sentido, percebeu-se a necessidade de transcender o estudo do nacional para o estudo dos fluxos transnacionais, a fim de compreender como o racismo, o sexismo, a nacionalidade, a colonialidade e a diferença se articulam de maneiras diferentes (ou semelhantes) em diferentes contextos (especificamente, no Brasil e em Portugal).

Entre a Dissertação de Mestrado e a Tese de Doutorado, evidenciou-se a importância de incorporar a análise das resistências e reexistências dos sujeitos aos discursos hegemônicos e, assim, completar a analítica em torno do tripé saber-poder-subjetivação. Isto porque, no Mestrado, o enfoque restringiu-se a construção do discurso hegemônico de <Mulata>, negligenciando-se, assim, a perspectiva dos sujeitos.

Na continuidade e aprofundamento desta trajetória de investigação, pretende-se que esta Tese de Doutorado contribua para o conhecimento sociológico, em termos empíricos, teóricos, metodológicos. Produzir-se-á conhecimento empírico sobre o objeto de estudo – o imaginário <Mulher Brasileira> em Portugal – através do mapeamento de diferentes discursos e das resistências a estes discursos. Contribuir-se-á para reflexões teóricas sobre: racismo, sexismo e interseccionalidade; bem como, sobre a relação entre turismo, migrações, imaginários e a produção da diferença. Através da operacionalização empírica da analítica de Michel Foucault, buscar-se-á uma contribuição metodológica para a Sociologia, propondo o tripé saber-poder-subjetivação como método. Por fim, é importante destacar que esta Tese tenciona contribuir para questionar e romper estereótipos e preconceitos sociais, étnico-raciais, nacionais e de gênero.

Capítulo 1

Fundamentações Teóricas e Metodológicas

Neste capítulo, serão desenvolvidas as fundamentações teóricas e metodológicas desta Tese de Doutorado. Primeiramente será apresentada a orientação teórico-metodológica de inspiração foucaultiana, a qual se constitui em uma proposta analítica e orientadora da pesquisa empírica baseada no tripé “saber-poder-subjetivação” (subcapítulo 1.1). A seguir, serão discutidas as principais dimensões da sociedade portuguesa que interferem nas relações de poder que constroem a ordem discursiva <Mulher Brasileira> em Portugal. Ou seja, será discutido, no subcapítulo 1.2, o sistema de diferenciações raciais e de gênero, o qual se vincula ao luso-tropicalismo e a construções históricas de imaginários coloniais. Estas discussões serão apresentadas a partir da perspectiva epistemológica descolonial e interseccional. Por fim, no subcapítulo 1.3, refletir-se-á sobre o Turismo e as Migrações como produtores de imaginários sociais que institucionalizam e racionalizam o sistema de diferenciações.

Desde já, ressalta-se que esta Tese apresenta uma orientação teórico-metodológica que se propõe inovadora, ao colocar em diálogo perspectivas feministas, descoloniais e de inspiração foucaultiana. Pretende-se aliar uma análise estrutural dos discursos racistas e sexistas em torno de <Mulher Brasileira>, a uma análise das diferentes formas como as mulheres brasileiras imigrantes no país resistem e reexistem a esta ordem discursiva. Acredita-se que não é suficiente focar a agência das mulheres, sem também evidenciar as estruturas racistas e sexistas nas quais se inserem. Tampouco é suficiente abordar as estruturas sociais entendendo-se as mulheres apenas como vítimas. Esta tentativa de superação da dicotomia estrutura-agência iniciou-se há algumas décadas nas Ciências Sociais (Alexander, 1987). No entanto, o legado de Michel Foucault para esta superação, apesar de bastante discutido filosoficamente, é ainda pouco utilizado como inspiração teórica e metodológica para pesquisas empíricas.

A Tese propõe-se, portanto, como um olhar inovador sobre as imigrantes brasileiras em Portugal, ao fundamentar-se no tripé analítico saber-poder-subjetivação, conforme sugerido a partir da obra de Foucault, associado a teorias feministas e descoloniais, para

empreender uma pesquisa empírica. A pesquisa pretende inserir-se no contexto explicitado por Connell (2012), o qual aponta para uma transformação na teoria social, a partir de novos conceitos, propostos fora dos centros, nas antigas colônias, com um olhar sobre o colonialismo e a colonialidade. Conforme destaca a autora os estudos pós e descoloniais têm avançado nos últimos anos e neste sentido aponta que: “Gayatri Spivak lançou a famosa pergunta: «Pode o subalterno falar?» A questão agora é: Pode a metrópole escutar?” (*idem*: 16). No contexto português destacam-se Santos e Meneses (2010) que propõe o conceito de “Epistemologias do Sul” para abarcar esta necessidade da Europa olhar para o Sul global – aprender com o Sul e a partir do Sul.

Spivak (2008) destaca que uma violência epistêmica tem sido praticada através da manutenção de um poder imperial no que tange a produção do conhecimento. A autora evidencia a necessidade de conhecimentos produzidos através do olhar subalterno, que consiste em uma mudança de perspectiva na interpretação da História. Segundo Spivak (2008: 40-41) os Estudos Subalternos se tornaram possíveis devido a crise no Humanismo europeu, a qual produz deslocamentos discursivos. A autora refere-se a Foucault como um dos principais autores que produzem esta crise, a qual auxilia na emergência dos Estudos Subalternos. No entanto, a autora critica Foucault e Deleuze por ignorarem sua própria posição de poder na produção do conhecimento e por não terem se engajado diretamente na crítica política ao silenciamento da enunciação subalterna. Para a autora, não basta que europeus defendam não-europeus (falem por eles ou dêem voz a eles); é necessário dismantelar as relações de saber-poder que silenciam os subalternos para que se abra espaço à enunciação de não europeus; é preciso o próprio subalterno (poder) falar (Spivak, 1995). Também Anjos (2004) demonstra como a perspectiva foucaultiana é fecunda e promissora para auxiliar na construção de perspectivas teóricas pós-coloniais a partir da periferia, sem, no entanto, as substituir.

Nichols (2010) parte dos estudos foucaultianos para compreender as formas como Foucault tem sido utilizado pelos Estudos Pós-Coloniais. O autor destaca que os Estudos Pós-Coloniais correspondem a um dos principais movimentos intelectuais das últimas décadas, tendo impacto em várias áreas. Segundo o autor, a principal contribuição de Foucault para a Teoria Pós-colonial consiste na introdução da crítica à relação entre discursos e poder, o que auxilia os pós-coloniais na desconstrução do saber-poder colonial e na argumentação de que o discurso é um dos principais meios de exercício do poder colonial (*idem*: 119). Foucault é utilizado também de forma mais específica, em suas análises sobre o racismo e biopoder (*idem, ibidem*). No entanto, segundo o autor, a Teoria Pós-Colonial teria uma visão restrita às fases iniciais da obra de Foucault (saber-poder) e deveria utilizar outros aspectos desta obra

(as discussões sobre ética e subjetivação), bem como, deveria reconhecer mais claramente que Foucault é fonte de muitos de seus *insights*. Na perspectiva desta tese, conforme desenvolver-se-á a seguir, Foucault pode ser utilizado como “caixa de ferramentas”; sendo assim, a utilização, mesmo que restrita de seus conceitos, é legítima. No entanto, atentando à crítica de Nichols (2010), pretende-se ampliar a discussão sobre Foucault, a fim de utilizar a analítica foucaultiana mais completa (saber-poder-subjetivação), combinada com os Estudos Feministas e Descoloniais, como base para a pesquisa empírica sociológica.

Neste sentido destaca-se que, apesar de diversos autores apontarem a necessidade de novas teorias e epistemologias a partir do Sul, pós-coloniais, descoloniais e subalternas (conforme desenvolver-se-á ao longo deste capítulo teórico), poucas são as investigações empíricas realizadas a partir destas reflexões, as quais, desta forma, acabam por permanecer apenas no âmbito teórico ou político. Esta Tese parte destas reflexões descoloniais – combinadas com a perspectiva feminista e a abordagem foucaultiana – mas com objetivo de realizar uma investigação suportada pela empiria.

Conforme Nichols (2010), utilizar a última fase da obra de Foucault é refletir sobre o sujeito através da ética, o que poderia significar nos estudos pós-coloniais pensar os mínimos espaços nos quais os sujeitos resistem ao saber-poder colonial, construindo uma ética pós-colonial. Neste sentido, ao invés de focar as “brasileiras imigrantes” como objeto de estudo, abordar-se-á a construção da categoria <Mulher Brasileira> (um saber-poder colonial), e analisar-se-á as múltiplas formas pelas quais sujeitos se constituem em relação a esta categoria (sujeitos descoloniais em suas resistências). Assim como Gregório-Gil (2010), acredita-se na necessidade de desconstruir a categoria “mulher imigrante” e focar essas mulheres como sujeitos políticos, empreendendo-se análises “com elas” e não “sobre elas”, analisando com as próprias mulheres imigrantes as representações que a sociedade produz sobre elas e possibilitando que elas produzam representações sobre si, ou visibilizando as representações que elas produzem sobre si. Desta forma, o enfoque desta Tese está na (re)construção social da categoria <Mulher Brasileira> no presente, entendendo que esta categoria tem uma história. Conforme apontado por McClintock (2010: 39): “a história não é simplesmente sobre relações entre negros e brancos, entre homens e mulheres, mas sobre como as categorias de brancura e negritude, masculinidade e feminilidade, trabalho e classe passaram a existir historicamente”.

Conforme será explicitado no subcapítulo sobre as Estratégias Metodológicas e Referentes Empíricos, deste capítulo teórico-metodológico, a operacionalização da pesquisa se divide em duas partes complementares. A primeira corresponde a uma análise do saber-

poder, na qual é empreendida uma arque-genealogia de diferentes discursos sociais (segundo e terceiro capítulos), a fim de evidenciar qual é a ordem discursiva sobre a <Mulher Brasileira>. A segunda parte corresponde a uma análise dos diferentes modos de subjetivação de mulheres brasileiras imigrantes em Portugal (quarto capítulo), a fim de perceber situações de preconceito e discriminação que sofrem essas mulheres e como dobram a ordem discursiva hegemônica resistindo e reexistindo como sujeitos.

1.1 Uma Proposta Teórico-Metodológica de Inspiração Foucaultiana: análise a partir do tripé “Saber - Poder – Subjetivação”

Esta Tese busca desenvolver e aplicar uma proposta teórico-metodológica que se propõe inovadora, na qual a orientação teórica e a metodologia estão profundamente imbricadas. Neste sentido, acredita-se que é necessário um desenvolvimento teórico denso que sustente esta metodologia, em certa medida, original. Um dos contributos pretendidos por esta Tese refere-se à aplicação metodológica das reflexões de Michel Foucault em uma pesquisa empírica sociológica. Neste sentido, inicialmente, será apresentada a orientação teórico-metodológica geral de inspiração foucaultiana, a qual se constitui em uma proposta analítica e orientadora da pesquisa empírica baseada no tripé “saber-poder-subjetivação”. Após o desenvolvimento teórico-metodológico será apresentada a forma de operacionalização específica desta Tese, ou seja: as estratégias metodológicas e os referentes empíricos.

Michel Foucault (Poitiers, 1926 – Paris, 1984) foi um dos intelectuais mais importantes do século XX. Suas reflexões contribuíram, e continuam a contribuir, para diversas áreas do conhecimento. No entanto, o autor não definiu sua teoria e metodologia de forma rígida. Em entrevista a Pol-Droit (2006) Foucault afirma que suas obras poderiam ser usadas por outros autores como uma “caixa de ferramentas”. Alguns autores procuraram sistematizar a metodologia de Foucault, através dos termos arqueologia, genealogia e arque-genealogia, como: Machado (1986, 2006), Deleuze (1998), Veyne (2008), Stassun, Assmann (2010) e Dreyfus e Rabinow (2010).

No final da década de 1980, Alexander (1987) afirmou que as Ciências Sociais estavam diante de *um novo movimento teórico*. Esse momento crucial corresponde a uma nova formação discursiva, caracterizada pela tentativa de superação da dicotomia (que caracterizou o pós-funcionalismo) entre microteorização (ênfase na ação, no indivíduo) e macroteorização (ênfase na estrutura). Segundo o autor, existe um esforço para unir a teoria

da ação com a teoria da estrutura, o que decorre de razões sociais, institucionais e intelectuais. O que ocorre é a crítica e a revisão das teorias dicotômicas anteriores, muitas vezes pelos próprios autores que reformulam suas antigas ênfases (ou na ação ou na estrutura) buscando uma aproximação entre elas. Alexander (1987) apresenta, inclusive, a sua mudança de perspectiva e enfatiza que, para si, a chave para o avanço teórico estaria nos estudos sobre cultura (em diferentes perspectivas disciplinares), que poderão desenvolver uma teoria verdadeiramente multidimensional, desde que não cometam os erros do idealismo nem do objetivismo.

Foucault pode ser considerado como um pensador (sociólogo, politólogo, historiador, filósofo), que não se restringia a uma área específica do conhecimento, mas fornecia contributos importantes para todas as áreas, inserido no contexto do pensamento de busca pela superação da tradicional dicotomia entre sujeito – estrutura. No entanto, o autor transcende a busca de uma relação entre sujeito – estrutura como forma de superar a dicotomia. Foucault apresenta um desafio, na medida em que questiona as próprias noções de “sujeito” e “estrutura”, sendo incluído na corrente teórica pós-estruturalista. O “sujeito” e a “estrutura” podem ser entendidos como construções históricas, constituídas dos saberes, das relações de poder, das constituições de si.

O enfoque está nos discursos (Silva, 2004) que permitem evidenciar estes saberes, poderes e subjetivações. Veyne (2008) demonstra que em Foucault não há uma separação entre discurso e realidade social. Autores como Machado (1996), Tavares (1996) e Silva (2004) apontam que Foucault estabelece uma relação entre práticas sociais e práticas discursivas, sem que nenhuma seja determinante da outra. As práticas discursivas/saberes e as práticas sociais/relações de poder são inseparáveis. Por isso esses autores apresentam o conceito de Saber-Poder. Na primeira fase da produção de Foucault, centrada na obra *Arqueologia do Saber*, publicada originalmente em 1969, ele desconstrói e analisa o discurso das ciências humanas. Tal teria sido completado pela fase das genealogias focadas nas análises do poder e, por fim, pelo enfoque na construção dos sujeitos nas tramas do saber-poder.

1.1.1 Analítica do Saber-Poder: a Arque-genealogia

A Arque-genealogia (Foucault, 1986; 2004a) propõe o resgate dos percursos de construção dos saberes, assim como, a análise de como estes compõem relações de poder. A emergência de saberes é perceptível através de diversos vestígios discursivos (textos e

imagens de diferentes fontes) de maneira não necessariamente organizada e programada (por isso a analogia com o método arqueológico). A análise das relações de poder permite compreender a emergência e a naturalização de determinados saberes, assim como, identificar uma ordem discursiva hegemônica (esse mapeamento é chamado de genealogia).

Segundo Dreyfus e Rabinow (2010) o método original de Foucault deve ser entendido como uma “analítica interpretativa” que combina a arqueologia e a genealogia (*idem*: 139). A arqueologia (do saber) consiste na análise de variados discursos e a genealogia (do poder) é a análise daquilo que limita, condiciona e institucionaliza as formações discursivas (*idem*: 139). Conforme explicitam os autores: “para a genealogia não há essências fixas, nem leis subjacentes, nem finalidades metafísicas. [...] Ela busca recorrências e jogo ali onde o progresso e seriedade foram encontrados. Ela recorda o passado da humanidade para desmascarar os hinos solenes do progresso. [...] A genealogia busca os mínimos detalhes” (*idem*: 142). Ainda segundo Dreyfus e Rabinow (2010): “seu método, que chamamos analítica interpretativa, deve começar, pelo menos implícito, como um diagnóstico” (*idem*: 327). Portanto, deve ser investigado o explícito, o visível, as verdades socialmente aceitas. A genealogia desconfia das verdades, por isto busca desconstruir verdades, analisando as visibilidades e como estas são possíveis. Esta Tese pretende analisar a visibilidade <Mulher Brasileira> em Portugal.

A arqueologia e a genealogia consistem em uma história efetiva (*idem*: 147), contextual, não totalizante e, sobretudo, uma história do presente (*idem*: 157). A história é entendida não como análise do passado a partir do presente; mas como análise do presente a partir do passado. O diagnóstico de um problema atual é o ponto de partida, o qual pode recorrer a análises de como este problema emergiu e foi construído historicamente. No entanto, não há a análise de uma marcha histórica do passado até o presente. Há, apenas, a busca de momentos onde determinadas relações de saber-poder emergiram. Segundo Dreyfus e Rabinow (2010), para Foucault: “A história não é o progresso da razão universal. Ela é o jogo de rituais de poder (...) o historiador eficaz busca dissolver essa confortável ilusão de identidade, firmeza e solidez” (*idem*: 147). Em suas próprias palavras: “Necessitamos de uma consciência histórica da situação presente” (Foucault, 2010b: 274). Esta importância da história para a compreensão de relações de saber-poder no presente – não de uma forma contínua, tampouco teleológica – será abordada também através da perspectiva descolonial, no próximo subcapítulo.

Paul Veyne (2008: 268) resume o modo de operar foucaultiano como uma “história daquilo que os homens chamaram as verdades e de suas lutas em torno dessas verdades”.

Buscar-se-á analisar, na Tese, a construção de saberes e as lutas em torno do que é ser mulher brasileira. *As mulheres brasileiras são prostitutas em Portugal? As mulheres brasileiras são mais sensuais e alegres que as europeias? As mulheres brasileiras são mais fáceis/disponíveis sexualmente?* Objetiva-se demonstrar as construções sociais dessas afirmações, muitas vezes naturalizadas como verdades, que se tornaram tão corriqueiras no presente; enfatizando suas relações com o passado colonial. As obras de Michel Foucault propõem uma desconstrução permanente de verdades. Ao demonstrar como os saberes são construídos social e historicamente, imersos em relações de poder, também históricas e sociais, o autor problematiza as verdades, coloca em suspenso todos os objetos a serem analisados. Foucault propõe esta desconstrução em toda sua obra. Problemática a loucura, a normalidade/anormalidades, a sexualidade, as ciências humanas, entre outros temas, demonstrando como esses saberes são construídos em relações de poder, já que uns saberes se sobrepõem a outros e se tornam verdades.

Em *Nascimento da Biopolítica*, curso que proferiu no Collège de France no ano letivo 1978-79, Foucault define o que é pesquisar os “regimes de verificação”: significa colocar em suspenso, questionar, desnaturalizar “as verdades”, demonstrando como “as verdades” são construídas historicamente em tramas de saber-poder. Em suas palavras, busca analisar: “em que condições e com quais efeitos se exerce uma verificação” (Foucault, 2008b: 50). Torna-se evidente a historicização radical como característica fundamental do método de Foucault. Nesta historicização o objetivo não é reconstruir contextos históricos, mas sim demonstrar à emergência de saberes a partir de tramas de relações de poder.

Conforme Pol-Droit (2006: 29), para Foucault: “o saber não é a ciência, nem o conjunto de conhecimentos no sentido usual do termo. Com esta antiga palavra, o filósofo designa um novo conceito: o agenciamento daquilo que uma época pode dizer (seus enunciados) e ver (suas evidências)”. Assim, “o saber (...) pode estar em ficções, reflexões, narrativas, regulamentos institucionais, decisões políticas” (Foucault, 2004a: 205). O saber é sempre construído historicamente, representa as condições históricas de possibilidade de discurso e percepção.

Para Stassun e Assmann (2010), o centro de uma operacionalização metodológica do pensamento de Foucault está no conceito de dispositivo, o qual serve como método e objeto. Dispositivo, segundo Foucault, consiste em: “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas” (Foucault, 1986: 244). Desta forma, para analisar um dispositivo de saber-poder

é necessário ampliar as fontes de pesquisa, mapear variadas práticas discursivas – conforme será realizado nesta Tese.

Para investigar saberes Foucault propõe uma arqueologia, na qual “analisar positivamente é mostrar segundo que regras uma prática discursiva pode formar grupos de objetos, conjuntos de enunciações, jogos de conceitos, séries de escolhas teóricas” (Foucault, 2004a: 203). Assim, a arqueologia é “a descrição das formações discursivas, a análise das positivamente, a demarcação do campo enunciativo” (*idem*: 149). Para analisar um campo enunciativo é preciso compreender “os enunciados como acontecimentos (tendo suas condições e seu domínio de aparecimento) e coisas (compreendendo sua possibilidade e seu campo de utilização). São todos esses sistemas de enunciados (acontecimentos de um lado, coisas de outro) que proponho chamar de arquivo” (*idem*: 146). E acrescenta que “o arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito” (*idem*: 147). Assim, Foucault se propõe a analisar o dito e como pode ser dito. Como ele afirma em *A Ordem do Discurso*: “o tênue deslocamento que se propõe praticar na história das ideias e que consiste em tratar, não das representações que pode haver por trás dos discursos, mas dos discursos como séries regulares e distintas de acontecimentos” (Foucault, 2008a: 59).

Na análise arqueológica deve-se além de descrever as formações discursivas “relacioná-las no que podem ter de específico com as práticas não discursivas que as envolve e lhes servem de elemento geral” (Foucault, 2004a: 177). Ou seja, “quando se dirige a um tipo singular de discurso [...] é também para descrever, ao mesmo tempo em que eles e em correlação com eles, um campo institucional, um conjunto de acontecimentos, de práticas, de decisões políticas, um encadeamento de processos econômicos” (*idem, ibidem*). Analisar a relação entre as práticas discursivas e não discursivas não é buscar as continuidades entre elas, não é focar em uma relação causal, mas sim compreender as relações de poder envolvidas e, assim, como umas se utilizam de outras, como se articulam, já que não são independentes.

Na relação mútua entre saber e poder, a arqueologia do saber deve ser complementada pela genealogia do poder e, neste sentido: “são os efeitos de poder próprios de um discurso [...] que a genealogia deve combater” (Foucault, 1986: 171). Sendo a genealogia uma análise a partir do presente, busca as construções históricas que sustentam as relações de poder no presente.

Foucault não desenvolveu uma teoria sistemática sobre o poder, no entanto, a problemática do poder é transversal em suas obras, empreendendo uma série de análises sobre o seu funcionamento. Para Foucault o poder é entendido “não como algo que se possui, mas como algo que se exerce” (Castro, 2009: 325). O exercício do poder dá-se em uma trama de

relações entre o saber e o poder: “o saber e o poder se apoiam e se reforçam mutuamente” (*idem*: 323).

Para Foucault, o que interessa, portanto, não é o conteúdo do poder, mas como ele funciona. As questões centrais para Foucault (2010a: 283-284) não são ontológicas e metafísicas do tipo: *O que é o poder? Por que existe o poder?* Mas sim empíricas e contextualizadas: *Como o poder opera? Como isto acontece?* Seu objetivo é empreender investigações críticas sobre o poder, ao mesmo tempo em que suspeita do objeto poder como um ente fundamental. Em suas palavras: “Abordar o tema do poder através do “como” é, então, operar diversos deslocamentos críticos em relação à suposição de um “Poder” fundamental. É tomar por objeto a análise das relações de poder, e não um poder” (*idem*: 286-287). Sendo que uma relação de poder é: “um modo de ação que não age direta e imediatamente sobre os outros, mas age sobre sua própria ação” (*idem, ibidem*). Ao contrário da relação de violência que age sobre um corpo para destruí-lo, forçá-lo, fechar suas possibilidades; a relação de poder incita, induz, facilita, dificulta, opera no campo das possibilidades. Desta forma, Foucault demonstra que o poder funciona (é exercido) através de positivities. Neste ponto, apresenta uma analítica interpretativa inovadora sobre o poder: já que o poder não é percebido através de seu caráter repressivo, mas sim, produtivo. O poder é produtivo porque produz/fabrica sentidos, individualidades e verdades. O poder é, assim, um condutor de condutas (*idem*: 288), é uma forma de ordenar as probabilidades (*idem, ibidem*), é um estruturador do campo de ação possível dos outros (*idem*: 290). Esta forma de dirigir a conduta dos outros, Foucault (*idem*: 288) denomina como “governo”.

É justamente este aspecto do poder como positividade (produtor de), que Pogrebinschi (2004) considera o núcleo central da analítica de Foucault sobre o poder, através do qual o pensador cria um novo conteúdo e um novo significado para o conceito de poder. Dreyfus e Rabinow (2010: 153) destacam que a dimensão mais radical do pensamento de Foucault é exatamente este entendimento do poder como inseparável do saber, sendo que ambos operam como geradores na história.

Em *Os anormais*, curso proferido no Collège de France em 1974-75, Foucault explicita a noção de positividade do poder e ressalta suas diferenças metodológicas e teóricas com relação a outros autores que já estudaram o tema da normatização (Foucault, 2001: 53 - 54). O autor destaca que não analisa a normalização como repressão, e sim, como produção. O poder não é exercido como repressão e as pessoas não são submetidas ao poder por cegueira; mas sim, nas relações de poder se produz a norma, o que é normal e anormal, o saber-poder da normalização. A definição do que é normal é uma definição de saberes. Assim,

Foucault introduz uma nova abordagem sobre o poder, a abordagem das positivities, destacando que essas tecnologias positivas de poder emergem em um momento histórico específico, no século XVIII. Demonstra que a reação à lepra na Idade Média era de exclusão, onde os leprosos eram simplesmente afastados dos não doentes; já no século XVIII a reação à peste é positiva de inclusão, fiscalização, observação. O poder passa a ser exercido por positivities: no sentido de produção, fabricação. O poder não se exerce apenas excluindo, mas sim falando sobre, normatizando, definido, construindo saberes, construindo verdades, disciplinando. É importante destacar que na produção do saber-poder são construídas e reproduzidas as hierarquias: “as relações de poder são uma relação desigual e relativamente estabilizada de forças, é evidente que isso implica um em cima e um em baixo, uma diferença de potencial” (Foucault, 1986: 250).

Para analisar as relações de poder de determinada sociedade, Foucault (2010a: 291-292) destaca que é preciso perceber diversas dimensões da sociedade em questão, as quais podem ser condição ou efeito das relações de poder (ou ambos). São elas: o *sistema de diferenciações* (econômicas, linguísticas, culturais, etc.); o tipo de *objetivos* (manutenção de privilégios, acúmulo de lucros, etc.); as *modalidades instrumentais* (o uso das armas, o uso da palavra, o controle, a vigilância, etc.); as formas de *institucionalização* (estruturas tradicionais, jurídicas, do hábito, etc.); os graus de *racionalização* (elaboração, transformação, organização). Para isto, não se pode analisar apenas as instituições, pois “as relações de poder se enraízam no conjunto da rede social. [...] As formas e os lugares de «governo» dos homens uns pelos outros são múltiplos em uma sociedade: sobrepõem-se, entrecruzam-se, limitam-se e anulam-se, em certos casos, reforçam-se, em outros” (*idem*: 292).

No caso desta Tese o objetivo é mais limitado, não se pretende analisar as relações de poder de uma forma geral em determinada sociedade-época; mas sim, as relações de saber-poder que constroem o imaginário <Mulher Brasileira> em Portugal, conduzindo, limitando, condicionando, criando as possibilidades de sujeitos mulheres brasileiras. Para este fim analisar-se-á (no próximo subcapítulo) o *sistema de diferenciações* (raciais e de gênero, vinculados ao luso-tropicalismo) da sociedade portuguesa, vinculados aos *objetivos* deste saber-poder <Mulher Brasileira> (a manutenção de imaginários coloniais e os privilégios decorrentes). Em seguida (no subcapítulo 1.3) refletir-se-á sobre o Turismo e as Migrações como produtores de imaginários que *institucionalizam* e *racionalizam* o sistema de diferenciações, para, posteriormente (nos capítulos 2 e 3) analisar algumas das formas de institucionalização e racionalização do saber-poder <Mulher Brasileira>: discursos institucionais sobre os imigrantes, discursos da mídia, discursos turísticos e discursos

culturais. A análise perpassará, ainda, as *modalidades instrumentais* que assume essa relação de poder sobre as mulheres brasileiras, abordando (no capítulo 4) exemplos onde o uso da palavra e o controle social se impõem. Desta forma, estarão presentes na Tese, as cinco dimensões apontadas por Foucault como necessárias para a análise das relações de poder: *sistema de diferenciações; objetivos das diferenciações; modalidades instrumentais das diferenciações; as formas de institucionalização das diferenciações; e, os graus de racionalização das diferenciações.*

Sua concepção de poder não é, nem pretende ser, definitiva, pois não há substancialidade do poder. Sua análise é focada nas relações, mecanismos, procedimentos, estratégias de poder: “trata-se simplesmente de saber por onde isso passa, como se passa, entre quem e quem, entre que ponto e que ponto, segundo quais procedimentos e com quais efeitos” (Foucault, 2008a: 3-4). Além do caráter produtivo do poder, Foucault demonstra seu funcionamento em micro escala. Através da microfísica do poder (Foucault, 1986) o autor demonstra que o saber-poder opera tanto através de mecanismos de Estado, como através de tecnologias do corpo. O poder não está restrito a instituições políticas, ele é multidirecional (Dreyfus e Rabinow, 2010).

A partir desta concepção de poder, Foucault teceu conceitos: “para compreender historicamente o poder tal como ele se manifestou ao longo dos séculos (estamos falando, evidentemente, do poder disciplinar e do biopoder)” (Pogrebinschi, 2004). No que tange a esta Tese, são especialmente importantes as reflexões de Foucault sobre estes dois tipos específicos de tecnologias do poder: o poder disciplinar e o biopoder. Os saberes sobre a sexualidade se tornam o dispositivo principal do poder disciplinar na era moderna. Enquanto os saberes sobre raça são o dispositivo central do biopoder. Foucault demonstra que o poder disciplinar e o biopoder se exercem através da gestão da vida. O poder disciplinar é o construtor da noção de indivíduo, é exercido sobre e através da gestão da vida no indivíduo. O biopoder é construtor da noção de população, é exercido sobre e através da gestão da população, são produzidas populações saudáveis e populações descartáveis. O autor demonstra que o exercício do poder dos Estados Modernos se dá através do “fazer viver e deixar morrer” (Foucault, 1996: 194) e não mais a partir do “fazer morrer” do poder soberano onde o rei poderia exercer o direito de matar. Ou seja, as relações de poder passam a ser exercidas através da gestão da vida, da disciplinarização dos corpos, da produção das populações, “garantindo relações de dominação e efeitos de hegemonia” (Foucault, 1993: 133).

Conforme Castro (2009: 332): “A disciplina representa a tecnologia moderna de governo dos corpos, a técnica de criar indivíduos dóceis; a biopolítica, por sua vez, foi a tecnologia política das populações. Ambas funcionam a partir da definição do normal, mas à diferença das disciplinas, as técnicas de governo das populações levam em consideração fenômenos coletivos”. A disciplina é a tecnologia principal da construção das sexualidades, enquanto o biopoder é a tecnologia principal da construção das raças. Neste sentido, a construção da ordem discursiva <Mulher Brasileira> parece remeter tanto ao poder disciplinar (sobre os corpos individualizados, sobre as sexualidades) como ao biopoder (sobre a população imigrante de brasileiros).

Em *História da Sexualidade*, especialmente no primeiro volume – A Vontade de Saber – Foucault demonstra que a sexualidade é uma construção histórica. Conforme Dreyfus e Rabinow (2010: 148-223) Foucault demonstra como a sexualidade está ligada aos discursos e as práticas de poder e como o corpo se torna o lugar onde práticas sociais ínfimas se relacionam com a grande organização do saber-poder. Foucault demonstra como o corpo se torna um espaço político onde operam relações de poder na sociedade moderna. Assim, a sexualidade e o corpo devem ser percebidos em suas construções históricas. O corpo é construído através do dispositivo da sexualidade. Foucault demonstra que, a partir do século XVIII, proliferam-se discursos sobre a sexualidade e através dela são produzidas as identidades e os papéis sociais. Butler (2008: 91) afirma que Foucault causou escândalo por demonstrar que nem sempre tivemos um sexo e nem sempre “fomos nosso sexo”. Na perspectiva do exercício de poder através de positivities, Foucault (1993: 98) questiona a hipótese repressiva da sexualidade, ao demonstrar que não existe um poder que se exerce sobre a sexualidade para reprimi-la, mas sim, é através da sexualidade que se exercem relações de poder: micro-poderes e mecanismos de Estado. Este poder é exercido produzindo sexualidades reprimidas, livres ou bizarras. Este poder: “produz efeitos positivos a nível do desejo e também a nível do saber” (Foucault, 1986: 148). Para o autor, o problema não está na explicação da repressão sexual; “está em apreender quais são os mecanismos positivos que, produzindo a sexualidade desta ou daquela maneira, acarretam efeitos de miséria” (*idem*: 232). A sexualidade não é simplesmente um dado natural da realidade e sobre ela se exerce o poder da repressão; a sexualidade é construída, é produzida de determinadas maneiras através das relações de poder. A sexualidade reprimida é uma das formas de sexualidades produzidas. Analisar a sexualidade é para Foucault analisar os discursos que produzem a sexualidade: “é preciso tentar estudar, em si mesma, em suas origens e formas próprias, essa superprodução de saber sócio-cultural sobre a sexualidade” (Foucault, 2006: 60).

No livro *Em defesa da Sociedade*, traduzido ao espanhol como *Genealogia del Racismo*, Foucault (1996: 207-211) demonstra como na produção de populações, através do biopoder, no século XIX, a racialização serviu para definir populações que poderiam ser escravizadas, marginalizadas e até eliminadas (como no nazismo), no exercício do deixar morrer do biopoder e no exercício do velho poder soberano de matar. Nesse processo de racialização, os europeus (hegemônicos na ordem discursiva ocidental) construíram saber-poder sobre “o negro”, “o judeu”, “o árabe” e atribuíram características e valores que os inferiorizavam. Conforme Castro (2009: 327): “O biopoder não é um conceito aplicável exclusivamente ao governo considerado institucionalmente, mas ao funcionamento entrelaçado de saber e poder em geral nas sociedades modernas”.

Em uma tentativa de síntese da genealogia do poder proposta por Foucault, entende-se que o Estado Moderno consolidou o biopoder (populações-nações-raças), incorporando o poder disciplinar (indivíduo-cuidado de si-sexualidade) e o poder pastoral (indivíduo-cuidado de si-salvação). No cristianismo medieval desenvolveu-se uma tecnologia específica de poder, na qual o pastor não cuidava apenas do coletivo, mas cuidava de cada indivíduo e assegurava sua salvação. Através da confissão o poder era exercido produzindo a verdade do indivíduo, o conhecimento de sua alma.

A partir do século XVIII, a sexualidade passa a ser o elemento central desta produção de verdade sobre o indivíduo, sendo que o indivíduo não precisa mais necessariamente do pastor para conhecer a si e cuidar de si, emerge, então, o poder disciplinar. A medicina assume o papel do cuidado de si e da salvação dos indivíduos. O Estado Moderno acrescenta um caráter totalizador das práticas do cuidado de si, criando a noção de população através do biopoder. No entanto, não substitui as tecnologias de poder antecedentes (em Foucault não há história linear). O Estado se torna, portanto, uma estrutura complexa que totaliza e individualiza. A individualidade é “moldada sob uma nova forma e submetida a um conjunto de modelos muito específicos” (Foucault, 2010a: 281). Após (ou ao longo de) tal desvelamento das relações de poder da cultura ocidental, Foucault questiona-se: *o que somos nós em um momento preciso da história?* (*idem*: 282). E avança: “Talvez, o objetivo hoje não seja descobrir o que somos, mas recusar o que somos. Temos que imaginar e construir o que poderíamos ser para nos livrar desse “duplo constrangimento” político, que é a simultânea individualização e totalização própria às estruturas do poder moderno” (*idem*: 283). Sobre esta relação dos sujeitos com as relações de saber-poder, abordar-se-á a seguir.

1.1.2 Analítica do Sujeito: os Modos de Subjetivação

A última fase da obra de Foucault é dedicada à problemática do sujeito. O tema emerge, sobretudo, no Curso *A Hermenêutica do Sujeito* (Foucault, 2010a), proferido no Collège de France no ano acadêmico 1981-1982, e nos volumes dois (*O Uso dos Prazeres*) e três (*O Cuidado de Si*) da *História da Sexualidade* (Foucault, 2007a, 2007b).

No entanto, nas palavras do próprio autor: “o objetivo do meu trabalho nos últimos 20 anos, não foi analisar o fenômeno do poder nem elaborar os fundamentos de tal análise. Meu objetivo, ao contrário, foi criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornam-se sujeitos” (Foucault, 2010b: 273). Foucault destacou três modos principais pelos quais os seres humanos tornaram-se sujeitos: 1) a filosofia, a linguística e as ciências humanas e como estas objetivam o sujeito; 2) as práticas discursivas divisórias, que dividem os seres humanos em loucos/ são, criminosos/ bons meninos; 3) o modo pelo qual um próprio ser humano torna-se sujeito, sobretudo através da sexualidade (*idem, ibidem*). Em geral, sua terceira fase de análise é considerada como dedicado ao sujeito, pois enfocar claramente o tema. No entanto, no texto supracitado, escrito em 1982, como contribuição para um livro sobre sua trajetória filosófica (Dreyfus e Rabinow, 2010), afirma que em toda sua obra persegue o tema da relação entre saber-poder-subjetivação. Para Dreyfus e Rabinow, (2010) a obra de Foucault consistiu em uma Genealogia do indivíduo moderno, seja através da análise de como este se tornou um objeto (do saber-poder das ciências humanas, médicas e jurídicas) ou de como este se tornou um sujeito (do saber-poder sobre sexualidade).

Em *A Hermenêutica do Sujeito* (Foucault, 2010a) o autor empreende uma análise do saber-poder que construiu a noção de sujeito na cultura ocidental. Provoca uma série de descentramentos sobre o que é o sujeito. Para Foucault, assim como o saber e o poder, a subjetividade é histórica. O sujeito não é uma substância e sim uma forma; sendo que esta forma é histórica e inconstante. Segundo (Dreyfus e Rabinow, 2010: 146): “Os sujeitos não preexistem para, em seguida, entrar em combate ou harmonia. Na genealogia, os sujeitos emergem em um campo de batalha, e é somente aí que desempenham seus papéis”. O método de análise dos modos de subjetivação consiste em interrogar os sujeitos em suas existências históricas e não como um a priori universal. Os modos de subjetivação são as formas como os sujeitos se constituem e se reconhecem como sujeitos, sendo objetos de saberes e relações de poder. Conforme Castro (2009: 408): “os modos de subjetivação são, precisamente, as práticas de constituição do sujeito”.

Para Foucault, ao analisar o sujeito “não se trata de levar a cabo o processo da razão; mas, antes, de analisar racionalidades específicas” (Castro, 2009: 323). A análise foucaultiana que relaciona saber-poder-subjetivação se insere em uma luta de oposição a tudo “que liga o indivíduo a si mesmo e assegura assim a submissão aos outros [...]. O tema do poder é, em realidade, para Foucault, um modo de enfrentar o tema do sujeito” (*idem*: 324). Portanto, Foucault analisou os modos de subjetivação que transformam pessoas em sujeitos.

Como afirmado anteriormente, o saber-poder é produtivo: produz/fabrica individualidades e verdades. Neste sentido, um ser humano subjetiva-se sempre dobrando o saber-poder hegemônico que o produziu; constitui, assim, uma resistência, uma prática de liberdade. Foucault (2010a: 289) ressalta que “[...] o poder só se exerce sobre sujeitos livres, enquanto “livres” – entendendo-se por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidades em que diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer”. Para o autor: “[...] não há relação de poder sem resistência, sem escapatória ou fuga” (*idem*: 294).

Pogrebinschi (2004) ressalta este aspecto libertário da obra de Foucault. Para a autora a concepção de poder de Foucault é emancipatória, pois “o poder produz: ele constrói; destrói e reconstrói; ele transforma, acrescenta, diminui, modifica a cada momento e em cada lugar a si mesmo e a cada coisa com a qual se relacione em uma rede múltipla, móvel, dinâmica, infinita...” (*idem*: 199). O sujeito, construído nas tramas históricas do saber-poder, subjetiva-se em relação a estas tramas, constituindo-se em uma dobra das mesmas. Enquanto que um “eu” abstrato é produzindo pela ordem discursiva hegemônica de saber-poder; os sujeitos subjetivam-se em relação a este “eu”, portanto, resistem de múltiplas formas.

Dentre as principais formas de lutas, Foucault (2010a: 278) destaca: a lutas contra a dominação (étnica, social e religiosa), lutas contra a exploração (relacionada ao capital econômico, ao trabalho), lutas contra aquilo que liga o indivíduo a si mesmo e o submete. Segundo Foucault (*idem, ibidem*): “Atualmente, a luta contra as formas de sujeição – contra a submissão da subjetividade – está se tornando cada vez mais importante, a despeito de as lutas contra as formas de dominação e exploração não terem desaparecido”. Para Foucault, segundo Dreyfus e Rabinow (2010: 328), é preciso que nós nos livremos da obsessão por definir quem somos, porque só assim nos livraremos do complexo saber-poder que pretende ajudar a definir quem somos. Nas palavras de Foucault: “Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo” (Foucault, 2004a: 20). Em entrevista a Dreyfus e Rabinow (2010: 324), Foucault ressalta: “devemos questionar as técnicas de si exatamente do mesmo modo

como é necessário estudar e comparar as diferentes técnicas de produção de objetos e de direção dos homens pelos homens através do governo”.

É neste contexto que se inserem as disputas atuais em torno das identidades culturais, étnico-raciais, de gênero e *queer*, as quais serão discutidas a seguir em termos conceituais. É neste campo que emerge o conceito de reexistência, o qual tem emergido em algumas análises sobre grupos racializados, marginalizados e estigmatizados que desenvolvem formas alternativas de se autovalorizar, autoafirmar e autorrepresentar. É o caso do trabalho de Souza (2009) que analisa o movimento Hip Hop de jovens negros da periferia como uma forma singular de reexistência. Conforme Souza (2009) a reexistência é uma reinvenção de si, que relaciona práticas e linguagem, em contextos de racismo. Inserida nesta perspectiva, que esta Tese propõe o conceito de resistência/reexistência, que será aplicado no quarto capítulo.

Portanto, o ser humano subjetiva-se em relação ao discurso hegemônico que o produz; desta forma, resiste e se torna sujeito. Este enquadramento histórico da (re)existência do sujeito é fundamental em Foucault. O sujeito não corresponde a um “eu” com capacidade de ação, de uma forma ontológica, a-histórica e essencial. Para Foucault, este “eu” racional é construído nas tramas de saber-poder entre técnicas de individualização e procedimentos de totalização. Conforme Spivak (2008) esta crítica ao sujeito do humanismo, empreendida por Foucault, pode avançar ao demonstrar que o sujeito do humanismo é também o sujeito imperialista. A autora destaca, também, que esta crítica pode auxiliar na reflexão sobre outras subjetividades, ao abordar a consciência como uma forma política e historicizada, com destaque para a consciência subalterna (*idem*).

Dreyfus e Rabinow (2010) apontam que Foucault: “não objetiva desconstruir o sujeito, mas historicizar completamente o eu profundo de modo a abrir a possibilidade de emergência de um novo sujeito ético” (*idem*: 328). Segundo os autores: “A desconstrução como um fim em si mesmo nunca interessou a Foucault. Ele apenas tenta minar essas práticas que considera elementos importantes do nosso perigo atual” (*idem*: 341-342). A metodologia foucaultiana busca desvelar e desconstruir discursos e práticas de poder, como uma possibilidade libertária.

Para Elder-Vass (2012) Foucault é considerado por muitos como um construtivista radical, mas por outros como compatível ao realismo. O autor busca compatibilizar o construtivismo e o realismo, defendendo um construtivismo moderado e não anti-realista. Muitas vezes, a afirmação de Foucault de que o sujeito não existe é interpretada como uma afirmação anti-realista. Inclusive Elder-Vass (2012) que defende várias das posições de Foucault, em seu objetivo de propor um construtivismo realista, questiona a analítica de Foucault sobre o sujeito. No entanto, no ponto de vista assumido nesta Tese, a afirmação de

Foucault refere-se a não existência ontológica e sim histórica do sujeito. Desta forma, Foucault não é aqui entendido como anti-realista. Elder-Vass (2012) afirma a importância da perspectiva construtivista para demonstrar que a subjetividade é construída socialmente, mas, para o autor, existe a capacidade humana ontológica de agência e de consciência de si. Não se pode afirmar que Foucault negue esta capacidade de agência e consciência do “eu”. No entanto, sua análise perpassa outras questões: não interessa a Foucault premissas ontológicas, seu objetivo é demonstrar como esta capacidade de agência e consciência do “eu” foi construída discursivamente, de diferentes maneiras, em diferentes épocas, para diferentes seres humanos. Sendo que o ser humano subjetiva-se em relação direta aos discursos que o produzem; neste sentido, a análise que pressupõe a capacidade de agência do “eu” de forma ontológica estaria negligenciando uma série de questões importantes que Foucault pretende elucidar. Para Elder-Vass (2012: 18) existe um sujeito substantivo, com capacidade de agência, independentemente do contexto social, no entanto o autor ressalta que o tipo de sujeito em que cada um se torna depende dos processos de construção social; ou seja, o sujeito muda de forma conforme o contexto.

Para Foucault o que importa são estas formas que os sujeitos tomam em cada contexto; o sujeito é entendido enquanto forma e não interessa abordar uma substância ontológica do sujeito; sendo que o sujeito ontológico no qual crê Elder-Vass e a cultura ocidental é, para Foucault, mais uma das formas possíveis de sujeito. Este é o aspecto que causa confusões: a forma específica de sujeito que Foucault analisa é justamente o sujeito moderno (no qual crê a cultura ocidental). Foucault demonstra a construção histórica deste sujeito com capacidade de ação e reflexão. Tendo em vista que esta é justamente a crença ocidental de sujeito ontológico, a abordagem de Foucault pode parecer ser antirrealista, pois demonstra que aquilo que a cultura ocidental julga como realidade a-histórica é uma realidade histórica. No entanto, Foucault não é antirrealista, mas sim anti-essencialista e radicalmente historiador, por isso, demonstra que este sujeito no qual a nossa cultura crê como ontológico, é uma construção histórica.

Esta análise genealógica do sujeito moderno é empreendida em *A Hermenêutica do Sujeito* (Foucault, 2010a) e nos volumes dois e três da *História da Sexualidade* (Foucault, 2007a, 2007b). A partir das análises de Foucault é possível perceber como o sujeito foi construído historicamente como um agente-eu-indivíduo. Foucault (2007a, 2007b; 2010a) empreende uma análise minuciosa de como a filosofia clássica construiu uma ideia de sujeito que foi incorporada (e transformada) pelo cristianismo. Esta ideia poderia ser resumida como:

todo o sujeito corresponde a um “eu” com práticas de si (técnicas de controle de si; ação) e consciência de si (técnicas de autoanálise; reflexão) e que atua em relação ao “outro-eu”.

Foucault (2010a) demonstra que esta idéia de sujeito emergiu na filosofia grega relacionada ao cuidado de si. Em Platão e Sócrates o cuidado de si estava relacionado com práticas ensinadas e aprendidas, com uma pedagogia (*idem*: 70). Em Alcibíades (*idem*: 76) o cuidado de si aparece de forma clara como um ocupar-se consigo mesmo para governar a si e aos outros; o cuidado de si era restrito a aristocracia e estava vinculado a um exercício de poder. Mais tarde o cuidado de si é expandido como um cuidado da alma e do corpo (*idem*: 97). A partir dos séculos I e II, e por muito tempo, o cuidado de si é expandido em termos quantitativos: passa a ser percebido como um chamado universalizado; já não é mais vinculado apenas a aristocracia para o governo dos outros, mas é vinculado a todos para o governo de si (*idem*: 101). Cabe uma reflexão: se o sujeito tem uma existência histórica, construída através do saber-poder, e este saber-poder o constrói universalmente como sujeitos que cuidam de si; portanto, pode-se afirmar que o eu-agente-indivíduo não tem uma existência ontológica, mas tem uma existência histórica generalizada?

Neste ponto, Foucault ressalta que o cuidado de si, mesmo com a pretensa universalização, não se trata de uma ética universal (*idem, ibidem*). Segundo demonstra Foucault (2010a) ao mesmo tempo em que se processa o discurso da universalização do chamado ao cuidado de si, se constrói o discurso de que apenas alguns conseguirão atender a este chamado e efetivamente cuidarem de si. Os que irão ou não conseguir e as práticas específicas deste cuidado de si vão sendo construídas. E esta é a fórmula que permanece central na cultura ocidental, reforçada pelo cristianismo e mantida na Modernidade: a universalidade do apelo e a raridade da salvação (*idem*: 109).

Foucault demonstra, com esta argumentação, que quando emergiu este discurso sobre o cuidado de si, o mesmo estava explicitamente relacionado a uma capacidade que poucos teriam. Um exemplo é a sentença lacedemônia (de Esparta) que afirma: “[...] é para podermos nos ocupar com nós mesmos que confiamos a cultura das nossas terras aos hilotas” (*idem*: 102). O cuidado de si agregou a idéia de conhecimento de si e uma série de práticas de si, mas continuou a ser considerada uma capacidade que poucos vão conseguir exercer, mas supostamente todos teriam a possibilidade. Nas palavras de Foucault (2010a: 107): “se todos, em princípio, são capazes de aceder à prática de si, também é fato que, no geral poucos são efetivamente capazes de ocupar-se consigo. Falta de coragem, falta de força, falta de resistência – incapazes de aperceber-se da importância dessa tarefa, incapazes de executá-la: este, com efeito, é o destino da maioria”.

Na entrevista que concede a Dreyfus e Rabinow (2010: 314-327) Foucault resume a passagem do “eu-clássico” ao “sujeito moderno”, destacando que o cuidado de si clássico é transformado pelo cristianismo através do dispositivo de sexualidade, no qual o cuidado de si está ligado ao ascetismo cristão, sobretudo, a virgindade das mulheres. É neste momento histórico que o “eu” se torna diretamente ligado a sua sexualidade. A subjetividade é construída através da sexualidade. Desta forma, a concepção de sujeito fundada na individualização da capacidade de agência é cruzada com o poder disciplinar que produz as sexualidades e disciplina os corpos. Homens e mulheres vão ser construídos como tendo capacidades diferentes, práticas diferentes de cuidado de si. De forma semelhante, a individualização da agência é cruzada com o biopoder que produz populações capazes e populações incapazes. Neste sentido, conforme Castro (2009: 323): “para Foucault, a particularidade histórica das formas políticas da Modernidade, não só do Estado Moderno, reside em que em nenhuma outra sociedade encontramos uma combinação tão complexa de técnicas de individualização e de procedimentos de totalização”.

Portanto, conforme é possível evidenciar a partir do pensamento de Foucault, não é suficiente aceitar a concepção de sujeito ontológico como eu-indivíduo-agente-universal, pois neste processo far-se-ia uma naturalização da existência do sujeito que ocultaria as relações de poder que demarcam a construção dos sujeitos. Nem todos são sujeitos modernos porque nem todos são construídos como sujeitos em determinado contexto histórico de relações de saber-poder. No entanto, todos os seres humanos se subjetivam em relação ao discurso hegemônico de seu contexto e tornam-se sujeitos de múltiplas formas como dobras deste discurso, o qual, muitas vezes, nega o seu ser sujeito. O que Foucault propõe (e será realizado nesta Tese) é a análise destas histórias de construções de discursos hegemônicos e das formas como seres humanos subjetivam-se em relação a estes. Ao enfatizar as construções históricas dos sujeitos, Foucault não afirma que os seres humanos não têm capacidade de ação e reflexão; e sim demonstra que uma análise sobre os sujeitos não deve partir deste pressuposto ontológico, e sim analisar como os seres humanos, em contextos específicos, são construídos discursivamente como tendo ou não estas capacidades e como se subjetivam diante destes discursos.

Esta abolição do sujeito (agente, indivíduo) como entidade metafísica auxilia na emergência da temática do corpo na Teoria Social (Almeida, 1996: 13). Almeida (1996) apresenta uma série de autores e debates que marcam a Antropologia do Corpo e da Incorporação. No que tange a esta Tese é importante sua afirmação a respeito de Foucault como autor associado à emergência do tema “corpo” (idem: 8). Segundo Almeida (1996),

apesar das críticas a Foucault, é preciso reconhecer as “contribuições positivas do filósofo francês, começando pela realidade do corpo e seus desejos como historicamente determinados, sendo que esta determinação é essencialmente política, consistindo nas operações de poder e resistência que estas operações suscitam” (*idem*: 13). Nesta Tese parte-se da perspectiva foucaultiana sobre corpo, poder disciplinar e biopoder; acrescentando-se os debates feministas e descoloniais sobre o corpo, especialmente sobre o “corpo colonial”.

Pretende-se, de alguma forma, suprir as críticas à analítica de Foucault (mencionadas por Almeida, 1996) no que tange a falta de agencialidade em sua teoria, conferindo destaque a temática das subjetivações, através da qual se percebe que os corpos construídos como “corpos coloniais” resistem e reexistem ao discurso hegemônico. Referente à crítica (também mencionada por Almeida, 1996) sobre a resistência do corpo como uma emanção natural na analítica foucaultiana, busca-se suprir esta lacuna ao abordar resistências específicas historicamente demarcadas; bem como, ao entender a resistência através da perspectiva ética do sujeito e a partir da metodologia de análise das subjetivações. Entender a resistência enquanto perspectiva ética e metodológica significa analisar a resistência como intrínseca à dobra de subjetivação. Metodologicamente é preciso compreender primeiramente uma ordem discursiva de saber-poder para posteriormente compreender as dobras nesta ordem discursiva, através das quais se produzem as subjetivações; assim, as subjetivações são sempre resistências/reexistências à ordem discursiva, independente de suas múltiplas formas. Para evitar a naturalização da resistência, é preciso ter claro que a resistência não emana naturalmente; no entanto, sempre que houver uma ordem discursiva hegemônica, todos os tipos de dobras de subjetivação serão entendidas pelo investigador foucaultiano como resistência, através de um princípio ético e metodológico. O foco não deve estar em afirmar que sempre há resistência ao discurso hegemônico, mas sim em assumir que tudo o que houver em relação ao discurso hegemônico será entendido como resistência.

Como exemplo, mencionam-se as diferentes interpretações sobre as mulheres (as quais serão discutidas com maior detalhe, no quarto capítulo, relacionadas ao caso específico de interpretação sobre as imigrantes brasileiras em Portugal): algumas investigações buscam denunciar que as mulheres não são agentes na sociedade devido ao machismo, apresentando uma abordagem estrutural sobre elas, enfocando-as apenas enquanto vítimas; outras investigações buscam resgatar a agência das mulheres, enfatizando que estas têm capacidade de ação e reflexão, apresentando uma abordagem individualista sobre as mulheres que invisibiliza o machismo. Neste exemplo, a abordagem foucaultiana, baseada no tripé saber-poder-subjetivação, sugere analisar, de forma conjunta, como uma ordem discursiva de saber-

poder específica constrói a mulher como não agente devido ao machismo e como as mulheres subjetivam-se de diferentes formas em relação a este discurso hegemônico.

Outro aspecto importante da história da construção do sujeito, demonstrada por Foucault em *A Hermenêutica do Sujeito*, é a relação entre o “eu” e o “eu-do-outro”. Esta relação está naturalizada e orienta a forma como a sociedade ocidental moderna pensa a identidade-alteridade – o que está relacionado com a produção da diferença (tema que será desenvolvido nos próximos subcapítulos). Foucault demonstra que o “eu” é entendido na tradição ocidental como alguém em relação a “outro”. E enfatiza que a relação “eu” e “eu-do-outro” também foi construída historicamente. Segundo Foucault (2010a: 115): “Para que a prática de si alcance o eu por ela visado, o outro é indispensável. Essa é a fórmula geral”. E ainda: “Há que constituir-se como sujeito e é nisso que o outro deve intervir. Creio que aí se encontra um tema muito importante em toda a história da prática de si e, de modo geral, da subjetividade no mundo ocidental” (*idem*: 117).

Esta naturalização do “outro” para a consolidação do “eu” está imbricada em relações de poder que opõem pessoas e grupos. O “eu” não precisa necessariamente / ontologicamente se opor a um “eu-do-outro”. A identidade não está em relação essencial com a alteridade. Esta relação identidade-alteridade é uma construção da filosofia ocidental. A identidade é construída em relações de saber-poder históricas, as quais, no mundo ocidental, estão relacionadas com saber-poder de gênero e de raça. Conforme Dreyfus e Rabinow (2010: 143) a bandeira do método genealógico de Foucault é a seguinte: “suspeite de identidades na história, elas são apenas máscaras, apelos a unidade”. Assim, no mundo ocidental o “eu-homem” foi construído em relação ao “eu-mulher”; o “eu-nacional” foi construído em relação ao “eu-estrangeiro”; o “eu-branco” foi construído em relação ao “eu-não-branco”. Abordar-se-á novamente a questão da identidade no próximo subcapítulo ao tratar das construções históricas das identidades de gênero e raça.

A fim de elucidar a questão parece importante apresentar, mesmo que de forma muito sintética, outras formas de “eu” trazidas por investigadores latino-americanos. Estes investigadores estudam comunidades indígenas e afro-brasileiras, com objetivo de compreender suas cosmologias não-ocidentais; para isto se desprendem da fórmula ocidental do que é um sujeito, buscando perceber o que é um sujeito na concepção destas comunidades (entre outros aspectos). As investigações demonstram que o “eu” não é sempre um sujeito individual com capacidade de ação e reflexão que se funda em relação ao “eu-do-outro”.

Eduardo Viveiros de Castro (2002), através do conceito de perspectivismo ameríndio, demonstra outra filosofia sobre o sujeito que não a filosofia ocidental (entre outros temas). A

partir das reflexões do autor, pode-se perceber que os índios amazônicos constroem um “eu-comunidade” que é o sujeito da ação e da reflexão e está em relação de complementariedade ao “eu-natureza”. O perspectivismo ameríndio naturaliza a cultura e culturaliza a natureza (Castro, 2002: 131). A maioria dos animais, e também outros seres vivos, são percebidos como dotados de cultura, consciência e subjetividade: “os animais são gente” (*idem*: 117).

Anjos (2008) analisa a religiosidade afro-brasileira, demonstrando que representa uma filosofia política diferente da filosofia política ocidental. Esta filosofia política teria uma forma muito particular de lidar com as diferenças, vinculada a uma noção de pessoa distinta da ocidental, que carrega em si outro sentido de nação e outras possibilidades de relações étnico-raciais. No que tange ao sujeito, a partir das análises do autor, é possível perceber que o “eu” das religiões de matriz africana no Brasil não é um “eu-indivíduo-corpo”. Espíritos podem encarnar em corpos e, assim, um corpo torna-se um “eu-múltiplo”. Na filosofia política da religiosidade afro-brasileira diferentes perspectivas podem ser conjugadas em um mesmo espaço e em um mesmo corpo, sem fundirem-se.

Estes exemplos, mesmo que apresentados de forma muito simplificada, auxiliam a descentrar o saber-poder sobre o sujeito no qual as ciências sociais estão imersas e, desta forma, perceber que o sujeito não corresponde a um “eu” ontológico com capacidade de ação e reflexão sempre em oposição a um “eu-do-outro”. O sujeito é construído em relações de saber-poder históricas. O saber-poder ocidental construiu as mulheres e os negros como não-sujeitos (conforme será desenvolvido no próximo subcapítulo). Assim, estes seres humanos com uma existência material tornam-se sujeitos ao dobrar o discurso hegemônico sobre si.

Nesta perspectiva não se pode analisar a “agência” do “eu” de homens brancos europeus da mesma forma que a “agência” do “eu” de mulheres imigrantes de ex-colônias. Quando se invisibiliza estas dinâmicas de saber-poder que constroem os sujeitos, ao naturalizar a existência de um “eu” ontológico, as subjetivações múltiplas não são percebidas.

Esta Tese se propõe a analisar as mulheres brasileiras em Portugal como sujeitos-forma; ou seja, busca demonstrar a constituição destes sujeitos no contexto atual específico, atentando para sua historicidade. Isto não significa a inexistência destes sujeitos, mas sim sua existência enquanto forma histórica. Analisar o sujeito-forma mulher brasileira em Portugal requer a análise da ordem discursiva <Mulher Brasileira> que a constrói como não-sujeito (porque coletiva, porque estereotipada, porque homogeneizada) e os modos de subjetivação pelos quais seres humanos se tornam sujeitos em relação histórica com esta ordem discursiva.

A análise da ordem discursiva <Mulher Brasileira> será empreendida nos capítulos segundo e terceiro, a partir do mapeamento arque-genealógico de discursos em torno da

imigração (oficiais, mídia e associações de imigrantes) e de discursos turísticos e culturais (marketing público, privado, imprensa, espetáculos culturais). O material empírico é composto por entrevistas, análise documental e observação participante. O objetivo é compreender como foi construída esta ordem discursiva de saber-poder <Mulher Brasileira> em Portugal, como foi naturalizada, quais seus elementos e em quais relações de poder está imersa – atentando para o racismo e o sexismo interseccionados e para a colonialidade.

A análise dos modos de subjetivação – que completa o tripé analítico: saber-poder-subjetivação – será empreendida no quarto capítulo, sustentada empiricamente por entrevistas, observação participante e autoetnografia. Trata-se de uma análise distinta das anteriores sobre as mulheres brasileiras em Portugal como sujeitos-substância. A maioria das análises presentes na literatura, que serão discutidas no capítulo 4, pressupõe que estas mulheres são sujeitos-agentes; outras pressupõem que são vítimas-estruturais. Ao serem analisadas como sujeitos-substância a partir do conceito ontológico de sujeito, o qual pressupõe a ação, a reflexão e os interesses individuais, são muitas vezes julgadas em suas (re)ações ao estereótipo em Portugal; ao invés de compreendidas em toda a complexidade histórica da relação saber-poder-subjetivação. Neste sentido, o objetivo desta Tese não é analisar os sujeitos; e sim, as múltiplas formas de subjetivação. O foco não está no “eu”, em sua capacidade de ação e em sua relação com o “eu-do-outro”. O foco está no processo de subjetivação que constrói um “eu” num contexto muito específico, em sua relação com o discurso hegemônico. Todo o processo de subjetivação é entendido como resistência, independente do tipo de ação que é empreendida pelo sujeito. Isto porque não será avaliada a ação do “eu”, mas o processo de resistência ao discurso hegemônico.

Ressalta-se que não está em questão a existência de uma verdade sobre a mulher brasileira, a qual se anteporiam discursos falsos. Argumenta-se que <Mulher brasileira> é antes de tudo uma construção social, discursiva e performática, imersa em relações de poder históricas e em modos de subjetivação sempre reconstruídos. Assim, existem múltiplas “mulheres brasileiras”, ou não existe “a mulher brasileira”. Existem diferentes saberes sobre a <Mulher Brasileira> e práticas de ser “mulher brasileira”. O objetivo está em compreender como e porque determinados saberes se tornam hegemônicos em determinados discursos. Toma-se como exemplo Edward Said quem, ao analisar a construção que o Ocidente faz do Oriente, destaca que: “seria o caso de eu dizer uma vez mais que não tenho um Oriente «real» a defender. Tenho, contudo, enorme consideração pela fortaleza das pessoas daquela parte do mundo, bem como por seu esforço de continuar lutando por sua concepção do que são e do que desejam ser” (Said, 2007: 15). Destacam-se as palavras de Dreyfus e Rabinow (2010), ao

sintetizarem a analítica interpretativa foucaultiana: “A interpretação resultante não é uma invenção subjetiva nem uma descrição objetiva, mas um ato de imaginação, análise e comprometimento” (Dreyfus e Rabinow, 2010: 327).

1.1.3 Estratégias Metodológicas e Referentes Empíricos

As discussões sobre o saber, o poder e a subjetivação, apresentadas anteriormente, correspondem a uma analítica, a qual será operacionalizada na investigação empírica desta Tese. Por analítica, entende-se um referencial tanto teórico, quanto metodológico. Neste sentido, a metodologia desta Tese está fundamentada no tripé de inspiração foucaultiana: “saber-poder-subjetivação”. Ao utilizar, de forma original, a analítica foucaultiana como uma metodologia que orienta uma investigação empírica sociológica, esta Tese pretende trazer uma contribuição metodológica para a produção de conhecimento sociológico.

Operacionalizar o tripé “saber-poder-subjetivação” como metodologia significa analisar de forma conjunta aspectos estruturais dos discursos sociais e aspectos individuais das subjetivações. Desta forma, nos capítulos segundo e terceiro empreender-se-á uma análise estrutural dos discursos, mapeando o saber-poder <Mulher Brasileira> em Portugal; enquanto no quarto capítulo analisar-se-á às subjetivações de mulheres brasileiras em Portugal, realizando um mapeamento das resistências e reexistências destes sujeitos.

A análise do saber-poder <Mulher Brasileira> em Portugal é realizada através de uma arque-genealogia, a qual pressupõe o mapeamento de diferentes discursos, analisados a partir de apenas uma variável. Esses diferentes discursos não necessitam ter o mesmo estatuto social, assim pode-se analisar a ciência, a mídia, a literatura, a arte, a política em uma mesma investigação. O que se busca, não é analisar um discurso em si, tampouco, as representações ocultas em um discurso. Não se utiliza a análise do discurso tradicional, que analisa poucos discursos em profundidade. Utiliza-se a análise de práticas discursivas, inspirada em Foucault, a qual analisa diversos discursos de forma transversal, procurando as regularidades. Busca-se, sim, evidenciar o que diz (os enunciados) e o que mostra (as visibilidades) uma série de discursos. Objetiva-se evidenciar como em uma série diversa de discursos produz-se uma regularidade, uma ordem discursiva, articulada com estratégias de poder, a qual transforma imaginários em verdades naturalizadas. A variável a ser analisada é sempre a verdade que se busca desconstruir. Foucault (2004b) analisou, por exemplo, “a loucura”, para perceber como a loucura se torna uma verdade naturalizada (enunciável em discursos médicos e psiquiátricos e visibilizadas nas instituições psiquiátricas) através de discursos e estratégias de poder. Said

(2007) analisou “o oriente”, em uma perspectiva foucaultiana, para perceber como discursos da literatura (coloniais) construíram o oriente e naturalizaram esse imaginário.

De forma semelhante, pretende-se analisar <Mulher Brasileira> entendendo que <Mulher Brasileira> adquire um significado essencializado e naturalizado em Portugal. A variável será <Mulher Brasileira> através da qual os diferentes discursos serão analisados. Tendo em vista que <Mulher Brasileira> não tem nenhum conteúdo automaticamente referente, os discursos serão analisados no que dizem (enunciados) sobre <Mulher Brasileira>. Buscar-se-á evidenciar quais os elementos emergem em cada discurso e quais são os que mais se repetem.

Os discursos escolhidos foram: discursos sobre imigração (analisados no segundo capítulo); e, discursos turísticos e culturais (analisados no terceiro capítulo). Isto porque estes discursos apresentam uma grande visibilidade do imaginário <Mulher Brasileira> e não haviam sido analisados pela literatura como construtores deste imaginário. Destaca-se que discursos englobam textos e imagens.

O material empírico que serve de suporte para a análise dos discursos sobre imigração, a qual será empreendida no segundo capítulo, é composto de: discursos de associações de imigrantes brasileiros em Portugal e discursos oficiais de imigração dos estados português e brasileiro. Anteriormente a análise destes discursos é realizada uma contextualização da imigração brasileira, a partir de dados secundários obtidos na literatura e dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (subcapítulo 2.1). Bem como, é apresentada uma contextualização dos estereótipos presentes na sociedade portuguesa sobre os imigrantes, evidenciados pela literatura (subcapítulo 2.2). A contextualização dos estereótipos inclui dados oriundos de investigações da Psicologia Social e da Comunicação Social. No que tange aos discursos da comunicação social sobre imigração, estes são apresentados como contextualização, a partir da literatura pertinente, tendo em vista que já existem pesquisas sobre o tema. No entanto, serão acrescentados alguns vestígios empíricos, recolhidos de forma aleatória, para a análise mídia, sem prejuízo para o rigor metodológico, na medida em que a arque-genealogia prevê a variedade de discursos e a recolha de vestígios discursivos de forma aleatória.

Referente aos discursos de associações de imigrantes brasileiros em Portugal, analisados no subcapítulo 2.3, estes foram recolhidos, sobretudo, através de entrevistas com os diretores e, também, através da observação participante em atividades das entidades. São investigadas as seguintes associações: a Casa dos Brasil de Lisboa, a Associação Lusofonia Cultura e Cidadania e a Associação Comunitária. O contato foi estabelecido diretamente com os dirigentes das associações, informando-se o tema da pesquisa. O objetivo das entrevistas e

das observações foi analisar os discursos das associações, entendendo que estas são um importante espaço da construção do imaginário de “brasileira imigrante”. Nas entrevistas, as associações foram questionadas diretamente sobre qual a imagem do Brasil e das brasileiras em Portugal, sobre a existência ou não de preconceito e discriminação, sobre as causas de uma imagem estereotipada da brasileira, sobre sua opinião sobre as mulheres brasileiras e acerca das ações das associações voltadas para as questões de gênero e do preconceito. As entrevistas foram semi-estruturadas, o guião geral encontra-se no anexo A.

Com relação aos discursos oficiais de imigração, analisados no subcapítulo 2.4, estes foram recolhidos através, principalmente, de pesquisa documental; foram recolhidos alguns discursos também através da observação participante em atividades. Referente aos discursos do Estado Brasileiro para sua diáspora foi analisado o Conselho de Representantes dos Brasileiros no Exterior do Ministério das Relações Exteriores do Brasil (especialmente a atividade denominada “Cartilha de Gênero”). Com relação aos discursos do Estado Português sobre a imigração, foram analisados discursos do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (especialmente as políticas de combate ao tráfico de seres humanos) e o Alto Comissariado para Imigração e Diálogo Intercultural.

Para a análise realizada no terceiro capítulo, sobre os discursos turísticos e culturais, o material empírico utilizado é composto de: marketing turístico público e privado, discursos da imprensa portuguesa e discursos do mercado cultural da brasilidade. Este último inclui bares, restaurantes, danceterias, uma exposição (de história, arte e cultura) e escolas de samba.

Referente ao marketing turístico público, analisado no subcapítulo 3.1, foram mapeados discursos do Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR). Inicialmente empreende-se um breve histórico das políticas da EMBRATUR. Em seguida, analisa-se a atual política de marketing da EMBRATUR, através de: duas entrevistas com os principais agentes do Plano Aquarela da EMBRATUR, obtidas no decorrer da pesquisa de Mestrado, cujo guião encontra-se no anexo B; um questionário aberto aplicado à gestora da EMBRATUR para Portugal, o qual encontra-se no anexo C; peças publicitárias da EMBRATUR em Portugal recolhidas entre 2009 e 2012, de forma aleatória; observação do estande da EMBRATUR na Bolsa de Turismo de Lisboa 2012, principal feira internacional de Turismo de Portugal. Com relação ao marketing privado, são utilizadas peças publicitárias de agências de viagens que comercializam o Brasil como destino turístico em Portugal, recolhidas de forma aleatória.

No que tange aos discursos da imprensa portuguesa especializada em viagens, analisados no subcapítulo 3.2, estes foram recolhidos através de entrevistas a seis jornalistas e

pesquisa documental em revistas de viagens. Foram entrevistados jornalistas que trabalham ou trabalharam para: Revista Volta ao Mundo, Revista Sábado, Revista B de Brasil, Jornal Público e repórteres *freelancers* com trabalhos em diferentes veículos. Os contatos foram estabelecidos mediados por uma investigadora do ISCTE-IUL, a qual já trabalhou como jornalista em importantes veículos da imprensa portuguesa. O guião, que se encontra no anexo D, foi construído através de três eixos, os quais foram propostos para o entrevistado em diferentes perguntas, quais sejam: imagem do Brasil, mulher brasileira, turismo sexual.

Com relação aos discursos do mercado cultural da brasilidade em Portugal, analisados no subcapítulo 3.3, estes incluem: bares, restaurantes, danceterias, uma exposição (de história, arte e cultura) e escolas de samba. Foi realizada uma primeira entrevista com um informante privilegiado, produtor cultural luso-afro-brasileiro, cujo guião encontra-se no anexo E, com a finalidade de mapear este mercado cultural. Referente aos bares, danceterias e restaurantes que agenciam a brasilidade como diferencial de mercado, estes foram analisados através de observação participante estabelecimentos em Lisboa, no Porto e em Olhão; o guião de observação incluiu: o nome do estabelecimento, a gastronomia, a música, a dança, o cenário (decoração, iluminação, cores), a publicidade, a nacionalidade e comportamentos dos funcionários e do público. Com relação à exposição (de história, arte e cultura) tratou-se da exposição “Carmen Miranda: a maior luso-brasileira de sempre”, a qual foi analisada através de observação participante (especialmente atenta às reações do público ao discurso de Carmem Miranda como portuguesa) e de entrevista com o curador (cujo guião encontra-se no anexo F). Por fim, acerca das Escolas de Samba portuguesas com influência do carnaval carioca, foram pesquisadas três escolas, sendo uma de Sesimbra e duas de Ovar, as quais foram analisadas através de entrevistas (cujo guião encontra-se no anexo G), observação nas sedes (especialmente atenta às marcas de brasilidade) e observação participante no carnaval de Sesimbra (onde se observou especialmente a composição e comportamento do público).

Ressalta-se que para empreender uma arque-genealogia (a análise de uma ordem discursiva de saber-poder), como se pretende fazer nesta Tese para o caso de <Mulher Brasileira>, é indispensável esta multiplicidade de discursos. Cada discurso é obtido com maior sucesso utilizando determinadas técnicas de investigação. Por este motivo, esta Tese contempla uma variedade de discursos (turísticos, culturais, estatais, de associações) e uma variedade de técnicas de recolha de material empírico (entrevistas, questionários, pesquisa documental e de peças publicitárias, observação participante). E, ainda, para uma mesma técnica, como a entrevista, são necessários diferentes roteiros (como pode ser visto nos anexos). Esta multiplicidade confere complexidade ao trabalho de investigação desenvolvido

e sustenta sua originalidade metodológica.

Conforme a analítica do saber-poder-subjetivação, a arque-genealogia da ordem discursiva de saber-poder deve ser completada pela análise dos modos de subjetivação. O quarto capítulo será, portanto, dedicado à análise de como pessoas se subjetivam em relação ao imaginário <Mulher Brasileira> em Portugal. O material empírico utilizado para analisar os discursos dos sujeitos (no quarto capítulo) é composto de: exemplos oriundos da literatura, observação participante (incluindo etnografia virtual), auto-etnografia e diálogo com 17 interlocutoras (sendo 11 entrevistas semi-estruturadas e 6 questionários). Destaca-se que, a seguir, desenvolver-se-á um pouco mais sobre auto-etnografia e observação participante, a partir das discussões sobre o conhecimento situado.

Referente ao diálogo com as 17 interlocutoras, ressalta-se que em termos empíricos, buscou-se o diálogo com mulheres que ainda não haviam sido destacadas em investigações anteriores, sendo estas: um primeiro grupo composto de mulheres que se relacionam diretamente com o imaginário de <Mulher Brasileira> ao trabalhar no mercado cultural da brasilidade (uma cantora, uma percussionista, duas recepcionistas, cinco bailarinas, uma madrinha de bateria); e, um segundo grupo formado por mulheres que buscam combater diretamente o imaginário de <Mulher Brasileira> ao participar de movimentos sociais (do Manifesto contra o Preconceito às Brasileiras em Portugal, do SlutWalk Lisboa, ativistas de associações de imigrantes, ativistas de associações feministas e artistas críticas). Com as mulheres do primeiro grupo realizaram-se entrevistas semi-estruturadas, cujo guião encontra-se no anexo H. A inserção no campo deu-se diretamente através da observação participante nos estabelecimentos do mercado cultural da brasilidade, bem como, através de contatos conseguidos inicialmente com o informante privilegiado produtor cultural luso-afro-brasileiro e seguidamente através da “bola de neve”.

Com as mulheres do segundo grupo realizou-se uma primeira entrevista, a qual se demonstrou uma técnica equivocada, tendo em vista a proximidade excessiva da pesquisadora com o grupo e, por isto, o guião de entrevista transformou-se em questionário aberto, respondido através da internet (o qual se encontra no anexo I). A inserção no campo deu-se como participação observante. Ou seja, primeiramente ocorreu a participação em grupos ativistas em Portugal, como mulher brasileira migrante, para, posteriormente, perceber que este era um espaço importante de discursos de mulheres brasileiras, o qual estava ausente da literatura e precisava ser observado e analisado. As questões sobre a relação entre sujeito e objeto, neutralidade, participação observante e auto-etnografia serão discutidas no próximo subcapítulo desta Tese. Entende-se que a ruptura sujeito-objeto é importante, bem como, o

envolvimento direto da pesquisadora traz elementos enriquecedores à pesquisa; no entanto, acredita-se que são necessários momentos de distanciamento, por isto, a opção pelos questionários e, ao mesmo tempo, pela participação observante e auto-etnografia.

Longe de demonstrar uma inconstância ou insuficiência metodológica, este grande apanhado de material empírico, com uso de variadas técnicas de recolha de dados, pretende significar uma inovação e complexidade metodológica. Esta inovação metodológica demonstrou-se necessária tendo em vista que as pesquisas até então empreendidas sobre as mulheres brasileiras em Portugal eram fragmentadas: dividiam-se em análises sobre o estereótipo e análises sobre as brasileiras. As análises centradas apenas nos discursos sociais ou apenas nos agentes (mantendo a divisão estrutura *versus* sujeito) apresentaram lacunas. Neste sentido, como será discutido no decorrer da Tese, a metodologia baseada no tripé “saber-poder-subjetivação” permite uma abordagem conjunta e apresenta avanços interpretativos na compreensão no tema das mulheres brasileiras em Portugal.

Destacam-se, ainda, as discussões sobre raça, colonialidade (e luso-tropicalismo), sexualidade, gênero, “corpo colonial” (subcapítulo 1.2), que perpassam toda a analítica. Também, a fim de compreender os discursos escolhidos para mapear a ordem discursiva <Mulher Brasileira> será desenvolvida a perspectiva do Turismo e das Migrações como produtores da diferença e de imaginários sociais (subcapítulo 1.3). Com a finalidade de aprofundar o entendimento das subjetivações, sendo a investigadora uma mulher brasileira em Portugal, será apresentada a perspectiva do conhecimento situado (subcapítulo a seguir 1.1.4). Estas são as discussões que se seguem neste capítulo teórico. Antes, porém, apresenta-se um quadro síntese do desenho analítico desta Tese, a fim de facilitar a compreensão da mesma.

Quadro 1: Desenho analítico da Tese.

Perspectiva Teórica- Metodológica Operacionalização	Análise do Saber-Poder / Mapeando a Ordem Discursiva Hegemônica	Análise das Subjetivações/ Mapeando as Resistências e Reexistências
Tipos de Discursos	* Discursos sobre Imigração * Discursos Turísticos * Discursos Culturais	*Discursos de Mulheres Brasileiras
Capítulos	2 e 3	4
Material Empírico: amplo e diversificado como pressupõem a perspectiva teórica-metodológica	<p><u>* Discursos sobre Imigração (capítulo 2):</u> - contextualização: dados secundários a partir da literatura e dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (2.1); - contextualização dos estereótipos presentes na mídia: literatura e vestígios aleatórios de mídia (2.2.1); - contextualização dos estereótipos sobre os imigrantes, presentes na sociedade portuguesa: literatura (2.2.2); - associações de imigrantes: 3 entrevistas e observação participante em atividades da CBL, da ALCC e da Comunitária (2.3); - discursos oficiais: pesquisa documental e observação participante em atividades (SEF, ACIDI, CRBE) (2.4);</p> <p><u>* Discursos Turísticos (capítulo 3)</u> - marketing turístico público: 2 entrevistas a gestores da EMBRATUR, 1 questionário aplicado a gestora da EMBRATUR para Portugal, peças publicitárias da EMBRATUR em Portugal, observação em evento da EMBRATUR (3.1.1); - marketing turístico privado: peças publicitárias de agências privadas que comercializam o Brasil em Portugal (3.1.2); - imprensa turística: entrevistas a 6 jornalistas, análise de reportagens (3.2).</p> <p><u>*Discursos Culturais (capítulo 3):</u> - contextualização geral: 1 entrevista com produtor cultural (3.3) -danceterias, bares e restaurantes brasileiros: observação participante (3.3.1) - exposição “Carmen Miranda”: entrevista com o curador e observação (3.3.2) - escolas de samba: 3 entrevistas e observação no carnaval de Sesimbra (3.3.3).</p>	<p><u>* Discursos de Mulheres Brasileiras ou que se subjetivam como brasileiras:</u> - autoetnografia, composta de relatos de situações vividas pela autora, como mulher brasileira imigrante em Portugal, observação participante (incluindo etnografia virtual) e exemplos trazidos pela literatura (4.1); - exemplos trazidos pela literatura (4.2);, - 10 entrevistas semi-estruturadas com mulheres que trabalham no mercado cultural da brasilidade e observação participante nos locais de trabalho dessas brasileiras (bares, danceterias, restaurantes) e nas redes sociais; (4.2 e 4.3); - 6 questionários abertos e 1 entrevista com brasileiras envolvidas em alguma forma de ativismo e participação observante nos movimentos sociais onde participaram as interlocutoras e nas redes sociais (4.4).</p>
Conceitos importantes, de forma mais específica.	Imaginários, Diferença, Turismo, Imigração.	Conhecimento Situado
Conceitos e discussões importantes para a análise dos dados em geral .	Raça, Racismo e Racialização; Sexualidade, Sexismo e Gênero; Colonialidade e luso-tropicalismo; Interseccionalidade; Corpo Colonial.	

1.1.4 O Conhecimento Situado como complemento teórico-metodológico

A perspectiva teórica de inspiração foucaultiana até aqui desenvolvida, bem como as perspectivas que serão apresentadas a seguir – feminista, descolonial e interseccionada – apontam para a parcialidade do conhecimento, demonstrando as relações de poder na produção do conhecimento. Neste sentido, destacam a importância do sujeito produtor de conhecimento refletir sobre seu lugar de enunciação. Esta tomada de posição, ao contrário do que possa inicialmente parecer, não prejudica a cientificidade, a qual é garantida pela transparência dos métodos, das teorias, do material empírico e da própria tomada de posição; ao invés de ser garantida por um suposto discurso de neutralidade.

Conforme enfatizado no início deste capítulo, esta Tese se insere nas discussões em torno da necessidade de novas epistemologias a partir do Sul global ou das antigas colônias. Segundo Oto (2006: 4) Fanon defende a necessidade de uma nova epistemologia que: “no es sino la necesidad política de producir el conocimiento de ese sujeto y para ese sujeto por fuera de la productividad de la sociedad colonial”. Sendo a autora desta Tese uma mulher brasileira a viver em Portugal, propõe-se uma análise que transcenda as explicações euro-centradas ancoradas no pensamento das ex-metrópoles, sem, contudo, afastar-me das regras do trabalho científico empiricamente e teoricamente embasado.

Neste sentido é possível uma aproximação entre as teorias e metodologias até aqui discutidas e as perspectivas feministas sobre o conhecimento situado. A perspectiva do conhecimento situado emerge nos estudos feministas, quando estes demonstram que a ciência nunca foi neutra e sua pretensão de neutralidade serviu para (re)produzir saberes sexistas, homofóbicos e racistas. Conforme Löwy (2000), a ciência não pode ser separada de seu contexto cultural e social de produção, bem como, dos debates políticos na qual está inserida. A autora aproxima as críticas feministas, antirracistas e descoloniais à ciência universal, as quais demonstram que os conceitos de universal (saberes e valores universais), de racionalidade e de objetividade serviram para impor o ponto de vista dos dominantes (*idem*: 26). A solução para se produzir ciência precedendo de pontos de vista universais (que escondem dominações) seria produzir uma ciência que posiciona seu olhar – “ciência situada” – e dialoga com os diversos olhares, para assim aproximar-se da realidade. Nas palavras da autora:

De maneira mais abrangente, as correntes de pensamento inspiradas por grupos dominados e marginalizados – movimento de mulheres, movimento anti-colonial, movimento negro – contestaram a existência de um ponto de vista único sobre a história e sobre a sociedade, e a validade dos relatos

transmitidos por uma voz única. Tais correntes propuseram substituí-lo por narrativas que reflitam diferentes pontos de vista, que incluam vozes múltiplas e que se construam pela cooperação, contradição e oposição desses pontos de vista e de vozes. Essas correntes juntam-se às idéias desenvolvidas por historiadores e sociólogos das ciências que refutam a imagem da ciência como atividade homogênea realizada por observadores neutros e intercambiáveis que observam a natureza de um ponto de vista de “nenhum lugar” e preferem ver nela o crescimento de práticas disciplinares que se fundam sobre pontos de vista múltiplos. Não é nova a certeza que, longe de prejudicar a produção de conhecimentos científicos, a multiplicidade de pontos de vista pode melhorar sua qualidade (Löwy, 2000: 31-32).

Löwy (2000) acrescenta, ainda, que a produção de conhecimento a partir da multiplicidade proposta pelo conhecimento situado se apresenta como alternativa tanto ao totalitarismo universalizante como ao relativismo. Enquanto o relativismo extremo argumenta que a construção do conhecimento não é possível, a perspectiva do conhecimento situado propõe que esta é possível através do diálogo entre múltiplos pontos de vista. Desta forma, a autora acredita que o conhecimento situado não abandona totalmente a perspectiva da universalidade do conhecimento, no entanto, redefine-a. Segundo Löwy (*idem*: 38): “Uma ‘ciência situada’ pode abrir caminho para outra definição de objetividade e de universalidade – definição que inclui a paixão, a crítica, a contestação, a solidariedade e a responsabilidade”.

As discussões atuais em torno da produção de etnografias também são fundamentais para refletir sobre um conhecimento situado. Eduardo Viveiros de Castro e Márcio Goldman, dois importantes cientistas sociais brasileiros, têm questionado as antigas dicotomias: observador *versus* observado, sujeito que conhece *versus* objeto do conhecimento. Os autores destacam que a experiência do pesquisador como sujeito auxilia o processo de construção do conhecimento sobre outros sujeitos e a proximidade, inclusive afetiva, é importante para esse conhecimento. A relação de conhecimento deve ser sujeito-sujeito e não sujeito-objeto, assim, o pesquisador reconhece sua subjetividade ao mesmo tempo em que respeita seus pesquisados como sujeitos interlocutores do conhecimento. Goldman (2003) destaca que os antropólogos não têm se dedicado a estudar suas próprias sociedades, muito em função da suposta necessidade de distância sujeito-objeto e que isso deve ser superado. Segundo Castro (2002:113):

O ‘antropólogo’ é alguém que discorre sobre o discurso de um ‘nativo’. O nativo não precisa ser especialmente selvagem, ou tradicionalista, tampouco natural do lugar onde o antropólogo o encontra; o antropólogo não carece ser excessivamente civilizado, ou modernista, sequer estrangeiro ao povo sobre o qual discorre. Os discursos, o do antropólogo e sobretudo o do nativo, não são forçosamente textos: são quaisquer práticas de sentido. O essencial é que o discurso do antropólogo (o ‘observador’) estabeleça uma certa relação com o discurso do nativo (o ‘observado’). Essa relação é uma relação de sentido,

ou, como se diz quando o primeiro discurso pretende à Ciência, uma relação de conhecimento. Mas o conhecimento antropológico é imediatamente uma relação social, pois é o efeito das relações que constituem reciprocamente o sujeito que conhece e o sujeito que ele conhece.

A partir do livro organizado por Bonetti e Fleischer (2007), dedicado a narrar e refletir sobre experiências etnográficas, não só na Antropologia, mas também na Sociologia, é possível perceber que nas etnografias ocorrem duas formas de conhecimento: uma proveniente da observação e descrição e outra proveniente das relações e reflexões em campo. As autoras destacam que não só a antropologia faz uso da etnografia, mas também outras áreas do conhecimento, por vezes com apropriações diversas.

Nesta Tese, a etnografia não será utilizada como metodologia principal, como ocorre em pesquisas antropológicas. A observação participante será combinada com entrevistas, análise documental e análise de imagens, conforme definido anteriormente nas estratégias metodológicas, dentro da metodologia definida em torno do tripé saber-poder-subjetivação (com seus múltiplos recortes empíricos). No que tange a observação participante, esta não será utilizada para descrever minuciosamente contextos, como em sua forma mais tradicional da Antropologia; mas sim, será instrumentalizada pelo olhar sociológico, para descrever alguns contextos, auxiliar a mapear discursos e produzir reflexões. A etnografia será utilizada, também, nas suas variáveis: auto-etnografia, participação observante e netetnografia.

Referente à auto-etnografia, destaca-se que o fato da investigadora tratar-se de uma mulher brasileira imigrante em Portugal, investigando imaginários sobre mulheres brasileiras em Portugal, faz com que, de alguma forma, a investigadora esteja em uma auto-etnografia, assim como apontou Fernandes (2008). Analisando o contexto colonial, Pratt (1999: 33) descreve a auto-etnografia como a escrita de sujeitos colonizados sobre si mesmos e sobre sua visão acerca da relação colonial, em resposta ou em diálogo com as representações metropolitanas. Tendo em vista que a etnografia foi, historicamente, a escrita sobre o outro para explicar uma dada realidade; a auto-etnografia é a escrita sobre si para explicar uma dada realidade. Ambas são narrativas possíveis na perspectiva da dissolução da oposição entre sujeito e objeto do conhecimento. Algumas situações que ocorreram com a autora, enquanto mulher brasileira imigrante em Portugal, serão incorporadas (no quarto capítulo) a partir do diário de campo auto-etnográfico, produzindo reflexões enquanto sujeito e objeto do conhecimento. O diário de campo foi construído como instrumento de reflexão, não propriamente como fonte de descrição densa da sociedade portuguesa em relação às brasileiras. Desta forma, foram registrados no diário de campo, momentos de inquietação e

reflexão provocados por situações de sofrimento ou desconforto enquanto mulher brasileira imigrante.

Com relação à participação observante esta ocorre quando o objetivo primeiro do envolvimento em determinado contexto é a participação enquanto sujeito e, posteriormente, a observação enquanto investigadora. Isto ocorreu no caso do Manifesto contra o preconceito às brasileiras em Portugal. No que tange a netetnografia (Rocha e Montardo, 2005), ou etnografia virtual, esta consiste em observações nas redes sociais e blogs, as quais foram importantes para: evidenciar preconceitos contra as brasileiras; aproximação ao universo das bailarinas de ritmos brasileiros; e, para a participação observante nos movimentos sociais (todos analisados no capítulo 4).

Ressalta-se que as entrevistas a mulheres brasileiras serão analisadas (no quarto capítulo) a partir desta discussão em torno da relativização da relação entre sujeito e objeto do conhecimento. Desta forma, suas narrativas não serão julgadas, nem contrapostas com suas práticas e, sim, levadas a sério como possibilidades de enunciação. Assim como destaca Anjos (2008: 78) ao analisar a filosofia política da religiosidade afro-brasileira: “trata-se aqui de não fazer uma exposição desde fora, do lugar de um sujeito do conhecimento que apresentaria um pensamento nativo, enquanto objeto”. Mas fazer parte do discurso nativo e fazê-lo emergir no espaço acadêmico. Trata-se de levar a sério o que dizem os nativos e fazê-lo ressoar. Portanto, trata-se de demonstrar a multiplicidade de mulheres brasileiras e suas formas de tornarem-se mulheres brasileiras em Portugal, sem julgamentos morais, nem avaliações carregadas de etnocentrismo. Trata-se, simplesmente, de evidenciar as diferentes formas de resistir/reexistir ao discurso hegemônico.

1.2 Para analisar o Sistema de Diferenciações em Portugal: Raça, Gênero, Sexualidade e Luso-Tropicalismo

Conforme demonstrado anteriormente, na perspectiva foucaultiana, o sistema de diferenciações é uma dimensão social através da qual é possível analisar as relações de poder de determinada sociedade (Foucault, 2010a: 291-292). Também se demonstrou que, segundo Foucault (1996, 1993), a sexualidade é o principal dispositivo do poder disciplinar e a raça é o principal dispositivo do biopoder. Para o autor, raça e sexualidade são construções discursivas relacionadas com formas específicas de relações de poder que marcam de forma determinante

a cultura ocidental moderna e contemporânea. No entanto, o autor não desenvolveu uma perspectiva interseccionada entre estas relações de saber-poder: raça-gênero-sexualidade.

A partir desta orientação, neste subcapítulo, discorrer-se-á sobre os conceitos de raça, gênero e sexualidade, relacionando a orientação foucaultiana com as perspectivas descolonial, feminista e em torno da interseccionalidade entre gênero e raça. Primeiramente, apresentam-se as discussões mais gerais em torno do conceito de raça, gênero e sexualidade segundo estas perspectivas. Em seguida, serão apresentados exemplos históricos que ilustrem o conceito de “corpo colonial”, o qual sintetiza o processo de racialização e sexualização das mulheres das antigas colônias. Posteriormente, analisar-se-á o caso específico de Portugal e as construções de raça, gênero e sexualidade; ou seja, o lusotropicalismo.

1.2.1 Raça, Gênero e Sexualidade em uma perspectiva Descolonial, Feminista e Interseccionada

No livro *Descolonizando o Feminismo* (Navaz, Hernandez, 2011) – tanto em suas reflexões epistemológicas e teóricas como nos diversos exemplos de investigações empíricas e de lutas feministas desenvolvidas no Sul – emerge com clareza a necessidade e a possibilidade de uma teoria feminista descolonial, a partir das margens. As autoras criticam as heranças coloniais, afirmando a necessidade de articular gênero e raça nas análises feministas. A seguir abordar-se-á a teoria feminista (o conceito de gênero e de sexualidade), a teoria pós e descolonial (os conceitos de raça e etnia) e a teoria sobre a interseccionalidade entre elas.

Desde Simone de Beauvoir (2009) a identidade feminina tem sido problematizada, sendo demonstrada como uma construção social e não um dado biológico. A teoria feminista, através da categoria gênero, questionou a naturalização dos papéis sociais de homens e mulheres e demonstrou que estes são construções sociais que resultam em desigualdades entre homens e mulheres. Conforme Scott (1992), a categoria gênero, utilizada de forma analítica (e não descritiva como sinônimo de mulher) permite analisar a construção histórica, para além da mulher e do homem biológicos, que envolve a sexualidade, o corpo, e todas as condições sociais que esta diferenciação sexual, construída historicamente, implica. A abordagem de gênero aponta que todas as relações sociais e todos os âmbitos da vida são permeados pelas relações de gênero, que definem o que é “ser homem” e o que é “ser mulher”, definem papéis para homens e mulheres, os quais não são naturais, mas se estabelecem em relações de poder e dominação sobre as mulheres.

Butler (2008) parte de uma perspectiva foucaultiana sobre a sexualidade como uma

construção e avança na perspectiva *queer*, ao demonstrar que a sexualidade ocidental é construída a partir da norma heterossexual. A heterossexualidade compulsória “faz viver”, produz, homens e mulheres; ao mesmo tempo em que “deixa morrer” os homossexuais, transexuais e outras múltiplas formas de sexualidade. Nessa análise da matriz heterossexual, Butler demonstra que a sexualidade construída a partir do binário homem/mulher produz e naturaliza a existência de dois corpos, o masculino e o feminino. Butler (2008) questiona a abordagem sexo/gênero, na qual sexo é natural/biológico, e gênero é construído, demonstrando que essa suposta diferença biológica entre homens e mulheres também faz parte de uma construção discursiva do dispositivo da heterossexualidade. A autora demonstra que o corpo não é anterior ao discurso sobre o corpo; o corpo é uma construção cultural, permeada de relações de poder, limitada pelos marcadores sexuais (também construídos) como corpo feminino e masculino. Conforme Rodrigues (2005: 179) “Butler se inseriu como uma das pensadoras que, de alguma forma, radicalizou aquilo que a teoria feminista já problematizava”.

Através do conceito de performance, Butler (2008) destaca que “ser mulher” e “ser homem”, são performances culturais. A construção de sexo, sexualidade, corpo e gênero se dá discursivamente e performaticamente. Cabe destacar as próprias palavras de Butler:

Atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. (...) O deslocamento da origem política e discursiva da identidade de gênero para um “núcleo” psicológico impede a análise da constituição política do sujeito marcado pelo gênero e as noções fabricadas sobre a interioridade inefável de seu sexo ou sua verdadeira identidade (Butler, 2008: 194-195).

As relações saber-poder produzem, a sexualidade (hetero), o sexo (a existência de homem e mulher), o corpo (a existência do corpo feminino e masculino), o gênero (os papéis sociais de homem e mulher). Essas construções sobre o corpo são permeadas pelo biopoder - relações de poder exercidas através da gestão da vida, especialmente através da produção de sexualidade - e pelo poder patriarcal. O patriarcado moderno ocidental se constrói a partir da produção de dois sexos (homem e mulher) que correspondem a construções de sexualidades e papéis sociais. Pateman (1993) demonstra que ao estabelecerem o Contrato Social do Estado Moderno, os saberes estabeleceram um Contrato Sexual, no qual mulheres foram construídas como pertencentes ao espaço privado e homens ao espaço público, a prostituição correspondendo à presença da mulher no espaço público. A autora demonstra a relação mútua entre prostituição, exclusão no mercado de trabalho e subjugação ao casamento, já que “no

patriarcado moderno existe uma variedade de meios pelos quais os homens mantêm os termos do contrato sexual” (Pateman, 1993: 279). Assim são construídas duas sexualidades para as mulheres relacionadas com duas performances de gênero: mulheres virgens ou mães, mulheres prostitutas.

Nesta produção de duas sexualidades através de duas performances do “ser mulher”, emerge como dispositivo central o saber sobre raça e o poder colonial. Conforme analisado anteriormente Foucault (1996) demonstra como, no século XIX, a racialização foi o dispositivo do biopoder. Cunha (2002) aproxima as análises de Foucault (sobre o biopoder) e as de Fanon (sobre raça, subjetivação e poder colonial), demonstrando que um dos mecanismos do biopoder (da racialização do negro e de sua inferiorização) é o discurso (construído a partir do período colonial) que constrói uma erotização dos negros. Segundo Fanon (1983: 153- 154) o negro foi construído como símbolo do pecado, sendo que: “para a maioria dos brancos, o negro representa o instinto sexual” (*idem*: 145). De forma similar, Said (2007: 383-415) mostra que no discurso ocidental sobre o Oriente, os árabes foram construídos como uma raça marcada por uma sexualidade exacerbada.

Ao relacionar o dispositivo de gênero e sexualidade com o dispositivo de racialização, as teorias feministas descoloniais destacam a intersecção na produção das duas essencializações sobre as mulheres. As mulheres brancas europeias são construídas como Marias/mães/esposas/virgens e as indígenas, negras ou mestiças das ex-colônias são construídas como Evas/pecadoras/prostitutas (Stolke, 2006). Connell (1998) aponta que o colonialismo teve impacto na construção de uma ordem global de gênero, a qual construiu masculinidades diferentes e hierarquizadas entre homens da metrópole e homens das coloniais, reforçou as assimetrias entre homens e mulheres nas colônias e entre metrópoles e colônias, fomentou violências contra as mulheres e criou um imaginário colonial relacionado ao erótico e ao exótico. Bhabha (1983) também destaca o papel dos discursos coloniais na produção de estereótipos.

Através das discussões teóricas e políticas em torno na interseccionalidade entre gênero e outros demarcadores sociais, reconheceu-se que “mulher” não é uma categoria unitária (Brah, 2006). Tornou-se evidente a necessidade de compreender a racialização do gênero e emergiu o feminismo negro, terceiro-mundista, descolonial, latino-americano entre outros (González, 1988; Nascimento, 2003; Hooks, *et al.* 2004). A intersecção não é a simples sobreposição de diferentes subordinações, é uma discriminação interativa, uma discriminação específica (Crenshaw, 2002).

Piscitelli (2008) destaca a importância de refletir sobre as interseccionalidades para compreender as experiências de migrantes brasileiras. A forma como se manifestam as diferentes intersecções dependem dos diferentes contextos. Em geral, as abordagens sobre mulheres negras, mulheres indígenas e mulheres imigrantes das ex-colônias enfocam a intersecção entre raça, gênero, sexualidade e classe. No entanto, na perspectiva do conceito de “corpo colonial” percebe-se que os principais demarcadores interseccionados foram (e são) a raça, o gênero e a sexualidade, que se inscrevem no corpo. Gregório-Gil (2009) demonstra que as representações sociais sobre as “mulheres imigrantes” são carregadas de essencializações com raízes coloniais. A autora aponta que estas representações constroem diferenças que têm o corpo das mulheres imigrantes como receptáculo (*idem*). No período colonial, como analisado por McClintock (2010), a classe era também indissociável, pois havia uma exploração do corpo para o trabalho escravo. Na estrutura global capitalista manteve-se as intersecções entre classe, raça e gênero. No entanto, ao transpor o conceito de “corpo colonial” para explicar realidades específicas talvez a classe torne-se um agregador (uma categoria de articulação) mais do que uma intersecção. Entretanto, como destaca Piscitelli (2008: 269): “nesse debate as visões sobre diferença, poder e agência presentes nas diversas abordagens são mais importantes do que os termos que designam esses conceitos (interseccionalidade ou categorias de articulação)”.

A hipótese com a qual trabalha esta Tese é que o imaginário de <Mulher Brasileira> é construído como uma ordem discursiva imbricada em relações de poder raciais e de gênero. No imaginário <Mulher Brasileira> raça, gênero e sexualidade estão interseccionados e afetam a experiência de mulheres brasileiras imigrantes de todas as classes e inserções sociais. Este imaginário, sobretudo, sexualiza e racializa. As desigualdades de classe, bem como, a condição de imigrante (as questões legais) somam-se às dificuldades enfrentadas pelas brasileiras. No entanto, o imaginário <Mulher Brasileira> é uma construção discursiva de raça, gênero e sexualidade. O que significa que – embora as mulheres brasileiras pobres e/ou indocumentadas sejam mais vulneráveis; embora sofram com a segregação sexual e racial do mercado de trabalho; e, embora haja um nicho de mercado relacionado com o estereótipo <Mulher Brasileira> – a característica central do imaginário está associada a gênero, raça e sexualidade, tratando-se da construção destas mulheres como “corpos coloniais” disponíveis sexualmente (o que afeta todas as mulheres brasileiras independente da classe e escolarização). Os elementos constitutivos desta ordem discursiva não se referem a uma hierarquia de classe, muito embora, condicione, por vezes, mulheres brasileiras para posições específicas (inferiores) no mercado de trabalho. Ou seja, a hipótese é que em sua constituição

discursiva o imaginário <Mulher Brasileira> seja uma intersecção entre gênero, sexualidade e raça; onde classe opera como fator aglutinador (ou categoria de articulação).

O exemplo do feminismo negro brasileiro é ilustrativo, na medida em que uma das temáticas centrais de sua militância está vinculada “à dupla opressão de gênero e raça, expressa na imagem hipererotizada da mulher negra” (López, 2009: 229). As militantes criticam e buscam desconstruir o estereótipo <Mulata>, através do qual as mulheres negras são construídas como responsáveis pela sedução de homens brancos e, assim, pela fundação da nação mestiça. A denúncia do feminismo negro brasileiro refere-se a ideologia da mestiçagem, a qual está vinculada a construção discursiva da hipersexualidade das mulheres negras e oculta a opressão e a violência sexual que sofreram as mulheres negras escravizadas e que se reproduz atualmente. Está discussão relaciona-se com a problemática em torno do luso-tropicalismo, a ser abordada a seguir.

O feminismo latino-americano amplia a análise da racialização do gênero ao demonstrar a intrínseca relação entre colonialismo e gênero e suas manutenções atuais. Lugones (2008) aponta que o patriarcado moderno é fundamentalmente marcado pela colonialidade de gênero, a qual é inseparável da colonialidade de poder (Quijano, 2005).

A colonialidade do poder é um conceito forjado pela perspectiva descolonial, a qual entende que a Modernidade é profundamente marcada pelo processo de colonização e, assim, a sociedade atual não pode ser compreendida distante de uma análise crítica desse processo histórico e de suas consequências contemporâneas. Uma das principais marcas do sistema colonial consistiria na introdução e na disseminação da categoria mental “raça”, a qual permanece atualmente. Segundo essa perspectiva, o racismo colonial dividiu a população em raças, articulando para isso supostas características físicas, culturais e comportamentais, para inferiorizar, essencializar e estigmatizar grupos humanos não europeus. Dividiu, também, o mundo entre colônias e metrópoles, sendo as metrópoles identificadas com o “civilizado”, enquanto as colônias foram categorizadas como “bárbaras”. Segundo essa perspectiva, a divisão em raças continuaria operando na atualidade; o que se alteraria seriam os tipos de práticas de discriminação e os grupos alvo da mesma, conforme o contexto. Esta permanência social da categoria raça é entendida como *colonialidade*, ou seja, uma reconstrução do saber-poder colonial. Torna-se necessário analisar como se (des)(re)constrói este saber-poder racializante – o qual essencializa grupos humanos segundo supostos critérios físicos, comportamentais e culturais – e os contextos nos quais isto acontece.

Lugones (2008) acrescenta a esta discussão a afirmação de que a colonialidade do poder, que marca a Modernidade, é também uma colonialidade do gênero, que marca o

patriarcado moderno. Desta forma, o patriarcado não pode ser compreendido sem a análise do colonialismo. No mesmo sentido McClintock (2010) afirma que a relação crucial entre gênero, sexualidade e imperialismo tem sido desconhecida e desprezada. Lugones (2008) destaca a violência sexual e estigmatização da sexualidade das mulheres não brancas, durante o colonialismo (mulheres negras e indígenas escravizadas, entre os séculos XVI- XIX); bem como, a manutenção da violência racista e sexista contra mulheres não brancas, devido à colonialidade do gênero.

As discussões feministas descoloniais recuperam Fanon e sua analítica sobre o corpo colonial. O “corpo colonial” é um corpo construído como alvo da opressão dos colonizadores, em uma intersecção de raça, gênero, sexualidade e classe (exploração do trabalho). O “corpo colonial” é, sobretudo, um corpo visto como disponível. Oto (2006) destaca que o conceito fanoniano de “corpo colonial” explicita que a opressão se dá através do próprio corpo, o que implica também na resistência dos sujeitos que reinventam a si mesmos. No mesmo sentido, McClintock (2010) aborda o “couro imperial”, ao relacionar, de forma intrínseca, gênero, raça, sexualidade, classe e poder imperial, no contexto do império britânico; ao mesmo tempo em que ressalta as múltiplas formas de resistência (seja a dissimulação, negociação, revolta, recusa, cumplicidade). McClintock (2010: 17) destaca que existe: “uma ordem subjacente à modernidade industrial: a conquista da força sexual e de trabalho das mulheres colonizadas”.

Sobre opressão e resistência, são também importantes as reflexões de Gilroy (2001). Através do conceito de “dupla consciência”, o autor analisa como os negros estão imersos em um sistema de valores – a modernidade – que se construiu a partir do racismo e do colonialismo, lutando por direitos referentes a esta modernidade (direitos civis); ao mesmo tempo em que criam práticas culturais de resistência, invocando tradições. Nesse processo, os negros constituem-se como “ser em estado de dor” (*idem*: 379), por sempre marcados por essa condição imanente de ter que lidar com o preconceito e a discriminação e sobreviver através de resistências culturais.

Entende-se que estes enfoques podem ser ampliados para a análise das migrantes que vivem em suas ex-metrópoles atualmente. Isto porque, conforme Brah (2006), as articulações entre gênero e raça são sempre contextuais e históricas. Neste sentido propõe-se a utilização do conceito de “corpo colonial” para a análise do imaginário de <Mulher Brasileira> em Portugal; bem como, do conceito de “ser em estado de dor” associado à análise das resistências/subjetivações/reexistências múltiplas a esta ordem discursiva.

A abordagem aqui proposta relaciona-se, também, com as reflexões de Bhabha (1998), o qual aborda as subjetividades como resistências, na medida em que as identidades e as

subjetividades são produções localizadas e contextualizadas nos discursos e nas relações de poder. As subjetividades são estratégias formadas nos “entre-lugares” do saber-poder. Para Bhabha (2007), as identidades não são simples escolhas em um mercado global. Conforme o autor, os estudos pós-coloniais devem abordar a dimensão biográfica (enfocar as subjetividades e identidades), mas o devem fazer relacionando biografia (sujeitos), política (relações de poder, negociações) e passado (história, contexto).

Acerca dos conceitos de pós-colonial e descolonial cabe acrescentar que o termo descolonial emerge na América Latina no momento em que o termo pós-colonial perdeu seu caráter fundamentalmente crítico ao colonialismo e passou a ser utilizado como identificador cronológico. No entanto, autores fundamentais da perspectiva pós-colonial crítica são os mesmos que a teoria descolonial se utiliza (como Franz Fanon e Edward Said). O objetivo do termo *descolonial* é o de manter clara a perspectiva crítica ao colonialismo e suas consequências atuais, o que o termo pós-colonial acabou por não conseguir alcançar, tendo em vista sua apropriação como recorte cronológico. McClintock (2010: 32) também critica o termo pós-colonial, tendo em vista que “a ruptura cronológica sugerida pela prefixo “pós” desfigura tanto as continuidades quanto as descontinuidades do poder que deram forma aos legados dos impérios coloniais europeus e britânicos”. Da mesma forma que os aderentes da perspectiva descolonial, a autora destaca que sua crítica não se refere à substância teórica da teoria pós-colonial crítica, pois compartilha autores e ideias; mas sim ao termo “pós-colonial”.

No sentido oposto cabe destacar a argumentação de Hall (2006: 95-120) sobre a questão “*quando foi o pós-colonial?*”, na qual o autor defende que o prefixo pós na teoria pós-colonial não é apenas utilizado para representar um período posterior ao colonialismo, mas para significar um “ir além” do colonialismo, superá-lo epistemológica e socialmente. Conforme Hall (*idem*: 111) a perspectiva pós-colonial situa-se em um campo de forças do saber-poder, pretendendo demonstrar que o colonialismo não foi apenas um sistema econômico e político de exploração, mas também, que criou um sistema de representações as quais perduram até hoje. Da forma como é descrita por Stuart Hall, a perspectiva pós-colonial aponta no mesmo sentido da perspectiva descolonial. Neste sentido, concorda-se que o prefixo pós tem sido utilizado no sentido crítico pela teoria pós-colonial. No entanto, é evidente que o termo pós-colonial tem sido utilizado também de maneira acrítica (apenas como recorte cronológico) por outras perspectivas. Neste sentido, optou-se, nesta Tese, por utilizar o termo descolonial por ser mais explicitamente crítico.

Nesta perspectiva descolonial e interseccionada, raça, gênero e sexualidade são entendidos como construções histórico-sociais, discursivas e performativas, que existem

como acontecimento e por isso não podem ser negligenciadas; principalmente ao se tratar das imigrantes brasileiras em Portugal. Destaca-se que o conceito de raça é utilizado relacionado ao conceito histórico de racismo (Fanon, 1983; Balibar e Wallerstein, 1988; Munanga, 2003) e a perspectiva epistemológica descolonial (Quijano, 2005; Mignolo e Grosfogel, 2008). Entende-se que o conceito de raça torna-se pertinente, no sentido destacado por Guimarães (2003, 2005), como construções que operam na realidade social e por isso precisam ser analisadas como objeto e conceito sociológico.

Certamente, quando se aborda aqui o conceito de raça, não o é no seu sentido biológico, o qual foi forjado pelo racismo científico no final do século XVIII. No entanto, “questionar a noção de que a raça é uma essência fixa e transcendente, imutável através dos tempos, não significa que «toda a conversa sobre raça deve cessar», nem que as invenções barrocas da diferenciação racial não tenham tido efeitos tangíveis ou terríveis. Ao contrário, é precisamente a invenção de hierarquias históricas que torna mais urgente a atenção ao poder e à violências sociais” (McClintock, 2010: 26).

O conceito de etnia também não parece contribuir para a compreensão do objeto de estudo, isto porque tal conceito parece naturalizar processos históricos e ao impor a etnia como um a priori, como se sempre tivesse havido etnias. A análise do racismo deve ser uma análise histórica e não supor que é uma “constante antropológica” (Wieviorka, 2002: 19). O autor aponta que, com as críticas e a superação do racismo científico (principalmente após o Nazismo), alguns autores insistiram na utilização do conceito de raça para entender as culturas humanas e outros substituíram pelo conceito de etnia, mas mantendo os mesmos pressupostos: a existência natural de diferenças.

Na crítica a esta perspectiva de uma existência natural de diferenças culturais surge uma nova construção acerca da noção de raça e racismo, a qual se centra na análise de um “novo racismo” – o “racismo cultural” – o qual estaria sendo fomentado pelo conceito de etnia. O novo racismo consiste na “passagem da inferioridade biológica para a diferença cultural na legitimação do discurso racista. Doravante, a argumentação racista já não assenta na hierarquia, mas na “diferença”, já não nos atributos naturais imputados a um grupo “racializado”, mas na sua cultura, na sua língua, na sua religião, nas suas tradições, nos seus costumes” (Wieviorka, 2002: 36). Se o conceito de raça biológico construiu o racismo biológico e conceito de etnia poderia contribuir para construir um racismo cultural.

A partir desta discussão é possível perceber que muitas investigações, partindo do pressuposto de que relações sociais podem ser analisadas por diferenças étnicas, mantém uma perspectiva essencializante e naturalizada das diferenças. Conforme Munanga (2003) e

Balibar (1988), o conceito de etnia pode acabar criando uma essencialização. A defesa das etnias acaba por criar um racismo diferencialista, ao essencializar as pessoas como pertencentes a grupos culturais que devem ser preservados. Para Balibar (1988: 38-39):

(...) el naturalismo biológico o genético no es el único modo de naturalización de los comportamientos humanos y de las pertenencias sociales. A costa del abandono del modelo jerárquico (más aparente que real, como veremos más adelante), *la cultura puede funcionar también como una naturaleza*, especialmente como una forma de encerrar *a priori* a los individuos y a los grupos en una genealogía, una determinación de origen inmutable e intangible (...) pasamos a una teoría de las "relaciones étnicas" (o de *race relations*) en la sociedad, *que naturaliza, no la pertenencia racial, sino el comportamiento racista*.

Segundo Wieviorka (2002), ao analisar o novo racismo (racismo cultural) correr-se-ia o risco de esvaziar a análise do racismo baseado no biológico/fenotípico, o qual continua existindo. Neste ponto, torna-se fundamental destacar teóricos pós e descoloniais, os quais enfatizam que não há diferença entre racismo cultural e biológico, sendo preciso analisar ambos de forma conjunta, como parte de um mesmo fenômeno. Nas perspectivas pós e descoloniais não há, portanto, o risco de esvaziar a crítica ao racismo biológico por abordarem-se as essencializações culturais do discurso racista.

Fanon (1983) demonstra que o racismo biológico sempre foi também racismo cultural. Em perspectiva semelhante, Said (2007) precursor dos estudos culturais pós-coloniais, demonstra como as diferenças culturais e fenotípicas sempre estiveram relacionadas na construção do discurso racista. O racismo contra os negros nos períodos coloniais, já articulava o racismo científico biológico, com a literatura e com outros discursos que construía um racismo cultural. O negro era inferiorizado por sua cor da pele e traços fenotípicos que estavam sempre relacionados com comportamentos sexuais, práticas culturais, religião, língua. A construção racista da oposição hierarquizada da civilização *versus* barbárie, foi construída juntamente com a oposição hierarquizada branco *versus* negro, mestiço e oriental.

No mesmo sentido Balibar (1988) afirma que as análises sobre o novo racismo baseiam-se em críticas teóricas internas e, assim, as análises sobre o “novo racismo” buscam explicar o que não foi explicado pelas análises tradicionais sobre o racismo. Ou seja, as novas análises explicam o racismo cultural e não o biológico. No entanto, o autor destaca que da perspectiva das vítimas o racismo é o mesmo; apenas não havia sido explicitado e compreendido como um todo, tendo sido compreendido primeiramente apenas no seu aspecto

biológico. Para Balibar (1988: 32) o racismo é um fenômeno social total, o qual se insere em práticas, discursos, representações e sentimentos.

De forma semelhante Hall (2006: 65-69) demonstra que a oposição binária entre raça e etnia é simplista. Esta oposição define raça como um demarcador biológico e etnia como um demarcador cultural; quando, na realidade social do racismo, o referente biológico nunca está isolado dos referentes comportamentais e culturais, bem como, está sempre presente nos discursos étnicos. Segundo Hall (*idem*: 67): “os estigmatizados por razões étnicas, por serem “culturalmente diferentes” e, portanto, inferiores, são também caracterizados em termos físicos (embora talvez não tão visivelmente como os negros) e sustentados por estereótipos sexuais”. Neste sentido, não basta abordar a realidade social a partir do conceito etnia, tampouco dividir a análise entre racismo cultural e racismo biológico. É preciso entender que “raça é uma construção política e social. É a categoria discursiva em torno da qual se organiza um sistema de poder” (*idem*: 66).

Em uma análise foucaultiana sobre o racismo como construção discursiva, é possível perceber que a “ordem discursiva” do racismo, sempre abarcou traços fenotípicos e práticas culturais na inferiorização de grupos sociais. Ao mesmo tempo em que cientistas das ciências naturais criavam e consolidavam o conceito de raça biológico, também intelectuais, artistas e literatos criavam conceito de raça a partir de características culturais. Nessa mesma perspectiva, é possível destacar que o pós-nazismo fez emergir uma crítica ao racismo biológico. O discurso sobre o racismo como uma inferiorização baseada no biológico se tornou hegemônico, ao mesmo tempo em que se propagou o racismo cultural, muitas vezes através do conceito de etnia. Ou seja, o racismo foi dividido discursivamente para continuar operando. Na perspectiva descolonial demonstra-se que a essencialização e inferiorização biológica e cultural, são duas faces do mesmo racismo, e uma continuidade que só pode ser compreendida na construção histórica do racismo e não como um novo racismo. Torna-se necessário analisar o racismo como uma continuidade entre biológico e cultural, imbricada em uma ordem de poder.

Uma perspectiva importante sobre o racismo no contexto português é apresentada por Marques (2004, 2007) a partir dos conceitos de racismo desigualitário e diferencialista. O autor demonstra a presença de representações e atitudes racistas em Portugal, em contraponto ao mito do “não racismo” português (o ideário lusotropical que será abordado a seguir). O racismo desigualitário seria aquele contra as comunidades imigrantes, especialmente de origem africana; caracterizar-se-ia por apelar aos argumentos biologizantes, por ser discriminatório, por destinar a um grupo um espaço específico e inferior na sociedade,

relacionar-se com o passado colonial e com a exploração. O racismo diferencialista teria uma lógica diferente, seria aquele contra as comunidades ciganas; estaria caracterizado por provocar rejeição, exclusão, segregação e repulsa a um grupo, e por apelar aos argumentos culturais, percebidos como imutáveis e de forma essencialista. Percebe-se que há uma aproximação entre os conceitos de racismo biológico/desigualitário e cultural/diferencialista. Neste sentido destaca-se a importância de empreender uma análise a partir da perspectiva descolonial do racismo como fenômeno total (que relaciona o biológico, o cultural e comportamental) no contexto português, tendo em vista certo ineditismo no uso desta perspectiva neste contexto.

Machado (2000) propõe que são necessárias investigações empíricas para a compreensão sociológica do racismo, tendo em vista a inflação conceitual e política em torno do tema. O autor destaca que o racismo deve ser investigado enquanto ideologia e enquanto prática social. Brah (2006) destaca que os processos de racialização são historicamente específicos e que diferentes grupos foram e são racializados de diferentes formas e contextos. Nesse sentido, destaca-se que será empreendida uma investigação empírica sobre o processo de racialização das brasileiras em Portugal, na qual a perspectiva metodológica foucaultiana encontra um paralelo na perspectiva apontada por Machado (2000). Será empreendida uma análise de discursos sociais sobre as brasileiras (o racismo enquanto ideologia) e uma análise das experiências dessas imigrantes em Portugal (buscando perceber as práticas sociais do racismo). Entende-se a racialização como construção social e histórica, discursiva e performática, nas quais grupos humanos são classificados, inferiorizados, essencializados, estigmatizados e naturalizados a partir de supostas características físicas, culturais e comportamentais comuns, como se compusessem uma “raça”.

1.2.2 A construção histórica do “corpo colonial”

Conforme discutido anteriormente, o conceito de “corpo colonial” tem origem na analítica de Franz Fanon sobre o poder colonial como um exercício de saber-poder sobre o corpo, que construiu discursos sobre o “corpo negro” como sexualmente aberrante e disponível. Esta analítica foi aprimorada por autoras feministas, desconstrutivistas e descoloniais que demonstraram como as mulheres negras, indígenas e imigrantes foram (e ainda são) afetadas pela construção do “corpo colonial”, em intersecções entre o racismo e o sexismo (López, 2009; Lugones, 2008, Gregório-Gil, 2009). Neste subcapítulo, apresentar-se-á alguns exemplos históricos que ilustram a construção do “corpo colonial”, a fim de embasar

o conceito, o qual acredita-se que pode ser útil para compreender o imaginário <Mulher Brasileira> em Portugal. Serão utilizadas investigações históricas que mapeiam discursos coloniais. Destaca-se que o subcapítulo não segue uma narrativa linear: primeiramente apresenta-se um exemplo da construção do “corpo colonial” pelo Império Britânico; em seguida exemplos da construção do “corpo colonial” pelo Império Colonial Português em África; e, por fim, segue-se uma trajetória mais cronológica sobre os discursos acerca do Brasil em Portugal, do período colonial até a emergência do lusotropicalismo (1940).

McClintock (2010) utiliza fotografias, registros das exposições imperiais, diários, etnografias, novelas de aventura, poesias, entre outras fontes, para analisar as articulações entre raça, gênero e sexualidade no império britânico, demonstrando como a mulher negra foi construída discursivamente pelo mesmo. Dentre suas análises optou-se por destacar o caso de Saartjie Baartman (1789-1815), uma mulher sul-africana que fora trazida à Europa para ser exibida como atração em espetáculos circenses, sob o nome de “Vênus Hotentote”. Seu corpo fora exibido como símbolo da sexualidade primitiva, a qual estaria presente em seus comportamentos, nas formas de seu corpo e em seus órgãos genitais (McClintock, 2010: 74). Baartman foi exibida na Europa por cinco anos. Depois dela, outras mulheres africanas foram trazidas, não só para espetáculos circenses; mas também, para serem exibidas nuas em bailes da nobreza e da burguesia para um público *voyeur* (*idem, ibidem*).

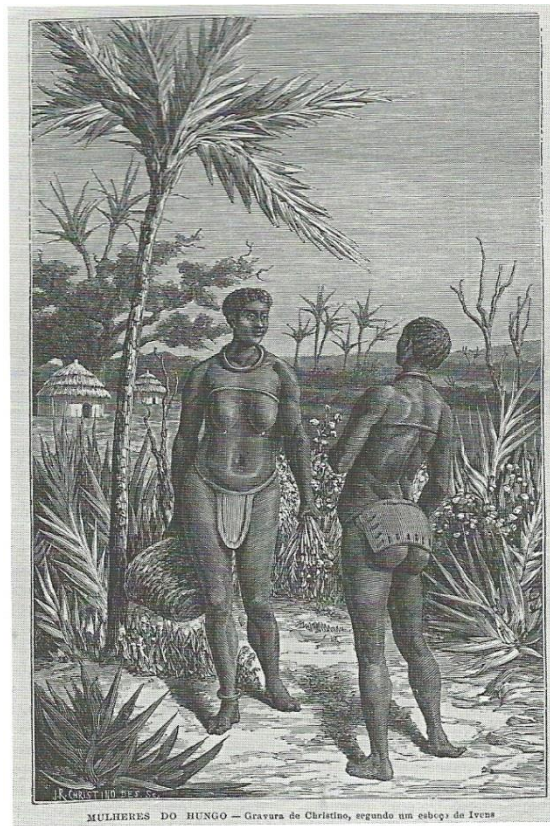
Segundo o *Saartjie Baartman Center for Women & Children*³, Saartjie foi considerada uma aberração sexual, sua imagem marcou a cultura popular britânica e as investigações científicas e médicas sobre seu corpo marcaram o que a ideia europeia sobre a sexualidade das mulheres negras. Os Abolicionistas tentaram libertá-la na justiça, no entanto, não obtiveram sucesso. Após sua morte seu corpo foi investigado e seus órgãos sexuais medidos. O Musée de l'Homme em Paris exibiu seus órgãos genitais em conserva até 1985. Os restos mortais de Saartjie Baartman somente retornaram para a África do Sul após cinco anos de negociação com as autoridades francesas. Em 03 de maio de 2002, “em uma cerimônia comovente, onde participaram muitos representantes do povo Khoikhoi, Saartjie Baartman foi recebida de volta à Cidade do Cabo”. Pode-se concluir que o caso de Saartjie Baartman é bastante explícito da forma como o saber-poder colonial construiu as mulheres negras como sexualmente aberrantes e disponíveis. Explícita, também, que estas construções discursivas não se restringiram ao período colonial e permanecem até hoje, visto que apenas em 1985 seu corpo deixou de estar em exposição e apenas em 2002 foi devolvido.

³ Organização não-governamental sul-africana que luta pelo fim da violência contra mulheres e meninas, cujo nome é uma homenagem a Saartjie Baartman. Disponível em <http://www.saartjiebaartmancentre.org.za/>

A exposição pública erotizada e exotizada do corpo da mulher africana também ocorreu em Portugal. Conforme Sanches (2012: 197): “Portugal não deixa de participar, mesmo neste «império de papel», não só da violência colonial, como nos processos de instrumentalização do saber em nome da missão civilizadora inerente a esse projeto de hegemonia europeia”. Em Sanches (2006) são apresentados diversos exemplos de como Portugal construiu as narrativas de império colonial, a partir da literatura, da antropologia colonial, entre outros, as quais marcam a identidade nacional portuguesa ainda atualmente.

Martins (2012) analisa as imagens do colonialismo português na imprensa periódica, de 1875 até 1940, destacando que a imprensa publicava estas imagens com objetivo de construir uma identidade nacional portuguesa ancorada na missão de “descobrir, colonizar, civilizar” (*idem*: 149-150). Segundo a autora (*idem*: 55) a seminudez das mulheres africanas foi um dos tópicos mais persistentes desta imprensa colonial, a qual: “pretendeu sinalizar uma condição «civilizacional» rudimentar, assim como uma alegada predisposição para a sexualidade desregrada e promíscua que, urgindo ser corrigida e provocando um certo desdenho, não deixava ao mesmo tempo de ser objeto de erotização e fascínio”. Um exemplo:

Figura 1: “Mulheres do Hungo”. Gravura publicada no periódico À Volta ao Mundo, nº 20, 1881.

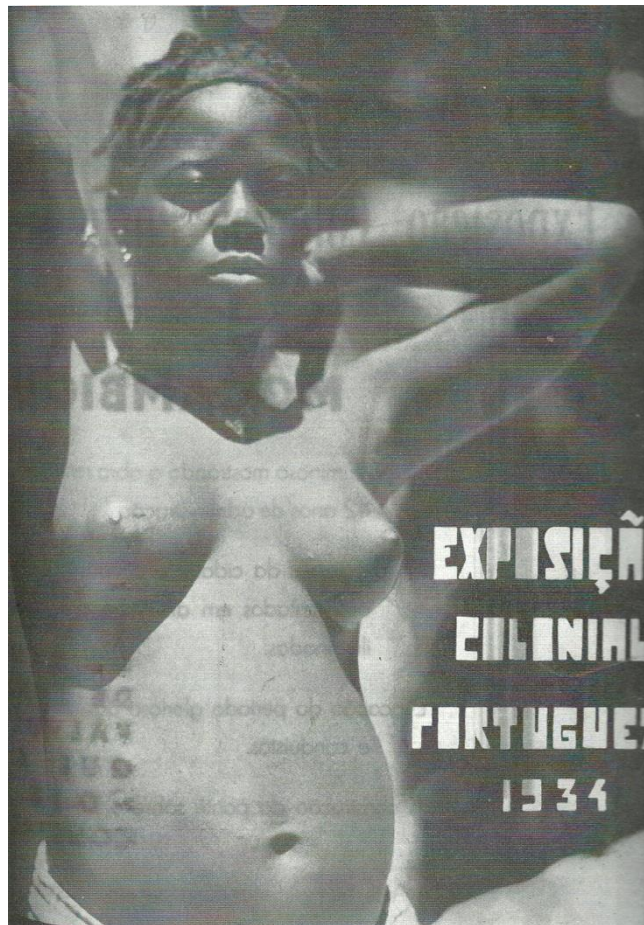


Fonte: Martins (2012: 54, fig. 69).

Outro exemplo é a presença de mulheres africanas seminuas exibidas ao público na Exposição Colonial de 1934. Portugal também teve uma Saartije Baartman. Rosinha fora

trazida da Guiné para ser exposta ao público, representando “os indígenas” das coloniais, sobretudo a condição primitiva e selvagem dos guineenses, os quais Portugal ainda não teria tido tempo de corrigir e civilizar devido ao domínio colonial recente (Martins: 172). A autora relata que visitantes tentaram beijar Rosinha e ficavam observando as guineenses durante a noite. Além da exploração de seu corpo como objeto de exposição, sua imagem foi intensamente reproduzida pela imprensa, sendo, inclusive, capa da revista *Civilização* dedicada a Exposição Colonial, conforme imagem a seguir.

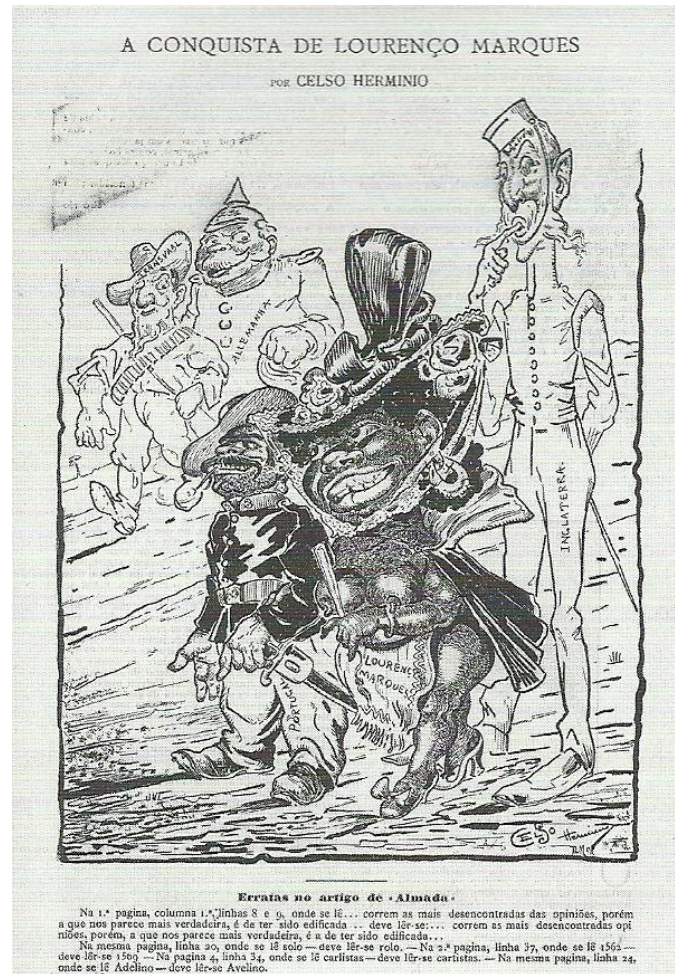
Figura 2: Capa da Revista Civilização, nº 69-70, 1934.



Fonte: Martins (2012: 174, fig. 282).

Um exemplo mais sutil desta construção erotizada e exotizada das mulheres negras pelos discursos coloniais portugueses é um cartum sobre a disputa do território de Lourenço Marques, entre Portugal e Inglaterra. Na gravura, a seguir, o território é representado como uma mulher negra exotizada e erotizada (em sua saia vem escrito Lourenço Marques), a qual está em disputa (o homem a sua esquerda tem escrito em sua calça Inglaterra, e o homem a sua direita tem escrito Portugal). O corpo da mulher negra e o território a ser conquistado fazem parte do mesmo imaginário colonial.

Figura 3: Cartum “A Conquista de Lourenço Marques”. *Jornal Branco e Negro*, nº 57, 1897.

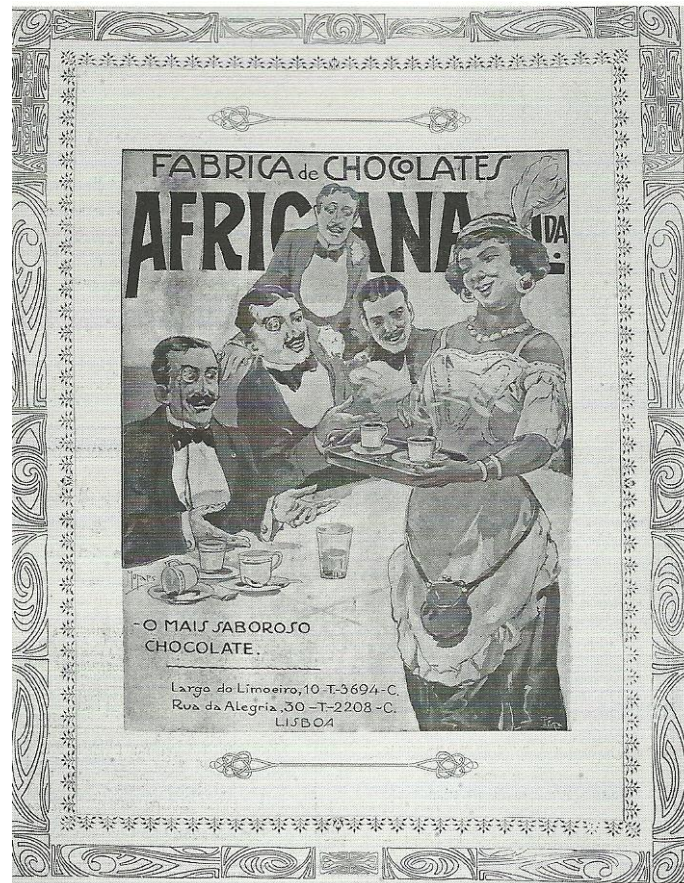


Fonte: Martins (2012: 20, fig.3).

Na narrativa colonial portuguesa a natureza exuberante, pitoresca e intocada da África também aparece como fundamental, como um elemento exótico a ser desfrutado pelos portugueses (Martins, 2012: 94-99). A natureza é primitiva e selvagem, assim como a população. Ambas – natureza e população – devem ser civilizadas; ao mesmo tempo em que devem ser desfrutadas em seu exotismo. A fim de enfatizar o caráter civilizacional, emerge o tema do progresso colonial, com inúmeras imagens de construções empreendidas pelos portugueses em território africano (*idem*: 111). Havia a preocupação de atrair colonos portugueses para ocupar os territórios em África, com objetivo de fazer «novos Brasis», ou seja, territórios lucrativos após a perda do Brasil (*idem*: 123). Neste objetivo de demonstrar o progresso nas colônias para atrair colonos eram divulgadas imagens da elite portuguesa em momentos de prazer burguês. Neste contexto imagético emergem outras imagens de mulheres africanas: mulheres mestiças e «já civilizadas». No entanto, como pode ser percebido na imagem a seguir, e como aponta a autora (*idem*: 132), as mulheres africanas continuam sendo

representadas como exóticas e como aquelas que servem os portugueses. Destaca-se, ainda, que o produto divulgado na imagem trata-se de um chocolate e seu nome é “Africana”. A própria mulher africana é símbolo do produto e sinônimo de “saborosa”.

Figura 4: Publicidade da Fábrica de Chocolates Africana, Diário de Notícias Ilustrado, nº 28, 1919.



Fonte: Martins (2012: 132, fig. 216).

Os discursos específicos sobre o Brasil na narrativa colonial portuguesa inserem-se no mesmo repertório, o qual inclui: a erotização das nativas; a construção das coloniais como lugares exóticos, primitivos e selvagens; o reforço do ideário de missão civilizadora europeia. Conforme Santana (2008), na Carta de Pero Vaz de Caminha inicia-se a construção da brasilidade associada à ideia de paraíso natural e selvagem, ligada a uma descrição do corpo feminino das nativas do Brasil. Durante o período colonial do Brasil, do século XVI ao XVIII, são os relatos dos viajantes os principais construtores de imaginários sobre o Brasil, assim como de outras coloniais europeias; relatos onde o “outro” era narrado a partir da erotização e da exotização.

Conforme Ruivo (2010) “o corpo do outro” foi um dos elementos que mais causou reações nos exploradores. As descrições dos indígenas brasileiros e de seus costumes,

especialmente dos hábitos relacionados ao corpo, foram as principais temáticas nos relatos dos portugueses na segunda metade do século XVI (*idem*: 24). Os indígenas eram descritos como bárbaros e eram avaliados conforme o grau de dificuldade de cooperação com os portugueses (*idem, ibidem*). Segundo a autora, as descrições são etnocêntricas e analisam o outro a partir dos valores europeus. No que tange ao corpo, estes valores baseavam-se na divisão entre corpo e alma, matéria e espírito, puro e impuro – a qual tem origem da filosofia grega e é apropriada pelo cristianismo (*idem*: 25). Conforme analisado anteriormente, a partir das discussões de Foucault (2007b), o cristianismo associa a noção de corpo ao ascetismo. O sexo se torna pecado e a virgindade um valor moral.

Segundo Ruivo (2010), é com este olhar que os europeus constroem suas narrativas sobre os indígenas; principalmente, tendo em vista que muitos dos relatos foram produzidos por jesuítas (Manuel de Nobrega, Fernão Cardim, Francisco Soares), os quais tinha o objetivo de melhor conhecer os indígenas para conseguir convertê-los ao catolicismo e “salvá-los”. A autora destaca que a nudez é referida de forma exaustiva e é interpretada de duas formas: 1) como inocência, pureza; 2) como animalidade e incitação a prática sexual exacerbada. A primeira interpretação desaparece quando se estabelece o processo de colonização (*idem*: 27). A segunda interpretação é mais um exemplo de construção do corpo das nativas como “corpo colonial”, construído como disponível e tornado alvo da exploração, inclusive sexual.

A sexualidade é construída pelo olhar do colonizador como elemento que aproxima os indígenas dos animais e esta desumanização fundamenta a exploração nos discursos dos colonizadores não missionários. Cabe ressaltar um exemplo apresentado pela autora dos relatos de Pêro de Magalhães de Gândavo, cronista e historiador: “Gândavo, já na segunda metade do século XVI, associa a nudez dos índios a uma sensualidade ou luxúria excessivas, o que os aproximaria dos animais. No seu relato, a beleza dos índios é exaltada, mas estes povos surgem, em simultâneo, como «muito desonestos e dados à sensualidade, e assim se entregam aos vícios como se neles não houvera razão de homens»” (*idem*: 27).

Segundo Seixas (2003) a natureza do Brasil foi um dos elementos centrais na literatura de viagem da época dos descobrimentos. A natureza brasileira é relatada inicialmente através das crenças medievais em torno de um Paraíso na Terra, um Jardim de Delícias: o Brasil era o Jardim do Éden, com sua abundância de água, variedade de flora e fauna, novidade, exotismo e beleza. Posteriormente, a natureza foi interpretada também como fonte de recursos (madeira, ouro) que poderiam gerar fortunas aos portugueses.

Torna-se possível perceber – através das descrições de Seixas (2003) combinadas com as análises de Ruivo (2010) – que sendo o Brasil considerado o Jardim do Éden, as mulheres

do Brasil se tornaram as “Evas” deste paraíso: andam nuas, incitam a práticas sexuais (seduzem), conduzem ao pecado. A análise de Raminelli (2012) aponta neste mesmo sentido. Ao analisar como os relatos dos viajantes dos séculos XVI e XVII narraram o cotidiano feminino entre os tupinambás, o autor destaca que as mulheres indígenas eram representadas, pelo olhar cristão europeu, como “Evas Tupinambás” (*idem*).

A fim de aprofundar o conhecimento sobre os relatos dos viajantes, cabe destacar a investigação de Pratt (1999) a qual analisou relatos de viagens de 1750 até 1980 demonstrando como os viajantes europeus construíram as imagens sobre as coloniais e ex-colônias. A autora afirma inserir-se no esforço de “descolonizar o conhecimento” (*idem*: 15), o qual significa criticar a construção colonial de significados; ou seja, criticar a forma como o europeu produziu o “resto do mundo” (*idem*: 28). Um exemplo importante para a compreensão da construção do “corpo colonial” é a literatura de viagem do final do século XVIII. Este contexto literário, segundo a autora, é marcado pelo sentimentalismo e influenciado pelo movimento abolicionista. Conforme Pratt (1999: 155): “sexo e escravidão são os grandes temas dessa literatura. Ou, talvez, um único grande tema, pois os dois aparecem invariavelmente unidos nas narrativas alegóricas que invocam o amor conjugal como uma alternativa à escravidão e à dominação colonial, ou como uma versão recém-legitimada destas”.

Para a autora os viajantes produziram uma “idealização erótica da zona de contato” (*idem*: 164). O exemplo mais emblemático é a *Narrativa de uma expedição de cinco anos contra os negros revoltosos do Suriname*, de John Stedman (escocês, oficial da Brigada Escocesa do exército holandês), publicada em 1796. Conforme destaca a autora, a narrativa incluiu denúncias da crueldade holandesa contra os escravos e um idealizado romance e casamento com a escrava mulata Joana (de 15 anos de idade). Segundo a autora: “o casamento de Stedman com Joana, da mesma forma que muitos casos de amor inter-raciais na ficção desta época, é a transformação romântica de um modo de exploração sexual nas coloniais, segundo o qual homens europeus a serviço da metrópole compravam mulheres locais de suas famílias para servir como acompanhantes sexuais e domésticas enquanto durasse sua estadia” (*idem*: 171). Acrescenta-se que, conforme Gonçalves (2005), quem também analisou relatos de viajantes do século XVIII, até mesmo as mulheres da elite colonial eram narradas através do corpo, da erotização e de seu suposto menor pudor (o que os viajantes europeus relatavam como selvagem).

A transformação romântica de uma relação de exploração colonial, racial e de gênero está presente também na literatura brasileira do século XIX e no imaginário luso-tropical do

século XX (o qual abordar-se-á a seguir). Conforme Baldo (2006), o movimento literário brasileiro denominado Romantismo, alicerçado no ideário romântico europeu, inicia-se em 1836 e sua primeira geração dedica-se a construção da identidade nacional do Brasil recém-independente. Esta identidade nacional é construída por homens brancos ainda escravocratas, que mantêm os imaginários coloniais. Baldo (2006) destaca obra *Iracema* de José de Alencar, na qual “da união entre a “formosa índia” Iracema e o “nobre guerreiro português” Martim, nasce Moacir (o filho da dor), que simbolizaria a origem da raça brasileira” (*idem*: 2). Freitas (2008) ao analisar as obras *Iracema* (1865) e *O Guarani* (1857), ambas ambientadas no período do início da colonização do Brasil, de José de Alencar, ressalta o papel dos marcadores de gênero e raça na construção da identidade nacional. A autora demonstra como José de Alencar constrói a relação “entre suas personagens e o exótico, que não inclui apenas a paisagem, mas principalmente o indígena como fazendo parte da mesma e como ente a ser assimilado pelo colono europeu que forjará a nação” (Freitas, 2008: 74). Gomes (2009a: 34) enfatiza as descrições de José de Alencar no capítulo *Loira e Morena* da obra *O Guarani*, nas quais o autor constrói: Cecília (filha legítima do Coronel) como “alva, pura, branca, infantil”; e, Isabel (filha do Coronel com uma indígena) como “tipo brasileiro com sua graça e formosura, com poder de sedução irresistível”. Esta idealização de uma relação de exploração racial, sexual e colonial contribui na construção do “corpo colonial”, na medida em que mantém a erotização, a exotização e a construção de imaginários sobre as mulheres nativas das colônias ou ex-colônias como sexualmente disponíveis.

Além dos relatos de viagem, a partir do início do século XIX, outro instrumento se torna fundamental na construção do olhar colonial: a imprensa periódica. No século XX e XXI os relatos de viagens competem com a multiplicidade de informação, no entanto, ainda são importantes fontes de construção de discursos sobre “o outro” e sobre lugares distantes. Pratt (1999) analisa relatos de viagens até 1980 e destaca que: “Nos relatos de viagem contemporâneos, a cena do monarca-de-tudo-o-que-vejo se repete, só que agora desde as sacadas de hotéis de grandes cidades do terceiro mundo. Neste contexto, como acontecido com os exploradores precedentes, aventureiros pós-coloniais posicionam-se para estabelecer o significado e o valor daquilo que vêem” (*idem*: 359). Neste sentido, no capítulo 3, serão analisadas seis narrativas de viajantes contemporâneos (jornalistas freelancers que produzem relatos de viagens para a imprensa turística); bem como, no próximo subcapítulo será analisada teoricamente a importância das viagens e do turismo na produção de imaginários sobre “o outro”.

Sobre a imprensa e a produção de imaginários sobre “o outro”, sua importância foi explicitada anteriormente através do trabalho de Martins (2012) sobre o colonialismo português na imprensa. Referente ao Brasil do século XIX na imprensa colonial portuguesa destaca-se que o primeiro tema a ser abordado foi a transferência da Corte Portuguesa para o Brasil (Rodrigues, 2008). Com a independência do Brasil em 1822, o olhar colonial português volta-se para a África “com intuito de minorar o trauma psicológico e os efeitos económicos provocados pela recente perda do Brasil” (Martins, 2012: 30). Neste contexto, o Brasil emerge na imprensa primeiramente como uma perda e uma humilhação e posteriormente como modelo de colonização portuguesa que deve ser seguido em África.

No final do século XIX, a transição da Monarquia para a República no Brasil é acompanhada pela imprensa portuguesa. Conforme Alves (2010) os jornais construíram discursos diferentes conforme suas orientações ideológicas. No entanto, as principais questões referiam-se às consequências, para Portugal, da mudança política no Brasil: tanto consequências para o comércio entre os dois países, quanto para a política portuguesa (já que a proclamação da República no Brasil poderia ser um exemplo). Outro tema abordado pela imprensa sobre a transição política no Brasil diz respeito à chegada da Família Real Brasileira em Portugal, a qual a imprensa narrou com lástima por se tratar da humilhação de um Imperador e de uma Imperatriz (*idem*).

No século XX, conforme Müller (2010) tanto a imprensa brasileira como a portuguesa esforçaram-se para alimentar uma imagem de “cooperação e cordialidade” ao criar uma propaganda dos governos ditatoriais. É neste contexto que emerge Gilberto Freyre, ícone do luso-tropicalismo, o qual abordar-se-á a seguir. Freyre trabalhou tanto para o Estado Novo português (1933-1974), protagonizado por Oliverira Salazar (Castelo, 1998); como para o Estado Novo brasileiro (1937-1945), protagonizado por Getúlio Vargas (Capelato, 2001). Neste contexto, em 1940, realiza-se a Exposição do Mundo Português, a qual foi o acontecimento político e cultural mais importante do Estado Novo (Martins, 2012: 187).

Conforme Nascimento (2008), a Exposição do Mundo Português foi um momento de afirmação da identidade nacional portuguesa através valorização das glórias do passado e da expansão portuguesa no mundo. A autora analisa a participação do Brasil na referida exposição e conclui que o Brasil é apresentado com ênfase no período colonial e como parte de Portugal, como um exemplo de sucesso do colonialismo português (*idem*). Ressalta-se que, segundo a autora, a participação do Brasil foi organizada por intelectuais brasileiros e portugueses e contou com apoio de Getúlio Vargas; o qual, no entanto, negociou esta participação conseguindo que houvesse um pavilhão sobre o país em 1940, para enaltecer o

seu regime, para além do pavilhão principal sobre o Brasil Colônia. Neste contexto, Gilberto Freyre recupera o ideário romântico dos relatos dos viajantes, utilizando-os como fonte histórica, para escrever uma história do Brasil Colônia, a qual funda o mito luso-tropical, apoiado por ambos os regimes ditatoriais – tema que abordar-se-á a seguir.

1.2.3 O Luso-tropicalismo através de uma perspectiva Descolonial, Feminista e Interseccionada

Castelo (1998) define o luso-tropicalismo como “o modo português de estar no mundo”. A mesma ideologia é definida por Telles (2003) como uma forma de “racismo à brasileira” (no sentido de um racismo específico do Brasil). Em resumo, poder-se-ia afirmar que o luso-tropicalismo consiste numa ordem discursiva, a qual argumenta que os portugueses misturaram-se sexualmente com as mulheres negras e indígenas, fundando uma civilização não racista no Brasil. Esta crença torna-se o elemento central da identidade nacional dos dois países. Pretende-se abordar o luso-tropicalismo a fim de compreender a especificidade do sistema de diferenciações raciais, sexuais e de gênero em Portugal. Acrescenta-se que o luso-tropicalismo será analisado a partir de uma perspectiva crítica, focaultiana, feminista, descolonial e interseccionada, como tem sido desenvolvida até aqui.

Entende-se que o luso-tropicalismo é uma ordem discursiva, marcada pela colonialidade, que é hegemônica ainda atualmente em Portugal e no Brasil. Seus elementos centrais são a crença em uma “democracia racial” ou “mestiçagem harmônica”, a qual teria sido criada pelos portugueses a partir do Brasil. Os colonizadores portugueses ter-se-iam misturado com as nativas negras e indígenas fundando uma civilização portuguesa e mestiça nos trópicos – a civilização luso-tropical. Quando o discurso luso-tropical tornou-se hegemônico a suposta civilização luso-tropical foi construída como motivo de orgulho para ambos os países e deveria ser replicada nas colônias portuguesas em África.

Em 1933, com a publicação de *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre pretendeu uma alteração na interpretação da mestiçagem, a qual passa a ser considerada positiva. Conforme Skidmore (1989) os debates intelectuais no Brasil do final do século XIX e início do século XX, influenciados pelas teorias europeias, preocupavam-se com a condição mestiça do Brasil e com o enorme contingente de população negra livre. Segundo o autor, os intelectuais desenvolveram a Teoria do Branqueamento através da qual defenderam que o Brasil deveria incrementar a imigração branca europeia para misturar-se com a população negra para que, desta forma, o Brasil viesse a branquear e se civilizar.

Conforme Gomes (2009a), na década de 1930 é latente que a teoria e a política do branqueamento haviam falhado; neste contexto a população negra havia conquistado o estatuto de igualdade legal (após muitos anos de discussão o Código Civil Brasileiro foi aprovado em 1916) e estava organizada através de uma imprensa negra e de associações recreativas, educacionais e políticas. No mesmo contexto, ainda segundo a autora, o Modernismo buscou criar, através das artes, uma cultura nacional, recuperando o mito romântico dos viajantes europeus do início do século XIX o qual narrava as relações amorosas entre a indígena e o homem branco. Como já havia feito José de Alencar, o Modernismo recuperou este casal mítico como casal fundador da nação. Neste contexto, a <Mulata>, além da indígena, emergiu como central. Gomes (2009a) destaca que, no mesmo contexto, frente à crise mundial do liberalismo e a decadência das oligarquias brasileiras, Getúlio Vargas assumiu o poder com um projeto nacionalista e unificador da federação, sendo Presidente do Brasil de forma ininterrupta de 1930 até 1945 (estando à frente da ditadura do Estado Novo de 1937-1945). A fim de controlar a população negra que se organizava e criar um projeto de nação após a falha da mestiçagem para fins de branqueamento, Vargas investiu na ideia da mestiçagem como algo positivo em si mesmo (*idem*).

Segundo Ortiz (1994), Vargas transformou elementos da cultura negra, antes proibidos ou desvalorizados, em elementos da cultura nacional (como o carnaval e a capoeira). Segundo Capelato (2001) Vargas convocou os intelectuais para participarem deste novo projeto de Nação, através de seu Departamento de Imprensa e Propaganda. Gilberto Freyre foi um dos intelectuais que trabalhou no DIP.

Em Casa Grande & Senzala, Freyre propõe, como seguidor de Franz Boas, a superação das análises baseadas nas inferioridades biológicas, argumentando que não existiam raças biológicas, apenas diferenças culturais. No entanto, ao descrever essas diferenças culturais e a mistura entre essas culturas, as descrições de Gilberto Freyre são biológicas/sexuais, sua obra está fortemente marcada por hierarquizações culturais e naturalizações biológico-culturais. Conforme Almeida (2000a: 166) Freyre era “anti-racialista no sentido boasiano, mas assente num culturalismo essencialista proponente de excepcionalismos étnicos e nacionais”. Um exemplo é a erotização das mulheres negras escravizadas, através da figura da <Mulata>. Cita-se o capítulo IV- *O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro*, no qual o autor descreve, entre outras passagens relacionadas à sexualidade, a iniciação sexual dos senhores brancos com suas escravas negras e mulatas (sem ter em conta se elas estavam sendo forçadas a estas relações sexuais visto sua condição de escravizadas). A sexualidade exacerbada da mulher negra é construída e

naturalizada por Freyre da mesma forma que nos discursos racistas biológicos do século XIX; no entanto, o discurso de Freyre pretende descrever a população negra através de características culturais.

Destá forma, pode-se argumentar que a obra de Freyre foi central no processo de crítica ao racismo biológico e propagação do racismo cultural. Ou ainda (conforme discussões teóricas desenvolvidas anteriormente a partir da perspectiva descolonial), pode-se argumentar que o luso-tropicalismo foi central na manutenção do mesmo racismo (o qual sempre envolveu essencializações e inferiorizações biológicas e culturais) através de uma nova argumentação (que utiliza o conceito de etnia ao invés de raça, mas mantém o mesmo racismo). Sobre esta possível mudança de perspectiva conceitual – da biológica para a sócio-cultural – que teria ocorrido nos anos 30, Martínez-Echazábal (1996: 109-110) se refere como uma “mudança retórica e pretensamente conceitual” onde a inferiorização de determinados grupos está implícita. Conforme Almeida (2000b: 191): “debaixo do discurso democrático da mestiçagem, está latente o discurso hierárquico do branqueamento”.

Se o luso-tropicalismo foi fundamental no processo (denunciado pelos estudos pós e descoloniais) de crítica retórica do racismo apenas em seu aspecto biológico e propagação do racismo em seu caráter cultural (o que constitui uma mudança argumentativa, mas a manutenção do mesmo racismo colonial); então, é possível evidenciar que os casos português e brasileiro são fundamentais para a reflexão descolonial sobre o racismo. Neste sentido, não se afirma que o colonialismo português tenha algo de diferente. Afirma-se que a retórica luso-brasileira sobre o colonialismo tem uma particularidade – a ideologia luso-tropical – a qual: por um lado, precisa ser desvelada através dos debates pós e descoloniais; por outro lado, é de difícil desvelamento por ainda ser hegemônica e pregar um colonialismo benevolente e não racista o qual não precisaria de estudos descoloniais para evidenciar sua violência e suas manutenções atuais.

Neste sentido, concorda-se com Almeida (2007a) quando este destaca a necessidade de conjugar os estudos pós-coloniais, iniciados no mundo anglófono, com reflexões sobre o contexto português (sobre o colonialismo, sobre a lusofonia, sobre multiculturalismo, racismo, imigração, entre outros)⁴. Segundo Almeida (2000a: 162) é possível e preciso construir um “pós-luso-tropicalismo”. Poder-se-ia acrescentar que é possível e necessário construir um “des-luso-tropicalismo” ou uma tentativa de descolonizar o luso-tropicalismo. O

⁴ Almeida (2007a) tece críticas aos estudos pós-coloniais, sugerindo alguns pontos que deveriam ser reintroduzidos nas investigações baseadas nesta orientação teórica. Esta Tese dá conta de alguns dos pontos sugeridos por Almeida (*idem*: 32), nomeadamente: a pesquisa empírica (sobretudo etnográfica), a análise dos atores sociais, a consideração sobre o *continuum* entre colonialismo e pós-colonialismo.

autor destaca que: “O luso-tropicalismo foi, pois, um discurso cujo emaranhado de poder e retórica nos compete desembaraçar para não reificarmos do novo «comunidades» que não existem como essências” (*idem*: 183-184). Acredita-se que esta Tese insere-se nesta perspectiva, na medida em que analisa a ordem discursiva <Mulher Brasileira> em Portugal, bem como, a experiência de pessoas as quais se subjetivam diante desta ordem discursiva que as interpela e atravessa seus corpos; utilizando, para este fim, as reflexões dos estudos pós e descoloniais, atentando às especificidades do discurso colonial português e do luso-tropicalismo.

Freyre utilizou os relatos dos viajantes como fonte histórica acrítica e, assim, replicou relatos do romantismo (mencionados anteriormente), os quais descreviam as relações supostamente amorosas entre brancos europeus e negras e indígenas escravizadas. O imaginário do colonizador europeu sobre a mulher indígena e negra, que criou uma imagem das colônias como paraísos exóticos e eróticos, foi reeditado por Freyre no imaginário do brasileiro branco (que fora senhor de escravos até tão tarde quanto 1888), sendo este brasileiro branco um descendente de portugueses. Desta forma, Freyre buscou demonstrar que os portugueses constituíram civilizações não racistas e democráticas, porque se misturavam biologicamente/sexualmente com as negras e indígenas. Cita-se, um trecho de *Casa Grande & Senzala* onde é possível evidenciar esta construção:

A miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que doutro modo se teria conservado enorme entre a casa-grande e a mata tropical; entre a casa-grande e a senzala. O que a monocultura latifundiária e escravocrata realizou no sentido da aristocratização, extremando a sociedade brasileira em senhores e escravos, com uma rala e insignificante lambujem de gente livre sandiuchada entre os extremos antagônicos, foi em grande parte contrariado pelos efeitos sociais da miscigenação. A índia e a negamina a princípio, depois a mulata, a cabrocha, a quadrarona, a oitavona, tornando-se caseiras, concubinas e até esposas legítimas dos senhores brancos, agiram poderosamente no sentido de democratização social no Brasil (Freyre, 2001: 46).

Conforme Almeida (2000b: 185): “[...] em grande medida, os discursos sobre miscigenação e mestiçagem demonstraram um pendor ideológico para o mascaramento de relações de poder desigual e de dominação. Serviram também como elementos centrais de narrativas nacionais, imperiais e coloniais. O caso brasileiro é o exemplo mais conhecido. O caso português, um dos mais complexos”. Segundo o autor, o caso português é complexo porque: ao mesmo tempo em que Portugal adotou a ideologia freyriana sobre a mestiçagem do Brasil como caso emblemático do sucesso do colonialismo português, supostamente

humanista; o fez para manter colônias em África, e não para representar a nação portuguesa como mestiça.

Esta teoria de Freyre sobre o Brasil como uma civilização não racista, fruto da colonização portuguesa, teve repercussão mundial. Conforme Castelo (1998) Portugal assume a teoria de Freyre, sendo a principal ideologia do colonialismo português. António de Oliveira Salazar, que instituiu a ditadura do Estado Novo em 1933 e foi Primeiro Ministro de 1932 até 1968, assim como Vargas, convocou Freyre para ser ideólogo de seu regime.

Segundo Castelo (1998: 35) as ideias mestras do luso-tropicalismo estão em Casa Grande & Senzala, de 1933, mas a expressão “luso-tropical” aparece em conferências proferidas por Freyre em Goa (1951) e em Coimbra (1952) as quais são reunidas no livro *Um brasileiro em terras portuguesas*. Conforme a autora, a ideia central criada por Freyre é que “a capacidade para «confraternizar lírica e franciscanamente» com os africanos, ameríndios e asiáticos, para amar as suas mulheres, para incorporar os seus valores... é única do português” (*idem*: 36). O português seria assim devido à influência da cultura moura e do modo de colonizar mouro, mas sem perder a “alma e o sentido cristão da vida”.

Castelo (*idem*: 37) destaca que Freyre escreveu dois livros encomendados e publicados pelo Estado português: *Integração portuguesa nos trópicos* (1958) e *O luso e o trópico* (1961). Segundo a autora: “O Estado Novo utiliza estes livros, supostamente científicos, como instrumento de propaganda e de legitimação da sua política colonial. Se a manipulação político-ideológica é exterior aos textos, no interior dos textos radica a sua possibilidade. O autor não deixa de ser conivente com esse processo” (*idem*: 37). Para Castelo o luso-tropicalismo pode ser entendido como uma ideologia: “de facto, a doutrina de Freyre sustenta-se numa argumentação supostamente científica e obtém, graças fundamentalmente à propaganda salazarista, uma credibilidade excessiva” (*idem*: 41).

Castelo (1998: 69-107) identifica duas fases da recepção da obra de Freyre em Portugal. A primeira fase (anos 30 - 40) corresponde a um acolhimento no campo cultural, com boa repercussão em revistas culturais e em páginas literárias de jornais portugueses; bem como, uma rejeição no campo político, que ainda argumentava que a raça portuguesa era superior e deveria impor-se sobre os selvagens. A segunda fase (anos 50 – 60) corresponde a apropriação da obra de Freyre pelo Estado Novo, tendo em vista que o contexto passa a ser crítico a ideia de superioridades e dominação racial após a II Guerra Mundial (e o Holocausto empreendido por Hitler); com a fundação das Nações Unidas, o colonialismo passa a ser fortemente criticado, Portugal utiliza Freyre e o luso-tropicalismo como argumento para

manter suas colônias, ao “defender a tese da natureza especial da colonização portuguesa” (*idem*: 96).

Enquanto os discursos coloniais analisados anteriormente eram discursos sobre seu momento presente; o luso-tropicalismo é um discurso sobre um passado colonial do Brasil, o qual exaltou o passado para manter o colonialismo no seu presente. O luso-tropicalismo se tornou a ordem discursiva hegemônica em Portugal e no Brasil. No entanto, conforme Castelo (1998: 41): “[...] o caráter científico do luso-tropicalismo foi desde cedo questionando, não só por activistas dos movimentos africanos de libertação, como por historiadores, antropólogos e outros investigadores sociais”. No contexto brasileiro, esta hegemonia também não ocorreu sem críticas, as quais continuam atualmente. Os contra-discursos emergiram em movimentos sociais e em discursos acadêmicos.

Conforme Nascimento (2003), na década de 1940 se destacam o Teatro Experimental do Negro e o Jornal *O Quilombo*, ambos com a participação de Abdias do Nascimento (um dos maiores ativistas negros do Brasil do século XX). Na década de 1950, a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) financiou uma investigação sobre as relações raciais no Brasil. O objetivo era apresentar ao mundo uma experiência bem sucedida de relações raciais, conforme narrada pela obra de Freyre que já tinha impacto mundial. Intelectuais importantes como Florestan Fernandes participaram do projeto, o qual levantou dados das condições de vida de negros e brancos e também analisou aspectos mais sutis do racismo. Conforme Skidmore (1989) o Projeto UNESCO frustrou suas expectativas iniciais, acabando por evidenciar o racismo no Brasil. Conforme Gomes (2009a) a partir de 1964 todos os movimentos sociais são reprimidos pela Ditadura Militar e em 1978 é fundado o Movimento Negro Unificado, marcando o refortalecimento do movimento negro ou surgimento do movimento negro contemporâneo. A partir daí muitas pesquisas realizadas demonstraram, inclusive estatisticamente, a presença do racismo no Brasil, buscando formas de combatê-lo.

Tanto movimentos sociais antirracistas, como intelectuais denunciaram (e ainda denunciam) que o discurso da harmonia racial não foi acompanhado de políticas públicas efetivas na harmonização de oportunidades entre negros e brancos. Demonstram, também: a perseguição às religiões de matriz africana; o branqueamento e a disciplinarização de práticas culturais afro-brasileiras; o abuso sexual das mulheres negras escravizadas sobre o qual fora forjado a miscigenação no período colonial e o qual se reproduz em preconceitos e assédios contra a mulher negra atualmente; as desigualdades sócio-econômicas marcadas pelo racismo que colocam os negros e os mestiços no mesmo lado dos desfavorecidos socialmente,

dividindo até hoje o Brasil entre brancos *versos* pretos e pardos; as desigualdades salariais e de oportunidades que criam a hierarquia homens brancos, mulheres brancas, homens negros e mulheres negras, sendo as últimas as mais desfavorecidas (López, 2009; Paixão, 2003; IPEA, 2008).

No entanto, apesar das críticas, o luso-tropicalismo permanece no Brasil e em Portugal. No contexto brasileiro, o luso-tropicalismo é acionado, sobretudo, por intelectuais que se manifestam publicamente contra a adoção de ações afirmativas de combate ao racismo em várias áreas, recuperando a obra de Freyre e alimentando o senso comum sobre a “democracia racial” brasileira (Gomes, 2009a, López, 2009). Em Portugal, conforme Almeida (2000a), a manutenção do luso-tropicalismo é ainda mais marcante. A exaltação do passado colonial, excluindo suas violências, narrado através luso-tropicalismo, torna os imaginários coloniais muito presentes ainda hoje. Conforme Lourenço (1999: 220): “Portugal é um país que não soube nunca viver a sua História senão como História Santa”. Referindo-se ao silêncio sobre as tragédias da guerra colonial, Lourenço afirma que a História narrada em Portugal é uma História mítica (*idem*: 221).

Sobral (2010), ao analisar as representações da identidade nacional portuguesa, destaca que a glorificação do passado é uma dimensão fundamental. Segundo o autor: “a representação do passado é uma dimensão nuclear da caracterização da identidade nacional” (*idem*: 104); sendo que em Portugal esta representação do passado ocorre em termos de glorificação. A partir do inquérito sobre as atitudes sociais dos portugueses, o autor enfatiza que a História aparece como a principal fonte de orgulho nacional dos portugueses (muito a frente da Democracia, a frente da Arte e da Literatura, do Desporto, entre outros). Em perspectiva comparada, Sobral (2010: 107) destaca que apenas os Estados Unidos e a Venezuela aparecem ligeiramente a frente de Portugal como países que sentem mais orgulho da sua História (em uma lista de 35 países). Por outro lado, a Alemanha Ocidental aparece como aquele que menos orgulho sente de sua História. Estes dados parecem comprovar a afirmação de Eduardo Lourenço de que Portugal narra sua História como santa. Enquanto na Alemanha se desenvolveu uma História Crítica, com alguns poucos revisionistas e negacionistas do Holocausto; em Portugal a História hegemônica é a negacionista, que silencia sobre as violências do colonialismo, sobre a escravização dos africanos, sobre o tráfico transatlântico, sobre o genocídio ameríndio. A respeito dos temas que demarcam a História como motivo de orgulho dos portugueses, Sobral (2010: 108-109) destaca que: “a narrativa histórica que situa o período do auge português na expansão imperial será reproduzida ao longo dos séculos, sendo difundida massivamente através da escola, da

imprensa popular, de rituais comemorativos [...] Esta narrativa é de tal modo importante que não só foi reproduzida e comemorada durante o regime nacionalista e autoritário do Estado Novo (1933-1974), como se prolongou depois de 1974 num contexto pós-colonial”.

Almeida (2000a: 161) – que assim como Castelo (1998) demonstra os usos do luso-tropicalismo pelo colonialismo português – destaca seu incômodo diante da “persistência da retórica expansionista e imperial nas reconfigurações identitárias pós-coloniais, patente sobretudo no facto social das comemorações dos descobrimentos (e em particular dos 500 anos do Brasil) e no recurso crescente à expressão «lusofonia»”. Almeida (2000a) acrescenta que o luso-tropicalismo se estabelece no imaginário nacional português porque além da narrativa de Freyre ter sido instrumentalizada pelo Estado Novo, alguns de seus elementos já se encontravam em discursos de intelectuais que construíram representações dos portugueses desde o século XIX.

Ilustrativo desta persistência do luso-tropicalismo é o relatório através do qual a Organização das Nações Unidas critica a história inexata ensinada ainda hoje nas escolas portuguesas; o qual destaca haver um silêncio sobre o racismo, um reforço do papel do português como civilizador (sem criticar o extrativismo, a escravidão e a imposição da cultura europeia) e, que não há uma valorização da herança e da contribuição positiva das pessoas das coloniais para Portugal⁵. No que tange a investigações académicas, Araújo e Maesco (2010) enfatizam que os manuais escolares portugueses de história atuais reproduzem a versão da história da colonização, na qual os portugueses são exaltados e o colonialismo abrandado. As autoras destacam que os manuais escolares são particularmente interessantes para a análise empírica de como “os imaginários sociais são sustentados e recriados, reflectindo visões comuns sobre questões de poder e raça” (Araújo, Maesco, 2010: 243). Ao analisar os manuais, as autoras demonstram que neles estão ausentes as discussões sobre racismo, colonialismo e identidade nacional. Segundo as autoras, os manuais apresentam uma narrativa despolitizada, na qual as relações de poder e violência, como a escravatura e a cristianização, são evitadas e naturalizadas; o que as autoras relacionam com o Lusotropicalismo – o mito do colonialismo português benevolente⁶.

⁵ A crítica da ONU circulou na mídia portuguesa e brasileira. Cita-se, como exemplo, a reportagem “ONU critica Portugal por ensino inexato do passado”, de um dos principais jornais brasileiros “O Estadão”. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,onu-critica-portugal-por-ensino-inexato-do-passado-,931220,0.htm>

⁶ Destaca-se que alguns autores dedicam-se ao estudo da manutenção de imaginários coloniais atualmente. Cita-se, por exemplo, Frias (2010) que, ao analisar as atitudes e a construção da identidade dos portugueses no mundo virtual online *Second Life*, destaca que estes têm atitudes colonizadoras no mundo virtual.

Segundo Margarido (2000) o discurso luso-tropical – que construiu o imaginário de “civilização portuguesa nos trópicos”, que carrega o mito da colonização benevolente, do não racismo e da mistura racial-sexual – é atualmente reconstruído e mantido pela lusofonia. Para o autor, o projeto lusófono, que busca fortalecer um espaço político, econômico e cultural entre os países de Língua Portuguesa, representa a manutenção do imaginário de império português e uma tentativa de re-colonização. No mesmo sentido, entende-se que essa manutenção do luso-tropicalismo, através da lusofonia, atualiza o imaginário colonial de “mulata”, “mulher brasileira”, “mulher colonial”.

Em outros países os discursos coloniais foram desestabilizados com as críticas ao colonialismo, apesar de haver a colonialidade (manutenção) em todos os países ocidentais através do racismo. No entanto, em Portugal e no Brasil, como a história do colonialismo foi idealizada e ideologizada pelo Estado Novo (de Salazar e de Vargas), através especialmente de Gilberto Freyre que trabalhava para ambos, não houve uma crítica ao colonialismo; desta forma os discursos coloniais são ainda mais presentes, principalmente em Portugal onde há menos críticas ao luso-tropicalismo, tanto acadêmicas como de movimentos sociais.

Pode-se evidenciar que as mulheres das colônias, construídas como objetos da mistura racial e sexual, são, portanto, o elemento central do luso-tropicalismo. Sendo o luso-tropicalismo uma ideologia que manteve o colonialismo português (Castelo, 1998) e ainda é fundamental da identidade nacional portuguesa (Almeida, 2000a), pode-se inferir que as mulheres das ex-colônias ainda são percebidas como “corpos coloniais”, objetos e alvos sexuais dos portugueses. O luso-tropicalismo construiu uma forma específica de sistema de diferenciações raciais, sexuais e de gênero em Portugal, a qual (de maneira ainda mais determinante que em outros discursos colonialistas europeus) é centrada na hipersexualização das mulheres das coloniais e na construção de seus corpos como “corpos coloniais”. Tanto brasileiras, como africanas são vítimas deste olhar colonial. No entanto, acredita-se que as mulheres brasileiras são as mais visadas pelo imaginário luso-tropical e, portanto, as mais percebidas e construídas como “corpos coloniais” em Portugal atualmente. Isto porque a ideologia de Gilberto Freyre marca, ainda hoje, a identidade nacional brasileira e foi fortemente incentivada pelo próprio Brasil (Gomes, 2009a). No Brasil a racialização luso-tropical marcou e marca a vida das mulheres negras, em Portugal incide sobre todas as brasileiras. Percebe-se a apropriação do mesmo imaginário luso-tropical de forma diferente conforme o contexto e suas relações de poder. A hipótese de que a <Mulher Brasileira> é percebida como “corpo colonial” atualmente em Portugal, orienta as discussões empíricas dos próximos capítulos desta Tese.

1.3 Institucionalização e Racionalização do Sistema de Diferenciações: Turismo e Migrações como produtores de Imaginários Sociais

Conforme apresentado anteriormente, duas das dimensões de análise das relações de poder, conforme Foucault (2010a: 291-292), são: as *formas de institucionalização* (estruturas tradicionais, jurídicas, do hábito, etc.) e os *graus de racionalização* (elaboração, transformação, organização). Neste sentido, no presente subcapítulo, refletir-se-á sobre o Turismo e as Migrações como produtores de imaginários que institucionalizam e racionalizam o sistema de diferenciações de raça, gênero e sexualidade; para, posteriormente (nos capítulos 2 e 3) analisar algumas das formas de institucionalização e racionalização do saber-poder <Mulher Brasileira> em Portugal: discursos institucionais sobre os imigrantes, discursos da mídia sobre imigrantes, discursos turísticos e discursos culturais. E escolha destes dois espaços discursos – Migrações e Turismo – ocorreu devido à visibilidade <Mulher Brasileira> em Portugal, a qual emerge, especialmente, nestes espaços.

As relações (teóricas e práticas) entre Turismo e Migrações são múltiplas e podem ser abordadas de diferentes perspectivas. A primeira relação entre Turismo e Migrações trata-se de perceber ambos como fluxos de pessoas, sendo que a mobilidade sempre permeou a história da humanidade, de diferentes formas, com contornos específicos atualmente. Conforme Barreto (2009) e Hall e Williams (2010) as interfaces entre turismo e imigração são múltiplas, no entanto as investigações sobre elas ainda são incipientes. Entre as interfaces, os autores referem-se ao turismo entendido como uma forma de migração, o turismo gerando migrações, as migrações gerando fluxos turísticos, as mudanças sociais e culturais que esses fenômenos de mobilidade geram no mundo globalizado.

A partir da segunda metade do século XX, tanto o Turismo como as Migrações intensificaram-se com o advento do transporte aéreo, a ampliação do acesso à informação sobre locais distante, entre múltiplos fatores. Conforme Boyer (2003) é neste período que se consolida o Turismo de Massa. Segundo Miller e Castles (2009) é neste contexto que as migração atingem escala global e seu perfil contemporâneo (sendo os fluxos anteriores marcados pela colonização de novas terras). Ao final do século XX, ambos fenômenos se intensificam, com a denominada Condição Pós-moderna (Harvey, 1992), a qual inclui a globalização neoliberal, a desregulamentação dos mercados, o fluxos de mercadorias e de pessoas; bem como, com o advento da Sociedade em Rede (Castells, 2000), das mudanças provocadas pela interligação de pessoas a nível global através das tecnologias de informação e

da comunicação; e, ainda, com o Nomadismo Pós-Moderno (Maffesoli, 2001b), onde há uma tendência a mobilidade e as identidades que se constroem como fluxos. Conforme Rui Pena Pires, em entrevista sobre o livro *Atlas das Migrações*⁷: “hoje há movimentos de pessoas em grande escala. Nós falamos nas migrações mas, na realidade, as migrações são uma gota de água na mobilidade de pessoas à escala mundial. A mobilidade maior é a provocada pelas rotas do turismo”.

Estas duas formas de mobilidade humana – Turismo e Migrações – em suas relações, podem ser analisadas através diversas perspectivas. Nesta Tese a abordagem que as relaciona refere-se à compreensão de ambas como construtoras de imaginários nacionais e produtoras da diferença. Neste sentido destaca-se a investigação de Falco (2009), a qual sugere uma aproximação entre o Turismo e as Migrações como deslocamentos contemporâneos responsáveis pela construção do “estrangeiro” e do “nacional”. Também o conceito de viagem, como categoria filosófica (Botton, 2010), aproxima turismo e migração, através do olhar sobre a experiência de viajar, experiência de encontro com a alteridade.

As reflexões de Michel Maffesoli (2001b) auxiliam a pensar sobre as constituições do estrangeiro num mundo contemporâneo de tendência ao nomadismo e ao pluralismo, bem como, a oposição desse nomadismo, ao sedentarismo moderno, no qual se buscava uma consolidação identitária e territorial. Conforme Liberato (2002: 226), para Maffesoli: “O homem pós-moderno estaria impregnado de errância, que transparece, por exemplo, nas migrações do trabalho e do consumo, nas migrações sazonais do turismo e das viagens e nas migrações induzidas por desigualdades econômicas”.

A Imigração tem sido um dos temas que mais cresce nas investigações das Ciências Sociais em Portugal e na Europa, com destaque para pesquisas sobre as construções identitárias, de estereótipos e etnicidade (Machado e Azevedo, 2009; Baganha, 1999). Já o Turismo, apesar de sua crescente importância, da sua interdisciplinaridade inerente e de seu caráter eminentemente social (Silveira, 2007; Krippendorf, 2003), ainda tem sido um tema pouco relevante nas Ciências Sociais (Barreto, 2003), especialmente no que tange as construções simbólicas. No entanto, a Sociologia do Turismo não é nova (Cohen, 1972) e tem se tornado mais relevando na última década (Joaquim, 2012).

⁷ Entrevista sobre o livro “Atlas das Migrações”, Newsletter da Fundação Gulbenkian. Disponível em http://www.gulbenkian.pt/media/files/fundacao/programas/PG%20Desenvolvimento%20Humano/pdf/NL117_EntrevistaPena_Pires.pdf

1.3.1 Turismo e Imaginários

Conforme Moesch (2000: 9) o Turismo “é uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais”. Uma das dimensões desse fenômeno complexo é a comunicação. Nas análises sobre a comunicação turística, o enfoque está nos imaginários sociais construídos através do Turismo.

O conceito de imaginário é entendido próximo ao conceito foucaultiano de saber. Em Foucault (2004a, 2008) não há uma separação entre discurso e realidade social. Conforme Maffesoli (2001a) o imaginário é uma realidade. Segundo Silva (2003: 49): “não se crê no imaginário, vive-se nele”. Ambos os conceitos aproximam-se ao enfocarem as dimensões simbólicas como constitutivas da sociedade, não correspondendo simplesmente a outras realidades (econômica, política), mas como uma realidade própria. Os imaginários correspondem a saberes partilhados socialmente de uma forma muitas vezes não consciente, naturalizados, não problematizados. Os imaginários sociais não são ideologias que devem ser combatidas em função do desvelamento da verdade, não são crenças nas quais um sujeito escolhe ou não acreditar, são constitutivos da sociedade e dos indivíduos – vivemos num mundo de imaginários.

Conforme analisado anteriormente, o conceito de saber é intrinsecamente relacionado ao de poder: na perspectiva foucaultiana, através de análises do saber-poder é possível perceber uma ordem discursiva e estruturas de poder de uma sociedade. Já a abordagem sobre os imaginários aponta que a principal tecnologia do imaginário atualmente, ((re)construtora de imaginários sociais) é a mídia (Silva, 2003). A perspectiva adotada pretende aproximar as abordagens ao destacar o poder da mídia (especialmente discursos turísticos) em construir e consolidar imaginários; mas irá avançar, no sentido de perceber que os imaginários fazem parte de estruturas de poder (colonialidade, racismo, sexismo).

No Turismo a importância das imagens e imaginários é sustentada teoricamente pelas análises que demonstram que uma das dimensões do turismo é a comunicação (e informação). Conforme Wainberg (2003) é através da comunicação que se produz a motivação para o deslocamento turístico. Drouguett (2004: 146) afirmam que “a mídia é o principal instrumento de mediação entre os agentes humanos e comerciais do Turismo [...]. O Turismo [...] é uma viagem institucionalizada que utiliza-se das redes de comunicação para estimular a mobilidade de pessoas”. As teorias do marketing evidenciam a importância da mídia na

tomada de decisão do consumidor do turismo, ou seja, o papel das imagens administradas para atrair turistas – conforme Nielsen (2002).

Gastal (2003; 2005) avança ao analisar a relação turismo e mídia, demonstrando que a mídia, para além do marketing, constrói e reforça imaginários que mediam as relações entre turistas, destino, residentes. Cita-se:

Pode-se dizer que também haverá em comum, nos diferentes tipos de deslocamento, a presença de imagens e imaginários. *Imagens*, porque na própria cidade ou no estrangeiro, antes de se deslocarem para um novo lugar, as pessoas já terão entrado em contato com ele visualmente, por meio de fotos em jornais, folhetos, cenas de filmes, páginas na internet ou mesmo por meio de velhos e queridos cartões-postais. *Imaginários* porque as pessoas terão sentimentos, alimentados por amplas e diversificadas redes de informação, que as levarão a achar um local “romântico”, outro “perigoso”, outro “bonito”, outro “civilizado”. A esses sentimentos construídos em relação a locais e objetos (e, por que não, a pessoas?) temos chamado de imaginários (Gastal, 2005: 12 e 13).

No mesmo sentido, Conceição (1998) destaca que a promoção turística atua como reconstrutora da realidade social. Urry e Crawshaw (1995), partido de uma perspectiva foucaultiana, evidenciam a importância do turismo na produção de visibilidades, destacando que a visibilidade é socialmente construída no Turismo para o consumo visual. Baldissera (2010) desenvolve o conceito de comunicação turística, ampliando a importância da comunicação para além daquela administrada. Conforme o autor:

A comunicação turística consiste no processo de construção e disputa de sentidos no âmbito das relações de turismo. Ou seja, não se trata apenas de dar conta da comunicação oficial/formal gerada racionalmente pelos setores público e privado, particularmente no que tange às ações de divulgação, promoção e comercialização de produtos e serviços em turismo. A comunicação turística abarca toda comunicação que se materializa em diferentes lugares do ser e fazer turístico, ou seja, compreende a comunicação formal, mas também os processos informais (*idem*: 11-12).

Desta forma buscar-se-á analisar discursos turísticos de forma ampla, marketing privado de agências de turismo, marketing público e imprensa turística (seja através das narrativas de jornalistas entrevistados, seja através de reportagens de turismo). Gastal (2006: 41-60) destaca a semiótica como metodologia de análise destas disputas de sentidos e construções de imaginários. A semiótica aproxima-se da teoria e metodologia foucaultiana até aqui desenvolvida na medida em que também transcende ao texto enquanto sistema linguístico para analisa-lo como processo discursivo. Na semiótica os signos são analisados a partir do estudo do significante (forma, aquilo que ele representa) e do significado (conteúdo). Da semiótica esta Tese apropria-se do uso das chaves para identificar o signo que está em análise <Mulher Brasileira>.

Referente ao Turismo como produtor de imaginários destaca-se a análise de Aoun (2001), o qual demonstra que as viagens turísticas são muitas vezes motivadas pela busca do paraíso. Conforme o autor, o marketing passou a reconstruir imaginários coloniais de paraíso para motivar os novos viajantes europeus (os turistas) a deslocarem-se para as antigas colônias e, assim, gerar fluxo turístico e desenvolvimento econômico.

Echtner e Prasad (2003) analisam as representações de diferentes países do Terceiro Mundo como destinos turísticos, destacando que estas se estabeleceram em torno dos seguintes mitos: o mito do inalterado (essencializado), o mito do não-civilizado e o mito do não-reprimido (com sexualidade exacerbada); os quais replicam discursos coloniais e mantêm geopolíticas de poder. Os autores destacam a importância de analisar a influência destes mitos coloniais na construção de imagens de diferentes destinos turísticos do Terceiro Mundo. Cohen (1993) também destaca que grupos nativos passam por um processo de homogeneização, descontextualização e mistificação através do Turismo, mas que é possível mitigar esta estereotipificação.

Alguns autores têm analisado o marketing turístico em sua relação com ideologias e estereótipos em casos específicos. Buzinde, Santos e Smith (2006) destacam o poder das representações turísticas para transmitirem ideias sobre raça, etnia e identidade. Ressaltam que pesquisas tem demonstrado o uso ideológico do marketing turístico na representação de grupos étnicos de países do Sul como exóticos e eróticos; e, por isto, os autores analisam a representação de grupos étnicos canadenses. Suas conclusões apontam no mesmo sentido que as investigações sobre países do Sul: apesar de um discurso multicultural canadense, as minorias são representadas como atrativos turísticos (passivos), são essencializadas e relacionadas sempre a eventos culturais; enquanto as majorias como turistas (ativos). Segundo os autores: “Ultimately, the matter not only pertains to how the Other is represented, but how those representations foster the continuous dichotomization of societies” (*idem*: 274). Bandyopadhyay e Morais (2005) analisam as disputas ideológicas em torno das representações da Índia como destino turístico. Os autores apontam que a mídia ocidental tem construído a Índia como destino exótico sob o prisma colonial; enquanto o governo indiano inicia um processo de resistência a estas representações, com campanhas publicitárias próprias a partir de um nacionalismo pós-colonial, apesar de ainda reproduzir, em alguma medida, os estereótipos coloniais para atrair turistas.

Inserida nesta discussão, na Dissertação de Mestrado (Gomes, 2009a) – e artigos subsequentes (Gomes, 2009b, Gomes, 2010a) – que antecedeu esta Tese, foi analisado o papel do marketing turístico brasileiro na construção do estereótipo de <Mulata>, bem como, suas

(des)(re)construções atuais. As conclusões serão retomadas no terceiro capítulo, ao analisar o papel do marketing turístico na construção do imaginário de <Mulher Brasileira>.

Próxima a estas discussões sobre imaginários, marketing e relações de poder, está a análise de Canclini (2008). O autor destaca que, atualmente, as identidades locais tornam-se espetáculos multimídias globais, sendo que o turismo contribui neste processo. A cultura local sofre uma espetacularização e se torna produto para o consumo cultural global. Assim, as identidades locais são reconstruídas pelo mercado turístico. Conforme demonstra Hall (2005: 13): “A identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relações às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente”. Neste sentido, toda a identidade é construída discursivamente e performaticamente e não há um conteúdo verdadeiro de uma identidade, ou mesmo uma identidade verdadeira.

Desta forma, a crítica sobre a construção que o mercado turístico faz das identidades e à espetacularização das culturas refere-se às disputas discursivas e as relações de poder. A questão não é que o mercado turístico constrói uma identidade falsa. A questão é que a espetacularização que o mercado turístico faz das culturas consiste num discurso construído sobre “o outro”, com efeitos de poder e a partir de interesses específicos, muitas vezes em disputa com o discurso que determinada cultura faz de si mesma e com seus interesses.

Canclini (1983: 69) ao analisar a apropriação das culturas pelo capitalismo aponta que “no discurso turístico [...] como atração econômica e de lazer, como instrumento ideológico, a cultura popular tradicional serve à reprodução do capital e da cultura hegemônica”. Carvalho (2004), ao analisar as tradições afro-brasileiras, aponta que elas se transformam em espetáculo, através de agentes externos brancos, os quais divulgam, vendem e consomem uma cultura da qual não são e não se consideram pertencentes, o que o autor classifica como uma “atitude antropofágica como ideologia de classe e de grupo racial” (2004: 7). Esse consumo cultural, conforme Canclini (2008) e Carvalho (2004) estaria fundamentado em um “suposto direito ao espetáculo na era do consumidor como cidadão” (Carvalho, 2004: 7). A partir das colocações de Canclini e de Carvalho reforça-se que o turismo é agente fundamental nesse processo de construção discursiva e performativa, “do outro”, em relações de poder.

1.3.2 Migrações e Imaginários

Os estudos sobre migrações internacionais tradicionalmente enfocaram as seguintes temáticas: fluxos globais (motivos de expulsão e atração de populações), aspectos laborais

(mercado de trabalho nos destinos), demografia, questões políticas e legais; tendo emergido mais recentemente estudos sobre etnicidade, multiculturalismo e racismo, bem como, questões de segurança e controle de fronteiras (como o terrorismo) (Miller e Castles, 2009).

Como destaca Pinho (2012: 9):

A migração implica o movimento de indivíduos e grupos entre as sociedades que acabaram de deixar e aquela onde estão a inserir-se, o que tem correspondência, na sociologia das migrações, a duas problemáticas que correspondem a estas duas etapas do processo migratório: 1) a migração propriamente dita; 2) a fixação dos imigrados (Rea e Tripier, 2003). Na primeira inclui-se o estudo das causas, da acção dos estados dos países de origem e chegada e dos fluxos migratórios, assim como do tipo de migrantes que os compõem. A segunda concentra-se no estudo da integração, aculturação, aquisição de uma posição social, mobilidade social, entre outras relativas à permanência dos imigrantes na sociedade receptora.

Neste sentido, as principais abordagens da sociologia das migrações, podem ser divididas em: investigações de carácter mais quantitativo sobre fluxos migratórios e perfis de migrantes; e investigações com abordagens prioritariamente qualitativas sobre “comunidades imigrantes” no país de destino. Ou, como definido por Peixoto (2004a): teorias macro e micro-sociológicas de explicação das migrações; sendo que as teorias macro enfocam o carácter estrutural dos movimentos migratórios, enquanto as micro centram-se no papel do agente migrante.

A abordagem subjacente aos estudos tradicionais enfocava o migrante enquanto homem (Padilla, 2007a). Na década de 1980, ganham maior relevância os trabalhos sobre mulheres migrantes, no entanto, abordavam-na como objeto/recorte, através do binarismo homem e mulher, e não a partir da perspectiva relacional de género (Donato, *et. al.* 2006). A partir dos anos 1990 surgem perspectivas interdisciplinares para abordar género e migrações (*idem*). Emergiram temas como: a forma como as relações de género desiguais na origem e no destino afetam de forma diferente mulheres e homens migrantes, mudanças nos papéis e nas subjetivações de género no contexto migratório, emancipação da mulher migrante, imigração GLBTT, o racismo e o sexismo interseccionados no contexto da migração, entre outros.

Em Portugal, os estudos sobre imigração têm crescido na última década, com destaque para pesquisas acerca das construções identitárias e etnicidade, bem como, sobre a comunicação social e estereótipos (Machado e Azevedo, 2009). Neste âmbito é que esta Tese pretende contribuir, a partir de um enfoque teórico que se busca inovador no contexto português – o qual articula a análise sobre racismo, sexismo, colonialidade, imaginários, subjetivações – para abordar o tema das identidades, etnicidades e estereótipos.

Em geral, o tema das “comunidades imigrantes”, envolvendo questões de identidades,

etnicidades e estereótipos, está associado ao tema da integração dos imigrantes na sociedade de destino. Pires (2003) apresenta um completo panorama das discussões acerca do tema da integração nas Migrações. Conforme o autor, a integração social dos imigrantes tem sido analisada a partir de dois conceitos: “eticização” e “assimiliação”. A etnicização corresponde ao processo pelo qual os imigrantes valorizam suas culturas de origem e isolam-se da sociedade de destino (incluindo a territorialização). A assimilação trata da adoção ou partilha, por parte dos imigrantes, da cultura e dos valores da sociedade de destino (não implicando numa total homogeneização).

Em sentido semelhante, Machado (2000: 14-15) destaca que a valorização do grupo majoritário de sua própria cultura em detrimento da cultura do grupo minoritário é interpretada por alguns teóricos como racismo sutil e por outros como etnocentrismo; sendo que ambas interpretações consideram o grau de diferença entre a cultura majoritária e a cultura minoritária como fator importante. A explicação daqueles que entendem o fato como racismo sutil, aponta que quanto menos diferente da sociedade de destino for percebido o imigrante, mais assimilado e mais integrado estará e menos racismo ele sofrerá. A explicação dos que analisam o fato como etnocentrismo, naturaliza a atitude etnocêntrica do grupo majoritário. Acredita-se que ambas as concepções são excessivamente teóricas e, assim, invisibilizam e naturalizam o processo de produção histórica de determinadas diferenças como negativas, o qual está na origem do racismo e do etnocentrismo – conforme será discutido a seguir.

Entende-se que as abordagens enfocam excessivamente as “comunidades imigrantes” e analisam as sociedades de destino através de pressupostos teóricos a-históricos, acabam por naturalizar processos de rejeição a diferença pelas sociedades de destino, processos que são históricos e não essenciais – conforme analisar-se-á com mais detalhe a seguir. As análises a partir dos conceitos de etnicização e assimilação são úteis e auxiliam a compreender a realidade dos imigrantes dentro dos estudos de migrações, no entanto, é possível avançar nessa análise quando o foco é mais amplo sobre as relações de saber-poder de determinada sociedade. Assim, não seriam abordadas apenas as formas como os imigrantes se integram na sociedade de destino, mas as condições sociais de possibilidade desta integração (condições nas quais os imigrantes se deparam na sociedade que precisam integrar-se), marcadas, notadamente, pelo racismo.

Com objetivo de desafiar estas abordagens tradicionais sobre integração, focadas apenas nas “comunidades imigrantes”, em suas “identidades” e em seu processo de “assimilação”, Gilroy (2007) propõe o conceito de convivialidade. Através deste conceito, o

autor enfatiza a relação entre comunidades imigrantes e comunidades de acolhimento; questiona a naturalização destas comunidades como “culturas diferentes”; e, propõe um olhar sobre as semelhanças e diferenças cívicas, políticas e quotidianas entre as comunidades (e não apenas diferenças culturais). Conforme o autor: “a convivialidade faz com que o esforço interpretativo deixe de estar focalizado nos recursos culturais que antecedem os acontecimentos nas zonas de contacto pós-coloniais” (*idem*: 175). Padilla e Azevedo (2012) utilizam o conceito de convivialidade por entenderem que a diversidade abordada pelo ponto de vista da integração é limitada. As autoras apontam que através do conceito de convivialidade é possível abordar a coabitação e as diversas formas de interação, não pressupondo a ausência de racismo, de tensões e de conflitos.

Esta Tese posiciona-se em uma perspectiva crítica às abordagens tradicionais sobre “comunidades imigrantes”, identidades, etnicidades e estereótipos. No entanto, entende-se o crítico como complementar, em uma perspectiva de que a ciência necessita de diferentes visões. O enfoque será na construção discursiva de uma comunidade imigrante pela sociedade de acolhimento, notadamente demarcada por gênero; ou seja, será analisada a construção do imaginário <Mulher Brasileira> em Portugal. Também, analisar-se-á como, em resposta a esta construção discursiva, pessoas subjetivam-se como mulheres brasileiras. As mulheres brasileiras não serão analisadas como uma “comunidade imigrante” que, em seus aspectos identitários e étnicos, se assimila ou se etniciza. Tampouco serão analisadas como estereotipadas pela sociedade de acolhimento devido a sua diferença cultural antecedente. As teorias de análise são outras, as quais formas desenvolvidas até aqui e serão aprofundadas a seguir, no que tange a relação entre Turismo, Migrações e a Produção da Diferença.

1.3.3 Turismo, Migrações e a Produção da Diferença

¿Por qué tienen que decir que somos diferentes? Esta frase foi proferida por uma interlocutora da investigação participativa sobre representações de mulheres imigrantes na Andaluzia e se tornou o título do livro resultante (Gregório-Gil, 2010). Esta frase é ilustrativa das reflexões que se pretende desenvolver neste subcapítulo. Conforme destaca Gregório-Gil (2009: 45): a diferença cultural, essencializada e encarnada nas “mulheres imigrantes”, é construída pelo discurso hegemônico e legitima a exclusão social dos imigrantes.

Acredita-se que ao colocar em diálogo as perspectivas dos Estudos do Turismo e dos Estudos sobre Migrações acerca da diferença, dentro da abordagem focualtiana, feminista e descolonial, pode-se avançar no entendimento teórico sobre a produção da diferença.

Entende-se que o conceito de diferença nas discussões em torno da imigração tem sido naturalizado. Conforme demonstrado anteriormente, as teorias apontam que a diferença entre as culturas é um motivo que dificulta a integração. Esta análise não está equivocada. No entanto, acredita-se que a perspectiva focaultiana e descolonial pode contribuir para avançar na crítica e reflexão sobre o tema, a partir da desnaturalização e historização dos conceitos e das percepções sobre diferença. As reflexões deleuzianas (Deleuze, 1988) sobre a diferença também parecem úteis, apesar de não pretender-se aqui aprofundar demasiado esta perspectiva. Conforme Anjos (2008: 80): “foi Deleuze (1988) quem levou mais longe o inventário das dificuldades do pensamento ocidental em torno do mesmo e do diferente como conceitos filosóficos”. Se por um lado é verdade que a diferença dificulta a integração e é causa do preconceito; por outro lado, isto só acontece porque a diferença é vista como negativa pela sociedade em questão.

Conforme Magalhães (2001: 2): “Deleuze considera que «não é a diferença que supõe a oposição, mas a oposição que supõe a diferença» O projecto deleuziano consiste, então, em «arrancar a diferença ao seu estado de maldição». Ou seja, não é a existência natural de diferenças entre imigrantes e sociedade de acolhimento que gera problemas de integração; é a existência histórica do racismo que produz a diferença hierarquizada e essencializada. Em sentido semelhante, Almeida (2007b) destaca que é necessário descolonizar e desnacionalizar as categorias que definem a diferença. Segundo o autor é preciso uma: “contextualização histórica e antropológica da construção do Estado-nação e do colonialismo, onde a noção de diferença com que lidamos hoje foi constituída enquanto «desvio à norma», «marginalidade», «subalternidade», «assimetria simbólica», etc. – e não enquanto diferença meramente descritiva, simétrica, mera constatação de «diversidade»” (*idem*: 78). Também Sanches (2012: 197), ancorada em Fanon e Quijano, destaca a crescente associação entre «diferença», «cultura» e «raça». A autora destaca que o processo colonial foi um processo de subjugação da «diferença», o qual marca ainda hoje a forma de pensar em Portugal e na União Europeia.

Na analítica do sujeito, explorada anteriormente neste capítulo, demonstrou-se como a noção de sujeito da filosofia ocidental é uma noção construída historicamente. Alguns exemplos de outras noções de sujeito foram apresentados, na intenção de descentrar a perspectiva ocidental, na qual a produção do conhecimento sociológico está imersa. Neste mesmo sentido, para descentrar a noção de diferença, retoma-se Anjos (2008), o qual destaca que: “A religiosidade afro-brasileira tem um outro modelo para o encontro das diferenças que é rizomático: a encruzilhada como ponto de encontro de diferentes caminhos que não se fundem numa unidade, mas seguem como pluralidades” (*idem*: 80). Esta filosofia política da

religiosidade afro brasileira propõe outra interpretação sobre o Brasil, uma relação rizomática entre o eu e o outro. Sendo que: “o rizoma conecta um ponto qualquer com um outro ponto qualquer, sem que seus traços tenham necessariamente algo em comum” (Deleuze *apud* Anjos, 2008: 80). Conforme Anjos (2008): “a lógica rizomática da religiosidade afro-brasileira em lugar de dissolver as diferenças conecta o diferente ao diferente deixando as diferenças subsistirem enquanto tal” (*idem*: 82). Esta perspectiva não é nem a mestiçagem/sincretismo, nem a racialização essencialista. A mestiçagem tem origem no discurso racista do branqueamento, que pretendia dissolver as diferenças, mas mantendo as desigualdades (Almeida, 2000b). A racialização essencialista tem origem na perspectiva racista que pretendia manter os diferentes afastados e hierarquizados. Ambas as perspectivas entendem a diferença como negativa.

O multiculturalismo também não tem se demonstrado suficiente porque, da forma como tem sido instrumentalizado, parte da mesma premissa de que a causa da discriminação é a diferença e, portanto, a solução seria valorizar as diferenças, que continuam a ser vistas como essencializadas. No entanto, a diferença é apenas a causa imediata, ou aparente, do preconceito. Quando a causa mais profunda é o racismo. O racismo que produz as diferenças hierarquizadas e essencializadas. Sendo a hierarquização e a essencialização – e não a diferença – os problemas maiores a serem enfrentados. No âmbito das lutas sociais analisadas por Foucault (destacadas no subcapítulo sobre a analítica do sujeito), poder-se-ia incluir o multiculturalismo como uma luta contra a dominação étnica, que por isso essencializa a relação diferença-identidade, quando deveria tornar-se uma luta contra as identidades fixas, contra aquilo que liga o indivíduo a si mesmo e o submete.

Hall (2006: 49-94) ao analisar a questão multicultural destaca que o termo multiculturalismo se encontra discursivamente enredado: por um lado foi apropriado por parte de políticas de integração de imigrantes de uma forma essencializante; por outro lado pode ser resgatado para construir sociedades onde seja possível conjugar o particular e o universal, a liberdade e a igualdade com a diferença. No mesmo sentido, Almeida (2000b), destaca que o conceito de hibridismo pode ser interpretado de diversas formas: a partir da mestiçagem, ocultando as desigualdades; a partir de um multiculturalismo de direita, que mantém cada grupo essencializado e distante; e, a partir de uma perspectiva potencializadora que negue o essencialismo. Para o autor: “As culturas (e “raças”) diferentes, direitos diferentes, por respeito a sua identidade. Este «multiculturalismo de direita» permanece até hoje em vários setores. O «multiculturalismo de esquerda» precisa, por isto, de um trabalho crítico acrescentado, de

modo a não padecer do mesmo problema. E tal só é possível negando o essencialismo cultural. É desta atitude que pode emergir um hibridismo propositivo e criador” (*idem*: 196).

Os sociólogos cumprem um papel importante ao evidenciar a realidade social na qual a diferença dificulta a integração e causa o preconceito, no entanto é possível e necessário (tanto em termos sociais como sociológicos) avançar na discussão ao desnaturalizar este processo, questionando esta realidade e demonstrando sua construção histórica. É preciso demonstrar que a diferença somente dificulta a integração e reforça o preconceito porque a diferença é percebida como negativa (maldição) naquele contexto. Ou seja, é preciso avançar e perceber que não é a diferença em si que causa a discriminação, mas sim a forma como a diferença foi construída associada ao racismo: ou seja, a diferença hierarquizada e essencializada.

Exemplos poderiam ser apresentados de investigações que, implicitamente, naturalizam a diferença como algo ruim, apresentando-a como causa do preconceito ao imigrante; sem questionar que a diferença poderia ser percebida como algo bom e é percebido como ruim contextualmente, devido ao racismo. Em grande medida, a Sociologia das Migrações acaba por compartilhar a crença de que a diferença é a responsável pelo preconceito, sem perceber os valores históricos e culturais que constroem a diferença de forma hierarquizada. Cita-se, por exemplo, Albuquerque, Ferreira e Viegas (2000: 7), os quais, ao analisarem o associativismo imigrante e as formas de combater a discriminação, afirmam que: “toda a experiência da alteridade, que parte da diferença, posiciona de imediato como superior ou inferior a mesma diferença”. Acredita-se que esta afirmação pode corresponder à realidade europeia referente aos imigrantes, como identificam os sociólogos. No entanto, não pode transformar-se em premissa teórica, como tem ocorrido, pois assim naturaliza a percepção da diferença como hierarquização. A diferença não implica, imediatamente, em hierarquização. A diferença implica, historicamente e contextualmente, em hierarquização.

Se na Sociologia das Migrações, interessada em explicar realidades concretas, esta discussão não foi aprofundada; acredita-se que é o papel da perspectiva foucaultiana e descolonial contribuir para aprofundar esta discussão, complementando a Sociologia das Migrações – no sentido exposto por Elder-Vass (2012), através do qual o construtivismo é entendido como uma perspectiva analítica importante com potencial crítico.

O Turismo consiste em um importante campo através do qual é possível evidenciar que a diferença não é intrinsecamente negativa, ameaçadora, ruim e hierarquizada. Wainberg (2003) afirma que o Turismo é a Indústria da Diferença, sem diferença não há turismo, o

turista é motivado a deslocar-se ao encontro do diferente (seja em termos de paisagem natural, cultural ou de pessoas), através da comunicação. Enquanto para as discussões em torno da Imigração a diferença é algo ruim; para as discussões em torno do Turismo, é algo bom. Neste ponto, a *Genealogia da Moral*, de Nietzsche (2009) merece uma menção, por ter problematizado e historicizado o “bem” e o “mal”, tendo servido de inspiração para Foucault e outros pós-estruturalistas.

No entanto, a situação é ainda mais complexa. Entende-se que é o racismo – marca fundamental da modernidade – que atravessa a noção de diferença para que esta seja percebida como “boa” ou “ruim”. Em geral as investigações sobre migrações identificam que o imigrante é visto como negativo por ser diferente. No entanto, quem é o diferente indesejado? Provavelmente, um francês que venha investir em Portugal ou dar aulas em uma universidade não verá sua diferença transformada em discriminação, não será oficialmente considerado imigrante, após o acordo Schengen⁸, tampouco socialmente condenado como imigrante (mesmo que não fale português). Enquanto que uma brasileira, mesmo que venha para dar aulas em uma Universidade⁹, caso consiga entrar no país, deverá conter seu modo de vestir, de gesticular e de falar para não ser assediada em mesmo contexto. Ou, ainda, será exigido de uma brasileira recém Doutora em uma importante universidade pública portuguesa, um diploma de seu 12º ano escolar para comprovar que fala português e, assim, poder solicitar a nacionalidade portuguesa¹⁰. Ou seja, a diferença é hierarquizada conforme o racismo construído desde o período colonial.

Horta e White (2009) também enfatizam que o passado colonial influencia discursos, políticas e práticas de cidadania e de identificação do “outro” em sociedades democráticas multiculturais. Os autores destacam a importância do passado colonial para a compreensão das migrações atualmente, sobretudo de ex-colônias para ex-metrópoles. Ao analisarem o caso português, os autores ressaltam a atual reinvenção da lusofonia, na qual Portugal se vê como o centro de um vasto mundo que fala a Língua Portuguesa. Este discurso beneficiaria os imigrantes que fazem parte deste mundo lusófono (ou seja, aqueles oriundos das ex-colônias).

No entanto, acredita-se que a preferência de Portugal por imigrantes de ex-colônias, através do discurso lusófono, não exclui discursos de hierarquização, atravessados pelo racismo e por imaginários coloniais (como será analisado nos discursos do Alto Comissariado

⁸ Sanches (2012: 199) afirma que “a condição pós-imperial não pode ser dissociada das narrativas identitárias nacionais e das correspondentes políticas em torno da «integração» ou «união» europeias”.

⁹ Refere-se aqui a vários casos reais que aconteceram com professoras universitárias e pesquisadoras brasileiras, que foram impedidas de entrar no Espaço Schengen. Um exemplo pode ser lido em: <http://www.viomundo.com.br/voce-escreve/a-pesquisadora-que-foi-expulsa-da-espanha.html>

¹⁰ Refere-se aqui a um caso real registrado durante a etnografia em Portugal.

para Imigração e Diálogo Intercultural, no subcapítulo 2.2.4.2); assim como, o discurso lusotropical (conforme discutido anteriormente no subcapítulo 1.2.3), não excluiu o racismo. Os imigrantes lusófonos podem ser desejados, mas em posições subalternas ou assimilados. Isto é especialmente evidenciado no que tange as mulheres brasileiras imigrantes, para as quais a reinvenção da lusofonia interfere negativamente no processo migratório, pois reedita imaginários coloniais que não são favoráveis. Acredita-se que as mulheres brasileiras são construídas como diferentes das portuguesas, hipersexualizadas e “Evas” – como será analisado no decorrer da Tese. Desta forma, entende-se que a lusofonia não exclui a construção de diferenças hierarquizadas, especialmente no que tange a construção das mulheres brasileiras como imigrantes indesejadas ou como imigrantes que devem mudar seu comportamento e assimilarem-se de forma subalternizada.

O discurso em torno do imigrante ítalo-germânico como herói no sul do Brasil é um exemplo que também evidencia como as construções sobre quem é o imigrante desejado ou indesejado são atravessadas pelas hierarquias raciais históricas. Segundo Seyferth (1996: 45) a política governamental de incentivo a imigração europeia no Brasil, no final do século XIX e início do século XX, foi apresentada como um instrumento para civilizar o país. O imigrante, por ser europeu, foi glorificado. Ainda hoje, a reconstrução da italianidade (e também de germanidade) alimenta o imaginário turístico da região do Estado do Rio Grande do Sul, onde houve políticas de imigração europeia (Gastal e Sales, 2012).

Portanto, não é a simples diferença que gera preconceitos; tampouco é o grau de diferença (mais ou menos diferença). Isto porque um português e uma brasileira compartilham a mesma língua, a mesma história, muitos elementos da culinária, festas populares (como as homenagens a São João e Santo António em Junho); enquanto que um português e um francês só tem em comum o fato de ser europeu e de ter sido metrópole colonial. Também, um imigrante alemão ou italiano no Brasil no início do século XX nada tinha em comum com a população autóctone, e, assim mesmo, foi glorificado. Ou seja, o binário metrópole *versus* colônia / europeu *versus* não-europeu parece ser um importante demarcador da diferença no momento da discriminação de imigrantes. Isto significa que o racismo (em suas hierarquias construídas historicamente) é o principal elemento que define a diferença “boa” e a “ruim”; o “bom” e o “mau” imigrante.

Não se trata, também, de uma questão de identidade *versus* alteridade. Isto porque Portugal constrói uma identidade tanto lusófona quanto europeia. Inclusive, a identidade lusófona não está em contradição com a identidade europeia: Portugal é lusófono e é europeu porque foi império colonial. Uma das principais marcas da identidade nacional portuguesa é a

glorificação do império colonial (Sobral, 2010). Trata-se, portanto, da forma como a percepção da diferença é atravessada pelo racismo. A diferença é hierarquizada entre Portugal (sinônimo de metrópole) e os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa e o Brasil (sinônimos de colônias). Se, por um lado, a lusofonia favorece imigrantes de ex-colônias portuguesas com relação a outros imigrantes (Horta e White, 2009); por outro lado, os favorece menos do que a europeus e não deixa de reproduzir imaginários coloniais marcados pelo racismo, especialmente no caso das brasileiras.

Da mesma forma que o racismo e os imaginários coloniais atravessam a percepção e produção da diferença dos imigrantes; atravessam também a percepção e produção dos turistas sobre as comunidades receptoras. Assim como os Estudos de Migrações tendem a ver a diferença como algo ruim, e não o é intrinsecamente; os Estudos de Turismo tendem a ver como algo bom, e não o é essencialmente. Como analisado anteriormente as representações turísticas européias sobre os países periféricos ao capitalismo central (as antigas coloniais) são carregadas de imaginários coloniais. Os povos das ex-colônias são atrativos turísticos considerados exóticos; sua diferença – apesar de vista como boa pela indústria do turismo porque gera receitas – é percebida de forma inferiorizada e essencializada. Em suma, para analisar tanto o Turismo como as Migrações, como produtores de imaginários sociais e da diferença, é preciso refletir sobre o racismo e o sexismo, através de uma investigação contextualizada e com uma perspectiva histórica – como realizar-se-á nesta Tese.

Neste sentido destaca-se a abordagem de Brah (2006) que trabalha com a diferença como categoria analítica. Conforme Piscitelli (2008: 269):

Essa idéia remete à análise de como as formas específicas de discursos sobre a diferença se constituem, são contestados, reproduzidos e (re)significados, pensando na diferença como experiência, como relação social, como subjetividade e como identidade. A autora afirma que há discursos que apresentam diferenças, como o racismo, que traçam limites fixos. Entretanto, outras diferenças podem ser apresentadas como relacionais, contingentes. Como a diferença nem sempre é um marcador de hierarquia nem de opressão, uma pergunta a ser constantemente feita é se a diferença remete à desigualdade, opressão, exploração. Ou, ao contrário, se a diferença remete a igualitarismo, diversidade, ou a formas democráticas de agência política.

É neste sentido que a tese analisará a construção do imaginário <Mulher Brasileira> como uma produção da diferença interseccionada entre gênero, sexualidade e raça. Ou seja, buscando perceber as relações de poder que constroem a diferença <Mulher Brasileira> e não naturalizando esta diferença. Para isto, serão analisados discursos sobre imigração (no segundo capítulo), discursos turísticos e culturais (no terceiro capítulo) e formas de resistência e reexistência a estes discursos (no quarto capítulo).

Capítulo 2

A Construção da Ordem Discursiva <Mulher Brasileiras> em Portugal (I): Imaginários sobre a “Brasileira Imigrante”

Neste capítulo iniciar-se-á a arque-genealogia de diferentes discursos, cujo objetivo é o de mapear a ordem discursiva <Mulher Brasileira> em Portugal. O enfoque será nos discursos relacionados ao universo da imigração brasileira, buscando perceber como constroem o imaginário “brasileira imigrante”. No próximo capítulo completa-se a arque-genealogia, através da análise dos discursos turísticos e culturais, a fim de avaliar como se dá a construção do imaginário “mulher brasileira como atrativo turístico / produto cultural”.

O capítulo inicia com uma contextualização: o primeiro subcapítulo (2.1) consiste na contextualização da imigração brasileira para Portugal, através de dados secundários e dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. O segundo subcapítulo (2.2) contextualiza os imaginários sociais presentes na sociedade portuguesa sobre a <Mulher Brasileira>, através de análise da mídia (a partir de vestígios aleatórios e da literatura) e dos estereótipos da população portuguesa (a partir da literatura).

Após as contextualizações, inicia-se a arque-genealogia, a fim de analisar com minúcia a construção do imaginário de <Mulher Brasileira> em diferentes discursos, buscando perceber a ordem discursiva e seus diferentes elementos. No terceiro subcapítulo (2.3), analisam-se as principais associações de imigrantes brasileiros em Portugal, através de entrevistas (cujo guião encontra-se no anexo A) e observação participante, com o mesmo objetivo de perceber quais seus discursos e como estão relacionados com a ordem discursiva. Em seguida, no quarto subcapítulo (2.4), são analisados os discursos oficiais de (i)(e)migração dos Estados Português e Brasileiro: Serviço de Estrangeiros e Fronteira de Portugal (SEF), Alto Comissariado para Imigração e Diálogo Intercultural de Portugal (ACIDI) e Conselho de Representantes dos Brasileiros no Exterior do Ministério das Relações Exteriores do Brasil (CRBE/MRE), através de observação participante em eventos oficiais e em reuniões, bem como, através de pesquisa documental, a fim de perceber como contribuem para a construção do imaginário de “brasileira imigrante” e como reconstroem os imaginários da lusofonia.

2.1 A Brasileira Imigrante em Portugal: Contextualização

Entende-se que ao iniciar uma Tese acerca de determinado tema é necessário apresentar brevemente uma contextualização sobre o mesmo, no caso, sobre a imigração brasileira em Portugal. Para isto, utilizam-se dados secundários provenientes da literatura e dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. No entanto, percebe-se que os discursos acadêmicos e oficiais que procuram traçar o perfil das imigrantes brasileiras também contribuem para a reiteração do discurso “brasileira imigrante”.

Como demonstra Foucault (2004a), as ciências sociais também são discursos de poder que (re)constroem realidades. Os discursos que contextualizam os imigrantes acabam por reforçar generalizações, invisibilizando as heterogeneidades e reforçando o imaginário “imigrante”. Esta reflexão é também desenvolvida por Gregório-Gil (2010) ao enfatizar a necessidade de desconstruir a categoria “mulher imigrante”. No mesmo sentido, Munanga (2003) e Balibar (1988) apontam que os estudos sobre grupos étnicos criam ou consolidam a própria etnia, por produzirem categorizações e essencializações (como outrora fez o conceito de raça, criando as raças e o racismo). Da mesma forma, uma abordagem descolonial precisa demonstrar e desmontar este processo de construção de categorias.

Esta Tese não se propõe, portanto, a descrever a imigração brasileira: nem através de uma análise de fluxos e processos migratórios; nem através de descrições do grupo imigrante no destino. No entanto, dialoga com as investigações já realizadas nestes âmbitos. Isto porque, como alerta Elder-Vass (2012) o construtivismo é uma perspectiva analítica importante com potencial crítico, no entanto, não deve ser utilizado de uma forma extrema, pois assim inviabilizaria o conhecimento da realidade social. Esta tese insere-se na perspectiva construtivista crítica, sem deixar de conferir atenção central a investigação empírica. Enfoca o imaginário <Mulher Brasileira> em Portugal através da construção deste discurso hegemônico e de como sujeitos “mulheres brasileiras” resistem e reexistem a este discurso (subjetivam-se) de diferentes formas. O contexto da análise é a imigração brasileira para Portugal, no entanto, o enfoque é diferente (construtivista) e complementar (não extremo) aos trabalhos até então realizados.

Em geral, as principais abordagens da Sociologia das Migrações, como referenciadas no primeiro capítulo, dividem-se em: investigações macro / quantitativas sobre fluxos migratórios e perfis de migrantes; e micro / qualitativas com enfoque descritivo no objeto “comunidade imigrante” no país de destino. Ambas fundamentam-se em critérios objetivos pré-estabelecidos ou essencializações sobre o que é um “migrante”. Nestas perspectivas a

“brasileira imigrante” seria uma pessoa do sexo (biológico) feminino, com nacionalidade brasileira, que vive há mais de um ano fora de seu país de origem¹¹. Desta forma, são negligenciadas as múltiplas subjetivações, como serão analisadas no capítulo quatro, por exemplo: uma portuguesa que subjetiva-se como brasileira; um homem brasileiro subjetiva-se como mulher brasileira; brasileiras que se subjetivam aproximando-se da portugalidade. São ocultadas também diferentes realidades: como estudantes com bolsa de estudos do país de origem, que passado o período de estudo são obrigadas a retornar, não se enquadrando em uma análise clássica de imigração; como mulheres de nacionalidade portuguesa, mas que emigraram ao Brasil ainda crianças e quando retornam como adultas são identificadas pela sociedade portuguesa como “imigrantes brasileiras” (pelo sotaque, forma de vestir e de se comportar); como mulheres com naturalidade brasileira, mas nacionalidade portuguesa devido a serem filhas de portugueses; entre outros muitos casos. Ao invisibilizar estas multiplicidades e complexidades, as investigações objetivas reiteram e categorizam o que é ser mulher, ser estrangeira, ser imigrante, ser brasileira.

Acredita-se que estas críticas e reflexões são necessárias tendo em vista a perspectiva teórica desta Tese, através da qual se percebe que estas investigações acabam por colaborar na consolidação da categoria “brasileira imigrante”. Entende-se que os trabalhos de caráter mais objetivo, com enfoque na contextualização geral, são importantes e se constituem como uma tentativa de aproximação da realidade, notadamente uma primeira tentativa. Estes trabalhos são fundamentais para determinados objetivos científicos e para colaboração com políticas públicas. No entanto, após a contextualização geral, acredita-se que é imprescindível avançar em diferentes análises, sejam em abordagens qualitativas que demonstrem as heterogeneidades, sejam em abordagens que busquem desconstruir as categorizações.

Padilla (2012) aponta no mesmo sentido ao afirmar que os estudos sobre imigração brasileira na Europa estão em um momento de evolução, onde emergem objetos de análise de caráter micro, específico, com novos olhares; ressaltando, ainda, que os primeiros esforços de caráter generalista e macro, mesmo que pareçam simplificadores, não podem ser desvalorizados, pois criaram o campo de estudos da imigração brasileira. A autora destaca que a flexibilidade e a reflexividade são fundamentais nos estudos de migração para desconstruir idéias deterministas e categorizações; ressaltando que a criação de categorias é importante no processo científico, desde que em uma perspectiva sempre dinâmica. Como exemplo, a autora

¹¹ Conforme a Organização Internacional das Migrações não há uma definição universalmente aceita do que é um “migrante”, sendo que as Nações Unidas o define como um indivíduo que reside em um país estrangeiro por mais de um ano. Disponível em: <http://www.iom.int/cms/en/sites/iom/home/about-migration/key-migration-terms-1.html#Migrant>

ênfatiza que se partiu da categoria “os imigrantes”, passando pela categoria “as imigrantes”, para chegar em “imigrante mulher brasileira”, o que demonstra uma evolução nos estudos. Nesta Tese, pretende-se contribuir no campo dos estudos de migração brasileira, desenvolvendo uma perspectiva desconstrutivista da categoria “imigrante mulher brasileira”.

2.1.1 A Sociologia das Migrações em Portugal e o tema da Imigração Brasileira

Durante os séculos XIX e XX Portugal foi um país de emigração (para o Brasil, Estados Unidos da América, países europeus, entre outros destinos). A partir da democratização e da descolonização, em 1974, o país se torna receptor de imigrantes. Atualmente, Portugal é um país tanto emissor quanto receptor de migrantes (Machado, 1997; Peixoto, 2004b; Pires *et al.*, 2010; Pinho, 2012).

Conforme Baganha e Góis (1999) o tema da emigração foi de grande interesse para a Sociologia Portuguesa a partir da década de 1960. Na década de 1980 emergem os estudos sobre a imigração em Portugal, os quais acabam por tornarem-se mais expressivos do que os trabalhos sobre os emigrantes portugueses. Isto ocorreu, segundo os autores, devido a três fatores: ao decréscimo da emigração entre 1974 e 1985; a falta de dados sobre emigração (desinteresse do setor público); e a visibilidade social da imigração. Feldman-Bianco (2007) também analisa este momento de transição de Portugal de uma metrópole imperial para uma nação pós-colonial, sendo que uma das principais características destacadas pela autora é a transformação de Portugal em um país receptor de imigrantes de suas ex-colônias.

No balanço das investigações sobre imigração em Portugal, realizado por Machado e Azevedo (2009), abrangendo um período que vai de 2000 a 2008, a partir de um levantamento bibliográfico minucioso, os autores evidenciam que o tema da imigração brasileira é um dos de maior crescimento nos anos recentes. Os autores levantaram cerca de 800 trabalhos sobre migrações, em várias áreas do conhecimento científico, especialmente a Sociologia e a Antropologia. Esta grande produção, segundo os autores, deve-se a quatro fatores: 1) a diversidade cultural que a imigração gera e uma consequente curiosidade sobre quem é o “outro” (o que fez aumentar também os estudos também sobre os ciganos); 2) a questão política da gestão dos fluxos e da integração dos imigrantes; 3) o estímulo institucional (financiamento, eventos científicos) resultante dos fatores culturais e políticos; e 4) a intensa atenção científica dada ao tema, devido a fatores internos ao campo científico, como a necessidade de distinção que um tema novo pode dar ao pesquisador, e a tendência a posterior

imitação. Os autores destacam ainda um crescimento sustentado da produção científica sobre o tema, de 2000 a 2008.

Machado e Azevedo (2009) continuam sua análise a destacar os temas e os grupos migrantes, objeto da Sociologia das Migrações. Os cinco temas mais estudados são: políticas; mercado de trabalho; retratos de populações; coexistência e representações interétnicas; e, fluxos migratórios. Estes temas representam mais de metade dos títulos recenseados. O tema da educação aparece como intermediário. E os últimos quatro, dos dez mais importantes, são: descendentes de imigrantes; identidades e práticas culturais; saúde e doença; mulheres e relações de gênero. Ao analisar o crescimento dos temas entre os anos de 2006 a 2008, com relação ao seu crescimento médio, os autores apontam que os mais trabalhados (políticas e mercado de trabalho) continuaram em crescendo; no entanto, temas que não se situam entre os dez mais pesquisados tiveram grande crescimento nos últimos anos, como as representações mediáticas.

Com relação aos grupos estudados, os autores apontam que quase metade dos trabalhos tomou como objeto de estudo imigrantes em geral, isto porque muitos temas, como o mais estudado das políticas, se referem a todos os grupos (outros temas, como mercado de trabalho, fluxos de imigrantes e racismo também são multigrupo). No polo oposto estão os trabalhos sobre identidade e práticas culturais e religiosas, que se focam em grupos específicos. O grupo mais estudado de forma focalizada é o dos descendentes de imigrantes, seguido por ciganos, brasileiros, cabo-verdianos, imigrantes do Leste, chineses, indianos hindus, guineenses, imigrantes dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa). Os autores ressaltam que há grupos não estudados, enquanto outros são abordados como homogêneos quando, de fato, não o são (como é o caso da generalização sobre os imigrantes do Leste europeu). Ao analisar as tendências de crescimento, como realizado para os temas, os autores apontam o crescimento de estudos sobre brasileiros, guineenses, imigrantes dos PALOP e cabo-verdiano.

Confirmando esta tendência de crescimento dos estudos sobre os brasileiros em Portugal, e se ampliando para a Europa, destacam-se os Seminários de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa. O primeiro foi realizado em Novembro de 2010, na cidade de Barcelona, no qual foram apresentados trabalhos que versavam sobre os brasileiros/as em Portugal, Espanha, Inglaterra, França, Itália, Suíça, Alemanha e Bélgica. Das trinta e sete comunicações, treze enfocaram Portugal. Do total de 41 trabalhos publicados nas atas (AA.VV. 2010) 34% tratam da imigração brasileira em Portugal. Referente aos temas, as comunicações foram divididas em oito painéis temáticos, sendo eles: gênero e sexualidade;

gênero e família; gênero e sociedade I; gênero e sociedade II; identidade, integração e religião; fluxos migratórios, mercado de trabalho e economia; fluxos migratórios, trabalho e educação; e integração e cultura.

Destaca-se a questão de gênero, a qual ocupou 50% dos painéis temáticos, ficando acima de temas tradicionais na área das migrações, como integração, fluxos migratórios e mercado de trabalho. No entanto, cabe destacar que a maioria dos trabalhos utiliza a categoria gênero como um recorte do objeto empírico, ou seja, o enfoque empírico está nas mulheres. Na maioria dos trabalhos não há reflexões teóricas, não são citadas referências (nem clássicas, nem contemporâneas) dos estudos de gênero, da teoria feminista, do feminismo descolonial ou da teoria *queer*.

Os treze trabalhos sobre Portugal subdividem-se nas seguintes temáticas: sete sobre gênero; um sobre a integração; um sobre saúde; um sobre os fluxos de brasileiros para Portugal nos últimos vinte anos; um sobre associativismo; dois sobre imigração estudantil. Nota-se que se mantém em Portugal o destaque para a temática de gênero. Destaca-se que, dos sete trabalhos com enfoque de gênero e recorte em Portugal, três deles centram-se no tema dos imaginários, estereótipos e discursos sobre as mulheres brasileiras. Além destes três, mais um trabalho do seminário, este sobre a Espanha, centra-se nos imaginários sociais construídos pela mídia sobre as mulheres brasileiras. E outro trata da presença da cultura brasileira na França, em espetáculos de animação cultural, e como isso pode reproduzir estereótipos. Ou seja, dos cinco trabalhos sobre estereótipos, quatro têm enfoque de gênero, dos quais três são sobre Portugal.

O 2º Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa (Padilla *et al.* 2012) foi realizado em Junho de 2012, na cidade de Lisboa. Foram apresentados trabalhos que versavam sobre os brasileiros/as em Portugal, Espanha, Inglaterra, França, Holanda, Noruega, Itália, Suíça e Bélgica – o que representa uma maior diversidade de país se comparado a primeira edição do evento. Das cinquenta e uma comunicações, 25 enfocaram Portugal. A temática de gênero manteve-se como de grande importância e notou-se um avanço em termos de discussões teóricas. Novamente a temática dos estereótipos e dos preconceitos fez-se presente, especialmente quando relacionada a gênero e ao contexto português.

Cabe destacar que além das investigações sobre a imigração brasileira na Europa, têm sido realizados importantes trabalhos sobre os imigrantes brasileiros nos Estados Unidos da América (Assis, 1995; Beserra, 2005; Siqueira, 2007), o qual é o principal destino da emigração de brasileiros (OIM, 2010: 41). Além dos Estados Unidos e da Europa, outros destinos importantes são a América Latina e o Japão (Firmeza, 2007). As investigações

abordam os fluxos, as redes, as políticas, a inserção laboral, o retorno, as motivações, o cotidiano, as identidades. Algumas perpassam a questão dos imaginários sobre as mulheres brasileiras, as quais serão mencionadas no decorrer da Tese, como complemento da análise do caso português.

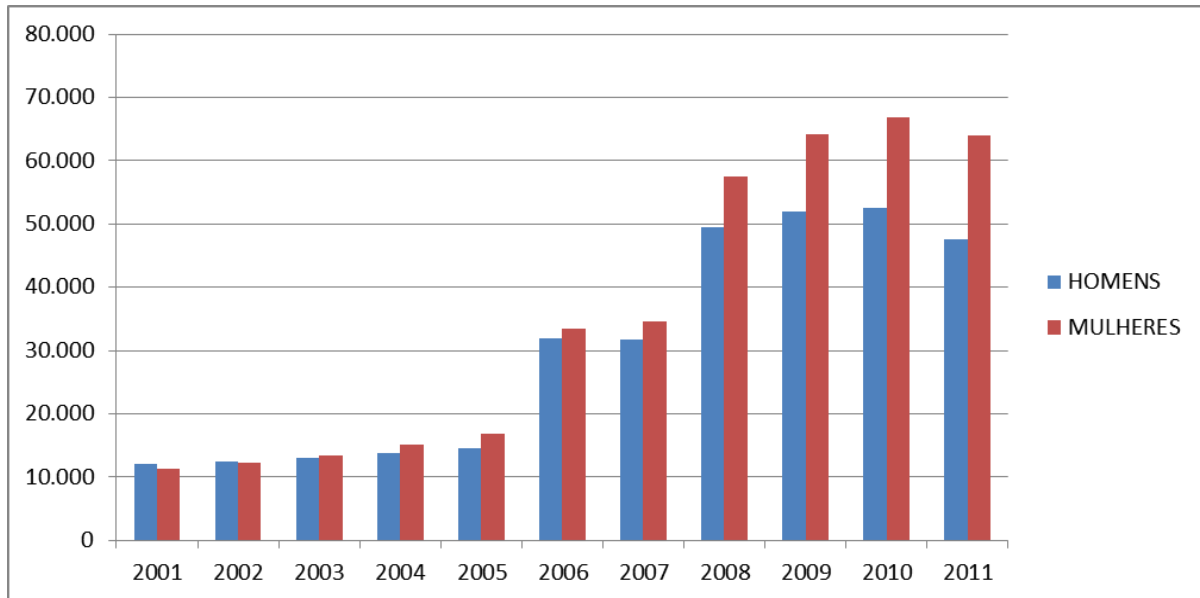
2.1.2 A Imigração Brasileira em Portugal e a Feminização das Migrações

Portugal foi o primeiro destino importante da emigração de brasileiros na Europa (OIM, 2010: 43). A imigração brasileira para Portugal tem sido caracterizada, em linhas gerais, por dois movimentos: a primeira vaga, correspondendo ao final dos anos 1980 até meados da década de 1990; e a segunda vaga, iniciando no final dos anos 1990 até o período atual (no qual se pode estar assistindo a um processo de mudança). A primeira vaga corresponde a um fluxo de profissionais com formação universitária que buscaram Portugal como alternativa a crise brasileira (com altas taxas de inflação e insegurança urbana) e inseriram-se em setores qualificados do mercado de trabalho. A segunda vaga corresponde a uma imigração laboral, de trabalhadoras com pouca formação escolar, os quais se inseriram nos setores da construção, do comércio e da restauração, que buscaram Portugal para melhorar suas condições de vida e enviar remessas para suas famílias, tendo em vista a entrada de Portugal na zona Euro (Pinho, 2012; Malheiros, 2007). Conforme Góis, Peixoto, Marques e Padilla (2009) ao longo dos anos 2000 a segunda vaga de imigração brasileira intensificou-se: o fluxo aumentou, mas manteve as mesmas características.

Segundo o Relatório de Imigração, Fronteira e Asilo, referente ao ano de 2009, 116.220 indivíduos eram de nacionalidade brasileira, dos quais 52.061 homens e 64.159 mulheres (SEF, 2010). No ano de 2010, houve um crescimento comparado a 2009, sendo 119.363 indivíduos de nacionalidade brasileira (SEF, 2011), mantendo a maioria feminina. Já em 2011, o número caiu para 111.445 indivíduos (SEF, 2012), dos quais 47.518 homens e 63.927 mulheres. Comparando-se os dados referentes aos anos de 2009, 2010 e 2011 percebe-se um decréscimo, o que pode apontar para um processo de mudança atual nos fluxos migratórios entre Brasil e Portugal, com uma tendência de retorno de brasileiros, tendo em vista a crise econômica em Portugal e crescimento econômico do Brasil. Padilla e Ortiz (2012) destacam esta desaceleração recente da imigração em Portugal, a qual estaria relacionada com o contexto de crise. Ainda que possa estar havendo um decréscimo, a imigração brasileira é bastante significativa, sendo que os brasileiros representam em torno de 25% da população estrangeira residente em Portugal. A maioria feminina ilustra uma das

características das migrações internacionais contemporâneas: a feminização. O gráfico a seguir é ilustrativo deste fluxo, demonstrando o aumento significativo a partir de meados dos anos 2000, um pequeno retrocesso em 2011 e o processo de feminização.

Figura 5: Residentes brasileiros em Portugal, por sexo, 2001 – 2011.



Fonte: Relatórios do SEF. Elaboração própria.

Referente ao perfil desta imigração brasileira destaca-se o projeto *Vagas Atlânticas: A Imigração Brasileira em Portugal* (Peixoto *et al.*, 2010) desenvolvido entre 2007 e 2010, o qual consistiu em um significativo inquérito à população brasileira em Portugal, para a ampla caracterização desta população (o projeto envolveu três grandes centros de investigação: CIES-IUL, CES-UC, Socius/ISEG/UTL). Com relação às mulheres brasileiras, o relatório estatístico preliminar aponta que o perfil da imigrante brasileira é basicamente de jovens que trabalham em nichos específicos do mercado de trabalho, nomeadamente em atividades voltadas para o atendimento ao público (restaurantes, cafés e lojas), no setor de limpeza e auxílio a idosos e crianças. Um número significativo é proveniente dos estados de Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Goiás e Espírito Santo. Localizam-se, sobretudo, na região de Lisboa, com presença importante também no Porto e em Faro. O conhecimento deste perfil é importante, no entanto, não se pode generalizar para não reforçar o imaginário de “brasileira imigrante”. Existem, também, estudantes, investigadoras, dentistas, advogadas, empresárias, empreendedoras no setor da beleza, entre outras (Malheiros, *et al.* 2010).

França (2012), ao explorar os dados do projeto *Vagas Atlânticas* no que tange as mulheres brasileiras e sua inserção no mercado de trabalho português, aponta que grande

parte destas mulheres tem uma inserção laboral abaixo de suas qualificações literárias. Segundo a autora: “a mobilidade ocupacional das mulheres brasileiras em Portugal, no momento da chegada, é descendente, havendo perda das qualificações profissionais, mas que com o passar do tempo tende a ser recuperada, embora não atinja os mesmos níveis daqueles observados no Brasil” (França, 2012: 165). A autora demonstra, também, que o número de desempregadas em Portugal é maior do que no Brasil: “enquanto no Brasil apenas 8,2% relataram estar nessa situação, em Portugal o número sobe para 17,5%” (*idem*: 162). Conforme França (2012) o processo de precarização das relações laborais em Portugal é somado à segregação sexual e étnico-racial do mercado de trabalho. Referente à caracterização geral das imigrantes brasileiras, a partir do inquérito supracitado, a autora destaca que:

Pode-se traçar o perfil das imigrantes brasileiras como mulheres jovens, em idade economicamente ativa, na faixa etária entre os 20 e 39 anos (69,5%); relativamente bem qualificadas, tendo a maioria concluído o ensino médio (52,9%); 13,9% a licenciatura e 6,4% mestrado, pós-graduação ou doutorado. No que diz respeito à situação familiar, pouco menos da metade delas é casadas ou está em união de facto (47,7%) e a maior parte (52,2%) possui de um a três filhos/as. Ainda que maioria dos filhos e filhas das imigrantes brasileiras tenha nascido no Brasil (73,1%), atualmente 60,3% vivem em Portugal (França, 2012: 160).

Com relação ao projeto migratório, França (2012: 170) destaca que “do total da população feminina, 53,7% afirma ter sido o primeiro membro da família a migrar, enquanto no universo masculino apenas 46,3% apresentou a mesma resposta”. Segundo a autora, este dado indica que a feminização em Portugal não está relacionada apenas ao aumento do número de mulheres, mas também, a construção de projetos autônomos de migração. Segundo Padilla (2007) e Assis (2007), a feminização da imigração significa o aumento do número de mulheres, a concretização de projetos autônomos de imigração e, ainda, o protagonismo de mulheres na construção das redes migratórias e em projetos familiares de imigração.

Marques e Góis (2011) demonstram a feminização tanto da emigração portuguesa quanto da imigração para Portugal. Referente à imigração, apontam que em todas as populações imigrantes houve aumento do número de mulheres; sendo que entre brasileiros, angolanos e cabo-verdianos o número de mulheres ultrapassou o número de homens em 2010. Segundo dados do SEF (2011), as brasileiras representam cerca de 30% das imigrantes de sexo feminino em Portugal. Marques e Góis (2011) destacam as vulnerabilidades específicas às quais estão sujeitas as mulheres imigrantes, mencionando o problema do estereótipo das

brasileiras (*idem*: 50). São estas vulnerabilidades e estereótipos que serão abordadas a partir daqui, no decorrer desta Tese.

2.2 A Brasileira Imigrante na Comunicação Social Portuguesa e nos Estereótipos da População Portuguesa

Após contextualizar a imigração brasileira, ressaltando a feminização, busca-se contextualizar os imaginários presentes da sociedade portuguesa sobre as imigrantes brasileiras. Para este fim, serão mencionadas investigações já realizadas nestes âmbitos. As pesquisas na área da Comunicação Social mapeiam os estereótipos sobre a brasileira imigrante na mídia portuguesa, sendo importantes para identificar de forma geral estes estereótipos. As investigações na área da Psicologia Social identificam os estereótipos sobre os imigrantes através de inquéritos à população portuguesa. A partir destes estudos de caráter mais geral inicia-se a investigação que será empreendida neste capítulo (segundo) e no próximo capítulo (terceiro), a qual tem o objetivo de analisar a ordem discursiva <Mulher Brasileira> em Portugal. Entende-se que as pesquisas das Ciências da Comunicação e da Psicologia Social, que serão mencionadas a seguir, são importantes para uma identificação geral dos estereótipos. No entanto, pretende-se avançar na análise. Ao invés de identificar os estereótipos em um discurso específico, no decorrer da Tese analisar-se-á como estes são construídos em diferentes discursos, quais as relações de poder estão presentes, quais os elementos que compõem estes imaginários e como eles se tornam uma ordem discursiva. Este subcapítulo é, sobretudo, bibliográfico, no entanto, alguns exemplos da mídia, recolhidos de forma aleatória, serão utilizados. Estes exemplos, dentro da metodologia utilizada, são entendidos como vestígios da ordem discursiva.

2.2.1 A Brasileira Imigrante na Comunicação Social Portuguesa

Investigações na área das Ciências da Comunicação têm se dedicado a análise da mídia e como esta constrói estereótipos sobre a mulher brasileira em Portugal (Cunha, 2005; Pontes, 2004), sobre o Brasil (Souza, 2002; Lisboa, 2008), acerca das mulheres imigrantes (Santos, 2007) e sobre os imigrantes em geral. Nesta abordagem mais geral destaca-se a investigação realizada pelo Observatório da Comunicação para o Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas – ACIME (Cádima *et al.*, 2003) e duas publicações do ACIME intituladas “Media, Imigração e Minorias Étnicas” (Cunha *et al.*, 2004; 2006). Estas

investigações evidenciaram que a mídia tem um papel central na construção de estereótipos associados aos imigrantes. Os autores demonstraram que o tema “crime” é um dos que mais aparece na mídia vinculado aos imigrantes. Evidenciaram, ainda, a preocupação de entidades reguladoras com a questão, as quais incentivam pesquisas acadêmicas e formação para jornalistas.

Especificamente sobre o Brasil, destaca-se o estudo de Souza (2002), o qual consiste em uma análise quantitativa dos discursos da imprensa portuguesa (Diário de Notícias, o Público, a revista Visão, entre outros) sobre o Brasil. O autor demonstra que a maioria das peças de jornais de grande circulação apresenta uma visão positiva do Brasil, e que abordam principalmente temas sobre cultura, espetáculos, televisão e esportes. Os dados são de 1999, antes da segunda vaga de imigração brasileira. Nesse sentido entende-se que já havia estereótipos sobre o Brasil associados à festa, a alegria, ao corpo, ao esporte, no entanto, é na primeira década de século XXI que este estereótipo atinge um grau de violência, especialmente contra as mulheres brasileiras. Ainda sobre o imaginário em torno do Brasil, Lisboa (2008) destaca que o papel da mídia portuguesa na reprodução de mitos coloniais sobre o Brasil. Segundo o autor, o Brasil é construído como exótico e associado à praia e à natureza selvagem, além de representar um símbolo das grandes conquistas portuguesas.

No que tange as mulheres brasileiras, destaca-se a investigação de Cunha (2005), a qual evidencia o papel das telenovelas brasileiras exibidas em Portugal e a reprodução em Portugal do que já é criticado e analisado no Brasil: a construção da mulher nas telenovelas brasileiras em torno da beleza, da sensualidade e do erotismo. A autora destaca também o papel da imprensa portuguesa na construção do estereótipo da imigrante prostituta, na medida em que privilegia as notícias de imigração brasileira associada à prostituição. No que tange as telenovelas, Cunha (2003) destaca, especialmente, *Gabriela: cravo e canela*, exibida em 1977. A autora analisa a repercussão desta telenovela em jornais impressos, apontando que *Gabriela* se insere em um contexto de emergência de novos estilos de vida na sociedade portuguesa, centrados no consumo e na mídia, os quais se relacionam com uma nova imagem da mulher. A telenovela *Gabriela* teria gerado uma discussão sobre a sensualidade exacerbada das mulheres dos trópicos, o quê: por um lado, retoma temáticas coloniais; por outro lado, proporciona uma ruptura nos modelos de sexualidade portuguesa herdados da ditadura salazarista fundada na moral católica (*idem*: 68). Acerca do estereótipo, divulgado pela imprensa portuguesa, em torno imigrante brasileira como prostituta, destacado por Cunha (2005); ressalta-se que o estudo de Santos (2007) sobre as imagens das mulheres imigrantes

na imprensa portuguesa, quando aborda as brasileiras, evidencia justamente este aspecto: que as brasileiras são prioritariamente associadas à prostituição nas notícias desta imprensa.

Pontes (2004) demonstra como a mídia portuguesa constrói representações que essencializam e exotizam a identidade nacional brasileira através da sexualidade das mulheres brasileiras. A autora destaca: “Existe uma grande associação entre gênero e nacionalidade nas representações da mulher brasileira na mídia portuguesa. Neste artigo, demonstro que essas representações feminizam o Brasil, ao mesmo tempo que sexualizam gênero” (Pontes, 2004: 232). A autora destaca a publicidade ao Guaraná Brasil, com anúncios publicitários onde aparecem mulheres, tucanos e futebol.

Ambas as autoras (Cunha, 2005; Pontes, 2004), e também Padilla (2008), destacam o caso das “Mães de Bragança”, como um exemplo da reprodução e reforço dos estereótipos por parte da mídia internacional e portuguesa. O assunto explodiu depois da publicação de uma notícia na Revista Times-Europe, a qual apresentava um grupo de mulheres portuguesas, designadas como “as mães de Bragança”, que culpavam as prostitutas brasileiras por roubarem os seus maridos. Neste episódio, as mulheres brasileiras foram construídas como as pecadoras, como destruidoras do lar; enquanto as portuguesas foram pensadas como as mães e esposas exemplares. Os homens portugueses foram desculpabilizados e até mesmo considerados vítimas das mulheres brasileiras sedutoras. Essa desculpabilização dos homens pode ser interpretada como naturalização do poder patriarcal e dos papéis sociais de gênero.

Destaca-se, como um vestígio atual desta ordem discursiva, que em 06 de Janeiro de 2013, o canal de televisão SIC, veiculou no Jornal da Noite uma reportagem sobre “os 10 anos do caso Mães de Bragança”. Esta reportagem foi antecedida por outra sobre a prostituição em Viseu; a qual, por sua vez, foi antecedida por uma matéria sobre uma brasileira (ressaltando a nacionalidade) que cometeu infanticídio contra seus filhos.

Outro vestígio recente de como a mídia constrói o estereótipo da brasileira é a reportagem de capa da Revista Focus, de agosto de 2010, cujo título é: “Eles adoram-na, elas odeiam-na: os segredos da mulher brasileira”. A imagem da capa é um corpo praticamente nu em biquíni verde e amarelo (em referência às cores do Brasil). Cabe retomar os corpos nus das mulheres africanas expostos em capas de revistas no período colonial português, como símbolos do exótico e do erótico colonizado por Portugal – como na figura 2 desta Tese (capítulo 1). A revista Focus explorou a imagem da mulher brasileira como sedutora que rouba maridos às portuguesas, assim como no caso “Mães de Bragança”. A reportagem, já no primeiro parágrafo, ao abordar os casamentos entre portugueses e brasileiras, define-as como oriundas da “Terras de Vera Cruz”, em uma referência clara ao imaginário colonial, tendo em

vista que Terra de Vera Cruz foi o primeiro nome dado pelos descobridores portugueses ao território que hoje é o Brasil.

Figura 6: Capa da Revista Focus, Agosto de 2010.



Fonte: Pesquisa aleatória de vestígios do imaginário <Mulher Brasileira> na comunicação social.

A construção da mulher brasileira como pecadora remete a uma reconstrução da moral cristã ocidental que divide as mulheres em “Evas” e “Marias” (Vasconcelos, 2005) e desculpabiliza os homens, a partir da neutralidade própria de quem ocupa o papel central nas relações de poder, no caso o contrato sexual patriarcal (Pateman, 1993) e o biopoder (Foucault, 1993; 1996). É possível perceber que o dispositivo da racialização intersecciona o dispositivo de gênero/sexualidade na divisão das mulheres entre “Evas” e “Marias”. Assim as mulheres consideradas brancas e europeias são as Marias/mães/esposas e as consideradas negras, mestiças e das ex-colônias são as Evas/pecadoras/prostitutas.

Outro exemplo recente da mídia portuguesa e sua construção sobre a mulher brasileira através de imaginários coloniais é a reportagem do Jornal Expresso, de 4 de junho de 2011, intitulada “Bonitas, Sensuais e até famosas e ricas: o que é que a brasileira tem?”¹². A reportagem trata das modelos brasileiras com carreira internacional, citando Gisele Bündchen. O sucesso das brasileiras é atribuído à mistura racial, a qual é considerada como fruto da

¹² Disponível em: <http://expresso.sapo.pt/bonitas-sensuais-e-ate-famosas-e-ricas-o-que-e-que-a-brasileira-tem=f653290>

colonização portuguesa, embora a Gisele Bündchen seja descendentes de imigrantes alemãs, loura e de olhos azuis. Na reportagem se faz presente o imaginário lusotropical relacionado com a suposta mistura racial harmônica criada pelos portugueses em sua colonização benevolente; as mulheres brasileiras seriam o fruto dessa colonização. A matéria explicitamente traz um subtítulo “Um pouco de História: e o português criou a mulata”, no qual lê-se: “colonizador português (que pelos vistos tinha muito amor para dar) resolveu dar início à maior colonização da história: a mistura inter-racial”. Esta mistura teria dado origem as “mulheres mais bonitas do planeta”. O segundo subtítulo é “Transpirar sexo no paredão”, no qual a jornalista associa a beleza das mulheres brasileiras com um “jeitinho especial”, reforçando o imaginário de sensualidade e de erotização.

O imaginário de <Mulher Brasileira> como <Mulata> hipersexualizada é tão recorrente que não aparece na mídia apenas em telenovelas, publicidades ou reportagens; verificou-se sua presença também em uma propaganda política. Tratou-se da propaganda eleitoral do candidato Fernando Nobre nas eleições presidenciais de 2011. No programa Tempo de Antena número 6¹³, dedicado ao “Papel que Portugal deve desempenhar no mundo”, enquanto o narrador aborda a importância da diplomacia econômica, vão sendo desenhados cartuns sobre o tema. Enquanto o narrador enfatiza o papel países de língua portuguesa nesta diplomacia econômica, são desenhados ícones destes países. O Brasil é representando pela caricatura de uma <Mulher Brasileira>, desenhada em movimento, de biquíni, com cintura fina, ancas largas e seios fartos, como uma <Mulata> do carnaval do Rio de Janeiro – como pode ser visto na imagem a seguir, retirada do vídeo do programa. Além do estereótipo de <Mulher Brasileira> evidencia-se o projeto lusófono que associa o “recomeçar Portugal” a relações com as antigas coloniais. Destaca-se a semelhança com o *cartum* de 1897, onde o território de Lourenço Marques é representado por uma mulher negra exotizada e erotizada, em disputa entre Portugal e Inglaterra em seus projetos coloniais, conforme figura 3 desta Tese (capítulo 1). Os “corpos coloniais” das mulheres representam os territórios a conquistar, no século XIX e no século XXI.

¹³ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=qxy-2inswNY>

Figura 7: Propaganda eleitoral do candidato a Presidência em 2011, Fernando Nobre.



Fonte: Pesquisa aleatória de vestígios do imaginário <Mulher Brasileira> na comunicação social.

Outros exemplos da estereotipificação dos brasileiros e, principalmente, da brasileira na mídia portuguesa são apresentados por Monteiro (2010; 2012). Além de telejornais e jornais impressos, a autora enfoca programas humorísticos como responsáveis pela perpetuação do estereótipo. Monteiro (2012) aponta que, a princípio, os imigrantes brasileiros parecem privilegiados em Portugal, por alguns fatores como a língua; no entanto, acabam por ser os mais visados pela estereotipificação. No mesmo sentido, Machado (2009) e Padilla (2007a) afirmam que os brasileiros em Portugal não são confundidos com outros imigrantes, são categorizados de uma forma específica, em um processo de etnicização/racialização. Ao contrário de outros destinos da imigração brasileira no mundo, uma das características mais importantes dos brasileiros em Portugal é que não existe a possibilidade de passarem despercebidos ou “*passing*”. A imigração brasileira em Portugal é marcada pela visibilidade.

2.2.2 A Brasileira Imigrante nos estereótipos da população portuguesa

A Psicologia Social tem se dedicado a investigar a presença de estereótipos sobre os imigrantes na sociedade portuguesa e como estes se constituem em racialização, etnicização e diferenciação das minorias. Nesta perspectiva destacam-se os trabalhos de Vala *et al.* (1999), Vala e Lima (2003) e Cabecinhas (2007). Os dados produzidos nestas análises, a partir de

metodologias extensivas da Psicologia Social, auxiliam a comprovar a existência concreta de estereótipos sobre os imigrantes na sociedade portuguesa.

No que se refere especificamente aos estereótipos sobre a imigração brasileira, destaca-se o artigo de Silva e Schiltz (2007), o qual explora o que se refere aos brasileiros do inquérito coordenado por Lages (2006), intitulado “Os Imigrantes e a População Portuguesa: Imagens Recíprocas – Análise de Duas Sondagens”. A seguir destaca-se um quadro, originado destas investigações, através do qual é possível evidenciar que as representações majoritárias sobre os brasileiros estão ligadas à alegria (74%) e à prostituição (69%). Destaca-se, portanto, que através do enfoque de investigação da Psicologia Social (inquéritos à população portuguesa) também foi possível evidenciar a presença do estereótipo de prostituição relacionado à mulher brasileira.

Quadro 2: Estereótipos dos portugueses sobre os brasileiros (%)

	Sim	Não
São alegres e bem dispostos	74,7	25,3
São simpáticos e de trato fácil	63,2	36,8
São em geral bem educados	47,2	52,8
São em geral bons profissionais	31,3	68,7
São em geral competentes e cumpridores	30,0	70,0
São em geral sérios e honestos	25,7	74,3
Têm contribuído para a violência	23,7	76,3
Têm contribuído para o tráfico de droga	33,8	66,2
Têm contribuído para a prostituição	69,6	30,4
Têm contribuído para o crime organizado	22,9	77,1

Fonte: Lages *apud* Silva e Schiltz (2007: 165).

Cita-se, ainda, a pesquisa de Rosário, Santos e Lima (2011), a qual analisou os discursos sobre racismo no quotidiano, através de grupos focais com portugueses. Uma das reflexões relaciona o luso-tropicalismo, o imperialismo e o Estado Novo com a criação de uma ideologia, a qual pode influenciar os discursos racistas atualmente. Esta ideologia consiste na crença de que os portugueses não são racistas e construíram um grande império pacífico, levando a civilização para as colônias. Um dos objetivos da pesquisa consiste em: “perceber em que medida persistem no senso comum percepções do Outro baseadas num imaginário com raízes históricas, bem como imagens dos portugueses associados a uma forma de estar no mundo, imagens estas ideologicamente veiculadas no país desde há cerca de três

ou quatro décadas” (*idem*: 52). Sobre este aspecto, os autores concluem que: “a ideologia luso-tropicalista, ainda que desafiada por um participante do grupo social médio-alto, é assumida como uma descrição válida da realidade histórica do pretérito imperial colonial português” (*idem*: 199-200). Segundo os autores: “Os negros, brasileiros e ciganos são as categorias mais visadas pelos discursos racistas que fomos capazes de escrutinar com esta metodologia” (*idem*: 200). Os participantes responderam que as brasileiras ameaçam os valores culturais da família portuguesa. A pesquisa destaca que: “foram feitas referências relativamente às mulheres brasileiras como sendo exuberantes e sedutoras” (*idem*: 187). Percebe-se que as investigações junto à população portuguesa identificam a presença de estereótipos que associam mulheres brasileiras à prostituição, à sedução, à destruição das famílias. Ou seja, as pesquisas da Psicologia Social apontam no mesmo sentido das pesquisas que analisam os discursos midiáticos. Tanto nos discursos da mídia, quanto nos discursos da população portuguesa evidencia-se a presença de um imaginário <Mulher Brasileira> relacionado a imaginários coloniais de hipersexualidade.

Esta breve análise dos discursos da comunicação social e dos estereótipos da população portuguesa permite contextualizar os imaginários sobre as mulheres brasileiras que circulam em Portugal. A partir desta contextualização analisar-se-á com maior minúcia a construção deste imaginário de <Mulher Brasileira> em diferentes discursos, buscando perceber a ordem discursiva e seus diferentes elementos. No seguimento deste capítulo serão analisados discursos sobre imigração: associações de imigrantes (CBL, ALCC, Comuidária) e discursos oficiais (CRBE, SEF, ACIDI). No próximo capítulo serão analisados discursos turísticos e culturais. Completar-se-á, desta forma, a análise da ordem discursiva. No quarto e último capítulo serão abordadas as (des)(re)construções desta ordem discursiva através das subjetivações de brasileiras imigrantes.

2.3 A Brasileira Imigrante nos Discursos Institucionais das Associações de Imigrantes

As lideranças das principais associações de imigrantes brasileiros em Portugal são geralmente entrevistados/as pelos investigadores do tema. O objetivo normalmente é uma aproximação ao tema da imigração brasileira, utilizando os líderes associativos como informantes privilegiados. No entanto, já existem diversas investigações sobre as associações em si, com objetivo de refletir sobre a atuação política dos imigrantes, destacando-se o número 6, da Revista Migrações (Horta, 2010) dedicado ao tema, além de Albuquerque, *et al.* (2000), Barreto (2011), Coelho (2009), Santos (2012), entre outros.

Conforme Horta (2010) a produção científica sobre as associações de imigrante já conta com numerosos estudos realizados e, a nível internacional, as agendas de investigação são múltiplas. As associações de imigrantes têm desempenhado um papel fundamental no processo migratório, tanto no acolhimento dos imigrantes, na valorização de laços culturais e nas relações de entreajuda, quanto nas reivindicações políticas e na intervenção social (*idem*). A autora destaca quatro principais perspectivas de análise sobre o fenómeno associativo, as quais podem ser sintetizadas em: 1) o papel das associações na preservação da cultura e na integração dos imigrantes, relacionado ao debate entre etnização e assimilação; 2) o processo de formação e manutenção das associações em contextos específicos de cidadania e em regimes institucionais; 3) as noções de capital social étnico e integração política dos imigrantes; 4) as dinâmicas alargadas das associações de imigrantes que ultrapassam contextos locais e nacionais dos países de destino.

Nesta Tese a perspectiva adota não corresponde a nenhuma das quatro citadas anteriormente, apesar da importância destas abordagens e do diálogo que se pretende estabelecer com as mesmas. Isto porque, não se busca analisar as associações de imigrantes em si. Não se pretende, também, utilizar as entrevistas com os líderes associativos para uma aproximação à realidade da imigração brasileira em Portugal. As associações de imigrantes serão aqui analisadas de uma forma específica relacionada com o objetivo da Tese de mapear os discursos sobre a <Mulher Brasileira> em Portugal. Neste sentido, serão investigados os discursos das associações de imigrantes, tendo em vista que estes são um importante espaço da construção do imaginário de “brasileira imigrante”.

Conforme Barreto (2011) as associações de imigrantes existem em Portugal desde a década de 1970, mas apenas na década de 1990 o governo português reconhece a necessidade de uma política de integração dos imigrantes, criando do ACIME (Alto Comissariado para Imigração e Minorias Étnicas) atualmente ACIDI (Alto Comissariado para Imigração e Diálogo Intercultural). Em 1999 as associações de imigrantes foram regulamentadas pelo Decreto-Lei 115/99. Segundo Coelho (2009: 271) em Portugal existem associações de imigrantes com diversas características: associações culturais, políticas, sociais, religiosas, partidárias e estudantis; sendo a mais importante e consolidada a Casa do Brasil de Lisboa.

Nesta investigação o foco estará em duas associações de imigrantes brasileiros consolidadas: a Casa do Brasil de Lisboa e a Associação Lusofonia Cultura e Cidadania. Analisar-se-á, também, uma recente associação de imigrantes, Associação Comunitária, a qual não trabalha especificamente com a comunidade brasileira, mas é a única voltada

especificamente para as questões de gênero, para as mulheres imigrantes e com enfoque feminista, além da presidenta ser uma mulher brasileira.

Realizaram-se entrevistas (cujo guião encontra-se no anexo A), nas quais as associações foram questionadas diretamente sobre qual a imagem do Brasil e das brasileiras em Portugal, sobre a existência ou não de preconceito e discriminação, sobre as causas de uma imagem estereotipada, sobre a opinião das associações sobre as mulheres brasileiras e sobre as ações das associações voltadas para as questões de gênero e do preconceito. Realizou-se, também, observação participante em diferentes atividades das associações. A seguir serão analisados os resultados, organizados por associação. Os nomes dos entrevistados diretores de associações não foram alterados, tendo em vista o caráter institucional das entrevistas, informado quando da realização das mesmas. Interessa saber os discursos destas determinadas associações e o que seus líderes dizem (podem dizer, em termos de saber-poder social) sobre <Mulher Brasileira>, informados de que seus nomes não serão ocultados.

2.3.1 A Casa do Brasil de Lisboa

A Casa do Brasil de Lisboa¹⁴ (CBL) é uma associação civil sem fins lucrativos, representativa da comunidade de brasileiros em Portugal. Fundada em 1992, atua na defesa dos direitos dos imigrantes, na promoção da cultura brasileira e na promoção da integração. Entre as principais atividades permanentes estão: o Centro de Apoio Jurídico, o Gabinete de Inserção Profissional, o Gabinete de Psicologia, o Jornal Sabiá (de distribuição gratuita) e atividades culturais (como aulas de dança, ciclos de cinema, realização de festas). A CBL insere-se nas características gerais do associativismo imigrante apontadas por Albuquerque *et al.* (2000). Segundo os autores, as motivações para o associativismo relacionam-se com a percepção de dificuldades partilhadas por determinada comunidade e por uma necessidade de valorização da cultura do país de origem. Desta forma, as ações do associativismo imigrante relacionam-se, em geral, com a promoção da diversidade cultural e com a integração social, jurídica e econômica dos imigrantes.

A CBL está registrada junto ao ACIDI e tem assento no COCAI (Conselho Consultivo para os Assuntos da Imigração da Presidência do Conselho de Ministros), sendo, portanto, interlocutora do Estado Português nos temas referentes à imigração. É também interlocutora do Estado Brasileiro, tendo participado da origem das Conferências de Brasileiros no Mundo,

¹⁴ Página na Internet: <http://www.casado brasil.info/>

organizadas pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil desde 2008. Desde 2010 está sediada em um prédio de quatro andares no Bairro Alto¹⁵, cedido pela Câmara Municipal de Lisboa. Esta interlocução estatal pode também representar um risco. Conforme destaca Gregório-Gil (2010: 9) as associações de imigrantes, muitas vezes, tornam-se entidades prestadoras de serviços controladas pela administração estatal, perdendo o caráter reivindicativo.

Conforme Santos (2012) a CBL é um caso emblemático de participação política efetiva dos imigrantes, com influência na construção de políticas migratórias tanto no Estado de origem, como no Estado receptor. Segundo a autora, e também Barreto (2011), para além de ser um espaço de sociabilidade, valorização da cultura do país de origem e ajuda mútua entre imigrantes, como normalmente são as associações de imigrantes, a CBL desenvolve, também, atividades de caráter político.

Na perspectiva desta Tese, o destaque da CBL no cenário português faz com que a associação seja um importante espaço da construção do imaginário de “brasileira imigrante”. A narrativa de seu presidente, que está há muito anos na direção da associação, é fundamental para perceber quais discursos são perpetuados pela CBL em suas várias frentes de atuação.

Em entrevista realizada em 2011, na sede da CBL, o Representante da Associação demonstrou ter uma imagem estereotipada e naturalizada da mulher brasileira. No trecho a seguir, o entrevistado reforça o imaginário de erotismo associado a países tropicais e a mestiçagem, em oposição à mulher portuguesa.

Há uma característica imanente da mulher brasileira, não só da brasileira, mas da caribenha, cubana, colombiana, de países latino-americanos mais mestiços, há uma característica imanente de erotismo e de sensualidade, comparativamente a outras, comparativamente a mulher portuguesa (...) Há algo intrínseco que é o mar e a temperatura tropical, há uma carga erótica nos trópicos (Representante da Associação, CBL).

Assim, parece reproduzir a dicotomia entre mulheres das colônias e mulheres das metrópoles europeias, compartilhando a ordem de saber-poder colonial, que intersecciona raça, gênero e sexualidade, para dividir as mulheres em “Evas” e “Marias”. Esta essencialização racializadora emerge em outros momentos de seu discurso, como a seguir:

Há povos, e os grupos têm as suas características, tem as suas coisas que lhes são imanentes. Há povos que tem mais musicalidade, os negros tem uma aptidão para o esporte que lhes é imanente (Representante da Associação, CBL).

¹⁵ O Bairro Alto localiza-se na região histórica e central de Lisboa e caracteriza-se pela circulação de jovens, pela vida cultural e pela vida noturna. O prédio da CBL encontra-se muito próxima ao Consulado do Brasil.

O entrevistado ressaltou diversas vezes que a causa do preconceito contra as brasileiras está nas características intrínsecas das próprias brasileiras, de serem sensuais e eróticas. Desta forma, culpabiliza as próprias vítimas pelo que sofrem. A culpabilização das brasileiras emerge como elemento do seu discurso, além da naturalização da hipersexualidade.

Quando questionado sobre as ações da CBL específicas para as mulheres brasileiras, o Representante da Associação destaca que a reivindicação contra o preconceito que as brasileiras sofrem em Portugal é antiga. Narra a “crise do aeroporto”, ocorrida em meados dos anos 1990, quando os primeiros imigrantes brasileiros foram proibidos de entrar e devolvidos ao Brasil. Neste contexto, muitas brasileiras começaram a fazer reclamações na CBL sobre a forma como eram mal tratadas no aeroporto, pelos funcionários do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. Em suas palavras:

Lembro dessa reunião na Casa do Brasil, em que uma moça relatou chorando dramaticamente do tratamento claramente preconceituoso do funcionário do SEF, fazendo perguntas, interrogando, acusando de que ela vinha para os bares de alterne e etc, e era imigrante comum, trabalhava no comércio. Nos “n” contatos da Casa do Brasil com o SEF, em reuniões públicas ou assim, essa questão sempre se colocou, falamos sempre “temos reclamação do tratamento às mulheres” (...) Há claramente uma imagem construída da autoridade que é a equação mulher brasileira, atraente, jovem, na fila do aeroporto, é candidata a imigração ilegal, e é candidata para a indústria do sexo (Representante da Associação, CBL).

Apesar de há quase vinte anos ouvir as reclamações das brasileiras sobre as diferentes formas de assédio que sofrem em Portugal; apesar de perceber que esses assédios e maus tratos são formas de preconceito; apesar de evidenciar que a autoridade tem uma imagem construída da mulher brasileira como imigrante ilegal para fins de prostituição; ainda assim, o Representante da Associação tem um discurso culpabilizador das próprias brasileiras e naturalizador sobre a hipersexualidade das mesmas. Isto demonstra como os discursos são construídos em relações de poder. O poder patriarcal, colonial, racista e sexista que define as mulheres das ex-colônias como “corpo colonial” parece mais forte que as próprias vivências de um líder associativo importante.

Além de culpabilizar as próprias brasileiras ao destacar que o preconceito se dá devido a características intrínsecas das brasileiras, e não devido ao olhar do outro, o presidente da CBL culpabilizou, também, as prostitutas. Outra causa do preconceito, apontada pelo entrevistado, é a indústria do carnaval que vendeu a imagem erotizada do carnaval. Segundo ele:

Sobre a imagem, temos outra questão, estatística, um dado objetivo: há um número significativo de prostitutas exercendo a atividade em Portugal (...) Portanto, há um dado objetivo que se transforma em imagem. Equalizando

mulher brasileira igual prostituta ou fácil sexualmente. Há também essa imagem que vem do carnaval erotizado e mestiçado. É um produto que se consolidou no mundo, está na equação, está na cabeça de quem assiste (Representante da Associação, CBL).

Entende-se, a partir das orientações teóricas, que os imaginários possuem uma dinâmica própria de construção e consolidação, a qual se relaciona com discursos sociais em relações de poder. Assim, a mídia, e dentro dela o marketing turístico do carnaval, contribuem na construção da imagem de mulher brasileira, como será analisado no próximo capítulo. Já o fato concreto da existência de prostitutas brasileiras em Portugal não é suficiente para explicar o imaginário. A reprodução do discurso sobre as prostitutas brasileiras reforça o imaginário, mais do que a existência concreta de prostitutas brasileiras. Isto porque há em Portugal prostitutas oriundas do leste europeu, de países africanos, portuguesas, entre outras. Há muito mais brasileiras em outras inserções profissionais do que no mercado do sexo, como apontado no subcapítulo anterior de contextualização. Ou seja, não é a simples existência de prostitutas brasileiras que alimenta tal imaginário. São discursos sociais hegemônicos em relações de poder – como os da mídia e, inclusive, o do Representante da Associação – que reproduzem a visibilidade das brasileiras como prostitutas. Alguns portugueses concretamente encontraram uma prostituta brasileira em Portugal, mas muitíssimos portugueses leram as reportagens sobre prostituição, onde a mídia faz questão de mencionar a nacionalidade brasileira (conforme analisado anteriormente). Na construção dos imaginários, a visibilidade discursiva (o enunciar) joga um papel mais importante do que a visibilidade material (a existência concreta).

Sobre as atividades culturais, O Representante da Associação destaca que:

O que gente faz aqui a nível cultural é divulgação de cultura e de conhecimento histórico. A Casa do Brasil desde que ela existe, no começo era até mais que atualmente, a gente fazia muitas conferências ou debate-papo, intelectuais, escritores, agora vai ter um ciclo de cinema e festas e músicas e aulas de dança, tudo isso é Brasil (Representante da Associação, CBL).

Destaca-se a opinião de uma das entrevistadas, brasileiras que trabalham no mercado cultural da brasilidade, citadas no quarto capítulo, a qual criticou as atividades culturais da CBL. Em suas palavras:

Eles só reforçam, é capoeira, forró... E a Casa do Brasil não tem infraestrutura e, doa a quem doer, é um grupo de pessoas, famílias, amigos, em cargos vitalícios (...) não fazem nada da parte cultural; não falo do apoio jurídico, que sei que eles têm (...) As iniciativas têm que ser mesmo soltas, grupos trabalhando com interesses legais e mostrar para essas pessoas que não precisamos delas. Não tô dizendo também que é só porque eles não querem fazer, também não têm recursos. Então é mais fácil fazer ali uma

*feijoada, caipirinha e chamar ali um bando de brasileiros saudosos.
(Dandara, percussionista, cantora, investigadora – nome fictício).*

A observação participante nas atividades na CBL demonstrou que a associação tem uma preocupação com as atividades culturais, como ressaltou seu presidente. No entanto, como destacou a entrevistada, estas atividades são redutoras da imensa diversidade que há no Brasil e, assim, não contribuem para construir uma imagem mais múltipla do Brasil.

Referente às atividades relacionadas a gênero, O Representante da Associação ressaltou que sempre em reuniões com as autoridades a questão do preconceito contra a brasileira é ressaltada. Informou que a CBL possui uma parceria com a UMAR - União de Mulheres, Alternativa e Resposta (principal entidade feminista de Portugal) para tratar casos de violência doméstica. Além disso, no ano de 2011, estavam desenvolvendo um projeto para trabalhar especificamente a questão do preconceito à brasileira, o qual prevê seminários de discussão sobre o tema, campanhas na mídia, reuniões com brasileiras para ajudar a enfrentar o preconceito, entre outras atividades. No entanto, até o final de 2012, ainda não haviam conseguido financiamento para o projeto. Em Maio de 2011 realizaram um Workshop sobre Gênero e Imigração, em parceria com a UMAR, onde participaram cerca de 40 mulheres e discutiu-se a crise econômica e suas consequências para a mulher imigrante. Durante a observação neste seminário evidenciou-se um enfoque maior na questão de classe do que propriamente de gênero. Também participaram da construção da Cartilha de Gênero, que envolveu várias associações e foi uma iniciativa do Conselho de Representantes de Brasileiros no Exterior (CRBE), a qual será analisada a seguir dentro dos discursos oficiais (2.4).

2.3.2 A Associação Lusofonia Cultura e Cidadania

A Associação Lusofonia Cultura e Cidadania¹⁶ (ALCC) é uma instituição sem fins lucrativos, em atividade desde 2000, embora constituída legalmente apenas em 2007. Hoje ela está registrada junto ao ACIDI como representativa da comunidade brasileira e atua, principalmente, na promoção da integração legal e social dos imigrantes brasileiros e dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa). Além de prestar atendimento jurídico, social e psicológico. Está sediada na periferia de Lisboa, na freguesia de Ameixoeira, próximo a bairros sociais onde vivem muitos imigrantes, em salas cedidas pela Câmara de Lisboa.

¹⁶ Página na Internet: <http://lusofonia.com.pt/>

Em entrevista realizada em 2011, a representante da associação, brasileira, uma das diretoras e a principal articuladora da associação, afirmou que a mesma está centrada em atender os brasileiros, embora busque aprofundar as relações entre estes e os PALOP, dentro de uma perspectiva da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa). A associação, como afirma em seu próprio nome, busca valorizar a lusofonia, entendida pela Representante da Associação como a valorização da integração e do convívio. Sobre as atividades culturais, a diretora afirmou que apesar de o nome da instituição enfatizar a cultura e a cidadania, seus diretores optaram por concentrar-se na cidadania, porque perceberam que para os imigrantes era mais importante o apoio social e jurídico. No entanto, segundo a Representante da Associação, a cultura também faz parte da integração, levando-a a participar em eventos culturais e promover algumas atividades com este cunho. Neste aspecto, a diretora da ALCC apresenta uma visão crítica sobre os estereótipos culturais do Brasil. Em suas palavras:

Quando falamos da promoção da cultura brasileira, que é aquela que nós estamos mais vocacionados, eu não gostava de promover só o samba e a caipirinha, porque o Brasil tem outros tipos de cultura (...) Eu sou do tempo que todas as vezes tinham as mulatas semi-nuas. E não é só isso, em Portugal só via o Rio de Janeiro (...) Precisamos participar e levar a cultura brasileira, mas não podemos achar que o samba e a capoeira é que vai representar o Brasil (Representante da Associação, ALCC).

No entanto, ao abordar mais especificamente o estereótipo de <Mulher Brasileira>, o enfoque da entrevistada passa a ser a responsabilidade que as próprias brasileiras têm na existência dessa imagem. A crítica sobre a forma como o Brasil foi vendido e apresentado ao mundo também se faz presente em seu discurso, mas a responsabilidade principal do estereótipo é conferida às próprias brasileiras, como pode ser percebido no trecho a seguir:

Essa questão da mulher é um problema que nós próprias mulheres brasileiras temos que discutir Mariana, porque eu acho que quando nós falamos de nós mulheres brasileiras, tem que ter certos cuidados, porque não é só eu criticar, porque estamos a ser criticadas, mas é eu ter cuidado na maneira de vestir, na maneira de andar. Inclusivamente nós tivemos na associação em 2009 um programa, algumas atividades, onde nós orientávamos as mulheres brasileiras a procura de emprego, porque iam com roupas minúsculas. Se eu não quero que a minha imagem seja passada como uma das piores, então eu tenho que ter cuidado como me visto, porque repare, quando nós viemos do Brasil, com o clima tropical, lá nós estamos de uma maneira completamente diferente, a gente tem que tentar integrar no tipo de cultura que o país tem, não andar daquele jeito. Eu acredito que para além de alguns promotores no Brasil da questão da mulher, que foi bastante forte, que o próprio Brasil promovia a questão da mulher, da mulata, etc. A gente vem para cá e acha que aquilo é bonito, depois nós não temos muito cuidado. O cuidado passa primeiro por nós mulheres brasileiras, porque se eu não quero que falem de mim... (Representante da Associação, ALCC).

Primeiramente evidencia-se que a entrevista generaliza a forma de se vestir e de se comportar das mulheres brasileiras, reforçando a homogeneização e a essencialização. Percebe-se, também, que compartilha os valores da sociedade de acolhimento, considerando a forma de ser (generalizada) das brasileiras como inadequada, mesmo compreendendo que a forma de se vestir e se comportar das brasileiras para elas próprias é bonita e normal. E, ainda, fica claro que seu objetivo é a integração fundamentada na assimilação; ou seja, as brasileiras devem mudar sua forma de ser, de se vestir e de se comportar para adequarem-se na cultura portuguesa, e a associação tem o papel de auxiliar nesse processo.

Ainda sobre a assimilação como forma de integração, a entrevistada é bastante explícita em outro momento da entrevista, onde ela compara brasileiras a ciganos, enfatizando que se as brasileiras não se adaptam não podem criticar os ciganos por não se adaptarem. Sua posição é explícita de que ciganos e brasileiras devem assimilar a cultura portuguesa como forma de integração.

Há bocado eu estava com a professora (...) e ela estava a comentar exatamente isso, ela vive há 26 anos em Portugal e estava a falar a questão dos ciganos, que um cigano havia dito para ela: “porque vocês brasileiras vestem-se lá de uma maneira sem roupa e aqui querem continuar a vestir de uma maneira sem roupa? Então vocês não podem falar de mim que sou cigano”. Então é mais ou menos isso. Se uma brasileira vai procurar um emprego, bem vestida do ponto de vista dela, ela nunca vai conseguir (Representante da Associação, ALCC).

Parece possível comparar a construção discursiva da diretora da ALCC com a racialização do véu islâmico na França. Conforme Al-Saji (2010) as mulçumanas são racializadas através dos estereótipos sobre o véu islâmico. Para se integrarem na França não devem utilizar o véu, o que pode ser entendido como uma forma de discriminação, muitas vezes ocultada em um discurso de direitos das mulheres. De forma semelhante, as brasileiras são estigmatizadas em Portugal por supostas características comuns (como andar mais despida, sorrir mais, ser mais expansiva) e devem mudar para integrarem-se. Na mesma ordem discursiva, os ciganos também devem alterar suas práticas culturais para integrarem-se em Portugal. Neste sentido, pode-se inferir que a integração através da assimilação, explicitamente presente no discurso da ALCC, oculta a discriminação e o preconceito.

Outro elemento que emerge no discurso da ALCC, assim como já havia aparecido no discurso da CBL, é a prostituição. No entanto, enquanto o diretor da CBL reproduz o estereótipo de que há muitas prostitutas brasileiras em Portugal, a diretora da ALCC descreve a questão de outra forma. Na narrativa da Representante da Associação está presente o imaginário patriarcal que divide as mulheres entre prostitutas *versus* esposas, mães,

trabalhadoras. Em suas palavras: “*O nosso papel é defender, é mostrar que aquelas mulheres não são prostitutas*”. O estereótipo de que toda a brasileira é prostituta em Portugal é uma discriminação que a associação pretende combater. Inclusive participaram do projeto do ACIDI, em 2009, para mudar o estereótipo dos imigrantes na comunicação social. Segundo a Representante da Associação: “*Antes a gente via lá “prostituta brasileira”, e o ACIDI tem desenvolvido, e hoje ao invés de usar “prostituta brasileira” usa só prostituta e não diz a nacionalidade*”.

No entanto, ao defender as mulheres brasileiras afastando-as das prostitutas, acaba-se por enfrentar o problema da estigmatização de uma nacionalidade (o poder colonial e racista) mantendo-se o estigma da prostituta (o poder patriarcal). Como é argumentado no decorrer da Tese, estas relações de saber-poder estão interseccionadas: as brasileiras são vistas como “corpo colonial”, em intersecção entre poder colonial, racista, sexista e patriarcal. Neste sentido, não bastaria enfrentar o problema da discriminação às brasileiras, afastando-as do estereótipo de prostituta; enquanto se mantém o estereótipo da prostituta e enquanto se reforça outros elementos que vinculam mulher brasileira a hipersexualidade. Isto porque a prostituta é vista como um corpo disponível, e o corpo da mulher colonizada é visto como um corpo disponível. A desconstrução só é possível se operado tendo em conta esta interseccionalidade de saber-poder que constrói a brasileira como prostitutas, Evas, disponíveis, hipersexualizadas.

A diretora da ALCC, em sua narrativa, pareceu reforçar alguns dos elementos do imaginário de brasileira imigrante, como a hipersexualidade. E, muitas vezes, culpou as brasileiras do preconceito e da discriminação que sofrem. Esta culpabilização das próprias vítimas demonstra como as relações de poder estão imbricadas na construção dos discursos. Ao final da entrevista, a diretora da associação narrou situações nas quais foi vítima de discriminação enquanto mulher brasileira e destacou que nunca conheceu uma brasileira que não tivesse sentido e reclamado do preconceito. No entanto, quando questionada diretamente sobre o preconceito no início da entrevista apontou as próprias brasileiras como responsáveis. Ou seja, a entrevistada compartilhou a ordem discursiva hegemônica de saber-poder apesar de suas próprias experiências. Cabe destacar trechos onde a entrevistada narra situações de discriminação que sofreu e identifica nos portugueses a causa do preconceito:

Eu posso dizer, comigo, eu trabalhei numa empresa durante 6 anos, eu era excelente funcionária, do ponto de vista dos colegas e do próprio patrão, quando eu cheguei à diretora, eu passei a ser prostituta. Então o que acontece, é um bocado também de querer te desfazer, mesmo você não sendo prostituta, te difamar para você sair dali e perder o emprego. E tem um bocado disso. Então eles usam essa questão da prostituição para pressão,

para ter o seu espaço. (...) Como eu disse, há cerca de 13 anos eu fui vítima nessa empresa procurei todos os organismos portugueses e brasileiros em Portugal e não tive apoio. Foi assim, eu fiquei 6 meses ali: “é prostituta, é prostituta, as mulheres brasileiras são prostitutas, prostitutas”, ouvindo dos colegas de trabalho, o patrão não fazia nada. Meu marido tinha morrido e eu estava mais chorosa. Então meu papel foi ficar quieta e o psicológico totalmente afetado.. (...) Até que eu me demiti, não aguentei. Outra coisa que aconteceu, eu trabalhei numa multinacional e eu ganhava 100 euros a menos que as colegas que eram nacionais (Representante da Associação, ALCC).

Referente às atividades relacionadas a gênero, a ALCC tem parceria com diversas instituições para encaminhamento nos casos de violência doméstica. Também, coordenou, em Portugal, os trabalhos para a elaboração da Cartilha de Gênero (já mencionada, que será analisada posteriormente).

As associações analisadas, CBL e ALCC (representativas do associativismo brasileiro em Portugal), apresentaram um discurso similar, que reproduz essencializações sobre as brasileiras e as culpabiliza pelo estereótipo, apesar das experiências dos diretores em ouvir (e viver) casos de discriminação. Ambas possuem um discurso marcado pela institucionalidade, que não afronta as instituições portuguesas voltadas para a imigração, na medida em que culpabiliza as próprias brasileiras pelo preconceito que sofrem, apontando que elas devem mudar seus comportamentos e adaptarem-se.

Sardinha (2010) analisa as estratégias identitárias e os esquemas de integração de associações brasileiras, do leste europeu e angolanas. Referente à questão cultural, o autor evidencia que todas as associações têm uma estratégia dual: defendem tanto a preservação étnico-cultural, como a aculturação. Por um lado, lutam pelo respeito à diferença e pelo direito de manterem suas identidades étnicas. Neste sentido, as associações estariam próximas a etnicização. Por outro lado, principalmente as associações brasileiras, criticam que a comunidade conviva com seu próprio grupo, afirmando a necessidade de integração cultural com portugueses através da adaptação cultural a sociedade anfitriã. Neste sentido, as associações estariam próximas à assimilação.

A investigação desenvolvida nesta Tese evidenciou que no caso específico da <Mulher Brasileira> as associações entrevistadas têm um discurso de assimilação: as mulheres brasileiras devem adaptar-se. Acredita-se que tanto os debates acadêmicos, quando os discursos e práticas associativas devam transcender a estas opções – etnicização ou assimilação – para que se alcance o diálogo intercultural. Para isto, conforme desenvolvido no capítulo teórico, a integração poderia ser pensada como convivialidade (Gilroy, 2007), ou seja, como busca por uma convivência para além do debate cultural. Também, o debate

cultural deveria ser empreendido com objetivo específico de discussão do racismo, o qual impede o diálogo intercultural e favorece tanto a etnicização quanto a assimilação. A seguir, analisar-se-á a Associação Comudinária, a única voltada especificamente para mulheres imigrantes, a fim de perceber se constrói um discurso diferente sobre a “brasileira imigrante”.

2.3.3 A Associação ComuniDária

A Associação Comunitária foi incluída na pesquisa por ser a única associação de imigrantes em Portugal com enfoque principal nas mulheres. Apesar de não focar nos imigrantes brasileiros, entendeu-se que por ter o enfoque nas mulheres, seu discurso também seria importante para perceber a ordem discursiva <Mulher Brasileira> em Portugal. Além disso, foi fundada e é dirigida por uma mulher brasileira. Entende-se que seu discurso, enquanto uma associação voltada para mulheres imigrantes pode representar um contra-discurso sobre a brasileira imigrante. Isto porque nos espaços associativos, analisados anteriormente, onde a pertença de gênero não é elemento central os discursos foram muito próximos ao culpabilizar as próprias mulheres imigrantes pelo preconceito que sofrem. Cherubini (2010), ao analisar o associativismo de mulheres imigrantes na Andaluzia, destacou que nos espaços coletivos que tem em comum a pertença de gênero e a condição de imigrante, as mulheres conseguem desenvolver protagonismo e cidadania ativa através da intersecção. Ressalta-se que o mapeamento dos diferentes discursos é fundamental para evidenciar a ordem discursiva, a qual pode ser percebida através da incidência dos elementos nos diferentes discursos.

Um indicador de que o discurso da Comunitária possa tender ao contra-discurso é o fato de que esta teve alguns pedidos de reconhecimento negados pelo ACIDI. Quando realizada a entrevista, em Julho de 2011, a instituição ainda não havia conseguido o reconhecimento. A associação foi reconhecida pelo ACIDI em Setembro de 2011. Outro indicador é fato de que não ter participado da construção da Cartilha de Género, que acabou por ter um discurso conservador e não feminista, como será analisada a seguir entre os discursos oficiais (um projeto do CRBE, na qual participaram ALCC e CBL, entre outras).

Referente ao reconhecimento do ACIDI, a dirigente da Comunitária criticou a instituição portuguesa, o que não foi observado nas entrevistas com as outras associações. Em suas palavras:

O reconhecimento, eu considero mais um entrave burocrático, porque já existem as instituições, o próprio Ministério da Justiça, onde diz que é uma

associação legalmente constituída. Nós somos uma organização constituída. Eu crítico o reconhecimento fortemente. Deveria ter um certificado na questão imigrante. E não é só no entrave burocrático que esse reconhecimento é inibidor. É mais uma barreira para o crescimento do associativismo imigrante, talvez só o associativismo imigrante é que sofra essa barreira do reconhecimento. Uma das barreiras é essa, que vai além do burocrático, vai também na questão do acesso ao financiamento nas linhas que tratam das questões imigratórias. Hoje em dia em Portugal o acesso a linhas de apoio e de projetos relacionados com imigração, estão centralizados no órgão ACIDI, isso é o verdadeiro entrave. Quando passa pelo ACIDI só as associações ditas reconhecidas é que tem acesso a concorrer aos projetos, os projetos não são avaliados na viabilidade, na inovação, nos critérios como estes. Se são, é lá dentro com essa peneira de associações reconhecidas, quando existe centenas e centenas de associativismo imigrante em Portugal, pequenas associações, tomando suas ações, sobrevivendo, porque não vivem realmente, sobrevivem. Não tem recursos possíveis porque está ligado a esta estrutura. Então faço minha imensa crítica a este modelo e tenho tentado como dirigente da associação aceder a este modelo porque é a única via dentro do trabalho para a imigração (Representante da Associação, Comunitária).

Evidencia-se o centralismo das associações de imigrantes, tanto por parte da estrutura organizacional regulada pelo ACIDI, quanto por parte dos discursos das próprias associações. Ao reconhecer e financiar as associações maiores e com discurso centrado na integração enquanto assimilação, o ACIDI controla o associativismo imigrante, tornando-o mais próximo de organizações não governamentais prestadoras de serviços, do que de movimentos sociais reivindicadores. A ressalva empreendida por Gregório-Gil (2010), mencionada anteriormente – de que as associações de imigrantes, muitas vezes, tornam-se entidades prestadoras de serviços controladas pela administração estatal, perdendo o caráter reivindicativo – parece fazer sentido no caso das principais associações de imigrantes brasileiros em Portugal. Os discursos de caráter mais reivindicador, como da Comunitária, acabam por ser silenciados pelas organizações hegemônicas dentro do associativismo.

No que tange ao foco específico de análise desta Tese, percebe-se que esse processo centralizador acaba por reforçar os discursos hegemônicos sobre a <Mulher Brasileira>. A brasileira imigrante (para ALCC e CBL, associações preponderantes alinhadas com o ACIDI) possui uma hipersexualidade imanente e seu modo de vestir e de se comportar é o culpado pelo preconceito. Este processo centralizador invisibiliza outros discursos sobre a brasileira imigrante, notadamente contra-discursos feministas que culpam o machismo pelo preconceito e não as próprias imigrantes.

A Representante da Associação é bastante explícita na culpabilização do olhar português pelo preconceito e da mídia que divulga essa imagem. Em suas palavras:

E acho que se a gente fizer um estudo hoje em Portugal, já foi feito alguns, onde mostravam qual a imagem que os media passavam de cada nacionalidade, e o homem e a mulher brasileira foram o que apresentaram maior visibilidade e visibilidade negativa, o homem com a criminalidade e a mulher com sexo e prostituição (...) Esse preconceito, na minha opinião, vem dessa marca mundial, dessa venda do produto brasileiro como uma mulher sensual, dessa imagem da mulher brasileira. E se junta essa imagem com valores que não conseguem entender uma outra cultura; não conseguem entender que a gente sabe sambar, e sabe trabalhar, e sabe ser digna, e sabe fazer o que for, e não conseguem entender que uma mulher que usa uma roupa e que vai para o samba e usa uma bela roupa de sambista é a mesma mulher que tá no call center, que é investigadora, que cuida de seus filhos, eles não conseguem entender isso. Há uma falta de compreensão da dimensão dessa cultura, e nós somos vítimas. E eu não economizo a palavra vítima, quando falo vítimas é daqueles que não entendem a nossa expressão cultural. Como há quem não entenda alguém usar burca, há quem não entenda alguém usar véu, há que não entenda alguém usar um sapato qualquer, há quem não entenda outra forma de ser, forma cultural, e isso se torna contra a mulher brasileira (...) que eu sabia que só em Portugal que houve um evento que chegou a sair na Time e foi divulgado pela mídia grande, penso que nem um lugar do mundo houve um acontecimento como esse, das Mães de Bragança, foi marcante (...) o conservadorismo nas aldeias é muito forte, os valores católicos, os valores morais (Representante da Associação, Comunidária).

Neste momento da entrevista, no qual a Representante da Associação destaca os valores morais, conservadores e católicos, como causa do preconceito, pareceu importante ouvir sua opinião sobre a hipótese teórica trabalhada na Tese, de que as mulheres brasileiras são percebidas em Portugal como “Evas” em oposição as “Marias”, como uma reprodução da moral patriarcal e colonial. A entrevista concordou com essa hipótese e ainda acrescentou que esse imaginário que divide as mulheres em “Evas” e “Marias” pode ser mais forte em Portugal que em outros países, tendo em vista o forte culto à Maria no catolicismo português, através da Nossa Senhora de Fátima. Em suas palavras: *“E não é só Maria, é a Nossa Senhora de Fátima, é o país de Fátima, é fortíssimo no catolicismo português, é muito mais forte que em outros catolicismos”*.

Destaca-se, ainda, que a entrevista da Representante da Associação já inicia diferente das demais. Ao responder sobre a origem da associação a dirigente coloca-se como mulher imigrante. Em suas palavras:

Surgiu, em resumo, da minha experiência, onde eu vivi as dificuldades de ser mulher imigrante em situação irregular. Sai de Portugal, voltei ao Brasil, depois resolvi fazer um curso de especialização em desigualdade na Complutense de Madrid, em busca de fazer estudos sobre as mulheres. Quando cheguei em Madrid como estudante, resolvi estudar as mulheres estrangeiras e a mobilidade social. Surgiu da minha experiência enquanto uma mulher imigrante em Portugal, enquanto uma mulher com filho, com várias situações de vulnerabilidade, onde vi que era necessário trabalhar

essas situações mesmo mais específicas de uma mulher imigrante (Representante da Associação, Comunitária).

Sobre os projetos da Associação Comunitária, a entrevistada destacou que o principal projeto, atualmente, é voltado para as empregadas domésticas imigrantes, isto porque as mulheres imigrantes que chegavam a associação com maiores situações de vulnerabilidade e com um desconhecimento profundo dos seus direitos eram empregadas domésticas. Intitula-se “Tu precisas de mim, eu preciso de ti” e desenvolve diferentes ações: tertúlias de discussão sobre discriminação, sobre direitos e deveres, com testemunhos de empregadas domésticas e de patroas éticas; site com informações sobre os direitos das trabalhadoras domésticas; críticas a lei desfavorável ao trabalho doméstico, com atos de rua e petição on-line para que Portugal ratifique a Convenção 189 da Organização Internacional do Trabalho sobre o trabalho doméstico digno. Através deste projeto, a Comunitária é parceira do GAMI (Grupo de Apoio às Mulheres Imigrantes), do qual fazem parte a UMAR (União de Mulheres Alternativa e Resposta), a SOLIM (Solidariedade Imigrante) e o Dinâmia (Centro de Estudos sobre Mudança Socioeconómica e do Território do ISCTE-IUL), e que tem como foco central a dignificação do trabalho doméstico de mulheres imigrantes. Para além do GAMI, que trabalha a mesma temática, a entrevistada destacou que recebe mais apoio do movimento feminista do que do associativismo imigrante.

Outro exemplo de sua proximidade ao movimento feminista foi sua participação no SutWalk Lisboa, movimento que será analisado no capítulo 4, por ter tido protagonismo de brasileiras imigrantes independentes, além da participação da Associação Comunitária. O movimento foi realizado em várias capitais do mundo, com objetivo de desconstruir valores sexistas e patriarcais e denunciar a culpabilização das vítimas de estupro. Em Lisboa, tanto na marcha de rua, quando no manifesto divulgado nas redes sociais e na mídia, foram incorporados os preconceitos interseccionados, específicos, que muitas mulheres sofrem, como as imigrantes, as brasileiras, as lésbicas, as trabalhadoras domésticas. Neste sentido, durante a marcha foram levantados cartazes onde se lia, por exemplo: “Pelo fim do preconceito às brasileiras em Portugal”. Apesar deste enfoque nas imigrantes em geral e nas brasileiras em específico, apenas a Associação Comunitária (entre as associações de imigrantes) envolveu-se na marcha. Sobre este aspecto, a dirigente da Comunitária afirma que:

O feminismo, o associativismo feminista é muito pequeno em relação a outros associativismos em Portugal, sobre desenvolvimento, de solidariedade, da pobreza, até do imigrante que já tem peso, e o feminismo também sofre desta representação minoritária, como os movimentos GLBT,

são pequenas organizações que lutam por um espaço. Dentro desse raciocínio, uma associação como a nossa que trabalha prioritariamente com a mulher imigrante com uma visão feminista, além da visão de origem, isso vai ficando reduzido. Tanto na América Latina, como na África, o patriarcalismo é muito forte e isso vai se refletir com as lideranças das associações imigrantes e nos próprios imigrantes. (...) O preconceito contra a mulher brasileira não é recente. Mas se preocupar com isso é recente. (Representante da Associação, Comunitária).

Conclui-se que os discursos da CBL, ALCC e Comunitária são diferentes quanto às causas do preconceito contra as brasileiras e quanto às formas de combatê-lo. Enquanto a CBL e a ALCC apresentam um discurso mais conservador, que culpabiliza a própria brasileira e seus hábitos pelo preconceito, apontando que devem mudar e se adaptar a Portugal; a Comunitária apresenta um discurso feminista que enfoca o olhar do preconceituoso como responsável pelo preconceito, apontando a necessidade de sensibilização deste olhar para que seja capaz de entender o outro e de respeitar as mulheres. No entanto, todas reconhecem que há preconceito, percebem o papel da mídia na reprodução do estereótipo e são capazes de unirem-se contra o estereótipo da mulher brasileira em Portugal – em alguns momentos, quando há pressão por parte da própria comunidade brasileira.

Um destes momentos de união entre as associações foi a realização de uma nota de repúdio à declaração do Dr. Marinho Pinto, Bastonário da Ordem dos Advogados de Portugal, o qual afirmou, no Programa Justiça Cega do canal de televisão RTP, de 31 de Outubro de 2012, que "uma das coisas que Brasil mais tem exportado para Portugal são prostitutas"¹⁷. A nota foi divulgada em 05 de Dezembro de 2012, após uma onda de indignação de brasileiros e brasileiras nas redes sociais. Conforme segue:

A Casa do Brasil de Lisboa (CBL), a ALCC – Associação Lusofonia, Cultura e Cidadania, a Associação Comunitária e a UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta vêm reafirmar o seu repúdio para com todas as formas de estigmatização da mulher brasileira. Consideramos lamentáveis e perigosas as declarações do Sr. Bastonário da Ordem dos Advogados no programa Justiça Cega, do Canal RTP Informação, emitido no passado dia 31 de outubro do presente ano, pois fomentam o preconceito e o desrespeito para com mulher brasileira e, em particular, às mulheres brasileiras residentes em Portugal. A infeliz perpetuação desta imagem redutora e hipersexualizada da mulher brasileira, através de pessoas que ocupam cargos de responsabilidade, como o Dr. Marinho Pinto, tem implicações graves para a vida de cada uma das brasileiras vivendo em Portugal. São frequentes os casos de assédio sexual, discriminação no emprego e na vida social, bem como dificuldades no acesso ao alojamento e interrogatórios abusivos nos aeroportos e nas esquadras de polícia. As declarações prestadas, em tom de escárnio e ironia, desrespeitam o Estado

¹⁷ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=SPnKONSkJes>

brasileiro e demonstram um profundo desconhecimento sobre o movimento migratório brasileiro, em particular sobre as características e papel das imigrantes brasileiras em Portugal. Consideramos que as declarações do Sr. Bastonário, xenófobas e misóginas, atentam contra a dignidade não só das mulheres brasileiras, mas de todas as mulheres!

A declaração do Bastonário da Ordem dos Advogados de Portugal, a qual reforça o imaginário de que as brasileiras imigrantes são prostitutas, é um indício daquilo que pode ser dito em Portugal sobre a brasileira imigrante. O que pode ser dito em uma sociedade representa suas relações de poder. Esta declaração é um indício de que as relações de poder em Portugal permitem estigmatizar as mulheres brasileiras. A declaração do Bastonário é um início do que pode ser dito sobre a imigrante brasileira: tanto em termos de discursos oficiais, pois se trata de um cargo de extrema responsabilidade na sociedade civil, quanto no que se refere aos discursos da mídia, já que foi divulgada em um canal de televisão. Os discursos da mídia foram mencionados anteriormente e os discursos oficiais serão analisados a seguir.

2.4 O Imigrante, a Imigrante, a Brasileira e a Lusofonia nos Discursos Oficiais de Imigração

Este subcapítulo tem como objetivo analisar como os discursos oficiais em torno da (e)(i)migração contribuem na construção da ordem discursiva sobre <Mulher Brasileira> em Portugal. Primeiramente serão analisados discursos oficiais brasileiros sobre sua emigração, notadamente a Cartilha de Gênero do Conselho de Representantes dos Brasileiros no Exterior/região Europa (CRBE). Em seguida serão analisados discursos oficiais portugueses sobre a imigração, especificamente do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) e do Alto Comissariado para Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI).

Ao seguir a lógica de cada discurso, busca-se perceber: como o discurso do CRBE constrói imaginários sobre a brasileira imigrante; como o discurso do SEF constrói imaginários sobre o imigrante em geral, sobre a mulher imigrante e a brasileira vítima de tráfico ou imigrantes ilegais para fins de prostituição; e, como o discurso do ACIDI constrói imaginários sobre o imigrante em geral, sobre a comunidade brasileira e sobre a lusofonia. Entende-se que todas estas tramas discursivas colaboram na construção da ordem discursiva <Mulher Brasileira> em Portugal.

Investigações que envolvem estes mesmos objetos – SEF, ACIDI, CRBE – têm sido realizadas, sobretudo, com enfoque na avaliação de políticas migratórias. Conforme Padilla (2007b; 2011), bem como, Padilla e França (2012), a análise de políticas migratórias deve perceber a cidadania como transnacional, abordando as políticas migratórias tanto da

perspectiva do país de origem, quanto de destino. As autoras destacam a importância dos acordos bilaterais entre Brasil e Portugal e da crescente preocupação do Estado Brasileiro com sua diáspora. Apesar de reconhecerem os avanços em termos de legalização, de integração dos imigrantes brasileiros em Portugal, de garantia dos direitos dos brasileiros na União Europeia, as autoras destacam que algumas políticas bem elaboradas e bem intencionadas decepcionam em sua prática (Padilla, 2007b) e que, no atual contexto de crise econômica os direitos dos imigrantes podem recuar (Padilla, França, 2012).

O enfoque nesta Tese não é analisar as políticas portuguesas para imigração, tampouco as políticas brasileiras para a emigração. Apesar de se referir às instituições construtoras destas políticas (SEF, ACIDI, CRBE), estas instituições serão aqui analisadas como mais um grupo enunciador da ordem discursiva <Mulher Brasileira>. A análise das práticas discursivas do CRBE, do ACIDI e do SEF será realizada a partir de material documental e de observação participante realizada em algumas atividades destas instituições.

2.4.1 Discursos Oficiais Brasileiros: o Conselho de Representantes dos Brasileiros no Exterior (CRBE/MRE)

Conforme Padilla e França (2012: 182) a partir de 1980 o Estado Brasileiro começa a perceber a importância da emigração e apenas na década de 1990 inicia medidas para fortalecer os laços com sua diáspora. As autoras referem-se a iniciativas pontuais do Ministério da Justiça, do Ministério do Trabalho e Emprego e do Ministério das Relações Exteriores. Em 2010 o Governo Brasileiro passa a preocupar-se com sua emigração de forma deliberada. Através do Decreto 7.214, de 15/06/2010, estabeleceram-se os princípios e as diretrizes da política governamental para as comunidades brasileiras no exterior, coordenada pelo Ministério das Relações Exteriores (MRE), regulamentaram-se as Conferências “Brasileiros no Mundo” (CBM) e foi criado o Conselho de Representantes de Brasileiros no Exterior (CRBE)¹⁸. É importante ressaltar que esta preocupação do Estado Brasileiro com sua diáspora dá-se num quadro de demandas políticas por parte dos brasileiros que vivem fora do país. Estas demandas iniciam-se na década de 1990, sendo que em 2009 havia 356 associações de brasileiros em 45 países (Barreto, Wanderley, 2012: 258). A crescente relevância do Brasil no cenário internacional e a importância do tema das migrações

¹⁸ Disponível em: <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/>

internacionais, também jogam papel importante da adoção destas políticas para a emigração por parte do Governo Brasileiro (*idem*).

Ainda segundo Barreto e Wanderley (2012) as CBM são espaços privilegiados do diálogo entre o Estado Brasileiro e seus emigrantes. Na primeira CBM, realizada em 2008, foi elaborada a “Ata Consolidada de Reivindicações das Comunidades Brasileiras no Exterior”, que versou sobre dez temas, sendo estes: serviço e assistência consular, políticas para as comunidades brasileiras no exterior, educação, previdência social, trabalho, saúde, assistência social e direitos humanos, cultura e comunicação, economia e empreendedorismo, ciência e tecnologia. A partir das discussões na I CBM foi publicado um livro (AA.VV. 2009) com textos elaborados por acadêmicos, autoridades governamentais, especialistas e brasileiros residentes no exterior, os quais discutem políticas migratórias em diferentes aspectos. A cerca da Ata Consolidada, a cada Conferência incorporam-se novas demandas, bem como, é a partir desta ata que o MRE orienta suas políticas para os emigrantes e realiza sua prestação de contas à comunidade de brasileiros no exterior. Ainda, os representantes do CRBE, eleitos através de um pleito virtual conforme as regiões (I-América do Sul e Central, II-América do Norte e Caribe, III- Europa, IV - Ásia, África, Oriente Médio e Oceania) devem lutar pela efetivação das demandas presentes na ata consolidada, sendo interlocutores privilegiados entre imigrantes e Estado. Destaca-se que este processo de representação está em uma fase inicial, atravessando uma série de conflitos, problemas de legitimidade junto aos brasileiros, dificuldades de institucionalização, entre outras disputas (Barreto, Wanderley, 2012).

Ressalta-se que a temática “gênero” está incorporada de forma transversal a outras temáticas da Ata Consolidada. Na III CBM, realizada em 2010, o grupo da Europa sugeriu um maior enfoque na temática “gênero”, com propostas específicas, como a “Cartilha de Gênero”, a qual foi aprovada. A proposta consistia na elaboração de uma primeira cartilha a nível europeu, a qual serviria de modelo para as demais regiões. Tendo em vista que o objetivo deste sub-capítulo é o de analisar de que forma os discursos oficiais brasileiros contribuem na construção do imaginário de “brasileira imigrante”, entende-se que é importante centrar a análise na “Cartilha de Gênero”.

A Cartilha foi proposta pela Professora Else Vieira (Queen Mary, University of London), representante suplente do CRBE, região Europa. Os trabalhos colaborativos desenvolveram-se ao longo de 2011 e as finalizações foram feitas ao longo de 2012. Em novembro de 2012 a cartilha foi encaminhada para publicação. A versão que será aqui analisada corresponde à versão final distribuída entre as pessoas que participaram da construção da cartilha, pois a mesma ainda não se encontra publicada até este momento.

Foi realizada observação participante nas reuniões de elaboração da cartilha que ocorreram em Portugal, bem como, participou-se do trabalho de pesquisa (levantamento de dados) para a cartilha como investigadora. A primeira reunião em Portugal ocorreu em Abril de 2011, em Lisboa, com a presença da proponente Else Vieira, associações de imigrantes brasileiros, pessoas interessadas e investigadores da imigração brasileira. O procedimento de trabalho adotado foi a formação, em diferentes países europeus, de grupos de trabalho, com representantes de associações e investigadores do tema, para identificar aspectos importantes que deveriam constar na cartilha, formas de escrevê-la, distribuí-la, etc. Em Outubro de 2011 foi realizado o encontro geral em Lisboa, onde cada grupo de trabalho, de cada país, trouxe sua contribuição para a elaboração da cartilha conjunta a nível europeu. Optou-se por centrar nos problemas enfrentados pelos/as imigrantes no que tange as relações de gênero, que afetam principalmente as mulheres.

Intitulada “Cartilha de Sexualidade e Gênero na Imigração Brasileira para a Europa”, o documento é apresentado pela Prof^a Else Vieira:

Esta publicação foi viabilizada pelo Projeto “Trabalho e Gênero na Migração Brasileira e Latino-Americana”, patrocinado pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e FAPEMIG (Fundação do Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais), coordenado na Europa por Else R. P. Vieira (Catedrática de Estudos Brasileiros e Latino-Americanos Comparados do Queen Mary, Universidade de Londres e primeira suplente do Conselho de Representantes dos Brasileiros no Exterior para a Europa 2011-2012) e no Brasil pelas Professoras Doutoras Graciela Ravetti (Titular em Estudos Latino-Americanos da Universidade Federal de Minas Gerais e Pesquisadora Visitante Sênior do Queen Mary, University of London) e Professora Doutora Ana Beatriz Gonçalves (Professora Adjunta da Universidade Federal de Juiz de Fora). A plenária da III Conferência Brasileiros no Mundo (Itamaraty, Rio de Janeiro, dezembro de 2010) aprovou, por consenso e unanimidade, a proposta submetida por Else R. P. Vieira de elaboração de uma cartilha de gênero para a Europa.

O trabalho de levantamento de dados em Portugal foi realizado com a participação de investigadoras de diferentes universidades (Instituto Universitário de Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, Universidade de Lisboa, Universidade de Coimbra), de associações (Associação Lusofonia Cultura e Cidadania, Casa do Brasil de Lisboa, Movimento em defesa da vida, Associação Portuguesa de apoio à vítima) e do Consulado do Brasil em Lisboa, com a coordenação da Representante da Associação da ALCC. Os questionários foram elaborados pelas investigadoras e foram aplicados por todos os envolvidos a cerca de 30 informantes privilegiados. Os resultados serviram como base para a identificação dos principais problemas enfrentados pelos/as imigrantes, no que tange a gênero.

Na estruturação e redação da cartilha participaram, de Portugal, a Casa do Brasil de Lisboa e a Associação Lusofonia Cultura e Cidadania. Na cartilha consta, ainda, o apoio da União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR), no entanto, esta participação ocorreu apenas no encontro final.

As reuniões eram conturbadas devido às diferentes visões sobre gênero. Enquanto alguns representantes de associações afirmavam não ser feministas e não saber o que é o feminismo, investigadores afirmavam-se feministas. A não participação da UMAR nas reuniões tornou o grupo feminista minoritário. As associações preponderantes não tinham uma postura combativa em defesa das mulheres imigrantes. O rumo dos trabalhos parecia apontar para uma cartilha que reproduziria valores patriarcais e sexistas. Os conflitos levaram a que as investigadoras se afastassem. A participação de Portugal na redação da cartilha coube às associações.

Os temas abordados foram:

1. A exploração sexual
2. O estereótipo da sensualidade brasileira e o assédio sexual
3. Casamentos com europeus pela Internet
4. Casamentos com turistas estrangeiros
5. Hábitos diferentes de vestir
6. União estáveis, direitos trabalhistas e de residência em países da Europa
7. Prostituição voluntária de brasileiros na Europa
8. Gravidez no exterior
9. HIV positivos
10. A exploração do trabalho da imigrante
11. Trabalho excessivo e em condições desumanas e antissociais
12. A crescente dependência da família no Brasil
13. Problemas de moradia compartilhada e exploração
14. Crianças fora da escola ou sem acompanhamento escolar
15. Tráfico de mulheres e violência doméstica
16. Serviço telefônico gratuito de atendimento às mulheres brasileiras vítimas de violência na Europa

Conforme a apresentação da cartilha, a mesma estruturou-se através dos temas, que correspondem a problemas enfrentados pelas imigrantes, os quais foram abordados através de depoimentos e sugestões de como evitar, minimizar ou resolver estes problemas. Sobre este aspecto é possível empreender uma análise sobre como a cartilha de gênero (re)constrói o imaginário de brasileira imigrante.

O segundo tema abordado é “o estereótipo da sensualidade brasileira e o assédio sexual”, o qual é bastante elucidativo. A seguir o texto que se encontra na cartilha, na versão final que os envolvidos tiveram acesso:

Exemplos de insinuações sexuais com mulheres brasileiras:

“Ah, Você é brasileira? Você sabe sambar e se mexer como a gente vê no carnaval pela TV?”

“As brasileiras são tão limpinhas e cheirosas!”

“Você usa fio dental? Como se depila? Deve ficar tão bonito! Tão feminino!”

“Que garçõnete sexy! Você é brasileira? Vire para eu ver seu bumbum. É igual na TV?”

“Você faz de tudo? É verdade que as brasileiras fazem tudo na cama?”

Comentário sobre o estereótipo da sensualidade brasileira e o assédio sexual:

Os brasileiros e, principalmente, as brasileiras na Europa estão familiarizados com as insinuações exemplificadas acima e que demonstram os estereótipos sobre tudo da mulher brasileira: hiper-sexualizada e com poucas inibições ou restrições sexuais. Esses estereótipos de hiper-sensualidade focalizando principalmente as mulheres brasileiras são bastante projetados no mundo pela mídia, agências de viagem, companhias aéreas, etc.

Muitos brasileiros introjetam esses estereótipos e se valem deles como forma de aceitação em outros países. Muitos tiram vantagem desses estereótipos. Muitos brasileiros e brasileiras reforçam essas características como forma de auto-valorização.

O pulo entre o reconhecimento de qualidades das brasileiras e situações constrangedoras e de abuso é pequeno. Cria-se uma expectativa de que as mulheres sejam desinibidas e fáceis ou insinuações de que todas são prostitutas.

Há tratamentos desrespeitosos. Algumas insinuações chegam a ser consideradas como assédio em alguns países, o que é falta grave. É bom que os brasileiros reflitam se desejam ou não reforçar e agir de acordo com esses estereótipos.

Os exemplos são ilustrativos dos problemas que as brasileiras enfrentam no que tange ao estereótipo. No entanto, o comentário é bastante simplificador das múltiplas formas pelas quais as brasileiras lidam com o estereótipo. O comentário parece culpabilizar as próprias brasileiras que se aproximam da brasilidade, ao afirmar que “introjetam” os estereótipos e ao julgar sua forma de ser. A última frase é um conselho moral às brasileiras e aos brasileiros, buscando orientar sua forma de ser, como se está fosse a culpada pelo preconceito. A sugestão apontada de como evitar, minimizar ou resolver o problema do estereótipo recai sobre a conduta do imigrante. A cartilha provoca desempoderamento ao reproduzir o julgamento moral que a sociedade europeia faz sobre as brasileiras; quando poderia incentivar o empoderamento e valorizar a liberdade individual. A cartilha defende a assimilação para integração, quando poderia sensibilizar sobre a existência do preconceito incentivando o contato intercultural como forma de combatê-lo.

Ainda mais explícito do imaginário de brasileira imigrante como culpada do preconceito que sofre é o quinto tema abordado: “Hábitos diferentes de vestir”. Conforme segue:

Depoimentos:

“Fui à piscina e percebi que as pessoas me olhavam com uma cara muito estranha. Acho que era por causa do meu biquíni, bem pequeno como eu sempre usei no Brasil.”

“Outro dia no bar vi que alguns caras olhavam para o meu decote como se eu estivesse me oferecendo.”

“Em plena luz do dia me perguntaram onde eu fazia ponto. Tive que explicar que não era prostituta e que no Brasil é comum qualquer pessoa usar calça comprida bem justa.”

Comentário:

Nem sempre podemos vestir do mesmo jeito ou agir da maneira que fazíamos no Brasil. É importante ter em mente que estamos em outro país, com uma cultura diferente da nossa, e nem sempre as pessoas vão entender nosso modo mais ousado de vestir. Não devemos tentar impor nossos valores e sim respeitar os hábitos locais.

Os depoimentos são bastante elucidativos de situações que sofrem as brasileiras em Portugal em função das diferenças culturais. No comentário, mais uma vez, a cartilha coloca-se ao lado do discurso que defende a assimilação como única forma de integração. Ao afirmar que “não devemos tentar impor nossos valores e sim respeitar os hábitos locais” busca conduzir o comportamento das brasileiras para a assimilação. Sendo os comentários sugestões de como resolver o problema, ao colocar a solução do problema na mudança da forma de vestir das brasileiras, as culpabiliza por sua forma de vestir e não incentiva o diálogo intercultural.

No subcapítulo anterior, ao citar Al-Saji (2010), comparou-se o preconceito que as brasileiras sofrem em sua maneira de vestir (generalizada) com o preconceito ao véu islâmico. Em sua narrativa, a dirigente da Associação Comunitária também empreendeu a mesma comparação. Ao relacionar esse comparativo com a Cartilha de Gênero, percebe-se que se a cartilha fosse voltada para as mulheres islâmicas, sugeriria que estas não usassem o véu para não sofrer preconceito e respeitar os hábitos locais franceses. Esta sugestão seria interpretada como racismo, xenofobia, discriminação e falta de diálogo intercultural. O que se sugere com esta comparação é que o discurso do CRBE é conservador, está alinhado ao discurso da assimilação dos imigrantes e encontra-se distante do anti-racismo.

Conclui-se que, apesar da iniciativa da cartilha de gênero ter sido bastante positiva, uma visão conservadora prevaleceu em seu discurso, o qual quando pretendeu combater o estereótipo em torno da mulher brasileira, o fez da forma simplista. Assim como já havia sido observado nas associações de imigrantes brasileiros, na cartilha de gênero emerge a moral patriarcal de divisão das mulheres buscando “salvar” as brasileiras do grupo das “Evas” e aproximá-las do grupo das portuguesas “Marias”. No entanto, uma análise crítica e fundamentada, como pertence-se nesta Tese, permite reconhecer que o problema é muito mais

complexo. Ao desnaturalizar o estereótipo e analisá-lo com olhar desconstrutivista, percebe-se que ele relaciona-se com o saber-poder patriarcal e com o saber-poder racista e colonial, assim, as mulheres brasileiras são as “Evas”. Não basta analisar ou denunciar o estereótipo, tentando colocar as mulheres brasileiras no papel de “Marias”. É preciso analisar e desconstruir o próprio imaginário que divide as mulheres em “Evas” e “Marias”. Para isso, a análise deve centrar-se na percepção de como as mulheres brasileiras são construídas como “Evas”, como são consideradas “corpos coloniais” disponíveis. Esta análise permite evidenciar que o imaginário das brasileiras como “Evas” é tão forte que a própria cartilha de gênero acaba por reforçá-lo.

Para além da Cartilha de Gênero, cabe destacar que dos 29 representantes (titulares e suplentes) do CRBE, apenas sete subscreveram o “Manifesto contra o Preconceito às Brasileiras em Portugal”, o qual será analisado no quarto capítulo 4 desta Tese, por se tratar de uma iniciativa autônoma das imigrantes brasileiras. Apesar de ter sido uma minoria entre os representantes, o fato de alguns terem subscrito um movimento independente de caráter feminista é significativo. Destaca-se que a suplente do CRBE, Else Vieira, que propôs a cartilha de gênero, não subscreveu o referido Manifesto.

2.4.2 Discursos Oficiais Portugueses

2.4.2.1 Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF)

O Serviço de Estrangeiros e Fronteiras é responsável pela execução da política de imigração portuguesa. Integra o Ministro da Administração Interna e tem o objetivo de “controlar a circulação de pessoas nas fronteiras, a permanência e atividades de estrangeiros em território nacional, bem como estudar, promover, coordenar e executar as medidas e ações relacionadas com aquelas atividades e com os movimentos migratórios”¹⁹.

Conforme discutido anteriormente, no subcapítulo de contextualização, os relatórios anuais do SEF fornecem dados quantitativos que são importantes ferramentas de conhecimento sobre a imigração em Portugal. No entanto, estes dados produzem generalizações que acabam por contribuir na construção de imaginários sobre quem são os imigrantes. Além de contribuir nas generalizações, o SEF produz outros discursos que constroem imaginários sobre os imigrantes. Entre estes outros discursos produzidos pelo SEF destacam-se aqueles que criminalizam os imigrantes e aqueles relacionados ao gênero.

¹⁹ Natureza do SEF. Disponível em: www.sef.pt

Sobre a criminalização dos imigrantes, Brancante e Reis (2009) demonstram a emergência de investigações sobre como a imigração tem sido securitizada pelo Estado. A imigração passa a ser tratada como problema de segurança e não só uma questão política e social. Neste processo, os imigrantes passam a ser construídos como criminosos e percebidos como ameaças. Ao buscar a regularização junto aos órgãos competentes (o SEF em Portugal) todo o imigrante é percebido como um potencial imigrante ilegal. Os autores destacam que há uma “tendência na União Europeia, de se lidar com a questão da imigração no mesmo grupo de trabalho que discute narcotráfico, crime organizado e terrorismo, sob a rubrica genérica de ameaça transnacional. Nesse sentido, a chamada “Diretiva do Retorno”, aprovada em julho de 2008 pelo Parlamento Europeu, reforça, por meio de mecanismos coercivos, o viés criminalista no tratamento dos imigrantes ilegais” (*idem*: 75). Ainda segundo os autores a securitização se dá tanto no nível do controle de fronteiras (criminalização da imigração ilegal), como no nível dos impactos internos (percepção do imigrante como ameaça, em termos políticos, econômicos e culturais).

Segundo Ibrahim (2005) a securitização dos imigrantes é construída como uma ordem discursiva de saber-poder que deve ser entendida como uma forma de racismo. O autor destaca que nem sempre os imigrantes foram percebidos como ameaça, demonstrando a construção recente da securitização da migração. Cita como exemplo as políticas de incentivo a imigração no Canadá. De forma semelhante, no capítulo teórico exemplificou-se a construção do imigrante ítalo-germânico como herói no sul do Brasil, na tentativa de desnaturalizar a concepção do imigrante enquanto uma ameaça (e de diferença como algo pejorativo). A percepção do imigrante como ameaça parece estar intrinsecamente relacionada ao racismo.

A securitização da imigração está presente nos discursos do SEF, como ser percebido através da presença de diversas notícias em seu portal²⁰, bem como, pela adoção da “Diretiva de Retorno”²¹ e sua defesa pública²². Entende-se que este imaginário geral do imigrante como

²⁰ Cita-se, como exemplo, a notícia de 20 de Novembro de 2012, intitulada “Desmantelada rede criminosa de auxílio à imigração ilegal, falsificação de documentos e casamentos de conveniência”. Disponível em: www.sef.pt

²¹ A “Directiva de Retorno”, aprovada em 2008, estabelece normas e procedimentos comuns aos Estados-Membros da União Europeia para lidar com nacionais de países terceiros em situação irregular. A Diretiva foi duramente criticada por ONGs de defesa dos direitos humanos, por associações de imigrantes, entre outros, que julgam que a diretiva banaliza e generaliza a detenção e deportação de imigrantes. Em Portugal houve movimentos organizados contra a diretiva, intitulando-a de “Directiva da Vergonha”. Disponível em: <http://www.solimigrante.org/directiva-da-vergonha-aprovada-pelo-conselho-da-ue>

²² Como pode ser evidenciado no artigo “Directiva do Retorno - Artigo de opinião de autoria do Senhor Secretário de Estado Adjunto e da Administração Interna, Dr. José Magalhães”. Disponível em: http://www.sef.pt/portal/v10/PT.aspx/noticias/Noticias_Detalhe.aspx?id_linha=5074

ameaça reforça o imaginário específico de mulher brasileira como uma ameaça moral. Conforme citado anteriormente, dentre as investigações que buscam mapear os estereótipos da população portuguesa com relação aos imigrantes, Rosário *et al.* (2011) demonstram que: “a diferença é, no entendimento dos participantes, cada vez mais sentida como ameaça, tanto em termos de integridade física (negros, ciganos, brasileiros) como de decência (mulheres brasileiras) ou valores fundamentais (mulçumanos)” (*idem*: 199-200). Ou seja, a construção discursiva do imigrante como uma ameaça, no processo de securitização da imigração, reproduz-se nos discursos da população portuguesa e relaciona-se com o imaginário de brasileira.

Sobre o imaginário de mulher imigrante, cabe ressaltar o discurso do SEF sobre tráfico de mulheres. Peixoto, *et al* (2005) empreendem uma investigação sobre aspectos políticos, jurídicos e sociológicos sobre o tráfico de seres humanos. A pesquisa aborda o tráfico de mão de obra, de mulheres e de crianças, proporcionando um conhecimento geral sobre o tráfico em Portugal, com estatísticas, fluxos (origens e destinos), caracterização das vítimas, modos de organização, políticas de combate, legislações e discursos da mídia sobre o tráfico. A análise é realizada a partir de fontes jurídicas, estatísticas oficiais, entrevistas a órgão de imigração e ONGs e análise de mídia. Na obra, na análise da imprensa, Sabino e Murteira (2005) destacam que as brasileiras “são as que têm maior visibilidade, não apenas como vítimas de situações de tráfico de mulheres para exploração sexual, mas também como “alvos a abater” nas comunidades de integração” (*idem*: 130). Pode-se inferir, a partir dos dados apresentados, que as brasileiras não são visibilizadas apenas como vítimas, mas como culpadas.

Ainda no mesmo livro, no capítulo dedicado ao tráfico de mulheres, Sabino (2005) ressalta as dificuldades conceituais de abordar o tema e as ideias pré-concebidas que prejudicam as análises. A autora destaca a distinção entre tráfico de mulheres para fins de exploração sexual e auxílio a imigração ilegal para fins de prostituição voluntária, sendo que o tráfico caracteriza-se pela coação, violência, abuso e exploração. Esta distinção está presente no “Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas contra o Crime Organizado Transnacional relativo à Prevenção, Repressão e Punição do Tráfico de Pessoas, em especial mulheres e crianças”, conhecido como Protocolo de Palermo²³, em vigor desde 2003. Também Santos *et al* (2009) destacam a falta de consenso na definição do tráfico, especialmente no que tange ao tráfico de mulheres para exploração sexual, o que acaba por prejudicar a eficácia das ações de combate ao tráfico e de proteção as vítimas.

²³ Disponível em <http://www.unodc.org>

Sobre estas discussões conceituais, Piscitelli e Vasconcelos (2008), Alvim e Bordonaro (2008) e Alvim e Togni (2010) destacam que é necessário separar o tráfico de mulheres, com coerção, fraude, abuso e exploração, de outras práticas envolvendo o mercado transnacional do sexo, como os namoros temporários em troca de presentes e a prostituição voluntária. Nestas variedades de práticas e discursos, as autoras apontam que, muitas vezes, os discursos sobre tráfico de mulheres são construtores de estigmas sobre as imigrantes, como nos casos onde as mulheres não são vítimas de tráfico e os discursos oficiais podem acabar perseguindo imigrantes que optam pela prostituição como profissão no exterior, com o argumento de protegê-las, retirando sua agencialidade. A prostituição não configura crime em Portugal, no entanto, também não é uma profissão regulamentada que possa preencher os requisitos para uma autorização de residência. Assim sendo, as imigrantes que optam pela prostituição não podem legalizar-se, mas também não podem ser criminalizadas pela prostituição. Desta forma, são criminalizadas como imigrantes ilegais ou percebidas como vítimas de tráfico. Alvim e Bordonaro (2008), ao realizarem uma análise dos discursos oficiais sobre o tráfico de mulheres, demonstram como esses discursos coincidem com o incremento da migração autônoma feminina e acabam por dificultá-la. Alvim e Togni (2010) empreendem uma análise semelhante, focando no caso de Portugal e da construção de um “pânico moral” em torno das mulheres brasileiras, ao associá-las ao tráfico de mulheres, à prostituição e aos casamentos por conveniência.

As confusões conceituais contribuem para reforçar estereótipos sobre as brasileiras. Por um lado, a prostituição voluntária é condenada moralmente, o estigma é associado às brasileiras e estas imigrantes acabam por ser criminalizadas como imigrantes ilegais, no processo de securitização da imigração. Sobre este aspecto destaca-se um trecho da conclusão de Peixoto *et al.* (2005), no qual os autores destacam que: “tem-se verificado recentemente o aumento do controlo policial sobre a permanência de mulheres em situação imigratória irregular (só a imigração ilegal pode ser punida, não a prostituição)” (*idem*: 314).

Por outro lado, as reais vítimas de tráfico brasileiras acabam por ser criminalizadas como prostitutas imigrantes ilegais devido ao estigma associado à brasileira reproduzido pela polícia. Sobre este aspecto, destaca-se a conclusão de Sabino (2005) no capítulo sobre tráfico de mulheres, do livro supracitado, na qual a autora afirma que: “há duas visões contraditórias: para a polícia, a maior parte destas mulheres sabe ao que vem (principalmente as brasileiras). Para as ONGs e outras organizações que lidam directamente com estas mulheres, a maioria é enganada no país de origem, desconhecendo que o objectivo final da sua viagem é a prostituição” (*idem*: 277). Ainda: “junto das entidades policiais predomina a ideia de que a

maior parte das brasileiras sabe que vem trabalhar na prostituição, considerando-se as brasileiras sujeitas a um menor grau de exploração visto que muitas delas “não são forçadas” a exercer aquela atividade” (*idem*: 268). Este preconceito contra as brasileiras por parte da autoridade policial dificulta que elas sejam reconhecidas e tratadas como vítimas de tráfico, e pode acarretar violências por parte dos policiais para com as brasileiras. No capítulo sobre as políticas, Sabino e Pereira (2005) apontam que “pode acontecer que haja também alguma forma de conivência ou inação por parte das autoridades portuguesas. Foi, por exemplo, referido o caso de mulheres brasileiras que se queixaram junto ao seu Consulado de terem sido obrigadas a prostituir-se por polícias portuguesas” (*idem*: 287).

Através da análise documental da campanha do SEF, vinculada a Direção Geral dos Direitos Humanos e Assuntos Jurídicos do Conselho da Europa, intitulada “Não estás à venda” é possível observar a culpabilização das vítimas de tráfico. Em uma política explícita de combate ao tráfico, a autoridade volta seu discurso para a vítima, buscando conscientizá-la que não está a venda. Desta forma parece assumir que toda a imigrante é potencial ilegal para fins de prostituição e pode ser envolvida em redes de tráfico. A autoridade assume a responsabilização das mulheres como política de combate ao tráfico. Não há campanhas de sensibilização para que os homens portugueses não sejam consumidores que alimentam este mercado. Não há campanhas para que as pessoas denunciem situações de tráfico. A principal campanha volta-se para as mulheres vítimas, para que elas “não se vendam”.

Durante a observação participante realizada no Workshop intitulado “Tráfico de Seres Humanos e Exploração Sexual”, organizado pelo Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais, em Abril de 2010, foi possível evidenciar discursos de culpabilização das imigrantes, bem como, as discussões conceituais sobre o tema. O Protocolo de Palermo foi invocado por vários palestrantes para diferenciar o tráfico de mulheres da imigração ilegal para fins de prostituição. No entanto, no discurso de Isabel Salgado Alho, Diretora Regional do SEF no Algarve, apesar de também ressaltar as diferenças, o enfoque consistiu na ênfase de que ambos são crimes e que o papel do SEF consiste na investigação e na punição destes crimes. A representante do SEF destacou que o tráfico de pessoas consiste em um crime contra a liberdade individual e seu combate relaciona-se com a proteção das vítimas; enquanto a imigração ilegal consiste em um crime contra a soberania do Estado e seu combate relaciona-se com a defesa do Estado. Neste ponto torna-se clara a securitização da imigração, a qual recai sobre as mulheres imigrantes para fins de prostituição voluntária. Para além das discussões conceituais sobre as diferenças entre tráfico de mulheres para exploração sexual e imigração ilegal para fins de prostituição, durante as discussões do Workshop tornaram-se

evidentes duas concepções mais amplas sobre os dois temas: uma centrada nos direitos do Estado, que percebe o tráfico e a prostituição de imigrantes como crime; outra centrada nos direitos humanos, que percebe o tráfico e a prostituição de imigrantes sob a ótica das liberdades individuais (o tráfico como crime contra as liberdades individuais e a imigração para fins de prostituição como um direito a ser alcançado).

Os discursos oficiais sobre o tráfico de mulheres reforçam a culpabilização das vítimas, a criminalização da imigrante e o estigma da brasileira como prostituta. Portanto, os discursos oficiais sobre o tráfico de mulheres contribuem na construção da ordem discursiva <Mulher Brasileira>. Por sua vez, esta ordem discursiva, que se torna hegemônica na sociedade portuguesa, reforça a uma demanda por mulheres brasileiras no mercado da prostituição em Portugal. A conclusão do estudo mencionado anteriormente aponta que a demanda é um dos fatores que aumenta o tráfico de mulheres para a exploração sexual. Conforme Peixoto *et al* (2005): “as razões para o tráfico de mulheres oriundas do Brasil a partir de finais dos anos 90 são várias. Elas incluem os factores de repulsão à saída (pobreza em muitas regiões urbanas e rurais do Brasil), a procura do negócio do sexo em Portugal, o carácter não regulado desta actividade e os elevados rendimentos que daí se retiram” (*idem*: 314). Pode-se inferir que o imaginário <Mulher Brasileira> em Portugal tem influência na demanda por brasileiras no mercado da prostituição, incentivando tanto a prostituição voluntária, como o tráfico de mulheres. Peixoto (2007) destaca que o estereótipo em torno da mulher brasileira em Portugal cria dificuldades de inserção no mercado de trabalho, o que conduz a mulher brasileira imigrante à prostituição e, por vezes, a redes de tráfico. Em sentido semelhante, Santos *et al.* (2009: 75) destaca que a visibilidade das mulheres imigrantes como prostitutas contribui para sua vulnerabilidade social tornando-as alvos em redes de tráfico.

2.4.2.2 Alto Comissariado para Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI)

O Alto Comissariado para Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI) é um instituto público, criado em 2007, vinculado ao Conselho de Ministros. Sua missão consiste em “colaborar na concepção, execução e avaliação das políticas públicas, transversais e sectoriais, relevantes para a integração dos imigrantes e das minorias étnicas, bem como promover o diálogo entre as diversas culturas, etnias e religiões”²⁴. Recebeu diversas distinções e prêmios internacionais.

²⁴ Disponível em: <http://www.acidi.gov.pt/>

Baganha (2005), ao analisar a política portuguesa de imigração, no que tange a regulação dos fluxos, destaca que o sistema português tem sido historicamente ineficaz. Ressalta que apenas com a entrada em vigor da Convenção de Aplicação de Schengen (1995), que Portugal começa a fazer parte do espaço migratório europeu com políticas de regulação. A falta de regulação resultava em imigrantes a viver e trabalhar em Portugal sem oportunidades de regularizar-se. A autora argumenta (Baganha, 2005: 39) que esta falta de regulação estaria relacionada com um discurso dominante e transversal de um Portugal humanista, universalista e marcado pelo luso-tropicalismo. A este discurso se juntaria o discurso do “Portugal país de emigração que pode e deve reagir melhor do que os outros à imigração” (Machado *apud* Baganha, 2005: 39). Segundo a autora, enquanto o país necessitava da mão de obra imigrante, especialmente para a construção civil, não havia políticas regulatórias. No entanto, “em 2003, com o país em recessão económica, estabeleceu-se, pela primeira vez, uma quota máxima de entradas e afirma-se uma profunda determinação de combate à imigração ilegal” (*idem*: 40). Para a autora, na data em que publicou o artigo, em 2005, era urgente a criação de políticas de regulação e de integração dos imigrantes.

Uma análise mais detalhada da influência do luso-tropicalismo nas políticas de imigração encontra-se no trabalho de Horta e White (2009). Ao comparar os casos português e britânico, os autores apontam que o discurso luso-tropical da política salazarista estabeleceu igualdade de cidadania em todo o Império Português, a semelhança do que ocorria no Império Britânico. Os autores destacam que esta cidadania luso-tropical estava relacionada com a assimilação dos povos oriundos das colônias, a partir da crença em uma missão civilizadora portuguesa. Com a descolonização, Portugal restringiu de forma abrupta o direito de cidadania portuguesa aos antigos súditos coloniais, estabelecendo a sanguinidade (existência de um ancestral português) como o principal critério para alcançar a cidadania. Mais recentemente, com a reinvenção da lusofonia, foram definidas políticas que privilegiaram imigrantes oriundos de ex-colônias, a partir de critérios culturais. No Reino Unido, ao contrário, não teria havido uma ruptura abrupta com as ex-colônias, tampouco uma retomada do incentivo a esta imigração; houve uma lenta e progressiva restrição a estes imigrantes. Assim, atualmente, Portugal teria uma visão de cidadania mais inclusiva que o Reino Unido, com relação aos imigrantes de antigas colônias.

Santos (2004) também evidencia relações privilegiadas da política de imigração portuguesa para com os países lusófonos (*idem*: 148). No entanto, para a autora, o Estado português tem “posição dúbia. Se por um lado, a imigração é vista como algo positivo, por outro, tende-se a limitar” (*idem*: 148). Ao analisar o discurso oficial do Estado sobre

imigração, dos anos 90 a atualidade, destaca que “as políticas de combate à exclusão social desenvolvem-se a partir de 1995, reflectindo a preocupação do Estado com a integração dos imigrantes na sociedade portuguesa. O seu discurso apresenta três princípios basilares: integração dos imigrantes residentes, limitar os fluxos migratórios à excepção dos países de expressão portuguesa e regular a imigração proveniente dos mesmos” (*idem*: 147). Conforme a autora, as diretivas comunitárias europeias tornam-se cada vez mais determinantes das políticas migratórias. Assim sendo, estabelece-se neste período a política de controle de fronteiras e o sistema de quotas (limite para a entrada de imigrantes), o qual é extremamente criticado por associações, sindicatos e igrejas, sendo este “um dos pontos delicados do discurso oficial do Estado em matéria de imigração” (*idem*: 148).

Nesta tese, entende-se que o privilégio ou preferência por imigrantes lusófonos não invalida relações hierárquicas, preconceitos e discriminações. Isto porque, conforme discutido no capítulo teórico, o luso-tropicalismo foi uma forma de racismo português e não ausência de racismo. Neste sentido, embora o discurso atual remeta a integração de imigrantes oriundos de ex-colônias, acredita-se que esta integração está relacionada com hierarquizações, sobretudo atravessadas pelo gênero, e com a necessidade assimilação por parte destes imigrantes; já que a lusofonia reedita o luso-tropicalismo. Neste racismo luso-tropical, o qual é reinventado pela lusofonia, a mulher brasileira é uma das maiores vítimas, tendo em vista o imaginário de “corpo colonial”. A seguir serão analisados alguns documentos buscando perceber qual é o discurso português sobre os imigrantes e de que forma ele é marcado pelo luso-tropicalismo e pela lusofonia.

Em 2007 é criado o ACIDI. Se o discurso luso-tropical serviu para negligenciar as situações precárias e vulneráveis que viviam os imigrantes, sob o imaginário de país harmônico (Baganha, 2005); o atual discurso lusófono serve para exaltar a integração de imigrantes em Portugal, marcada pela assimilação e negligenciando precarizações, vulnerabilidades e violências. Encontram-se exemplos nos Boletins Informativos do ACIDI.

O B-i nº 75, de Novembro de 2009, por exemplo, inicia com um artigo de Pedro Silva Pereira, então Ministro da Presidência, ressaltando um relatório da ONU que aponta “Portugal como o país do Mundo que tem a melhor política de integração dos imigrantes”. O mesmo número da revista encerra com uma entrevista com Padre Arsénio Sokolov, da Igreja Ortodoxa Russa, a qual está intitulada com uma de suas frases, qual seja: “A tolerância dos portugueses é exemplar em toda a Europa”.

Da perspectiva de um(a) imigrante, uma política bem avaliada internacionalmente pode ainda não ser uma boa política, como será mencionado no quarto capítulo, através de

narrativas de imigrantes. Ainda, uma política de integração pode ser algo violenta, quando pressupõe a integração através da assimilação e não através do diálogo intercultural. Apesar do nome ACIDI carregar a expressão “diálogo intercultural” em seus documentos é possível evidenciar a defesa da assimilação de imigrantes.

A este respeito é muito ilustrativa uma cartilha distribuída pelo ACIDI aos portugueses, intitulada: *“Imigração: os mitos e os factos”*. A cartilha organiza-se através de oito perguntas sobre os imigrantes, que são respondidas através do argumento de que são mitos. No entanto, as respostas focam-se em desmentir os mitos e não desconstruir as perguntas, as quais por si só podem ser consideradas preconceituosas. A cartilha não incentiva outra forma de pensar, não incentiva o diálogo intercultural.

A primeira pergunta é: *“Os imigrantes estão a invadir-nos?”* A cartilha limita-se a responder a pergunta, com afirmações que neguem a invasão de imigrantes, como *“Portugal está longe de ser um dos países europeus com maior percentagem de estrangeiros”*. E, ainda, com afirmações utilitaristas sobre os imigrantes: *“Não foram os imigrantes que nos invadiram, somos nós que necessitamos deles”* e *“Sem a entrada de novos imigrantes, o nosso problema demográfico será muito mais grave”*.

A segunda pergunta é: *“Os imigrantes vêm “roubar” empregos e fazer baixar os salários?”* A resposta acaba por reforçar o preconceito aos imigrantes ao invés de desconstruí-lo, qual seja: *“Os imigrantes, em contexto de crise económica, são os primeiros a perderem o emprego, dado a sua maior vulnerabilidade contratual e por estarem em sectores de atividades muito sensíveis às crises”*; e ainda: *“os imigrantes tendem a concentrar-se em sectores económicos que, pelas suas características e riscos, os portugueses não procuram”*. Ao invés de criticar a vulnerabilidade, a precarização e a desigualdade em que se encontram os imigrantes como problemas sociais, o ACIDI parece colocar estes problemas como informações que auxiliam os portugueses a aceitarem os imigrantes. Isto, de facto, não parece ser um diálogo intercultural, mas sim, uma naturalização do papel subalterno que o imigrante deve ocupar na sociedade de destino. Neste sentido, entende-se que a preferência por imigrantes lusófonos reflete a reinvenção do colonialismo português, no qual os oriundos das ex-colônias são desejados, mas para ocuparem um papel de subalterno.

Utilizando-se dos conceitos desenvolvidos por Marques (2004, 2007), poder-se-ia concluir que este documento do ACIDI, busca combater o racismo diferencialista (aquele que visa a eliminação do grupo alvo de racismo), ao mesmo tempo em que reproduz o racismo desigualitário (aquele que visa a inserção subalterna do grupo alvo de racismo). Outro exemplo seria a pergunta *“Os imigrantes estão associados ao crime?”*, cuja resposta em

destaque é “*Em média, os estrangeiros são sujeitos, para os mesmos crimes, a penas mais pesadas*”. A desigualdade jurídica em que se encontram os imigrantes é naturalizada e utilizada como argumento para que se aceite os imigrantes.

O discurso lusófono também é acionado como forma de provocar a aceitação dos imigrantes por parte da população portuguesa, como pode ser percebido na pergunta: “*Os imigrantes rejeitam Portugal?*” Nesta resposta há uma argumentação de que os conflitos culturais existem em muitos países europeus, ressaltando que “*reportando-nos a Portugal, esta questão, com este formato, não existe*”. Este discurso lusófono de que não há conflitos culturais, soma-se o discurso da assimilação como forma de integração. Na resposta a esta mesma pergunta encontram-se frases como: “*A esmagadora maioria dos imigrantes quer fazer parte da sociedade portuguesa*”. Visualiza-se também uma imagem do brasileiro que foi treinador da Seleção Portuguesa de Futebol, Luiz Felipe Scolari, mais conhecido como Felipão, carregando uma bandeira de Portugal e outra do Brasil.

Outro exemplo bastante ilustrativo do discurso de assimilação como forma de integração presente no discurso do ACIDI é a última pergunta da cartilha, qual seja: “*Os imigrantes vão colocar em risco a nossa cultura e as nossas tradições?*” Na resposta encontram-se argumentos de que os imigrantes são minorias e por isso não mudam a cultura majoritária, e sim, são mudados por ela: “*os fenómenos de aculturação (...) agem sobre as minorias imigrantes*”. Nesta última questão emerge ainda com mais clareza o luso-tropicalismo: “*a interculturalidade foi um traço marcante da Expansão portuguesa dos séculos XV a XVIII (...) a História pode ter um papel crucial na projeção que se quer para o futuro de uma sociedade marcada pela riqueza da diversidade cultural*”.

Esta frase é a última frase da cartilha, tornando clara a mensagem luso-tropicalista que o ACIDI pretende transmitir. O projeto português de integração é marcado pela lusofonia. Pode-se afirmar – tendo em vista as discussões teóricas realizadas no primeiro capítulo da Tese, bem como, o relatório da ONU que critica esta versão negacionista da história portuguesa, também referido no capítulo anterior – que é alarmante que uma instituição que visa promover a integração de imigrantes e o diálogo intercultural no século XXI, mencione os exemplos dos séculos XV a XVIII como bons exemplos, quando este período foi marcado pelo colonialismo, exploração, violência contra mulheres nativas, escravidão africana, genocídio ameríndio, entre outras mazelas. O ACIDI parece reproduzir a versão negacionista da história, silenciando todas estas violências do passado, concebendo aquele contexto como uma forma de interculturalidade. O negacionismo e o luso-tropicalismo estão fortemente

institucionalizados em Portugal. De forma semelhante, o ACIDI concebe a assimilação dos imigrantes e a visão utilitarista dos mesmos, no presente, como uma forma de integração.

Especificamente sobre os brasileiros, evidencia-se o discurso de assimilação como forma de integração, mas também uma valorização de supostas características brasileiras relacionadas ao estereótipo. Destaca-se, também, a lusofonia, na ênfase em uma comunidade de língua portuguesa. O número 90 da revista B-i, de Maio de 2011, dedicado aos brasileiros, é ilustrativo. Já na capa, destaca-se a frase “*Os brasileiros gostam de Portugal*”, do Cônsul-Geral do Brasil. A imagem de capa é uma janela típica portuguesa, com as bandeiras do Brasil e de Portugal lado a lado. O título da revista é “*Brasileiros: a maior comunidade imigrante em Portugal*”.

No editorial escrito por Rosário Farmhouse, intitulado “*O contributo da comunidade brasileira em Portugal*”, a Alta-Comissária para a Imigração e Diálogo Intercultural, destaca as profissões nas quais os brasileiros têm contribuído em Portugal. O objetivo é de valorização dos contributos da comunidade brasileira, no entanto, estereótipos em torno do corpo, da língua e da alegria são perpetuados. Em suas palavras:

[...] atividades físicas praticadas em ginásios dispersos por todo o país, que motivaram os portugueses para uma salutar preocupação com o tratamento do seu corpo e melhoria da sua saúde. Também na área da comunicação o contributo da comunidade brasileira se revelou marcante nas alterações verificadas na sociedade portuguesa. Aproveitando a partilha de uma língua comum (embora em português “com açúcar”) [...] Mas talvez o mais destacado contributo cultural da comunidade brasileira seja a alegria (Rosário Farmhouse, Revista B-i, Nº 90, de Maio de 2011).

A lusofonia é ressaltada na entrevista do Representante da Associação, diretor da Casa do Brasil de Lisboa, na mesma edição da Revista B-i. Uma de suas frases é destacada na edição, qual seja: “*Para o imigrante brasileiro que consegue uma certa estabilidade, Portugal é muito atraente por ser, comparado com o Brasil, um país de brandos costumes*”. O imaginário de Portugal como país de brandos costumes está associado ao luso-tropicalismo, ao mito da não violência e do não racismo. Na narrativa do Representante da Associação, esse imaginário é acionado no sentido da violência urbana, no acesso a educação e a saúde pública. Ou seja, o entrevistado utiliza-se de um imaginário que os portugueses gostam de ter sobre si (não racistas, pacíficos), mas está na verdade se referindo a aspectos de Portugal como um país, então, com melhor qualidade de vida que o Brasil (segurança urbana, saúde, educação). O diretor da Casa do Brasil foi diretamente questionado sobre a imagem dos brasileiros, se isto é um problema que persiste. Em sua resposta apontou que sim, que há uma imagem negativa da mulher brasileira associada a uma sensualidade mal interpretada, bem como, do

homem brasileiro associado ao crime; no entanto, ressaltou que não há um choque de civilizações como há em outros países europeus, assim, minimizou o problema do preconceito a brasileira e ressaltou a lusofonia.

O discurso do ACIDI constrói imaginários sobre o imigrante em geral como aquele que é útil e deve ser assimilado; bem como, sobre a comunidade brasileira como aquela que é próxima culturalmente e por isso de fácil integração. Reforça, assim, a lusofonia ao exaltar a integração dos imigrantes em Portugal, sendo que esta integração perpassa a utilidade do imigrante e sua assimilação.

Por fim destaca-se que o discurso luso-tropical presente no ACIDI não é homogêneo, visto existir, vinculada ao órgão, uma Comissão para a Igualdade e contra a Discriminação Racial²⁵ (CICDR). Esta comissão realiza atividades de sensibilização, de investigação, de recolha de denúncias, entre outras ações de combate a discriminação, assumindo que existe racismo em Portugal. No entanto, está sempre em diálogo com o luso-tropicalismo e seu mito do não racismo. Como exemplo, cita-se o seminário realizado no dia 21 de Março de 2011, Dia Internacional de Luta pela Eliminação da Discriminação Racial, o qual esteve intitulado “*Racismo em Portugal: mito ou realidade?*”.

2.5 Conclusões e Quadro Síntese do Capítulo

Ao finalizar este capítulo, retoma-se a análise de como os discursos em torno da imigração contribuem na construção de uma ordem discursiva hegemônica <Mulher Brasileira> em Portugal. Foram analisados discursos de associações de imigrantes (Casa do Brasil, Associação Lusofonia Cultua e Cidadania e Associação Comunitária) e discursos oficiais do Brasil (Conselho de Representantes dos Brasileiros no Exterior) e de Portugal (Serviço de Estrangeiros e Fronteiras e Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural). Antes de iniciar a análise das práticas discursivas, foi empreendida uma contextualização da imigração brasileira em Portugal, bem como, uma contextualização dos estereótipos em torno da mulher brasileira presentes na mídia e na população portuguesa. Esta retomada no final do capítulo é necessária porque esta Tese constitui-se em uma arqueogenealogia, inspirada no modo de operar de Michel Foucault, sendo assim, abarca uma soma de diferentes vestígios discursivos, muitas vezes dispersos.

²⁵ Disponível em: <http://www.cicdr.pt/>

Conforme demonstrado no decorrer do capítulo os discursos sobre imigração (midiáticos, oficiais e de associações de imigrantes) contribuem para a ordem discursiva <Mulher Brasileira> em Portugal, construindo imaginários em torno da “brasileira imigrante” como hipersexualizada, prostituta, disponível sexualmente, bela, alegre, sensual e culpada por qualquer dificuldade enfrentada na sociedade de destino.

A fim de facilitar a percepção dos elementos constitutivos da ordem discursiva <Mulher Brasileira> que emergiram na análise dos discursos de imigração, apresenta-se, a seguir, um quadro síntese, onde são cruzados cada um dos discursos de imigração analisados com cada um dos elementos da ordem discursiva que emergiram no decorrer da investigação. Ressalta-se que esta é a primeira parte do mapa da ordem discursiva <Mulher Brasileira> em Portugal, o qual será completado com a análise dos discursos turísticos e culturais empreendida no próximo capítulo. O quadro foi construído apenas com presença e ausência dos determinados elementos nos determinados discursos e é utilizado apenas para identificar os elementos que mais aparecem nos discursos analisados.

Quadro 3: Síntese do Segundo Capítulo.
Imaginários em torno da “brasileira imigrante” nos discursos sobre imigração.
 Presença marcada com X e sombreado; ausência em branco.

Discursos Elementos	Mídia Portuguesa	Oficiais: SEF, CRBE	Associações de Imigrantes*	Oficiais: ACIDI
Hipersexualidade	X	X	X	X
Prostituição	X	X	X	
Disponibilidade Sexual Objeto Sexual	X	X	X	X
Culpadas pelo preconceito	X	X	X	
Não existe preconceito				X
Beleza-Corpo	X		X	X
Simpatia – Alegria	X		X	X
Sensualidade	X		X	X

* A Associação Comunitária está excluída deste quadro síntese do discurso hegemônico sobre <Mulher Brasileira> porque representa um contra-discurso, não corroborando estes elementos identificados nos demais discursos.

Neste momento é importante ressaltar a distinção entre os elementos constitutivos da ordem discursiva. Conforme pressupõe a orientação teórica e metodológica foucaultiana, os

mínimos detalhes de uma ordem discursiva importam. No decorrer da análise buscou-se perceber em minúcia cada um dos elementos, os quais através de um olhar mais geral podem confundir-se. A beleza, a alegria e a sensualidade remetem a um discurso culturalista que naturaliza estes elementos como constitutivos da cultura brasileira e da mulher brasileira. A prostituição refere-se à ligação direta ao trabalho sexual. A disponibilidade sexual diz respeito a uma suposta facilidade para o sexo com qualquer homem a qualquer momento. A hipersexualidade remete a um desejo sexual bizarro e exacerbado.

Evidencia-se que os elementos “hipersexualidade” e “disponibilidade sexual” são os que mais se fazem presentes, pois são os que emergem em todos os discursos. Isto indica uma forte naturalização destes elementos como constitutivos da <Mulher Brasileira>, reproduzindo imaginários coloniais e relações de poder. A brasileira não é apenas bela, alegre e sensual; a brasileira não é apenas identificada com a prostituição. O problema da ordem discursiva sobre a <Mulher Brasileira> é mais profundo, remete a percepção de todas as brasileiras como “corpo colonial” disponível e hipersexualizado. Em seguida, com três ocorrências cada, aparecem os elementos “prostituição” e “culpadas pelo preconceito”, os quais se relacionam inversamente com o elemento “não existe preconceito”. A culpabilização está presente em todos os discursos que evidenciam o preconceito. O único discurso que não culpabiliza as brasileiras é o ACIDI, que é também o único que afirma que não há preconceito. Ou seja, se não há preconceito, não há culpados; se há preconceito, a culpa é das próprias brasileiras. Assim, percebe-se que o elemento da culpabilização é bastante importante do imaginário de “brasileira imigrante” (analisado neste capítulo através dos discursos de imigração); portanto a culpabilização compõe a ordem discursiva <Mulher Brasileira> (que será percebida na totalidade através da análise de outros discursos no próximo capítulo, os quais complementam os discursos até aqui analisados). Evidencia-se, ainda, que o elemento da prostituição está ausente, também, apenas no ACIDI, o qual ao ressaltar a lusofonia e o luso-tropicalismo, evita abordar os problemas sociais, não mencionando a prostituição e o racismo. Ainda percebe-se que os discursos que culpabilizam as brasileiras também as relacionam com a prostituição.

Os elementos “beleza-corpo”, “simpatia-alegria” e “sensualidade” também aparecem com três ocorrências cada, sendo constitutivos da ordem discursiva <Mulher Brasileira>. Estes elementos apenas estão ausentes nos discursos oficiais mais rígidos que não apresentam um forte enfoque culturalista: o SEF e o CRBE. Ressalta-se que o discurso do CRBE analisado centrou-se na Cartilha de Gênero, a qual reforçou o imaginário de disponibilidade sexual e hipersexualização construindo um discurso moralista sobre as brasileiras. Outros discursos do CRBE possivelmente enfoquem os aspectos culturais que ressaltem a beleza, a

alegria e a sensualidade como características do povo brasileiro, mas a Cartilha não apresentou este enfoque.

Capítulo 3

A construção da ordem discursiva <Mulher Brasileira> em Portugal (II): Imaginários sobre a “mulher brasileira” como um “atrativo turístico” e um “produto cultural”

O presente capítulo busca analisar como os discursos turísticos sobre o Brasil em Portugal e o Mercado Cultural da Brasilidade neste país, constroem o imaginário de “mulher brasileira como atrativo turístico e produto cultural”, contribuindo na composição da ordem discursiva <Mulher Brasileira>. Os discursos turísticos não têm sido alvo de estudos neste tema²⁶, sendo muitas vezes mencionados como um dos responsáveis pela criação do estereótipo de hipererotização das mulheres brasileiras, sem haver pesquisa empírica ou discussão teórica sobre tais discursos, conforme evidenciado na revisão da literatura (Gomes, 2011). Alguns espaços do mercado cultural da brasilidade em Portugal também têm sido apontados como responsáveis por uma exotização dos brasileiros, como em Machado (2009), no entanto, não é realizada uma análise com a perspectiva de gênero. Apresentar-se-á um mapeamento arqueológico dos discursos, bem como, uma análise genealógica das relações de poder imbricadas, completando a análise da ordem discursiva de saber-poder <Mulher Brasileira> em Portugal, a qual iniciou no segundo capítulo.

O capítulo organiza-se conforme o material empírico analisado. Primeiramente foca-se nos discursos do Marketing Turístico (3.1), os quais estão divididos em: Marketing Turístico Público (3.1.1), com breve histórico (3.1.1.1) e análise do Plano Aquarela da EMBRATUR (3.1.1.2), através de documentos, peças publicitárias, entrevistas e observação em um evento da EMBRATUR em Lisboa; e, Marketing Turístico Privado (3.1.2), com análise de peças publicitárias de agências privadas que comercializam o Brasil em Portugal. Em seguida, analisam-se os discursos da imprensa turística portuguesa (3.2), através de entrevistas com seis jornalistas de projeção na imprensa turística portuguesa (editores de revistas e repórteres freelancer) (3.2.1) e análise de algumas reportagens (3.2.2). Por fim, analisa-se o Mercado Cultural da Brasilidade (3.3), através de observações, entrevistas e material documental em Bares, Restaurantes e Danceterias (3.3.1), Exposição Carmen Miranda (3.3.2) e Escolas de Samba (3.3.3).

²⁶ Destaca-se que a análise, empreendida neste capítulo, de como os discursos turísticos constroem o imaginário de <Mulher Brasileira> em Portugal, foi publicada em artigo: ver Gomes (2013).

3.1 A <Mulher Brasileira> no Marketing Turístico

3.1.1 Marketing Turístico Público

3.1.1.1 Breve Histórico das Políticas da EMBRATUR

As políticas da EMBRATUR foram analisadas com maior detalhe na Dissertação de Mestrado (Gomes, 2009a) a qual antecede esta Tese de Doutorado e representa uma introdução à problemática do imaginário social <Mulher Brasileira>. Cabe retomar alguns pontos principais, para ser possível a análise dos resultados dessas políticas em Portugal. Conforme Beni (2006) é em 1966 que o Turismo passa a ter uma maior relevância para o Estado Brasileiro com a criação da EMBRATUR (Empresa Brasileira de Turismo, atualmente Instituto Brasileiro de Turismo) e do CNTUR (Conselho Nacional de Turismo). Neste contexto, de Ditadura Militar no Brasil (1964-1984), a EMBRATUR divulga intensamente a imagem do Brasil harmônico, reafirmando a identidade nacional em torno da mestiçagem/sexualidade/paraíso. Constrói, assim, <Mulher Brasileira> como um atrativo turístico (Caetano, 2004) ao utilizar, seguidamente, imagens de mulheres seminuas associadas a paisagens naturais (notadamente as praias) ou a eventos culturais (como o carnaval) em material de divulgação turística. A EMBRATUR consolidou a imagem do Brasil ligado ao erótico e ao exótico (Alfonso, 2006). A imagem abaixo, da revista da EMBRATUR distribuída em vários países, onde se lê “Mulher: a maior atração” é um exemplo relevante.

Figura 8: Revista *Rio, Samba e Carnaval*, 1973, EMBRATUR.



Fonte: Alfonso (2006: 89).

Somado ao fator político e ideológico do Estado, em perpetuar uma identidade nacional que enfatizasse a harmonia e mantivesse as relações de poder de gênero e raciais, está o fator econômico. Conforme Krippendorf (2003:40-41) o imaginário de paraíso é fortemente vinculado pelos empresários do turismo, pois estes agem segundo seus próprios interesses econômicos, interesses de receber grandes quantidades de turistas, sem preocuparem-se com a motivação que levou estes turistas ao destino, sendo esta motivação muitas vezes o turismo sexual.

Conforme referido no capítulo teórico, a partir de Aoun (2001), Echtner e Prasad (2003), entre outros, os imaginários coloniais, incluindo o imaginário de paraíso, são reproduzidos pelo marketing turístico. Na imagem de Brasil paraíso, a <Mulata> começa a se destacar como atrativo para diferenciar o paraíso Brasil de outros destinos construídos como paradisíacos. O imaginário de brasilidade passa a ser reforçado para que o Brasil se torne destino turístico, assim a fusão entre mulher e natureza na comercialização do paraíso, deve ser reforçada com a fusão de mulher e cultura, com a comercialização da <Mulata>. Assim, o Brasil se torna um <paraíso de mulatas>, onde natureza exuberante, mulheres sensuais e mestiçagem, fundem-se na figura da <Mulata>. Nesse contexto, conforme Gomes (2009a) destaca-se Oswaldo Sargentelli (1923-2002) e o seu Show de Contemplação à <Mulata>, muitas vezes financiado pela EMBRATUR. Sargentelli em 1948 ingressa para a rádio como apresentador, em 1957 para a televisão e em 1971 estréia seu show de <Mulatas>, o qual apresentou em várias casas noturnas do Rio de Janeiro e depois por vários países do mundo. Entre 1977 e 1986 foi proprietário de duas casas de shows, uma em São Paulo e outra no Rio de Janeiro. A <Mulata> – uma invenção discursiva Em relações de poder raciais, de gênero e de sexualidade – é consolidada como identidade espetacularizada e vendida como atrativo turístico. Na década de 1990, a Rede Globo de Televisão também passa a ter um papel importante nesse processo com a transmissão do Desfile das Escolas de Samba do Carnaval do Rio de Janeiro, na qual enfoca a figura da <Mulata>, de forma erotizada; e, ainda, a sobrinha de Oswaldo Sargentelli continua seus shows (Gomes, 2009a).

Conforme desenvolvido no capítulo teórico, historicamente, a imagem do Brasil foi construída em torno dos imaginários de paraíso natural e sensualidade das mulheres (Gomes, 2009b). Essa construção iniciou-se com os viajantes e colonizadores do século XVI e seus imaginários bíblicos de paraíso e pecado original. Nas narrativas coloniais, o Brasil é construído como o Jardim do Éden, e as mulheres nativas como as “Evas” (mulheres pecadoras) deste paraíso natural (Gomes, 2009b). Com a independência do Brasil de Portugal, em 1822, e a construção de uma identidade nacional brasileira, os intelectuais passaram a

reconstruir os imaginários coloniais de paraíso ao enfatizar as belezas naturais e a mistura de raças como características da nação brasileira. O brasileiro teria surgido da mistura racial e sexual do branco europeu com as nativas indígenas e africanas trazidas como escravas. No século XX, a figura da <Mulata> se concretiza como símbolo dessa mistura de raças e síntese do povo brasileiro, carregando uma marca de permissividade sexual (Correa, 1996; Gomes, 2009a). No que se refere à construção desse imaginário da mestiçagem (racializada e sexualizada) harmônica em Portugal, destaca-se as análises de Almeida (2000a) e de Castelo (1998), as quais demonstram a recepção do luso-tropicalismo. Esse imaginário passou a marcar a identidade portuguesa, na medida em que os discursos passaram a construir os portugueses como colonizadores benevolentes, que se misturavam às nativas das colônias. Os autores apontam que esse discurso foi utilizado para a manutenção das colônias em contextos internacionais, já críticos ao colonialismo. Considerar a colonização como benevolente facilita a reprodução de imaginários coloniais.

3.1.1.2 O Plano Aquarela de Reposicionamento da Imagem do Brasil²⁷

Em janeiro de 2003 foi criado o Ministério do Turismo do Brasil. A EMBRATUR, criada em 1966, até então era responsável por toda a política de turismo, passou a chamar-se Instituto Brasileiro de Turismo e a “concentrar-se na promoção, no marketing e apoio à comercialização dos produtos, serviços e destinos turísticos brasileiros no exterior”²⁸. Criou, para este fim, uma Política de Marketing Turístico, coerente com o Plano Nacional de Turismo, denominada Plano Aquarela, lançado em 2005 e ainda vigente (com atualizações).

Para a compreensão do Plano Aquarela torna-se necessário contextualizar as discussões que fizeram emergir a política de reposicionamento da imagem do Brasil no exterior. A partir da década de 1990, movimentos sociais passam a criticar a imagem de Brasil presente nos materiais produzidos por autoridades públicas que retomam os imaginários coloniais e a erotização das mulheres (Gomes, 2009b). Organizações não governamentais, especialmente de proteção a crianças e adolescentes, denunciam o problema do turismo sexual e afirmam que essa publicidade associada a mulheres seminuas incentiva o turismo sexual no Brasil, inclusive envolvendo menores de idade.

Movimentos Feministas criticam a comercialização da imagem da mulher na mídia e conseguiram aprovar, em 2005, a Lei Estadual do Rio de Janeiro número 4.642, a qual proíbe a utilização de imagens de mulheres seminuas em cartões postais no Rio de Janeiro. O

²⁷ Uma análise do Plano Aquarela e de sua operacionalização em Portugal foi publicada em Gomes (2012).

²⁸ Disponível em: Ministério do Turismo do Brasil <http://institucional.turismo.gov.br/>

Movimento Negro e o Feminismo Negro criticam o imaginário da <Mulata> hipererotizada e denunciam que esse imaginário serviu para ocultar a violência sexual sofrida pelas mulheres negras. Segundo os movimentos, a história do Brasil, escrita no século XIX e início do XX, foi uma versão da história construída por intelectuais brancos escravocratas e seus descendentes (a escravidão no Brasil perdurou até 1888), na qual é ocultada a violência sexual que sofriam as mulheres africanas e afrodescendentes, uma vez que eram escravizadas e exploradas por seus escravizadores de diversas formas, inclusive sexualmente.

Além dos discursos dos movimentos sociais, uma reorientação na política externa brasileira faz emergir um discurso que busca também mudar a imagem do Brasil e apresentá-lo como uma potência emergente. O governo do Presidente Luís Inácio Lula da Silva Lula (2003-2010), do Partido dos Trabalhadores, para além do crescimento econômico, propôs uma reorientação na política externa brasileira, buscando estabelecer um novo posicionamento para o Brasil no mundo (Reis, 2010). Nesse contexto é contratada a Consultoria Chias Marketing e inicia-se o processo de pesquisa e elaboração do Plano Aquarela, que é lançado em 2005.

Abordar-se-á o Plano Aquarela em três momentos: primeiramente uma análise documental, em seguida análise das entrevistas com as principais gestoras do Plano e, por fim, análise da operacionalização do Plano em Portugal (peças publicitárias, ações de marketing e questionário aplicado a gerente operacional).

Conforme metodologia da Chias Marketing, desenvolvida pelo Professor Josef Chias, o Plano Aquarela foi realizado em três fases: o diagnóstico, a formulação da estratégia de marketing, e o plano operacional. Na fase I, diagnóstico, foi analisado: o mercado turístico internacional, os produtos turísticos brasileiros, as opiniões do *trade* turístico internacional sobre o Brasil, opinião dos turistas (efetivos e potenciais), e a opinião interna (de representantes de organizações públicas e privadas ligados ao turismo no Brasil). Foram levantados os pontos fortes e fracos, as cores e as palavras que sintetizariam o Brasil.

Com relação aos pontos fortes, destaca-se: “A síntese aponta para um equilíbrio entre o conjunto dos atrativos naturais (35%) e dos aspectos culturais (47%). A cultura está substanciada nos aspectos da “diversidade cultural” (21%) e no “povo brasileiro” (26%)” (Embratur; Chias Marketing, 2005:76). Referente aos pontos fracos, sublinha-se: “O item “imagem estereotipada” é apontado como o principal ponto fraco do turismo brasileiro, 31% dos participantes o entendem como um reducionismo da oferta turística do país, resultado direto da promoção internacional nas últimas décadas que, na opinião dos diferentes setores ouvidos, privilegiou a praia, o samba, o futebol, a festa, a mulher.” (*idem*: 78). Por fim, foi

definido o posicionamento desejado do Brasil no mercado turístico internacional – conforme o diagnóstico o que deve ser ressaltado é a natureza e o povo.

Na fase II, formulação da estratégia de marketing, definiu-se que promoção será baseada no decálogo, na mensagem permanente e na marca. O decálogo corresponde aos cinco valores principais: “*Natureza* (praia e mar, beleza natural, floresta, patrimônios da humanidade), *Cultura Viva* (festas, alegria, música, patrimônios da humanidade), *Povo* (alegria, atendimento), *Clima* (sol o ano inteiro), *Modernidade*” (*idem*: 89). A mensagem permanente que deve sintetizar o Brasil é “*Sensacional*”. Foi construída a Marca Brasil.

Figura 9: Marca Brasil.



Fonte: Embratur; Chias Marketing (2005: 96).

Na fase III, plano operacional, foi especificado: os produtos, as formas de promoção e as metas de comercialização. A fase operacional passa a ser de responsabilidade da EMBRATUR, que faz a gestão da Marca Brasil (para sua utilização em produtos brasileiros), realiza trabalho de relações públicas em diversos países e divulgação de campanhas publicitárias, sempre orientadas pelo Plano Aquarela. O Plano sofre atualizações todos os anos, com acréscimos de produtos e mercados e está sendo atualizado com foco na Copa do Mundo (de 2014) e Olimpíadas (de 2016), a serem realizados no país.

Após a breve apreciação documental do Plano Aquarela, identificam-se mudanças na imagem do Brasil divulgada pelo marketing turístico público. A fim de aprofundar a análise, parte-se para as entrevistas (cujo guião encontra-se no anexo B) com criadores e gestores dessa política de marketing turístico do governo brasileiro, as quais foram realizadas no decorrer da pesquisa de Mestrado (Gomes, 2009a). As entrevistas compõem o método arque-genealógico, conforme exposto anteriormente. Foram estabelecidos três eixos de discussão, os quais são propostos para o entrevistado em diferentes perguntas, a fim de perceber a

associação de idéias realizada pelo entrevistado. No caso dessas entrevistas os eixos foram: identidade nacional brasileira, mulher brasileira, turismo sexual.

A entrevista com Janine Pires, então Presidente da EMBRATUR, realizada em 2009, sintetiza: a tentativa de desconstrução da identidade erotizada da mulher brasileira; a reconstrução da identidade nacional de um Brasil que quer ser potência; e, a manutenção da identidade nacional brasileira em torno da mistura de raças e da tropicalidade – como se percebe nos trechos a seguir.

Na questão da promoção são diversas coisas, desde o cuidado que você tem com sites, material promocional, imagens que são utilizadas, filmes que são colocados, n, n, formas de comunicação, que você tem que... Por exemplo, se nós vendemos sol e praia, a gente tem que botar pessoas na praia, não vamos vender paisagem sem gente. Como é que a gente bota uma pessoa na praia? Coloca uma família, um casal, não bota mulher de biquíni, bota ela com uma canga, se ela tiver na piscina não precisa estar com a bunda pra cima, ela pode tá com um biquíni mais largo. Quer dizer, você tem que tomar cuidado pra falar disso, né? [...] Nós não usamos mulheres semi-nuas em eventos culturais, nós somos contra usar. Se você perguntar assim, tem gente que ainda usa, tem, ainda tem. (Janine Pires).

Hoje com raríssimas exceções, a imagem de que o Brasil é o destino de mulher e não sei o que, não existe mais, não existe mais. [...] O Brasil no mundo hoje é o país do etanol, é o país do presidente Lula que é amigo do presidente Obama, sabe? É o país que está combatendo o desmatamento da Amazônia, é o país que tem mais de 20 milhões de pessoas que ascenderam a classe média, é um país de pesquisa em águas profundas de petróleo, é o país da EMBRAER, da Vale do Rio Doce, esse é o Brasil que o mundo vê. (Janine Pires).

Do ponto de vista do turismo, os aspectos mais, de longe, mencionados, são a alegria do povo brasileiro, o jeito de ser do povo brasileiro, a natureza, são os dois, se você tiver que resumir são dos dois (...) a alegria do povo brasileiro é uma coisa muito especial, e aí do ponto de vista sociológico é muito mais inteligente e muito mais abrangente do que o brasileiro recebe bem, não é só isso, isso é um detalhe, o que agente detectou e o que os estrangeiros falam, é que essa imagem da alegria do povo brasileiro tá vinculada, por exemplo, que o Brasil é um país que tem uma vida cultural muito forte, aí tem o carnaval que é muito conhecido, o festival de Parintins, n manifestações populares, no qual o carnaval é a mais conhecida, tem a questão da música brasileira, que é muito conhecida no exterior, pro estrangeiro qualquer música é samba, a alegria do povo tá ligada a questão da música, a alegria do povo tá ligada a forma como a gente recebe o estrangeiro, é um país que tem pessoas ainda pobres, mas pessoas que trabalham no serviço, mas tão sempre recebendo bem, tão sempre alegres, tão sempre felizes, tão sempre dispostos, né? Porque isso é muito o oposto talvez do hemisfério norte. Óbvio, a gente mora num lugar tropical, a gente tem a formação da nossa população que é muito misturada de raças, de experiências, aquilo que o Darcy Riberio chamou de povo brasileiro, que ele descreve, que é extremamente complexo, mas é muito peculiar para identificar o povo brasileiro, é identificado pelos estrangeiros. (Janine Pires).

Nas narrativas de Patrícia Servilha, diretora da Chias Marketing, podem ser extraídas conclusões muito próximas: a desconstrução do exótico e do erótico, com uma reconstrução da sexualidade que se converte em sensualidade; a reconstrução da identidade nacional de um Brasil que quer ser potência, ênfase no moderno; e, a manutenção da identidade nacional brasileira em torno da mistura de raças.

[A imagem] ligada a sexualidade sim, tem que ser combatida (...) O que não combate é da sensualidade. Que são coisas diferentes, né? Então a curva é uma coisa que remete a sensualidade, mas nunca a sexualidade (...) deixar de ser sensual e da Marca ter essa coisa da curva é impossível (Patrícia Servilha).

O Brasil não quer ser um país exótico. O posicionamento exclui essa opção. Nós queremos ser um país moderno em que essa questão da miscigenação constrói o futuro (Patrícia Servilha).

Essa era a visão do turista, de ver que o Brasil tem essa capacidade de miscigenação (...) E a outra questão foi a questão da identidade, de apesar de ter toda essa mistura, essa miscigenação e essa coisa de uma população muito jovem, existir muito mais coisas que são só daqui, aspectos do dia a dia que são só daqui e não aspectos que foram herdados dos seus ascendentes, claro que tudo foi herdado dos ascendentes, o nosso material genético, as nossas práticas ritualísticas, as nossas religiões, as festas populares, mas eles entendiam que isso aqui é diferente, e forma o que o turista descreve como brasilidade. (...) O Brasil que queremos ser. E qual é o Brasil que queremos ser? É o Brasil em que ser brasileiro é o maior atributo que o Brasil pode te dar, a um turista (Patrícia Servilha).

Torna-se importante destacar que, em ambas as narrativas, a mistura de raças, a mestiçagem, é apresentada como atributo de uma brasilidade, associando ideias biológicas (cita-se a genética), culturais (citam-se as festas populares) e comportamentais (cita-se o bem receber, a alegria). Essa associação entre biológico, cultural e comportamental para definir um povo sugere uma racialização, como conceito histórico e sociológico de raça apresentado anteriormente, o que indica uma manutenção das construções raciais a cerca dos povos. A imagem que o país construiu historicamente no turismo foi relacionada com a miscigenação, onde o exótico se somava ao erótico para construir a Nação Brasileira, em torno do imaginário de <paraíso de mulatas> (Gomes, 2009a). A miscigenação que foi construída como o exótico da Nação está sendo reconstruída como o moderno da Nação. Se a erotização estava ligada com a exotização na imagem de <paraíso de mulatas>, a ressignificação da mestiçagem carrega consigo a ressignificação do erótico. No Brasil moderno não há espaço para o apelo sexual, mas o apelo sensual é entendido como diferente, pois é componente da identidade nacional mestiça. As mulheres estereotipadas como atrativo turístico não aparecem mais, mas a sensualidade como atratividade é apresentada como característica do povo.

O Brasil não quer mais mostrar-se exótico-erótico, pretende tornar-se uma potência emergente, um país moderno, mantendo sua brasilidade. Esse é o discurso que prevalece no Plano Aquarela e na Marca Brasil que resultou do Plano. No entanto, alguns imaginários permanecem. Nas entrevistas e dos documentos, foi possível observar a permanência de uma ideia de paraíso natural, de sensualidade natural das mulheres, de curva das mulheres, da mestiçagem entre as raças como algo determinante e harmônico (mantendo as crenças raciais e ocultando as violências envolvidas na escravidão e na colonização).

Torna-se necessário completar a análise do Plano Aquarela investigando sua operacionalização. Para este fim foram recolhidas de outubro de 2009 a fevereiro de 2012, diversas peças publicitárias e ações de marketing do Plano Aquarela divulgadas em Portugal, bem como, aplicou-se um questionário aberto (anexo C) com Fernanda Hümmel – Gerente de Mercados Internacionais, Europa e Novos Mercados da EMBRATUR²⁹. Referente às respostas ao questionário destaca-se que a gerente de mercados internacionais, responsável pela operacionalização da política, mostrou-se alinhada aos objetivos e conceitos do Plano Aquarela. Destaca-se em suas respostas, a valorização da diversidade e da modernidade: “Basicamente a imagem da diversidade, tanto cultural, como natural. Da modernidade e competência devido aos megaeventos esportivos que iremos sediar como Copa do Mundo e Olimpíadas”. Para Fernanda Hümmel, o Plano Aquarela está cumprindo seus objetivos e a imagem do Brasil está sendo alterada:

Sem dúvida está tendo resultados e em alguns mercados como a Espanha se nota uma mudança na procura do consumidor por Ecoturismo, Cultura, o que antes era Sol e Praia (...). O Brasil ainda é visto como o país do futebol, do samba e de mulheres bonitas, mas já se nota uma mudança no discurso geral, posicionando o país com uma diversidade enorme, com destinos modernos e com destinos históricos, ou seja, a forma como o turista estrangeiro mudou e não é mais baseada apenas em três aspectos do país (Fernanda Hümmel).

Acerca de Portugal, a entrevistada destacou que o país é prioritário para a EMBRATUR. Segundo a entrevistada, é necessário diversificar a imagem do Brasil em Portugal, oferecer novos destinos, inclusive com treinamento de agentes.

Portugal é um mercado de alta prioridade para o Brasil e que se encontra consolidado no que diz respeito a oferta de destinos pelos operadores, mas ainda temos muito o que conquistar e o que fazer neste mercado, como por exemplo, o treinamento de agentes de viagens, pois muitos não sabem como vender Brasil [...] Nosso foco é trabalhar os destinos turísticos e a quebra de

²⁹ Destaca-se que a EMBRATUR possui Escritórios, denominados Escritórios Brasileiros de Turismo em diferentes países. Havia a intenção de conhecer o EBT Lisboa, bem como, realizar uma entrevista com a Diretora. No entanto, no ano de 2011, quando realizou-se a pesquisa de campo, os escritórios estavam fechados devido a uma investigação de corrupção. Por esse motivo aplicou-se o questionário com a responsável em Brasília

paradigmas com relação a estes estereótipos. O Brasil é visto em Portugal como um país que se quer conhecer e que acha que se conhece, a nossa proposta lá é levar algo mais que eles não conhecem, novos destinos, manifestações culturais, etc. (Fernanda Himmel).

Com relação às peças publicitárias recolhidas, todas apresentam a Marca Brasil, podem ser agrupadas em duas campanhas: 1. *Brasil sensacional*, com peças documentadas em outubro/novembro de 2009 e março/abril de 2010; 2. *Brasil chama por si, celebre a vida aqui*, com peças recolhidas em outubro/novembro de 2010, agosto/novembro/dezembro de 2011 e fevereiro/março de 2012. A primeira registrou-se prioritariamente em laterais de paragens de autocarro em Lisboa; enquanto a segunda demandou um maior investimento, tendo sido registrada em outdoors, em grandes painéis e instalações tecnológicas em um centro comercial e em paragens de autocarros. Os conceitos principais da primeira campanha são os de patrimônio e de diversidade, como pode ser visto a seguir. Ao invés de natureza exuberante e paraíso exótico, adota-se o patrimônio natural, relacionado com a civilização, com a capacidade de cuidar e proteger a natureza; ao invés de um povo exótico, valoriza-se um povo com diversidade cultural.

Figura 10: Peça Publicitária da EMBRATUR, lateral de paragem de autocarro, Lisboa, 2010.



Fonte: Pesquisa de Campo.

Os conceitos principais da segunda campanha parecem ser o da alegria, da modernidade e do turismo de experiência - como pode ser visto nas imagens a seguir. A primeira imagem registra uma paragem de autocarro com uma instalação tecnológica (onde se podia escolher entre uma lista de músicas brasileiras para ouvir) e com imagens de natureza, com um bote para esportes de aventura. A segunda corresponde a uma amostra das sete imagens, em grandes painéis no Aeroporto de Lisboa, de turismo de lazer em centros urbanos, observação da natureza, esportes, cidades históricas.

Figura 11: Peça Publicitária da EMBRATUR, Instalação em paragem de autocarro, Lisboa, 2011.



Fonte: Pesquisa de Campo.

Figura 12: Peça Publicitária da EMBRATUR, Aeroporto da Portela, Lisboa, 2012.



Fonte: Pesquisa de Campo.

A imagem divulgada pela EMBRATUR foi alterada, a publicidade resultante do Plano Aquarela condiz com seus objetivos. No entanto, os imaginários são construções complexas, subjetivas e duradouras (Gastal, 2005), por isso ainda permanecem e emergem em falas das entrevistadas. Essa mudança de imagem contribui para alterar imaginários ao longo prazo.

Como análise da operacionalização do Plano Aquarela destacam-se, ainda, as observações na Bolsa de Turismo de Lisboa 2012, a qual é uma importante Feira de Turismo onde as regiões de Portugal, diversos países e empresas do setor turístico expõem seus destinos/produtos para turistas em potencial e para agentes do setor. Em 2012, a Feira ocorreu entre 29 de Fevereiro e 04 de Março na Feira Internacional de Lisboa/ Parque das Nações e teve como destino convidado o Brasil. A participação em feiras internacionais é uma das principais ações de marketing realizada pela EMBRATUR. O estande da EMBRATUR estava condizente com os objetivos do Plano Aquarela, trazendo imagens de paisagens naturais, cidades históricas, cidades modernas, festas populares, imagens de turismo de aventura. Nenhuma imagem com mulheres seminuas ou erotizadas. A seguir uma imagem do Rio de Janeiro no estande da EMBRATUR na BTL, muito diferente das imagens do Rio de Janeiro utilizadas anteriormente, as quais focavam nas mulheres como atrativo turístico.

Figura 13: Estande da EMBRATUR, BTL Lisboa, 2012.



Fonte: Pesquisa de Campo.

No entanto, durante a BTL ocorrem nos estandes espetáculos de música e dança de cada país, sendo que no estande do Brasil houve mulheres seminuas como representantes do

país. Esta participação de mulheres exotizadas e erotizadas de países do Sul, como atrativos em feiras internacionais de Turismo, parece reeditar a prática colonial de expor mulheres das colônias, exotizadas e erotizadas, nas metrópoles – como ocorreu com Saartjie Baartman e Rosinha (conforme exposto primeiro capítulo). Nas feiras do século XXI, supostamente trata-se de espetáculos culturais, organizados pelos estados brasileiros (unidades federativas) com aprovação da EMBRATUR. O Estado do Rio de Janeiro apresentou um show de samba acompanhado de duas bailarinas, denominadas pela própria apresentação do espetáculo como <Mulatas>. Verificou-se que o organizador desse show, os músicos e bailarinas são residentes da região de Lisboa, e já haviam sido identificados na pesquisa de campo sobre o mercado cultural da brasilidade, realizada em 2011, a qual será desenvolvida a seguir.

Ao estabelecer conversas informais com pessoas que trabalhavam no estande do Brasil da BTL percebeu-se que o imaginário de que as mulheres seminuas representam a cultura brasileira ainda está presente. A erotização das danças e músicas brasileiras é naturalizada por muitos envolvidos, especialmente pelo público. Mesmo que de facto nenhuma das manifestações culturais apresentadas reduza-se a mulheres com pouca roupa, naturaliza-se esse imaginário. As músicas e danças brasileiras passam a compor a ordem discursiva <Mulher Brasileira> na qual se consolida o imaginário social em torno da hipererotização. Por outro lado há também ressignificações e discursos bastante enfáticos em defesa de uma cultura brasileira, enfatizando a beleza das bailarinas, o conhecimento da arte da dança popular e buscando desvincular da erotização.

As questões em torno desses espetáculos serão abordadas a seguir no subcapítulo 3.4 sobre o mercado cultural da brasilidade em Portugal. O que interessa aqui é que esses shows ainda podem ser vistos na operacionalização do Plano Aquarela (mesmo que não tendo sido organizados diretamente pela EMBRATUR), apesar da posição contrária a utilizar mulheres seminuas em espetáculos culturais, manifestada pela então Presidente da EMBRATUR, em entrevista citada anteriormente.

3.1.2 Marketing Turístico Privado

A fim de completar a arque-genealogia dos discursos turísticos, no que tange ao marketing turístico, realizar-se-á uma breve análise do marketing turístico privado. Ao mapear peças publicitárias das principais agências de turismo que comercializam o Brasil em Portugal, percebeu-se diferenças com relação ao marketing público. Ao passo que este precisa dialogar com reivindicações sociais e contextos políticos, propondo, por isso, um

reposicionamento da imagem do Brasil; aquele mantém mais explicitamente o imaginário colonial de paraíso associado à construção da <Mulher Brasileira> como hipereorizada e disponível, como um atrativo turístico.

Na imagem a seguir evidencia-se a reconstrução de imaginários coloniais e o uso da imagem de uma mulher como atrativo/produto turístico. Cabe retomar a figura 4 desta Tese (capítulo 1) onde a mulher africana é construída como produto associada a uma marca de chocolate no período colonial português. A semelhança com imaginários coloniais está também no uso da expressão “500 anos depois”, a qual remete ao período do “descobrimento” do Brasil pelos portugueses. A fim de divulgar o Brasil como um destino turístico atual, para os portugueses, a publicidade retoma o imaginário de Brasil como destino colonial. A construção do imaginário de disponibilidade e hipersexualização da <Mulher Brasileira> associado a imaginários coloniais remete a construção dessas mulheres como corpo colonial (Lugones,2008; Fanon,1983).

Figura 14: Publicidade na Revista B de Brasil, editada em Portugal, inverno de 2001.



Fonte: Pesquisa documental.

No entanto, é provável que as pressões sociais que influenciam o marketing público acabem por se refletir também no marketing privado, devido à mudança de imaginários que as disputas discursivas proporcionam. Isto pode ser verificado através da análise de material publicitário mais recente da mesma agência turística – Abreu. A capa da revista de destinos e produtos brasileiros comercializados pela Abreu, de 2011, imagem a seguir, parece ilustrar essa mudança, na medida em que não traz imagens de mulheres, e sim, de natureza,

patrimônio histórico-cultural e gastronomia. Ressalta-se que no interior da revista também não se verificou nenhuma imagem de mulher hiperotizada e como símbolo do destino Brasil.

Figura 15: Capa da Revista da Agência Abreu, 2011.



Fonte: Pesquisa documental.

Verificou-se, ainda, o uso da língua portuguesa como diferencial turístico. A imagem a seguir com o slogan “Faça férias em Português” é um exemplo.

Figura 16: Cartaz na montra/vitrine de uma loja da Agência TopAtlântico em Lisboa, Fev. 2012.



Fonte: Pesquisa de Campo.

O uso da língua portuguesa pode ou não remeter a imaginários coloniais. Mais explícita com relação a estes imaginários coloniais é agência Quinto Império Viagens³⁰, a qual em seu nome refere-se à utopia desenvolvida no século XVII, a partir dos escritos de António Vieira, de que o Império Português corresponderia ao quinto império (seguindo os Assírios, Persas, Gregos e Romanos)³¹. Na descrição do “quem somos” de seu website, a agência realiza alusões ao império português, sempre de uma forma romantizada, exaltando-o, como uma história mítica e não uma história crítica ao colonialismo. A história mítica pode ser forma de reconstrução de imaginários coloniais atualmente, como analisado no capítulo anterior. No website lê-se: “Foi com a ideia do Quinto Império que Portugal deu novos mundos ao mundo. A Quinto Império Viagens quer reabilitar esses laços e essas rotas”; “espero levar muitos e muitos grupos nas "caravelas" da Quinto Império Viagens”. A viagem ao Brasil, Peru e Bolívia, oferecida pela agência, leva o nome de António Raposo Taveres, o qual foi um conquistador português do século XVII que ampliou o território colonial português na América, expandindo as fronteiras do Brasil.

Explícita com relação aos imaginários de <Mulher Brasileira>, disponibilidade sexual, mestiçagem, pouca roupa, praia, dança e música é a agência *Last Minute Travel*, a qual atua em toda a Europa e nos Estados Unidos da América e possui uma sede em Lisboa. A agência veiculou, em 2009, uma campanha publicitária através de um vídeo promocional³² para circulação na internet. A cena consiste em: um casal britânico está jantando em sua casa, quando uma mulher negra falando português do Brasil, vestida com roupa curta verde e amarela entra na sala sambando com uma criança mulata e diz “surpraise, esse é o papai”, neste momento, a imagem foca na fotografia do casal britânico em um restaurante numa praia com a <Mulher Brasileira> como funcionária de mesa servindo o casal, depois a imagem volta para a brasileira que fala “cê lembra de mim? Brasil, carnaval”; e o vídeo termina com o slogan “nós não queremos saber o que você faz nas suas viagens”.

A análise do Marketing Turístico demonstrou que há um reposicionamento da imagem do Brasil no mundo. Por outro lado este ocorre como diversificação da imagem e não substituição dos imaginários consolidados. Assim, não é possível considerar que haja uma desconstrução do imaginário <Mulher Brasileira>, isto porque, evidenciou-se que o esforço do marketing público nem sempre se reverte no marketing privado.

³⁰ Website: <http://www.quintoimperio.com/>

³¹ Sobre o Quinto Império ver: Marques, João Francisco, "A utopia do Quinto Império em Vieira e nos pregadores da Restauração", *Etopia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 2 (2004). Disponível em: <<http://www.lettras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/e-topia/revista.htm>>

³² Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=Jn9IS0QQO3o&feature=player_embedded>

3.2 A <Mulher Brasileira> na Imprensa Turística Portuguesa

Ao continuar a arque-genealogia dos discursos turísticos e de como estes contribuem na construção da ordem discursiva <Mulher Brasileira> em Portugal, focar-se-á na imprensa portuguesa especializada em viagens. A análise sobre o marketing, empreendida até aqui, procurou mapear os discursos turísticos relacionados com o turismo de massa, enquanto a investigação a seguir irá focar os discursos turísticos relacionados ao ideário do viajante. Conforme Joaquim (2012) os jornalistas de viagens constroem suas identidades e suas representações sobre o turismo em oposição ao turismo de massa. Estes viajantes contemporâneos são atentos, ativos e buscam diferentes lugares (enfoques e propostas), para informar um leitor requintado que busca viagens mais complexas que o turista. Neste sentido, entendeu-se que era necessário investigar os discursos dos jornalistas que buscam escapar ao turismo de massa, para perceber se há diferenças com relação ao discurso do marketing turístico. Para este fim, realizaram-se entrevistas, ao longo de 2011, a seis jornalistas de destaque na imprensa turística portuguesa (editores de revistas e repórteres *freelancer*); bem como, foram analisadas algumas de suas reportagens em revistas especializadas.

3.2.1 Entrevistas a Jornalistas

Inicia-se a abordagem da imprensa turística através das entrevistas a seis jornalistas de projeção no setor de viagens em Portugal. As entrevistas fundamentam-se na técnica de análise de práticas discursivas, com inspiração foucaultiana. Estabeleceram-se três eixos de discussão no guião ou roteiro da entrevista (anexo D), que correspondem às dimensões de análise, os quais foram propostos para o entrevistado em diferentes perguntas, a fim de perceber a associação de idéias realizada pelo entrevistado. No caso dessas entrevistas os eixos foram: imagem do Brasil, mulher brasileira, turismo sexual – com relação às anteriores alterou-se identidade nacional para imagem do Brasil, tendo em vista que as entrevistadas anteriores são brasileiras e estes são portugueses.

Nas análises anteriores das duas entrevistas e do questionário aberto optou-se por apresentar os resultados organizados por entrevistada – isto porque eram entrevistas institucionais, onde o cargo das entrevistadas era relevante e tornava-se importante mostrar o discurso de cada uma em seu conjunto. Nas entrevistas analisadas a seguir optou-se pela análise a partir dos eixos de discussão/dimensões de análise. Assim, na exposição dos dados, os trechos das diferentes entrevistas serão apresentados de forma agrupada em cada dimensão

de análise. Os nomes dos entrevistados serão preservados, sendo atribuídos nomes fictícios, cuja única característica apresentada será o gênero (relevante em alguns momentos da análise). Não será informado se o jornalista é repórter *freelancer* ou editor, nem a idade, nem informações do veículo, pois como o mercado é restrito poderiam ser identificados. Apenas informa-se que foram entrevistados jornalistas que trabalham ou trabalharam para: Revista Volta ao Mundo, Revista Sábado, Revista B de Brasil, Jornal Público, entre outros (pois há *freelancer* com trabalhos em diferentes veículos). O objetivo é perceber a ordem discursiva – as idéias que emergem em cada eixo de discussão, como elas são associadas e repetidas.

Referente ao primeiro eixo de discussão – imagem do Brasil – perguntou-se sobre os seguintes temas: a opinião individual sobre o Brasil, o que o entrevistado julga que os portugueses pensam do Brasil, as relações históricas Brasil-Portugal, o que os turistas portugueses buscam no Brasil, o que as revistas divulgam de destinos turísticos do Brasil, se há mudança na imagem, se há conhecimento do Plano Aquarela e se ele está tendo impacto, os pontos positivos e negativos do Brasil.

A imagem do Brasil é a primeira dimensão de análise. A seguir destacam-se alguns trechos das entrevistas, os quais demonstram que a imagem do Brasil em Portugal, compartilhada pelos entrevistados, está fortemente vinculada às praias e ao clima tropical. Mesmo nas perguntas deste eixo, onde não se questionou diretamente sobre as mulheres brasileiras, a imagem do Brasil aparece, em muitos casos, associada à beleza das mulheres e a certos comportamentos (inclusive sexuais) considerados como mais flexíveis.

Destino de praia, continua a ser destino de praia, muito pouco é trabalhado... o imaginário que se tem mesmo no meio, mesmo os jornalistas que trabalham em viagens, a idéia que se tem do Brasil, não é que haja cidades frias, como Porto Alegre, que haja lugar setentrionais que são temperados, e não são tropicais, a idéia é o Brasil é um país tropical, onde vive gente aberta, extrovertida, dinâmica e onde as mulheres são bonitas, onde as mulheres andam mais despidas, porque está calor, e onde há um convívio efetivo fora da limitação ou fora do constrangimento português. (Francisco)

Praia e calor: é o que motiva a maior parte (...) o fator clima é que atrai as pessoas ao Brasil e a língua ajuda muito (João)

O Brasil é um dos destinos que os portugueses mais gostam. É paradisíaco, tem calor o ano inteiro, praticamente, não é? (...) Para qualquer português o Brasil é sempre aquela coisa... o paraíso: sol, mar, paraíso, calor. (Joana)

O Brasil é um destino que vende (...) Sol e praia. Conhecem pouco o resto. Eu acho que é sol e praia, depois alguns destinos ecológicos, em que vão a Amazônia e o Pantanal. (Ana)

É praia, descontração, festa. Eu acho que é essencialmente isso, e o bom tempo (...) A brasileira, futebol, samba, tudo isso são elementos principais (...). A maior parte do tempo é praia, é um turismo muito pouco ambicioso. O Brasil um dos países que as pessoas sabem que isso [sexo] é mais propício, mais fácil (Rui)

No entanto, na maioria dos entrevistados foi possível perceber mudanças na imagem do Brasil, acrescentando-se modernidade, crescimento econômico, cidades, diversidade – como é possível perceber nos trechos a seguir. Essas mudanças parecem ser mais acréscimos de imaginários do que propriamente uma substituição dos imaginários antigos. Ressalta-se, nesse sentido, a narrativa de Ana quando ela afirma que os portugueses já sabem que há muito no Brasil, mas querem ver sol e praia. Ou seja, acrescentam-se imaginários, mas aqueles que remetem aos imaginários coloniais permanecem. Também a narrativa de Rui é interessante quando ele afirma que quer transformar a imagem do Brasil como sol, praia e sexo, ao mesmo tempo em que considera uma realidade que o Brasil é praia, sol e sexo – ou seja, ele próprio acredita na imagem que afirma querer transformar como uma realidade objetiva.

Pensamos no Brasil, pensamos em recursos, petróleo, políticas de mudança, claro, continua lá estar um clima fantástico, um país maravilhoso, mulheres bonitas, não desapareceram, mas além disso há muitas outras coisas. (Francisco)

Julgo que a promoção que fazem [EMBRATUR] junto de agentes privilegiados, como é o nosso caso, resulta. Porque Belo Horizonte por exemplo, foi uma reportagem que nós publicamos a 1 ano e tal, 2 anos. Nós também queremos, para além da praia e do calor há muito mais coisas. (João)

O Brasil é uma potência econômica mundial. (João)

Os portugueses continuam a ver como paraíso, porque é sol e praia que os portugueses gostam (...) É a imagem que eles querem ver, que eles gostam de ver. É evidente que eles sabem que há muito, que o Brasil é um continente, há muitos outros Brasis que o sol e praia. (Ana)

Do que eu tenho visto da EMBRATUR estão a se esforçar um pouco pra mudar isso. (Clara)

Uma componente é a tal realidade sexual que se apresenta em Portugal e o turismo de massa que vai sempre aos mesmos lugares, muito pouco interessante em termos culturais. O que as pessoas querem é chegar nos resorts, estender a toalha, ir pra piscina beber e em alguns casos melhor a vida sexual. E isso é muito triste cá em Portugal. E nós lutamos pra mudar isso. Nós não publicamos resorts, ponto final. Tentamos divulgar destino no Brasil que tenham interesse cultural, histórico, étnico, tudo que seja possível, menos a superficialidade. (Rui)

É recorrente também a associação entre Portugal e Brasil através da língua portuguesa e da cultura, remetendo o Brasil a Portugal, como se o Brasil de alguma forma fizesse parte de

Portugal, a narrativa de Francisco é bastante explícita neste sentido. O que há de história e de cultura no Brasil, na visão dos entrevistados, parece remeter exclusivamente a Portugal. A associação entre o clima/natureza como características inerentes do Brasil disponível aos portugueses (casa tropical, na narrativa de Ana) e a história/cultura como exclusivamente remetendo a Portugal, aponta para reconstruções de imaginários coloniais. Conforme analisado no primeiro capítulo desta Tese, a natureza pitoresca e intocada da África aparecia como fundamental nos discursos coloniais, como um elemento exótico a ser desfrutado pelos portugueses; ao mesmo tempo em que esta natureza selvagem remetia a uma população selvagem, para a qual os portugueses levariam a cultura.

Beleza das paisagens, o calor das pessoas, o a vontade das pessoas, enorme interesse histórico e étnico, a mistura das culturas é riquíssima no Brasil, foi criada por nós, não é? (Rui)

O Brasil está sempre ali como parte integrante da Portugalidade, acho que a Portugalidade inclui o Brasil, a brasilidade. (Francisco)

É uma pena não conhecer o estado de Minas que é lindíssimo e que tem muito de português e a nível cultural é riquíssimo, como muitos, e tem uma herança imensa nossa. (Ana)

Acho que é o fator língua. Acho que a maior parte dos portugueses, não se sente, como eu, não se sente que está num país estrangeiro (...). No Brasil eu sinto-me em casa, numa casa tropical e penso que é isso que os portugueses também sentem. (Ana)

Destaca-se, ainda, um trecho que explicita a distinção entre Europa e Brasil, na qual a Europa aparece como destino de turismo histórico-cultural enquanto o Brasil como destino de turismo “sol e mar”. Essa dicotomia reporta ao imaginário colonial das colônias como paraísos naturais e selvagens *versus* Europa como civilização e cultura.

Como nós temos aqui na Europa, tem muito aquela idéia, se é para cidade, vamos para Paris, para Londres, vamos para Itália, acham que isso é que é mais história, vão pra Museus. Brasil...[negação com a cabeça] (Joana)

Referente ao segundo eixo de discussão nas entrevistas, o guião foi estabelecido com perguntas mais diretas, sobre: a existência ou não de um imaginário social de <Mulher Brasileira> sexualizada em Portugal, a divulgação ou não de mulheres brasileiras seminuas na imprensa turística portuguesa, a atual mudança ou não desse imaginário.

A dimensão de análise <Mulher Brasileira> revela um imaginário consolidado de que existe um padrão de comportamentos e características físicas de mulheres brasileiras. Este imaginário remete à beleza, à sensualidade, aos corpos (bumbum, bundinha), a

comportamentos (atraentes, desinibidas, sem pudor, a vontade, abertura, facilidade). Em alguns casos, as mulheres brasileiras são explicitamente identificadas com sexo.

Os homens vão por causa das mulheres e as mulheres vão pra ver se se transformam em mulheres brasileiras [risos] a ver se saem de lá com uma bundinha fantástica e um biquininho maneiro e um grande bônus (Joana)

É uma associação [mulher brasileira com sexualidade] que é uma realidade. A realidade brasileira que o português encontra aqui em Portugal. Vai demorar um pouco a desconstruir, para isso é mudar a realidade brasileira cá em Portugal, das pessoas do Brasil que vem pra cá (...) basta ter a noção de que nos sítios onde há o sexo, onde é operado o sexo, sempre, ou quase sempre há brasileiras. Não é importante se é uma minoria entre as mulheres todas, o importante é que nesses sítios, se vão encontrar ou não mulheres brasileiras, e até uns anos atrás encontrava-se sempre. (Rui)

A associação que se faz dos corpos das mulheres brasileiras e a ligação direta a praia, a linha de costa enorme que o Brasil tem e haver uma vida intensa na costa com relação à praia. E também o “à vontade social”. Qualquer brasileiro anda na rua em tronco nu sem qualquer problema, as mulheres andam de fio dental sem qualquer problema. Esse “à vontade social” é principal razão pelo que há essa associação. A realidade em termos de comportamentos sexuais é diferente dos países europeus em relação ao Brasil, há muito mais abertura e facilidade. O contacto e o conhecimento é muito mais rápido do que aqui em Portugal e da maior parte dos países. (Rui)

As ideias de beleza, sensualidade e disponibilidade sexual parecem estar imbricadas entre si no imaginário <Mulher Brasileira>. A exceção, que demonstra a possibilidade de não imbricação dessas idéias, é a entrevista de Ana. O trecho a seguir apresenta uma crítica explícita a essa associação de beleza e alegria com disponibilidade sexual, ao criticar a divulgação da mulher como objeto e nomear os portugueses, que fazem essa associação, de parvos. Pode-se destacar o fator gênero, na medida em que Ana, sendo mulher, percebe a beleza e o comportamento extrovertido dissociados da disponibilidade sexual, enquanto que um homem, através do poder patriarcal, tende a perceber a beleza da mulher e seus comportamentos como associados a sua disponibilidade ao homem. Acrescenta-se, ainda, o fato de que Ana, entre todos os entrevistados/as é a que conhece mais lugares no Brasil.

Os homens pensam nas brasileiras e viam aquela imagem do bumbum, do biquíni, era sempre uma imagem de uma brasileira morena, quase com fio dental, de costas, portanto, era muito essa imagem que transmitia (...) e que eu acho que ainda bem que mudou, que é uma conotação que não é boa. Uma coisa é ir um grupo de homens, outra coisa é ir namorados e a mulher vai logo de pé atrás, porque vai de férias e não quer a concorrência, não é? Acho que o Brasil é tão rico em tanta coisa, tem tanto a divulgar em beleza, que a beleza da mulher brasileira é de fato, pra mim é o povo onde tem mulheres mais bonitas, uma mistura lindíssima, mas que não precisa de ser divulgada dessa maneira, como uma mulher objeto. (Ana)

O estereótipo da mulher brasileira é sempre que é uma mulher bonita, atraente, e pronto. Sem tanto... não queria dizer... sem pudor, eu me sinto muito mais brasileira do que portuguesa, a minha bisavó era do Para, portanto, eu sou muito mais como vocês, muito mais extrovertida. Hoje em dia por acaso as portuguesas dos 18, 19 anos, já são mais assim, graças a Deus, é evidente que isso torna uma mulher muito mais sexi, mais atraente (...) da parte dos homens, se eles acham que por ser assim tão a querer ser assediadas [as mulheres brasileiras] é porque são parvos, isso os portugueses são um pouco parvos (Ana)

Em diversos momentos foi possível perceber que o imaginário de erotização emerge como uma realidade objetiva, como uma verdade. Destaca-se que alguns dos jornalistas nunca estiveram no litoral brasileiro e, mesmo assim, fazem afirmações sobre comportamentos dessa região do Brasil. Não há uma percepção desse imaginário como uma construção. Exemplifica-se, ainda, com trechos da narrativa de João, que ao não perceber o processo e crer na verdade do imaginário acaba reproduzindo-o ao utilizar mulheres nas revistas e reportagens.

Há uma sensualidade da mulher brasileira que é eminente, que é assumida, e a EMBRATUR o que fez foi explorar exatamente isso. Agora, não foi por haver uma aposta nessa imagem que os portugueses tiveram essa idéia, essa ideia já vem das novelas, das imagens que nos chegam todos os anos do carnaval. A maior parte, quer dizer, muitos portugueses conhecem o Brasil e portanto sabem que há uma erotização da imagem da mulher brasileira que vem muitas vezes do que vemos, são mulheres bonitas, mulheres atraentes, são mulheres desinibidas em muitas situações, e por isso se criou essa imagem que as pessoas têm. Não creio que a publicidade tenha muito a ver nesse caso. (João)

Não evitamos [usar imagens de mulheres]. Usamos a imagem do brasileiro bonito, com bom aspecto, os rapazes com corpos elegantes, as raparigas bonitas, novas (...) Nós usamos a imagem da mulher no Brasil tal como usamos a imagem da mulher em qualquer outro destino. A imagem dos homens também, mas acabamos por usar mais a imagem da mulher, com uma ideia de boa forma física, uma ideia simpática, de bem receber, de atração, que no fundo nos faz sentir bem num sítio. Preferimos estar num sítio rodeados de pessoas bonitas do que de pessoas feias, portanto, é mais bonito estar num sítio com mulheres bonitas, de biquíni e bem arranjadas (...) Entre homens e mulheres acabamos por usar mais a imagem da mulher, apenas por uma questão de trazer alguma beleza as páginas da revista, mas nunca caindo no exagero, nunca caindo na ideia de turismo sexual, ou de exploração da imagem feminina (...) Sexualidade não de todo. E sensualidade será a palavra (João)

Já Francisco, no trecho transcrito abaixo, demonstra perceber com maior clareza o papel da mídia na construção desse imaginário de erotização, percebendo a diversidade que há no Brasil e a importância da mídia em não reduzir o Brasil ao imaginário da erotização.

Capas com mulheres, já não aparece tanto, nos anos 90 apareciam mais, ainda encontramos, mas o foco não está tão fechado na mulher, e mais ou menos, se esse é um trabalho que vem acontecendo por parte das

instituições brasileiras, reflete-se de alguma maneira (...) a senhora despida brasileira linda na capa, já está visto, essa imagem já está vista e está ultrapassada, o que há para além disto, dessa barreira inicial e do preconceito, dessa atração dita mais fácil e imediata, então vamos procurar a diversidade no Brasil (...) é obrigatório uma vez que temos concorrência (Francisco)

Referente à relação entre imaginário e realidade, destaca-se que esta Tese fundamenta-se na demonstração de como esses imaginários sobre <Mulher Brasileira> são construídos e em que relações de poder estão imbricadas. Não é objetivo contrastar esses imaginários com uma suposta realidade verdadeira, alegando que as mulheres brasileiras não correspondem a esses imaginários. Parte-se do pressuposto da diversidade humana e de que todos os estereótipos são generalizações não representativas. Por isto, não será dito o que as mulheres brasileiras são, elas não serão aqui definidas para contrapor a definição hegemônica; apenas questiona-se e analisa-se a existência dessa representação hegemônica. De forma semelhante, não se pretende generalizar e afirmar o que os portugueses pensam das brasileiras, e sim, aborda-se uma ordem discursiva hegemônica, que remete aquilo que pode ser dito por uma sociedade (no caso a portuguesa), e explica algo sobre essa sociedade, como as relações de poder que permitem que esse imaginário seja dito sobre as brasileiras. As mulheres brasileiras existem como imaginário e, em Portugal, um imaginário muito consolidado e específico. O que as “mulheres brasileiras” são de fato, não pode ser generalizado. Conforme tem-se argumentado nesta Tese: não sendo substantivo, nem essencial, <Mulher Brasileira> é antes de tudo uma construção social, discursiva e performática, imersa em relações de poder históricas e em modos de subjetivação sempre reconstruídos.

Apesar de não ser o objetivo contrastar os imaginários com realidades objetivas, pois o posicionamento teórico exclui essa opção, é importante destacar que os jornalistas de viagens constroem-se, muitas vezes, como aqueles que relatam a realidade objetiva. Conforme Pratt (1999), os antigos e os atuais escritores de relatos de viagens: “reivindicam autoridade para suas observações. O que vêem é o que existe” (*idem*: 361). A autora, já referida no capítulo teórico, analisa relatos de viagens de 1750 até 1980 e afirma que os jornalistas de viagens contemporâneos continuaram o trabalho dos viajantes europeus do período colonial, construindo imaginários sobre o “outro”. Neste sentido, parece importante destacar alguns dados em torno da realidade brasileira, que contrastam imaginários reproduzidos pelas entrevistas dos jornalistas de viagens. No Brasil vivem 97.342.162 mulheres³³ em um

³³ Dados do Censo 2010, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/>

território de 8.514.876,599 (Km²)³⁴, o que já demonstra uma impossibilidade de reduzir essas mulheres a determinadas características físicas, comportamentais e culturais. Esta forma de pensar essencializadora pode ser entendida como colonialidade, tendo em vista que mantém imaginários coloniais. Acrescenta-se o fato de que 20,2%³⁵ da população brasileira é praticante de religiões evangélicas em 2009, o que implica uma série de comportamentos relacionados ao pudor, modos de vestir, falar e agir, muito diferentes do que os que compõem o imaginário <Mulher Brasileira>. Esse fato aponta para a diversidade de mulheres brasileiras, o que reforça que todo imaginário essencializante é uma construção que se tornou hegemônica e se naturalizou em relações de poder.

Afirmar que um imaginário é uma construção significa entendê-lo em sua realidade discursiva, como uma prática, com implicações em diferentes âmbitos da vida social. O imaginário de erotização <Mulher Brasileira> acarreta em preconceitos, assédios e discriminações para as imigrantes brasileiras que vivem em Portugal, como demonstram Padilla (2007a; 2008), Machado (2009) e Fernandes (2008) – o que será analisado no próximo capítulo. Torna-se, portanto, necessário compreender as disputas, as relações de poder, os processos de (re)(des)construções dos imaginários, eles são realidades complexas, com implicações sérias, não basta confrontá-los com realidades objetivas ao desvendar sociologicamente as realidades objetivas, é preciso também desvendar os imaginários.

Referente ao terceiro eixo de discussão, perguntou-se se o Brasil é um destino de turismo sexual e se o imaginário <Mulher Brasileira> se relaciona com turismo sexual. O interesse não foi compreender o turismo sexual em si, mas perceber quais ideias seriam associadas ao turismo sexual, para melhor mapear o imaginário <Mulher Brasileira>.

Foi possível perceber o imaginário de disponibilidade sexual das brasileiras de duas formas: por um lado emergiu com clareza, na oposição entre turismo sexual (que remeteria a exploração sexual e que não ocorre no Brasil) e disponibilidade sexual (que é como eles vêem o Brasil, com mulheres abertas, disponíveis para o sexo, dadas, sensuais), como pode ser visto especialmente na fala de Francisco (a seguir); por outro lado, ao negarem ou diminuírem a existência do turismo sexual como um problema social, ao mesmo tempo em que nas questões anteriores destacaram a sensualidade, a “abertura”, o “a vontade”, o “sem pudor”, reforçam um imaginário de disponibilidade sexual como característica inerente ao povo brasileiro.

³⁴ Dado do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/

³⁵ Banco de Dados do Projeto Novo Mapa das Religiões da Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <http://www.fgv.br/cps/religiao/>

A impressão que eu tenho é que o Brasil não é um destino de turismo sexual, pode ser eventualmente, mas não é um destino de turismo sexual como será a Tailândia. O Brasil não é a mesma coisa, no Brasil vou curtir, porque as brasileiras são mais dadas, não há preconceitos, há festas, e isso tem a ver novamente com o imaginário do carnaval e do tropicalismo, se for pensar Cabo Verde será um pouco assim, dança, festa, música, corpos e sexo, e isso não é bem a mesma coisa que turismo sexual e prostituição (...)o Brasil não é um destino de prostituição, pode ser um destino de turismo sensual ou erótico, isso sim, porque vamos ver mulheres bonitas, isso sim. Por exemplo, as italianas, temos esse mito, a mulher italiana é bonita, mas sabemos que chegamos a Itália e que aquilo é um país europeu, não é um país tão aberto, e essa idéia de abertura, é que está no Brasil, mas tem a ver com amabilidade, tem a ver com a festa, com um certo imaginário claramente do que é o erotismo tropical. (Francisco)

Se coloca a questão [turismo sexual], mas não creio que seja de todo a principal, ou nem as principais que leve os portugueses ao Brasil (João)

Penso que não há muita gente a ir para isso [turismo sexual]. Vão mais a família. (Joana)

Pensar no Brasil como país de turismo sexual não, pq nós já tivemos noutros. Fiji, Tailândia. Há muitos sitios que nós sabemos que as pessoas vão lá pra aquilo, fazem até os contatos antes. (Clara)

Com este eixo reforçou-se a percepção de que as ideias de beleza, sensualidade e disponibilidade sexual estão imbricadas entre si no imaginário de <Mulher Brasileira> através da ordem discursiva hegemônica que remete a relações de poder colonial, patriarcal e a heteronormatividade. As mulheres brasileiras são construídas como corpo colonial, como hipersexualizadas e disponíveis sexualmente aos homens portugueses. Na narrativa de Francisco é explícita essa relação. O entrevistado diferencia as italianas, que são bonitas, porém não disponíveis por serem europeias, das caboverdianas e brasileiras que são bonitas e disponíveis. Ao fazer essa diferenciação belas / não disponíveis / europeias *versus* belas / disponíveis caboverdianas / brasileiras, emerge a colonialidade, na medida em que as mulheres das ex-colônias são vistas como disponíveis e isso está diretamente relacionado ao fato de não serem europeias. Essa relação entre não ser europeia e ser disponível sexualmente não é direta, ela perpassa algumas características que o entrevistado supõe que os não-europeus tenham: festa, dança, música, corpos, clima tropical.

Nesse ponto percebe-se que as idéias sobre a natureza (paraíso, tropicalidade e calor) foram associadas às ideias sobre comportamentos (à vontade, falta de pudor, disponibilidade sexual), às ideias sobre cultura (festa, dança, música), e ainda, às idéias fenotípicas (corpos exuberantes, beleza). Percebe-se uma reconstrução da ordem discursiva racializante. A racialização é num processo de classificação dos grupos humanos, para demarcação de uma

hierarquiza social, através da essencialização de supostas características físicas, culturais e comportamentais, que iniciou durante o colonialismo (entendido aqui como processo histórico que iniciou no século XVI). Para essa reconstrução utiliza-se o conceito de colonialidade.

No que tange especificamente as mulheres, o cruzamento entre colonialidade e gênero, como analisado no capítulo teórico, evidencia uma reconstrução da moral cristã ocidental que divide as mulheres em “Evas” e “Marias” (Vasconcelos, 2005). A partir das teorias feministas descoloniais é possível perceber que o dispositivo da racialização intersecciona o dispositivo de gênero/sexualidade nesta divisão das mulheres. Conforme Stolke (2006), no período colonial, a moralidade das metrópoles ibéricas foi implantada nas colônias, pela Igreja e pelo Estado. Esses valores e regras de casamento e pureza de sangue dividiam as mulheres em dois tipos baseados em sexualidade e raça: virgens euro-descendentes e disponíveis sexualmente indígenas e africanas e/ou afro-descendentes escravizadas. Conforme analisado no capítulo teórico, as mulheres nativas das colônias eram percebidas como “corpos coloniais”.

Nas entrevistas realizadas com jornalistas, formadores e multiplicadores de opiniões, evidenciou-se a reconstrução desses imaginários coloniais. Retomam-se as palavras utilizadas pelos entrevistados para definir o Brasil e as brasileiras: paraíso, calor do clima e das pessoas, abertura, praia, beleza, sensualidade, sexualidade, alegria, amabilidade, festa, tropical, lusofonia, língua portuguesa, disponibilidade, corpo, nudez, atraentes, desinibidas, erótica, boa forma física, bonitas, bem arranjadas, bundinha fantástica, bumbum, mistura, sexy, atraente, extrovertida, sem pudor, descontração, comportamentos sexuais-abertura-facilidade.

3.2.2 Análise de Reportagens

A fim de complementar a análise dos discursos da imprensa turística, torna-se necessário apresentar algumas reportagens que exemplifiquem as narrativas dos jornalistas. Um bom exemplo é a Revista B de Brasil, a qual existiu entre o ano 2000 e 2008 e se dedicava somente ao Brasil, para o mercado português, apresentando destinos (história, cultura, gastronomia, patrimônio natural, praias) e serviços (hotéis, restaurantes, passeios, roteiros, agências). Os fundadores e editores da revista disseram-se apaixonados pelo Brasil e identificavam esse grande interesse pelo país por parte do público português. Criaram uma revista diferenciada em termos de qualidade, semestral, e, portanto, com custo mais elevado que outras revistas de turismo e viagens. Estava à venda em livrarias e lojas de shopping. Interrompeu sua edição devido à crise econômica que afeta Portugal.

Parece bastante exemplificativo o número dois, inverno de 2001. A reportagem de capa refere-se a Salvador da Bahia e apresenta como imagem uma baiana típica a dançar ritmos afro-brasileiros, no centro histórico de Salvador. Esta reportagem, por um lado, reforça o imaginário de festa, alegria, mulheres a dançar, por outro lado, busca apresentar novos elementos culturais e históricos. A imagem a seguir, da reportagem sobre Salvador no interior da revista, demonstra como a revista buscou diversificar a imagem de Brasil, enfatizando a história e a cultura. No entanto, assim como nas narrativas dos jornalistas, a imagem diversificada de Brasil aparece sempre como acréscimos aos imaginários tradicionais de praia e mulheres e não propriamente uma substituição de imaginários.

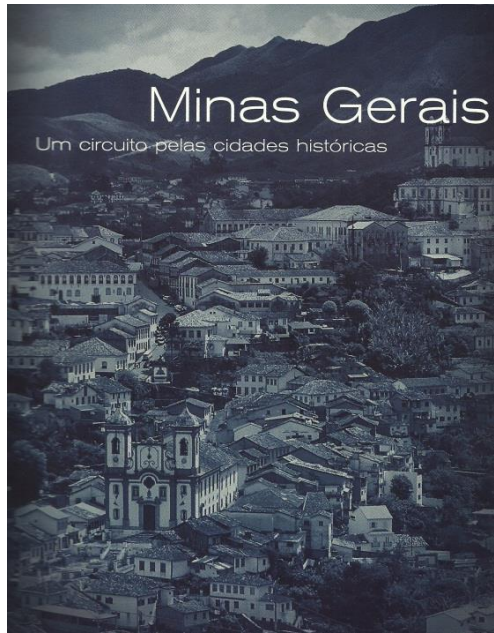
Figura 17: Salvador. Revista B de Brasil, nº 2, inverno de 2001.



Fonte: Pesquisa documental.

Esta diversificação de imaginários, que não implica na superação dos imaginários consolidados, torna-se evidente na mesma edição da revista. Por um lado há uma reportagem sobre Minas Gerais que enfoca apenas a história e a cultura da região, como pode ser visto na imagem a seguir, que dá início a reportagem.

Figura 18: Minas Gerais. Revista B de Brasil, nº 2, inverno de 2001.



Fonte: Pesquisa documental.

Por outro lado, há uma reportagem sobre o Carnaval do Rio de Janeiro, na qual aparece o imaginário de <Mulata> hipererotizada como símbolo do carnaval. A imagem que dá início a reportagem, a seguir, foca no corpo de uma passista, onde seu rosto é suprimido, ou seja, construído como irrelevante. Das dez imagens que compõem a reportagem, cinco são em tamanho grande (ocupando a página toda), destas cinco, duas são de mulheres passistas, sendo que a única que ocupa duas páginas (a maior de todas) é a que inicia a reportagem e foca na passista, conforme por der visto a seguir. Sendo assim, para o público, português leitor da revista, reforça-se o imaginário social <Mulher Brasileira> como um corpo colonial.

Figura 19: Carnaval do Rio de Janeiro. Revista B de Brasil, nº 2, inverno de 2001.



Fonte: Pesquisa documental.

Outro exemplo da diversificação de imaginários que ao mesmo tempo apela a imaginários consolidados é a reportagem sobre Brasília, da secção Destino Improvável, da Revista Tabu/Sol, de 12 de Agosto de 2011. Apresentar Brasília como destino turístico é bastante importante para diversificação dos imaginários sobre o Brasil. São apresentados elementos como a Arquitetura Modernista, mobilização política e social, o título de Patrimônio Cultural da Humanidade da UNESCO, o pôr do sol exuberante. As imagens trazidas pela reportagem (a seguir) de pessoas protestando por direitos (ao invés de corpos em biquínis ou em festa), da arquitetura modernista e do ambiente de metrópole, contribuem para construir uma outra imagem de Brasil.

Figura 20: Brasília. Revista Tabu, 12 de Agosto de 2011.



Fonte: Pesquisa documental.

No entanto, o título e a frase de chamada da matéria ao mesmo tempo em que pretendem apresentar um novo Brasil superpotência, apelam aos imaginários coloniais: “Da Utopia à Euforia: Desde o tempo do Marquês de Pombal, em que o Brasil ainda era uma colônia portuguesa, que se falava da transferência da capital para o interior. Hoje, Brasília continua a parecer surreal, mas dita as regras de uma superpotência mundial”. Ver e construir o Brasil sempre a partir das relações coloniais com Portugal, pode indicar uma reconstrução constante dos imaginários coloniais.

A análise da Imprensa Turística demonstrou que está ocorrendo uma diversificação na imagem do Brasil. No entanto, não está sendo desconstruído o imaginário social consolidado de <Mulher Brasileira> como signo de erotização.

3.3 A <Mulher Brasileira> no Mercado Cultural da Brasilidade em Portugal

No decorrer da análise sobre os discursos turísticos, empreendida neste capítulo, percebeu-se a importância dos espetáculos culturais, vinculados a uma erotização das mulheres brasileiras, na divulgação do Brasil no exterior. Para além da publicidade, os espetáculos culturais, construídos por um determinado olhar, contribuíram na divulgação da cultura brasileira de forma erotizada. Anteriormente identificou-se a importância de Oswaldo Sargentelli e seus Shows de Mulatas, apoiados pela EMBRATUR, nas décadas de 1970 e 1980, na associação do samba ao erótico. No momento em que a o governo brasileiro busca um reposicionamento da imagem do país no exterior, a crítica da Presidente da EMBRATUR, em 2009, dirigiu-se, não só à publicidade, mas também à utilização de mulheres seminuas em eventos culturais que representem o Brasil no exterior. Na execução desse reposicionamento da imagem, evidenciou-se um deslize exatamente no que diz respeito aos espetáculos, no caso, o Show de Mulatas que fora apresentado na Bolsa de Turismo de Lisboa no estande da própria EMBRATUR. Nas entrevistas com os jornalistas percebeu-se a crença de que a cultura brasileira é erotizada; os entrevistados mencionaram diretamente o samba, as músicas, as danças e as festas como símbolos dessa erotização, bem como, em reportagens sobre o carnaval, as quais enfocavam as assistas seminuas.

Percebeu-se, portanto, que os espetáculos culturais jogam um papel importante no imaginário de erotização da cultura brasileira. A publicidade divulgou abertamente imagens de mulheres brasileiras como atrativos turísticos; enquanto os espetáculos culturais, construídos para exportação (por agentes da mídia e turísticos) de forma erotizada, vincularam essa mulher atrativo a uma suposta cultura de origem, naturalizando a erotização.

A partir dessa evidência tornou-se necessário investigar espetáculos culturais brasileiros em Portugal. Já, inicialmente, focou-se nos espetáculos de música e dança, pois eram estes os que foram identificados como reprodutores de um imaginário de erotização (os espetáculos de teatro, entre outras manifestações culturais não foram abarcados). Na pesquisa exploratória – que consistiu em observações no terreno e uma entrevista com um informante privilegiado, músico e produtor cultural relacionado à música e dança brasileira em Portugal – percebeu-se uma grande variedade de espetáculos de música e dança brasileiros que ocorrem atualmente em Portugal. O repertório inclui grandes shows da cultura de massa, como da cantora baiana Ivete Sangalo, que reuniu, em Lisboa, cerca de 80 mil pessoas no Rock in Rio 2010 e 20 mil pessoas no Pavilhão Atlântico em 2011 – público constituído tanto por brasileiros como portugueses. Abarca, também, o oposto, pequenos espetáculos, em espaços

culturais alternativos, de músicos que reúnem diferentes expressões da cultura popular brasileira tradicional, como “DJ Tudo e sua gente de todo lugar” – público constituído em sua maioria por portugueses. Há, também, pequenos grupos formados por portugueses e brasileiros que produzem cultura brasileira em Portugal, como o Maracatu Arte Pura Lisboa. Existem, ainda, bares, danceterias e restaurantes caracterizados por apresentar dança e música brasileira em Portugal.

Neste amplo e multifacetado universo, não se optou pelos grandes espetáculos, tampouco pelos pequenos espetáculos e grupos alternativos. Focou-se, então, naqueles espetáculos constantes, que ocorrem com regularidade, demarcam com maior visibilidade o mercado cultural da brasilidade em Portugal, bem como, realizam-se por imigrantes brasileiros que vivem em Portugal. Essa escolha deu-se devido ao interesse desta Tese na construção de uma visibilidade em torno da <Mulher Brasileira> na sociedade portuguesa. Foram realizadas observações em locais com espetáculos de dança e música brasileira constante³⁶: dois bares/danceterias em Lisboa (um localizado nas Docas de Santo Amaro e outro no Parque das Nações); um bar em Lisboa (localizado no Bairro Alto); e dois restaurantes, um no Porto (norte de Portugal) e outro em Olhão (sul do país).

Para além destes espaços (com espetáculos constantes de dança e música brasileira), identificados na pesquisa exploratória, escolhidos conforme o recorte da investigação e definidos no Projeto de Tese de Doutorado, outros espaços emergiram como importantes no decorrer da pesquisa. São eles: a Exposição “Nossa Carmen: a maior luso-brasileira de sempre”, que se refere a uma cantora e bailarina que marcou a visibilidade cultural do Brasil no exterior; e, as Escolas de Samba Portuguesas, as quais se divulgam como influenciadas pelo Carnaval do Rio de Janeiro. Estes objetos empíricos foram incluídos no decorrer da investigação e confirmaram-se de grande utilidade para o tema e o problema de pesquisa da Tese de Doutorado, constituindo, assim, um exemplo de serendipidade.

Destaca-se que o mercado cultural da brasilidade em Portugal será analisado a seguir a partir do enfoque específico desta Tese, ou seja, buscar-se-á perceber como esses espaços (re)(des)constroem o imaginário social <Mulher Brasileira>. Nesse sentido, muitos outros elementos desse objeto complexo não serão analisados, por não comporem o foco da investigação.

³⁶ Destaca-se que na pesquisa exploratória haviam sido identificados hotéis em Albufeira (sul de Portugal, região do turismo de sol e mar), os quais divulgavam na parte de entretenimento “folclore brasileiro” ou haviam imagens de shows de mulatas em seus sites. Foi realizada uma viagem para pesquisa de campo nesses locais, no entanto, fui informada nesses estabelecimentos, que esses espetáculos não são constantes, dependem das demandas dos grupos e no verão que se realizou a pesquisa de campo (2011) haviam optado por trazer outros ritmos.

Ressalta-se que em todos esses espaços foram entrevistadas mulheres brasileiras (bailarinas, cantoras, percussionistas, recepcionistas, madrinhas de Escola de Samba), no entanto, essas entrevistas não serão analisadas aqui, e sim, no quarto capítulo da Tese, dedicado aos modos de subjetivação das mulheres brasileiras diante do discurso hegemônico <Mulher Brasileira> em Portugal. Neste subcapítulo, o que importa destacar é a forma como o mercado cultural da brasilidade em Portugal contribui na construção do imaginário social <Mulher Brasileira>. Entende-se, a partir da perspectiva teórica adotada, que é necessário ter dois planos de análise, os quais não podem confundir-se: 1). A construção do discurso hegemônico, do imaginário social <Mulher Brasileira>, para o qual o mercado cultural da brasilidade contribui independente dos sujeitos mulheres brasileiras que lá estão, o discurso é criado historicamente e socialmente, em relações de poder, assim, qualquer sujeito ocupará esse espaço (como será analisado a seguir); 2). As mulheres que se constroem enquanto sujeitos em diálogo com esse discurso hegemônico que lhes antecede, tornando-se parte dele e, de alguma forma, dobrando-o (como será analisado no próximo capítulo).

Por mercado cultural da brasilidade entendem-se os empreendimentos que agenciam um discurso de cultura brasileira como seu diferencial em Portugal. O conceito de mercado é aqui introduzido na perspectiva do consumo cultural. Nos espaços analisados, uma cultura brasileira é transformada em produto para consumidores portugueses e brasileiros. Conforme desenvolvido no referencial teórico (primeiro capítulo), pretende-se analisar, fundamentando-se em Canclini (2008), se ocorre a espetacularização de uma cultura brasileira que se transforma em produto para o consumo cultural global. Esse mercado cultural define a cultura em função do público e transmite um conjunto de imaginários para estes consumidores. A cultura de massa espetacularizada está inserida em relações de poder. Em alguns espaços desse mercado cultural da brasilidade poderá estar presente uma atitude antropofágica, como define Carvalho (2004) ao analisar as tradições afro-brasileiras no Brasil, apontando que elas se transformam em espetáculo, através de agentes externos não afro-brasileiros, os quais divulgam, vendem e consomem uma cultura da qual não são e não se consideram pertencentes.

Por outro lado, cabe acrescentar que a perspectiva da cultura espetaculizada como uma ameaça, apesar de importante, não é suficiente. Neste sentido, pretende-se refletir sobre como a cultura brasileira se estabelece na cultura global, a qual consiste em “um campo no qual se exerçam as diferenças, as lutas de poder e as disputas em torno do prestígio cultural.” (Featherstone, 2000: 31). Nesse sentido, o consumo cultural visto como ameaça a cultura, como massificação e padronização, pode também ser analisado a partir de seus usos e da

recepção dos diferentes públicos a essa suposta massificação da cultura pelo consumo. Eagleton (2003: 114) sintetiza essas duas perspectivas ao afirmar: “se a cultura se transformou, no nosso tempo, num meio de afirmação, também revelou novas formas de dominação”.

Outro elemento importante para a análise refere-se ao conceito de mundialização da cultura, com o qual Ortiz (1997) aponta para uma desterritorialização da cultura, na qual cultura e espaço já não se encontram intimamente articulados a um território fisicamente demarcado. Assim, é possível produzir, consumir e viver cultura brasileira em Portugal. O autor destaca que o Estado-nação perde a primazia da produção de culturas e identidades, pois se multiplicam referenciais com a mundialização da cultura. No entanto, conforme Bhabha (2007), as identidades não se tornam simples escolhas em um mercado global; é preciso analisar a história de cada identidade e as relações de poder que as interpelam. Uma abordagem descolonial a cerca dos imaginários destaca a prevalência do imaginário nacional sobre os demais na modernidade, como efeito do colonialismo; e demonstra as atuais fissuras nesse imaginário nacional, a partir da globalização e da emergência de discursos subalternos com outros olhares (pós-coloniais) sobre as fronteiras (não apenas territoriais) (Brydon, 2007). Se por um lado há fissuras nos imaginários nacionais, por outro lado, há reconstruções destes. Os imaginários nacionais podem ser reforçados mesmo na globalização, por outro lado, podem ser desterritorializados e produzidos fora do controle do Estado-nação.

Tendo em vista estas perspectivas sobre a cultura globalizada/mundializada, pretende-se analisar, a seguir, os três objetos empíricos (bares, danceterias e restaurantes; exposição Carmen Miranda; escolas de samba portuguesas). A partir de observações no terreno e entrevistas busca-se analisar como esses espaços agenciam a cultura brasileira, no marco da cultura globalizada/mundializada, e como (re)(des)constroem o imaginário social <Mulher Brasileira> como centro dessa cultura brasileira. Analisar-se-á se ocorre: espetacularização, dominação, apropriação; afirmação, resistência, ressignificação; desterritorialização.

3.3.1 Os Bares, as Danceterias, os Restaurantes

A música brasileira tem importante recepção em Portugal, nos mais diferentes espetáculos. Conforme informante privilegiado (em entrevista realizada em 2011, cujo guião encontra-se no anexo E) músico e produtor cultural, luso-brasileiro-angolano (de origem portuguesa, nascido em Angola, que viveu 12 anos no Brasil durante a juventude e atualmente reside em Portugal): “o português sempre teve um carinho muito grande pela música

brasileira, isso é inegável”. O músico destacou que nos últimos anos com o aumento da imigração, com notícias divulgadas pelos media e a crise econômica os portugueses têm criado um estigma com relação aos brasileiros e às brasileiras, mas que isto não afetou o gosto pela música brasileira, caso contrário a situação seria ainda mais grave, em sua opinião. A narrativa do entrevistado parece apontar para a dissociação entre o preconceito contra brasileiros imigrantes e o consumo da cultura brasileira. Nesse sentido, parece não haver um racismo diferencialista (Marques, 2007), na medida em que não há uma rejeição total aos brasileiros e sua cultura.

Por outro lado, conforme Machado (2009) nos espaços de cultura brasileira para consumo português os brasileiros são obrigados a encenar uma brasilidade esperada para cumprir uma demanda de entretenimento dos portugueses e conseguirem empregos – no que o autor denomina de mercado da alegria. O autor destaca que esses espaços de cultura brasileira são, para os portugueses, espaços de exercício de uma sensualidade mais liberada (Machado, 2009: 50). Nesse caso apontar-se-ia para a existência de uma espetacularização da cultura brasileira, bem como, a ocorrência de um racismo desigualitário (Marques, 2007), na medida em que há um espaço para os brasileiros e sua cultura, mas um espaço inferiorizado e estigmatizado.

De forma semelhante, Dettman (2006) analisa a relação da imigração com a cultura, ao investigar a prática musical laboral dos imigrantes brasileiros em Lisboa. Afirma que alguns de seus entrevistados percebiam um preconceito contra os imigrantes brasileiros, ao mesmo tempo em que viam na sua nacionalidade uma oportunidade de trabalhar com a música a ela associada. A autora percorreu bares, restaurantes e discotecas onde trabalhavam músicos brasileiros e evidenciou uma grande variedade no perfil migratório, nas carreiras artísticas e na formação musical. Os músicos reivindicam a brasilidade, principalmente por estarem em contexto migratório, ao mesmo tempo em que ressaltam a grande diversidade na música brasileira. Ao passo que a diversidade é reivindicada pelos músicos brasileiros, ela é negada pelo público português que solicita as músicas divulgadas pela grande mídia. A autora destaca o papel das telenovelas brasileiras na divulgação da música brasileira e como isso se reverte em demandas nos espetáculos. Este processo aponta para uma afirmação e resignificação da cultura brasileira por parte dos músicos, que destacam a sua diversidade ao mesmo tempo em que enfatizam a brasilidade; bem como, uma espetacularização por parte do público e dos estabelecimentos que exigem determinada música como sendo a legítima e única música brasileira.

No que se refere às mulheres brasileiras nesse mercado, Machado (2009) dedica poucas reflexões a sua especificidade. Segundo o autor, a “sexualidade agressiva” (Machado, 2009: 105) seria uma característica fundamental para as mulheres brasileiras aproximarem-se da brasilidade. No entanto, no que o autor denomina de *entertainers*, em bares e restaurantes com música e dança brasileira no Porto, não analisa especificamente mulheres. Dettman (2006) informa que a maioria dos músicos são homens. As poucas mulheres nesse mercado são bailarinas, intérpretes e cantoras. A autora relaciona esse fato à dificuldade de manter uma família e trabalhar na noite, mas, também, não desenvolve uma análise de gênero.

As mulheres brasileiras que trabalham no mercado cultural da brasilidade serão enfocadas no capítulo quatro. Neste ponto, importa mencionar que a espetacularização da cultura brasileira, a demanda por determinada música e dança, criaram a oportunidade para muitas brasileiras. Em casos citados por Dettman (2006), bem como, em casos da própria investigação empírica, mulheres brasileiras transformaram-se em bailarinas em Portugal.

Sobre esse aspecto, o informante privilegiado ressaltou que no final da década de 1980 e durante a década de 1990 havia muita demanda em Portugal por música e dança brasileira, especialmente o samba dos shows de <Mulatas>. Ele próprio formou um grupo com músicos e bailarinas, sendo que as bailarinas eram estudantes e não bailarinas profissionais. Nas suas palavras: “foi uma profissão paralela para ganhar dinheiro extra para terminar a faculdade e cursar o mestrado (...) havia uma moda na Europa e os europeus estavam um bocado, e continuam a estar, com aquele estereótipo da mulher brasileira, do erotismo, disso tudo, nós utilizávamos aquilo porque faz parte do conjunto da história”.

O entrevistado ressaltou que incluir bailarinas não significa que não se faça música e dança de qualidade. Para ele, o erotismo é ressaltado pelo público e não pelos artistas. No entanto, reconhece que os artistas acabam por usar o erotismo para atrair esse público, mas sempre tentando mostrar a cultura brasileira para além desse cunho erótico. Destacou, ainda, a questão do preconceito específico que sofrem as bailarinas brasileiras: “Preconceito sofrem sempre. Chegou a haver propostas de indivíduos menos formados, por parte de algum público que tenta abordar depois do show. Muito por parte desse estereótipo, são brasileiras, são bailarinas, tem toda aquela essência, então muitos acham que será uma mulher mais fácil”.

Cabe realizar uma breve incursão nos grandes espetáculos, referindo-se a Roberto Leal. O artista luso-brasileiro, que nasceu em Portugal, morou muitos anos no Brasil e também em Portugal, apresenta-se no Brasil como divulgador do folclore, da música e dança portuguesa; já em Portugal, traz em seus shows, bailarinas de samba brasileiras. O cantor é um exemplo de desterritorialização da cultura nacional, bem como, de imigrante como uma

pessoa em trânsito e em fluxo, pois é um português no Brasil e um brasileiro em Portugal. Segundo o informante privilegiado, que também atuou como músico de Roberto Leal, o artista traz as bailarinas brasileiras como assistidas para agregar uma vantagem ao espetáculo, relacionado com o erotismo. Segundo o informante, o “público que ouve um espetáculo do Roberto talvez veja isso mais como uma cena erótica, do imaginário deles, do que como uma arte”. Algumas dessas bailarinas não são de fato brasileiras, mas interpretam esse papel na performance do espetáculo. Nesse caso, todas são bailarinas profissionais.

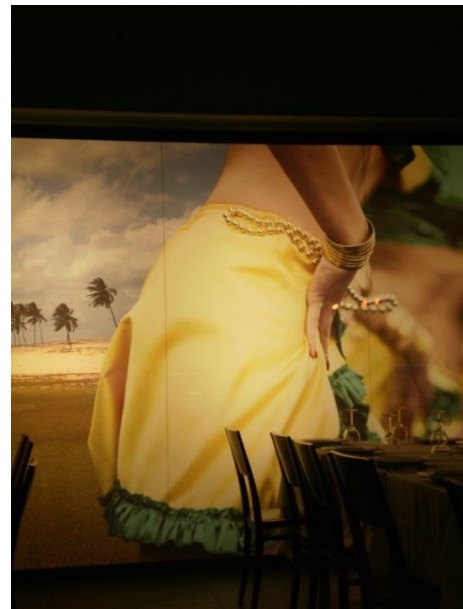
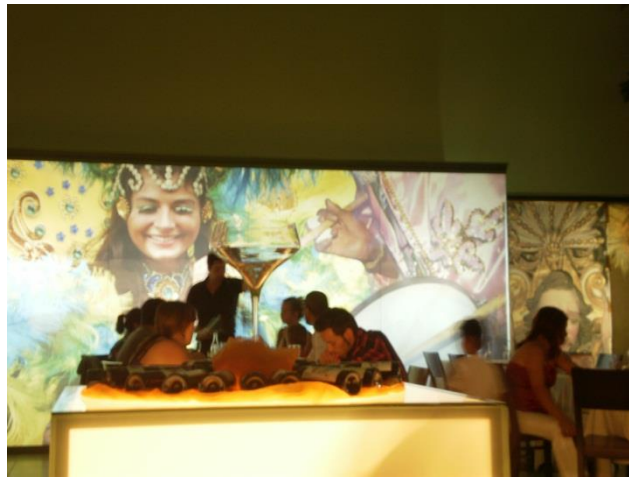
Nas danceterias observadas, também se evidenciaram bailarinas que não eram brasileiras (uma russa, uma angolana e duas portuguesas), mas dançavam o samba como assistidas. Algumas delas foram também entrevistadas, o que analisar-se-á no quarto capítulo, tendo em vista que não cabe a esta tese definir <Mulher Brasileira> e sim analisar as (des)(re)construções do que é ser mulher brasileira em Portugal. O fato de não precisar ter nacionalidade brasileira e sim representar <Mulher Brasileira> aponta para uma desterritorialização do imaginário nacional.

Não obstante essa desterritorialização, os demarcadores construídos historicamente como cultura brasileira se fazem presente nos locais observados. Frutas tropicais, imagens de praias, imagens do carnaval do Rio de Janeiro, imagens de mulheres associadas à natureza ou ao carnaval, imagens de animais silvestres, as cores verde e amarelo... compõem os cenários. As músicas são o samba carioca, o pagode, o funk, o axé baiano, o sertanejo e o forró universitários (uma versão pop das músicas tradicionais) e, estão sempre atualizados com os sucessos do momento no Brasil. Nos bares e restaurantes há também espaço para a bossa nova, o rock brasileiro e MPB (Djavan, Chico Buarque, Maria Bethania, Gilberto Gil), normalmente no início dos espetáculos e depois partem para as mais dançantes.

Dentre os espaços observados, são os restaurantes que mais elementos de brasilidade agregam. Foram observados: um no Porto (norte de Portugal) e outro em Olhão (sul do país). Desde o nome do restaurante, passando pela gastronomia, música, dança, cenário, publicidade e funcionários (todos brasileiros) tudo contribui para construir uma essencialidade brasileira espetacularizada.

O restaurante do Porto destaca-se por sua decoração. O ambiente é amplo e em todas as paredes estão grandes painéis luminosos com imagens do Brasil. Ao total são 15 imagens, com os seguintes temas: carnaval, capoeira, animais silvestres, praias, rebanho bovino, favela, arte barroca. Destas imagens, em 7 o foco está em mulheres: 4 associadas ao carnaval, 2 à praia e 1 focada em um quadril em movimentos de dança. As imagens a seguir são ilustrativas da construção dessa brasilidade cênica.

Figura 21: Imagens de um Restaurante Brasileiro no Porto, Agosto de 2011.



Fonte: Pesquisa de Campo.

Sobre a gastronomia, ambos denominam-se churrascarias rodízio. Há uma mistura entre o espeto corrido de carne bovina, típico do Rio Grande do Sul (estado mais ao sul do país) com comidas típicas de outras regiões do Brasil (feijão, banana frita, couve) para assim formar uma “comida brasileira”. A combinação destes diferentes pratos é a mesma em ambos restaurantes observados. Referente à publicidade, ambos apresentam em seus folhetos referências diretas: “restaurante brasileiro”, “churrascaria brasileira”, “rodízio brasileiro”. Um deles tem como folheto a bandeira do Brasil, com as informações escritas por cima da mesma. Com relação à música e à dança, no Brasil, em churrascarias encontram-se músicos do que se chama “voz e violão”. Em Portugal, em muitas churrascarias ocorrem shows de música e dança (samba, axé, forró). As bailarinas interagem com o público, ensinando os passos e

convidando-os a participar. Nas palavras do gerente de um dos estabelecimentos: “aos sábados, depois de certa hora, começa o arrasta pé”. Durante a observação alguns portugueses e portuguesas levantaram-se e dançaram.

O público destes restaurantes é composto, em sua maioria, por portuguesas (grupos de amigos e também famílias). Há também turistas, que estão participando de eventos (no caso do Porto, que o restaurante se localiza em uma área de espaços para eventos) e que estão de férias no sul de Portugal (no caso de Olhão, que o restaurante se encontra na primeira linha da praia). O valor de uma refeição é bastante alto. A associação entre gastronomia brasileira e shows interativos de dança é um formato que parece ter sido desenvolvido em Portugal, para um público português, agregando todos os elementos do imaginário de brasilidade para esse consumo cultural luso. No entanto, apesar de ser uma construção para os portugueses, acaba por reforçar o discurso hegemônico sobre o que é a cultura brasileira.

Sobre esse aspecto, destaca-se uma reportagem da Revista *Time Out Lisboa* (25-31 de Maio de 2011), captada na pesquisa de campo como um vestígio (ou seja, não a partir de pesquisa sistemática). A reportagem divulga um “bom” restaurante brasileiro por ter clientes portugueses e não brasileiros a dançar: “se acha que vai dar de caras com enchentes de pessoas prontas a tirar o pé do chão, pode ficar sossegado, 90% dos clientes são portugueses”. A reportagem refere-se aos restaurantes brasileiros como locais onde há dança, associando isso à cultura brasileira e aos brasileiros; quando, conforme se verificou, os restaurantes em Portugal investem nesse formato para um público português. Assim, a reportagem naturaliza a ligação entre brasileiros e dança e apresenta isso de forma pejorativa.

Em um dos restaurantes o proprietário é português, no outro o gerente é português e o proprietário brasileiro. Em um dos locais foi relatado casos nos quais clientes abordaram funcionárias para propostas de programa sexual, como se pelo fato de serem brasileiras fossem corpos disponíveis, ou seja, “corpos coloniais”. O proprietário autoriza que estes clientes sofram represálias, porque acredita que é muito difundido o estereótipo da prostituição associado às brasileiras e quer distanciar-se disso. No mesmo sentido foi relatado que as mulheres portuguesas quando assistem a um show de dança, a princípio desconfiam e se sentem incomodadas; depois, segundo os relatos, quando as bailarinas chamam as crianças a dançar, cria-se um clima de alegria e entretenimento, que é o objetivo. Há, portanto, uma espetacularização da cultura brasileira, no entanto, ressignificações diferentes pelos públicos.

Ainda sobre as ressignificações parece importante destacar um episódio que ocorreu em campo, relatado nas observações, transcrito a seguir. No episódio fica claro que alguns brasileiros também interpretam o samba como erotização. Também, é explicitado que esse é

um espaço para os portugueses, com o que eles querem ver de Brasil. E, ainda, que esse Brasil pode ser ressignificado de diferentes maneiras.

Estava conversando com a recepcionista do restaurante no Porto e chegaram três gaúchos, pilotos de avião, que estavam hospedados no hotel em frente. Ela apresentou o restaurante e eles decidiram não ficar porque para eles aquele churrasco não era verdadeiro, não era feito a carvão. Ela, muito educadamente e simpática convidou-os para voltar no outro dia, porque teria música e dança brasileira. Eles de forma pouco educado disseram que não, que detestavam e que era isso que estragava o Brasil, isso de carnaval e mulatas. Ela ficou muito constringida e disse que não era nada disso, que era apenas alegria e animação, e que era isso que os portugueses queriam ver. Então ela pediu minha opinião e disse para eles que eu também era gaúcha e estava fazendo uma pesquisa. Bom, tive que intervir, mas já havia observado as opiniões deles primeiro. Eu, que ainda estava confusa sobre como interpretar, resolvi dizer que o samba não era o culpado, mas sim a forma como foi divulgado, só como erotismo, e que muitos europeus viam assim, mas que não era só isso. Ela abriu um grande sorriso de concordância (Diário de Campo, Agosto de 2011).

As observações nos restaurantes parecem apontar que, por um lado, existe uma essencialização e uma espetacularização do Brasil para os portugueses consumirem, a qual inclui as mulheres como um elemento da brasilidade ligado a sensualidade e, assim, contribui na construção do discurso hegemônico sobre as mulheres brasileiras, na consolidação do imaginário <Mulher Brasileira>. Por outro lado, há múltiplas ressignificações: portugueses e brasileiros (no episódio relatado acima) que interpretam o espaço como prostituição e erotismo, construindo as mulheres como corpos coloniais disponíveis; portugueses, homens, mulheres e crianças que interpretam como espaço de alegria e diversão; funcionários, músicos e bailarinas que interpretam como um trabalho sério de valorização da cultura brasileira.

Com relação aos bares, dos itens da observação (nome, decoração, música, dança, gastronomia, atendimento, publicidade) o principal elemento de brasilidade destacado é a música brasileira ao vivo. Não há performances de dança, a decoração não traz elementos de brasilidade, a publicidade só menciona música brasileira, o atendimento é majoritariamente feito por brasileiros, mas não exclusivamente. Nesse ponto, os bares não essencializam demasiado a cultura brasileira. O bar observado de forma mais sistemática localiza-se no Bairro Alto em Lisboa, o local de maior concentração de bares e agitação noturna da cidade. O proprietário era brasileiro no decorrer da pesquisa em 2011. Nesse estabelecimento havia também um elemento gastronômico, pois era vendido cachorro-quente brasileiro. O público era composto de jovens, brasileiros, prioritariamente estudantes (por vezes estudantes-trabalhadores, intercambistas e pós-graduandos), portugueses e estrangeiros (turistas e estudantes intercambistas). Nos bares se exerce uma brasilidade mais fluída.

Referente às danceterias, os principais itens destacados são a dança, a música, a publicidade e o público: elementos que fazem com que esses espaços sejam considerados brasileiros. Diferente dos outros espaços, as danceterias brasileiras tem a maioria do público composto por brasileiros. No entanto, observam-se, também, portugueses sozinhos a observar. As festas iniciam-se após a meia-noite, com shows de bandas brasileiras (compostas de vários músicos) as quais tocam os ritmos dançantes e versões pop de músicas tradicionais brasileiras: forró universitário, sertanejo universitário, axé, pagode, funk. Em geral há uma bailarina e um bailarino, que fazem coreografias das músicas, em um pequeno palco acima do público em local de destaque na danceteria. Por vezes vestem-se com figurinos nas cores verde e amarelo, outras vezes com figurinos de diferentes tipos, todos exaltando os corpos. A bailarina e o bailarino são celebridades. O público pede para tirar fotos ao lado deles e gritam os seus nomes quando entram. As bandas são formadas por brasileiros e também usufruem de uma fama na região de Lisboa. A publicidade enfoca esses artistas, conforme imagens a seguir. A sensualidade da <Mulher Brasileira> é um elemento exaltado. No entanto, as bailarinas são celebridades, são inacessíveis, assim parece haver um reforço do imaginário de sensualidade da <Mulher Brasileira>, mas não do seu componente de disponibilidade sexual.

Figura 22: Cartazes de divulgação de Danceterias Brasileiras em Lisboa, Junho de 2011.



Fonte: Pesquisa de Campo.

Para além dos eventos na madrugada, os espaços funcionam mais cedo como bares. Um deles oferece aos domingos ao final da tarde, música ao vivo, com apenas um músico, ou dois, executando os mesmos ritmos e outros mais lentos. Esse evento realiza-se na frente do estabelecimento, com muitas pessoas que caminham pelo local observando. O público é composto na maioria por brasileiros, de todas as idades, inclusive crianças, alguns dançam, outros estão sentados ouvindo a música.

Por um lado, esses empreendimentos constituem-se como espaços onde os brasileiros que os frequentam parecem sentirem-se a vontade, onde podem escapar das críticas a seu modo de vestir, de falar e de se comporta que sofrem em Portugal. Por outro lado, estes estabelecimentos demarcam uma visibilidade dos brasileiros em Lisboa, pois se encontram em espaços da cidade destinados a diferentes bares e danceterias – não são espaços criados em bairros onde há concentração de brasileiros, nem em bairros na periferia da cidade. Esse sentir-se livre dos olhos dos portugueses ao mesmo tempo sabendo que são vistos, parece denotar uma atitude afirmativa. Os brasileiros que frequentam esses espaços pareciam incorporar uma brasilidade esperada, ao mesmo tempo em que se sentiam livres para exercer essa brasilidade; sabem que estão sendo vistos, mas isso não os constrange naquele espaço. Uma brasilidade que ao mesmo tempo é esperada em Portugal pode ser exercida apenas em determinados espaços. Parece haver um reforço do imaginário hegemônico, no entanto, também uma resignificação por parte dos brasileiros que experimentam esse imaginário hegemônico como liberdade e autoafirmação, nestes espaços.

As duas danceterias observadas de forma mais sistemática encontram-se em locais nobres da cidade, destinados ao lazer, ao entretenimento e ao turismo: uma nas Docas de Santo Amaro e a outra no Parque das Nações. Também os restaurantes e o bar localizam-se em espaços turísticos: o Bairro Alto em Lisboa, a Avenida 5 de Outubro em Olhão, e a zona de eventos do Porto. Nesse sentido, cabe por fim destacar, que os espaços da cidade onde a brasilidade é visível, são os espaços turísticos e de lazer modernos das cidades. São espaços nobres, no entanto, não são locais mais típicos e históricos das cidades. São os espaços onde uma maior diversidade pode ser experimentada.

3.3.2 A exposição “Carmem Miranda”

A exposição “A Nossa Carmen: a maior luso-brasileira de sempre”, realizada no Centro Cultural de Cascais, de 18 de Junho a 26 de Setembro de 2010, emergiu como importante no decorrer da pesquisa. Foi uma iniciativa da Espírito Santo Cultura, que a

organizou, juntamente com a Fundação D. Luís I e a Câmara Municipal de Cascais. Como patrocinadores, em Portugal, contou com o Banco Espírito Santo, Tranquilidades e Espírito Santo Investment; e, no Brasil, EDP e Cisa Trading. Recebeu o apoio da Turismo de Portugal, do Governo do Rio de Janeiro e da Casa da América Latina de Lisboa.

A exposição foi dedicada à vida e obra da cantora, intérprete, bailarina e atriz Carmen Miranda (1909-1955), a qual construiu uma carreira internacional, especialmente em Hollywood, com a marca da brasilidade. De alta qualidade, a exposição apresentou: indumentária e acessórios originais do acervo do Museu Carmen Miranda (Rio de Janeiro); painéis explicativos de grande qualidade técnica; fotos, cartazes, documentos (originais e reproduzidos em painéis); e ambientes interativos, onde era possível ver seus filmes e ouvir suas músicas. Também, comercializou com baixo custo um catálogo de 72 páginas produzido em material de grande qualidade. A seguir o cartaz de divulgação.

Figura 23: Cartaz de Divulgação da Exposição “Carmen Miranda”, Cascais, 2010.



Fonte: Pesquisa de Campo.

O objetivo da exposição, evidenciado tanto na entrevista com um de seus curadores, como no material documental, é apresentar a Carmem Miranda aos portugueses, no âmbito das homenagens ao centenário do seu nascimento, através da reconstrução de um imaginário de Carmen Miranda, resgatando sua portugalidade. Carmen Miranda nasceu em Portugal e com 10 meses de vida emigrou para o Brasil, com sua mãe e irmã, seguindo o seu pai. A artista nunca regressou a Portugal. No entanto, o fato destacado na exposição é que ela nunca abdicou da nacionalidade portuguesa, bem como, que o Rio de Janeiro onde ela cresceu estava muito marcado pela imigração e cultura portuguesa.

Cabe destacar as palavras de abertura do catálogo da exposição, do Presidente da Câmara Municipal de Cascais e da Fundação D. Luis I: “Se é verdade que muito do sentimento de festa que, em contraponto à nossa tradicional melancolia, sempre nos chegou do Brasil, não deixa de ser interessante ter sido uma portuguesa a atingir a dimensão artística que expandiu a imagem brasileira da festa muito para lá das fronteiras do grande país de acolhimento. Essa portuguesa foi Carmen Miranda”. Também Ruy Castro, um dos curadores da exposição, em seu texto do catálogo, afirma que “ela pode ter sido a inventora da alegria brasileira” e que “tudo isso é mais extraordinário quando se sabe que Carmen era de origem portuguesa”, destaca ainda que “a primeira canção que Carmen cantou publicamente (aos cinco anos de idade, no aniversário de seu pai) foi um fado”.

Conforme a perspectiva teórica desta tese, as identidades nacionais são construções discursivas e performáticas. Assim, as discussões sobre Carmen Miranda ser brasileira ou portuguesa são importantes apenas enquanto (re)construções sobre a artista como símbolo de identidades nacionais. E, especificadamente para essa Tese, são importantes as (re)construções sobre Carmen Miranda articuladas a um imaginário de <Mulher Brasileira>. Conforme Kerber (2005), Carmen Miranda foi construída como símbolo da identidade nacional brasileira. Seu sucesso coincidiu com a nascente indústria cultural de massa (difusão do rádio, da indústria fonográfica e do cinema), bem como, com o projeto nacionalista do Governo Getúlio Vargas e, ainda, com o reforço dos nacionalismos a nível internacional. A artista utilizou a soma de elementos populares de identidades regionais com uma difusão nacional e internacional, contribuindo para a identidade nacional. Segundo o autor, Carmen Miranda apresentava-se como síntese do Brasil popular e contou com apoios do Governo para suas atuações internacionais. No que se refere à sensualidade o autor destaca a figura da baiana que teria sido central nas atuações de Carmen Miranda e carregaria a dimensão da sedução, em concordância com o que Gilberto Freyre estava escrevendo e divulgando sobre o nordeste na mesma época. Ainda, segundo o autor, a figura sensual e liberada da baiana combinaria com a personalidade de Carmen Miranda. A artista teria construído sua própria baiana, mas levando em conta uma necessidade de transformar a baiana em símbolo nacional, adicionou as cores e as frutas trazidas na cabeça.

Esta marca pessoal de Carmen, a sensualidade, aliada a construção de uma identidade nacional a partir de sua imagem, reforçou a construção de um imaginário de <Mulher Brasileira> hipersexualizada. Sobre esse aspecto, Beserra (2007) destaca como essa imagem exotizada, construída nos Estados Unidos da América através da figura da Carmen Miranda,

ainda é presente e marca a vida das brasileiras em Los Angeles (sobre a influência desses imaginários na vida das imigrantes abordar-se-á a seguir, no próximo capítulo da Tese).

Se por um lado Carmen Miranda sempre foi construída como símbolo da identidade nacional brasileira, por outro, nunca havia sido reforçado sua origem portuguesa. Conforme, um dos curadores, César Balbi, em entrevista (cujo guião encontra-se no anexo F), é praticamente desconhecida a origem lusa de Carmen Miranda e nunca havia ocorrido uma exposição sobre ela em Portugal. Mas, para o entrevistado, se ela é um ícone para o Brasil, também pode vir a ser para Portugal; se ela construiu a cultura brasileira, também construiu uma cultura luso-brasileira. Segundo explícito no catálogo, Carmen Miranda merece essa exposição por sua importância e por “pontes de afeto e admiração que construiu entre portugueses e brasileiros”. A exposição ao reforçar a origem portuguesa de Carmen Miranda e ressaltar a possibilidade de uma cultura luso-brasileira, parece aliar-se na tentativa de Portugal de se aproximar/apropriar do Brasil, em tempos de crescimento econômico brasileiro e empoderamento do Brasil no cenário internacional, bem como, crise portuguesa. Ou seja, só pode ser dito e visto que a Carmen Miranda é lusa, neste contexto.

Estes fluxos entre portugalidade e brasilidade de um ícone nacional fazem refletir sobre a desterritorialização dos imaginários nacionais. Se uma angolana pode ser <Mulher Brasileira>, Carmen Miranda também pode tornar-se lusa. Isto depende dos jogos de poder, das negociações e das (des)(re)construções de imaginários.

O ícone Carmen Miranda contribui na construção do imaginário <Mulher Brasileira>. Esse imaginário pode ser ressignificado, bem como, o novo imaginário de luso-brasileira pode ser questionado. Essas ressignificações remetem a relações de poder. Sobre este aspecto, é importante destacar duas passagens da observação durante a exposição. O último dia da exposição estava particularmente movimentado, muitas pessoas, portugueses e brasileiros, foram visitar a mostra. A apresentação da Carmen Miranda como lusa suscitou debates. Foi possível presenciar dois deles. O primeiro foi protagonizado por dois senhores portugueses. Um senhor criticava a Carmen Miranda, afirmando que se ela era portuguesa não deveria ter representado o Brasil, segundo ele, deveria ser uma brasileira com samba no sangue para representar o Brasil, em uma clara demonstração de preconceito com o que remete a brasilidade, bem como, crença na origem como principal determinante; enquanto o outro discordava, mas não foi possível perceber claramente sua opinião. Outro debate foi provocado por um casal de portugueses que se dirigiu ao curador da exposição e criticou a exposição afirmando que a Carmen Miranda era brasileira, nunca ela tinha voltado nem para visitar Portugal, e era exclusivamente de brasileira, não tinha nada de portuguesa.

As relações de poder entre Brasil e Portugal atuais parecem apontar para uma possível construção de Carmen Miranda como luso-brasileira, para aproximar os países. No entanto, as relações de poder entre portugueses e brasileiros, parecem apontar para a manutenção de Carmen Miranda como remetendo unicamente a brasilidade, carregada do imaginário social <Mulher Brasileira> estigmatizante e inferiorizante.

3.3.3 As Escolas de Samba Portuguesas

O carnaval em Portugal é comemorado em diversas localidades, de diferentes formas, remetendo ao “entrudo”, com origens nas festas pagãs medievais que antecediam a quaresma (período de jejum e reclusão dos católicos que antecede a Páscoa), com foliões a brincar pelas ruas, fantasiados, cortejos, músicas populares. Em algumas dessas localidades, há cerca de 30 anos, começaram a haver Escolas de Samba, com influência do Carnaval do Rio de Janeiro.

O interesse da pesquisa voltou-se para este objeto empírico, quando na observação exploratória de um evento denominado *Brazilian Day Lisboa* – organizado pela Rede Globo de Televisão, com diversos shows para a comunidade imigrante de brasileiros, realizado em Maio de 2005 – ocorreu apresentação de “Escolas de Samba de Ovar”. O grupo era composto por passistas que dançavam o samba e por uma bateria com diversos elementos a tocar o samba. Ovar é uma pequena localidade portuguesa próxima à cidade do Porto (norte de Portugal). Assim, as Escolas de Samba portuguesas emergiram como um importante espaço de visibilidade de uma cultura brasileira em Portugal e pareceu importante analisá-las a fim de perceber como (des)(re)constróem o imaginário social <Mulher Brasileira>.

Compuseram a pesquisa de campo, através de entrevistas (cujo guião encontra-se no anexo G) e visitas às sedes das escolas, três Escolas de Samba portuguesas: Costa de Prata e Charanguina, de Ovar (norte de Portugal); e, Bota no Rego, de Sesimbra (Setúbal, região de Lisboa). Estas escolas apresentam uma organização muito próxima as Escolas de Samba do Rio de Janeiro. As escolas possuem uma sede, que é um espaço de convivência dos membros, organização da escola e preparação dos desfiles. Nas sedes ocorrem: os ensaios da bateria da escola (orquestra de percussão), as eleições das passistas e madrinhas de bateria (através de uma festa na qual as candidatas se apresentam), festas em alguns finais de semana (algumas abertas ao público outros jantares de convívio), reuniões periódicas da diretoria, a confecção das fantasias, o armazenamento das fantasias e instrumentos. O desfile é organizado em torno de um tema (enredo), escolhido pela diretoria com bastante antecedência, sobre o qual se elabora a música (samba-enredo) e confeccionam-se as fantasias e carros alegóricos. Algumas

escolas possuem a “ala das baianas” (mulheres com fantasias inspiradas nas religiões afro-brasileiras muito difundidas no estado da Bahia) item que é uma obrigatoriedade nos desfiles do Carnaval do Rio de Janeiro; e, todas, têm um casal de mestre-sala e porta-bandeira que carregam a bandeira da Escola abrindo o desfile. Os temas variam de homenagens a personagens de Ovar, história portuguesa, homenagens a elementos da cultura brasileira e temas diversos (como as estações do ano, esportes, entre outros).

As Escolas têm entre 100 e 200 membros, na grande maioria portugueses das próprias localidades onde estão inseridas. Segundo os entrevistados, alguns membros, os mais ativos, têm uma forte ligação com o samba, com a cultura brasileira e com o Brasil, alguns já desfilaram em Escolas de Samba cariocas, outros gostariam de ir; enquanto outros participam como um espaço de lazer da sua comunidade, como um clube. Foram fundadas a partir de pequenos grupos de pessoas que começaram a tocar samba, em geral, a partir de um amigo brasileiro. Apresentam relações com Escolas de Samba no Rio de Janeiro, das quais compram ou recebem instrumentos e fantasias.

Os recursos financeiros são provenientes das Câmaras Municipais, da anuidade dos sócios e de espetáculos para os quais são contratadas durante o ano. Os espetáculos envolvem em torno de 30 pessoas, entre músicos da bateria e assistentes. Realizam-se em palcos ou ao ar livre, em eventos particulares (para animar festas, casamentos), eventos municipais ou outros (como, por exemplo, o *Brazilian Day*). Algumas Escolas têm também grupos de pagode, organizados por iniciativa de alguns integrantes da bateria, esses grupos tocam em bares. Na maioria das localidades onde há Escolas de Samba em Portugal, há uma competição, com jurados que classificam as apresentações e é atribuído um prêmio a melhor Escola do ano. Em Sesimbra não há essa competição, o que é lamentado pela Escola de Samba Bota no Rego. Em Ovar a escolha dos jurados foi muito criticada, por não haver profissionalização.

Conforme Dettman (2006: 18), as Escolas de Samba: “continuam a mudar o carnaval português nalgumas localidades tanto na forma visual como auditiva. A integração das escolas de samba portuguesas conduziu também a uma reflexão sobre a definição da cultura portuguesa”. A autora destaca que são múltiplos os discursos: por um lado destaca-se o caráter brasileiro das Escolas de Samba portuguesas, por outro lado buscam ressaltar uma já tradição portuguesa de escolas de samba que teria diferenças do Brasil; e, ainda, enfatizam-se as semelhanças e também as diferenças ao carnaval do Brasil, aproximando Portugal e Brasil.

Os principais discursos que destacam o caráter brasileiro das Escolas de Samba portuguesa são os da comunicação social de massa. Sobre este aspecto, a pesquisa de campo confirmou o que apresentava Dettman (2006). Um exemplo é a reportagem do Correio da

Manhã, de 19 de Fevereiro de 2012, a qual está intitulada “*Samba anima Sesimbra*” e tem como frase destaque “*Milhares de pessoas encheram este domingo as ruas de Sesimbra para festejar o Carnaval mais brasileiro de Portugal. Samba, calor, bebida e muita animação foram ingredientes que não faltaram à festa*”. A reportagem apresenta ainda entrevistas com os foliões, sendo uma delas a seguinte: “*deixo o trabalho para vir para cá divertir-me, beber uma cerveja e ver o desfile e as dançarinas*”. Dettman (2006: 27) aponta na mesma direção e destaca que a mídia enfoca as bailarinas e seus corpos ao enfatizar a brasilidade dos desfiles das Escolas de Samba em Portugal. A erotização torna-se o elemento principal da brasilidade, construindo <Mulher Brasileira> como “corpo colonial”.

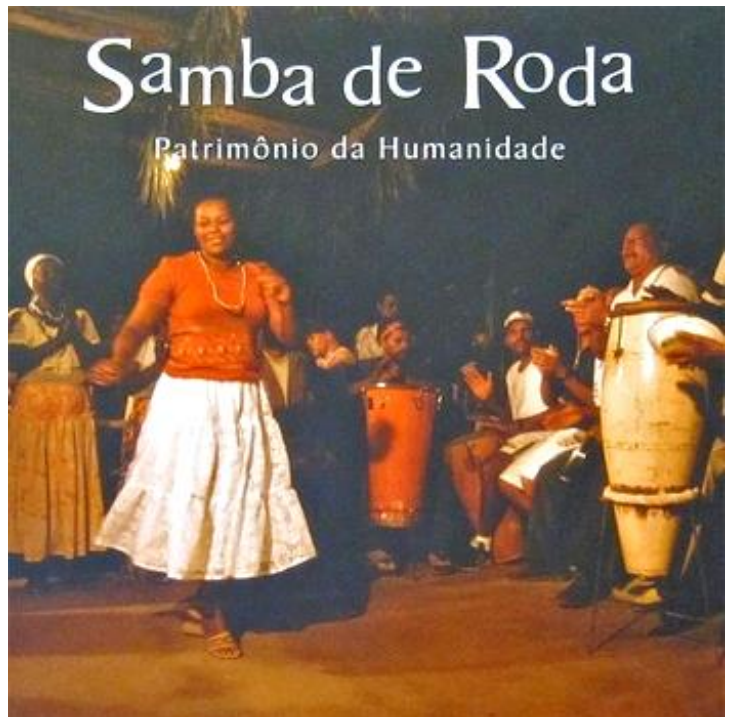
Sobre esse aspecto, a emissora brasileira Rede Globo de Televisão foi a responsável pela erotização do carnaval do Rio de Janeiro dentro do Brasil e no exterior (tendo em vista suas transmissões internacionais). As imagens a seguir demonstram as múltiplas abordagens possíveis sobre o samba e como a grande mídia utiliza-se da abordagem erotizada do samba (Gomes, 2009a, 2010b). Uma é a publicidade da transmissão da Rede Globo de Televisão do Carnaval do Rio de Janeiro, reduzido a uma mulher nua, através do ícone Mulata Globeleza, criado desde a década de 1990 que reeditada a cada ano. A outra é a publicidade do Samba de Roda que é Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO.

Figura 24: Publicidade da “Globeleza em paragem de autocarro, Lisboa, Fev. 2010.



Fonte: Pesquisa de Campo.

Figura 25: Imagens do “Samba de Roda”, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.



Fonte: Pesquisa Documental.

As imagens demonstram que a escolha de como representar e apresentar o samba é permeada de relações de poder. A representação do samba através de uma <Mulher Brasileira> seminua faz parte da construção de uma ordem discursiva hegemônica, imersa em relações de poder. Muitos são os universos do samba. E mesmo no samba-enredo das Escolas de Samba, muitos são os elementos que o compõe. Os entrevistados demonstraram perceber essas diferenças. A narrativa de António Guerreiro, representante da Bota no Rego e reconhecido por ser grande conhecedor e divulgador das Samba em Portugal, através de seu blog³⁷, é bastante explícita nesse sentido:

Penso que a TV Globo tem culpa, pois as suas imagens televisivas dos desfiles das escolas de samba são na maior parte (agora já nem tanto), procurando planos de pernas, ancas, peitos e corpos de mulheres quanto tudo isso não faz parte de nenhum dos quesitos a julgamento para ditar o campeão do Carnaval, ou seja, não têm importância nenhuma para o desfile e é o que é por vezes mais focado. Lamentável que assim seja e assim foi durante muitos anos embora me pareça que as coisas estão melhorando um pouco nesse sentido (António Guerreiro).

Sobre a diversidade do samba, os entrevistados também demonstraram conhecimento. Cita-se, por exemplo, a narrativa do representante da Escola Charanguinha: “*quem gosta de samba não quer dizer que goste de outras músicas brasileiras. O samba entrou pelo carnaval, mas já há quem goste de samba e não ligue ao carnaval, que goste de pagode, outros tipos de samba*”. E, também, de António Guerreiro: “*o que prefiro mesmo é o samba de enredo. Os mais apreciados em Portugal são sem dúvida o samba de enredo e o samba tipo pagode (...) embora já haja muito gosto também pelo samba de raiz*”.

Nas entrevistas com foi possível evidenciar que as Escolas de Samba portuguesas valorizam a influência e a origem brasileira e, ao mesmo tempo, destacam que possuem características próprias e já se constituem em tradição em Portugal. Cita-se a opinião de António Guerreiro: “*Desde sempre as escolas tomaram como base o que é na verdade uma verdadeira escola de samba e elas estão no Rio de Janeiro (...) quase todas procuraram seguir na íntegra o perfil das escolas de samba do Brasil, embora em Ovar, por exemplo, tenha sempre havido uma tentativa de, a nível de fantasias e adereços, fugir a esse perfil e tentar dar uma característica mais própria*”.

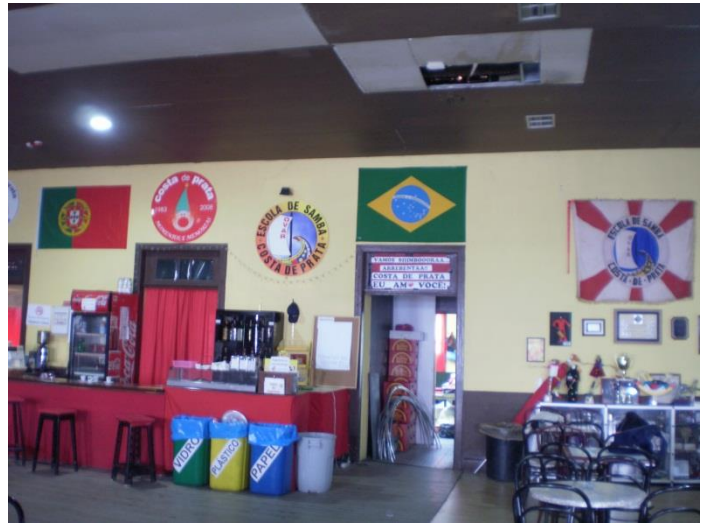
Foi possível perceber essa valorização, tanto da brasilidade quanto da portugalidade, também nas observações dos espaços sedes das Escolas. As imagens a seguir demonstram a presença de elementos decorativos que remetem ao Brasil e a Portugal.

³⁷ Disponível em: <http://antonioguerreiroilha.blogspot.pt/> Destaca-se que seu nome não foi mantido em anonimato, com sua concordância e preferência, devido a sua importância no meio carnavalesco em Portugal.

Figura 26: Imagens da bandeira do Brasil nas sedes das Escolas de Samba Portuguesas.



Fonte: Pesquisa de Campo. Escola de Samba Bota do Rego, Sesimbra, Setembro de 2011.



Fonte: Pesquisa de Campo. Escola de Samba Costa de Prata, Ovar, Agosto de 2011.

A valorização de elementos portugueses esteve associada nas narrativas com certo preconceito que as Escolas sofriam por não representarem a cultura nacional. Ao mesmo tempo em que se afastam da brasilidade, para serem aceitas pelo público português, ressaltam e valorizam a brasilidade, defendendo o seu carnaval— como pode ser percebido a seguir:

Quando ouvimos alguma coisa, saltamos logo em cima (...) a mim ninguém me diga mal do carnaval, que eu adoro (Presidente da Costa de Prata).

Existe pessoas que dizem “ah, é cultura brasileira”, mas hoje em dia são poucos. Uma festa com samba em Ovar, em qualquer altura do ano, enche, as pessoas vão ver, as pessoas consomem espetáculos de samba. Cá em Ovar as pessoas já tem sua escola do coração (...) normalmente quem está a trabalhar nos grupos de carnaval [referindo-se aos tradicionais do entrudo] é que não gosta das escolas e do samba. (representante da Charanguinha)

Sobre o preconceito contra passistas, os entrevistados afirmaram que existe. Assim como defendem a Escola, demonstram defender as passistas contra os preconceitos. Interessante ressaltar que a Presidente da Escola Costa de Prata é uma senhora portuguesa idosa, que está na escola desde a fundação (há 29 anos) e defendeu vivamente as passistas. Os entrevistados afirmaram, também, que o fato das passistas irem com pouca roupa mesmo no inverso significa para eles espírito da escola, sacrifício pela escola, e muitas vezes não é entendido por quem não conhece esse universo. Destacaram também que suas atuações acabam por ajudar a romper com o preconceito porque mostram para as pessoas tudo o que é o samba e o carnaval, ampliando uma visão limitada. Os seguintes trechos são elucidativos:

O preconceito que tem são das pessoas de fora, dentro de Ovar não se sente, é mesmo do típico português, quando fazemos espetáculos fora, se há muitos homens, temos que estar a tomar conta delas. Há sempre comentários e controlamos possíveis abusos (...) Nós prezamos por samba no pé e batucada, então muita gente que imagina que é só para mostrar mulheres, mostrar bundas, rapidamente isso desfaz-se, porque o espetáculo do samba contagia (representante da Charanguinha)

Para a geração mais antiga e que desconhece completamente o fenómeno de escolas de samba obviamente que existe o preconceito. Mentalidades mais antigas que não vêm com bons olhos mulheres tão despidas se rebolando em público. Para o machismo dos homens de mentalidade retrógrada, ainda a grande maioria em Portugal, que também vêm assistir aos desfiles apenas com olhares maliciosos e aberrantes (António Guerreiro, Bota no Rego)

É assim, quando vamos a meios pequenos, aldeias de Portugal, as miúdas vão com biquínis, então aquelas pessoas mais antigas, mais de idade, dizem: olha isso é prostituição. Então nós baianas lá vamos e falamos que isso não é assim, que são moças de família, mas isso em sítios pequenos (...) são muito atrasados, nunca viram certas coisas, um atraso, mas aqui em Ovar não, não há nada disso, não (Presidente da Costa de Prata).

Sendo as passistas em sua grande maioria portuguesas, percebe-se que o imaginário <Mulher Brasileira> é um signo consolidado que pode inclusive estar desterritorializado e que as portuguesas passistas sofrem preconceito associado à erotização e a disponibilidade de seus corpos, como <Mulher Brasileira>. Ocorre também um deslocamento de gênero, na medida em que há passistas homens, o que não há no Brasil, o que parece ser uma flexibilização da heteronormatividade que compõe o imaginário <Mulher Brasileira>.

Figura 27: Passista Homem. Desfile de Escolas de Samba. Sesimbra, Carnaval 2012.



Fonte: Pesquisa de Campo.

Sendo as Escolas de Samba portuguesas (e não cariocas, nem brasileiras), percebe-se que há uma desterritorialização da cultura brasileira. No entanto, os referentes nacionais permanecem e produzem inclusive disputas, entre o que seria brasileiro e o que seria português nas Escolas de Samba.

Se por um lado há uma exotização da cultura brasileira novamente divulgada como carnaval, samba e passistas; há também diferentes ressignificações. A mídia reforça a erotização. O público de localidades menores tende a ver apenas como erotização. Os membros da Escola a defendem essa cultura brasileira e uma união com a cultura portuguesa e combatem explicitamente o preconceito, o que pode contribuir para retirar a carga pejorativa do tripé samba, carnaval e mulheres em Portugal.

Por outro lado, o fato de haver poucos brasileiros integrados às Escolas e o fato de que para se legitimarem é preciso focar uma portugalidade, remete para o que Carvalho (2004) define como atitude antropofágica, quando grupos mais privilegiados na hierarquia social se apropriam de elementos da cultura de grupos desprivilegiados, sem, necessariamente, incorporar as pessoas desses grupos inferiorizados. Sobre uma possível atitude antropofágica cabe destacar a análise de Dettman (2006) quando se refere ao enredo em 2004 da Bota no Rego, sobre a Carmen Miranda, o qual segundo a autora, pretende reforçar a herança portuguesa do carnaval do Rio de Janeiro, apresentando Carmen Miranda como portuguesa e criando “ligações importantes, que apresentam o samba e o Carnaval do Rio de Janeiro como fazendo parte da cultura portuguesa” (*idem*: 32).

Sobre as ressignificações dos públicos destacam-se as observações de campo. Os desfiles das Escolas de Samba mobilizam muitas e diferentes pessoas que vão assistir, moradores das próprias localidades, de cidades próximas, de todo o país e também turistas (sobretudo espanhóis): cerca de 200 mil em Ovar e 100 mil em Sesimbra (na soma dos dias de carnaval). As observações em Sesimbra (2012) demonstraram a presença de famílias assistindo o desfile como observadoras, jovens vivendo o desfile como momento de lazer (dançando e consumindo álcool), senhores claramente interessados em consumir uma imagem erotizada, imigrantes brasileiros que queriam mostrar seu “samba no pé”, pessoas com ar de reprovação, crianças fantasiadas, pessoas observando das janelas. Enfim, são múltiplas as apropriações das Escolas de Samba portuguesas. A seguir destacam-se algumas imagens recolhidas na pesquisa de campo.

Figura 28: Imagens do Desfile de Escolas de Samba, Sesimbra, Carnaval 2012.





Fonte: Pesquisa de Campo.

A análise do Mercado Cultural da Brasilidade demonstrou que, apesar de muito diversos, estes discursos contribuem na construção da ordem discursiva hegemônica, valorizado, em diferentes graus, o imaginário <Mulher Brasileira> em torno da erotização e espetacularizando a cultura brasileira. Ao mesmo tempo, ao analisar os usos e recepções dos diferentes públicos, foi possível perceber que ocorrem ressignificações diversas tratando-se de um campo cultural onde se exercem diferenças e disputas. Assim sendo, o mercado cultural da brasilidade é um campo de dominação e também de afirmação. O imaginário nacional sofre fissuras e desterritorializações, mas também é reforçado enquanto nacional.

3. 4 Conclusões e Quadro Síntese do Capítulo

Tendo em vista que esta Tese de Doutorado constitui-se como uma arque-genealogia, inspirada no modo de operar de Michel Foucault, sendo assim, abarca uma soma de diferentes vestígios discursivos, muitas vezes dispersos, parece importante retomar, ao final deste capítulo, assim como realizado no anterior, a análise de como os discursos em questão contribuem na (re)(des)construção de uma ordem discursiva hegemônica <Mulher Brasileira> em Portugal. Conforme analisado no segundo capítulo, os discursos sobre imigração contribuem para a construção da ordem discursiva <Mulher Brasileira>, criando imaginário em torno da brasileira como imigrante, culpada e responsável por qualquer dificuldade enfrentada em Portugal. É a imigrante brasileira que deve adaptar-se. Além desse

elemento, a hipersexualidade emerge também como característica fundamental da <Mulher Brasileira> já nos discursos sobre a mulher imigrante.

Referente aos discursos culturais, sobre a mulher brasileira em geral (não só como imigrante), analisados neste terceiro capítulo, percebeu-se que <Mulher Brasileira> é um imaginário extremamente presente. Os discursos turísticos sobre o Brasil em Portugal e os discursos do Mercado Cultural da Brasilidade possibilitaram evidenciar a visibilidade e o enunciar (o que pode ser dito, o que pode ser visto) sobre as mulheres brasileiras em Portugal, demonstrando as relações de poder presentes na sociedade portuguesa e brasileira. Buscou-se especificar o que era dito e visto sobre as brasileiras e como poderia assim o ser.

A partir dos discursos turísticos, demonstrou-se que no Brasil as relações de poder parecem estar sendo transformadas, na medida em que o marketing público da EMBRATUR está sendo alterado, desconstruindo o imaginário de <Mulher Brasileira> erotizada, por pressão de movimentos sociais brasileiros, e construindo outros imaginários para o Brasil (de patrimônio, de modernidade). Ainda sobre os discursos turísticos, com relação à imprensa turística portuguesa e ao marketing privado das agências que comercializam o Brasil em Portugal, evidenciou-se uma reconstrução de imaginários. Ocorre uma diversificação na imagem do Brasil, no entanto, esta não representa substituição de imaginários antigos (coloniais). O uso explícito de imagens de mulheres brasileiras erotizadas em peças publicitárias de agências de turismo demonstra o que pode ser visto na sociedade portuguesa sobre a mulher brasileira; bem como, as falas explícitas de jornalistas entrevistados referindo-se a disponibilidade sexual das brasileiras, evidencia aquilo que pode ser dito nesta sociedade. A erotização das brasileiras é naturalizada na sociedade portuguesa, compõe o arquivo daquilo que pode ser dito e visto, o que explicita a manutenção de relações de poder.

De forma semelhante, no Mercado Cultural da Brasilidade evidenciou-se uma reconstrução do imaginário <Mulher Brasileira> em torno da erotização e da espetacularização da cultura brasileira. As diferentes ressignificações ocorrem e são importantes, produzem disputas discursivas. No entanto, o imaginário hegemônico é reconstruído, permitindo manifestações explícitas onde emerge o imaginário de <Mulher Brasileira> como corpo colonial (como as abordagens às funcionárias e bailarinas em restaurantes e às passistas das Escolas de Samba).

Os conceitos de colonialidade e interseccionalidade entre racismo e sexismo pareceram ser úteis para compreender como – em que relações de poder construídas historicamente – esses imaginários são reconstruídos e podem ser ditos e vistos em Portugal. <Mulher Brasileira> carrega a marca de “corpo colonial”, na medida em que, através desta

ordem discursiva, mulheres brasileiras são definidas, essencializadas e estigmatizadas, articulando supostas características que lhes eram atribuídas desde o período do colonialismo histórico, as quais enfatizam a hipersexualização e a construção de seus corpos como disponíveis. Essas características (retomando palavras dos entrevistados jornalistas entre parênteses) abarcam dimensões físicas (o bumbum, a beleza), comportamentais (à vontade social, facilidade para o sexo, andar mais despida), culturais (gostar de festas, dançar, ser alegres) e, ainda, associações com a natureza (clima tropical, calor, paraíso).

Destaca-se que em determinado momento nos discursos dos entrevistados jornalistas, houve associações entre mulheres brasileiras e cabo-verdianas, como tendo as mesmas características, onde se evidenciou a reconstrução do imaginário de corpo colonial. No entanto, através da análise do Mercado Cultural da Brasilidade percebe-se que as brasileiras carregam mais intensamente esse imaginário de corpo colonial, pois <Mulher Brasileira> é um signo forte e consolidado, construído inclusive como elemento da cultura brasileira.

Acredita-se que a explicação encontra-se na própria análise quando se aborda o Brasil (e na investigação anterior de Mestrado que abordou o imaginário da <Mulata> no Brasil - Gomes, 2009a). A independência do Brasil (em 1822) não se configurou numa ruptura e as relações de poder raciais foram mantidas (a escravidão perdurou até 1888), em grande medida até os dias de hoje, quando ainda há imensas desigualdades raciais (Paixão, 2003). O racismo em intersecção com as desigualdades de gênero fomentaram o imaginário de <Mulata> erótica (disponível ao homem branco) que carregou a colonialidade do saber-poder dentro do Brasil. Esse imaginário, retomado pela indústria turística do século XX (que buscava atrair turistas europeus) e pela grande mídia brasileira de exportação (especialmente a Rede Globo de Televisão), divulgado pelo mundo, contribuiu na reconstrução dos imaginários coloniais portugueses atualmente. Em Portugal, a <Mulata> transforma-se em <Mulher Brasileira>. Isto porque o processo de racialização é diferente: o branco *versus* não-branco (do Brasil) é também europeu *versus* não-europeu e metrópole *versus* colônia (em Portugal), e, assim, todas as mulheres brasileiras são vistas como não-européias, não-brancas e <Mulher Brasileira>.

Ressalta-se que o objetivo dos capítulos segundo e terceiro consistiu em analisar as (des)(re)construções de imaginários, buscando perceber uma ordem discursiva e relações de poder, para evidenciar como um imaginário torna-se uma verdade. Os discursos turísticos e os discursos do Mercado Cultural da Brasilidade revelaram-se profícuos para essa análise de imaginários sociais. Como forma de visualizar esquematicamente os elementos que compõe a ordem discursiva <Mulher Brasileira> e, assim, perceber quais são os elementos que mais se

repetem nos variados discursos analisados, apresenta-se, a seguir, um quadro síntese dos discursos analisados no capítulo anterior e neste.

Quadro 4: Síntese dos capítulos segundo e terceiro de forma conjunta.

A ordem discursiva <Mulher Brasileira> em Portugal: discursos sobre imigração, turísticos e culturais.

Presença marcada com X e sombreado; ausência em branco.

Discursos Elementos	Mídia Portuguesa	Oficiais: SEF, CRBE	Associações de Imigrantes*	Oficiais: ACIDI	Marketing Turístico Público do Brasil	Marketing Turístico Privado	Imprensa Turística Portuguesa	Mercado Cultural da Brasilidade
Hipersexualidade	X	X	X	X	X	X	X	X
Prostituição	X	X	X			X		
Disponibilidade Sexual Objeto Sexual	X	X	X	X	X**	X	X	X
Culpadas pelo preconceito	X	X	X			n/a	X	
Não existe preconceito				X	X	n/a		
Beleza-Corpo	X		X	X	X	X	X	X
Simpatia – Alegria	X		X	X	X	X	X	X
Sensualidade	X		X	X	X	X	X	X

* A Associação Comunitária está excluída deste quadro síntese do discurso hegemônico sobre <Mulher Brasileira> porque representa um contra-discurso, não corroborando estes elementos identificados nos demais discursos.

**O marketing turístico público do Brasil historicamente construiu a mulher brasileira como objeto sexual, sendo que na última década a imagem tem sido alterada.

Ressalta-se que este mapa da ordem discursiva <Mulher Brasileira> em Portugal foi construído apenas com presença e ausência dos determinados elementos nos determinados discursos. O quadro é utilizado apenas para identificar os elementos que mais aparecem nos discursos analisados, a fim de perceber quais são os principais elementos na ordem discursiva.

A análise conjunta da ordem discursiva de saber-poder <Mulher Brasileira> permite evidenciar que a hipersexualidade e a disponibilidade sexual são os elementos principais, presentes em todos os discursos analisados, com 8 ocorrências cada. Em seguida estão a beleza-corpo, a simpatia-alegria e a sensualidade, com 7 ocorrências, sendo que estes estão mais presentes nos discursos culturalistas. A culpabilização e a prostituição aparecem com 4 ocorrências cada, destacando-se nos discursos sobre a brasileira imigrante (capítulo 2), com 3 ocorrências cada. O elemento de culpabilização parece ser mais importante na constituição da

ordem discursiva do que sua ocorrência em 4 discursos, isto porque os discursos nos quais não aparece a culpabilização das brasileiras são: os que afirmam que não há preconceito, portanto, não pode haver culpados (do ACIDI e do Marketing Público Brasileiro); e, o discurso onde as próprias brasileiras estão entre as agentes, sendo o discurso mais auto-afirmativo (o do Mercado Cultural da Brasilidade). Ainda, o discurso do Marketing Privado não está contabilizado, pois não é possível fazer a análise deste elemento visto que não foram realizadas entrevistas, por isto consta como n/a (não se aplica). O elemento de que não existe preconceito está presente apenas nos discursos que enfatizam a lusofonia e o lusotropicalismo. Sendo estes: o marketing turístico público brasileiro e o ACIDI, os quais demonstraram ainda reforçar o mito da mestiçagem harmônica do português com as nativas das colônias, o mito da democracia racial ou mito do não-racismo.

Destaca-se, ainda, que não se defende um outra verdade sobre o que são, ou não são, as mulheres brasileiras. Ao contrário, acredita-se, a partir das orientações teóricas, que não é possível defini-las; há multiplicidades. No entanto, socialmente, alguns imaginários se tornam verdades e interessa compreender como e por que. Evidenciou-se que há um imaginário hegemônico relacionado à hipersexualidade e a disponibilidade sexual, o qual foi naturalizado como verdade, o que está relacionado com a colonialidade do saber-poder, com o racismo e com o sexismo. Desvelar esse imaginário tem, portanto, uma relevância social, que complementa a importância sociológica.

Os capítulos segundo e terceiro investigaram a construção desta ordem discursiva hegemônica <Mulher Brasileira> em Portugal, analisando saberes/discursos e relações de poder. Parte-se, a seguir, para a análise dos diferentes modos de subjetivação das mulheres brasileiras imigrantes em Portugal diante desta ordem discursiva.

Capítulo 4

(Des)(Re)Construções da Ordem Discursiva <Mulher Brasileira> em Portugal: Modos de Subjetivação das Brasileiras, suas Resistências e Reexistências

Nos capítulos anteriores (segundo e terceiro) foi analisada a construção da ordem discursiva <Mulher Brasileira> em Portugal. Foram mapeados diferentes discursos – turísticos, do mercado cultural, em torno da imigração – a fim de perceber qual imaginário social emerge sobre as mulheres brasileiras e como este se naturaliza como uma verdade, transformando <Mulher Brasileira> em um signo e se constituindo como uma ordem discursiva. O objetivo era o de desconstruir <Mulher Brasileira>, demonstrando sua construção enquanto objeto discursivo. A análise demonstrou que <Mulher Brasileira> é um imaginário marcado pela colonialidade, pelo racismo e pelo sexismo, na medida em que as mulheres brasileiras são essencializadas, estigmatizadas e inferiorizadas por supostas características culturais, comportamentais e físicas atribuídas como comuns (beleza-corpo, simpatia-alegria, sensualidade). Evidenciou-se que os elementos principais deste imaginário são a hipersexualidade e a disponibilidade sexual de seus corpos. Demonstrou-se, também, a importância do elemento de culpabilização das próprias brasileiras pelo preconceito que sofrem em Portugal, compreendida pelos discursos oficiais sobre a imigração.

No presente capítulo, a perspectiva de análise passa dos discursos sociais para os sujeitos. No primeiro momento deste capítulo busca-se evidenciar situações sofridas pelas mulheres brasileiras imigrantes em Portugal, a partir de exemplos oriundos da literatura e da pesquisa de campo. Segundo as metodologias de análise do racismo (Machado, 2000) é necessário abordar o racismo de duas formas: 1). O plano ideológico do racismo; 2). As práticas sociais de preconceito e discriminação. Ao aproximar esta perspectiva metodológica de análise do racismo da arque-genealogia proposta nesta Tese, pode-se afirmar que os primeiros capítulos da Tese foram dedicados a análise do plano ideológico do racismo, da construção de uma ordem discursiva sobre <Mulher Brasileira>. O quarto capítulo inicia-se por completar esta análise, apresentando exemplos de práticas sociais de preconceito e discriminação que são submetidas as mulheres brasileiras em Portugal (subcapítulo 4.1).

Após evidenciar a presença de uma ordem discursiva <Mulher Brasileira> através da arque-genealogia, bem como, demonstrar que ela tem um efeito prático de preconceito e discriminação imputados a estas mulheres, partir-se-á para a análise dos modos como as mulheres se subjetivam a partir desta ordem discursiva. Tendo em vista a orientação teórica de inspiração foucaultiana, desenvolvida no primeiro capítulo, o sujeito não é entendido fora dos discursos sociais, mas sim, como resultado desses discursos e das diferentes formas como consegue dobrá-lo. O objetivo é analisar o processo através do qual se constitui um sujeito mulher brasileira em Portugal. Entende-se que sujeito não é uma categoria ontológica. Ou seja, não existem mulheres brasileiras antes dos discursos construídos sobre <Mulher Brasileira>. Um sujeito torna-se sujeito ao subjetivar a ordem discursiva hegemônica. O objetivo é perceber os diferentes modos de subjetivação dessas mulheres, as diferentes formas como resistem/ reexistem em relação ao discurso hegemônico construído sobre elas. Os sujeitos não se constituem de forma estável e não têm uma essência. Assim, um mesmo sujeito pode constituir-se como mulher brasileira articulando diferentes formas de subjetivação. Sendo a ordem discursiva <Mulher Brasileira> marcada pela colonialidade, pretende-se discutir como estas mulheres se constituem como sujeitos descoloniais, como elas transcendem e deslocam o discurso hegemônico marcado pela colonialidade.

Pode-se afirmar que, após desconstruir <Mulher Brasileira> enquanto objeto de discurso, pretende-se focar as mulheres brasileiras enquanto sujeitos políticos. No mesmo sentido, e como já referido no capítulo teórico, Gregório-Gil (2010) enfatiza a necessidade de desconstruir a categoria “mulher imigrante” e focar essas mulheres como sujeitos políticos, empreendendo análises “com elas” e não “sobre elas”, analisando junto com as próprias mulheres imigrantes as representações que a sociedade produz sobre elas e possibilitando que elas produzam representações sobre si ou visibilizando as representações que elas produzem sobre si. Nesta Tese não foi possível empreender um trabalho participativo, como o referido por Gregório-Gil (2010). No entanto, a perspectiva é similar, pois se pretende analisar as representações que os sujeitos fazem sobre si diante do imaginário <Mulher Brasileira>, não descrevendo minuciosamente suas vidas e não construindo juízo de valor sobre elas; ou seja, não as tornando objetos do discurso científico, e sim, entendendo-as como pessoas que se subjetivam, que se tornam sujeitos, ao reexistir a partir do discurso hegemônico (de poder) do qual são objeto. Neste capítulo, as entrevistadas são sujeitos dos discursos aqui apresentados.

Os subcapítulos dedicados à análise dos processos de subjetivação das imigrantes brasileiras foram organizados conforme os diferentes modos de subjetivação emergiram na pesquisa de campo. O material empírico da pesquisa (deste capítulo) foi composto de: diálogo

com 17 interlocutoras (sendo dez entrevistas semi-estruturadas com mulheres que trabalham no mercado cultural da brasilidade, cujo guião encontra-se no anexo H; e, uma entrevista e seis questionários abertos com brasileiras envolvidas em ativismo, cujo modelo se encontra no anexo I); observação participante nos locais de trabalho das interlocutoras ligadas ao mercado cultural da brasilidade e nas redes sociais; participação observante nos movimentos sociais onde participaram as interlocutoras e nas redes sociais; autoetnografia, a qual é composta de relatos de situações vividas pela autora, como mulher brasileira imigrante em Portugal; e, ainda, exemplos trazidos pela literatura da área.

Durante a investigação emergiram três diferentes modos de subjetivação, todos entendidos como diferentes formas de resistência/ reexistência: 1). Resistência Passiva é a resistência que parece resignação, quando as mulheres brasileiras buscam se aproximar do discurso português, afastando-se do que é considerado brasilidade (subcapítulo 4.2); 2). Resistência Afirmativa é a reversão do discurso hegemônico a partir da valorização daquilo que é inferiorizado, seria uma exaltação da brasilidade (subcapítulo 4.3); 3). Resistência Combativa é a tentativa de desconstrução do discurso hegemônico, a possibilidade de outras definições identitárias, a emergência de múltiplas brasilidades (subcapítulo 4.4).

Destaca-se que essas classificações para fins analíticos referem-se às formas de subjetivação do discurso hegemônico, não se referem às mulheres. Uma mesma mulher pode subjetivar-se articulando diferentes formas de subjetivação (passiva, afirmativa, combativa) em diferentes contextos. Não são as mulheres que estão sendo classificadas (nem para fins analíticos), mas sim, as formas de resistir ao discurso hegemônico. O objetivo é analisar a construção da ordem discursiva <Mulher Brasileira> e as dobras nesse discurso hegemônico e nunca essencializar essas mulheres. Todos os modos de subjetivação são entendidos como resistências e reexistências – na medida em que a ordem discursiva hegemônica é construída em relações de poder, o processo de subjetivar-se é sempre uma resistência e uma possibilidade de reexistir (reinventar-se) em uma ordem que inferioriza.

4.1 Existe Racismo-Sexismo contra as Mulheres Brasileiras em Portugal?

Véspera de nossa viagem de férias ao Brasil. Passamos no shopping para nos despedir de uma amiga brasileira que trabalha lá. Fomos caminhando em sua direção e ela fez uma expressão de susto e perguntou o que tinha acontecido. O olho do meu companheiro (também brasileiro) estava roxo, por causa de uma cirurgia dentária. Ela ficou completamente assustada. E eu disse: “calma, o culpado é o dentista”. Então ela disse: “aconteceu uma coisa horrível com amigos meus e pensei que podia ter acontecido o mesmo com vocês”. Então ela nos contou que uns dias antes uma amiga dela e o

namorado, ambos brasileiros, pegaram um taxi, à noite, para voltar de um bar no Parque das Nações (Lisboa). O taxista ofendeu-os, dizendo que as brasileiras eram prostitutas. Mais um relato de ofensas de taxistas a brasileiras (dos muitos) que ouvi durante minha estada em Portugal. Só que esse foi mais grave. Ela e o marido começaram a “bater boca” com o taxista e esse quebrou seu próprio óculos e danificou o painel do seu taxi e chamou a polícia, afirmando que os brasileiros haviam agredido ele e quebrado seu taxi. A polícia chegou e agrediu-os fisicamente. O namorado ficou com diversos hematomas das agressões policiais. Eles fizeram uma denúncia na delegacia e exames para comprovar as agressões, pois ambos estavam legalizados no país. Ficamos a pensar naqueles que, indocumentados, não podem sequer denunciar (Diário de Campo, Julho de 2012).

Este é apenas um dos muitos relatos encontrados na pesquisa de campo e registrados na literatura. Exemplo de um preconceito que se transforma em discriminação verbal e física e atinge todos os brasileiros. No entanto, as principais vítimas são as mulheres brasileiras, as quais, a partir do imaginário de hipersexualidade, são caracterizadas, essencializadas, inferiorizadas, tornando-se vítimas de um racismo interseccionado com sexismo. Xavier (2007) ao analisar como a imigração tem impactos subjetivos nos brasileiros, destaca que homens e mulheres sofrem dificuldades nas relações interpessoais e acabam por transformar comportamentos tornando-os menos espontâneos. No entanto, a autora destaca que as mulheres sofrem uma discriminação específica por serem rotuladas de “fácil” (sexualmente).

Até o presente momento, esta Tese demonstrou como se constrói o imaginário de hipersexualidade e disponibilidade sexual das brasileiras e como esse imaginário se torna hegemônico (uma ordem discursiva) através de relações de poder que remetem ao patriarcado, à colonialidade, ao racismo e ao sexismo. Afirmar que um imaginário é uma construção não significa dizer que não é verdadeiro, mas sim que é uma realidade discursiva, uma prática, com implicações em diferentes âmbitos da vida social. O imaginário de hipersexualidade <Mulher Brasileira> acarreta em preconceitos, assédios e discriminações para as imigrantes brasileiras que vivem em Portugal, como demonstram Espinoza (2011), Machado (2009), Fernandes (2008), Padilla (2007a; 2008), Neves e Correia (2010).

No decorrer da pesquisa de campo, foram presenciados e relatados (e vividos) casos de assédio moral e sexual (investidas descabidas ou coercitivas de colegas de trabalhos e de patrões), de dificuldade para arrendar apartamento (explicitamente não alugam para mulheres brasileiras), de ofensas verbalizadas como “volta para tua terra”, “as brasileiras trazem doenças para os portugueses”, “as brasileiras querem roubar os maridos às portuguesas” (em autocarros, taxis, em redes sociais virtuais). E, ainda, casos de violência física e sexual.

O caso mais grave registrado durante a pesquisa de campo não pode ser mencionado em detalhes, por pedido da vítima das agressões e devido ao processo estar a correr em segredo de justiça. Uma das 17 interlocutoras, que serão mencionadas no decorrer deste capítulo, foi vítima de graves agressões físicas por parte de quatro homens portugueses, quando voltava para casa sozinha à noite. Enquanto era espancada, essa resistente mulher brasileira, era ofendida de “brasileira vadia, prostituta, volta para tua terra”. Um trecho do diário de campo parece ilustrar a gravidade da situação:

Ao finalizar a entrevista formal, depois de já alguns contatos e confiança mútua, X encheu os olhos de lágrimas e pediu-me para desligar o gravador. Então, foi narrando aquela triste história de violência, enquanto meus olhos enchiam-se de lágrimas também. Como é possível tamanha violência simplesmente pelo fato dela ser uma mulher brasileira? Como é possível tamanho silêncio sobre esse racismo, misoginia, sexismo específico que sofrem as brasileiras em Portugal? Como é possível tanta força para seguir vivendo e continuar seus projetos nesse país? (Diário de Campo, 2011).

Casos de violência contra brasileiras em Portugal começam a ser denunciados pela mídia brasileira. A Revista Cláudia³⁸, voltada ao público feminino, denunciou em Abril de 2011, que as brasileiras são vistas como prostitutas em Portugal. A reportagem apresentou relatos de casos em que este preconceito se transformou em violência física e ofensas públicas, acarretando em traumas psicológicos às vítimas (como o medo de sair à rua, com diagnóstico de Síndrome do Pânico para algumas delas). O Jornal Valor Econômico, um dos principais jornais de economia e política do país, realizou a reportagem “Chega de Preconceito”³⁹, em Novembro de 2011, denunciando as dificuldades enfrentadas pelas brasileiras em Portugal, bem como, divulgando o movimento “Manifesto contra o Preconceito às Brasileiras em Portugal”.

O preconceito e a discriminação manifestam-se em diferentes espaços sociais. Além do preconceito específico contra a mulher brasileira, há também, contra os imigrantes em geral e todos os brasileiros. Os órgãos públicos são, quase sempre, motivos de reclamação por parte dos imigrantes. Sob esse aspecto, destaca-se um trecho do diário de campo, de uma situação vivida pela própria investigadora, enquanto sujeito-objeto da pesquisa.

SEF hoje:

** Depois de esperar 8 horas para ser atendida;*

** Ouvir uma jovem de origem cigana desesperada dizendo que vai completar a maioridade, que está há meses tentando conseguir os documentos sob a*

³⁸ Disponível em: <http://claudia.abril.com.br/materia/brasileira-prostituta-assim-que-a-europa-nos-ve-2831/?p=/comportamento/sociedade>

³⁹ Para esta reportagem a autora desta Tese, e sua orientadora, foram procuradas e cederam entrevistas. Disponível em: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_chega_de_preconceito

ameaça de ser deportada e que está apavorada, pois, em suas palavras: "Vão me deportar para onde? Nasci em Portugal, só conheço Portugal";
** Ver um senhor africano, morador de rua, entrar gritando na sua língua coisas que eu não entendia, mas com certeza representavam a dor do seu coração, e em português gritar "polícia" e mostrar os machucados no seu braço;*
** Chegou a minha vez e a funcionária do SEF perguntou-me:*
- "Já está a imenso tempo por cá, quando termina o curso?"
- "Esse é o último ano de curso e depois a espera para a defesa da Tese", respondi.
- "E depois?" Retrucou ela.
- "Volto para o Brasil".
- "Assim está bem, mas devia voltar para o Brasil a falar o português correCto, já está há dois anos em Portugal, já devia ter aprendido".
Eu, abismada, disse:
- "Cheguei e vou voltar falANDO o português do BrasiU".
Ela ainda completou:
- "BrasiLL", apontando o dedo para a sua boca mostrando a língua nos dentes como que me ensinando a falar o "L".
Absurdo, preconceito linguístico, abuso de poder, violência moral e simbólica... E o pior, ver e ouvir tudo isso e ainda vendo aquela propaganda toda sobre como tratam bem os imigrantes! (Diário de Campo, Dezembro de 2011).

Este relato evidencia a discriminação que sofrem os imigrantes em geral, como exemplos de africanos, ciganos (os quais, apesar de uma situação diferenciada, são, como no caso, considerados imigrantes) e brasileiros. Importante destacar como os brasileiros também estão inseridos no grupo discriminado, o que, por vezes, é silenciado no discurso hegemônico (e até mesmo em investigações), o qual argumenta que devido a proximidade linguística os brasileiros sofreriam menos discriminação. Esse argumento sustenta-se na percepção da discriminação como resultado da diferença, assim, tendo em vista que os brasileiros são mais próximos aos portugueses que os chineses, por exemplo, sofreriam menos discriminação. No entanto, a discussão desenvolvida no capítulo teórico, demonstrou que não é a diferença que causa a discriminação e sim as relações históricas de racialização e inferiorização. A pesquisa de campo evidenciou que é, muitas vezes, pela própria língua que ocorre a inferiorização dos brasileiros, bem como, sua racialização (identificação enquanto grupo biológico e cultural, essencializado e inferiorizado). Foi recorrente durante toda a observação participante e auto-etnografia, exemplos de portugueses corrigindo o português dos brasileiros. Em âmbitos escolares (até mesmo no ensino universitário) é comum o grande grupo de alunos portugueses rirem da forma de falar dos brasileiros. Quando se trata especificamente de mulheres brasileiras foram relatados diversos casos onde portugueses afirmam que sua forma de falar é mais sensual, o que as deixa constrangidas.

Um caso importante para evidenciar que os brasileiros são vítimas de racismo em Portugal, assim como outros imigrantes, foi obtido através da Netnografia,. Trata-se da repercussão nas redes sociais em Portugal, do caso do assassinato coletivo de 77 pessoas, pelo terrorista de extrema-direita Anders Behring Breivik, na Noruega, em 2011. Vários foram os depoimentos na internet a favor do assassino de extrema-direita, concordando com suas ideias racistas. Um exemplo, retirado de um blog na internet⁴⁰, pode ser lido a seguir:

Guest diz: 26/07/2011 às 05:36

E tudo isto devido aos tais multiculturalistas. Os mesmos que fazem passar a mensagem que o português não presta, não quer trabalhar, etc... Como o célebre caso em que deram casa e emprego a 50 famílias brasileiras com o pretexto de que os portugueses não queriam ir viver para lá, e a população aplaudiu a decisão. Tal como o acordo ortográfico. Fala-se de desemprego, mas a minha médica é brasileira e a minha filha tem uma professora brasileira e uma búlgara. Vou beber um café e sou atendido em brasileiro, se for ao Mcdonald's parece que estou em Angola, e por aí adiante. E enquanto estamos a sustentar esta gente com subsídios ainda temos que ouvir as piadas sobre os portugueses a de como o país deles é "tão superior ao nosso", etc... Mais cedo ou mais tarde o pessoal vai fartar-se, e são tão culpados os imigrantes como aqueles que os apoiam. Só lamento ter acontecido na Noruega e não em Portugal, mas há de chegar o dia... (Comentário de uma publicação sobre Andres Breivik, no Blog Aventar).

Relevante para evidenciar as situações específicas de preconceito e discriminação que sofrem as brasileiras é o “Manifesto contra o preconceito às brasileiras em Portugal”. O movimento foi organizado através das redes sociais, em 2011, somou mais de 1.200 subscrições e recebeu o apoio de mais de 20 organizações sociais do Brasil e de Portugal (entre associações de imigrantes, movimento feminista e antirracista). O objetivo do Manifesto foi o de denunciar o preconceito, focando-se em exemplos nos quais a mídia reproduz o estereótipo da brasileira como objeto sexual, especialmente criticando o Programa da RTP2 “Café Central” e sua personagem “Gina”, a qual se expressava com sotaque claramente brasileiro e representava uma prostituta e maníaca sexual. O Manifesto, com as assinaturas individuais e apoios de organizações, foi entregue para diferentes autoridades do Brasil e de Portugal. A Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República do Brasil, a Embaixada do Brasil em Lisboa e o Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural enviaram suas respostas de apoio ao Manifesto. A RTP, através de seu Provedor, realizou um Programa “Voz do Cidadão” para discutir o tema. A Entidade Reguladora da Comunicação Social aceitou a denúncia, realizou um processo e

⁴⁰ Blog Aventar. Disponível em: <http://aventar.eu/2011/07/24/o-manifesto-de-anders-behring-breivik-o-carniceiro-de-oslo/>

decidiu por manter o programa. No entanto, em 30 de janeiro de 2012, o Programa voltou a ser exibido após período de férias e a personagem Gina já não está entre os personagens.

Através das redes sociais e de e-mail a organização do Manifesto recebeu diversos depoimentos de mulheres brasileiras que gostariam de tornar públicas as situações de discriminação que sofreram. Os depoimentos, divulgados no blog do Manifesto⁴¹, parecem elucidativos sobre a discriminação enfrentada por essas mulheres. A seguir, alguns deles:

"Não alugo casas para brasileiros". Foi essa a resposta que ouvi da imobiliária A. Formigal quando tentava saber por telefone informações de um apartamento para alugar em Lisboa. Ainda argumentei: "isso é discriminação, é crime". Ouvi em alto e bom som a resposta "volte para a sua terra porque não precisamos de brasileiros aqui". Fui pessoalmente ao escritório da imobiliária para escrever no livro de reclamações. Estávamos eu, uma amiga e o meu namorado. Acabamos sendo agredidos verbalmente e eu também fisicamente, com pontapés. Chamamos a polícia, que foi rápida e atenciosa. Formalizei a queixa na esquadra e na Comissão para a Igualdade e contra a Discriminação Racial através da Associação de Apoio à Vítima (APAV). Vivo em Portugal há quase oito anos e felizmente é a primeira vez que me acontece um ato de discriminação tão frontal. Espero que a minha denúncia surta efeito porque gosto de viver aqui, sinto-me acolhida e acho que situações como essa precisam ser justamente punidas (depoimento divulgado pelo movimento do Manifesto).

Este primeiro depoimento não parece ser demarcado especificamente por gênero, pois a narrativa destaca que a restrição seria aos brasileiros em geral. No entanto, quem estava ao telefone era uma mulher e quem foi agredida também fisicamente foi uma mulher. Outros casos relatados na literatura e na pesquisa de campo evidenciaram a dificuldade de mulheres brasileiras de alugar apartamento, inclusive perguntas diretas de proprietários se as suas atividades em Portugal não envolviam prostituição.

Em 29/09/2010 fui ao Shopping Amoreiras, em Lisboa, comprar um casaco de frio. Achei-o na loja C&A, por apenas 29,00€. Naquele momento os provadores estavam vazios, apenas eu e mais outras duas pessoas, que eram africanas, estavam no local. Durante todo o tempo que permaneci experimentando o casaco o segurança da loja esteve presente na porta dos provadores, como de plantão, a nos olhar de forma desconfiada. A seguir fui ao caixa com o casaco efetuar a compra e para a minha surpresa a funcionária do caixa falou-me em voz baixa: Peço desculpas, mas recebi um telefonema do segurança e ele me pediu para a senhora abrir a sua mala e me mostrar. Disse ainda que o segurança achou que a minha bolsa estava muito "GORDA" e portanto, que deveria haver "ALGO" (leia-se: furto) dentro da mala. Levei um susto e me neguei a fazer o que estava sendo coagida (nesse momento o segurança já se aproximava com um olhar ameaçador). Chamei o responsável pela loja, me apresentei como estudante de doutoramento, e disse que eles não tinham nenhum direito de fazer aquilo e que eu entraria com um processo na justiça contra a empresa pela

⁴¹ Disponível em: <http://manifestomulheresbrasileiras.blogspot.com.br/>

situação de humilhação, discriminação e invasão de privacidade, que havia sofrido. O funcionário se desculpou em nome da loja e em menos de uma semana recebi uma carta de reparação e desculpas da Direção da C&A, assumindo a culpabilidade pelo fato ocorrido. Eis o conteúdo da carta (resumido): "Desejamos em primeiro lugar apresentar as nossas desculpas pelos inconvenientes sofridos na nossa loja [...] lamentamos sinceramente este caso em particular e todos os transtornos que lhe causamos, gostaríamos de lhe garantir que o funcionário da empresa de segurança foi devidamente advertido e instruído para que situações como esta não se repita no futuro" (depoimento divulgado pelo movimento do Manifesto).

Este depoimento também parece não ser demarcado, especificamente, por gênero. No entanto, quando se aborda a intersecção entre discriminações de gênero e “raça” evidencia-se (como desenvolvido no capítulo teórico) que os sujeitos na intersecção sofrem uma tripla discriminação. No caso, as mulheres brasileiras sofrem discriminação por serem mulheres (que todas as mulheres sofrem independente da nacionalidade), por serem brasileiras (independente do gênero) e uma discriminação específica por serem mulheres brasileiras. Não é fácil, e talvez não seja necessário, determinar analiticamente quando se está diante de cada tipo de discriminação. Conforme destaca França (2010), as mulheres brasileiras no mercado de trabalho sofrem com a segregação sexual, ocupando postos tradicionalmente destinados às mulheres, como o cuidado e o trabalho reprodutivo, e com a segregação étnico racial, que faz com que tenham uma inserção precária no setor de serviços.

A discriminação mais específica da intersecção mulher brasileira parece ser aquela vinculada ao imaginário (saber-poder, ordem discursiva) de hipersexualidade. Sobre essa discriminação, há também muitos relatos. A seguir, mais um depoimento:

*Talvez este texto seja uma forma de aliviar minha inquietação. Quem sabe é só uma forma de desabafo ou, quem sabe ainda, é uma forma de denunciar um crime. Essa história não é bonita, não é alegre...
Eu não aguentava mais o trabalho no restaurante. Eram 15 horas diárias de trabalho, em pé e sem hora para o almoço. Comíamos quando desse, muitas vezes em pé na cozinha porque não era permitido comer nas mesas em que os clientes comiam. Carregávamos muito peso, eram caixas e mais caixas de frutas que levávamos para a reposição. Não dava para continuar explorada. Fisicamente não suportava e psicologicamente estava arrasada.
Resolvi procurar outro emprego. Vi no jornal um anúncio para auxiliar administrativa. Como já tinha experiência em trabalhar em escritório no Brasil resolvi enviar currículo. Ainda pela manhã recebi resposta. Comemorei porque no contato marcava entrevista para o dia seguinte às 9h. Lá dizia endereço e ponto de referência. Maravilhoso, eu sabia chegar!
No dia seguinte acordei mais cedo e fui à entrevista. Fui atendida por um senhor com mais ou menos 30 anos, baixo, meio gordinho, com barba bem cuidada. A entrevista correu normalmente. Fiquei confiante que conseguiria aquele emprego. Sai de lá animada e certa que poderia ter esperança. Ganharia um pouco mais e ainda teria folga aos finais de semana. Um sonho!
Poucas horas depois o telefone toca:*

- *Sim!*
- *Tô, É a ...?*
- *Sim, é ela*
- *Aqui é o ... e gostaria de saber se você está mesmo disposta a trabalhar?*
- *Sim, estou.*
- *Olhe, os administradores querem alguém que possa sair. Estaria interessada, conhece mais alguém... uma amiga?*
- *Comecei a notar que tinha algo errado, mas queria confirmar tudo.*
- *Não conheço muitas pessoas em Portugal.*
- *Os administradores pediram alguém que saia com eles.*
- *Como assim?*
- *Você sabe... (pausa). Alguém como você...*
- *Sair?*
- *É. Sair à noite com eles, não sei se você me entende... Querem uma acompanhante...*
- *Olhe, estou interessada no emprego.*
- *Só no emprego? Não queria mesmo sair com eles?*
- *Só no emprego.*
- *Ok. Eles querem alguém para sair, mas mesmo assim vou falar com eles para saber se aceitam só para o emprego*
- *Tchau*
- *Foi ai que a ficha caiu. Percebi o que estava em jogo. Queriam-me para prostituta de luxo!*
- *Fiquei apavorada porque já tinha ouvido muitas histórias de tráfico de mulheres. Hoje tenho medo. Quando o telefone toca e não conheço o número me bate um desespero. Eles ficaram com meu curriculum e lá tem foto, endereço, e-mail e telefone. Quando vejo um executivo tenho medo de encontrar aquele rosto.*
- *Algumas pessoas mais próximas aconselharam-me fazer uma denúncia. Uma amiga chegou a ligar para a polícia, mas eles disseram que eu quem tinha que fazer a denúncia. Por medo, calei. (depoimento divulgado pelo movimento do Manifesto).*

Apesar de o movimento ter ocorrido ao final de 2011, durante o ano de 2012 o grupo de facebook permaneceu ativo, com cerca de 500 membros. No grupo circulam informações de movimentos sociais e denúncias de racismo e sexismo. Em Julho de 2012 foi denunciado no grupo do Manifesto um anúncio de emprego vinculado ao imaginário <Mulher Brasileira>, o qual foi entendido como uma forma de violência e discriminação. O anúncio, publicado no site *sapo.pt* procurava uma “secretária íntima, preferencialmente brasileira, para acompanhar em viagens e eventos”. Em novembro de 2012, um membro do grupo pediu ajuda devido uma amiga sua ter sofrido uma agressão por parte dos seguranças de uma discoteca de Lisboa, por ter pensado que ela era brasileira (conforme relatou). Diversas pessoas do grupo responderam indicando o contato de entidades voltadas ao atendimento das mulheres vítimas de violência.

Cabe ressaltar, ainda, que houve casos de homens que entraram no grupo do Manifesto no *facebook*, procurando brasileiras para encontros, o que reforça a dimensão do problema em Portugal, tendo em vista que o próprio local de denúncia e luta contra o preconceito é

desrespeitado. Houve casos, também, de portugueses(as) que, diretamente, ofenderam as mulheres brasileiras na página aberta do Manifesto na mesma rede social.

O Manifesto recebeu apoio do feminismo negro brasileiro, do movimento negro brasileiro, do movimento feminista brasileiro, do movimento feminista português, do movimento antirracista português e de associações de imigrante brasileiros em Portugal. Este amplo apoio, de entidades feministas e antirracistas, corrobora o argumento de que o preconceito às mulheres brasileiras está relacionado com o racismo e o sexismo. No entanto, apesar de todos esses movimentos relacionarem-se, de alguma forma, às mulheres brasileiras, nenhum deles havia realizado ações específicas contra o preconceito às brasileiras. Ou seja, foi necessária uma iniciativa específica das próprias protagonistas: mulheres brasileiras. Este fato demonstra que o racismo e o sexismo que sofrem as brasileiras não são apenas somas de discriminações, mas sim, correspondem a uma condição específica e interseccionada entre sexismo e racismo⁴², conforme discussões teóricas apresentadas no primeiro capítulo.

O racismo interseccionado com sexismo, expresso no estigma da hipersexualidade, pode ser evidenciado, também, em piadas/anedotas que circulam sobre as brasileiras. Destaca-se um trecho do diário de campo, onde as piadas emergiram como objeto de análise.

Depois de apresentar o andamento da minha Tese no Colóquio do 3º ano, fui almoçar com colegas. Após o almoço, um Doutorando de outro ano (não meu colega, mas que já havia cruzado em vários eventos acadêmicos) veio falar comigo. Elogiou o tema da minha Tese e disse que outra fonte que poderia comprovar o estigma de erotização das brasileiras que eu falava eram as anedotas de brasileiras que se contavam em Portugal. Ele riu-se e disse que provavelmente eu nunca tinha ouvido nenhuma e que ele próprio não tinha a coragem de me contar alguma, porque eram terríveis, mas que já havia ouvido várias entre amigos portugueses. Chegando a casa, fui procurar e encontrei algumas na internet (Diário de Campo, Maio de 2012).

Um exemplo de anedota encontrado na internet⁴³: “O que faz uma Brasileira em Portugal? Faz sexo anal, oral e todas as loucuras que vocês desejarem”. O risível em uma sociedade também expressa seus valores. As piadas, em diferentes países, têm sido consideradas exemplos de racismo.

A discriminação que sofrem as mulheres brasileiras vai além do fato de serem confundidas com prostitutas; originando-se no imaginário que as considerada como um corpo disponível. O estigma em torno da prostituição, assim como o estigma em torno da brasileira, relaciona-se com as construções históricas que apresentam determinadas mulheres como

⁴² Uma análise mais específica sobre o Manifesto, tendo em conta a interseccionalidade, o empoderamento e o ciberativismo, é objeto de um artigo conjunto entre a autora e a orientadora, o qual será publicado brevemente.

⁴³ Disponível em: <http://www.piadas.com.br/piadas/adultas/brasileiras-malucas>

“corpos disponíveis”. O enfoque aqui é no desvelamento desse estigma, independente da discussão feminista atual em torno da prostituição⁴⁴.

Sobre esse aspecto, uma investigação sobre as prostitutas brasileiras em Portugal é elucidativa. Através do trabalho de Freitas (2009) é possível perceber que as prostitutas brasileiras também relatam situações de discriminação e criticam os clientes que não querem pagar por seus serviços, alegando serem elas brasileiras (“corpos disponíveis”). Esta questão remete ao movimento das prostitutas brasileiras que luta pela regulamentação da profissão, pelo fim do estigma e por respeito⁴⁵; bem como, o recente movimento pelo reconhecimento do trabalho sexual em Portugal⁴⁶. Estes grupos lutam contra os estereótipos que aprisionam as trabalhadoras sexuais e pelo reconhecimento da profissão, para que as mesmas possam exercer a profissão e, ao mesmo tempo, não se restringirem a ela, podendo assumir outras identidades e papéis sociais. Neste sentido, ao relacionar as lutas em defesa do trabalho sexual com o estigma da brasileira como prostitua, entende-se que as próprias prostitutas brasileiras em Portugal não querem ser consideradas apenas prostitutas, mas sim, terem a profissão de prostituta. Nesse sentido, não querem ser consideradas como “corpos disponíveis”, mas como trabalhadoras do sexo, com direitos e regras de atuação.

Neste sentido, não basta perceber que todas as brasileiras carregam o estigma de prostituta em Portugal. O problema está na própria existência do estigma de prostituta, o qual, relacionado com a colonialidade, associa racialização e poder patriarcal, criando papéis e imaginários para as mulheres. Nesta situação, as brasileiras são consideradas as pecadoras, Evas, prostitutas, disponíveis, inferiores, hipersexualizadas. O problema está, portanto, no estigma de “corpo colonial” (conforme desenvolvido no capítulo teórico), o qual atinge todas as brasileiras, inclusive as prostitutas.

No mesmo sentido pode-se citar a pesquisa sobre casas de alterne, na qual Dolabella (2009) demonstra como as jovens que trabalham nessas casas – que têm por objetivo entreter os clientes homens e fazê-los consumir – constroem suas identidades distanciando-se dos

⁴⁴ Segundo o “Manifesto da Campanha por uma Convenção Interamericana dos direitos sexuais e dos direitos reprodutivos”, de 2006 (disponível em: www.convencion.org.uy) o movimento feminista atualmente divide-se entre: as abolicionistas, que consideram a prostituição como uma forma de manutenção de poder patriarcal; e anti-abolicionistas, que defendem a prostituição como direito da mulher sobre seu corpo. Ambas as correntes criticam a estigmatização e as violências que sofrem as prostitutas. O enfoque aqui é justamente sobre esse aspecto da denúncia da estigmatização, que aproxima as duas correntes. Desvelar o estigma é o primeiro passo, seja para o reconhecimento da profissão de prostituta, seja para abolir a existência da prostituição.

⁴⁵ Disponível em: <http://www.redeprostitutas.org.br/>

⁴⁶ Em Outubro de 2012 foi lançada a campanha pelo reconhecimento e anti-discriminação do trabalho sexual em Portugal, intitulada “Trabalho sexual é trabalho”, promovida pela Rede de Trabalho Sexual, da qual fazem parte trabalhadores sexuais, ativistas e diversas entidades, tais como: Agência Piaget para o Desenvolvimento, Grupo Português de Ativistas sobre Tratamentos VIH/SIDA, Médicos do Mundo, etc. Disponível em: <http://www.facebook.com/pages/Rede-sobre-Trabalho-Sexual/104752259637059>

estereótipos da prostituta e da esposa. Na descrição que uma das interlocutoras da pesquisa faz dos clientes (Dolabella, 2009: 18), é interessante notar que, para a entrevistada, o bom cliente é o que entende, valoriza e respeita o seu trabalho: são os que têm mais de 50 anos, casados, frequentam sozinhos a casas de alterne a procura de companhia e pagam as bebidas, e, muitas vezes, buscam encontros fora do alterne (almoços, jantares, viagens e sexo) que elas podem ou não aceitar. Muitas acabam desenvolvendo relacionamentos estáveis como “namoradinhas” que recebem ajudas financeiras. Os maus clientes são os jovens que frequentam o Alterne em grupo, consomem apenas *table dance* e acham que não precisam pagar as bebidas (acham que elas estão lá à disposição). Pode-se refletir novamente sobre a construção de uma identidade profissional pelas mulheres inseridas no mercado sexual, em oposição a uma essencialização de “corpo disponível”. No entanto, a idéia reducionista de que o preconceito contra as brasileiras se deve ao fato de que todas são consideradas prostitutas é difundida até mesmo por associações de imigrantes brasileiros em tentativas de combater o preconceito, como demonstrado no segundo capítulo.

Sobre ser considerada como um “corpo disponível”, um grupo de trabalhadoras brasileiras é especialmente afetado, como destacado pela literatura, pela pesquisa de campo e inclusive pelo trabalho da única associação de imigrantes voltada especificamente para as mulheres, a qual é presidida por uma brasileira (conforme já analisado no segundo capítulo): trata-se do grupo das empregadas domésticas. Estas trabalhadoras são vítimas de discriminações em termos laborais, inclusive por parte da legislação laboral não possuem os mesmos direitos (nem no Brasil, nem em Portugal). São vítimas também da discriminação de gênero quanto ao trabalho reprodutivo e, quando são imigrantes, essa fragilidade é acrescida. Investigações têm demonstrado que, no Brasil, as empregadas domésticas são principalmente mulheres negras que recebem os menores salários do país e são vítimas de assédio sexual por parte dos patrões, o que é apontado como resquício da escravidão (IPEA, 2008).

No cenário internacional, pesquisas têm demonstrado que quando as mulheres dos centros mundiais (Europa e Estados Unidos) ingressam no mercado de trabalho, o trabalho reprodutivo doméstico passa a ser executado por uma mulher imigrante de países mais pobres, reproduzindo-se, assim, as assimetrias globais de gênero, criando uma divisão internacional do trabalho reprodutivo (Parrenas, 2000). O tema das empregadas domésticas, vinculado a imigração e ao gênero, também tem sido desenvolvido em Portugal (Abrantes, 2012). Especificamente sobre as mulheres brasileiras em Portugal, muitas trabalham como empregadas domésticas, inclusive como internas. Foi possível evidenciar casos nos quais essas mulheres sofrem assédios vinculados ao imaginário de hipersexualidade e

disponibilidade. As brasileiras domésticas em Portugal, assim como as mulheres negras trabalhadoras domésticas no Brasil, tornam-se alvo de assédio sexual e são vistas como “corpo colonial”. Um exemplo bastante explícito é apresentado por Diniz (2008: 4):

A mulher enfrenta outros problemas como relatou uma das entrevistadas: *“Certo dia eu pensei estar sozinha no trabalho (casa dos patrões) onde eu fazia a faxina, de repente ouvi alguém correr em minha direção. Era o marido da minha patroa que chegou por trás de mim e me agarrou, não quis me largar e comecei a gritar. Aí ele soltou e nunca mais voltei aquela casa. Nem pra receber os dias que eu havia trabalhado”*. (Maria Cecília, 33 anos) Há muitos relatos de assédio ou abuso no local de trabalho (casas ou apartamentos) onde sofrem também violência física e ameaças, o trabalho como empregadas domésticas ou internas deixa-as vulneráveis a tais atos.

Conforme Padilla (2007a) o processo migratório é marcado por gênero, as experiências e expectativas de homens e mulheres migrantes variam conforme o sistema de gênero tanto do país emissor quanto receptor. No caso dos brasileiros em Portugal, a autora destaca que há uma categorização específica, especialmente sobre as brasileiras, que relatam que sofrem com o estigma da prostituição, independente dos diferentes trabalhos e inserções em Portugal.

Machado (2009) analisa o processo de “exotização” dos brasileiros no Porto, segundo o qual é construído um estereótipo que acaba por ser vivido cotidianamente. A “sexualidade agressiva” (Machado, 2009: 105) seria uma característica fundamental para a mulher brasileira aproximar-se da brasilidade esperada pelos portugueses. O autor destaca que os lugares específicos destinados aos brasileiros no mercado de trabalho são o atendimento ao público e o entretenimento, o que denomina de mercado da alegria. Referente ao atendimento ao público, outras pesquisas abordam esse tema com recorte de gênero, como a de Fernandes (2008), que utiliza a denominação mercado da simpatia, abrangendo trabalhadoras de atendimento ao público e cuidadoras de idosos, que utilizariam a simpatia que o português espera da brasileira como diferencial de mercado.

Espinoza (2011) ao analisar o processo de integração das brasileiras no Algarve, aponta que as maiores dificuldades enfrentadas são a discriminação e o preconceito. A autora identifica imagens com as quais as brasileiras defrontam-se em Portugal e sentem-se incomodadas e desvalorizadas, sendo elas: objeto sexual; desconfiança relacionada a prostituição; “cara de brasileira” (associada a uma mistura de traços indígenas, africanos e europeus, a uma forma de falar e de vestir); mulher que rouba o marido; oportunista (principalmente quando casa com português); imigrante que rouba o trabalho dos nacionais. A tese demonstra que esses preconceitos transformam-se em casos concretos de discriminação, apresentando diversos exemplos recolhidos em entrevistas, como a inferiorização constante, o

assédio verbal e sexual, e, argumenta que é possível compreender essa discriminação a partir do conceito de racismo desigualitário de Marques (2004).

A estratificação do mercado de trabalho, com posições específicas e inferiores para brasileiras (mercado da alegria/simpatia), bem como, a posição de objeto sexual destinada às brasileiras, podem apontar para a presença de um racismo desigualitário, como definido por Marques (2004) e sustentado por Espinoza (2011). Enquanto que os insultos, rejeições, percepções das mulheres brasileiras como ameaçadoras e como rivais parecem evidenciar o racismo diferencialista. Inclusive Marques (2004) sublinha que o racismo é um fenômeno social total que articula essas duas lógicas (desigualitária e diferencialista).

Diante de evidências de práticas de discriminação e preconceito, vinculadas à ordem discursiva racializante <Mulher Brasileira>, pode-se inferir que existe racismo contra as mulheres brasileiras em Portugal. A seguir analisar-se-á como as mulheres brasileiras imigrantes em Portugal reagem a este racismo interseccionado com sexismo. Sendo a ordem discursiva racista e sexista, todas as formas de lidar com ela são entendidas, teoricamente (como desenvolvido no primeiro capítulo), como resistências e reexistências. Mais uma vez ressalta-se que a seguir serão apresentados os modos de subjetivação a ordem discursiva <Mulher Brasileira>, a partir da classificação resistência passiva (4.2), resistência afirmativa (4.3) e resistência combativa (4.4), destacando-se que uma mesma mulher brasileira pode subjetivar-se articulando as diferentes resistências.

Concorda-se com Togni (2011) quando afirma que as mulheres brasileiras não são um todo homogêneo, diferenciam-se entre si por classe, cor, idade, origem regional, orientação sexual, etc. A autora destaca que devido ao forte imaginário de “mulher brasileira” em Portugal, as próprias pesquisas acadêmicas acabaram por focar nesse objeto “mulher brasileira” como um todo homogêneo (*idem*: 390). No entanto, essa diferenciação através da agregação de outros demarcadores sociais e o foco em subgrupos (como brasileiras jovens da periferia, como empreendido por Togni, 2011) também não parece ser suficiente, visto que, de qualquer forma pode ser operada uma homogeneização dentro de cada subgrupo. Também, o foco na heterogeneidade não deve ocultar o fato de que o imaginário é homogeneizador. Apesar dessa impossibilidade de homogeneização dos sujeitos, a qual deve estar sempre presente, o estereótipo - a ordem discursiva hegemônica - é sempre homogeneizador. O objetivo deste capítulo é analisar algumas das formas pelas quais as brasileiras – que são múltiplas, instáveis, não homogeneizáveis – lidam com a homogeneização operada pelo imaginário <Mulher Brasileira>.

A fim de introduzir os dilemas que vivem as mulheres brasileiras imigrantes, que se transformam em diferentes modos de subjetivação, formas de resistência e reexistência, transcreve-se, a seguir, um trecho do diário de campo.

O dia que eu sambei para as portuguesas. Eu adoro samba e sambo muito bem. E agora? Em um pequeno grupo de amigos, na casa de uma amiga, colocam o que generalizam como música brasileira e insistem: “samba para nós vermos”. E agora? A brasileira vai sambar no exterior. E se coloca o dilema central na constituição de nossas subjetividades como brasileiras no exterior, dilema que tenho ouvido nas falas das entrevistadas, que pude ver expresso em outras pesquisas através da literatura, dilema que vivi, dilema que compartilhei com as amigas brasileiras que fiz em Portugal.

Eis o dilema:

- 1. Rejeito uma prática cultural para não ser resumida a esta prática, para não reforçar o estereótipo?*
- 2. Reforço mesmo o estereótipo, mas transformando-o em orgulho?*
- 3. Mantenho a prática cultural, mas tento mostrar que não me reduzo a isso e assim tento romper o estereótipo?*

A mulher brasileira que assume a primeira resposta protege-se, consegue se inserir, integrar-se mais facilmente. Mas pode estar assumindo o olhar pejorativo que “o outro” dá a esta prática. O samba é visto pelo estrangeiro como erótico, sendo que esse estrangeiro é muitas vezes um brasileiro da elite e branco que nunca conheceu o samba. Existem muitas variações do samba, como o samba patrimônio cultural imaterial da humanidade que é o samba de roda da Bahia.

A mulher brasileira que segue a segunda resposta vai transformar-se exatamente no que o olhar do outro projetou para ela, vai ocupar o lugar que lhe é destinado. O samba como símbolo da sexualidade, de sensualidade e de alegria. Mas vai contribuir para mudar a imagem negativa. Vai mostrar que a sensualidade, a alegria e a sexualidade são coisas boas. Vai provocar alguma mudança no discurso hegemônico.

A mulher brasileira que opta pela terceira resposta, como eu, vai tentar romper o estereótipo sem fugir dele, vai tentar mostrar as complexidades. Mas continua presa nessa preocupação sobre “o que eles vão pensar”. No meu caso, sim eu sambei, como poderia eu não sambar se eu realmente adoro sambar? Pensei que diante dos meus colegas e amigos que sabem que eu sou uma doutoranda qualificada, uma mulher casada e que me visto de forma simples, se eu sambasse, eles poderiam perceber que o samba não é só erotismo e ícone daquela mulher brasileira estereotipada. Já que eles me conheciam e sabem muitas coisas sobre mim, poderiam ver que mesmo que a mulher brasileira sambe, não somos só “bundas a rebolar”. Mas... depois do samba, voltaram-se para o meu marido brincando sobre como ele deveria adorar que eu sambo, como se eu sambasse em casa para seduzi-lo, como se fosse uma dança do acasalamento. Enfim, não adiantou nada a minha estratégia. Parecia uma boa estratégia, entre rejeitar a cultura e incorporá-la totalmente, um caminho do meio, incorporá-la, mas ressignificá-la, tentar mostrar as complexidades, mostrar a riqueza e a diversidade dentro de uma prática cultural para romper com o estereótipo sobre essa prática. Mas um indivíduo não desconstrói sozinho uma ordem discursiva, apesar de dobrá-la, ao menos na constituição de si.

Dessa experiência foi possível analisar como as brasileiras são oprimidas por esse estereótipo que as constitui no exterior. Não importa a resposta que a brasileira encontre para esse dilema, não há resposta correta, há muitas formas de dobrar o discurso hegemônico, há muitas constituições de si. O

problema está na existência deste dilema, todas as brasileiras acabam lidando como esse dilema e tendo que achar a sua resposta. Ou seja, toda a brasileira se constitui a partir dessa ordem discursiva hegemônica. Por que a brasileira tem que lidar com isso? Por que a brasileira precisa preocupar-se sempre com o que os outros vão pensar dela quando vive em outro país? Por que a brasileira é oprimida por esse estereótipo? A resposta está na ordem de poder na sociedade ocidental, na articulação entre poder colonial, patriarcal e racial. Saber – poder – subjetivação: o tripé conceitual de Foucault se mostra operativo para entender essa realidade enfrentada pelas brasileiras e perceber que isso é um problema social e sociológico. (Diário de Campo, Outubro de 2010).

Conforme definido no capítulo teórico-metodológico, a auto-etnografia é apenas utilizada como pontos de partida para a reflexão e não necessariamente como fonte de dados. Nesse sentido, essa situação vivida pela própria investigadora auxiliou na compreensão da enorme complexidade das situações enfrentadas pelas mulheres brasileiras em Portugal.

Os dilemas com os quais todas as brasileiras deparam-se em função do estereótipo <Mulher Brasileira> parecem remeter a reflexão de Gilroy (2001), exposta no capítulo teórico. O autor demonstra como os negros no mundo ocidental desenvolvem uma “dupla consciência”, entre estar na modernidade, que implicou na escravidão de seus ancestrais, e resgatar a história negra. Gilroy (2001) analisa como os negros são obrigados a lidar com, e se inserir em, um sistema de valores que se construiu a partir do racismo e do colonialismo; e acabam por criar práticas culturais que são sempre de resistência. Nesse processo, os negros constituem-se como “ser em estado de dor” (*idem*: 379), sempre marcados por essa condição imanente de ter que lidar com o preconceito e a discriminação e sobreviver.

A seguir, buscar-se-á analisar as resistências/reexistências das mulheres brasileiras tendo em vista as reflexões sobre o “ser em estado de dor” (Gilroy, 2001); bem como, considerando as demais reflexões desenvolvidas no capítulo teórico sobre a analítica do sujeito, que engloba as resistências e reexistências como dobras de subjetivação do discurso hegemônico. O discurso <Mulher Brasileira> é entendido como racista, mas os sujeitos são entendidos de forma não essencialista, mesmo que subjetivem esse discurso da racialidade. Isto, porque, conforme Anjos (2008: 83) a racialidade pode ser “vivenciada como um ponto de vista que se “ocupa” de um corpo, como intensidade histórica que se faz corpo”, sem que “as linhas assim traçadas constituam essenciais”. E, ainda: “o patrimônio étnico é o lugar de viagens múltiplas de seres nômades” (*idem, ibidem*).

4.2 Resistência / Reexistência Passiva

Hoje, vivendo há pouco mais de 1 mês em Portugal, cortei meu cabelo na altura do pescoço. Durante meus 25 anos, por apenas uma vez tive o cabelo nesse comprimento. Sempre usei meu cabelo (que é liso) muito comprido. A outra vez que cortei tinha por volta dos 16 anos, e o fiz para ser diferente. Agora cortei para ser igual. Na verdade, não foi muito consciente. Deu-me uma grande vontade de cortar. Depois de estar com o cabelo curto tentei refletir sobre isso. Cheguei na minha aula de Doutorado – na qual dos 25 alunos eu sou a única estrangeira, mulher brasileira, e a mais nova de idade – e comecei a analisar todos os cabelos das mulheres. Realmente o meu antes do corte era muito, mas muito, mais comprido que o de qualquer outra colega. Será que cortei para me sentir inserida? Para não ser tão visivelmente “a brasileira”? (Diário de Campo, Outubro de 2009).

Esse exemplo auto-etnográfico serve como ponto de partida para refletir sobre a resistência passiva. Segundo Garcia (2008), a resistência passiva pode ser entendida como aquela resistência que parece resignação. A pesquisa de campo e a literatura apontam que, por vezes, as mulheres brasileiras imigrantes buscam se aproximar da portugalidade, afastando-se do que seria a brasilidade. Algumas práticas são comuns nessa estratégia de “aportuguesação” (Padilla, Gomes, Fernandes, 2010) das brasileiras, como camuflar o sotaque, mudar sua forma de vestir (e o corte de cabelo) e de se comportar, buscar amigos portugueses e, ainda, construir um discurso – ou compartilhar o discurso dos seus amigos portugueses – de que são brasileiras diferentes das outras. As mulheres brasileiras quando adotam a estratégia de “aportuguesação” parecem estar resignadas ao imaginário hegemônico sobre a <Mulher Brasileira> em Portugal; ou seja, já que não podem alterá-lo, afastam-se dele individualmente, aproximando-se da portugalidade, e assim, resistem de forma passiva. Resistência, porque sobrevivem ao preconceito e a discriminação; passiva, porque se resignam, compartilham a ordem discursiva hegemônica. Esta “aportuguesação” poderia entendida como “assimilação”. No entanto, conforme debates teóricos empreendidos no primeiro capítulo, a assimilação enfoca demasiado a atitude dos imigrantes; enquanto que o conceito de resistência passiva analisada as atitudes das imigrantes em relação ao discurso racista e sexista que é anterior.

Essa forma de lidar com o estereótipo está descrita pela literatura e é muito presente no que poderia ser chamado de “brasileira média”, ou seja, um tipo genérico, que não é analisado como pertencendo a um grupo específico. Chama-se “brasileira média” aquelas que foram identificadas pelas primeiras investigações sobre brasileiras imigrantes, as quais eram escolhidas de forma aleatória, em geral pelo método “bola de neve”. Apesar da heterogeneidade das brasileiras imigrantes em Portugal, a maioria das pesquisas tem focado

esse perfil que pode ser entendido como “brasileira média”: jovens, com escolaridade média, que trabalham no atendimento ao público (lojas, restaurantes e cafés), setor da beleza, limpeza e cuidados (Peixoto, Padilla, *et al.*, 2010). A “brasileira média” é a que necessita uma maior inserção, aceitação e integração em Portugal, querendo, muitas vezes, passar despercebida ou *passing*, por isso, resiste de forma passiva. Mais recentemente os trabalhos estão procurando focar as heterogeneidades. Rodrigues (2010), por exemplo, enfoca as brasileiras de classes mais altas, como será citado a seguir.

4.2.1 A Resistência Passiva em exemplos da literatura e da observação participante

Tendo em vista que a literatura apresenta muitos exemplos empíricos desta forma de lidar com o estereótipo, entendida aqui como resistência passiva, em especial desta “brasileira média”; nesta Tese a pesquisa empírica sistemática (entrevistas) não se focou neste perfil. Optou-se, a partir da revisão da literatura, por realizar entrevistas com dois grupos de imigrantes brasileiras, ainda não estudados: as bailarinas de ritmos brasileiros e as ativistas (a maioria estudantes de pós-graduação). Assim sendo, este subcapítulo fundamenta-se em casos empíricos trazidos pela literatura sobre a “brasileira média”, exemplos auto-etnográficos e exemplos da observação em redes sociais virtuais. Os próximos subcapítulos apresentarão resultados da pesquisa empírica sistemática empreendida para a Tese: entrevistas com bailarinas e ativistas brasileiras (além da literatura, observação, incluindo as redes sociais, e auto-etnografia).

Ressalta-se, novamente, que as formas de lidar com o estereótipo (os modos de subjetivação), não são estáveis em um mesmo sujeito. Uma “brasileira média” pode adotar também resistência combativa e afirmativa. No entanto, ao focar empiricamente dois grupos até então não estudados, foi possível perceber as diferentes formas de lidar com o imaginário hegemônico e, portanto, emergindo no decorrer da pesquisa as categorias: resistência afirmativa, ao entrevistar o grupo de bailarinas; e resistência combativa, ao investigar as ativistas. Ao juntar os dados para a análise, a partir das reflexões teóricas, chegou-se a essas três formas de resistência, sendo que os exemplos empíricos próprios evidenciam as resistências afirmativa e combativa, e os exemplos trazidos pela literatura ilustram a resistência passiva. Há também alguns exemplos trazidos pela literatura que ilustram a resistência afirmativa, como será discutido no próximo subcapítulo. Sobre a resistência combativa não foi encontrado nada na literatura.

Portanto, alguns exemplos trazidos pela literatura parecem ser bastante elucidativos da resistência passiva. Padilla (2007a) destaca que, ao lidar com o estereótipo, algumas brasileiras acabam criticando-se entre si: “Susana e Rosane queixaram-se de que, por causa de algumas brasileiras que vêm a Portugal ‘fazer a vida’, todas pagam um preço muito alto, já que são todas discriminadas. Elismara diz que existe muito preconceito contra o brasileiro e acha que isso se deve a que algumas mulheres ‘vêm para cá para ter uma vida fácil’” (Padilla, 2007a: 126). Téchio (2006) também destaca que um dos elementos utilizados por brasileiras imigrantes em suas representações identitárias é a diferenciação, a qual se dá não só em relação aos portugueses, mas também entre “documentadas” e “indocumentadas”, entre “bons brasileiros” e “outros brasileiros”.

A analítica desta Tese pretende compreender de maneira mais profunda esta diferenciação, através do conceito de resistência passiva. Ou seja, o enfoque está no preconceito contra as brasileiras e como este interfere em suas subjetivações e neste desejo de diferenciar-se de outras brasileiras. Por não haver neste grupo uma consciência do preconceito e da discriminação que levariam a uma resistência coletiva, o compartilhamento do discurso hegemônico sobre <Mulher Brasileira> passa a ser uma estratégia de integração aliada a um modo de subjetivação de mulheres brasileiras. Algumas mulheres brasileiras, em alguns contextos, partilham o imaginário da brasileira como prostituta, para afastarem-se, individualmente, do preconceito e da discriminação.

Ao cruzar gênero, nacionalidade e classe, Rodrigues (2010) destaca que a estratégia de afastar-se das demais da mesma nacionalidade é comum entre mulheres brasileiras imigrantes de classe média alta. Essas mulheres enfatizam seu capital cultural e procuram demonstrar que não fazem parte da migração econômica. Segundo a autora, as brasileiras de classe média “ao nível do discurso defendam e apregoem um afastamento radical «desses brasileiros» que migraram para trabalhar e que genericamente designam da «última vaga»” (*idem*: 133).

Outros exemplos desta “aportuguesação” e deste afastamento da brasilidade, entendido aqui como resistência passiva, são trazidos por Neves e Correia (2010). Uma das entrevistadas na investigação das autoras é bastante explícita ao relatar essa “aportuguesação” como uma estratégia de inserção, nas suas palavras, transcritas pelas autoras: “*Porque quando a gente vai para um país...como já te falei na casa dos outros a gente tem de pedir licença para entrar...e saber entrar, saber estar, saber se adaptar*” (*idem*: 387). Esta narrativa é bastante ilustrativa da resistência passiva, ou seja, a entrevistada resiste porque adota uma estratégia de inserção, mas de forma passiva, pois aceita as condições da sociedade de destino.

Segundo as autoras, algumas mulheres brasileiras “referiram algumas mudanças nos seus hábitos e mesmo a negação da nacionalidade” (*idem*: 388).

No mesmo sentido, Fernandes (2008) afirma que uma forma de lidar com o estereótipo é o controle sobre o corpo. A autora apresenta exemplos nos quais as mulheres brasileiras controlam sua roupa, sua fala e seus gestos; um dos exemplos etnográficos destaca a já referida aproximação com a portugalidade, evidenciando, ainda, a estratégia de criticar outras brasileiras. Cita-se um exemplo etnográfico da autora:

Outro acontecimento deu-se em uma vez em que encontrei Tatiane e mais duas amigas brasileiras. Elas iam para um almoço de confraternização entre amigos. Estávamos todas no metro, quando ouvimos um rapaz brasileiro a falar no telemóvel. Ele falava alto e usava expressões bem brasileiras e algumas vezes palavras de baixo calão mais comumente usadas no Brasil. Durante o percurso todas as três criticavam a maneira de falar e de estar do rapaz. Diziam: “É por isso que temos má fama”, “Como fala bobagem!”, “Fala tão alto!” (Fernandes, 2008: 70).

Silva (2008) destaca que algumas de suas entrevistadas fazem o possível para afastar-se da nacionalidade brasileira e, quando possível, chegam a ocultá-la. A grande maioria de suas entrevistadas:

[...] reconhecem todavia que mudaram alguns comportamentos, sobretudo a nível da forma de vestir e do “jeito de ser”. Todas admitem que muitas vezes dão por si a “policar-se para não dar motivo para ser mal falada”, e isso pode querer dizer pensar duas vezes antes sequer de comprar certas roupas, ou de vestir certas roupas, ou de sair sozinha para certos lugares, ou de ser tão aberta, extrovertida, etc., ou seja, isso quer dizer uma excessiva consciência de si a toda a hora. (Silva, 2008:87).

Sobre o afastar-se das outras brasileiras como forma de inserção, compartilhando o imaginário hegemônico <Mulher Brasileira> e culpabilizando algumas brasileiras, exemplos elucidativos surgiram nas discussões virtuais na página (espaço aberto) e no grupo (espaço fechado onde as pessoas precisam ser aceitas pela coordenação) no *facebook* do movimento, já referido, “Manifesto contra o preconceito às brasileiras”. Algumas brasileiras e brasileiros interagiram nos ambientes virtuais apoiando o manifesto, mas acrescentando que a culpa do preconceito era das próprias brasileiras, como forma de se diferenciar. As brasileiras mais culpabilizadas foram as prostitutas e as dançarinas, julgadas como vulgares, fáceis, com comportamentos inadequados. Estes comentários eram sempre respondidos – pela coordenação do movimento e outros mulheres do grupo, através de uma resistência combativa (como será analisado seguir) – no sentido de defender o direito da mulher a seu corpo, a ser como quiser, a trabalhar com o que quiser e ser respeitada. Cita-se:

Mas queria deixar aqui o que penso deste preconceito. Infelizmente muitas brasileiras vem para cá trabalhar tem um sonho de conseguir algo que não conseguiria no seu país. Aqui elas fazem coisas que nem no Brasil fazia. Penso que eu vim para um País eu tenho que respeitar costumes e maneiras de viver. Para ser respeitada tem que se dar o respeito. As vezes ainda soffro, mas não deixo de lutar pelos meus direitos (Comentário no grupo do Manifesto no facebook).

A culpa do estereótipo dado as brasileiras não é culpa dos portugueses, é culpa dessas vadias vulgares que nos envergonham (Comentário no grupo do Manifesto no facebook).

Chegar ao extremo da vulgaridade não é bonito... E sim, acho que este tipo de mulher é uma vergonha para as "mulheres de verdade"! (Comentário no grupo do Manifesto no facebook).

Acho que é por causa delas que as brasileiras tem má fama em todo o mundo. E não me uno com este tipo de mulher (Comentário no grupo do Manifesto no facebook).

Palhaçada, agem ridiculamente, e depois reclama de serem ridiculamente tratadas. Porque o BRASIL e muitas das brasileiras insistem neste tipo de coisa? Como podemos cobrar respeito internacional pela nossa imagem, se não nos damos ao respeito? Andamos aqui a trabalhar arduamente, como mães e profissionais, concluindo licenciaturas, mestrados e doutoramentos brilhantes e isso não é notícia. Depois vem um bando de galinha se engalfinhar pra provar pra todo mundo que tem a bunda mais bonita, sinceramente...até desanima (Comentário no grupo do Manifesto no facebook).

Infelizmente a imagem da mulher brasileira em Portugal e no mundo está péssima. Metade da culpa é da imprensa e novelas exportadas e a outra metade é da própria mulher brasileira e de nossa sociedade. Essas mulheres que vivem de mostrar a bunda aqui sujam o nome da GRANDE MAIORIA das mulheres normais que são mães e trabalhadoras honestas. Ex: Mulheres frutas, funkeiras e outras. E a pior de todas, a GLOBELEZA que convida os gringos para o carnaval com uma mulata pelada todo ano (Comentário na página do Manifesto no facebook).

Viva as brasileiras decentes e as mulheres do mundo decentes (Comentário na página do Manifesto no facebook).

Os dois últimos comentários – publicados na página do *facebook*, por pessoas que não fazem parte do grupo na mesma rede social – são bastante explícitos na reprodução das dicotomias: mulheres decentes, normais, trabalhadoras e honestas *versus* prostitutas, dançarinas. Esta é uma reprodução da ordem discursiva hegemônica, como forma de se distanciar individualmente do estereótipo.

Destaca-se, ainda, outro comentário, também na página do *facebook*, que culpabiliza dançarinas e dançarinos, acrescentando o preconceito com determinadas regiões do país (o

nordeste e centro-oeste). O comentário é de um brasileiro residente na Espanha, mas a regionalização também foi observada na pesquisa de campo em Portugal como uma forma de diferenciar-se de outros brasileiros e conseguir uma inserção. Essa regionalização associa-se com o racismo. Cita-se:

A gente tenta mudar aí vem um baiano (sinto muito, mas na Espanha é assim) ou um goiano e tome axé, pagode, tome rebolado, tome prostituição. O pior é que o país é representado somente por dois estados. Triste. O futebol não me representa, o axé tampouco e as mulatas do Rio muito menos. Eu tenho um misto de nojo e pena dos brasileiros que tentam ganhar a vida por aqui...com uma capoeira que não existe, como uma forma de viver que nunca vi....olhe não estou generalizando...estou contando o que passa por aqui.....E tem mais....é muito complicado porque em geral as pessoas que dão aula de cultura brasileira sempre defendem esse tipo de país: dos negros, capoeiristas e corpulentos homens e mulheres (Comentário na página do Manifesto no facebook).

Esta narrativa que culpabiliza outros brasileiros recria hierarquias de gênero (mulheres decentes e não decentes) e hierarquias regionais e raciais brasileiras. No Brasil há uma hierarquia regional, associada ao racismo, na qual: os estados do Sudeste e Sul estão no topo, carregando o imaginário de regiões brancas, civilizadas, ricas e urbanizadas, símbolo da imigração europeia que ocorreu no final do século XIX e início do século XX; enquanto os estados do Centro-oeste, Norte e Nordeste carregam o imaginário de regiões negras, mestiças e indígenas, atrasadas, rurais, pobres, símbolo do Brasil colonial. Essas hierarquias foram construídas desde o final do século XIX, com as políticas explícitas de imigração europeia para branqueamento do Brasil (Skidmore, 1989), com o nacionalismo republicano, a industrialização, e a modernização. Segundo Guimarães (2000) especialmente a região Nordeste, e principalmente a Bahia, passou a representar o passado colonial, o atraso e a negritude do Brasil, sendo alvo de preconceito e discriminação. Na década de 1930, com a obra de Gilberto Freyre, o Nordeste passou a construir a identidade nacional mestiça, mas esse ideário cultural não transformou as hierarquias sociais e raciais (*idem*). A partir da década de 1950, com os fluxos internos de migrações do Nordeste para o Sudeste, especialmente São Paulo, o preconceito intensificou-se⁴⁷ (*idem*).

⁴⁷ Um exemplo é o movimento “São Paulo para os paulistas”, organizado por jovens universitários, desde 2010, com objetivo de criticar a migração nordestina, defendendo uma suposta “cultura paulista”. O movimento alega não ser racista, divulgando uma interpretação do racismo apenas como preconceito e discriminação de cor. Disponível em: <http://tudoporaopaulo2010.blogspot.pt/>

Outro exemplo foi um caso de uma estudante de Direito que iniciou uma onda de ataque aos nordestinos nas redes sociais e está sendo processada por crime de racismo pela Ordem dos Advogados do Brasil. Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br/temas/cidadania/2010/11/oab-pe-processa-estudante-por-racismo-contra-os-nordestinos/>

Esta narrativa, apesar de reproduzir o discurso hegemônico, pode ser entendida como resistência a nível individual, na medida em que é, por vezes, a forma mais fácil de inserção. Essa diferenciação como forma de inserção é sugerida, muitas vezes, pelos próprios interlocutores portugueses, ao dizer, por exemplo: “você é uma brasileira diferente das outras”. No decorrer da vivência em Portugal, vários exemplos nesse sentido foram sentidos, percebidos e registrados no diário de campo auto-etnográfico. Sendo branca, com um dos sobrenomes de origem germânica, e natural do Rio Grande do Sul, a diferenciação emergiu nos primeiros contatos com portugueses e no início das relações de amizade. Cita-se um trecho do diário de campo, com algumas frases ouvidas de portugueses, no início da inserção em Portugal.

Frases inesquecíveis que ouvi. Uma delas: “Tu és brasileira, mas és meio holandesa, da zona de imigração europeia no Brasil”. Esta frase representa mesmo a força do estereótipo, pois confunde fatos históricos, mas o que importa é definir o sul como branco. A imigração holandesa ocorreu no Nordeste no século XVII e os fluxos migratórios italianos e alemães ocorreram no Sul no século XIX. Eu nada tenho de holandesa! Outra: “Tão branquinha, não parece brasileira”. Ainda outra: “Tu és brasileira, mas é do Sul, mais estilo São Paulo, dos brasileiros que trabalham”. Sentia-me no início de século XX, no pós-abolição no Brasil, onde era comum a frase: “tu és negro, mas de alma branca”. “Tu és brasileiro, mas é diferente”. Incomodava-me. Fazia questão de informar que tenho uma parte de origem alemã, mas a outra parte é de origem Nordestina: negra, indígena e portuguesa (Diário de Campo, Dezembro de 2009).

Destaca-se outro exemplo registrado no diário de campo, onde a diferenciação com relação a outros brasileiros é forma de inserção pautada pelos portugueses. Esse exemplo ilustra também o preconceito linguístico, referido anteriormente.

Estava no café da universidade, no intervalo da aula, com algumas colegas. Ainda estamos nos conhecendo. Uma delas contava sobre seu trabalho em outra universidade de Lisboa. Então falou que agora seu trabalho estava complicado porque haviam contratado um brasileiro. Eu fiz uma expressão de espanto e antes que eu respondesse ela tentou emendar a situação: “é que ele não sabe escrever o português como deve ser”. Eu aumentei ainda mais minha expressão de espanto e ela novamente tentou arrumar a situação, piorando ainda mais: “não por ser brasileiro, ele não é como você, é um índio da Amazônia”. (Diário de Campo, Novembro de 2009).

Ressalta-se que essa estratégia da diferenciação de outros brasileiros através da regionalização foi encontrada em brasileiros de maior escolaridade, que convivem com portugueses também de maior escolaridade. O maior conhecimento do Brasil por parte de certos portugueses leva a esta estratégia de regionalização – associada à classe, cor e racialização interna do Brasil. Esta estratégia de regionalização como forma de diferenciação é acionada tanto por brasileiros como forma de demonstrar que estão aptos a conviver com os

portugueses, como por portugueses para justificar que podem conviver com determinados brasileiros. No entanto, a maior parte dos portugueses não percebe a diferenciação interna do Brasil, tendo em vista a força do estereótipo “brasileiro/a” em Portugal. Nesse sentido, no que se refere a gênero, a diferenciação entre mulheres brasileiras, através da moral machista e patriarcal, foi mais observada do que a diferenciação regional.

Ainda sobre esta culpabilização de certas brasileiras como estratégia de inserção individual, Silva (2008) apresenta alguns exemplos interessantes. Segundo a autora, uma de suas entrevistadas:

Diz que as mulheres brasileiras são mais disponíveis, experimentam mais. Não ela, que é de família, e muito religiosa. Mas do que ouve dizer... Diz que tem muitas mulheres brasileiras que vêm para Portugal ‘para dar certo na vida e fazer programa’, e é por isso que fica essa ideia de que toda a brasileira é prostituta. (idem: 53 - 54).

Outra entrevistada reprime o comportamento de brasileiras jovens, definindo-as da seguinte forma: “*com roupas justas, decotes, ficam falando no celular muito alto, rindo muito alto, é super-vulgar, são umas verdadeiras ordinárias*” (idem: 60). A mesma entrevistada: “*Diz que não se sente inserida na comunidade brasileira cá, quase não tem amigos brasileiros, porque escolheu não se relacionar com brasileiros. Diz que os brasileiros que estão aqui são ‘muito extravagantes, barulhentos, escandalosos, e eu não me encaixo com esse nível de brasileiros’. Prefere dar-se com portugueses*” (idem: 61). Algumas de suas entrevistadas admitem que procuram viver se encaixando na cultura e nos costumes do país de destino (idem: 60). A autora apresenta também exemplos nos quais as brasileiras afirmam ter receio de se relacionar afetivamente com portugueses com medo de sofrer preconceito ou buscam relacionar-se como forma de inserção.

A respeito dos casamentos entre portugueses e brasileiras, Togni (2008) aponta que as representações sobre essas uniões são carregadas de preconceitos sobre a mulher brasileira e sobre os casamentos por conveniência (os quais constituem crime e são explorados pela mídia). A autora analisa a pluralidade envolvida nestas relações matrimoniais e, no que se refere aos estereótipos, aponta que o casamento torna-se, muitas vezes, amplificador de estereótipos e preconceitos, mas, outras vezes, é promotor do diálogo intercultural. No contexto matrimonial muitas brasileiras buscam-se construir como diferentes de outras brasileiras, aproximando-se de padrões de comportamento portugueses e de valores culturais da portugalidade para serem aceitas pelas famílias dos maridos portugueses. No entanto, por vezes, também reforçam uma brasilidade como elemento diferenciador das portuguesas (aproximando-se da resistência afirmativa).

Miranda (2009) destaca que a maioria das brasileiras entrevistadas, em sua investigação, afirmou sentir-se integrada a sociedade portuguesa. A integração, no contexto da pesquisa, significava sentir-se pertencente de forma subjetiva e pessoal a comunidade portuguesa e partilhar valores e práticas culturais dos portugueses. No entanto, a autora afirma que a maioria das mulheres brasileiras entrevistadas relatou algum caso de preconceito. Os exemplos analisados pela autora podem inserir-se no que aqui denomina-se de resistência passiva: um esforço das brasileiras para integrarem-se e aproximarem-se da sociedade portuguesa como uma estratégia de enfrentar o preconceito que evidenciam.

As investigações citadas são, em sua maioria, da área da Antropologia e Psicologia, as quais trazem exemplos de como as mulheres brasileiras lidam com o estereótipo, os quais auxiliaram a elucidar a resistência passiva (bem como serão citados outras investigações no próximo subcapítulo para auxiliar a elucidar a resistência afirmativa). No entanto, a maioria dos estudos citados enfoca as formas de lidar o estereótipo como formas de agência destas mulheres. Nesta perspectiva, apenas o sujeito é abordado e, assim, não são desenvolvidas análises críticas sobre a ordem discursiva hegemônica, nem sobre a discriminação de gênero, tampouco sobre o racismo. O enfoque está apenas nas mulheres e como se afastam ou reproduzem o estereótipo. Acredita-se que analisar o sujeito sem analisar o discurso sobre o sujeito é uma perspectiva incompleta que acaba, muitas vezes, por culpabilizar o sujeito pelo discurso social construído sobre ele. Ao focar apenas a agência, buscando afastar-se da vitimização, alguns estudos acabam por culpabilizar as próprias vítimas. Estes estudos têm sido citados pela importante contribuição empírica que apresentam sobre as mulheres brasileiras. No entanto, a perspectiva adotada nesta Tese é de que há um plano social discursivo que através das relações de poder historicamente construídas (de gênero, “raça” e colonialidade) produz um discurso hegemônico <Mulher Brasileira> que faz das mulheres brasileiras vítimas de racismo interseccionado com sexismo. Diante dessa ordem discursiva, as mulheres brasileiras subjetivam-se, resistindo e reexistindo, de diferentes formas.

Ressalta-se, portanto, que não se entende aqui que essas mulheres brasileiras quando adotam uma estratégia de resistência passiva, aproximando-se da portugalidade, sejam culpadas pela existência desse imaginário. Assim como não se entende que as mulheres brasileiras que adotam uma estratégia de resistência afirmativa (que será analisada a seguir), aproximando-se da brasilidade, reproduzam ou sejam culpadas pelo imaginário hegemônico.

Entende-se que o ato de afastar-se do que seria a brasilidade é uma resistência na medida em que é uma forma de sobreviver diante do preconceito e da discriminação. No entanto, essa forma acaba por compartilhar os valores hegemônicos ao considerar a

brasilidade como uma coisa negativa. Ao se subjetivar como uma mulher brasileira diferente da <Mulher Brasileira> essas mulheres acabam por reproduzir a ordem discursiva <Mulher Brasileira>. Compartilham a ordem discursiva tanto ao afirmarem que <Mulher Brasileira> é hipersexualizada e disponível (elementos da ordem discursiva evidenciados nos capítulos segundo e terceiro); quanto ao culpabilizarem a própria <Mulher Brasileira> (elemento da ordem discursiva evidenciado, sobretudo, no segundo capítulo - nos discursos sobre imigração). Neste sentido, é uma resistência a nível individual, enquanto que a nível coletivo é uma reprodução, portanto pode ser entendida como resistência passiva.

Ao perceber que muitas mulheres em alguns momentos adotam essa estratégia de resistência passiva, mas em outros momentos adotam outras formas de subjetivação, entende-se que esta forma que a princípio parece uma “aportuguesação” e uma adaptação aos valores da sociedade de destino; é, na verdade, uma estratégia de integração, na qual os valores estão em disputa, estão em jogo, e uma mulher brasileira que se subjetiva através da resistência passiva pode se tornar combativa e afirmativa em diferentes contextos.

4.2.2 Luana: a luso-angolana bailarina de ritmos brasileiros

Um exemplo a ser destacado da instabilidade das formas de subjetivação e resistência, o qual ilustra a resistência passiva e introduz a resistência afirmativa, é o de Luana⁴⁸, bailarina de ritmos brasileiros, luso-angolana, de 39 anos. O exemplo de Luana é representativo da resistência passiva, porque sua forma de sobreviver ao preconceito e a discriminação (como mulher negra) é, muitas vezes, passiva, afastando-se das mulheres brasileiras e compartilhando a ordem discursiva hegemônica portuguesa. É, em outros momentos, ilustrativo da resistência afirmativa, quando a bailarina valoriza a dança e cultura brasileira, a qual se dedica há cerca de 30 anos.

Luana nasceu em Angola, filha de pai português e mãe angolana, e migrou para Portugal com um ano e seis meses de idade. Afirmou se sentir tanto portuguesa como angolana. Aos nove anos de idade começou, junto com seus irmãos, a dançar músicas africanas com um grupo que fazia muito sucesso em Portugal na época. Quando tinha por volta dos 13 anos, na década de 1980, a música brasileira começou a fazer sucesso em Portugal, especialmente o samba e a lambada, então, ela e sua irmã passaram a ser demandadas para este tipo de dança.

⁴⁸ Luana, a primeira bailarina entrevistada (meados de 2011), foi indicada pelo produtor cultural e músico luso-afro-brasileiro, informante importante no início da pesquisa (já referido no subcapítulo 3.3 desta Tese) o qual já havia sido líder de um grupo de samba em Portugal e havia trabalhado como músico de Roberto Leal, onde conheceu Luana, que além de bailarina era coreógrafa do cantor.

Desde então, trabalhou como bailarina profissional, principalmente de ritmos angolanos e brasileiros, sendo integrante de bandas que animavam festas populares por todo o país, especialmente no verão, e que eram contratadas por agências promotoras de eventos para animar festas e jantares em eventos em Portugal; foi, também, integrante de grupos de cantores com maior repercussão, como Roberto Leal e, assim, viajou por vários países; fazia, ainda, animação em discotecas; e, trabalhou com uma produtora de eventos, como coreógrafa, figurinista e bailarina de um espetáculo intitulado “descobrimientos portugueses” o qual mostrava a dança dos vários países de expressão portuguesa. Por muitos anos, trabalhou como voluntária em bairros sociais, com projetos de música e dança. Na altura da entrevista estava a cerca de três anos afastada da dança, dedicando-se a Faculdade de Direito, porque acredita que é preciso deixar espaço para as bailarinas mais novas.

Quando as perguntas versavam sobre o preconceito às bailarinas em geral, Luana apresentou respostas diferentes que foram variando conforme a conversa e a confiança na pesquisadora se desenvolviam. Por um lado foi categórica ao afirmar que existe preconceito contra as bailarinas, que muitas vezes não são respeitadas como profissionais e são tidas como mulheres fáceis. Ressaltou que sofre dois preconceitos, por ser bailarina e por ser negra. Comentou que quando sua irmã mais velha a ensinou a dançar, ensinou-a também a lutar, para defender-se quando preciso, sendo que certa vez foi preciso “*dar na cara de um músico em Londres*”. No entanto, muitas vezes, responsabilizou as próprias bailarinas, afirmando que era papel da mulher impor os limites e se fazer respeitar. Nesse ponto, Luana parece reproduzir os discursos hegemônicos patriarcais, como, por exemplo:

Tem que ser a bailarina a valorizar a sua arte, e se lembrar que é mulher, e como mulher tem que ter dignidade, e tendo dignidade tem que exigir que a respeitem, e para exigir que a respeitem tem que se dar ao respeito. Só isso: quem não se dá ao respeito não pode exigir o respeito de ninguém (Luana, bailarina).

No entanto, ao desenvolver mais sobre esse ponto de vista, que parece uma culpabilização das próprias bailarinas pelo assédio que sofrem, demonstrou criticar essa concepção patriarcal, usando explicitamente a palavra “sociedades patriarcais”. Por um lado, demonstrou compartilhar a visão de que as mulheres “*tem que se dar ao respeito*”; por outro lado, sua fala não é uma simples reprodução dos discursos patriarcais que culpabilizam as mulheres, mas corresponde a um sentimento de impotência contra o poder patriarcal que torna os homens impunes e faz com que a única solução seja, enquanto mulher, proteger-se. Proferiu as seguintes palavras de uma forma indignada:

Nós vivemos em sociedades patriarcais, nós somos o elo mais fraco. O homem tem direito a tudo. Tu se quiser ser respeitada tem que se fazer

respeitar. Quem é que tem que se proteger? Eles é que tem que se proteger? Nós somos o elo mais fraco (Luana, bailarina).

Quando o assunto foi o preconceito contra as brasileiras, as respostas variaram. Em alguns momentos houve uma crítica a determinadas mulheres brasileiras como forma de distanciamento individual, o que se aproxima de uma resistência passiva. Em outros momentos houve uma exaltação da cultura brasileira, mais próxima a resistência afirmativa evidenciada nas narrativas das demais entrevistadas bailarinas (como analisar-se-á a seguir). Os outros exemplos de mulheres quando adotavam uma resistência passiva demonstrava que estas criticavam as mulheres brasileiras e a brasilidade. Já os exemplos de mulheres quando adotam resistência afirmativa evidenciam mulheres que exaltam as mulheres brasileiras e a brasilidade (como será analisado a seguir). O exemplo de Luana é importante para complexificar a análise, na medida em que ela exalta a brasilidade mas critica as mulheres brasileiras, isto porque a entrevistada está em uma dobra única enquanto sujeito, subjetivando-se como mulher brasileira culturalmente e luso-angolana como nacionalidade.

Com relação à resistência passiva destaca-se que, enquanto encenadora da <Mulher Brasileira> enquanto profissão, Luana quis distanciar-se individualmente do estereótipo <Mulher Brasileira> culpabilizando as próprias brasileiras pelo estereótipo de hipersexualidade e ressaltado sua portugalidade. Aproximou-se, assim, do discurso hegemônico sobre as brasileiras. Em suas palavras:

É tal coisa... diz-se muito que a mulher brasileira é isso, aquilo e aquilo outro, tu és brasileira e sabes disso, mas se tu reparar ao comportamento de grande parte das mulheres brasileiras em Portugal leva a que os homens reajam assim (Luana, bailarina).

Nunca abandonarmos a nossa cultura, mas ter noção que em Roma, se é romano (Luana, bailarina).

A dança não tem nada a ver, o samba não tem nada a ver com o resto que aconteceu, o samba sempre foi respeitado em Portugal, é uma dança e musica respeitada e ouvida. Mas a mulher brasileira não é a sambista. Uma coisa é uma dança, a cultura de uma terra, outra coisa é o comportamento de um grupo (Luana, bailarina).

Os shows de samba começaram com as africanas, não as brasileiras, as brasileiras vieram depois e acabaram, inclusive, por estragar o mercado [...] de repente vem o grande boom de brasileiras pra Portugal e começaram muitas a dançar, a fazer shows de samba, animação em discotecas. A partir dessa altura, eu falo por mim, eu tinha cachê de 200 euros, então aparece uma menina brasileira, nunca foi sambista, nunca trabalhou com dança, coloca um fio dental, num palco não tem noção nenhuma, sobe no palco, sacode-se na mesma, e cobra 50. [...] O que acontece? Eu, pego o meu guarda-roupa, pego o meu grupo de bailarinos e

vou-me embora. A menina acaba de dançar, tira a roupa de samba, põe uma roupa de gostosa e infiltra-se no meio dos clientes e vai buscar os 150 de outra forma. O trabalho que ela foi fazer não foi dançar como nós (Luana, bailarina).

O último trecho da entrevista citado é bastante explícito quanto à reprodução do estereótipo da brasileira como prostituta. Conforme referido no terceiro capítulo, subcapítulo 3.3, sobre o mercado cultural da brasilidade em Portugal, houve um crescimento dos shows de samba em Portugal, no final da década de 1980, que coincidiu com a chegada de muitas imigrantes brasileiras. Muitas passaram a trabalhar como bailarinas profissionais, como as que serão mencionadas no próximo subcapítulo; outras utilizaram a oportunidade de trabalhar como assistentas para custear seus estudos, como as mencionadas no subcapítulo 3.3 que fizeram parte da banda de um entrevistado produtor cultural e músico (as quais já haviam retornado ao Brasil e não foi possível o contato). Algumas, provavelmente, utilizem a dança como forma de atração para o trabalho sexual, no entanto, não foram encontrados exemplos nesse sentido durante a pesquisa de campo. Apesar da multiplicidade, o estereótipo generaliza-se e manifesta-se na narrativa de Luana, citada acima, sobre as brasileiras bailarinas como prostitutas.

Referente à resistência afirmativa evidenciou-se que Luana exaltou a cultura brasileira, criticando a mídia brasileira e apontando as diferenças culturais como motivos do preconceito. Por trabalhar com a brasilidade desenvolveu um discurso afirmativo quando o enfoque é a cultura brasileira. Com relação às diferenças culturais, cita-se:

A brasileira lida com a nudez de uma outra forma, os africanos lidam com a nudez de outra forma, de uma forma diferente dos europeus, para nós estar com um shortezinho e um top, não tais a provocar ninguém, na Europa não é assim, cabeça de europeu, se tu tens um top e um shortezinho tu tais a provocar alguém: não, eu só tenho calor. [...] Não há culpados. São duas culturas diferentes e não chegam a um acordo, um consenso. Veem a mesma coisa de forma diferente (Luana, bailarina).

A dança pra mim sempre foi uma forma de mostrar, principalmente, quando fiz dança africana, mostrar um bocado da minha raça, do meu país, da minha cultura, das minhas raízes, e quem vê, acaba por perceber alguma coisa, por aprender alguma coisa. Nós aprendemos observando, nós aprendemos falando uns com os outros, e a dança é um bocado disso, é mostrar ao outro o que nós somos, é um intercâmbio de culturas, eu estou a dançar, mas também estou a ver a reação dos outros. Um público japonês é completamente diferente de um público italiano ou alemão. O japonês tu pode fazer o que tu quiseres que ele está só observando, não se mexe, observou, aplaudiu. O público italiano quase se atiram pra cima de nós. O público alemão quando nós entramos já estão bêbados, caem tudo pra cima. (Luana, bailarina).

Com relação à crítica a mídia brasileira como culpada pelo preconceito e a valorização da cultura brasileira, cita-se:

Quais são as grandes mulheres que encontras nas revistas europeias? Mulheres despidas no carnaval, praia de Copacabana com bundas desse tamanho, maravilhosas. A imagem do Brasil é uma imagem sexual, não se pode culpar só os europeus, foi vendida assim: associada a vossa cultura com a sexualidade. [...] O centro da questão é como venderam, como mostraram a cultura, porque a dança africana também é super sensual, nunca ficou com essa imagem (Luana, bailarina).

Sou apaixonada pelas escolas de samba, aprendia a dançar vendo a televisão. Aprendi a fazer as roupas, tudo. Cada escola tem um enredo, que conta uma história. Ninguém quer saber essa história. O que passa pra fora é mostrar cú, é bunda e mais nada. É deitar fora uma cultura, o carnaval brasileiro é a expressão máxima da vossa cultura e depois passam pra fora o que não presta, todo um trabalho de uma escola de samba, com coreografias, com guarda-roupas, são trabalhos criativos, são trabalhos de investigação, culturais, que depois passam bunda. É um trabalho deitado fora (Luana, bailarina).

A trajetória e a narrativa de Luana permitem refletir, ainda, sobre outra questão importante. No terceiro capítulo desta Tese, subcapítulo 3.3, sobre o mercado cultural da brasilidade em Portugal, refletiu-se sobre a mundialização da cultura (Ortiz, 1997) apontando que ocorre uma desterritorialização da cultura brasileira, ao mesmo tempo em que se reforçam estereótipos de brasilidade. A desterritorialização ocorre na medida em que é possível consumir a brasilidade em Portugal, a qual não necessariamente é produzida por pessoas de nacionalidade brasileira e está distante do controle do Estado-Nação brasileiro. Sobre este aspecto a trajetória de Luana, uma luso-angolana bailarina de ritmos brasileiros, é elucidativa. No mesmo sentido, a narrativa de Luana, quando afirmativa da cultura brasileira, ressalta as múltiplas ressignificações da brasilidade.

Já o reforço dos estereótipos se dá pela manutenção de certos símbolos (como a hipersexualidade das mulheres) como identificadores do Brasil e, assim, mantenedores dos imaginários nacionalistas marcados pela colonialidade. Sobre este aspecto, a narrativa de Luana é ilustrativa nos momentos em que a bailarina procura se demarcar como não brasileira e critica comportamentos supostamente adotados pelas mulheres nacionais do Brasil.

Luana relaciona a hipersexualidade das brasileiras com a nacionalidade brasileira e ressignifica a cultura brasileira da qual é produtora em Portugal. Luana se torna <Mulher Brasileira> quando dança no mercado cultural da brasilidade em Portugal e afirma-se nesse mercado, tornando-se mulher brasileira culturalmente. Mas procura demarcar-se da <Mulher Brasileira> imigrante, reafirmando que é luso-angolana nacionalmente. Assim, ressignifica

<Mulher Brasileira> enquanto produto cultural no mercado desterritorializado; ao mesmo tempo em que reforça o imaginário de <Mulher Brasileira> hipersexualizada que recai sobre as imigrantes, reproduzindo a ordem discursiva hegemônica nacionalista e marcada pela colonialidade. Seus modos de subjetivação parecem aproximar-se ora da resistência passiva, ora da resistência afirmativa, o que demonstra que estas classificações aqui propostas, apesar de importantes para a produção do conhecimento analítico, não podem ser interpretadas como essenciais e estáveis.

4.3 Resistência / Reexistência Afirmativa

A literatura, além de destacar a “aportuguesação” das mulheres brasileiras imigrantes, como citado anteriormente, apresenta exemplos de exaltação da brasilidade. Alguns investigadores, ao descreverem as brasileiras que exaltam a brasilidade, sem criticar o estereótipo e sem descrever situações de discriminação que sofrem as mesmas, acabam por empreender um esvaziamento da crítica às relações de poder presentes no estereótipo e uma ênfase exagerada na agência, como Togni (2011). Outros pesquisadores, ao descreverem as brasileiras que exaltam a brasilidade, quando fazem uma crítica ao estereótipo de brasilidade, parecem culpá-las pela reprodução do estereótipo, enfocando que essas mulheres teriam vantagens com o estereótipo, como Machado (2009). Outros autores ainda mencionam a valorização da brasilidade como uma forma não consciente de internalização do estereótipo, com uma ênfase exagerada na estrutura e esvaziamento do agente (Padilla, Gomes, Fernandes, 2010). Esta exaltação da brasilidade pelas brasileiras poderia, ainda, ser interpretada como “etnicização” dentro dos modelos clássicos da análise da integração de imigrantes, conforme discutidos no primeiro capítulo.

No entanto, a perspectiva adotada nesta Tese, caminha em outro sentido. Pretende-se avançar tanto da perspectiva individual da agência (que enfoca o “jogo da centralidade”, os benefícios de uma suposta reprodução do estereótipo) como da perspectiva estrutural (que enfoca a “internalização” e a “vitimização”). E, principalmente, ouvir e se deixar surpreender. Para isso foram realizadas entrevistas e observação participante em restaurantes, bares e danceterias (nas regiões de Lisboa, do Porto e Algarve), nas quais mulheres brasileiras trabalham como bailarinas⁴⁹ de ritmos brasileiros, cantoras e instrumentistas de músicas brasileiras e recepcionistas desses ambientes que usam a brasilidade como diferencial de

⁴⁹ Ressalta-se que a expressão “bailarina” é nativa, utilizada justamente para evitar a aproximação ao mercado sexual que “dançarina” pode ter em Portugal.

mercado. O ambiente desse mercado da brasilidade, a forma como reproduz o imaginário <Mulher Brasileira> em Portugal e as diferentes ressignificações por parte do público e dos produtores desse mercado, foram analisadas no terceiro capítulo desta tese, subcapítulo 3.3, intitulado “Mercado Cultural da Brasilidade em Portugal”.

Não foi encontrada nenhuma investigação que tenha focado essas mulheres em Portugal. Apenas Machado (2009), ao abordar os *entertainers* brasileiros, cita as mulheres que trabalham como dançarinas. No entanto, em sua investigação não há um enfoque maior em termos empíricos, tampouco em termos das teorias de gênero e interseccionalidade. Acaba, assim, por descrevê-las apenas através do “jogo da centralidade”, pelo qual elas adotariam uma “sexualidade agressiva”, aproximando-se do centro do imaginário português sobre elas para conseguirem posições no mercado de trabalho, denominado pelo autor como mercado da alegria.

Há investigações sobre as dançarinas da samba no próprio Brasil. Giacomini (2006) empreende uma etnografia nos Cursos de Formação de Mulatas, de um centro de formação profissional do Rio de Janeiro, realizados no final da década de 1980 e início da década de 1990. Seu enfoque é as dançarinas e como lidam com as ambiguidades entre a identidade pessoal de “mulata” e a identidade profissional “mulata”. A autora demonstra que na constituição da mulata como identidade profissional, somam-se atributos tidos como raciais, coletivos e inatos (ser mulata é cor, é saber sambar, está no sangue), atributos tidos como raciais, individuais e inatos (ter bundinha empinadinha, corpo violão, cintura fina) e atributos profissionais (ser responsável, saber lidar com o público, saber se produzir). De forma semelhante, as brasileiras em Portugal que trabalham como bailarinas de ritmos brasileiros, procuram ressaltar o profissionalismo, ao mesmo tempo em que afirmam elementos da brasilidade.

Pravaz (2012) também enfoca como bailarinas de samba cariocas tornam-se mulatas. A autora aponta que neste processo de se tornar <Mulata>, as bailarinas negociam espaços simbólicos: por um lado, são símbolos da nação, da brasilidade, da mestiçagem; por outro lado, são alvo de uma recriminação moral; e, ainda, reproduzem sonhos neocoloniais de turistas. Nestes espaços de negociação simbólica as bailarinas mulatas buscam se legitimar através do orgulho de suas habilidades artísticas e culturais. Este mesmo dilema se coloca para as brasileiras dançarinas em Portugal, as quais, de forma semelhante ao analisado por Pravaz (2012), exaltam sua brasilidade e seu profissionalismo, como forma de enfrentar o preconceito.

O trecho a seguir do Diário de Campo é ilustrativo dos dilemas e motivos para dedicar parte importante da pesquisa empírica a essas mulheres brasileiras que trabalham como bailarinas de samba e em outras atividades do mercado cultural da brasilidade em Portugal.

Estou incomodada. Nesses 6 ou 7 meses de vivência em Portugal e convivência com brasileiras imigrantes, já escutei inúmeras vezes de brasileiras que a culpa do preconceito é que umas pagam pelas outras, que as culpadas são as prostitutas e as dançarinas e outras que usam o corpo para ganhar a vida em Portugal. Não gosto de ouvir isso. Por princípios teóricos, sociais e políticos não culpabilizo as vítimas. O preconceito e a discriminação têm sempre como culpado o preconceituoso e o discriminador. Mas também não faço uma simples reprodução da vitimização, como se elas fossem apenas vítimas que não percebem o que se passa. [...] Será que essas brasileiras, dançarinas e prostitutas, reproduzem o estereótipo? O que pensam elas? São muito faladas e visadas, mas pouco ouvidas. E a literatura o que diz? Existe bibliografia sobre as prostitutas, algumas já foram ouvidas. E as dançarinas? Sobre elas não há pesquisa. A bibliografia aponta que as brasileiras que assumem os ícones da brasilidade (como se vestir de forma sensual e dançar samba), incorporam o estereótipo, reproduzem o estereótipo. Essas pesquisas querem dar agência a essas mulheres. Mas continuo incomodada. Essa agência quase vira uma culpa quando as mulheres são julgadas como reprodutoras do estereótipo, como se reproduzissem aquilo que prejudica as brasileiras. Ou quase se transforma em um excesso da perspectiva da agência, sem nenhuma crítica ao preconceito-estereótipo. Continuo sem saber o que pensam essas que supostamente reproduzem o estereótipo. Será que percebem e criticam o preconceito? [...] As brasileiras que são julgadas como reprodutoras do estereótipo: o que elas pensam? Definitivamente terei que ouvi-las, percebê-las. [...] Era mais fácil para meu objetivo teórico, social e político criticar o preconceito seguido o lado das brasileiras que fogem do estereótipo. Mas e aquelas que supostamente gostam ou reforçam o estereótipo? É preciso entendê-las para aprofundar o conhecimento sobre esse preconceito às brasileiras. É preciso aceitar esse desafio, social e sociológico. O que vou encontrar? (Diário de campo, Abril de 2010).

Portanto, os motivos para abordar essas mulheres, que afirmam a brasilidade, identificadas em geral como as dançarinas de samba, foram: a ausência de pesquisa empírica sobre elas e com elas; a culpabilização que sofrem, incluindo por parte de algumas pesquisas científicas, como se fossem as responsáveis pelo preconceito (se beneficiando, reproduzindo); certa leviandade com a qual são abordadas por parte de outras investigações (em um excesso de agência), como se o preconceito e o estereótipo não as prejudicassem; e, ainda, certa vitimização que sofrem por parte outras investigações (em um excesso de estrutura), como se não percebessem o preconceito. Ressalta-se que, com estas indagações, partiu-se a campo, para ouvi-las e visibilizar seus discursos sobre a <Mulher Brasileira>. Apenas posteriormente percebeu-se que a maioria delas subjetivava-se de uma forma diferente da “brasileira média” já descrita exhaustivamente pela literatura e entendida aqui a partir da Resistência Passiva. Foi

apenas durante a vivência em campo e a recolha de dados, que emergiu esse modo de subjetivação específico que, por sua vez, depois da organização dos dados, definiu-se como Resistência Afirmativa.

O terreno da pesquisa foi o mercado cultural da brasilidade em Portugal, descrito no subcapítulo 3.3 desta Tese, onde foram abordados os espaços de visibilidade de uma cultura brasileira em Portugal, optando-se por focar bares, danceterias e restaurantes onde a brasilidade é tematizada como diferencial de mercado, não abordando os grandes espetáculos e os espaços alternativos. Através da observação participante nesses espaços, foi possível a aproximação às entrevistadas e ao seu universo. As exceções são Luana⁵⁰, já referida, indicada por um informante músico e produtor cultural, que por sua vez foi indicado por Dandara, cujo primeiro contato foi estabelecido no meio acadêmico, por se tratar de uma cantora, percussionista e estudante de pós-graduação. Enquanto que no subcapítulo 3.3 o foco estava nos bares, danceterias e restaurantes, por serem os espaços de maior visibilidade do discurso social <Mulher Brasileira>; neste quarto capítulo, através da perspectiva dos sujeitos, foi possível adentrar também, mesmo que brevemente, o universo dos espetáculos e o circuito alternativo. Com relação aos espetáculos, assim como Luana, que trabalhou tanto em danceterias, como com o cantor Roberto Leal, outras entrevistas também atuaram como bailarinas de cantores de maior repercussão; já Dandara, fornece importantes informações e reflexões sobre o circuito alternativo.

4.3.1 Dandara: a cantora, a percussionista e a investigadora

Dandara é uma alagoana radicada no Rio de Janeiro, de 38 anos, solteira, há 4 anos em Portugal, que além de viver a música brasileira também a estuda. Segundo informou, começa a existir, ainda que de forma muito pequena, um circuito alternativo de música brasileira em Portugal. Esse circuito é caracterizado por abarcar trabalhos autorais. No entanto, uma ínfima minoria dos brasileiros músicos que estão em Portugal conseguem expor trabalhos autorais. Conforme a entrevistada, o preconceito que existe contra os brasileiros restringe as possibilidades para os músicos imigrantes, afeta diretamente suas vidas e carreiras. Em suas palavras: *“existe esse clima muito pesado de que toda a brasileira é prostituta e que todo brasileiro é safado, esperto, quer se dar bem. Então os brasileiros não encontraram muito espaço, só como cover. Poucas pessoas conseguiram ficar para fazer um trabalho autoral”*. (Dandara, percussionista, cantora, investigadora).

⁵⁰ Novamente ressalta-se que todos os nomes foram alterados.

Outra informação importante sobre esse circuito alternativo é que nele não há uma relação automática entre samba, mulher brasileira e erotização. Isso demonstra as múltiplas possibilidades e ajuda a desnaturalizar essa relação samba, mulher, erotização tão presente no circuito comercial. Nas palavras de Dandara:

Nesse circuito que eu trabalho, como eu trabalho mais a música em si e não o espetáculo, então é poesia, melodia, letra, trabalho autoral, de composição, então está muito longe dessa coisa do espetáculo brasileiro que há muito tempo se tem na Europa. Então, posso te dizer que não vejo uma ligação entre samba, mulher, bunda, carnaval, nesse circuito. Pensam samba como música. Colocam o samba dentro da MPB. Agora, tenho certeza, que no mais geral... (Dandara, percussionista, cantora, investigadora).

É a partir dessa percepção das múltiplas possibilidades de interpretação sobre o samba, as mulheres brasileiras e a hipersexualidade, que começam a se desenhar novos olhares sobre as bailarinas. Dandara – que apesar de não ser bailarina e atuar em um circuito mais alternativo é uma mulher brasileira que trabalha na noite – desenvolve seu outro olhar sobre as bailarinas, como é possível perceber neste trecho.

Era um show aberto e vi a coisa mais inusitada do mundo, uma hora do show o Roberto Leal apela muito, apela para as velhinhas e canta Ave Maria e não sei que, de repente ele sai do palco e entram as mulatas do Sargentelli, aquelas morenas, negras, altérrimas, com roupa de escola de samba, de biquinho, samba e tal. E eu não entendi nada. O que ele quer é agradar a todos. Ele consegue usar as mulatas dentro de um show família. Ou seja, talvez seja possível juntar uma imagem que é feia, ruim, com outras coisas. [...] a impressão que eu tenho é que no geral todo mundo pensa assim: “a única coisa que ela sabe fazer é mostrar a bunda, isso não é profissão, ela é puta e sabe dançar” essa é a sensação que eu sinto. E, na verdade, são profissionais, dançam com aquele saltão, tem formação de dança. (Dandara, percussionista, cantora, investigadora).

Apesar de perceber as bailarinas como profissionais e ressaltar as dissociações entre samba-mulher-erotização, Dandara ressalta que, em Portugal, essa associação é muito forte e se transforma em preconceito contra as brasileiras. Em suas palavras:

Por exemplo, passei o Natal na Irlanda, aí conheci vários estrangeiros num bar que a gente foi, aí tocou música brasileira, aí um francês disse: “me ensina a sambar?” Aí eu fiz os movimentos mais duros e disse “depois que você aprender os passos é só soltar o corpo”. Aí ele disse: “como se fosse fácil”. Ele ali, era um bando de homem, mas ele não estava querendo ver a brasileira sambando, ele estava querendo aprender. Agora, aqui, eu nunca vivi de alguém chegar e falar uma coisa assim para eu sambar, mas eu sambo mesmo, onde eu estiver, se sentir vontade de sambar, eu sambo, mas sei que estão todos olhando e falando [usou tom de reprovação]: “olha essa brasileira aí sambando, olha só como ela rebola”. Mas como eu sei, aí é que eu rebolo mais ainda, aí é que eu mostro que sei sambar, aí eu faço passos difíceis. Porque é a única forma que eu posso calar a boca dessas pessoas, para eles não ficarem com esse papo. Você sente o samba como uma música

que te dá vontade de dançar e não que está ligado... Você pode erotizar o que você quiser. O que eu acho que em Portugal, mulheres, é uma coisa clara para mim, existe o mito da mulher brasileira ser aquela gostosa, nossa, se a gente fosse tudo isso que eles acham, meu Deus, o mito da mulher brasileira gostosona que deve ter um mistério entre as pernas que deve enlouquecer os homens, elas tem esse mito, que a gente bastou dar um beijo na boca de um homem acaba o casamento, então o samba, o rebolar tá ligando, elas imagina, aí eu acho que entra as questões: desejo de ser igual a gente, inveja de não ter essa ginga que a gente tem. Aí cai na coisa da africana porque mulher africana também pra elas é desprezo, porque mulher africana também tem bunda, tem ginga, tudo que remete a coisa da sensualidade natural, que não tem nada a ver com erotização, mas que na cabeça delas ligam logo a uma erotização como se fosse forçada, como se a gente usasse isso, por isso que dá vontade de chorar e de rir. O preconceito, tem a ver com isso. O próprio homem tem medo da mulher brasileira de acabar com o casamento dele, então ele prefere desprezar, chamar de puta, vadia e não sei que, com medo, louco pra tá ali do lado, louco pra ser pego por uma brasileira, mas eles já têm essa coisa fixa, de essa aí vai destruir meu casamento. Então isso tudo incomoda, essa coisa da nossa malemolência que é toda africana, de sorrir, de gesticular, aí para eles, eles lêem: é fácil. [...] Toda nossa naturalidade é lida como ser mulher fácil. Por que mulher tem que ser contida, pode ser uma vadia, mas tem que ser contida. São loucas pra ter o mesmo ziriguidum que a gente, mas não podem dizer. [...] Todo esse sentimento de amor e ódio que eles têm com a gente, que ocasionam várias situações, seja de violência, ou o preconceito do dia a dia, o olhar, tudo da inveja e do medo que eles têm da gente. (Dandara, percussionista, cantora, investigadora).

No trecho acima se percebe que, para Dandara, o samba está relacionado a uma sensualidade natural da mulher brasileira e não a uma erotização forçada para obter ganhos. O preconceito ocorreria porque os portugueses interpretariam erroneamente esta sensualidade, com medo e inveja. Assim, a entrevistada critica explicitamente o preconceito e reconstrói os elementos de brasilidade. É possível evidenciar a resistência afirmativa nesse trecho, na medida em que Dandara não muda suas atitudes, vontades e práticas culturais diante do preconceito e, sim, reforça-as como forma de valorizar a sua brasilidade e enfrentar o preconceito. Dandara, mesmo que acredite em alguns dos mesmos elementos dessa brasilidade estigmatizada, coloca a culpa do preconceito nos preconceituoso. Desta forma, não compartilha da estigmatização da brasilidade; não coloca a culpa do preconceito na própria brasilidade como ocorre na ordem discursiva hegemônica (sobretudo nos discursos sobre a brasileira imigrante, como analisado no segundo capítulo).

Ainda sobre a resistência afirmativa de Dandara, é importante destacar um trecho no qual ela aborda o espaço acadêmico. Cita-se:

Eu tenho certeza que eles achavam que era uma... ainda mais quando eu cheguei aqui, morena, oito quilos mais magra, já no meio musical, eu tenho certeza que eles achavam assim... [fez uma expressão de desconfiança]. Mas eu tenho certeza que eles se surpreenderam. Mas eu não mudei, não

vou de óclinhos e coque no cabelo [risadas]. Dou altas gargalhadas na sala, assim, não sou exagerada, até diminui meus gestos, até porque é ambiente de trabalho, mas não faço nenhum esforço para eles gostarem de mim, para ser aceita. Não faço esforço para ser aceita, nem pensar. (Dandara, percussionista, cantora, investigadora).

Por Dandara estar próxima ao estereótipo da <Mulata> no Brasil, neste momento questionou-se se, em sua opinião, haveria diferenças entre as brasileiras negras, mulatas ou brancas, ricas ou pobres, no que diz respeito a sofrerem preconceito em Portugal. Sua resposta foi a seguinte: “dentro das brasileiras não é por ser negra que sofre mais, sofre igual, pode ser loira, com esse sotaque, pode estar com uma bolsa maravilhosa e com seu carro, mas falou português do Brasil já era” (Dandara, percussionista, cantora, investigadora).

4.3.2 Cristina: a bailarina do Porto

Cristina, uma paulista de 34 anos, que vive há oito anos em Portugal, bailarina e instrutora de *fitness*, residente no Porto, casada com um músico brasileiro e mãe de uma menina de um ano, também demonstrou subjetivar-se em Portugal através de uma resistência afirmativa. Cristina foi encontrada durante a observação participante em um restaurante no Porto, descrita no subcapítulo 3.3 desta Tese. Nesse estabelecimento Cristina é bailarina de ritmos brasileiros e animadora, poderia ser uma das *entertainers* mencionadas por Machado (2009) em sua pesquisa nestes mesmos restaurantes no Porto: churrascarias, com música e dança brasileira. No Brasil, era professora de dança em academia de ginástica (ginásio), mas seu trabalho principal era administrativo em um escritório. Quando veio para Portugal, já estava indicada por conhecidos para trabalhar como animadora nesse restaurante onde está até hoje. Além disso, fez uns cursos em Portugal, que lhe permitiram ser instrutora de *fitness* em ginásios. Também trabalhou como bailarina de um cantor de maior repercussão, Marcus, com o qual fez uma participação no canal de televisão pública portuguesa RTP.

Antes de abordar o preconceito na percepção de Cristiana e as formas como resiste a ele, objetivo principal da entrevista e da análise⁵¹, sua história de imigração merece destaque por elucidar uma dimensão, atravessada por gênero, que tem sido negligenciada em estudos mais clássicos das migrações: trata-se da dimensão pessoal, dos afetos e dos sentimentos, também intercalada pela violência de gênero. A história de imigração de Cristina iniciou-se

⁵¹ Destaca-se que, ao contrário (ou complementarmente) da maioria dos estudos sobre grupos de imigrantes, que descrevem detalhadamente diversos aspectos da vida dos imigrantes, sendo um deles o preconceito, esta tese tem como enfoque a descrição detalhada do preconceito; assim, não se propõe a focar todos os aspectos da vida das entrevistadas, mas sim, a relação das entrevistadas com o preconceito. Enfoca-se, nesta Tese, o preconceito através de suas construções discursivas (capítulos dois e três), bem como, através de suas resistências (capítulo quatro).

dois anos antes de sua instalação em Portugal. Ao contrário das motivações econômicas que constam como prioritárias na decisão de migrar, nos estudos de Migrações, Cristina migrou para fugir de uma violência de gênero. Seu namorado não havia aceitado o término da relação, passando a ameaçá-la e persegui-la. Ela teve a oportunidade de trabalhar em um restaurante em Portugal, como bailarina, através de conhecidos que já ali trabalhavam e que indicaram seu nome devido a sua experiência como professora de danças brasileiras, no Brasil. Cristina, então, decidiu, em suas palavras “*fugir para Portugal*”. Permaneceu seis meses em Portugal e quando soube que seu ex-namorado havia mudado de cidade, voltou para o Brasil. Permaneceu seis meses no Brasil, mas decidiu voltar para Portugal novamente, por motivos afetivos relacionados aos profissionais: sentia falta de se sentir famosa, fazer espetáculos, ser aplaudida. Permaneceu mais seis meses em Portugal, quando sentiu muita falta da família e decidiu retornar ao Brasil. Lá permaneceu mais alguns meses, quando decidiu migrar novamente para Portugal, desde então permanecendo no mesmo já por oito anos. Atualmente tem vontade de voltar novamente para o Brasil, com marido e filha, pois está sofrendo os problemas da crise econômica e das políticas de austeridade. Ressaltou que em todo o período esteve legalizada, pois o restaurante no Porto assinou seu contrato desde o início. Mas isso não a impediu de fazer críticas sérias, durante a entrevista, a política de regularização de imigrantes, ao SEF e ao ACIDI, citando casos de amigas e de conhecidos que têm imensa dificuldade de legalização, pois trabalham como músicos ou bailarinas *freelancer*, ou seja, sem vínculo empregatício.

As idas e vindas de Cristina, durante os primeiros dois anos de migração, motivadas por questões afetivas e por violência de gênero, ilustram a importância das pesquisas qualitativas na área das migrações, com enfoques inovadores e com a perspectiva de gênero. No que tange a imigração brasileira, Assis (2011) abordou o tema das relações familiares, afetivas e de gênero no contexto das migrações de mulheres brasileiras para os Estados Unidos da América, região de Boston. A autora destaca como brasileiras imigrantes almejam e conquistam autonomia e como constroem diferentes espaços de atuação, o que se revela também no caso de Cristina. Por outro lado, a autora aponta que o estereótipo em torno da mulher brasileira nos Estados Unidos da América não acarretaria em preconceitos e discriminações tão sérios como em Portugal, mas em vantagens no mercado matrimonial. No mesmo sentido Beserra (2007) destaca que existe uma imagem exotizada sobre as brasileiras nos Estados Unidos, região de Los Angeles, mas que as imigrantes conseguem reverter em ganhos positivos, notadamente no mercado matrimonial.

Ainda sobre outros contextos onde incide o imaginário de brasilidade, com menores prejuízos do que em Portugal, e com mais possibilidades de resistência afirmativa, cita-se o trabalho de Rezende (2008), que investigou acadêmicos brasileiros na Europa e nos Estados Unidos. O objetivo foi compreender como os brasileiros experenciam o estereótipo de “brasileiro emocional”. A análise demonstrou que, por vezes, os brasileiros são vítimas de preconceito em função do estereótipo, mas enfrentam esse olhar europeu resignificando de forma positiva esse estereótipo e reforçando uma sensação subjetiva de brasilidade.

Interessante também é a contribuição de McDonnell e Lourenço (2009) que investigaram como as mulheres brasileiras imigrantes em Boston (EUA) lidam com o processo de racialização. As autoras demonstram que identidade racial e racialização são coisas diferentes e variam conforme o contexto. Enquanto o primeiro é um sentimento de pertença, o segundo é um processo social de atribuição de classificação para a demarcação de uma hierarquia social. Dados das entrevistas com as brasileiras demonstram que elas se identificavam de forma diferente no Brasil e nos Estados Unidos; também, que têm consciência de sofrer um processo de racialização nos Estados Unidos, mais forte que seu pertencimento racial. O processo de racialização faz com que as brasileiras passem a ser identificadas como latinas e preferam identificarem-se como brasileiras para tentar fugir da exclusão. Isto porque, no contexto norte-americano, a categoria “latino” é mais visada como alvo de inferiorização e racialização. Neste contexto afirmar-se como brasileira não pode ser entendido como resistência afirmativa da mesma forma que em Portugal, pois não é a brasilidade o principal alvo da inferiorização.

Já em Portugal torna-se muito claro nas narrativas das entrevistadas que a auto-afirmação é uma forma de resistir ao preconceito que sofrem. Essa afirmação da brasilidade é acompanhada, por vezes, de crítica ao que seria a portugalidade. Um dos exemplos de Cristina parece ilustrativo:

Quando eu cheguei aqui andar de short na rua era um crime, tava um calor, no terceiro dia que eu tava em Portugal tava um calor absurdo e eu fui de shortinho no mercado, como eu andava no Brasil, com 23 anos, shortizinho e top, não tinha juízo na cabeça, atravessei a rua o carro que passou bateu na frente e o outro bateu atrás, e ficaram gritando “porque você foi olhar pra ela?”. Depois eu entrei no mercado, a minha prima morava ali e já tinha me apresentado o senhor do mercado e ele disse assim: “a menina não devia andar assim, porque as pessoas não estão habituadas, isso provoca um bocado de choque, as senhoras não gostam”; eu falei: “eu quero lá saber se elas não gostam, o corpo é meu, a roupa é minha, quem paga as minhas contas sou eu, e tem mais, esse calor desgraçado, vocês andam todos cobertos, mas em compensação andam a cheirar macaco”. Na altura não tinha carro, fui andar de ônibus com minha prima, um cheiro insuportável, um cheiro de axila vencida, tá calor e as pessoas tem vergonha de mostrar o

corpo, botam casaco, calça, vão morrer, se não morrer de fedor, morre desidratada. Juro que falei isso. Hoje em dia não, já tá a zilhões de passos na frente, melhorou muito Portugal (Cristina, bailarina e instrutora de fitness).

Apesar de ressaltar que o preconceito contra as brasileiras melhorou nesta quase uma década que está em Portugal, Cristina relata diferentes casos de preconceito e discriminação que sofreu. Por exemplo:

Eu saio daqui essa hora [era cerca 1h da madrugada durante a entrevista], quando faço espetáculos com banda chego 4h da manhã, uma brasileira que chega 4 ou 5 da manhã em casa, pensam logo... ainda mais sozinha. Meu marido é músico, também chega tarde, mas eu chego às 5 e ele chega às 7, já pensam... então, antigamente, eu percebia que tinham olhares, que eu sentia que eles pensavam: é brasileira, chega a essa hora, trabalha com prostituição. Hoje em dia, como eu já tô há muitos anos, moro no mesmo prédio, aí eles já sabem. Mas eu já tive em lugares que as pessoas não falavam comigo, na padaria, na frutaria. Eu tive numa frutaria uma vez que a senhora disse assim: “eu me recuso a lhe atender”, eu disse: “Por quê? Vou pagar.” E ela disse: “mas eu não vou lhe atender” (Cristina, bailarina e instrutora de fitness).

Cristina destaca, também, a permanência do preconceito com relação à brasileira bailarina de ritmos brasileiros. Sua narrativa evidencia a associação entre mulher brasileira, samba e erotização. Em suas palavras:

Eu sinto preconceito [...] por exemplo, eu trabalho no ginásio, e às vezes uma ou outra pessoa... [fez expressão de reprovação] Se não me conhece e eu falo que sou bailarina e já dancei em discotecas... uma menina mesmo me falou esse tempos: pra vocês que são brasileiras, qualquer coisa que abana o rabo é fácil de fazer. E, entretanto, eu disse assim: “até pra abanar o rabo é preciso jeito, não é profissão que dá pra qualquer pessoa”. Eu acho que é inveja. Eu sinto no restaurante também, aos sábados tá muito cheio e o primeiro impacto, quando eu entro, as mulheres fazem assim [virou o rosto e fez uma expressão de reprovação], torcem o nariz, viram de costas, tapam o olho do marido, começam já a brigar. Entende? Por acaso é uma situação que eu já aprendi a lidar, porque eu tô há 8 anos fazendo a mesma coisa. O que acontece? A minha primeira reação é brincar com elas, sorrir pra elas sempre, e nunca olhar pra cara de homem nenhum, mesmo dos que estão sozinhos. Porque quando elas olham, por exemplo, se tem uma mesa de despedida de solteiro que só tenha homens, elas vão dizer: “lá vem a brasileira se oferecer”. Então eu evito, nem sequer olho para a mesa masculina. Eu primeiro tento encher o palco, com as mulheres. Percebe-se que muitas são um bocado... com mente pequena, picuinha, invejinha. A medida que o tempo vai passando... até semana passada uma me disse: “Afinal quando tu entrastes nós pensamos mal e, afinal tu é uma pessoa espetacular”. Porque a medida em que vai passando música eu pego uma, brinco com uma, depois eu puxo as senhoras mais velhas, brinco com as crianças, danço com as crianças. Então, quando vai passando a noite, você percebe que os olhares delas para você, de um olhar de desprezo, passou para um olhar de admiração (Cristina, bailarina e instrutora de fitness).

No trecho referido é possível evidenciar a forma como Cristina resiste a associação entre samba, mulher brasileira e erotização. Por um lado ela busca valorizar a profissão de bailarina; por outro lado ela busca valorizar a cultura brasileira, demonstrando para o público que é a música e a dança brasileira não são apenas erotização.

A resistência afirmativa é percebida também pelo fato de Cristina explicar o preconceito como uma inveja que as portuguesas têm das brasileiras. A afirmação da brasilidade é acompanhada da naturalização de determinados elementos do imaginário <Mulher Brasileira>, bem como, naturalização do que seria a <Mulher Portuguesa>, como pode ser percebido no trecho a seguir:

As brasileiras são mal vistas, principalmente as mulheres. A mulher brasileira tem essa coisa por causa disso: primeiro a maneira de se vestir, nós infelizmente temos um corpo que chama atenção, na praia chama atenção, usamos pouca roupa, querendo ou não você andar de mini-saia é uma coisa, uma mulher baixinha e gordinha andar de mini-saia é outra e, querendo ou não eu vejo muita mulher baixinha e gordinha em Portugal, a estrutura física da mulher portuguesa é diferente da mulher brasileira, então, nós chamamos muita atenção. Há muitas mulheres portuguesas lindíssimas, então tu pensa assim: porque incomoda tanto a mulher brasileira? Aí tem a roupa que elas se vestem, que não é uma roupa produzida, sensual. E a mulher brasileira sabe se vestir sensual no verão. Como eles tem o verão muito curto, mal conseguem se adaptar, as vezes tá 30 graus e tu vê mulher de bota na rua, porque não tem o hábito de se vestir. Tem um choque cultural, porque a brasileira sai com roupa curta numa discoteca no Brasil e tá todo mundo de roupa curta (Cristina, bailarina e instrutora de fitness).

Sobre esse aspecto da valorização de uma beleza e de uma sensualidade supostamente características da mulher brasileira, todas as entrevistadas desenvolvem narrativas semelhantes. Essa valorização da beleza brasileira é interpretada como internalização do estereótipo ou aproveitamento do estereótipo. No entanto, ao mesmo tempo em que valorizam a beleza brasileira, percebem o preconceito; nesse sentido não culpabilizam sua brasilidade pela existência do preconceito e sim um choque cultural com os portugueses que não percebem a cultura brasileira. O imaginário de beleza da mulher brasileira está arraigado na cultura brasileira e é associado à sensualidade. Goldemberg (2006; 2011) aborda esta questão argumentando que o corpo é um capital (físico, simbólico e social), importantíssimo na cultura brasileira, nos mercados de trabalho, matrimonial e erótico. Sua análise fundamenta-se, sobretudo, em inquéritos a população, onde o corpo emerge como fundamental, um corpo “trabalhado, malhado, bonito, bronzeado, sensual”. No entanto, a autora não analisa como essas representações sobre o corpo na cultura brasileira foram construídas historicamente,

tampouco quais as relações de poder estão envolvidas para que essas representações se tornassem dominantes.

Como analisado no decorrer da Tese, o imaginário de beleza da mulher brasileira, em sua construção histórica, esteve associado a relações de poder de gênero e raciais. O signo <Mulher Brasileira> compunha o imaginário colonial de paraíso, exótico e erótico, disponível aos portugueses. A naturalização deste imaginário em Portugal é carregada desta colonialidade. No entanto, este imaginário de beleza da mulher brasileira é dissociado do imaginário de disponibilidade de seus corpos, quando agenciado pelas próprias brasileiras em uma resistência afirmativa. Ou seja, quando uma brasileira naturaliza a beleza brasileira não está reproduzindo o discurso hegemônico de forma simples, pois o discurso a estigmatiza, a inferioriza; enquanto ela valoriza-se. Esta valorização ocorre dentro do mesmo jogo discursivo: não ocorre uma ruptura completa do discurso dominante, mas sim uma dobra.

Neste sentido, poder-se-ia afirmar que Goldemberg (2006; 2011) está correta ao identificar a exaltação do corpo como característica de determinada parcela da sociedade brasileira. No entanto, é preciso compreender esta exaltação do corpo como parte de uma ordem discursiva construída historicamente, para ser possível uma análise crítica. De forma crítica, é importante perceber que as brasileiras que de fato vivenciam esta exaltação do corpo, não o fazem naturalmente ou essencialmente; o fazem como dobra desta ordem discursiva que sempre as construiu em função do corpo, dentro do jogo discursivo que emerge como campo de possibilidades, no qual recriam elementos.

Em Portugal, a dobra de subjetivação no discurso da exaltação do corpo ocorre no momento em que uma brasileira valoriza a “beleza brasileira” ao mesmo tempo em que critica o preconceito que sofrem as brasileiras. O discurso hegemônico de erotização da brasileira não critica o preconceito, ele é o próprio preconceito. Portanto, quando brasileiras criticam o preconceito, não estão reproduzindo o mesmo discurso. Em Portugal, a “beleza brasileira” é transformada em inferiorização pelo discurso hegemônico; enquanto é revertida em afirmação pelo discurso de algumas brasileiras. Esta é a virada discursiva que as mulheres brasileiras provocam no discurso quando adotam uma resistência afirmativa.

4.3.3 Michele, Priscila e Carolina: as bailarinas celebridades

O exemplo de Michele, natural do estado do Rio Grande do Sul, de 29 anos, que trabalha principalmente como produtora de eventos, mas também atua como bailarina de

samba, é bastante ilustrativo. Michele afirma sua brasilidade, sua forma de ser, alegria, beleza e sensualidade, ao mesmo tempo em que critica o preconceito. Em suas palavras:

Sim [já sofreu preconceito?] e muito. Aqui em Portugal já criaram um estereótipo para as brasileiras e todos os dias sinto-me como se tivesse que estar sempre a provar que não sou puta [...]. Os portugueses são muito preconceituosos e com mentes fechadas, mas precisam da nossa alegria por aqui. [...] Eles julgam muito pela aparência e se fores brasileira então piorou, é muito complicado [...]. O negócio é levantar a cabeça e trabalhar, pois eles podem falar e pensar o que quiserem, não vão pagar as minhas contas nem mudar o que sou, eu sou o que sou, não o que julgam ser (Michele, produtora de eventos e bailarina).

Para além das entrevistas, foram importante as observações realizadas durante a pesquisa de campo, tanto em danceterias, como em redes sociais. Não se pretende contrapor a narrativa das entrevistadas com suas ações (o que ocorre em algumas etnografias), tanto por um princípio ético, como teórico. Enquanto princípio teórico, a perspectiva foucaultiana aponta que a realidade é, também, uma construção discursiva. Uma sociedade pode ser medida pelo dito e pelo visível. Nesse sentido, pretende-se apenas complementar o dito (pelas entrevistadas) como o visível (o que emergiu nas observações). E não contrapor suas narrativas como se o visto pelo pesquisador fosse mais importante que o dito pelo pesquisado.

Referente às redes sociais, uma postagem de Michele complementa sua narrativa. Trata-se de uma foto na sua página na rede social *facebook* (que não será aqui acrescentada para evitar a identificação), na qual só está ela, de corpo inteiro, em um fundo branco, onde ela está produzida para uma festa: com salto alto, vestido curto e justo, demarcando as formas de seu corpo (seios e nádegas grandes, cintura fina), cabelo longo liso e castanho escuro, pele castanha marcando uma herança indígena. Nesta foto, Michele está com as duas mãos voltadas para cima, como um convite. Na legenda da foto lê-se: “Welcome, fica a vontade, mas não mexe em nada”. Essa foto é uma exaltação de sua beleza e de sua sensualidade, ao mesmo tempo em que impõe limites e respeito. Também, uma frase em sua página parece indicar esse posicionamento afirmativo diante de preconceitos: “Quando alguém se sente incomodado com a tua presença, é porque conhece o teu brilho, sabe da tua força, inveja o teu carácter, e teme que os outros vejam o quanto tu és diferente”.

Com relação às observações nas danceterias, pode-se afirmar que elas são celebridades. Elas se autodenominam como *celebrities* e o público das danceterias as consideram assim. Michele, enquanto produtora de eventos, recepciona os convidados, tira fotos com alguns escolhidos e todos querem falar com ela. Carolina, uma mato-grossense que vive há seis anos em Portugal, e Priscila, uma goiana que vive há treze anos em Portugal,

amigas de Michele, chegam a dar autógrafos a jovens meninos e meninas, brasileiros, que as procuram para tirar fotos depois de seus espetáculos de dança brasileira nas danceterias.

Carolina e Priscila são bailarinas e instrutoras de *fitness* em ginásios, têm pele bronzeada, cabelos tingidos de loiro, corpos trabalhados. Ambas tornaram-se bailarinas profissionais em Portugal: Carolina migrou para trabalhar e teve a oportunidade de dançar em uma discoteca e em shows de samba; Priscila estava de férias, com o irmão e a cunhada que eram dançarinos profissionais, estavam dançando em uma festa quando receberam o convite de um empresário para dançarem em um restaurante em Macau, quando voltou foi aprovada em uma seleção para bailarina de um cantor.

A festa de aniversário de Michele foi muito importante de observação. A festa realizou-se em uma danceteria de Lisboa, na qual Michele é promotora de eventos. Era um evento restrito a convidados. A danceteria é pequena, bem localizada, na zona das danceterias de elite de Lisboa, tem preços elevados, ambiente moderno e requintado. A música era variada, desde o funk carioca com mixagem do DJ, música africana e dance norte-americana. O público era composto de celebridades, como um vencedor do Programa de Televisão da TVI “Casa dos Segredos” e um jogador de futebol brasileiro famoso que atua no Manchester United, por pessoas que poderiam ser identificadas como pertencentes a elite angolana que vive em Portugal, bailarinas e bailarinos, e produtoras de eventos. Ainda, estavam presentes três homens portugueses de meia idade, que ficaram todo tempo no balcão do bar, bebendo *whisky* e observando. Michele me informou que eram amigos do dono da danceteria. Provavelmente estavam em busca de mulheres bonitas. Durante a festa não houve cenas de beijos ou excessos nesse sentido; com exceção de um momento quando chegaram três mulheres jovens, duas brasileiras e uma portuguesa, com roupas curtas e justas, mais simples e desarrumadas do que as outras mulheres que estavam na festa, acompanhadas de três homens mais velhos, com os quais dançavam de forma erótica. Esses três casais ficaram em um local um pouco segregado da festa, em um canto da danceteria.

Do outro lado da danceteria, em um sofá branco localizado em um mezanino, estavam o futebolista, seu segurança, Michele, Priscila e Carolina e mais algumas pessoas. Em determinado momento, Carolina me chamou para a área do mezanino e disse “vem para a área *VIP*”. A expressão *VIP*, que significa *Very Important People*, tem sido associada a expressão *celebrity*, por essa indústria da visibilidade, na qual as pessoas querem ver e ser vistos. Na área *VIP*, ao comentar com Michele sobre a presença do futebolista famoso, ela respondeu “é meu amigo, sou *celebrity* [dando um beijinho no próprio ombro]”. A utilização da referência

às celebridades é importante pois é mais um elemento de auto-afirmação, diante da sociedade portuguesa.

Michele, Priscila e Carolina já fizeram aparições na mídia: em ensaios sensuais publicados em revistas; em fotos ao lado de outras celebridades mais famosas; na televisão quando eram bailarinas de cantores com repercussão nacional e internacional (como é o caso de uma delas que era bailarina de Iran Costa e viajou por vários países do mundo em turnês). A aparição na mídia é um ponto importante para ser celebridade e, para elas, ser celebridade é uma forma de autovalorização. Conforme Pena (2002), no mundo contemporâneo a “vida se tornou um show”, com a espetacularização da mídia, o privado passa a ser público e há uma tendência a encenação da vida. O autor destaca que diversas revistas, *sites*, *blogs*, programas de televisão, *reality shows* dedicam-se a transformar pessoas em celebridades, que por sua vez, são transformadas em pseudo-heróis (pessoas que mantêm um fascínio sobre si). No caso das entrevistadas, elas parecem utilizar essa valorização enquanto celebridade para compensar a desvalorização da sociedade portuguesa.

Um dos episódios de aparição na mídia merece destaque, apesar de não ser possível entrar em detalhes que permitam a identificação da entrevistada. Trata-se de episódio de um programa de humor de um canal privado da televisão portuguesa, na qual uma delas participou. O tema era “um pacote de ajuda para Portugal”, onde o “pacote” era satirizado como a bunda da mulher brasileira que ajudaria “o país a levantar” e “estimularia” a economia do país. A brasileira sambava em frente o Ministério das Finanças. Estava vestida com um macacão de ginásio preto, justo no corpo. Em nenhum momento foi falado que ela era brasileira, e sim que era “uma ajuda estrangeira”, no entanto, nas poucas palavras que falou, qualquer telespectador poderia perceber seu sotaque. O episódio é mais um caso de estigmatização das mulheres brasileiras na mídia, o qual reforça o imaginário de <Mulher Brasileira> em Portugal. No entanto, em sua página na rede social *facebook* a bailarina ressaltou que fez uma participação como atriz e bailarina em um programa de televisão e que as pessoas deveriam entender aquilo como uma atuação artística, uma sátira e uma valorização da beleza e da sensualidade da mulher brasileira. A bailarina faz questão também de informar que é casada e tem uma filha.

Nesse episódio ficam evidentes as duas dimensões do imaginário de <Mulher Brasileira>, as quais tem se dedicado esta Tese. A primeira é a dimensão social, na qual ocorre a construção da ordem discursiva essencializante e inferiorizante, que cria um espaço destinado às mulheres brasileiras na sociedade portuguesa. A segunda é a dimensão das subjetivações, na qual os sujeitos precisam lidar de alguma forma com a ordem discursiva,

sendo que utilizar as oportunidades oferecidas pela ordem discursiva parece ser uma opção aliada a certas dobras no imaginário hegemônico. No caso, a dobra encontra-se na valorização, por parte do sujeito, do profissionalismo de sua participação, da beleza e da sensualidade da mulher brasileira; enquanto o discurso hegemônico transforma aquela mesma cena em essencialização de todas as brasileiras (e não a atuação de uma bailarina e atriz) e reforça o sentimento de disponibilidade dos corpos das brasileiras aos portugueses.

Para ser possível perceber a dobra no discurso, é preciso, primeiramente, desconstruí-lo, desnaturalizá-lo, deixar de compartilhá-lo. Este exemplo parece importante justamente por permitir exercitar essa capacidade de desnaturalização da ordem discursiva hegemônica. Na concepção da entrevistada, ressaltar sua sensualidade na televisão não significa, em momento algum, propagar uma imagem de “mulher fácil e disponível”, mas apenas de “mulher sensual e bonita” interpretando um papel como atriz e bailarina. Enquanto que, para a ordem discursiva hegemônica, uma “mulher sensual, bonita, que aparece na televisão, brasileira” é uma “mulher fácil e disponível” e representa “todas as brasileiras”.

Ainda sobre a dissociação entre beleza da mulher brasileira e disponibilidade de seus corpos, outros trechos das narrativas das entrevistadas são ilustrativos, bem como, publicações suas no *facebook*. Carolina afirmou em sua página do *facebook*:

Vamos lá esclarecer uma coisa: quando aceito teu pedido de amizade, isso significa que aceitei a tua amizade... não as tuas propostas! Quando te envio um pedido de amizade, significa que quero ser tua amiga e não tua amante! Quando comentei a tua publicação, significa que participei e não que quis provocar! Quando gostei dos teus comentários, significa que gostei do que escrevestes, não de ti! (Carolina, bailarina e instrutora de fitness)

Em entrevista, Carolina afirmou que sofre preconceito, principalmente fora do ambiente de trabalho, pois no trabalho as pessoas admiram e respeitam a dança, o entretenimento da festa e as aulas de fitness. Já fora desse ambiente, segundo ela:

Misturam bastante, bailarina com prostituta (...) as brasileiras se cuidam muito, cuidam do corpo, da aparência. E os portugueses precisam abrir mais a mente (Carolina, bailarina e instrutora de fitness).

A narrativa de Carolina explicita que ser bailarina, cuidar do corpo e da aparência, para ela, não significa ser disponível, tampouco ser responsável pelo preconceito. Para ela, os portugueses é que precisariam entender a cultura brasileira, “abrir a mente”. No mesmo sentido, Priscila, que além de bailarina e instrutora de fitness, é estudante universitária, afirmou ter sentido preconceito no trabalho em danceterias, na universidade e na família do marido que é português. Acredita que quando dança samba já há uma compreensão maior do público e menos preconceito. Assim como Carolina, Priscila afirmou que é preciso que os

portugueses respeitem a cultura brasileira e ressaltou que responde as manifestações de preconceito. Em suas palavras:

Comecei a fazer animação na noite, como dançarina, então era confundida com um produto, era como se eu tivesse um preço [...] Quando é samba, eles sabem que é uma cultura, tem respeito, eles sabem que não é todo mundo que faz, não é uma mulher abanando o rabo. (Priscila, bailarina, instrutora de fitness e estudante universitária).

Eu respondo sempre, reajo. Pra dar um exemplo: um lugar que senti preconceito foi na faculdade, era sempre “a brasileira” [falou a palavra brasileira com sotaque de Portugal]. Uma vez fomos apresentar um trabalho, eu e dois colegas portugueses, tinha que ler um texto, a professora falou: “qual dos dois vai ler? Porque ela é brasileira”. E eu respondi: Então? Eu falo Língua Portuguesa, não existe Língua Brasileira. [...] Com a minha sogra também. Meu marido é português e minha sogra é bem antiquada [...] quando estava grávida eu mostrava a barriga e na praia e colocava biquíni bem brasileiro e minha sogra condenava, diziam que tinha que cobrir a barriga. E eu mostrava pra ele que no Brasil nós mostramos a barriga, temos orgulho da barriga de grávida e que eu ia seguir minha cultura e ela acabava por respeitar. Uma cultura, por mais que seja antiquada, pode ter respeito por outra. (Priscila, bailarina, instrutora de fitness e estudante universitária).

4.3.4 Leonor: a portuguesa Rainha de Escola de Samba

Outro exemplo interessante que ilustra a resistência afirmativa é o de Leonor, uma portuguesa de 28 anos, assistente dentária, rainha de bateria de uma Escola de Samba de Sesimbra, que alguns meses após a entrevista migrou para o Rio de Janeiro⁵². Leonor relata, muito claramente, o preconceito contra as passistas e contra as brasileiras, afirma ser confundida com brasileira e demonstra orgulho em assim o ser. Inclusive ressalta que ela e suas passistas são mais próximas das passistas do Rio de Janeiro, como motivo de orgulho, por não terem preconceitos com o corpo e saberem valorizar a cultura do samba.

Identifico muito com o Rio, gosto muito da cultura, gosto muito das pessoas. [...] Só pelo jeito de se vestir já são diferentes. Eu noto isso. Tenho amigas brasileiras, sou simpatizante de brasileiros, todos eles. Eu sou uma deles. E noto o preconceito. Certa vez se dizia que as brasileiras vinham roubar os maridos das outras, mas pronto, elas em casa não ligavam aos maridos aí chega uma brasileira [risadas] pelo amor de Deus. [...] Eu com as passistas da Bota no Rego, eles sempre pensam que somos brasileiras. Nós temos um jeito de dançar diferente do que se faz no norte, as portuguesas de lá e as nossas daqui. Eu sou coordenadora e coreógrafa das passistas daqui, eu como já fui muitas vezes ao Rio, eu já tive oportunidade também de ser

⁵² “Leonor” foi motivo de reportagem no Jornal da Noite, da emissora de televisão SIC, no dia 10/02/2013. A abordagem era sobre a presença de dois portugueses nos desfiles das escolas de samba no Rio, um na parte técnica e ela na ala das passistas. “Leonor” teve que ser aprovada para se tornar passista. A jornalista perguntou à coreógrafa que a aprovou se ela não iria envergonhar a ala das passistas. A coreógrafa disse que ela samba muito bem, é bonita, tem simpatia e impressionou pela técnica do samba. A jornalista concluiu, em tom de espanto: “Uma portuguesa que samba como mulata brasileira”.

ensaiada pelo coreógrafo das passistas da Tijuca, por isso acabei por conseguir um jeito, um conceito, diferente. Mesmo no samba do norte existe preconceito com relação as passistas. Nós fizemos um show no Norte e realmente há uma diferença substancial às nossas passistas (Leonor, Rainha de Bateria de Escola de Samba).

Leonor destaca, também, que muitas pessoas, até mesmo que começam a fazer parte da Escola de Samba, no início compartilham o imaginário de erotização e depois aprendem que o samba e o carnaval são muito mais do que isso.

Há aquela coisa também... que as miúdas vêm e os miúdos acham giro, e elas são bonitas e vão nas Escolas de Samba, porque gostam de colocar fio dental e se mostrar, estão naquela idade de se mostrar. Depois quando vem pra cá, vão mudando, vão vendo que gostam mesmo e levando a sério. Quando a primeira coisa que motiva não foi propriamente o samba, depois começam a conhecer e gostar e começam a ver com outros olhos. Há muitos miúdos que vem porque há miúdas giras. E outros que vem porque um amigo convida, diz que é porreiro, que estão a tocar. E começam a ver as coisas de outra maneira. Porque infelizmente, no geral, há muita gente que não sabe o que é uma escola de samba (Leonor, Rainha de Bateria de Escola de Samba).

A Rainha de Bateria ressalta que existe o preconceito e que busca combatê-lo, valorizando o samba, ensinando para as pessoas que é uma cultura. Seu exemplo permite evidenciar a dissociação entre samba, mulher brasileira e erotização, como visto, também, nas narrativas de outras entrevistadas. É interessante, também, por tratar-se de uma portuguesa que demonstra essa possibilidade de dissociação e entende que essa associação é feita pela “mente retrógrada” de muitos portugueses e pela comercialização da imagem da mulher.

Cada vez mais o carnaval do Rio tá feito num negócio. Tudo que é imagem vende, e a venda tá associada ao negócio, e aquilo lá é um bola de neve, não há volta a dar. Infelizmente, a rainha de bateria é, normalmente, o foco principal de venda, capa de revista e tudo o mais. Cá em Portugal isso acontece um pouco a nível global das pessoas que assistem aos desfiles. As meninas das escolas de samba estão conotadas como meninas que, pronto, meninas que não são sérias. Ainda ano passado, no carnaval de Estarreja, numa entrevista eu disse, pra quem quiser ouvir que o samba não é só meninas nuas, o samba é muito mais que é isso, o samba é uma cultura, e as pessoas não entendem isso, infelizmente. Aqui em Portugal há muita mente retrógrada que acha que carnaval é só para as meninas irem despidas (Leonor, Rainha de Bateria de Escola de Samba).

Em Sesimbra entendem mais, estão mais habituados. Mas há zonas do Alentejo, zonas do interior, que raramente vêem uma escola de samba, e sabem o que é sequer, que nós vamos lá e eles babam-se e tem um comportamento, as vezes, de despeito, eu nunca andei a estalada com nenhum senhor porque, pronto, não entro por aí, mas já tive situações de ter que virar e dizer “amigo, isso não é assim”. Existe. As terras que a partida estão ligadas ao carnaval já sabem, meu avô é uma pessoa de mais de 70 anos e é uma das pessoas mais babadas de me ver no carnaval e vai ver e

diz “aquela é minha neta” todo contente, todo orgulhoso. Se for para outras terras dizem “ai que vergonha, ai tão despidas”, isso existe. (Leonor, Rainha de Bateria de Escola de Samba).

Leonor, uma portuguesa que gosta de ser identificada como brasileira, afirma sua brasilidade, compartilhando elementos do estereótipo de brasilidade, mas buscando combater o preconceito contra as brasileiras e contra o samba e não culpabilizando as próprias brasileiras pelo preconceito que sofrem. Sua narrativa é, portanto, muito próxima das brasileiras que adotam uma resistência afirmativa, auxiliando a compreensão. Como nesta Tese não se pretende definir quem é ou não é mulher brasileira, parece fundamental incluir esses exemplos de mulheres que segundo determinados critérios objetivos (local de registro de nascimento, ascendência e outras condições legais de nacionalidade) são de outras nacionalidades, mas subjetivam-se em relação ao imaginário <Mulher Brasileira>. Segundo a perspectiva aqui adotada, não se pretende construir mais um discurso para definir e caracterizar as brasileiras, mas sim, analisar a construção desses discursos e como sujeitos constroem-se em relação a este discurso. Nesse sentido, o exemplo de Leonor, uma portuguesa que se subjetiva como brasileira, é importante para ressaltar a fluidez a as multiplicidades dos sujeitos, em oposição à rigidez da ordem discursiva.

Outro exemplo interessante é o de um homem (biológico) brasileiro que desfilou como passista (atividade relacionada ao gênero feminino e a heterossexualidade feminina) de uma escola de samba em Sesimbra, conforme relatado no subcapítulo 3.3 Mercado Cultural da Brasilidade em Portugal, item 3.3.3 Escolas de Samba Portuguesas (página 188). Um homem brasileiro também pode subjetivar-se articulando o imaginário <Mulher Brasileira>, provocando deslocamentos na heteronormatividade que compõe esse imaginário. Enquanto a ordem discursiva hegemônica <Mulher Brasileira> é construída sobre a mulher biológica heterossexual, reforçando a heteronormatividade; pode ser reconstruída, dobrada, subjetivada por um, supostamente, homem biológico homossexual e *trans*, questionando a heteronormatividade e fazendo emergir a multiplicidade das subjetivações.

No entanto, tendo em vista que a observação no desfile de carnaval de Sesimbra, em Fevereiro de 2012, foi o último momento da pesquisa de campo; e também, devido aos prazos estabelecidos e os recortes necessários para compor uma Tese de Doutorado, não foi possível procurar e encontrar esse “homem passista” a fim de realizar a entrevista e maiores contatos. Nesta Tese o enfoque central está na perspectiva dos estudos de gênero, feminista e descolonial, perpassando as discussões sobre a heteronormatividade. Entende-se que <Mulher Brasileira> é uma construção sexista, racista e heteronormativa. No entanto, para um

aprofundamento da perspectiva teórica *Queer* e para uma pesquisa empírica consistente nesse sentido seria necessária (e importante) outra pesquisa. Há importantes trabalhos sobre travestis, transgêneros e transexuais brasileiras imigrantes na Europa, por exemplo, os que constam na recente coletânea “Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil” (Piscitelli, Assis, Olivar, 2011). Seria importante, também, analisar como mulheres brasileiras lésbicas imigrantes subjetivam-se em Portugal diante dessa ordem discursiva <Mulher Brasileira>, o que, infelizmente, também não coube nesta Tese.

Estas reflexões, apesar de não poderem ser desenvolvidas com maior detalhe nesta Tese, são importantes para perceber que de um lado está a ordem discursiva hegemônica, essencialista, estigmatizadora; de outro estão as subjetivações que são múltiplas e resistentes ao discurso colonial, sexista, racista e heteronormativo.

4.3.5 Jussara, Fabiana e Márcia: a cantora e as recepcionistas

Os últimos três exemplos demonstram que os modos de subjetivação são fluídos, mesclando resistência afirmativa, passiva e combativa, apesar de sobressair a afirmativa. A cantora Jussara, por exemplo, expressa uma resistência afirmativa da brasilidade, da mulher brasileira e das bailarinas, no entanto, em alguns momentos, busca também distanciar-se, o que remete a uma resistência passiva.

Jussara – uma paulista que vive há 6 anos em Portugal, sempre trabalhando como cantora profissional, casada com um brasileiro, mãe de uma filha, cantora de um restaurante brasileiro no Porto – destaca que o público português tem grande receptividade com a música brasileira. Afirma que nunca sentiu preconceito no trabalho e que gosta de trabalhar com o público português. Nesse ponto, faz uma diferenciação entre ela, cantora, e as bailarinas, o que parece ser uma resistência passiva, por ser uma estratégia individual de proteção ao preconceito. Em suas palavras:

Existem trabalhos e trabalhos... Eu tô numa área mais bem vista. Mas tem a área das dançarinas, essas sim, já sofrem mais preconceito, ah é dançarina é outra coisa também (Jussara, cantora).

No entanto, Jussara não culpa as bailarinas, não demonstra preconceito contra elas e não compartilha do imaginário de que as bailarinas seriam disponíveis sexualmente. Sendo assim, não compartilharia da ordem discursiva hegemônica. Jussara também explica a dança brasileira como brincadeira, diversão, cultura, aproximando-se de uma resistência afirmativa:

Eles acham bonito, cultura brasileira. (...) No começo são as músicas mais calmas, mais tarde a gente começa a fazer mais animada, um forrózinho,

uma lambada, aí entra a dançarina. Aí a gente começa a chamar as pessoas, fazer brincadeira (Jussara, cantora).

A cantora destaca, ainda, o preconceito contra as brasileiras de uma forma geral, no cotidiano em Portugal. Cita-se um exemplo:

Tem a cisma, quando eu engravidei, eu fui no posto de saúde, até o meu marido ir comigo elas me tratavam parecia que eu estava pegando algo que era delas, elas achavam que eu estava grávida de algum português, quando viram que o meu marido era brasileiro a coisa mudou. Era aquela coisa: “vem essas brasileiras pra cá ficar grávida, tirar nossos homens” (Jussara, cantora).

Márcia – natural do estado do Rio Grande do Sul, de 35 anos, residente há 10 anos em Portugal, mãe de um filho de 15 anos, que há alguns anos vive com ela em Portugal, recepcionista no mesmo restaurante brasileiro no Porto, onde Jussara é cantora e Cristina bailarina – destaca vários casos de discriminação, demonstrando uma resistência afirmativa e, em alguns momentos, optando por uma resistência passiva. A recepcionista afirma ser “mal tratada” em Portugal e que continua a viver no país pela segurança e pela qualidade de vida em termos do poder de compra.

Relatou vários casos que ela considera discriminação em seu trabalho: portugueses que chegam ao restaurante a perguntar por meninas brasileiras para trabalho de acompanhante, aos quais ela, com a autorização do proprietário, solicita que se retirem; portugueses que corrigem os garçons brasileiros quando eles colocam os talheres na mesa da “forma brasileira”⁵³ que os clientes portugueses consideram errada; e, relatou que há alguns anos houve casos de clientes portugueses que agrediram fisicamente garçons brasileiros (mais de um caso). Especificamente com ela, informou que certa vez um idoso foi sozinho ao restaurante e a chamou em sua mesa:

Eu fui porque faço a recepção, dou as explicações, trato bem os clientes. Então o velho me perguntou: “a menina brasileira já arrumou português para lhe sustentar? Eu estaria interessado” Olha isso? Eu respondi: “se eu quisesse um velho para me sustentar, ficava morando com meu pai no Brasil” (Márcia, recepcionista de restaurante brasileiro).

A resposta de Márcia ao idoso português remete a uma resistência combativa, na medida em que enfrenta diretamente a situação de discriminação. Na criação de seu filho também ressalta a importância do confronto. Relatou que quando trouxe o filho já o preparou para o preconceito que iria enfrentar na escola, e que o ensinou a “*não se humilhar, não aceitar que o rebaixem*” (Márcia, recepcionista de restaurante brasileiro). E que certa vez o

⁵³ A “forma brasileira” corresponde a segurar o garfo com a mão direita e a faca com a mão esquerda.

filho chegou em casa contando que na escola haviam brigado com ele e dito: “*porque não volta para o teu país?*” e que ele havia respondido: “*vim aqui buscar um pouco do ouro que vocês roubaram do Brasil*”(idem).

Para além destes momentos onde Márcia subjetiva-se de forma combativa, a recepcionista narrou um dilema que viveu, o qual pode ser entendido como uma dúvida entre ser afirmativa ou passiva diante da ordem discursiva <Mulher Brasileira>. Márcia afirmou que muitas brasileiras se vestem de forma provocante, e que ela também se vestia assim, era a forma como se achava bonita, era o natural para ela; mas, para evitar preconceitos, acabou mudando a forma de vestir em Portugal, a qual se tornou mais contida. Quando foi ao Brasil, sua mãe deu a ela roupas justas que delineavam seu corpo e ela se sentiu indiscreta. Ao perceber que estava sentindo-se desconfortável com as roupas justas, pensou: “*o que isso? Tô contaminada com os valores tucas [portugueses]?*” (idem). Ou seja, seu modo de vestir causava incomodo em Portugal e, por isso, foi torando-o mais contido; quando retornou ao Brasil, o modo de vestir brasileiro, que antes era a forma como se sentia bonita, causou incomodo. Márcia reagiu esta situação como um sofrimento. Não sabia se deveria afirmar seu modo de vestir “de brasileira” em Portugal e sentir incômodo aqui (o que seria uma resistência afirmativa), ou adotar o modo de vestir “de portuguesa” (resistência passiva) e sentir incômodo quando fosse visitar o Brasil.

Uma preocupação levantada por Márcia com relação à educação dos filhos remete as formas de resistências e as manifestações do racismo em Portugal. Márcia relatou que ela e sua irmã, que também vive no país e tem um filho de seis anos com um português, estavam preocupadas, pois o menino não queria afirmar-se brasileiro na escola e, ainda, não queria ser amigos das crianças negras. Segundo relatou Márcia, na escola, as crianças portuguesas tinham preconceito contra brasileiros e negros, aprendidos em casa, e o seu sobrinho, para se inserir com os “amiguinhos” portugueses estava renegando sua origem e ainda se tornando racista contra os negros. A criança estava adotando uma resistência passiva ao seguir a ordem discursiva hegemônica entre as crianças na escola, ou seja, o racismo. Mas sua mãe e sua tia buscavam construir um orgulho de ser brasileiro que remete a uma resistência afirmativa, bem como, uma crítica ao racismo, que remete a uma resistência combativa.

A problemática do racismo contra negros e brasileiros aparece também na narrativa de Fabiana, uma recepcionista de um restaurante brasileiro em Olhão, natural do estado de Goiás, de 30 anos, residente há quatro anos em Portugal. Fabiana destacou o preconceito que sofre em Portugal, referindo-se ao restaurante brasileiro como um espaço de fuga, onde o

Brasil e os brasileiros eram respeitados, porque o público que procurava uma casa brasileira já seria simpatizante do país. Em suas palavras:

Sofro muito, já sofri muito, pra você ter uma idéia, eu andando na rua em Olhão e me perguntam qual é o preço (...) Aqui [no restaurante] nunca aconteceu, só fora, aqui os clientes respeitam, porque é brasileiro eles tem respeito, gostam (Fabiana, recepcionista de restaurante brasileiro).

Uma questão destaca-se na narrativa de Fabiana. Entre as entrevistadas, com exceção da angolana Luana, Fabiana seria a única a ser identificada como negra, no Brasil. As demais, em sua maioria, seriam identificadas como brancas, algumas como mestiças ou mulatas. Em Portugal, durante a entrevista se identificaram como brasileiras e são identificadas socialmente como brasileiras. Questionadas sobre a intensão de voltar ao Brasil, algumas responderam sim, outras não, por já terem uma vida aqui (casa, família, emprego). A única que abordou o tema do preconceito, também no Brasil, foi Fabiana. A recepcionista afirmou que, em Portugal, há um preconceito muito grande contra as brasileiras, mas que não tem vontade de voltar ao Brasil, porque lá sofre preconceito contra os negros, afirmou: “*não tenho vontade de voltar ao Brasil, porque lá também sofro e aqui tenho minha mãe e outros da minha família*” (Fabiana, recepcionista de restaurante brasileiro).

O exemplo de Fabiana é ilustrativo dos diferentes processos de racialização, no Brasil e em Portugal. Fabiana é alvo da racialização no Brasil, que atinge os negros; e alvo da racialização em Portugal, que atinge as brasileiras; além da racialização em Portugal contra os negros. Fabiana sofre uma tripla estigmatização racial.

Todas as entrevistadas afirmaram a existência de preconceito contra as brasileiras. A literatura e esta Tese também apontam a existência desse preconceito, tanto no plano das práticas sociais (percebido através das narrativas das vítimas), quanto no plano ideológico (percebido através dos discursos que constroem o preconceito). Esta Tese tem demonstrado que o imaginário de <Mulher Brasileira> atinge todas as brasileiras, independente da cor, da classe e de outros demarcadores. Demonstra, também, que esse imaginário é uma forma de racialização interseccionada com gênero e sexualidade.

Neste sentido, afirma-se que o preconceito contra as brasileiras está relacionado a uma forma de construção de uma suposta “raça brasileira”, a partir do racismo. Esta suposta “raça brasileira”, que existe no imaginário português, não estaria restrita a uma cor, mas estaria relacionada a outras supostas características biológicas (como o formato do corpo), supostas características culturais (alegria, gostar de festas) e supostas características comportamentais (facilidade para o sexo). Este imaginário de <Mulher Brasileira> é, assim, um preconceito racista e sexista. No entanto, é importante ressaltar que os outros demarcadores somam-se nos

sofrimentos causados às mulheres brasileiras. Todas sofrem com o estigma racial e sexual interseccionado <Mulher Brasileira>. Existe um preconceito específico contra as mulheres brasileiras. E algumas sofrem ainda com situações de classe desfavoráveis, sofrem o racismo contra os negros, sofrem com situações de indocumentadas, entre outras.

4.3.6 A Resistência Afirmativa em exemplos da literatura

Conforme exposto no início deste subcapítulo sobre a Resistência Afirmativa, os motivos para abordar essas mulheres, que afirmam a brasilidade, identificadas em geral como as dançarinas de samba, foram: a ausência de pesquisa empírica sobre elas e com elas; e, as interpretações pouco complexas e pouco explicativas sobre essa forma de reagir ao estereótipo de <Mulher Brasileira> em Portugal que exalta a brasilidade, a qual, posteriormente, definiu-se como resistência afirmativa. Neste subcapítulo demonstrou-se como, ao ressaltar a brasilidade, as mulheres brasileiras não estão simplesmente aproveitando-se do imaginário hegemônico e, sim, resistindo a ele de forma afirmativa.

Torna-se mais perceptível a resistência contida na exaltação da brasilidade ao analisar detalhadamente o discurso dessas mulheres que supostamente beneficiam-se do estereótipo, e compará-lo a análise detalhada do discurso hegemônico construído sobre elas. Ao analisar mais detalhadamente o imaginário <Mulher Brasileira>, através da arque-genealogia dos discursos (capítulos segundo e terceiro), percebeu-se que este articula supostas características que teriam as brasileiras – beleza, simpatia, sensualidade, disponibilidade sexual – e culpabiliza as próprias imigrantes brasileiras pelo tratamento preconceituoso ao qual são submetidas. A análise neste subcapítulo demonstrou que as brasileiras que utilizam e valorizam a brasilidade percebem e criticam o estereótipo e a violência que sofrem, relatando casos de assédios e de discriminação. Ao mesmo tempo as entrevistadas demonstraram valorizar a beleza, a sensualidade e a simpatia. A dobra de subjetivação do discurso hegemônico (Foucault, 2010a) parece estar justamente na característica disponibilidade sexual. Ou seja, as brasileiras que utilizam e valorizam a brasilidade, valorizam alguns elementos do imaginário <Mulher Brasileira>, no entanto, criticam explicitamente o imaginário de disponibilidade sexual, que juntamente com a hipersexualidade, são os principais elementos da ordem discursiva. Além disso, não culpabilizam as próprias brasileiras pelo preconceito que sofrem, ao contrário do discurso hegemônico.

As brasileiras quando adotam uma resistência afirmativa, se vêem como sensuais, bonitas e alegres, mas não como disponíveis sexualmente e não como culpadas pelo

preconceito a que são submetidas. Já a ordem discursiva hegemônica na sociedade portuguesa continua a vê-las como “corpo colonial”, ou seja, sensuais, bonitas, alegres, disponíveis sexualmente e culpadas por serem diferentes e sofrerem preconceito.

A análise empírica, tanto dos discursos hegemônicos (capítulos 2 e 3) como dos discursos das próprias agentes (capítulo 4, sobretudo este subcapítulo 4.3, que analisa as brasileiras que eram julgadas como reprodutoras do estereótipo), demonstrou que os discursos não são os mesmos. Ou seja, as brasileiras afirmativas não reproduzem o estereótipo, pois não possuem o mesmo discurso. A lacuna de muitas pesquisas anteriores foi a de não perceberem a diferença entre os discursos: tanto por não analisar os discursos dessas mulheres afirmativas em específico; como por não analisar minuciosamente o que é o discurso hegemônico <Mulher Brasileira> (estereótipo). O trabalho de Pravaz (2012) é que mais se aproxima da abordagem aqui desenvolvida, pois aponta no mesmo sentido ao concluir que o samba é um território contestado, de disputas simbólicas (como também se evidenciou na análise sobre o mercado cultural da brasilidade, no capítulo 3), onde as “mulatas” buscam sua legitimação construindo um discurso próprio de valorização.

Neste sentido, que deve ser criticado é a ordem de saber-poder racista e sexista que cria essencializações e inferiorizações sobre características de grupos humanos; e não as características desses grupos humanos em si, até porque, essas características não existem de forma estável e homogênea. A virada que a perspectiva foucaultiana e descolonial pretende, como nesta Tese, é: não analisar as características de grupos humanos; mas sim, analisar a ordem (discursiva) de saber-poder que essencializa e inferioriza essas características e esses grupos humanos; bem como, analisar as múltiplas formas como os sujeitos dobram essa ordem de saber-poder e reinventam suas, supostas, características.

Torna-se necessário avançar, portanto, sobre a interpretação a qual afirma que as brasileiras que reforçam a brasilidade reproduzem e beneficiam-se do estereótipo. Entende-se que estas brasileiras fazem parte da mesma ordem discursiva, assim partilham alguns elementos do imaginário hegemônico, no entanto, produzem uma dobra no discurso hegemônico, criticando justamente aquilo que para elas é o que provoca a violência – o elemento da disponibilidade sexual e a culpabilização das próprias brasileiras. Ao retomar a análise da construção da ordem discursiva percebe-se que é justamente a característica de disponibilidade sexual que carrega uma dimensão de colonialidade. Evidenciou-se que mesmo aquelas brasileiras que supostamente aproveitar-se-iam do estereótipo, criticam-no e sentem-se vitimizadas por ele.

Ser considerada objeto sexual e exaltar sua sensualidade são aspectos diferentes para estas mulheres. Mesmo quando exaltam sua sexualidade, o fazem como liberdade sexual e criticam que muitos portugueses vejam isso como disponibilidade de seus corpos a outros. Elas constituem-se discursivamente como agentes, enquanto o discurso hegemônico construído sobre elas as constitui como objeto disponível. Neste sentido pode-se afirmar que essas mulheres resistem ao discurso hegemônico. Resistem de uma forma afirmativa, a qual corresponde a uma reversão, a uma valorização daquilo que é inferiorizado, a uma nova significação.

Piscitelli (2007a, 2007b) enfatiza a agência da mulher brasileira, ao analisar os estereótipos e as subjetividades das brasileiras no contexto do turismo sexual. Demonstra os fluxos transnacionais do mercado sexual, ao investigar o Nordeste brasileiro, a Espanha e a Itália. Referente aos estereótipos, a autora não apresenta uma investigação específica, mas argumenta que os turistas sexuais, que viajam a Fortaleza, têm uma imagem de mulher brasileira que está vinculada a cor morena e a suposta intensidade sexual; e, na Espanha, os homens que procuram as brasileiras na prostituição as associam a nacionalidade e não a cor, a uma sensualidade vista como natural, à alegria e à afetuosidade. Para a autora isso pode denotar uma diferença de imagens, no entanto, na perspectiva da ordem discursiva, como desenvolvido nesta Tese, essas tênues diferenças de imagens percebidas pela autora na Espanha e na Itália, podem remeter ao mesmo imaginário <Mulher Brasileira> em Portugal. E este imaginário pode remeter a um mesmo processo de racialização. Conforme destaca a autora em outro artigo: “Independentemente de serem consideradas no Brasil, brancas ou morenas, nos fluxos migratórios para certos países do Norte as brasileiras são racializadas como mestiças” (Piscitelli, 2008). Referente às subjetivações, a autora aponta que as brasileiras jogam com a brasilidade como uma forma de agenciar o estereótipo a seu favor.

Esse jogar com a brasilidade, quando analisado de forma minuciosa com o olhar para as práticas discursivas, como nesta Tese, evidencia que alguns elementos são rompidos e outros reconstruídos, podendo ser entendido como resistência afirmativa. A exaltação da brasilidade não é, portanto, uma simples forma de se reproduzir e se beneficiar do estereótipo; não é, também, uma simples internalização; é um jogo de forças com o discurso hegemônico. O discurso dessas mulheres rompe determinados elementos do imaginário hegemônico e utiliza-se de outros.

Destaca-se, também, a investigação de Togni (2011) que ao ressaltar a importância de abordar a heterogeneidade entre as mulheres imigrantes brasileiras em Portugal debruça-se sobre um grupo ainda pouco estudado: jovens que migram sozinhas entre os 18 e 20 anos, de

uma pequena cidade no interior do Brasil para uma região periférica da zona metropolitana de Lisboa. A autora abordou a relação entre sexualidade, identidade e migrações, apontando que o imaginário que vincula “mulher brasileira” a prostituição interfere nas construções sexuais e afetivas das jovens imigrantes. A autora ressalta que investigar essas jovens não é o mesmo que investigar outros grupos de brasileiras e como lidam com esse imaginário de “mulher brasileira”. Para suas entrevistadas ser brasileira significava uma estética e uma performance, caracterizado por usar roupas justas que mostrem as formas do corpo, saltos altos, cabelos longos alisados, maquiagem e acessórios (*idem*: 407).

Neste sentido, as jovens abordadas por Togni (2011) parecem reproduzir os ícones de brasilidade relacionados à sensualidade e, assim, adotar uma resistência afirmativa. A autora aponta que para estas jovens a imigração representa mudanças positivas: na situação econômica, pois recebem maiores salários, tem acesso a bens de consumo e melhorar as condições de moradia, mesmo mantendo a posição laboral que estavam no Brasil, prioritariamente o setor da limpeza; no acesso a um mundo de possibilidades relacionado à modernidade, a novas opções de lazer e ao convívio social; nas concepções de gênero, como adiar o casamento e a maternidade, sentir-se livre do controle dos pais, exercer uma sexualidade autônoma. Essas mudanças positivas nas condições de vida, bem como, rearranjos dos demarcadores da diferença (como um preconceito contra negros africanos no bairro em que vivem), fazem com que “ser brasileiro/a imigrante” seja valorizado. Segundo a autora, o próprio imaginário de “mulher brasileira” é vivido pelas entrevistadas como uma valorização de sua autonomização sexual, inclusive na possibilidade de fazer trabalhos sexuais.

O trabalho não apresenta, no entanto, informações sobre se em algum momento suas entrevistadas percebem e criticam o preconceito contra a mulher brasileira em Portugal. Apesar de mencionar que o imaginário de “mulher brasileira” em torno da sexualidade influencia na identificação das jovens brasileiras e na criação de um mercado sexual (*idem*: 413), a autora não critica as relações de poder presentes (entre homens brancos portugueses ricos e velhos *versus* mulheres brasileiras imigrantes pobres e jovens) enfatizando apenas a liberdade das jovens brasileiras ao ingressarem no mercado sexual (*idem*: 417). A análise de que suas entrevistadas usam o estereótipo de “mulher brasileira” a seu favor não é acompanhada de uma crítica ao estereótipo em si. Ao buscar resgatar a agência dessas brasileiras – vitimizadas em perspectivas que acreditam na internalização do estereótipo ou culpabilizadas em perspectivas que acreditam que elas reforçam o estereótipo – o trabalho acaba por esvaziar a crítica ao estereótipo. Neste ponto, diferencia-se da presente análise, a

qual analisa a relação entre saber-poder-subjetivação, demonstrando (nos capítulos anteriores) a construção da ordem discursiva, permeada de relações de poder, bem como (neste capítulo), as formas pelas quais os sujeitos resistem. Acredita-se que o fato dos sujeitos resistirem de forma afirmativa, buscando reverter o estigma a seu favor e reconstruindo determinadas características da brasilidade que julgam benéficas para si, não invalida a crítica a existência do estigma <Mulher Brasileira>.

Há, ainda, exemplos de resistência afirmativa presentes na literatura que aborda a “brasileira média”, que havia sido identificada como acionando prioritariamente a resistência passiva. Por exemplo, Silva (2008: 57) afirma que algumas de suas entrevistadas se dizem mais charmosas, mais sensuais e mais descontraídas que as portuguesas; e que algumas afirmam que nunca mudaram sua forma de ser para se “encaixar” na forma de ser dos portugueses. Isto demonstra, mais uma vez, que os modos de subjetivação são instáveis e uma mesma mulher brasileira pode adotar preferencialmente a resistência passiva, mas ter momentos nos quais se subjetiva de forma afirmativa (como as brasileiras abordadas por Silva 2008). Reafirma-se que as mulheres brasileiras são sujeitos que se subjetivam tendo que, de alguma forma, lidar com uma ordem discursiva hegemônica, reconstruindo-a, dobrando-a, ressignificando-a, de diferentes formas.

4.4 Resistência / Reexistência Combativa

Se referente ao que aqui foi definido como resistência passiva e resistência afirmativa há discussões importantes na literatura (seja abordando como “aportuguesação”, como “jogo da centralidade” ou como “internalização”), sobre o entendido como resistência combativa há um relativo silêncio⁵⁴. A resistência combativa seria a tentativa de desconstrução do discurso hegemônico, a demonstração da possibilidade de outras definições identitárias, a emergência de múltiplas brasilidades ou, ainda, identidades não nacionais. Pode ocorrer tanto no plano individual e cotidiano quanto através de ativismo organizado.

Para analisar essa forma de subjetivação combativa, foi realizada uma entrevista e aplicados seis questionários⁵⁵ a mulheres brasileiras envolvidas em alguma forma de ativismo

⁵⁴ Há trabalhos sobre associativismo de imigrantes brasileiros, já citados no capítulo 2, sub-capítulo sobre as associações, como Barreto (2011), no entanto, o enfoque é bastante diferente do que está aqui sendo proposto. Analisa-se a participação política migrante, com pouco enfoque de gênero. E mesmo quando há enfoque de gênero é referente à participação das mulheres nas associações e não aos diferentes ativismos como formas das brasileiras resistirem ao estereótipo.

⁵⁵ Ressalta-se que a intenção inicial era a realização de entrevistas, no entanto, após a primeira, optou-se por questionários. Isto porque, como a autora teve envolvimento em movimentos sociais em defesa das brasileiras

relacionado ao gênero em Portugal, totalizando sete interlocutoras privilegiadas. Evidenciou-se que essas mulheres, além de envolverem-se com alguma forma de ativismo, procuram falar abertamente e diretamente, em seu cotidiano, sobre o estereótipo da mulher brasileira em Portugal como um problema social. Há, portanto, uma terceira forma de subjetivar-se como mulher brasileira em Portugal, a qual não se aproxima da “aportuguesação” tampouco da “internalização”.

Cabe ressaltar que as interlocutoras, através das quais foi possível definir essa nova forma de subjetivação eram, em sua maioria, estudantes de pós-graduação. O fato de serem intelectualizadas pode ter sido um facilitador para articular resistências organizadas, denotando uma desigualdade de classe intragrupo no que diz respeito à capacidade de ação política. No entanto, o apoio que tiveram de mulheres brasileiras nas mais variadas inserções demonstra que a subjetivação através de uma resistência combativa no cotidiano não se restringe às intelectualizadas, é mais comum do que a literatura levaria a pensar e pode ser paralela a outras formas de resistência. Muitas mulheres trabalhadoras de classe baixa relataram, nos grupos virtuais, que “batem boca” quando alguém fala mal das brasileiras e afirmam, publicamente, que existe preconceito às brasileiras, ou seja, resistiram de forma combativa.

Referente às interlocutoras, a maioria já possuía trajetória de envolvimento com movimentos sociais no Brasil. Todas buscam relacionar sua luta social com seu trabalho (a maioria em pesquisas acadêmicas, duas através de sua arte e uma através da psicologia).

Mais especificamente, foi realizada observação participante e entrevistas com mulheres brasileiras que se envolveram no “Manifesto contra o preconceito às brasileiras em Portugal”, no “SlutWalk Lisboa”, ativistas que dentro de organizações já estabelecidas de imigrantes brasileiros buscam focar a questão de gênero, ativistas que dentro do movimento feminista português buscam focar a questão das brasileiras imigrantes e, ainda, artistas brasileiras que com seu trabalho buscam questionar, refletir e desconstruir o estereótipo. Como será analisado nos subcapítulos a seguir.

4.4.1 O Manifesto contra o preconceito às brasileiras em Portugal

Ao iniciar a análise sobre os dois movimentos observados, o Manifesto e o SlutWalk Lisboa, deve-se ressaltar que a observação participante foi, talvez, uma participação

imigrantes em Portugal, havia muito proximidade com as interlocutoras, parecendo necessário alguns momentos de distanciamento, possibilitados pelo questionário; mesmo concordando que a proximidade é positiva e faz parte de uma etnografia.

observante. Isto porque o objetivo inicial fora o de participar dos movimentos (como mulher, feminista, imigrante, brasileira e investigadora do tema), só posteriormente surgindo a ideia de analisá-los. Houve o interesse por parte da autora em participar e acompanhar os movimentos e, posteriormente, percebeu-se que esses movimentos não podiam ser negligenciados em termos de análise acadêmica, sobretudo porque fizeram emergir com clareza mulheres brasileiras que reagiam ao estereótipo de forma diferente da até então analisada pela literatura.

Acredita-se que essa fluidez entre os papéis de pesquisadora, de ativista e de brasileira, não representa demérito a investigação científica. Conforme mencionado no capítulo teórico-metodológico, em termos teóricos compartilham-se as perspectivas feministas, descoloniais e foucaultianas, as quais demonstram como o conhecimento científico sempre exerce poder e, por isso, deve ser um conhecimento engajado de forma transparente, ao invés de pretensamente neutro. Quando um investigador adota uma postura pretensamente neutra, pode acabar por reproduzir, sem perceber, discursos imbricados em relações de poder. Quando um investigador propõe-se a desconstruir discursos e demonstrar relações de poder, o fará de forma transparente, adotando uma posição crítica, que acaba por se tornar engajada, porque é necessário posicionar seu próprio discurso nas disputas discursivas. Nesse sentido, esta Tese se encontra posicionada nas tentativas de desconstrução do estigma <Mulher Brasileira> em Portugal, no entanto, assim o faz dentro das prerrogativas científicas, sendo as principais: ter uma teoria orientadora das análises, adotar uma metodologia clara para a recolha e análise dos dados, recolher material empírico significativo, e, ser transparente para permitir a crítica dos pares.

Também, em termos metodológicos, acredita-se na importância dessa fluidez entre pesquisadora, ativista, imigrante brasileira. Conforme Castro (2002) e Goldman (2003) é necessário romper a antiga dicotomia do observador *versus* observado, do sujeito que conhece *versus* objeto do conhecimento. A experiência do pesquisador como sujeito auxilia o processo de construção do conhecimento sobre outros sujeitos e a proximidade, inclusive afetiva, é importante para esse conhecimento. No entanto, também foram tomadas precauções, como a aplicação de questionários para a produção de dados um pouco mais distanciados. Ainda, como forma de controle do processo de produção do conhecimento, foi constante a reflexão sobre a relação entre ciência e política, como ilustra o trecho do diário de campo, a seguir.

Hoje senti que foi correto ter participado ativamente do movimento do Manifesto. Por um lado, desde Weber e seu famoso texto “Ciência e Política: duas vocações”, os sociólogos deparam-se com o dilema da neutralidade e a busca por separar a ciência da política. Mais recentemente,

Foucault propôs que a Ciência é Política, na medida em que é mais um discurso que exerce poder. Surgiram diversas perspectivas de conhecimento engajado, como as teorias feministas e descoloniais. Também as etnografias passaram a observar o familiar e fazer-se objeto, flexibilizando a necessidade de distanciamento e neutralidade. Por outro lado, paralelamente aos dilemas intelectuais sobre ciência e política, a sociologia encontra-se num dilema humano: como analisar um problema social e não sentir-se comprometido em ajudar a melhorar esse problema? Hoje senti que foi correto ter participado ativamente do movimento do Manifesto porque, após dois meses do movimento e já com algumas vitórias, encontrei uma das minhas interlocutoras, por acaso, em um bar de Lisboa... Era aquela que mais me emocionei durante a entrevista, aquela que havia sofrido maior violência... Ela, sabendo do Manifesto, abraçou-se, encheu os olhos de lágrimas e disse “Eu sabia que tinha que ter te contato, eu sabia que ia fazer alguma coisa, obrigada”. (Diário do Campo, Nov. de 2011).

O “Manifesto contra o preconceito às brasileiras em Portugal” já foi citado anteriormente neste capítulo, pois através dos depoimentos publicados em seu *blog*, permitiu evidenciar uma série de situações sofridas pelas imigrantes brasileiras. Para retomar: o movimento foi motivado por um caso de reprodução do estereótipo da brasileira hipersexualizada pela mídia portuguesa. Trata-se do Programa de Animação “Café Central” da RTP2, televisão pública, o qual apresenta apenas uma personagem feminina que tem o nome de Gina, fala com sotaque explicitamente brasileiro, possui uma estética erotizada e representa uma prostituta.

A seguir encontra-se uma imagem da personagem Gina, divulgada no Blog do Manifesto⁵⁶, bem como, a transcrição das falas da personagem Gina no episódio “Gina, a nova grande líder”, disponibilizado no referido blog.

Figura 29: Personagem Gina, Programa “Café Central”, RTP.



“Oi queridinhos, como correram as férias? Tudo legal? Foram à praia mergulhando e nadando muito no mar? Ou ficaram no quarto mergulhando na piscina do amor erótico feito a dois, ou a três, ou a quatro, né?”

“Se fosse eu a mandar nos destinos do país, seria tudo feito na base do sexo. Esqueçam as privatizações, comigo o negócio são as sexualizações”.

“Faça como eu: tem di pagar IVA, paga com sexo; paga IRS, paga com sexo, ué? Negociações com a Tróika? Sexo!”

“É o fim da segurança social, agora é tempo de segurança sexual. Tá escutando Pedro Mota Soares? Todos vocês se gostam dessas propostas, botem o link no meu vídeo, é a única coisa que podem botar em mim sem pagar, né? Me linka, vai!”

Fonte: Etnografia Virtual.

⁵⁶ Disponível em <http://www.manifestomulheresbrasileiras.blogspot.com/>

Em Setembro de 2011, o referido vídeo do *youtube* com este episódio de “Café Central” circulou pelas redes sociais, causando indignação principalmente de brasileiras, mas também, de brasileiros, portuguesas/es e de mulheres de outras nacionalidades. A partir dessa onda de indignação foi criado um grupo do *facebook*, com pessoas independentes, o qual se formou inicialmente com 30 participantes e, atualmente, está com cerca de 500 membros. Nesse grupo construiu-se o texto do Manifesto, o qual foi divulgado em uma página de *facebook*⁵⁷ e no *blog* citado anteriormente.

Apesar de motivado inicialmente pelo programa “Café Central”, o texto não se centrou nele: incluiu outros exemplos nos quais a mídia portuguesa (televisão, jornal impresso, publicidade) reforça os imaginários da brasileira como objeto sexual, rebaixando-a e colocando-a num lugar subalterno. O objetivo do Manifesto é a denúncia do preconceito, focando-se em exemplos nos quais a mídia o reproduz. O texto do Manifesto juntamente com as imagens utilizadas como exemplos da estigmatização circularam através das redes sociais, havendo uma grande adesão através de compartilhamentos, solicitações para fazer parte do grupo do *facebook* e cerca de 800 *clicks* na opção “gostar” da página do Manifesto nesta rede social. Esta grande adesão motivou a criação de um Abaixo Assinado virtual (petição online), o qual alcançou mais de 1.200 assinaturas. Para além dos apoios individuais, Movimentos e Organizações Sociais também apoiaram o Manifesto, através de contatos feitos via correio eletrónico. Somaram mais de 20, do Brasil e de Portugal, incluindo movimento feminista, antirracista e imigrante⁵⁸. Ainda, sete representantes do Conselho de Representantes dos Brasileiros no Exterior apoiaram o Manifesto.

Em Outubro de 2011, o Manifesto e a Petição foram entregues, por correio eletrónico, para diferentes autoridades do Brasil e de Portugal. A Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República do Brasil, a Embaixada do Brasil em Lisboa e o Alto

⁵⁷ Disponível em <https://www.facebook.com/pages/Manifesto-contra-o-preconceito-às-Brasileiras/150678238354784>

⁵⁸ Entidades que subscreveram o Manifesto: Associação ComuniDária; Observatório das Representações de Género nos Média, UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta; Movimento SlutWalk Lisboa; Coordenação Portuguesa da Marcha Mundial de Mulheres; Casa do Brasil de Lisboa; Núcleo de Estudos e Orientação Intercultural da Universidade Federal de São Paulo; Movimento Negro Unificado, coordenação Rio Grande do Sul; APEB - Associação de Pesquisadores e Estudantes Brasileiros em Coimbra; SOS Racismo – Portugal; Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Mulher e Género da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NIEM-UFRGS); Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios - NIEM - Universidade Federal do Rio de Janeiro; Associação dos Imigrantes nos Açores (AIPA); Marcha das Vadias/Movimento SlutWalk Salvador; Não te Prives - Grupo de Defesa dos Direitos Sexuais de Coimbra; FERVE - Fartos/as d'Estes Recibos Verdes; União Brasileira de Mulheres – UBM; AJPaz - Acção para a Justiça e Paz; Comitê Paraibano de Educação em Direitos Humanos; Núcleo de Cidadania e Direitos Humanos UFPB; Articulação de Mulheres Negras Brasileiras AMNB; ALCC – Associação Lusofonia Cultura e Cidadania. Disponível em <http://www.manifestomulheresbrasileiras.blogspot.com/>

Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural enviaram suas respostas de apoio ao Manifesto. A RTP, através de seu Provedor, realizou um Programa “Voz do Cidadão” para discutir o tema. A Entidade Reguladora da Comunicação Social aceitou a denúncia, realizou um processo de análise e decidiu por manter o programa. No entanto, em 30 de janeiro de 2012, o Programa voltou a ser exibido após período de férias e a personagem Gina já não está entre os personagens.

A partir do Manifesto são possíveis empreender diferentes análises⁵⁹. O movimento evidencia a importância do ciberativismo para a articulação de movimentos independentes e transnacionais, destacaram como o manifesto é um exemplo de movimento interseccionado, bem como, analisaram as diferentes formas de empoderamento. Sobre este último aspecto é importante destacar que as autoras evidenciam que houve um empoderamento geral no que se refere a visibilização do tema do preconceito às brasileiras; ocorreu, também, o empoderamento das envolvidas, mas em menor grau, pois muitas vezes sentiram a vulnerabilidade de ser imigrante como incapacidade para a ação política; e, ainda, houve um desempoderamento do movimento em si, tendo em vista que outros agentes (notadamente organizações já consolidadas) acabaram por tomar a palavra do Manifesto. Sobre a interseccionalidade as autoras destacam que movimento articulou entidades dos movimentos antirracista, feminista, imigrante, do Brasil e de Portugal; no entanto, nenhuma dessas entidades havia empreendido alguma ação específica para o problema enfrentado pelas mulheres brasileiras imigrantes em Portugal e foi preciso essas mulheres organizar-se.

A análise que se pretende aqui busca focar as mulheres que se organizaram como brasileiras imigrantes em Portugal que adotaram outra forma de reagir ao preconceito, a qual não havia sido abordada na literatura. Essas mulheres adotaram uma resistência combativa como forma de reexistir em Portugal. Obviamente o Manifesto é um evento recente e, por isto, não poderia ter sido relatado pela literatura. No entanto, o movimento é o ápice de uma resistência combativa cotidiana que é a forma de subjetivação de muitas brasileiras, essa sim, não havia sido detectada pela literatura. Além disso, outra ação semelhante ao Manifesto já havia sido realizado, com repercussão pequena, mas ainda assim, foi um movimento de mulheres que buscavam resistir de forma combativa. A líder desse manifesto anterior foi uma das entrevistadas.

Renata, uma professora universitária, com grau de Doutora, natural do estado de São Paulo, de 40 anos, que viveu dois anos em Portugal, para um estágio na Universidade de

⁵⁹ Conforme referido anteriormente o Manifesto está analisado de forma mais detalhada em um artigo conjunto com a orientadora, o qual será publicado brevemente.

Coimbra, foi vice-presidente da Associação de Pesquisadores e Estudantes Brasileiros de Coimbra⁶⁰ (APEB). Nesta associação realizaram ações contra o preconceito às brasileiras. Uma das ações foi a entrega de uma carta, de manifesto e de denúncia, contra um episódio de um programa de humor⁶¹, exibido pelo canal de televisão SIC (Sociedade Independente de Comunicação). No programa, os personagens falam explicitamente que no Brasil só há prostitutas e futebolistas. A carta foi entregue a SIC e a órgãos oficiais brasileiros. A outra ação foi um evento político e acadêmico, realizado em 2008, na Universidade de Coimbra, envolvendo diversas entidades do Brasil e de Portugal, sobre o tráfico internacional de mulheres para fim de exploração sexual, no contexto luso-brasileiro.

Para Renata a principal dificuldade enfrentada em Portugal é o cotidiano, marcado pela agressividade dos portugueses e pelo preconceito contra brasileiras, o qual se manifesta através de abordagens desagradáveis nos espaços públicos, maus tratos no comércio e nos serviços, entre outros. Segundo a interlocutora, as brasileiras são sempre associadas a prostitutas ou consideradas como sexualmente disponíveis. Pode-se refletir que é por ser tão cotidiano que esse preconceito contra as brasileiras atinge a todas transversalmente e marca suas experiências migratórias de forma definitiva, sendo, todas as brasileiras, obrigadas a lidar com esse preconceito, resistindo e reexistindo de diferentes formas.

A forma encontrada por Renata foi a de organizar-se em uma associação e através dela realizar algumas ações de denúncia e sensibilização contra o preconceito. Segundo Renata, para combater o preconceito são importantes: ações de sensibilização; mudanças na imagem do Brasil que sempre foi vinculada a mulheres e praias; e, mudanças nas notícias sobre as brasileiras em Portugal, divulgando brasileiras em diferentes atividades, funções e trabalhos e não só vinculadas à prostituição. As ações que sugere para combater o preconceito, bem como, o fato de ter protagonizado ações coletivas como forma de resistir ao preconceito, sugerem a percepção do problema do preconceito de forma política, social e cultural. Esta característica aparece nas narrativas de todas as entrevistadas envolvidas em alguma forma de ativismo, identificadas como brasileiras que adotam a resistência combativa como forma de subjetivação.

Juliana, estudante de Doutorado, de 29 anos, há 5 anos vivendo em Portugal, uma das coordenadoras do Manifesto contra o Preconceito às Brasileiras, também percebe o preconceito como problema social. Para ela uma das maiores dificuldades enfrentadas foi o preconceito, bem como, ter que sujeitar-se a trabalhos inferiores a sua qualificação – o que

⁶⁰ Disponível em: <http://apebcoimbra.webs.com/apps/blog/>

⁶¹ Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=vw3o8GMKFg8>

também pode ser interpretado como forma de discriminação dos imigrantes. O preconceito estaria relacionado, em sua opinião, com uma hipersexualização da mulher brasileira, que teria origens históricas e afetaria todos os âmbitos da vida das brasileiras em Portugal. Sendo que para combatê-lo seria necessário um longo processo de conscientização.

Esta percepção do preconceito como problema social é o que diferencia a resistência combativa da resistência passiva. As narrativas das brasileiras que adotam a resistência passiva, como analisado anteriormente, eram marcadas pela perspectiva individual do preconceito: tanto da causa, que recaía sobre algumas mulheres culpadas; como da solução, que era mudar seus comportamentos e afastar-se do estereótipo de forma individual.

As brasileiras que adotam uma resistência combativa afirmam, em suas narrativas, identificarem-se com o engajamento social, buscam desenvolver seu trabalho com uma preocupação social e já haviam participado ou eram simpatizantes de diferentes movimentos sociais no Brasil. Renata inicia seu engajamento social no Brasil, onde já procura aliar sua pesquisa acadêmica com a intervenção social. O mesmo se verifica nas interlocutoras que participaram ativamente do Manifesto. Juliana, por exemplo, foi criada em um ambiente que valorizava o ativismo social, com pais envolvidos em movimentos sociais e organizações da Igreja Católica com caráter social. Em Portugal, empreendeu um ativismo de forma mais virtual, sendo uma pessoa central nas redes de brasileiros através da internet, as quais, segundo ela, servem como rede de solidariedade, trocas de informações e ajuda.

Conforme Voicu e Ruso (2012) os imigrantes que se envolvem em ativismo no país de destino, em geral, já haviam participado de alguma forma de ativismo no país de origem; e, as mais ativas ou protagonistas são aquelas que ainda mantêm laços com os movimentos do país de origem ou que já possuíam experiências de ativismo suficientemente consolidadas. No caso do Manifesto contra o preconceito às brasileiras, as principais protagonistas possuíam vínculo, ainda ativo, com movimentos sociais no Brasil.

As brasileiras ativistas, ao responderem o questionário, afirmaram-se feministas. Suas definições de feminismo foram variadas. Renata considera o feminismo como a luta por igualdade de direitos e por reconhecimento. Juliana também se considera feminista, entendendo que *“ser feminista é ficar atenta à todas as formas de preconceito de gênero e lutar para que as desigualdades não se perpetuem. É o que eu tento fazer, às vezes de forma mais organizada (participando de movimentos e manifestos) outras vezes mais informalmente (na minha experiência cotidiana)”*.

Destaca-se, portanto, que estas ativistas possuem uma consciência social e buscam atuar de diferentes formas contra o preconceito. Não percebem apenas o preconceito contra as

brasileiras, mas envolvem-se em outras lutas sociais. Neste sentido evidencia-se que uma das críticas empreendidas contra o Manifesto, nas redes sociais virtuais, não faz sentido. Trataram-se das tentativas de deslegitimação do Manifesto, por parte de portugueses, alegando que também há preconceito contra portugueses no Brasil. As respostas da coordenação do Manifesto a essas acusações buscavam esclarecer que lutar contra o preconceito às brasileiras em Portugal não representava reforçar outros preconceitos, bem como, lutar contra uma forma de preconceito não significa que se está lutando contra todas as formas, mas que isso não invalida uma luta. A coordenação buscava evitar que a discussão contra o preconceito se tornasse uma disputa nacionalista entre portugueses e brasileiros, ressaltando que apoiariam se houvesse um manifesto contra o preconceito que os portugueses sofrem no Brasil, no entanto, esse preconceito não é tão grave como se verifica contra as brasileiras em Portugal.

Por fim destaca-se que uma das nove entrevistadas que trabalham no mercado cultural da brasilidade, citadas no subcapítulo anterior, entendidas como mulheres que se subjetivam prioritariamente através da resistência afirmativa, participou ativamente do Manifesto, contribuindo, inclusive, na coordenação do movimento. Nesse sentido, volta-se a ressaltar que uma mesma mulher brasileira pode se subjetivar de diferentes formas, adotando as diferentes resistências aqui identificadas. Por isso, o que se classifica aqui são as formas de resistência, ilustradas a partir de exemplos de mulheres que em suas narrativas demonstraram adotar preferencialmente aquela resistência. Mas não são as mulheres que são classificadas, pois não se pretende criar um novo processo de essencialização.

Ressalta-se, ainda, que a presidente da Associação ComuniDária, citada no capítulo dois, entre os discursos institucionais sobre a imigração, participou ativamente do Manifesto e também do SlutWalk (que será analisado a seguir). A Associação é a única entidade feminista que trabalha com imigrantes e sua presidente é brasileira, portanto, ela também poderia ser incluída como uma brasileira que adota a resistência combativa como forma de subjetivação.

4.4.2 As brasileiras no SlutWalk Lisboa

O SlutWalk Lisboa realizou-se em Junho de 2011, somando cerca de 200 pessoas, organizadas através de um grupo na rede social facebook. O movimento de Lisboa, tímido se comparado a outras capitais (tanto em termos numéricos como relativamente a ousadia das manifestantes), seguiu a onda global de mobilizações, iniciada no Canadá, quando um policial, em uma palestra sobre os estupros na universidade, culpou as próprias jovens

universitárias vítimas de estupro, afirmando que elas deviam se comportar de forma mais adequada e vestir roupas mais adequadas. Com roupas consideradas pelo patriarcado como “provocantes” e cartazes com frases como “não digam para as mulheres como se comportar, digam aos homens para não estuprar”, as jovens marcharam um pouco por todo o mundo. Utilizaram a palavra “Slut” ou “Vadia” justamente para problematizar a categorização que as mulheres sofrem em função do machismo que julga seus comportamentos, atitudes e formas de vestir, quando não faz o mesmo com os homens. Ao reivindicar a palavra “Slut” buscavam desconstruir o machismo e o sexismo que construíram a carga negativa para a palavra, utilizada para vigiar a sexualidade das mulheres, estigmatizando as que possuíam um comportamento sexual livre e as profissionais do sexo. Ao dizer “somos todas vadias” o movimento pretende deslegitimar a estigmatização de algumas mulheres como “vadias” e lutar pela “autodeterminação sexual em qualquer circunstância”.

No grupo de Lisboa, uma brasileira, estudante de Mestrado⁶², propôs que fossem abordadas as diferenças entre as mulheres e que no próprio documento oficial do SlutWalk Lisboa essas diferenças fossem lembradas, principalmente a questão das mulheres brasileiras que eram vítimas prioritárias do preconceito machista em Portugal. O apelo foi logo apoiado por outra brasileira, líder de uma associação de imigrantes, feminista, já citada Associação ComuniDária. Durante a observação participante, no universo virtual, acompanharam-se as enormes discussões que este apelo gerou. Frases como “isso vai dividir o movimento”, “somos todas mulheres, somos todas vítimas”, eram recorrentes. Uma portuguesa, feminista e militante antirracista com longa experiência, que inclusive havia lutado pela independência das colônias, aderiu a causa das brasileiras e passou a defender a necessidade de abarcar as diferenças e as intersecções. O grupo de moderadoras, jovens, porém com experiência feminista, aceitaram as reivindicações e várias intersecções (classe, orientação sexual, “raça”, nacionalidade) compuseram o manifesto da SlutWalk Lisboa⁶³, o que era centrado no slogan “Não é Não”.

As intersecções também se fizeram presentes na Marcha. Um exemplo foi uma mulçumana (ativa no grupo virtual) que participou da manifestação de véu levando um cartaz onde lia-se “de saia ou véu, o corpo é meu”⁶⁴. Outro exemplo foi de uma portuguesa que

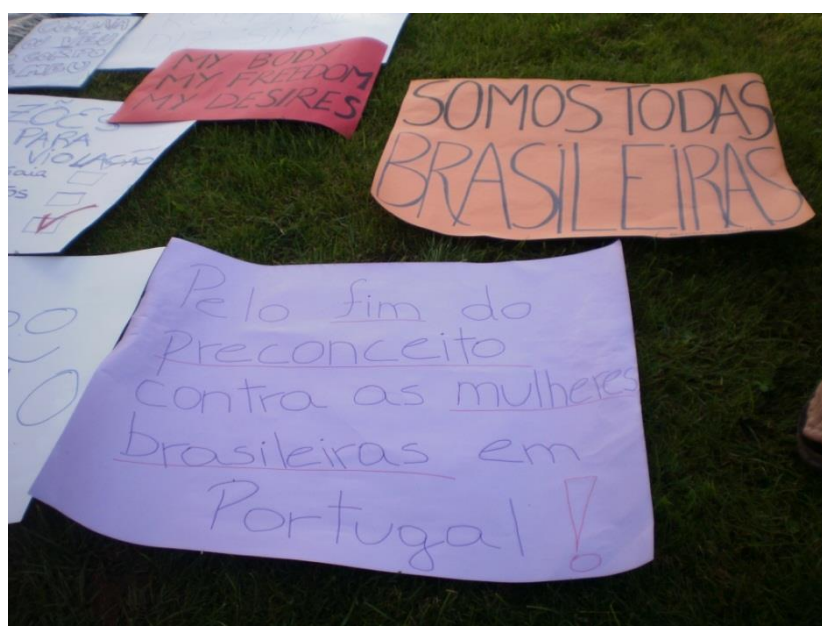
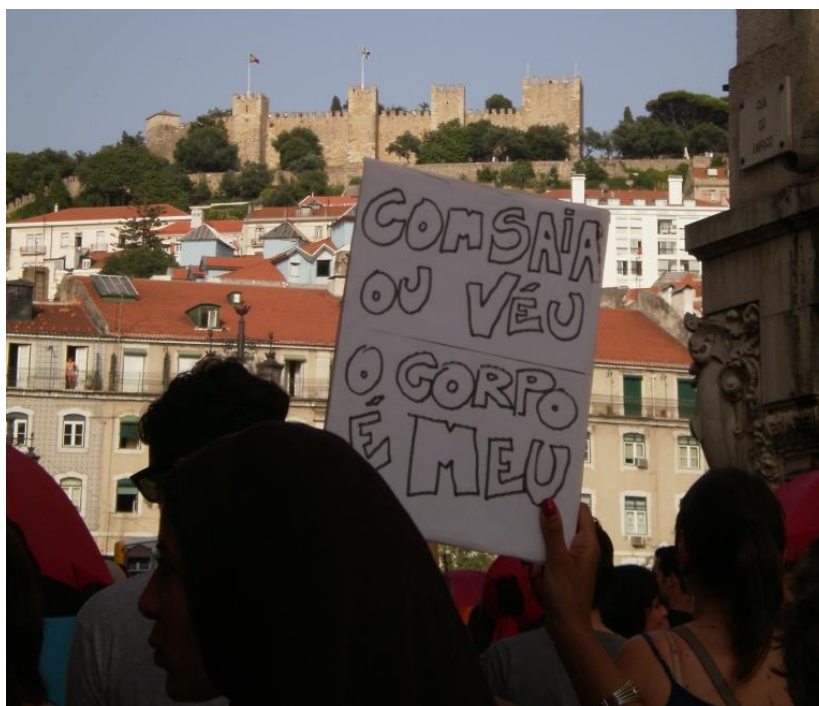
⁶² Infelizmente não foi possível a realização da entrevista, tampouco a aplicação do questionário, por motivos pessoais da interlocutora. Nesse sentido, ela não está contabilizada entre as 7 interlocutoras citadas neste subcapítulo. A análise do SlutWalk é feita a partir da participação observante nas redes sociais e na manifestação em si.

⁶³ Disponível em: <http://slutwalklisboa.wordpress.com/>

⁶⁴ Uma abordagem introdutória sobre o feminismo islâmico, ver a entrevista com Azadeh Kian-Thiébaud publicada por Rial (2008).

levou o cartaz “somos todas brasileiras”, em solidariedade as brasileiras. As imagens a seguir são ilustrativas desta diversidade.

Figura 30: Imagens do SlutWalk Lisboa, Junho de 2011.



Fonte: Pesquisa de Campo.

Conforme mencionado anteriormente na Tese, segundo Al-Saji (2010) as mulçumanas são racializadas através dos estereótipos sobre o véu islâmico. De forma semelhante as brasileiras são racializadas, inferiorizadas e estigmatizadas em Portugal por supostas

características comuns, como andar mais despida, sorrir, dançar. Bem como, as mulheres em geral são estigmatizadas em sua sexualidade ao vestirem-se de determinada forma. Essa estigmatização do corpo da mulher é o foco de luta do movimento SlutWalk.

A Associação ComuniDária empreendeu uma campanha virtual vinculada ao slogan “Não é Não” da SlutWalk, especificamente para as brasileiras, divulgando a foto de uma passista, vestida nas cores que identificam o Brasil (verde e amarelo), com o slogan “Não é Não”. O objetivo era o mesmo da SlutWalk, qual seja: utilizar os símbolos dos estereótipos e afirmar que independente de qualquer coisa as mulheres devem ser respeitadas, não devem ser assediadas, não devem ser estupradas. A seguir a imagem divulgada nas redes sociais pela Associação ComniDária.

Figura 31: Campanha “Não é Não”, vinculado ao SltuWalk Lisboa, com foco nas brasileiras.



Fonte: Etnografia Virtual. Página do Facebook da Associação ComuniDária.

A iniciativa do SlutWalk, que diferencia-se de outras iniciativas feministas por utilizar diretamente os estereótipos para desconstruí-los, tem sido interpretada como uma forma de pós-feminismo ou feminismo do século XXI. Jasseica Valenti, autora de livros sobre as mulheres, líder feminista e fundadora de um importante blog feminista dos Estados Unidos da

América (feministing.com), publicou um artigo no *The Washington Post*⁶⁵, destacando que, 40 anos após a queima dos sutiãs, as mulheres voltam a tomar as ruas contra as opressões de seus corpos e de suas sexualidades. Desta vez, são jovens que não estão organizadas em associações, os movimentos são organizados por redes sociais virtuais e conseguiram uma grande repercussão mundial, reavivando o feminismo. Para a autora, os objetivos são os mesmos que o feminismo vem perseguindo há décadas: a liberdade sexual das mulheres e a não culpabilização das vítimas de violações. O que muda é o método de ação, que surge de forma espontânea e sintonizada com as jovens do século XXI.

Esta forma de atuação da SlutWalk tem gerado, também, polêmicas. A principal ocorreu com relação ao feminismo negro norte-americano que afirmou que este movimento não as representa⁶⁶. Isto porque o estereótipo de disponibilidade sexual dos corpos das mulheres negras seria tão forte e teria causado tantos prejuízos a estas mulheres que seria impossível reivindicá-lo, mesmo que com a finalidade de desconstruí-lo. As mulheres negras nos Estados Unidos da América estariam ainda lutando para não serem consideradas sempre como “vadias” e, por isso, seria muito difícil e arriscado adotar uma posição do tipo “somos todas vadias”. Não haveria espaço ou margem simbólica para as mulheres negras reivindicar a palavra “slut”.

Pode-se entender que o mesmo se passa com as mulheres brasileiras em Portugal. Isto porque a tentativa de desconstrução mais radical do estereótipo “vadia” proposta pela SlutWalk, quando aplicada às brasileiras, acabou por não funcionar e por reproduzir o estereótipo. Essa afirmação diz respeito à repercussão que o movimento teve na mídia portuguesa, notadamente uma reportagem sobre o movimento, publicada no Diário de Notícias, edição do dia 26/06/2011. Na reportagem, aparece uma foto onde o fotógrafo parecia esperar o momento certo para conseguir uma imagem que reproduzisse os estereótipos e desconstituísse o movimento. Ocorreu o seguinte: uma das manifestantes estava vestida conforme a proposta da Marcha, com roupas usualmente consideradas como de “Vadia”; outra manifestante levava o cartaz “Somos todas brasileiras” no sentido de manifestar a solidariedade das portuguesas com as brasileiras, buscando passar a mensagem de que se a sociedade portuguesa tem preconceito contra as brasileiras terá que ter contra as portuguesas também; em determinado momento a manifestante vestida com as “roupas de vadia” abaixou-

⁶⁵ Disponível em: http://www.washingtonpost.com/opinions/slutwalks-and-the-future-of-feminism/2011/06/01/AGjB9LIH_story.html

⁶⁶ Entidades do feminismo negro norte-americano, bem como, intelectuais e advogadas negras divulgaram uma carta aberta expondo os motivos pelos quais o SlutWalk não as representava, intitulada “An Open Letter from Black Women to the SlutWalk”. Disponível em: <http://www.blackwomensblueprint.org/2011/09/23/an-open-letter-from-black-women-to-the-slutwalk/>

se para colocar o seu cartaz no chão, onde todos os cartazes estavam sendo colocados, neste exato momento o fotógrafo fez a foto ao lado do cartaz “somos todas brasileiras”, conforme é possível ver na imagem a seguir.

Figura 32: Galdérias desfilaram em Lisboa contra a “moral machista”.

Reportagem do Diário de Notícias, edição do dia 26/06/2011.



Fonte: Pesquisa documental.

Esta reportagem gerou uma onda de indignação por parte do próprio movimento SlutWalk e, posteriormente, foi um dos alvos da crítica empreendida pelo Manifesto contra o preconceito às brasileiras. As críticas denunciaram a manipulação da mídia, que ao colocar a foto de uma “bunda” ao lado do cartaz das brasileiras reforçou o estereótipo, exatamente ao contrário do objetivo do movimento SlutWalk. Neste sentido, percebe-se que a crítica das feministas negras nos Estados Unidos da América talvez faça sentido com relação às brasileiras em Portugal, o estereótipo de “vadia”, “galdéria” é tão grave e violento com relação a estes grupos que não parece possível, ainda, uma tentativa de desconstrução tão ousada e radical. Não parece haver margem simbólica para reivindicar a palavra “vadia” como tentativa de desconstrução, no caso das brasileiras em Portugal.

O objetivo do SlutWalk é acabar com o estigma de “vadia” que atinge as mulheres, desconstruindo-o, deslegitimando-o, mostrando a liberdade das mulheres, reivindicando a palavra “vadia” para o feminismo e tirando-a do machismo. No entanto, certos grupos mais vulneráveis parecem não conseguir resultados positivos com o mesmo método. Este método do SlutWalk, se pensado em relação às formas de resistência das brasileiras, estaria mais próximo da resistência afirmativa, tendo em vista que busca desconstruir determinados elementos do discurso hegemônico utilizando o mesmo discurso, ou seja, busca reverter o

discurso através da afirmação. No entanto, devido à gravidade do estereótipo em torno das brasileiras, a exemplo das mulheres negras norte-americanas, uma resistência combativa, no sentido mais tradicional de crítica ao estereótipo, como foi o Manifesto contra o preconceito às brasileiras, parece mais eficaz. Apesar disto, não parece correto afirmar que as brasileiras que adotam a resistência afirmativa, bem como, as negras e brasileiras envolvidas no SlutWalk, estão reproduzindo o estereótipo. Estas mulheres podem não estar combatendo-o da forma mais eficaz, tendo em vista a gravidade do estereótipo e a pouca margem simbólica para reverter o preconceito a partir do mesmo discurso, mas estão sempre procurando reexistir de alguma forma ao discurso hegemônico que as estigmatiza.

Estas diferenças de percepção e de impacto em diferentes grupos, demonstra que, apesar de ter um foco que pretendia unir todas as mulheres, a libertação da mulher, especialmente em relação ao corpo e a sexualidade, o movimento SlutWalk é interseccionado. Com relação às percepções foi possível evidenciar as disputas próprias de uma demanda interseccionada, especialmente nas discussões sobre a necessidade ou não de abordar os diferentes grupos de mulheres (lésbicas, imigrantes, brasileiras, mulçumanas, etc.). Sobre os impactos demonstrou-se que foram diferentes para o grupo das brasileiras. As intersecções emergem também nas trajetórias de brasileiras feministas que atuam em associações de imigrantes e de brasileiras imigrantes que atuam em associações feministas, como será analisado a seguir.

4.4.3 Feministas em Associações de Imigrantes, Imigrantes em Associações Feministas

Dentre as brasileiras que demonstraram subjetivar-se prioritariamente de forma combativa, encontram-se três interlocutoras que atuam ou aturam em organizações sociais institucionalizadas, com trabalho reconhecido em Portugal. Mariza é uma estudante de Doutorado que vive há oito anos em Portugal e fez parte do corpo diretivo de uma importante associação de imigrantes brasileiros, buscando pautar discussões de gênero e focar as mulheres brasileiras. Rosane, também estudante de Doutorado, vive há quatro anos em Portugal e foi membro da coordenação do grupo português de uma importante organização feminista internacional, além de ter participado da coordenação do Manifesto contra o Preconceito às Brasileiras em Portugal. Daniela é uma psicóloga que vive há 23 anos em Portugal e atua tanto em uma organização de imigrantes brasileiros como em uma organização feminista.

Assim como as ativistas já citadas nos subcapítulos anteriores, Rosane já possuía uma trajetória de participação política no Brasil, reforçando o argumento de Voicu e Ruso (2012). A interlocutora relata que desde o Ensino Médio (que corresponderia ao 10º, 11º, 12º anos em Portugal) começou a participar no movimento estudantil, o que se aprofundou quando frequentou a Universidade. Antes de migrar para Portugal, realizou um estágio nas Nações Unidas, em Nova Iorque, no setor de gênero. Seu trabalho acadêmico, desde o Brasil, esteve voltado para questões sociais, buscando aliar o engajamento social e político com a pesquisa acadêmica. Em Portugal, o centro de investigação onde está inserida é reconhecido por seu enfoque crítico e engajado na mudança social, o que para ela é muito importante. Além da militância feminista, Rosane aproximou-se do partido Bloco de Esquerda (posição de extrema esquerda) em Portugal. Daniela, que cresceu em um ambiente de ativismo social e político, também ressaltou aliar seu trabalho de psicóloga com seu engajamento social, buscando uma intervenção com o indivíduo, do ponto de vista social, emocional e psíquico. Assim como Mariza, que enfatizou aliar suas pesquisas acadêmicas com suas preocupações sociais.

Especificamente sobre a militância feminista, Rosane e Daniela destacaram que nunca houve preconceito contra elas dentro do movimento feminista pelo fato de serem brasileiras. No entanto, segundo Rosane, o tema da mulher imigrante não é discutido, não se apresenta como uma pauta em si, apesar de ser perpassado em várias discussões. Já para Daniela existe um apoio do movimento feminista a causa das imigrantes e uma reflexão sobre os estereótipos associados às brasileiras em Portugal.

A intersecção mulher imigrante parece estar presente no movimento feminista português, no entanto de uma forma pouco refletida e pouco enfatizada. Este mesmo silêncio sobre a mulher imigrante encontra-se na associação de imigrantes brasileiros, na qual Mariza atua. Sobre as ações voltadas para as mulheres imigrantes Mariza resalta que: “*as demandas começam a vir das imigrantes, não é uma preocupação institucional*”.

Mariza narrou que quando trabalhava com atendimento para auxiliar na inserção profissional dos imigrantes brasileiros, na mesma associação na qual se tornou dirigente, começaram a aparecer casos de violência doméstica. A associação não estava preparada, seu trabalho centrava-se no aconselhamento jurídico e na inserção profissional. Por iniciativa individual, Mariza e outra companheira buscaram auxílio em organizações feministas para atender aos casos de violência doméstica, que eram, sobretudo, praticadas por homens portugueses casados com mulheres brasileiras. Muitas mulheres encontravam-se na situação de indocumentadas e eram ameaçadas pelo marido que as amedrontavam dizendo que após uma denuncia deles, sobre a situação ilegal delas, elas perderiam a guarda dos filhos.

Outras demandas vinculadas às mulheres começaram também a pressionar a instituição, como casos de assédio sexual, de discriminação nos serviços de saúde, de reforço dos estereótipos negativos das brasileiras na mídia. Pressionada pelas demandas e pelas discussões acadêmicas sobre as brasileiras, a associação começou a preocupar-se com o tema. No entanto, as ações são realizadas mais pelas dirigentes que têm uma posição feminista do que pela instituição em si. Inclusive ela e outras dirigentes fizeram um projeto específico para tratar do tema do preconceito às brasileiras e encontraram resistências por parte da presidência, também, não conseguiram financiamentos até o momento. Não há ainda um Gabinete específico para trabalhar gênero e migração dentro da associação. Para Mariza seria importante a existência do Gabinete, no entanto, deveria ter uma perspectiva ampla de gênero, trabalhando não só os problemas que afetam as mulheres brasileiras, mas também, os transexuais, travestis, homossexuais e a própria masculinidade brasileira, a qual começa a ser estigmatizada pela mídia através dos estereótipos de malandragem e de criminalidade.

Além das ações através da associação, Mariza tentou realizar uma ação organizada através da rede social *facebook*, não específica sobre as mulheres brasileiras, mas com o enfoque de combate ao racismo contra os imigrantes. Tratou-se do evento “*Vamos Limpar!*”⁶⁷ proposto em Setembro de 2011, com objetivo de mobilizar as pessoas para limpar o muro no Largo de São Domingos, onde a frase “Lisboa, cidade da Tolerância” está escrita em 34 línguas. O muro havia sido vandalizado com a seguinte frase: “*Ódio! Portugal aos portugueses*”, como pode ser visto na imagem a seguir. A mobilização acabou sendo lenta e a própria Câmara de Lisboa fez a limpeza do muro.

Figura 33: Pichações racistas no muro “Lisboa: cidade da tolerância” no Largo de São Domingos.



Fonte: Etnografia Virtual. Página “*Vamos Limpar!*” do Facebook.

⁶⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/events/221493054571327/>

Daniela e Rosane afirmam-se feministas. Para Rosane ser feminista é ter práticas e discursos “*de acordo com algumas ideias muito fortes dos feminismos, isto é, luta pela igualdade de gênero, entre homens e mulheres, de uma forma não opressora e homogenizadora*”(Rosane, estudante de Doutorado). Daniela enfoca o caráter mais cotidiano do feminismo, a necessidade de construção da igualdade entre homens e mulheres nos ambientes familiares e a importância do pensamento crítico. Já Mariza afirma que prefere não classificar-se de nenhuma forma, nem como feminista, apesar de afirmar que compartilha de diversos pressupostos do feminismo e da luta em defesa das mulheres.

Sobre o preconceito contra as brasileiras, Mariza, Daniela e Rosane, assim como as demais ativistas citadas anteriormente, percebem o preconceito como um problema social e buscam reagir a ele de forma organizada e cotidiana.

Rosane destaca que a principal dificuldade enfrentada em Portugal é o fato de: “*ser mulher imigrante de um país ex-colônia em um Portugal conservador, racista e machista*”. Para a interlocutora o imaginário da brasileira como uma “*mulata sexualizada*” é muito presente na sociedade portuguesa e teria “*causas históricas que remontam a relação colonial entre Brasil e Portugal, mas que foram alimentadas por discursos atuais midiáticos, oficiais e acadêmicos, bem como pelas próprias conversações comuns*”. O preconceito, segundo ela, deve ser combatido através da divulgação de outras imagens sobre a mulher brasileira, regulação da mídia portuguesa e atuação do Governo Brasileiro em casos de preconceito e discriminação às brasileiras. Evidencia-se que a perspectiva de Rosane – tanto sobre as causas do preconceito, como sobre as formas de enfrenta-lo – é social e não individual. Sua forma de resistir ao preconceito é, portanto, combativa. A resistência combativa como forma de subjetivar-se em Portugal manifesta-se, também, na narrativa sobre sua forma de reagir a situações de preconceito. Em suas palavras:

Tentando desconstruí-lo [o preconceito] sempre que possível através do discurso e da prática, buscando mostrar, quando possível, de onde vem, porque existe e quais suas consequências e o porquê de ser desigual e opressor. Quando me atinge pessoalmente, alguma situação em um café ou no banco, ou numa loja, falo, pontuo, exijo respeito (Rosane, estudante de Doutorado).

Daniela também descreve o preconceito contra as brasileiras como um problema social, destacando as causas históricas e o papel da mídia. Um aspecto relevante mencionado por Daniela é o papel do fascismo português no fechamento das mentalidades no país e na perpetuação de pensamentos coloniais que vêem as antigas coloniais como lugares sem regras e sem racionalidade. Para combater o preconceito seria necessário um “*amadurecimento*

intelectual, sensibilização e intervenção com as gerações mais novas. Combate às políticas de direita que enaltecem a Europa como o centro do mundo desvalorizando as outras nações e culturas”.

Mariza destaca que além da sexualização o estereótipo é caracterizado pela subordinação. A brasileira é representada como sexualizada e submissa; sendo que esta submissão se relaciona com ser passiva, com a aceitação de relações menos igualitárias, como a relação Brasil-Portugal (onde Portugal quer ver o Brasil como subordinado) e com o fato de ser imigrante. Para Mariza, o jeito de falar, de se vestir, de se comportar da brasileira é lida de uma de forma deformada, é mal interpretada pelo preconceito. E isto se manifesta em diferentes espaços. Mariza afirma: *“Eu acho que não sei de algum lugar onde eu nunca fui discriminada”*. Referente à forma como resiste no cotidiano, Mariza narra que no início sofria muito e não conseguia reagir, mas depois sim. Segundo ela: *“Eu vi que era necessário ter o embate, era necessário responder”*. Assim, Mariza exemplifica a resistência combativa, não só no envolvimento em formas de ativismo social, mas também no cotidiano.

4.4.4 A Arte Crítica das Brasileiras

Outra forma de resistência combativa foi identificada durante a pesquisa de campo. Para além da participação em movimentos sociais (manifesto, slutwalk) e em organizações sociais (associações de imigrantes, entidades feministas), dois trabalhos artísticos emergiram como importantes espaços de resistência das brasileiras.

Letícia Barreto e Janaína Teles⁶⁸ são duas artistas brasileiras que tiveram trajetórias parecidas em Portugal. Ao chegar se depararam com o estereótipo em torno da mulher brasileira, decidindo realizar trabalhos artísticos, associados a suas teses de Mestrado, com objetivo de desconstruir o estereótipo através da arte. Ambas participaram do movimento do Manifesto contra o preconceito às brasileiras em Portugal, sendo que Letícia fez parte da coordenação e um de seus trabalhos artísticos serviu de marca visual do Manifesto.

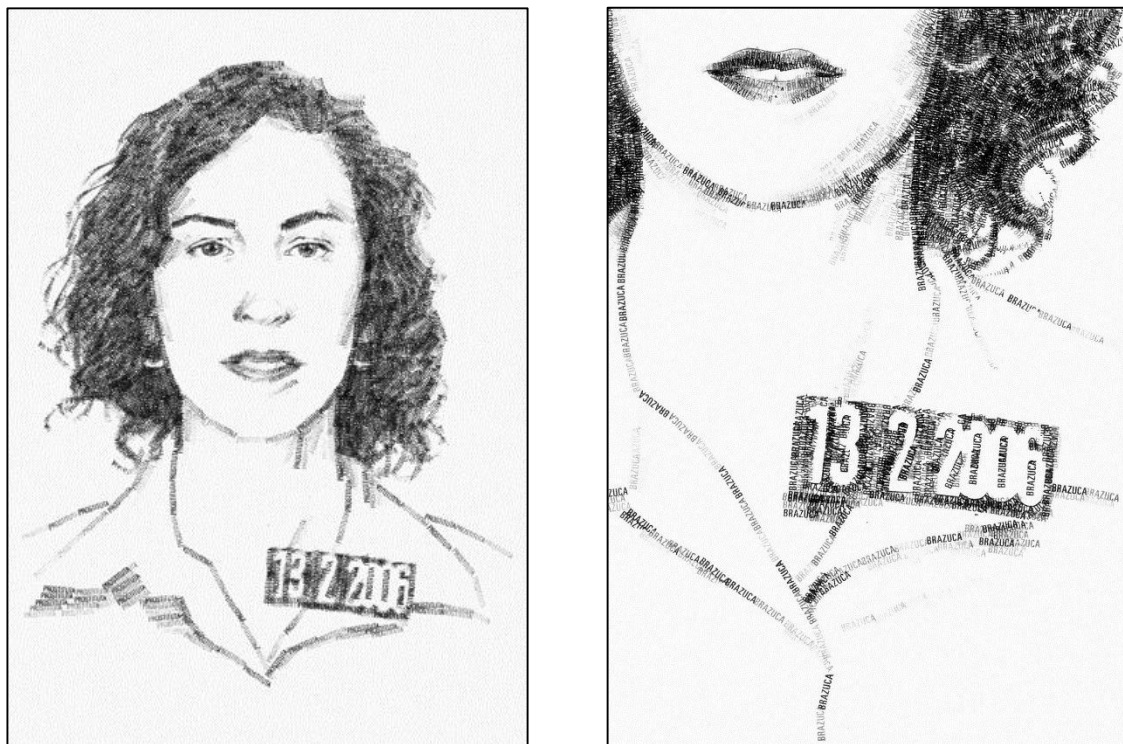
Letícia vive há cinco anos em Portugal. Migrou devido a um convite para dar aulas de pintura e desenho em uma escola de arte em Lisboa. Paralelamente, realizou um Mestrado em Artes Visuais e Intermédia na Universidade de Évora. Assim como as demais brasileiras que se envolveram em alguma forma de ativismo em Portugal, Letícia possuía uma trajetória de ativismo social no Brasil, onde participou de projetos sociais; bem como, desde os 13 anos, já

⁶⁸ Os nomes verdadeiros foram mantidos neste caso, por vontade das interlocutoras, tendo em vista que serão mencionados seus trabalhos autorais, bem como, serão divulgados seus *blogs*.

fazia charges e caricaturas com viés crítico, com incentivo dos pais. Sempre procurou aliar seu trabalho artístico com um engajamento social. Em suas palavras: “*eu sempre acreditei que a arte deve estar a serviço do despertar da consciência crítica das pessoas*”.

Os trabalhos que Letícia desenvolveu durante o Mestrado têm como objetivo a desconstrução do estereótipo da brasileira em Portugal. Em seu *blog* “Ser Brasileira em Portugal: uma brasileira que resolveu transformar em arte sua experiência de imigrante em Portugal”⁶⁹ é possível visualizar grande parte do projeto. O trabalho intitulado “Estrangeiro em Mim” é composto de diversos desenhos reproduzindo a foto do passaporte de Letícia: de longe todos parecem o mesmo, de perto percebe-se que cada um dos desenhos foi construído com um carimbo de uma palavra diferente que remete ao preconceito às brasileiras. A seguir algumas imagens:

Figura 34: Trabalho artístico de Letícia Barreto. Série Carimbos: “Prostituta” (esq.); “Brazuca” (dir.).



Fonte: Etnografia Virtual. *Blog* da artista Letícia Barreto.

Durante o Mestrado realizou, também, montagens *mixed media*. As montagens foram feitas juntamente com suas entrevistadas, procurando transformar em arte os sentimentos

⁶⁹ Disponível em: <http://brazucaemp Portugal.wordpress.com/>

diante do preconceito às brasileiras. O resultado são peças de arte que buscam questionar, criticar, fazer refletir sobre esse preconceito. A seguir imagens de alguns dos seus trabalhos.

Figura 35: Trabalho artístico de Letícia Barreto. “Paulinha – Meio”. Intervenção sobre embalagem.



Fonte: Etnografia Virtual. Blog da artista Leticia Barreto.

Figura 36: Trabalho artístico de Letícia Barreto. “Manuella – Migrate”. Impressão Digital.



Fonte: Etnografia Virtual. Blog da artista Leticia Barreto.

Janaína viveu dois anos em Portugal (2009-2011), onde realizou seu Mestrado em Design da Imagem na Universidade do Porto. No Brasil trabalhou como arte-educadora em projetos sociais e participou do movimento estudantil. Integra um grupo intitulado *Escola Livre de Arte Subversiva*, onde desenvolve trabalhos e reflexões sobre arte e questões de gênero. Em Portugal participou do movimento de ocupação das praças públicas, buscando discutir o tema da imigração. Sentiu-se bem recebida no movimento, apesar de, por vezes, deslocada. Seu trabalho já estava relacionado com engajamento social, especialmente com o feminismo, por trabalhar com o corpo e por influência de sua mãe feminista; no entanto, é em Portugal que seu trabalho volta-se especificadamente para uma causa – a das brasileiras. Janaína descreve seu trabalho da seguinte forma:

Na minha tese trabalhei com a linguagem artística, construindo um discurso poético, utilizando meu corpo como ferramenta artística, por meio da performance em espaço público, vídeo-performance, fotografia e intervenção urbana, tendo como base conceitual as minhas vivências em Portugal, como também estudos artísticos, sociológicos e antropológicos, sobre as representações sociais que cercam a mulher brasileira no cotidiano da sociedade portuguesa (Janaína, artista).

Seu trabalho intitula-se “*Corpo Des-mapeado: experiências poéticas sobre as representações da mulher brasileira no imaginário português*”⁷⁰. A seguir uma imagem:

Figura 37: Trabalho da artista Janaína Teles. “Corpo Des-mapeado: Série Mulher Brasileira”.



Fonte: Etnografia Virtual. *Blog da artista Janaína Teles.*

⁷⁰ Disponível em: <http://corposmapeados.blogspot.com.br/>

O objetivo do trabalho de Janaína é utilizar o corpo e o espaço público para fazer refletir sobre as múltiplas possibilidades do corpo, é fazer emergir um corpo criativo e mutante que busca alternativas às imposições e às determinações sociais. Uma das performances consistiu em pessoas diferentes carimbarem-se no rosto “mulher brasileira” e circularem pelo espaço público, conforme a imagem anterior. Em seu *blog*, um texto-poema acompanha esta imagem e traduz esta experiência artística: “*Desconfio que não sou uma, sou várias; identidades que se cruzam, se misturam, orgânicas, feminino, masculino, mulher, homem; não sou boa nem má; santa, nem diaba; sou iansã; sou iemanjá, sou ogum; água, fogo, ar... iaiá...*”.

Sobre o preconceito contra as brasileiras, Letícia e Janaína, também o percebem como um problema social. Letícia destaca que enfrentar o preconceito foi uma das principais dificuldades que vivenciou e vivencia em Portugal. Para a artista o imaginário da brasileira é fortemente vinculado ao exotismo e ao erotismo. Assim como a maioria das ativistas, Letícia também aponta as causas históricas para o preconceito, ou seja, os imaginários construídos sobre a mulher brasileira desde o período colonial e perpetuados mais recentemente pelos governos militares; destaca, ainda, a influência da mídia brasileira, internacional e portuguesa. Ao abordar as formas de combater o preconceito, Letícia demonstra que é necessária a sensibilização da sociedade para o tema:

Na medida em que nos tornamos conscientes de que as imagens são construções sociais, assim como a percepção do outro também é moldada pela sociedade onde vivemos, podemos criar um espaço crítico que nos permite questionar os reais sentidos que elas emitem. É preciso investir em campanhas educativas, possibilitando um verdadeiro diálogo intercultural (Letícia, artista).

Janaína relata a sensação de incômodo freqüente que sentia por ser observada nos espaços públicos e a difícil convivência cotidiana com o estigma em torno da mulher brasileira. Para a artista o imaginário “*define de maneira estereotipada a mulher brasileira como uma mulata, boa de cama, que sabe sambar e que é muito simpática*”. Janaína também destaca as causas históricas, vinculadas ao colonialismo, e o papel da mídia, referindo-se a propaganda turística brasileira e a mídia portuguesa. Para ela é: “*um discurso machista que ainda perdura fortemente hoje em dia*”. Ao abordar as formas como o preconceito pode ser enfrentado, Janaína expressa uma resistência combativa, tanto no cotidiano como em ações coletivas:

Acho que uma forma muito eficaz é não ficarmos calados, não normalizarmos as ações que geram preconceito. No nosso dia a dia temos que falar sobre isso abertamente, não ter medo, e unir-se a outras pessoas que pensam parecido para tentar mudar as coisas coletivamente, de

qualquer forma, no meio acadêmico, numa praça pública, nas redes sociais ou no meio artístico (Janaína, artista).

Sobre ser feminista, ambas responderam que sim. Para Letícia o feminismo “*é acreditar na igualdade de gênero, raça, nacionalidade*”. De forma semelhante, para Janaína o feminismo: “*não é apenas um movimento pela igualdade entre os sexos, essa causa eu considero muito importante e que ainda há muito o que fazer. Mas considero feminismo um olhar mais sensível para o mundo, mais redondo, mais solidário, mais fraterno, mais justo*”.

As definições de Janaína e Letícia parecem sintetizar a essência do feminismo para as brasileiras que se subjetivaram de forma combativa, relatadas neste capítulo. Apesar das definições de feminismo terem sido diferentes, todas se afirmam feministas (com exceção de Mariza, que prefere não classificar-se de nenhuma forma), sendo o feminismo sempre associado à crença em um mundo melhor e à práticas cotidianas e coletivas de transformação social (o que também era partilhado por Mariza).

4.5 Conclusões e quadro síntese do capítulo

Este capítulo completa a análise baseada no tripé saber-poder-subjetivação que tem sido empreendida nesta Tese. Os capítulos dois e três focaram-se na construção da ordem discursiva <Mulher Brasileira> como uma ordem de saber-poder. Este capítulo quatro procurou evidenciar, primeiramente, o racismo e sexismo contido nessa ordem discursiva e, posteriormente, descrever as formas pelas quais as mulheres brasileiras subjetivam-se em Portugal, resistindo, reexistindo, dobrando a ordem discursiva hegemônica de saber-poder.

Evidenciou-se que, nas mais variadas inserções profissionais e condições sociais, todas as brasileiras são obrigadas a lidar de alguma forma com o imaginário construído sobre elas em Portugal. Sendo esse imaginário uma ordem discursiva de saber-poder, marcado pela colonialidade, pelo racismo e pelo sexismo, acredita-se que as mulheres brasileiras vivem, em Portugal, uma experiência análoga ao que Gilroy (2001) chamou de “ser em estado de dor”. Independente da forma como resistem ao imaginário hegemônico, suas experiências são marcadas por ter que lidar com o preconceito e a discriminação e sobreviver.

As formas de lidar com o preconceito (modos de subjetivação) foram entendidos como diferentes resistências e reexistências. A ordem discursiva <Mulher Brasileira> é anterior (historicamente) ao processo pelo qual um sujeito se torna mulher brasileira em Portugal. Assim, uma brasileira, ao subjetivar-se, se constitui como uma dobra no discurso hegemônico, criando uma nova existência, que é resistência à uniformização e essencialização.

Três formas de lidar com o imaginário emergiram na pesquisa de campo, todas entendidas como resistências e reexistências. A Resistência Passiva seria a resistência que parece resignação, quando uma mulher identificada como brasileira aproxima-se do discurso português, afastando-se do que é considerado brasilidade, ou afastando-se de outras brasileiras; essa “aportuguesação” era interpretada por outras pesquisas como uma rejeição do estereótipo, no entanto, a investigação articulada entre saber-poder-subjetivação, complementou as análises anteriores, demonstrando que é uma rejeição a nível individual, mas uma reprodução da ordem discursiva hegemônica a nível coletivo. A Resistência Afirmativa seria a reversão do discurso hegemônico a partir da valorização daquilo que é inferiorizado, seria uma exaltação da brasilidade; essa valorização da brasilidade era interpretada como internalização do estereótipo ou busca de benefícios a partir do estereótipo; no entanto, a análise conjunta do saber-poder-subjetivação, bem como, a pesquisa empírica com mulheres ainda não pesquisadas (bailarinas de ritmos brasileiros), demonstrou que não há um simples beneficiar-se do estereótipo e reproduzi-lo (enquanto agente), tampouco uma simples internalização (enquanto vítima), mas sim, há uma ressignificação do discurso hegemônico, uma ruptura em alguns elementos, notadamente aqueles que as inferiorizam (e as tornam vítimas), para, então, beneficiar-se (e tornando-se agente). A Resistência Combativa é a tentativa de desconstrução do discurso hegemônico, a possibilidade de outras definições identitárias; esta forma de reagir estava praticamente ausente da literatura sobre mulheres brasileiras imigrantes e foi evidenciada através do enfoque nas ativistas feministas, mas também se revelou em outras brasileiras, através de uma resistência combativa cotidiana.

Destaca-se que uma mesma mulher brasileira pode subjetivar-se articulando diferentes formas de subjetivação em diferentes contextos, de uma maneira não estável, tampouco essencialista. Não são as mulheres que estão sendo classificadas, mas sim, as formas de resistir e reexistir ao discurso hegemônico. Tendo em vista que a ordem discursiva <Mulher Brasileira> é marcada pela colonialidade, essas mulheres se constituem como sujeitos descoloniais, deslocando ou combatendo o discurso hegemônico marcado pela colonialidade.

A metodologia baseada no tripé saber-poder-subjetivação mostrou-se muito útil para analisar as brasileiras em Portugal. Isto porque permite uma análise conjunta entre o estereótipo e as formas de lidar com ele – o que é inédito na literatura, a qual tem trabalhado de forma separada: ou analisa apenas os estereótipos de forma mais detalhada; ou enfoca as mulheres brasileiras apenas perpassando os estereótipos. A análise conjunta permite conhecer profundamente o discurso hegemônico e, assim, melhor compreender as formas de lidar com ele empreendidas pelas imigrantes brasileiras. Considerar tanto o saber-poder como as

subjetivações permite não esvaziar a crítica às relações de poder presentes no imaginário hegemônico (contemplando uma perspectiva mais estrutural) e, ao mesmo tempo, enfatizar as resistências das mulheres brasileiras (contemplando a perspectiva da agência). Assim, entende-se o processo violento do qual as brasileiras são vítimas, mas demonstra como resistem e reexistem a ele. A seguir o quadro síntese do capítulo, com as diferentes formas pelas quais as brasileiras resistem e reexistem em Portugal.

Quadro 5: Síntese do Quarto Capítulo. As Resistências de Mulheres Brasileiras em Portugal.

Tipos Características	Resistência Passiva	Resistência Afirnativa	Resistência Combativa
Conceito	Busca a sobrevivência/inserção individual; parece resignação a ordem discursiva, mas é uma dobra individual	Busca reverter o inferiorizado, supervalorizando/ autoafirmando determinadas características e renegando outras	Busca desconstruir a ordem discursiva através de enfrentamento direto cotidiano e/ou organizado
Perfil das brasileiras onde foi observado prioritariamente (não unicamente, não de forma estável e não essencialmente)	“Brasileira Média” Jovem, trabalhadora do setor de serviços, escolaridade média, maioria em Portugal.	Bailarinas de ritmos brasileiros	Ativistas Estudantes de Pós-graduação
Percepção sobre o preconceito	Problema individual	Problema dos portugueses	Problema Social
Relação com a ordem discursiva hegemônica, nos principais elementos (e que exercem mais poder): hipersexualidade e disponibilidade sexual	Compactua	Não compactua	Não compactua
Relação com a ordem discursiva hegemônica, nos elementos de beleza-corpo, alegria-simpatia, sensualidade	Compactua às vezes	Compactua e Supervaloriza	Não Compactua
Relação com a ordem discursiva hegemônica, no elemento de culpabilização das próprias brasileiras	Compactua	Não Compactua	Não compactua

O quadro síntese, ao cruzar a análise entre o saber-poder/ordem discursiva hegemônica e as formas de resistência/modos de subjetivação, evidencia que: a Resistência Passiva é a que mais compactua com a ordem discursiva hegemônica, nas estruturas de poder; a Resistência Afirmativa compactua no que parece menos ofensivo, menos representativo das relações de poder, mais cultural; enquanto a Resistência Combativa não compactua em nada, sendo a que alcança uma desconstrução mais complea e um combate ao preconceito mais efetivo.

Conclusões

Esta Tese argumentou que: não sendo substantivo, nem essencial, <Mulher Brasileira> é antes de tudo uma construção social, discursiva e performática, imersa em relações de poder históricas e em modos de subjetivação sempre reconstruídos. Demonstrou que esta construção <Mulher Brasileira>, na forma como se dá em Portugal, pode ser entendida como um racismo interseccionado com sexismo e marcado pela colonialidade. Nestes termos a investigação realizada cumpriu o objetivo de analisar o imaginário social <Mulher Brasileira> em Portugal, desconstruindo este imaginário, ao perceber minuciosamente os elementos que o compõe, destacando a hipersexualidade. Analisou, ainda, as relações de poder imbricadas neste imaginário e como estas se constituem em formas de racismo e sexismo contra as brasileiras; compreendendo o impacto deste imaginário nas experiências migratórias destas mulheres. Buscou perceber, também, como mulheres brasileiras subjetivam-se em Portugal, resistindo e reexistindo diante deste imaginário sobre <Mulher Brasileira>. Desta forma, contribuiu para desenvolver uma metodologia que se busca inovadora – fundada em reflexões teóricas foucaultianas, feministas e descoloniais; bem como, baseada em uma ênfase na investigação empírica – a qual permitiu analisar construção de saberes, relações de poder e modos de subjetivação de forma articulada.

A perspectiva teórica e metodológica desta Tese, a qual tem uma orientação geral inspirada em Michel Foucault, em especial no seu tripé – saber-poder-subjetivação – discutiu, também, perspectivas feministas, descoloniais e interseccionadas⁷¹, bem como, reflexões sobre migrações, turismo, imaginários e a produção da diferença⁷². O mapeamento dos discursos turísticos, culturais e do universo migratório permitiu perceber os elementos que compõe o imaginário de <Mulher Brasileira> e as relações de poder nele imbricadas, as quais afetam a experiência migratória de brasileiras, assim como levam a diferentes formas de resistência a este discurso hegemônico.

No desenrolar da Tese, tendo em vista a quantidade, qualidade e diversidade do material empírico analisado, entendeu-se por bem, já no final de cada capítulo, apresentar conclusões parciais e sínteses do argumento, para facilitar a compreensão da argumentação

⁷¹ Com referência a autores como, por exemplo: Fanon (1983); Balibar, Wallerstein (1988); Scott (1986); Gonzáles (1988); Pateman (1993); Connell (1998); Quijano (2000); Munanga (2003); Brah, Anzaldúa, et al. (2004); Oto (2006); Butler (2008); Mignolo, Grosfogel (2008); Lugones (2008); McClintock (2010); Gil (2010).

⁷² Com referência a autores como, por exemplo: Deleuze (1988); Moesch (2000); Maffesoli (2001a); Silva (2003); Gastal (2005); Hall (2006); Brah (2006); Padilla (2007); Miller e Castles (2009).

desenvolvida. Retomam-se tais conclusões, antes específicas e agora de forma mais abrangente, para alcançar as conclusões gerais deste estudo.

A análise de discursos institucionais de associações de imigrantes e de entidades voltadas para os emigrantes do Brasil e para os imigrantes em Portugal permitiu perceber que estes discursos em torno da imigração contribuem na construção de uma ordem discursiva hegemônica <Mulher Brasileira> em Portugal. A “brasileira imigrante” é construída como hipersexualizada, prostituta, disponível sexualmente, bonita, alegre, sensual e culpada por qualquer dificuldade enfrentada na sociedade de destino.

Os discursos culturais e turísticos constroem a “mulher brasileira como atrativo turístico e produto cultural”. A análise dos discursos turísticos públicos, demonstrou que no Brasil as relações de poder parecem estar sendo transformadas, na medida em que o marketing da EMBRATUR está sendo alterado, buscando transformar os imaginários sobre Brasil: do foco no erótico e exótico; para o enfoque na modernidade e no patrimônio cultural e natural. Os discursos da imprensa turística portuguesa e do marketing privado das agências que comercializam o Brasil em Portugal evidenciou que está ocorrendo uma diversificação na imagem do Brasil, no entanto, antigos imaginários não estão sendo substituídos por uma nova imagem, está-se, apenas, agregando imaginários. A erotização das brasileiras continua naturalizada na sociedade portuguesa, compõe o arquivo daquilo que pode ser dito e visto, o que é um indício da manutenção dos imaginários coloniais e de suas relações de poder imbricadas (racismo e sexismo). Cabe lembrar que os jornalistas entrevistados referiram-se as brasileiras através da essencialização de supostas características, as quais envolvem dimensões físicas (o bumbum, a beleza), comportamentais (à vontade social, facilidade para o sexo, andar mais despida), culturais (gostar de festas, dançar, ser alegres) e, ainda, associações com a natureza (clima tropical, calor, paraíso).

De forma semelhante, no Mercado Cultural da Brasilidade evidenciou-se uma reconstrução do imaginário <Mulher Brasileira> em torno da erotização e da espetacularização da cultura brasileira. As diferentes ressignificações que ocorrem são importantes, pois produzem disputas discursivas. No entanto, o imaginário hegemônico é reconstruído, permitindo manifestações explícitas onde emerge o imaginário de <Mulher Brasileira> como “corpo colonial”. Nos discursos turísticos e culturais a “hipersexualidade” e a “disponibilidade sexual” também são os elementos principais, presentes em todos os discursos investigados.

Destaca-se que os discursos turísticos, culturais e em torno da imigração demonstraram-se profícuos como objetos de análise sobre produção social da diferença. Estes

discursos constroem e naturalizam a existência de “outros” e acrescentam significados “bons” ou “maus” para estas diferenças produzidas conforme as relações de poder imbricadas.

A descrição detalhada dos discursos permitiu evidenciar as nuances importantes entre os elementos constitutivos da ordem discursiva. A beleza, a alegria e a sensualidade remetem a um discurso culturalista que naturaliza estes elementos como constitutivos da cultura brasileira e da mulher brasileira. A prostituição refere-se à ligação direta ao trabalho sexual. A disponibilidade sexual diz respeito a uma suposta facilidade para o sexo com qualquer homem a qualquer momento. A hipersexualidade remete a um desejo sexual selvagem e exacerbado. Os elementos “hipersexualidade” e “disponibilidade sexual” os que mais se fazem presentes, pois são os que emergem em todos os discursos analisados. Isto indica uma forte naturalização destes elementos como constitutivos da <Mulher Brasileira>, reproduzindo imaginários coloniais e relações de poder racistas e sexistas.

A brasileira não é apenas bela, alegre e sensual; a brasileira não é apenas identificada com a prostituição. O problema da ordem discursiva sobre a <Mulher Brasileira> é mais profundo, remete a percepção de todas as brasileiras como “corpo colonial” disponível e hipersexualizado. Esta é uma conclusão geral desta Tese que aprofunda o conhecimento sobre este imaginário de <Mulher Brasileira>, o qual era seguidamente mencionado pela literatura confundindo-se estes elementos de beleza, prostituição, sensualidade; o que conduzia a interpretações superficiais sobre a reação das brasileiras a este estereótipo (alegando que ora gostavam do estereótipo, ora não gostavam), pois não entendiam completamente o imaginário <Mulher Brasileira>. A arque-genealogia, ou analítica do saber-poder, permitiu evidenciar, portanto, que o imaginário de <Mulher Brasileira> tem como marca central a colonialidade e interseccionalidade entre racismo e sexismo. O imaginário <Mulher Brasileira> faz com que as imigrantes brasileiras carreguem a marca de “corpo colonial”, através da qual elas são definidas, essencializadas e estigmatizadas. Este é o elemento prejudicial, que se transforma em preconceito e discriminação, que nenhuma brasileira gosta. Algumas brasileiras valorizam os elementos de beleza, alegria, sensualidade, os quais são elementos diferentes desta ordem discursiva, desvelada ao longo da pesquisa.

Neste sentido, entende-se que esta Tese apresenta uma contribuição fundamental para o estudo das brasileiras em Portugal, bem como, para investigações, em outros contextos, sobre construções discursivas (racistas e sexistas) e sobre as formas que os sujeitos lidam com elas. A análise conjunta da construção da ordem discursiva de saber-poder e dos modos de subjetivação (apesar de extremamente trabalhosa em termos empíricos e teóricos) permitiu um avanço interpretativo significativo. Somente após perceber quais eram os elementos

principais da ordem discursiva e em quais relações de poder estavam imbricados, é que foi possível compreender a reação das mulheres brasileiras a esta ordem discursiva <Mulher Brasileira>.

Sendo os elementos de “hipersexualidade” e “disponibilidade sexual” os mais presentes na ordem discursiva <Mulher Brasileira>, relacionados ao racismo e ao sexismo e marcados pela colonialidade; os modos de subjetivação das brasileiras em Portugal foram analisados como formas de resistência e reexistência a este discurso hegemônico. A análise demonstrou que nas mais variadas inserções profissionais e condições sociais, todas as brasileiras são obrigadas a lidar de alguma forma com o imaginário construído sobre elas em Portugal. Neste sentido, acredita-se que as mulheres brasileiras vivam, em Portugal, uma experiência análoga ao que Gilroy (2001) chamou de “ser em estado de dor”. Independente da forma como resistem ao imaginário hegemônico, suas experiências são marcadas por ter que lidar com o preconceito e a discriminação e sobreviver. A ordem discursiva <Mulher Brasileira> é anterior (historicamente construída) ao processo pelo qual um sujeito se torna mulher brasileira em Portugal. Assim, uma mulher brasileira, ao subjetivar-se, se constitui como uma dobra no discurso hegemônico, criando uma nova existência, que é uma resistência à uniformização e essencialização.

Foram percebidas três formas principais de lidar com o imaginário hegemônico. Ressalta-se que uma mesma mulher pode adotar cada uma das diferentes formas de subjetivação em contextos diferentes, isto porque o sujeito é entendido enquanto forma e não como substância. A primeira forma de subjetivação foi denominada de Resistência Passiva, a qual seria a resistência que parece resignação: quando uma mulher identificada como brasileira aproxima-se do discurso português, afastando-se do que é considerado brasilidade, ou afastando-se de outras brasileiras; essa “aportuguesação” era interpretada por outras pesquisas como uma rejeição do estereótipo, no entanto, a investigação articulada entre saber-poder-subjetivação, complementou as análises anteriores, demonstrando que é uma rejeição a nível individual, mas uma reprodução da ordem discursiva hegemônica a nível coletivo.

A segunda forma de subjetivação foi identificada como Resistência Afirmativa, a qual seria a reversão do discurso hegemônico a partir da valorização daquilo que é inferiorizado, seria uma exaltação da brasilidade. Esta valorização da brasilidade era interpretada pela literatura como internalização do estereótipo ou busca de benefícios a partir do estereótipo. No entanto, a análise conjunta do saber-poder-subjetivação, bem como, a pesquisa empírica com mulheres ainda não pesquisadas (bailarinas de ritmos brasileiros), demonstrou que não há um simples beneficiar-se do estereótipo e reproduzi-lo (enquanto agente), tampouco uma

simples internalização (enquanto vítima); mas sim, há uma ressignificação do discurso hegemônico, uma ruptura em alguns elementos, notadamente aqueles que as inferiorizam (e as tornam vítimas), para, então, beneficiar-se (tornando-se agente).

A terceira forma foi denominada de Resistência Combativa, a qual consiste na tentativa de desconstrução do discurso hegemônico, na possibilidade de outras definições identitárias. Esta forma de reagir estava praticamente ausente da literatura sobre mulheres brasileiras imigrantes e foi evidenciada através do enfoque nas ativistas feministas, mas também se revelou em outras brasileiras, através de uma resistência combativa cotidiana.

Em relação ao imaginário da <Mulata>, o qual havia sido objeto de análises anteriores a esta Tese, destaca-se que, em Portugal, a <Mulata> transforma-se em <Mulher Brasileira>. Isto porque o processo de racialização é diferente, mas o imaginário luso-tropical é o mesmo. O binarismo hierarquizado que divide o Brasil em branco *versus* não-branco, fazendo com que o racismo recaia sobre os Negros, em especial sobre as Mulheres Negras sob o estigma <Mulata> hipersexualizada luso-tropical; corresponde, em Portugal, ao europeu *versus* não-europeu e metrópole *versus* colônia, fazendo com que o racismo atinja os não europeus oriundos das ex-colônias, em especial as Mulheres Brasileiras sob o estigma de <Mulher Brasileira> hipersexualizada luso-tropical (mesmo aquelas que no Brasil são consideradas brancas). Evidenciou-se que o imaginário de <Mulher Brasileira> é construído como uma ordem discursiva imbricada em relações de poder raciais e de gênero.

No imaginário <Mulher Brasileira> raça, gênero e sexualidade estão interseccionados e afetam a experiência de mulheres brasileiras imigrantes de todas as classes e inserções sociais. Este imaginário, sobretudo, sexualiza e racializa. As desigualdades de classe, bem como, a condição de imigrante (as questões legais) somam-se às dificuldades enfrentadas pelas brasileiras. No entanto, o imaginário <Mulher Brasileira> é uma construção discursiva de raça, gênero e sexualidade. O que significa que – embora as mulheres brasileiras pobres e/ou indocumentadas sejam mais vulneráveis; embora sofram com a segregação sexual e racial do mercado de trabalho; e, embora haja um nicho de mercado relacionado com o estereótipo <Mulher Brasileira> – a característica central do imaginário está associada a gênero, raça e sexualidade, tratando-se da construção destas mulheres como “corpos coloniais” disponíveis sexualmente (o que afeta todas as mulheres brasileiras independente da classe e escolarização).

Os elementos constitutivos desta ordem discursiva não se referem a uma hierarquia de classe, muito embora, condicione, por vezes, mulheres brasileiras para posições específicas (inferiores) no mercado de trabalho. Ou seja, percebeu-se que, em sua constituição discursiva,

o imaginário <Mulher Brasileira> é uma intersecção entre gênero, sexualidade e raça; onde classe opera como fator aglutinador.

Ainda acerca da análise da ordem discursiva <Mulher Brasileira> em Portugal é importante ressaltar, novamente, que não se defende uma outra verdade sobre o que são, ou não são, as mulheres brasileiras. Ao contrário, acredita-se, a partir das orientações teóricas, que não é possível defini-las. Não há mentira ou verdade quando se trata de imaginários, no entanto, socialmente, alguns imaginários são naturalizados como se fossem “verdades” (no sentido foucaultiano), e interessa compreender como e por que. Não há mentira ou verdade sobre o que (ou quem) são as brasileiras, há multiplicidades. No entanto, socialmente, há um imaginário hegemônico relacionado à hipersexualidade e a disponibilidade sexual, o qual foi naturalizado como verdade, o que está relacionado com a colonialidade do saber-poder, com o racismo e com o sexismo. Desvelar esse imaginário tem, portanto, uma relevância social, que complementa a importância sociológica.

Destaca-se que esta Tese consistiu em um trabalho de investigação original, o qual apresentou contribuições teóricas, metodológicas e empíricas, tanto para o tema específico referente às mulheres brasileiras em Portugal, como para discussões mais gerais da Sociologia e áreas afins. A analítica foucaultiana baseada no tripé saber-poder-subjetivação mostrou-se operacional como metodologia orientadora de uma investigação empírica. No caso em questão, esta analítica permitiu uma análise conjunta entre o imaginário <Mulher Brasileira> e as formas de lidar com ele – o que é inédito na literatura, a qual tem trabalhado de forma separada os estereótipos (Psicologia Social e Comunicação) e as formas como as mulheres brasileiras lidam com eles (Sociologia e Antropologia).

A análise conjunta permitiu conhecer profundamente o discurso hegemônico e, assim, melhor compreender as formas de lidar com ele empreendidas pelas imigrantes brasileiras, suprindo lacunas da bibliografia. Considerar em uma mesma análise o saber-poder e as subjetivações permite evidenciar as relações de poder presentes no imaginário hegemônico (contemplando uma perspectiva estrutural sobre a sociedade) e, ao mesmo tempo, enfatizar as resistências das mulheres brasileiras (contemplando uma perspectiva sobre a agência dos sujeitos sociais). Assim, esta Tese pretende contribuir como um exemplo de investigação sociológica inserida nas leituras contemporâneas sobre a relação estrutura-agência nas Ciências Sociais (Alexander, 1987).

Ainda em termos metodológicos e teóricos, a combinação da analítica foucaultiana com perspectivas descoloniais, feministas e interseccionadas mostrou-se profícua. O conceito de “corpo colonial”, que emerge destas perspectivas, demonstrou-se explicativo para

compreender a forma como a <Mulher Brasileira> é vista e enunciada em Portugal atualmente, desvendando as artimanhas dos imaginários coloniais e suas formas de reprodução atuais, articuladas com o racismo e o sexismo.

No que tange a produção de dados empíricos, esta Tese contribuiu para trazer ao debate acadêmico narrativas de mulheres ainda não enfatizadas em investigações anteriores: bailarinas de ritmos brasileiros, instrutoras de *fitness*, cantoras, organizadoras de eventos, rainhas de escolas de samba e ativistas de movimentos sociais. Também contribuiu para apresentar as narrativas de associações de imigrantes e de órgãos oficiais em uma forma inovadora, enquanto construtores do imaginário de <Mulher Brasileira>; desta forma, as entrevistas com as associações e a análise de documentos de órgãos oficiais são, notadamente, diferentes de outros dados apresentados na literatura sobre os mesmos objetos. Destacam-se, ainda, os discursos turísticos recolhidos e analisados de forma detalhada como material empírico, os quais são, muitas vezes, mencionados na literatura como responsáveis pelo estereótipo em torno das brasileiras sem que haja pesquisa específica. Ainda em termos empíricos, destaca-se o material produzido sobre o mercado cultural da brasilidade em Portugal.

Para além das contribuições teóricas, metodológicas e empíricas, pretende-se que esta Tese colabore, também, em termos sociais. Neste aspecto buscou-se contribuir para a reflexão sobre o preconceito contra as brasileiras em Portugal, demonstrando que este preconceito é uma forma interseccionada de racismo e de sexismo, a fim de auxiliar em sua superação.

Por fim, destaca-se que, assim como o tema desta Tese emergiu das questões provocadas pela investigação de Mestrado (sobre o imaginário <Mulata> no Brasil), novas investigações podem surgir a partir desta pesquisa de Doutorado. Alguns temas para pesquisas futuras podem ser mencionados como incitação a reflexão:

(1) foi evidenciado, durante a Tese, que mulheres brasileiras podem subjetivarem-se aproximando-se da portugalidade, bem como, mulheres portuguesas podem subjetivarem-se aproximando-se da brasilidade (como no exemplo de Leonor); neste sentido, seria importante uma análise minuciosa sobre o imaginário de <Mulher Portuguesa>, como e por que foi construído, quais seus elementos, qual sua relação com o imaginário de <Mulher Brasileira>, bem como, as formas como mulheres subjetivam-se em relação a este imaginário;

(2) no decorrer da Tese, referiu-se o exemplo de um homem brasileiro que subjetivou-se no Carnaval de Sesimbra como <Mulher Brasileira> ou como <Mulata> passista de Escola de Samba, este exemplo provoca a reflexão, que merece aprofundamento, sobre

a heteronormatividade e sobre homens que podem subjetivarem-se como mulheres, na perspectiva do sujeito enquanto forma construída socialmente;

(3) seria interessante compreender, também, se existe um o imaginário de <Homem Brasileiro>, bem como, as subjetivações de homens imigrantes, as (re)construções da masculinidade em contexto migratório, a articulação entre o imaginário de <Mulher Brasileira> e <Homem Brasileiro>;

(4) outra perspectiva importante é a comparativa, através da qual seria interessante investigar o imaginário de <Mulher Brasileira> em outros contextos, buscando perceber se é possível transbordar o conceito de colonialidade, que foi extremamente útil para compreender o imaginário de <Mulher Brasileira> em Portugal e talvez possa ser útil para outros contextos, tendo em vista que o conceito de colonialidade refere-se à permanência de um padrão de pensamento racista atualmente, o qual foi gerando nas antigas metrópoles coloniais, mas não ficou restrito a elas;

(5) ainda em uma perspectiva comparativa, poderiam ser investigados outros casos de mulheres oriundas de ex-colônias migrantes nas ex-metrópoles, a partir da reflexão sobre o conceito de “corpo colonial”;

(6) seria interessante um aprofundamento da discussão teórica sobre a produção da diferença, a qual interliga fenômenos raramente analisados de forma relacionada: o Turismo e as Migrações;

(7) seria importante, também, um aprimoramento da metodologia desenvolvida nesta Tese (a qual relacionou perspectivas foucaultianas, descoloniais e feministas para empreender uma investigação empírica), através de discussões metodológicas específicas e de possíveis replicações em outras pesquisas.

Enfim, o conhecimento é infinito. Os/as investigadores/as estão sempre um processo inacabado, em uma busca contínua. E que assim seja...

Referências bibliográficas

- AA.VV. (2009), CBM - I Conferência sobre as Comunidades Brasileiras no Mundo, Brasília, Subsecretaria Geral das Comunidades de Brasileiros no Mundo do Ministério das Relações Exteriores do Brasil e Fundação Alexandre de Gusmão.
- AA.VV. (2010), *1.º Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa*. Barcelona, Universitat de Barcelona.
- Abrantes, Manuel (2012), “A Densidade da Sombra: Trabalho doméstico, género e imigração”, *Sociologia, Problemas e Práticas* (70), pp. 91-110.
- Albuquerque, Rosana; Lígia Ferreira e Telma Viegas (2000), *O fenómeno associativo em contexto migratório: duas décadas de associativismo de imigrantes em Portugal*, Oeiras, Celta.
- Alexander, Jeffrey (1987), “O Novo Movimento Teórico”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 4 (2), pp. 5-28.
- Alfonso, Louise (2006), *EMBRATUR: formadora de imagens da nação brasileira*. Dissertação de Mestrado em Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas.
- Almeida, Miguel Vale de (1996), “Corpo Presente: antropologia do corpo e da incorporação”, em Miguel Vale de Almeida (org.). *Corpo presente: Treze reflexões antropológicas sobre o corpo*, Oeiras, Celta, pp. 1 -22.
- Almeida, Miguel Vale de (2000a), “Tristes luso-tropicais: raízes e ramificações dos discursos luso-tropicalistas”, em Miguel Vale de Almeida, *Um mar da cor da terra: raça, cultura e política de identidade*, Oeiras, Celta, pp. 161- 184.
- Almeida, Miguel Vale de (2000b), “Saudades de si mesmo: hibridismo, miscigenação, mestiçagem”, em Miguel Vale de Almeida, *Um mar da cor da terra: raça, cultura e política de identidade*, Oeiras, Celta, pp. 185-204.
- Almeida, Miguel Vale de (2007a), “O Atlântico Pardo: Antropologia, pós-colonialismo e o caso «lusófono»”. Em Cristiane Bastos, *et al.* (orgs.), *Trânsitos Coloniais: diálogos críticos luso-brasileiros*, Campinas/SP, Editora da UNICAMP. pp. 27-43.
- Almeida, Miguel Vale de (2007b), “Da Diferença e da Desigualdade: Lições da Experiência Etnográfica”, Em Homi Bhabha, *et al.*, *A Urgência da Teoria*, Lisboa, Tinta da China, pp. 75-107.

- Al-Saji, Alia (2010), “The racialization of Muslim veils: A philosophical analysis”, *Philosophy and Social Criticism*, 36 (8), pp. 875–902.
- Alves, Francisco das Neves (2010), “A Transição Monarquia–República Brasileira na Perspectiva de um Semanário Português”, *Biblos*, 1 (1), pp. 115-126.
- Alvim, Filipa, Paula Togni (2010), “Sob o véu dos direitos humanos: tráfegos, tráficos e políticas públicas para a imigração. Um estudo de caso sobre as mulheres brasileiras em Portugal”, em AA.VV., *Atas do 1.º Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa*, Barcelona, Universitat de Barcelona, pp. 145-152.
- Alvim, Filipa; Lorenzo Bordonaro (2008), “The greatest crime in the world’s history: uma análise arqueológica do discurso sobre tráfico de mulheres”. *VI Congresso Português de Sociologia*, Lisboa, Associação Portuguesa de Sociologia, pp.1-14.
- Anjos, José Carlos dos (2004), “Bourdieu e Foucault: derivas de um espaço epistêmico”, *Anos 90*, 11 (19/20), pp. 139-165.
- Anjos, José Carlos dos (2008), “A Filosofia Política da Religiosidade Afro-Brasileira como Patrimônio Cultural Africano”, *Debates do NER*, 9 (13), pp. 77-96.
- Aoun, Sabah (2001), *A procura do paraíso no universo do turismo*, Campinas/SP, Papirus.
- Araújo, Marta, Sílvia Maeso (2010), “Explorando o eurocentrismo nos manuais portugueses de História”, *Estudos de Sociologia- Araraquara*, 15 (28), pp. 239-270.
- Assis, Gláucia (1995), *Estar aqui... Estar lá...: Uma cartografia da emigração valadareense para os Estados Unidos*, Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Assis, Gláucia (2007), “Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional”, *Estudos Feministas*, 15 (3), pp. 745-772.
- Assis, Gláucia (2011), “Entre dois lugares: as experiências afetivas de mulheres imigrantes brasileiras nos Estados Unidos”, em Adriana Piscitelli, *et al.* (orgs), *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*, Campinas/SP, PAGU/UNICAMP, pp. 321-362.
- Baganha, Maria (2005), “Política de imigração: A regulação dos fluxos”, *Revista Crítica de Ciências Sociais* (73), pp. 29-44.
- Baganha, Maria, Pedro Góis (1999), “Migrações Internacionais de e para Portugal: o que sabemos e para onde vamos?” *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (52/53), pp. 229-280.
- Baldissera, Rudimar (2010), “Comunicação Turística”, *Rosa dos Ventos*, 1 (1), pp. 6-15.

- Baldo, Luisa. (2006), “A Identidade Nacional: Matizes Românticos no Projeto Modernista”, *Revista Boitatá - UEL*, (1). Disponível em: www.uel.br/revistas/boitatá
- Balibar, Etienne, Immanuel Wallerstein (1988), *Raza, Nación y Clase*, Madrid, Iepala.
- Balibar, Etienne, (1988) “Existe el noerracismo?”, em Etienne Balibar e Immanuel Wallerstein, *Raza, Nación y Clase*, Madrid, Iepala. pp.31-48.
- Bandyopadhyay, Ranjan, Duarte Morais (2005), “Representative Dissonance: India’s Self and Western Image”, *Annals of Tourism Research*, 32 (4), pp. 1006–1021.
- Barreto, Alessandra (2011), “Brazilians in Lisbon: Immigrant Association and the Meaning of Urban Spaces”. *Vibrant - Virtual Brazilian Anthropology*, 8 (2), pp. 480-501.
- Barreto, Alessandra, Fernando Wanderley (2012) “O diálogo entre os emigrantes e o Estado brasileiro: notas sobre as Conferências de Brasileiros no Mundo” Em Beatriz Padilla, *et al.* (orgs.), *Novas e Velhas Configurações da Imigração Brasileira na Europa: Atas do 2º Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa*, Lisboa, ISCTE-IUL, pp. 255-264.
- Barreto, Margarita (2003), “O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo”, *Horizontes Antropológicos*, 9 (20), pp. 15-29.
- Barreto, Margarita (2009), “Interfaces entre Turismo e Migração: uma abordagem epistemológica”, *Pasos - Revista de Turismo e Património Cultural*, 7 (1), pp.1-11.
- Beauvoir, Simone de (2009), *O Segundo Sexo* (volume único), Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- Beni, Mário (2006), *Política e planejamento de turismo no Brasil*, São Paulo, Aleph.
- Beserra, Bernadete (2005), *Brasileiros nos Estados Unidos: Hollywood e outros sonho*, Fortaleza, Editora UFC.
- Beserra, Bernadette (2007), “Sob a sombra de Carmen Miranda e do carnaval: brasileiras em Los Angeles”, *Cadernos Pagu* (28), pp. 313-344.
- Bhabha, Homi (1983), “The Other Question: Homi Bhabha Reconsiders the Stereotype and Colonial Discourse”, *Screen*, 24 (6), pp. 18-36.
- Bhabha, Homi (1998), *O local da cultura*, Belo Horizonte, Editora UFMG.
- Bhabha, Homi (2007), “Ética e Estética do Globalismo: uma Perspectiva Pós-Colonial”, em Homi Bhabha, *et al.*, *A Urgência da Teoria*, Lisboa, Tinta da China, pp. 21-44.
- Bonetti, Aline; Soraya Fleischer (orgs.) (2007), *Entre Saias Justas e Jogos de Cintura*. Florianópolis e Santa Cruz do Sul, Editora Mulheres e EDUNISC.
- Botton, Alain (2010), *A Arte de Viajar*, Alfragide, Dom Quixote.
- Boyer, Marc (2003), *História do turismo de massa*, Bauru, EDUSC.

- Brah, Avtar (2006), “Diferença, diversidade, diferenciação”, *Cadernos Pagu*, 26, pp.329-376.
- Brancante, Pedro, Rosana Reis (2009), “A “securitização da imigração”: mapa do debate”. *Lua Nova* (77), pp. 73-104.
- Brydon, Diana (2007), “Border Thinkin, or cracking global imaginaries”, *Conference Borders and Crossing*, Canadá, University of Manitoba.
- Butler, Judith (2008), *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- Buzinde, Cristhine, Carla Santos e Stephen Smith (2006), “Ethnic Representations: Destination Imagery”, *Annals of Tourism Research*, 33 (3), pp. 707–728.
- Cabecinhas, Rosa (2007), *Preto e Branco: a naturalização da discriminação racial*, Porto, Campo das Letras.
- Cádima, Francisco; et al. (2003), *Representações (Imagens) dos Imigrantes e das Minorias Étnicas na Imprensa*. Lisboa, ACIME / OBERCOM.
- Caetano, Rosane (2004), “A publicidade e a imagem do produto Brasil e da mulher brasileira como atrativo turístico”, *Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, nº 27. São Paulo, Intercom. Disponível em <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/165377778968172229752717149601241297537.pdf>. Acesso em 18 de Março de 2013.
- Canclini, Néstor Garcia (1983), *As culturas populares no capitalismo*, São Paulo, Brasiliense.
- Canclini, Néstor Garcia (2008), *Consumidores e Cidadãos*, Rio de Janeiro, Editora UFRJ.
- Capelato, Maria Helena (2001), “Estado Novo: Novas Histórias”, em Marcos Freitas (org). *Historiografia brasileira em perspectiva*, São Paulo, Contexto.
- Carvalho, José Jorge (2004), “Metamorfoses das Tradições performáticas Afro-Brasileiras: de Patrimônio Cultural a Indústria de Entretenimento”, *Série Antropologia - UNB*, nº 354. Disponível em <http://www.unb.br/ics/dan/Serie354empdf.pdf>. Acesso em: 27 de Maio de 2012.
- Castells, Manuel (2000), *A Sociedade em Rede. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, vol 1*, São Paulo, Paz e Terra.
- Castelo, Cláudia (1998), *O Modo português de estar no mundo. O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)*, Porto, Afrontamento.
- Castro, Edgardo (2009), *Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores*, Belo Horizonte, Autêntica.
- Castro, Eduardo Viveiros de (2002), “O Nativo Relativo”, *Mana*, 8 (1), pp. 113-148.

- Cherubini, Daniela (2010), “Participación asociativa y negociaciones de la ciudadanía”, em Carmen Gregório-Gil (dir.) *¿Por qué tienen que decir que somos diferentes? Las Mujeres Inmigrantes, Sujetos de Acción Política*. Granada, Junta de Andalucía, Universidad de Granada e Perspectivas Feministas en Investigación Social. pp. 99-130
- Coelho, Christiane (2009), “Associativismo transnacional: as formas de organização da comunidade brasileira no exterior como boa prática”, em Beatriz Padilla e Maria Xavier (orgs.), *Revista Migrações, nº temático Migrações entre Portugal e América Latina*. Lisboa, ACIDI. pp. 269-272.
- Cohen, Erik (1972), “Toward a Sociology of International Tourism”, *Social Quarterly Research*, 39, pp. 164-182.
- Cohen, Erik (1993), “The Study of Touristic Images of Native People: Mitigating the Stereotype of a Stereotype”, em Douglas Pearce, Richard Butler (eds), *Tourism Research, Critiques and Challenges*, London, Routledge, pp.36-69.
- Conceição, Cristina (1998), “A promoção turística e (re)construção social da realidade”, *Sociologia, Problemas e Práticas* (28), pp. 67-89.
- Connell, R.W. (1998), “Masculinities and Globalization”, *Men and Masculinities*, 1 (1), pp.3-23.
- Connell, R.W. (2012), “A Iminente Revolução na Teoria Social”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 27 (80), pp. 09-20.
- Corrêa, Mariza (1996), “Sobre a invenção da mulata”, *Cadernos Pagu*, (6-7), pp. 33-50.
- Crenshaw, Kimberlé (2002), “Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero”, *Estudos feministas*, 10 (1), pp. 171-189.
- Cunha, Isabel (2003), “A revolução da Gabriela: o ano de 1977 em Portugal”, *Cadernos Pagu* (21), pp. 39-73.
- Cunha, Isabel (2005), “Mundos Imaginados: as brasileiras nos Media em Portugal”, *Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Rio de Janeiro, UERJ.
- Cunha, Isabel Ferin, et al. (2004), *Media, Imigração e Minorias Étnicas*, Lisboa, ACIME.
- Cunha, Isabel Ferin, et al. (2006), *Media, Imigração e Minorias Étnicas II*, Lisboa, ACIME.
- Cunha, Olívia (2002), “Reflexões sobre biopoder e pós-colonialismo: relendo Fanon e Foucault”, *Mana*, 8 (1), pp. 149-163.
- Deleuze, Gilles (1998), *Foucault*, Lisboa, Vega.
- Deleuze, Gilles (1988), *Diferença e repetição*, Rio de Janeiro, Graal.

- Dettman, Christine (2006), *Que o futuro seja música: uma etnografia da cultura brasileira em Portugal*, Tese de Mestrado em Ciências Musicais (Etnomusicologia), Universidade Nova de Lisboa.
- Diniz, Eder (2008), “Brasileiras no mercado de trabalho na área metropolitana de Lisboa (Portugal): histórias e relatos de uma vida migrante e suas redes sociais”. *Anais do Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder*, Florianópolis, UFSC.
- Dolabella, Lira (2009), *Namoradinhos do Brasil “na noite” lisboeta: homens portugueses e mulheres brasileiras no contexto das casas de alterne*. Tese de Mestrado em Antropologia, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Donato, Katharine; et. al. (2006), “A Glass Half Full? Gender in Migration Studies”. *International Migration Review*, 40 (1), pp. 3–26.
- Dreyfus, Hubert, Paul Rabinow (2010), *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*, Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- Drouguett, Juan (2004), “Mídia e Turismo: uma relação inter, multi e transdisciplinar”, em Lurdes Dorta, Juan Drouguett, (orgs.), *Mídia: imagens do Turismo*, São Paulo, Textonovo.
- Eagleton, Terry (2003), *A ideia de cultura*, Lisboa, Temas e Debates.
- Echtner, Charlotte; Pushkala Prasad (2003), “The Context of Third World Tourism Marketing”, *Annals of Tourism Research*, 30, (3), pp. 660–682.
- Elder-Vass, Dave (2012), “Towards a Realist Social Constructionism”, *Sociologia, Problemas e Práticas* (70), pp. 9-24.
- Embratur; Chias Marketing (2005), *Plano Aquarela do Brasil de Marketing Turístico Internacional: Relatório Executivo*. Brasília, EMBRATUR.
- Espinoza, Pamela (2011), *Mujeres Brasileiras en Algarve: la influencia de la situación laboral como factor de integración*. Tese de Mestrado em Sociologia, Faculdade de Economia, Universidade do Algarve.
- Falco, Débora (2009), “A Construção Social do Turismo e das Migrações: sobre a figura do estrangeiro, identidade nacional e representações sociais”. *Anais do VI Seminário ANPTUR*, São Paulo.
- Fanon, Franz (1983), *Peles negras, máscaras brancas*, Rio de Janeiro, Factor.
- Featherstone, Mike (2000), *O desmanche da cultura*, São Paulo, Companhia das Letras.
- Feldaman-Bianco, Bela (2007) “Empire, postcoloniality and diasporas: The Portuguese case”, *Papers: Revista de Sociologia* (85), pp. 43-56.

- Fernandes, Gleiciani (2008), *Viver Além-Mar: Estrutura e Experiência de Brasileiras Imigrantes na Região Metropolitana de Lisboa*, Dissertação de Mestrado em Antropologia, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.
- Firmeza, George (2007), *Brasileiros no Exterior*, Brasília, Fundação Alexandre de Gusmão.
- Foucault, Michel (1986), *Microfísica do poder*, São Paulo, Graal.
- Foucault, Michel (1993), *História da sexualidade, Vol. 1: A vontade de saber*, São Paulo, Graal.
- Foucault, Michel (1996), *Genealogía del racismo*, Buenos Aires, Altamira.
- Foucault, Michel (2001), *Os Anormais*, São Paulo, Martin Fontes.
- Foucault, Michel (2004a), *Arqueologia do saber*, Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- Foucault, Michel (2004b), *História da Loucura*, São Paulo, Perspectiva.
- Foucault, Michel (2006), *Ética, Sexualidade, Política - Coletânea Ditos e Escritos*. Rio de Janeiro, Forense Universitária.
- Foucault, Michel (2007a), *História da sexualidade, Vol. 2: O uso dos prazeres*, São Paulo, Graal.
- Foucault, Michel (2007b), *História da sexualidade, Vol. 3: O cuidado de si*, São Paulo, Graal.
- Foucault, Michel (2008a), *A Ordem do Discurso*, São Paulo, Loyola.
- Foucault, Michel (2008b), *O Nascimento da Biopolítica*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Foucault, Michel (2010a), *A Hermenêutica do Sujeito*, São Paulo, Martins Fontes.
- Foucault, Michel (2010b), “O sujeito e o poder”, em Hubert Dreyfus e Paul Rabinow, *Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica*, Rio de Janeiro, Forense Universitária, pp. 273-295.
- França, Thais (2010), “Excluindo sexo, raça e etnia: mulheres brasileiras trabalhadoras em Portugal”, *Livro de Atas do 1º Seminário de Estudos Sobre Imigração Brasileira na Europa*, Barcelona, Universitat de Barcelona, pp. 104-111.
- França, Thais (2012), *Lindas Mulatas com Rendas de Portugal: A inserção das mulheres brasileiras no mercado de trabalho português*, Tese de Doutorado em Sociologia - Relações do Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo, Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.
- Freitas, Ana Cláudia de (2009), *Percursos de Imigração de Mulheres Brasileiras para fins de Prostituição em Portugal*, Dissertação de Mestrado em Psicologia, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Freitas, Renata dal Sasso (2008), *Páginas do Novo Mundo: um estudo comparativo entre a ficção de José de Alencar e James Fenimore Cooper na formação dos Estados*

- Nacionais Brasileiro e Norte-Americano no século XIX*. Dissertação de Mestrado em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Freyre, Gilberto (2001), *Casa-grande & Senzala*, Rio de Janeiro, Record.
- Frias, Paulo (2010), *Novos Colonos: comunicação, representação e apropriação do espaço em mundos virtuais online - a comunidade portuguesa em Second Life®*, Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Garcia, Célio (2008), “Resistência a partir de Foucault”, em Izabel Passos (org.) *Poder, normalização e violência: incursões foucaultianas para a atualidade*, Belo Horizonte, Autêntica, pp.109-118.
- Gastal, Susana (2003), “Turismo na Pós-Modernidade: agregando imaginários”, em Susana Gastal e Antônio Carlos Castrogiovanni (orgs.), *Turismo na Pós-Modernidade: (des)inquietações*, Porto Alegre, EDIPUCRS. pp. 51-60.
- Gastal, Susana (2005), *Turismo, Imagens e Imaginários*, São Paulo, Aleph.
- Gastal, Susana (2006), *Alegorias Urbanas: o passado como subterfúgio*, Campinas, Papirus.
- Gastal, Susana; Fabiana Sales (2012), “Identidade sob o Turismo: A italianidade no sul do Brasil”, *Revista Iberoamericana de Turismo*, 2, pp. 22-35.
- Giacomini Sónia, (2006) “Mulatas Profissionais: Raça, Género e Ocupação”, *Revista Estudos Feministas*, 14 (1), pp. 85-101.
- Gilroy, Paul (2001), *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Rio de Janeiro, Editora 34, Universidade Candido Mendes e Centro de Estudos Afro-Asiáticos.
- Gilroy, Paul (2007), “Multicultura e Convivialidade na Europa Pós-colonial”, em Home Bhabha, et al, *A Urgência da Teoria*, Lisboa, Tinta da China, pp. 167-188.
- Góis, Pedro, João Peixoto, José Carlos Marques e Beatriz Padilla (2009), “Segunda ou terceira vaga? As características da imigração brasileira recente em Portugal”, em Beatriz Padilla e Maria Xavier (orgs.), *Revista Migrações, nº temático Migrações entre Portugal e América Latina*, Lisboa, ACIDI, pp. 111-134.
- Goldemberg, Miriam (2006), “O Corpo como Capital: para compreender a Cultura Brasileira”, *Arquivos em Movimento*, 2, (2), pp. 115-123.
- Goldemberg, Miriam (2011), “Afinal, o que quer a mulher brasileira?” *Psicologia Clínica*, 23 (1), pp. 47 – 64.
- Goldman, Márcio (2003), “Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia”, *Revista de Antropologia/ USP*, 46 (2), pp. 423-444.

- Gomes, Mariana S. (2009a), *Marketing Turístico e Violência contra as Mulheres: (des)(re)construções do Brasil como um Paraíso de Mulatas*. Dissertação de Mestrado em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Gomes, Mariana S. (2009b), “La Construcción del Brasil como un Paraíso de Mulatas: del Imaginario Colonial al Marketing Turístico”, *Sociedad Hoy*, 17, pp. 75-87.
- Gomes, Mariana S. (2010a), “A (des)(re)construção do Brasil como um Paraíso de Mulatas”. *Revista eletrônica de turismo cultural (USP)*, 4 (2), p. 48-70. Disponível em: http://www.eca.usp.br/turismocultural/8.03_Mariana_Selister.pdf Acesso em 17 de Março de 2013.
- Gomes, Mariana S. (2010b), “Fado(s) em Portugal e Samba(s) no Brasil: Identidades, Patrimônios, Turismos”. *Anais do VI Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL*, Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul. Disponível em: <http://www.ucs.br/ucs/tplSeminTur2010/posgraduacao/strictosensu/turismo/semintur/anais/gt03> Acesso em 17 de Março de 2013.
- Gomes, Mariana S. (2011), “Mulheres brasileiras em Portugal e imaginários sociais: uma revisão crítica da literatura”, *CIES e-Working Paper*, 106. Disponível em: http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP106_Gomes.pdf Acesso em 17 de Março de 2013.
- Gomes, Mariana S. (2012), “A Imagem do Brasil no Exterior e o Turismo: a operacionalização do Plano Aquarela em Portugal”, *Rosa dos Ventos*, 4, pp.506 - 521. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/issue/current/showToc> Acesso em: 17 de Março de 2013.
- Gomes, Mariana S. (2013), “[Des][Re]Construcciones del Imaginario Social <Mujer Brasileña> en los Discursos Turísticos sobre Brasil en Portugal”, *Estudios y Perspectivas en Turismo*, 22 (2), pp. 216-234. Disponível em: <http://www.estudiosenturismo.com.ar/PDF/V22/N02/v22n2a03.doc.pdf> Acesso em 17 de Março de 2013.
- Gonçalves, Margareth (2005), “Artificio e excesso: narrativa de viagem e a visão sobre as mulheres em Portugal e Brasil”, *Estudos Feministas*, 13 (3), pp. 613-628.
- Gonzalez, Lelia (1988), “Por um feminismo afro-latino-americano”, *Revista Isis Internacional*, vol. IX, pp.133-141.
- Gregório-Gil, Carmen (2009), “Mujeres inmigrantes: Colonizando sus cuerpos mediante fronteras procreativas, étnico-culturales, sexuales y reproductivas”. *Viento Sur*,

(104), pp. 42-54. Disponível em: http://www.vientosur.info/articulosabiertos/VS104_Gregorio_Mujeresinmigrantes.pdf Acesso 15 de Março de 2013.

- Gregório-Gil, Carmen (2010), “(De)construyendo la categoría ‘mujeres inmigrantes’: de objetos de discurso a sujetos políticos”, em Carmen Gregório-Gil (dir.) *¿Por qué tienen que decir que somos diferentes? Las Mujeres Inmigrantes, Sujetos de Acción Política*. Granada, Junta de Andalucía, Universidad de Granada e Perspectivas Feministas en Investigación Social, pp. 7-19.
- Guimarães, Antônio S. (2000), “O preconceito contra os baianos”, *Comunicação ao Congresso Internacional da Latin American Studies Association, Session: Lo afro em America latina: debates sobre cultura, política y poder*, Miami, LASA.
- Guimarães, Antônio S. (2003), “Como trabalhar com “raça” em sociologia”, *Educação e Pesquisa*, São Paulo, 29 (1), pp. 93-107.
- Guimarães, Antônio S. (2005), *Racismo e anti-racismo no Brasil*, São Paulo, Editora 34.
- Hall, Michael, Allan Williams (2000), “Tourism and migration: new relationships between production and consumption”, *Tourism Geographies*, 2 (1), pp. 5-27.
- Hall, Stuart (2005), *A identidade cultural na pós-modernidade*, Rio de Janeiro, DP&A.
- Hall, Stuart (2006), *Da diáspora: identidades e mediações culturais*, Belo Horizonte, Editora UFMG.
- Harvey, David (1992), *A condição pós-moderna*, São Paulo, Loyola.
- Hooks, Bell, Avtar Brah, Chela Sandoval, Gloria Anzaldúa (2004), *Otras inapropiables: feminismos desde las fronteras*, Madrid, Traficantes de sueños.
- Horta, Ana Paula Beja (2010), “Introdução”, *Revista Migrações - ACIDI*, (6), pp. 11-35.
- Horta, Ana Paula Beja, Paul White (2009), “Post-colonial migration and citizenship regimes: a comparison of Portugal and the United Kingdom”, *Revista Migrações - ACIDI*, 4, pp. 33-57.
- Ibrahim, Maggie (2005), “The Securitization of Migration: A Racial Discourse”, *International Migration*, 43 (5), pp. 164-187.
- IPEA (2008), *Retratos das desigualdades de gênero e raça no Brasil*, Brasília, Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher.
- Joaquim, Maria da Graça (2012), *Os Viajantes e o Turismo: Narrativas, Modos de Vida e Representações Sociais*, Tese de Doutoramento em Sociologia. Instituto Universitário de Lisboa – ISCTE-IUL.

- Kerber, Alessandro (2005), “Carmen Miranda: entre representação da identidade nacional e de identidades regionais”, *ArtCultura*, 7 (10), pp. 121-132.
- Krippendorf, Jost (2003), *Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*, São Paulo, Aleph.
- Lages, Mário (coord.) (2006), *Os Imigrantes e a População Portuguesa: Imagens Recíprocas. Análise de Duas Sondagens*. Lisboa, Observatório da Imigração / ACIME.
- Liberato, Leo (2002), “Nomadismo Pós-Moderno”, *Revista Política e Sociedade* (1), pp. 225-234.
- Lisboa, Wellington (2008), “Imagens do Brasil em Portugal: mitos e mídia na construção de identidade”, *Revista Estudos da Comunicação*, 9 (20), pp. 267-275.
- López, Laura (2009), *Que América Latina se sincere: Uma análise antropológica das políticas e poéticas do ativismo negro em face às ações afirmativas e às reparações no Cone Su*, Tese de Doutorado em Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Lourenço, Eduardo (1999), “Uma cultura do silêncio”, em Jorge Ribeiro, *Marcas da Guerra Colonial*, Porto, Campo das Letras, pp. 220-222.
- Löwy, Ilana (2000), “Universalidade da ciência e conhecimentos situados”, *Cadernos Pagu*, 15, pp.15-38.
- Lugones, Maria (2008), “Colonialidad y género”, *Tabula Rasa*, 9, pp. 73-101.
- Machado, Fernando Luís (1997), “Contornos e especificidades da imigração em Portugal”, *Sociologia, Problemas e Práticas* (24), pp. 9-44.
- Machado, Fernando Luís (2000), “Os novos nomes do Racismo: especificação ou inflação conceptual?”, *Sociologia Problemas e Práticas*, 33, pp. 9-44.
- Machado, Fernando, Joana Azevedo (2009), “A investigação sobre imigração e etnicidade em Portugal: tendências, vazios e propostas”, *Revista Migrações - ACIDI* (4), pp. 7-31.
- Machado, Igor (2009), *Cárcere público: processos de exotização entre imigrantes brasileiros no Porto*, Lisboa, ICS.
- Machado, Roberto (1986), “Introdução: Por uma genealogia do poder”, em Michel Foucault, *Microfísica do poder*, Rio de Janeiro, Graal, pp.VII-XXIII.
- Machado, Roberto (2006), *Foucault: a ciência e o saber*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Maffesoli, Michel (2001a), “O imaginário é uma realidade”, *Revista FAMECOS*, (15), pp. 74-82.
- Maffesoli, Michel (2001b), *Sobre o Nomadismo Vagabundagens Pós Modernas*, Rio de Janeiro, Record, 2001.

- Magalhães, Rui (2001), “Deleuze: a pluralidade metafísica. Sobre Gilles Deleuze, Diferença e Repetição”, Ciberkiosk. Disponível em:
http://sweet.ua.pt/~f660/docs/Deleuze_DR.pdf. Acessado em 10 de Março de 2013.
- Malheiros, Jorge (2007), “Os Brasileiros em Portugal – a síntese do que sabemos”, em Jorge Malheiros (org.), *A imigração brasileira em Portugal*, Lisboa, ACIDI, pp. 11-38
- Malheiros, Jorge, Beatriz Padilla e Frederica Rodrigues (2010), *Mulheres Imigrantes Empreendedoras*, Porto, Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Margarido, Alfredo (2010), *A Lusofonia e os Lusófonos: novos mitos portugueses*, Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas.
- Marques, João Filipe (2004) “Os dois racismos dos portugueses”, *Actas dos Ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia*, Braga.
- Marques, João Filipe (2007), *Do «Não Racismo» Português Aos Dois Racismos Dos Portugueses*, Lisboa, ACIDI.
- Marques, José Carlos, Pedro Góis (2011), *A emergência das migrações no feminino*, Cascais, Fundação Calouste Gulbenkian, Princípia.
- Martínez-Echazábal, Lourdes (1996), “O culturalismo dos anos 30 no Brasil e na América Latina: deslocamento retórico ou mudança conceitual?” em Marcos Maio (org). *Raça, ciência e sociedade*, Rio de Janeiro, Fiocruz/CCBB.
- Martins, Leonor (2012), *Um império de papel: imagens do colonialismo português na imprensa periódica ilustrada (1875-1940)*, Lisboa, Edições 70.
- Mcclintock, Anne (2010), *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*, Campinas, UNICAMP.
- Mcdonnell, Judith, Cileine de Lourenço (2009) “You're Brazilian, right? What kind of Brazilian are you? The racialization of Brazilian immigrant women”, *Ethnic and Racial Studies*, 32(2), pp. 239–256.
- Mignolo, Walter, Ramon Grosfoguel (2008), “Intervenciones Descoloniales: una breve introducción”, *Tabula Rasa*, (9), pp. 29-37.
- Miller, Mark, Stephen Castles (2009), *The Age of Migration: international population movements in the modern world*, New York, Palgrave Macmillan.
- Miranda, Joana (2009), *Mulheres imigrantes em Portugal: memórias, dificuldades de integração e projetos de vida*, Lisboa, ACIDI.
- Moesch, Marutscka (2000), *A produção do saber turístico*, São Paulo, Contexto.

- Monteiro, Renata (2010), *A construção da imagem do brasileiro em Portugal e as estratégias de afirmação identitária*, Dissertação de Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Monteiro, Renata (2012), “A construção da imagem do brasileiro em Portugal e as estratégias de afirmação identitária”, *Novas e Velhas Configurações da Imigração Brasileira na Europa: Atas do 2º Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa*, Lisboa, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, pp. 295-308.
- Müller, Fernanda Suely (2010), “Brasil e Portugal em revista: a imprensa periódica na fronteira entre cultura e política”, *Amerika Mémoires, identités, territoires*, (3). Disponível em: amerika.revues.org/1408 Acesso em 10 de Março de 2013.
- Munanga, Kabengele (2003), “Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia”, *Seminário Nacional de Relações Raciais*, (3), Rio de Janeiro.
- Nascimento, Elisa (2003), *O sortilégio da cor: identidade, raça e gênero no Brasil*, São Paulo, Selo Negro.
- Nascimento, Rosana (2008), *O “Brasil Colonial” e a Exposição do Mundo Português de 1940*, Tese de Doutorado em História, Universidade Federal da Bahia.
- Navaz, Liliana, Rosalva Hernandez (orgs.) (2011), *Descolonizando el Feminismo: teorías y prácticas desde los márgenes*, Madrid, Cátedra.
- Neves, Sofia, Cristina Correia (2010), “Ser Brasileira Em Portugal – Uma Abordagem Às Representações, Preconceitos e Estereótipos Sociais”, *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia. Universidade do Minho*, Portugal.
- Nichols, Robert (2010), “Postcolonial Studies and the Discourse of Foucault: Survey of a Field of Problematization”, *Foucault Studies*, (9), pp. 111-144.
- Nielsen, Christian (2002), *Turismo e Mídia: o papel da comunicação na atividade turística*, São Paulo, Contexto.
- Nietzsche, Friedrich (2009), *A genealogia da moral*, São Paulo, Cia. Das Letras.
- OIM (2010), Perfil Migratório do Brasil 2009. Organização Internacional das Migrações, Ministério do Trabalho e Emprego, Comissão Nacional de População e Desenvolvimento, Genebra.
- Ortiz, Renato (1994), *Cultura brasileira e identidade nacional*, São Paulo, Brasiliense.
- Ortiz, Renato (1997), “Mundialização, Cultura e Política”, em Octavio Ianni, Ladislau Dowbor, *Desafios da Globalização*, Rio de Janeiro, Vozes. pp. 270-275.
- Oto, Alejandro de (2006), “Apuntes sobre historia y cuerpos coloniales: algunas razones para seguir leyendo a Fanon”, *Worlds & Knowledges Otherwise*, 1 (3), pp. 1-11.

- Padilla, Beatriz (2007a), “A imigrante brasileira em Portugal: considerando o género na análise”, em Jorge Malheiros (coord.), *A Imigração Brasileira em Portugal*, Lisboa, ACIDI, pp.113-134.
- Padilla, Beatriz (2007b), “Acordos Bilaterais e Legalização: O Impacte na Integração dos Imigrantes Brasileiros em Portugal”, em Jorge Malheiros (org.), *A imigração brasileira em Portugal*, Lisboa, ACIDI, pp. 217-226.
- Padilla, Beatriz (2008), “Brasileras en Portugal: de la transformación de las diversas identidades a La exotización”, *Amérique Latine Histoire et Mémoire, Les Cahiers ALHIM*, (14). Disponível em: <http://alhim.revues.org/index2022.html>. Acesso em 10 de Março de 2013.
- Padilla, Beatriz (2011), “Engagement Policies and Practices: Expanding the Citizenship of the Brazilian Diaspora”, *International Migration*, 49(3), pp.10–29.
- Padilla, Beatriz (2012), “Novas configurações das migrações brasileiras na Europa: uma reflexão e proposta de agenda”, em Beatriz Padilla *et al*, *Novas e Velhas Configurações da Imigração Brasileira na Europa: Atas do 2º Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa*, Lisboa, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa, pp. 1-5.
- Padilla, Beatriz, Alejandra Ortiz (2012), “Fluxos migratórios em Portugal: do boom migratório à desaceleração no contexto de crise: balanços e desafios”, *Revista Internacional de Mobilidade Humana*, 20(39), p. 159-184.
- Padilla, Beatriz, Joana Azevedo (2012), “Territórios de diversidade e convivência cultural: considerações teóricas e empíricas”, *Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático: Imigração, Porto, Diversidade e Convivência Cultural, pág. 43-67.
- Padilla, Beatriz, Mariana Gomes e Gleiciane Fernandes (2010), “Ser Brasileira em Portugal: imigração, género e colonialidade”, *Livro de Actas do 1º Seminário de Estudos Sobre Imigração Brasileira na Europa*, Barcelona. pp. 113-120.
- Padilla, Beatriz, Mariana S. Gomes, Thaís França, Gleiciani Fernandes, Erica Masanet (2012), “Novas e Velhas Configurações da Imigração Brasileira na Europa”, *Atas do 2º Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa*, Lisboa: ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.
- Padilla, Beatriz, Thaís França (2012), “Direitos dos Brasileiros e Brasileiras na União Europeia: o Papel do Estado”, em Olaf Jacob (edit.), *Economia, Parlamentos*,

- Desenvolvimento, Migrações: as novas dinâmicas bilaterais entre Brasil e Europa*, Rio de Janeiro, Konrad-Adenauer-Stiftung, pp.175-198
- Paixão, Marcelo (2003), *Desenvolvimento Humano e Relações Raciais*, Rio de Janeiro, DP&A.
- Parrenas, Rhacel (2000), “Migrant Filipina Domestic Workers and the International Division of Reproductive Labor”, *Gender and Society*, 14(4), pp. 560-580.
- Pateman, Carole (1993), *O Contrato Sexual*, Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Peixoto, João (2004a), “As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro-Sociológicas”, *SOCIUS Working Papers*, (11). Disponível em <http://pascal.iseg.utl.pt/~socius/publicacoes/wp/wp200411.pdf> Acesso em 10 de Março de 2013.
- Peixoto, João (2004b), “País de Emigração ou País de imigração? Mudança e Continuidade no Regime Migratório em Portugal”, *Socius Working Papers*, (2). Disponível em: <http://pascal.iseg.utl.pt/~socius/publicacoes/wp/wp200402.pdf>
- Peixoto, João (2007), “Contrabando e imigração irregular: os novos contornos da imigração brasileira em Portugal”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, (53), pp. 71-90.
- Peixoto, João, Beatriz Padilla, José Carlos Marques, Pedro Góis (2010), *Vagas Atlânticas: A Imigração Brasileira em Portugal, projeto de investigação, relatório estatístico, resultados preliminares*, Lisboa, CIES-IUL.
- Peixoto, João, et al (2005), *O tráfico de Migrantes em Portugal: Perspectivas Sociológicas, Jurídicas e Política*, Lisboa, ACIME.
- Pena, Felipe (2002), “A vida é um show. Celebidades e heróis no espetáculo da mídia”, *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*. Disponível em: bocc.ubi.pt/pag/pena-felipe-vida-show.html
- Pinho, Filipa (2012), *Transformações na Emigração Brasileira para Portugal: De Profissionais a Trabalhadores*, Tese de Doutoramento em Sociologia, Instituto Universitário de Lisboa.
- Pires, Rui Pena (2003), *Migrações e Integração*, Celta, Oeiras.
- Pires, Rui Pena (coord.), Fernando Machado, João Peixoto, Maria João Vaz (2010), *Portugal: Atlas das Migrações Internacionais*, Lisboa, Tinta da China.
- Piscitelli, Adriana (2007a), “Corporalidade em confronto: brasileiras na indústria do sexo na Espanha”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 22(64), pp. 17-32.

- Piscitelli, Adriana (2007b), “Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiras para a Itália no marco do ‘turismo sexual’ internacional”, *Revista Estudos Feministas*, 15(3), pp. 717-744.
- Piscitelli, Adriana (2008), “Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras”, *Sociedade e Cultura*, 11(2), pp. 263- 274.
- Piscitelli, Adriana, Glaucia Assis, José Miguel Olivar (orgs.) (2011), *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*, Campinas, PAGU/UNICAMP.
- Piscitelli, Adriana, Marcia Vasconcelos (orgs.) (2008), “Dossiê: Gênero no Tráfico de Pessoas”, *Cadernos Pagu*, (31).
- Pogrebinschi, Tamy (2004), “Foucault, para além do Poder Disciplinar e do Biopoder”, *Lua Nova*, (63), pp. 179-201.
- Pol-Droit, Roger (2006), *Michel Foucault: entrevistas*, São Paulo, Graal.
- Pontes, Luciana (2004), “Mulheres brasileiras na mídia portuguesa”, *Cadernos Pagu*, (23), pp.229-256.
- Pratt, Mary (1999), *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*, São Paulo, EDUSC.
- Pravaz, Natasha (2012), “Performing Mulata-ness: The Politics of Cultural Authenticity and Sexuality among Carioca Samba Dancers”, *Latin American Perspectives*, 39(2), pp.113-133.
- Quijano, Aníbal (2005), “Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina”, em Edgardo Lander (org.), *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*, Buenos Aires, CLACSO, pp.201-246.
- Raminelli, Ronald (2012), “Eva Tupinambá”, em Priori, Mary, Carla Pinsky, *História das Mulheres no Brasil*, São Paulo, Contexto, p. 11-44
- Reis da Silva, André (2010), “As transformações matriciais da Política Externa Brasileira recente (2000-2010)”, *Boletim Meridiano* 47,11. Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/MED/article/view/637/752>. Acesso em: 30 Set. 2010.
- Rezende, Cláudia (2008), “Stereotypes and National Identity: Experiencing the ‘Emotional Brazilian’”, *Identities*, 15(1), pp.103–122.

- Rial, Carmen (2008), “Princesas, sufragistas, islâmicas, laicas, onguistas, escritoras – a luta feminista no Irã: entrevista com Azadeh Kian-Thiébaud”, *Estudos Feministas*, 16(1), pp.145-169.
- Rocha, Paula, Sandra Montardo (2005), “Netnografia: incursões metodológicas na cibercultura”, *Compós, Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, 22(2), pp.3-22.
- Rodrigues, Carla (2005), “Butler e a desconstrução do gênero”, *Revista Estudos Feministas*, 13(1), pp.179-183.
- Rodrigues, Elsa (2010), “Do Brasil-Palhaço ao Portugal-Europa: a importância do «onde se vem» na construção do «para onde se vai» nas estratégias de imigrantes femininas brasileiras em Portugal”, *1º Seminário de Estudos Sobre Imigração Brasileira na Europa*, Barcelona. pp. 129-136
- Rodrigues, Ernesto (2008), “Imprensa portuguesa de oitocentos que interessa ao Brasil”, *Navegações*, 1(1), pp. 26-34.
- Rosário, Edite, Tiago Santos, Sílvia Lima (2011), *Discursos do racismo em Portugal: essencialismo e inferiorização das trocas coloquiais sobre categorias minoritárias*, Lisboa, ACIDI.
- Ruivo, Ana Lúcia Farinha (2010), *Corpo E Cultura: O Indígena Brasileiro Nos Relatos Portugueses Da Segunda Metade Do Século XVI*, Dissertação de Mestrado em Ensino do Português como Língua Segunda e Estrangeira. Faculdade de Ciências Sociais e Humana. Universidade Nova de Lisboa.
- Sabino, Catarina (2005), “Tráfico de Mulheres”, em João Peixoto, *et al.*, *O tráfico de Migrantes em Portugal: Perspectivas Sociológicas, Jurídicas e Políticas*, Lisboa, ACIME, pp.220-277.
- Sabino, Catarina, Sónia Pereira (2005), “Políticas”, em João Peixoto, *et al.*, *O tráfico de Migrantes em Portugal: Perspectivas Sociológicas, Jurídicas e Políticas*, Lisboa, ACIME, pp. 282-300.
- Sabino, Catarina, Susana Murteira (2005), “Análise da imprensa”, em João Peixoto, *et al.*, *O tráfico de Migrantes em Portugal: Perspectivas Sociológicas, Jurídicas e Políticas*, Lisboa, ACIME, pp.104-131.
- Said, Edward (2007), *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*, São Paulo, Companhia das Letras.

- Sanches, Manuela (2012), “A bem da Europa e das suas Nações. Em jeito de posfácio”, em Leonor Martins, *Um império de papel: imagens do colonialismo português na imprensa periódica ilustrada (1875-1940)*, Lisboa, Edições 70, pp. 195-207.
- Sanches, Manuela (org) (2006), *Portugal não é um país pequeno”: contar o “império” na pós-colonialidade*, Lisboa, Cotovia.
- Santana, Gisane (2008), “Irarana e a Carta de Caminha: focos sobre a construção da nação brasileira”, *Revista Eutomia*, I(1), pp.296-311.
- Santos, Aline (2012), “Casa do Brasil de Lisboa: especificidades, conquistas e desafios do associativismo de imigrantes brasileiros em Portugal”, em Beatriz Padilla, *et al*, *Novas e Velhas Configurações da Imigração Brasileira na Europa: Atas do 2º Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa*, Lisboa, pp. 241-254.
- Santos, Boaventura, *et al* (2009), “Tráfico sexual de mulheres: Representações sobre ilegalidade e vitimação”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, (87), pp. 69-94.
- Santos, Boaventura, Maria Meneses (orgs.) (2010), *Epistemologias do Sul*, Coimbra, Almedina.
- Santos, Clara (2007), *Imagens de mulheres imigrantes na imprensa portuguesa: análise do ano 2003*, Lisboa, ACIDI.
- Santos, Vanda (2004), *O discurso oficial do Estado sobre a emigração dos anos 60 a 80 e emigração dos anos 90 à actualidade*, Lisboa, ACIME.
- Sardinha, João (2010), “Estratégias identitárias e esquemas de integração: os posicionamentos das associações angolanas, brasileiras e da Europa de Leste em Portugal”, *Migrações - Revista do Observatório da Imigração*, (6), pp. 59-80.
- Scott, Joan. (1986), “Gender: a useful category of historical analysis”, *The American Historical Review*, 91(5), pp- 1053-1075.
- Seixas, Maria Lucília Barbosa (2003), *A Natureza Brasileira nas Fontes Portuguesas do Século XVI*, Viseu, Passagem Editores.
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (2010) Relatório de Imigração Fronteira e Asilo 2009. Disponível em: http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2009.pdf Acesso em 13 de Janeiro de 2013.
- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (2011) Relatório de Imigração Fronteira e Asilo 2010. Disponível em: http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2010.pdf Acesso em 13 de Janeiro de 2013.

- Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (2012) Relatório de Imigração Fronteira e Asilo 2011. Disponível em: http://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa_2011.pdf Acesso em 13 de Janeiro de 2013.
- Seyferth, Giralda (1996), “Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização”, em Marcos Maio, Ricardo Santos (orgs.), *Raça, Ciência e Sociedade*, Rio de Janeiro, Fiocruz/CCBB, pp.41-58.
- Silva, Francisco da (2004), “Articulações entre poder e discurso em Michel Foucault”, em Vanice Sargentini, Pedro-Navarro Barbosa (orgs.), *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*, São Paulo, Clara Luz.
- Silva, Juremir (2003), *As tecnologias do imaginário*, Porto Alegre, Sulina.
- Silva, Patrícia Azevedo (2008), *Prá lá do Prejuízo: Análise das Narrativas de Identidade e Reconstrução de Subjectividades em Mulheres Brasileiras na Área Metropolitana de Lisboa*, Dissertação de mestrado em Antropologia, Lisboa, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.
- Silva, Sandra, Aline Schiltz (2007), “A relação entre os imigrantes brasileiros e os Portugueses: a construção de imagens recíprocas”, em Jorge Malheiros (coord.), *A Imigração Brasileira em Portugal*, Lisboa, ACIDI, pp. 155-170.
- Silveira, Emerson (2007), *Por uma Sociologia do Turismo*, Porto Alegre, Zouk.
- Siqueira, Sueli (2007), “O sonho frustrado e o sonho realizado: as duas faces da migração para os EUA”, *Revista Nuevo Mundo Mundos Nuevos*. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/5973>
- Skidmore, Thomas (1989), *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*, Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Sobral, José Manuel (2010), “Dimensões étnicas e cívicas e glorificação do passado em representações da identidade nacional portuguesa numa perspectiva comparada”, em José Manuel Sobral, Jorge Vala (org.), *Identidade Nacional, Inclusão e Exclusão Social*, ICS, Lisboa.
- Souza, Ana Lúcia Silva (2009), *Letramentos de reexistência: culturas e identidades no movimento Hip Hop*, Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, IEL/UNICAMP, Campinas.
- Souza, Jorge (2002), “Imagens do Brasil na imprensa portuguesa de grande circulação”, *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 25(1), pp. 27-46.
- Spivak, Gayatri (1995), “Can the Subaltern Speak?”, em Bill Ashcroft, *et al*, *The Post-Colonial Studies Reader*, London, Routledge, pp. 28-37.

- Spivak, Gayatri.(2008), “Estudios de la Subalternidad”, em Sandro Mezzadra, *et al*, *Estudios postcoloniales: Ensayos fundamentales*, Traficantes de Sueños, pp 33-68.
- Stassun, Cristian, Selvino Assmann (2010), “Dispositivo: Fusão de objeto e método de pesquisa em Michel Foucault”, *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*, 11(99), p. 72-92.
- Stolke, Verena (2006), “O enigma das intersecções: classe, “sexualidade”, sexo, sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX”, *Revista Estudos Feministas* 14(1), pp.15-42.
- Tavares, José Vicente (1996), “Michel Foucault: um pensador das redes de poder e das lutas sociais”, *Educação, Subjetividade e Poder*, 3 (3), pp. 07-16.
- Téchio, Kachia (2006), *Tecendo por trás do espelho: representações identitárias de imigrantes brasileiras em Portugal*, Tese de Mestrado em Antropologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- Telles, Edward (2003), *Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica*, Rio de Janeiro, Relume-Dumará, Fundação Ford, 347 p.
- Togni, Paula (2011), “Que “brasileiras/os” Portugal produz? Representações sobre gênero, amor e sexo”, em Adriana Piscitelli, Glauca Assis, José Olivar (orgs.), *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*, Campinas, PAGU/UNICAMP, pp.385-434.
- Togni, Paula (2008), *Os Fluxos Matrimoniais Transnacionais entre Brasileiras e Portugueses: Género e Imigração*, Tese de Mestrado em Antropologia, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa (ISCTE), Lisboa.
- Urry, John e Carol Crawshaw (1995), “Turismo e Consumo Visual”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 43, Coimbra, Ces, pp.47-68.
- Vala, Jorge, e Marcos Lima (2003), “Diferenciação social, racionalização e etnicização de minorias: ambivalências e contradições”, em M. L. Lima, P. Castro e M. Garrido (orgs.), *Temas e Debates em Psicologia Social*, Lisboa, Livros Horizonte, pp.177-206.
- Vala, Jorge, Rodrigo Brito e Diniz Lopes (1999), *Expressões dos Racismos em Portugal*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- Vasconcelos, Vânia (2005), “Visões Sobre As Mulheres Na Sociedade Ocidental”, *Revista Ártemis*, (3). Disponível: ww.prodema.ufpb.br/revistaartemis/numero3/numero3.html
- Veyne, Paul (2008), *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*, Brasília, Editora UNB.

- Voicu, Malina, Ioana Rusu (2012), “Immigrants’ membership in civic associations: Why are some immigrants more active than others?”, *International Sociology*, 27(6), pp. 788–806.
- Wainberg, Jacques (2003), *Turismo e Comunicação: a indústria da diferença*, São Paulo, Contexto.
- Wieviorka, Michel (2002), *O Racismo: uma introdução*, Lisboa, Fenda.
- Xavier, Maria (2007), *Redescobrimo o Brasil: processos identitários de brasileiros em Portugal*, ACIDI, Lisboa.

ANEXO A:

Guião de entrevista semi-estruturada às associações de imigrantes.

Casa do Brasil de Lisboa

1. Nestes quase 20 anos, a Casa do Brasil tem atuado na área cultural e política, promovendo a cultura brasileira e lutando pelos direitos dos imigrantes, além de prestar apoio social, jurídico e psicológico aos imigrantes. Foi possível perceber, através das informações disponíveis no site, que foram realizadas também algumas ações com o tema na imagem do Brasil, como no próprio site, que disponibiliza informações e imagens dos diversos estados brasileiros e também o vídeo didático de 1995 “Portugal- Brasil: imagens de uma história”. Fale-me sobre essas ações.
2. Na reunião com a Prof^a Else Vieira, suplente do CRBE, realizada em 15/04, o senhor falou de uma atividade que a Casa do Brasil está a organizar, focada no combate ao estereótipo da mulher brasileira em Portugal. Qual julga ser esse estereótipo? Fale-me desta atividade.
3. Pensa que esse estereótipo reflete o pensamento dos portugueses sobre as mulheres brasileiras, ou também dos imigrantes brasileiros sobre as mulheres brasileiras?
4. Pensa que as mulheres brasileiras sofrem mais preconceito e discriminação que os homens brasileiros?
5. Pensa que os brasileiros sofrem mais discriminação e preconceito que os imigrantes de outros países?
6. Em sua opinião quais seriam os motivos para esse preconceito?
7. Quando a Casa do Brasil realiza atividades culturais, pensa também em como estas contribuem para construir uma imagem do Brasil em Portugal?
 - 7.1 A Casa do Brasil busca realizar atividades culturais diversificadas, para não estereotipar a imagem do Brasil apenas vinculada ao samba, por exemplo?

Associação Lusofonia Cultura e Cidadania

1. Nestes 04 anos, a Associação Lusofonia tem atuado no apoio social, psicológico e jurídico dos imigrantes de países de Língua Portuguesa. Porque o enfoque nos países de Língua Portuguesa? Fale-me um pouco do uso do conceito de Lusofonia.
2. Foi possível perceber, através das informações disponíveis no site, que a ALCC está mais voltada para a integração dos imigrantes, do que para a promoção da cultura dos países de Língua Portuguesa. Por quê?
3. Há alguma preocupação da ALCC com a imagem dos países de Língua Portuguesa, em especial o Brasil, em Portugal?
4. Atualmente alguns investigadores têm destacado o problema dos estereótipos em torno do brasileiro, em especial em torno da mulher brasileira em Portugal. A ALCC alguma vez discutiu esse tema ou pretende trabalhar sobre esse tema?
5. Pensa que esse estereótipo reflete o pensamento dos portugueses sobre as mulheres brasileiras, ou também dos imigrantes brasileiros sobre as mulheres brasileiras?

6. Pensa que as mulheres brasileiras sofrem mais preconceito e discriminação que os homens brasileiros?
7. Pensa que os brasileiros sofrem mais discriminação e preconceito que os imigrantes de outros países?
8. Em sua opinião quais seriam os motivos para esse preconceito?

Associação Comunitária

1. Como surgiu a Associação Comunitária?
2. A Comunitária é voltada especialmente para mulheres imigrantes. Há um enfoque nas brasileiras, ou são as imigrantes em geral?
3. A Comunitária é registrada no ACIDI, ganha algum recurso do governo português, por ser associação de imigrantes?
4. Quais são os principais projetos da Comunitária?
5. A Comunitária foi a única associação de imigrantes a estar presente na SlutWalk Lisboa. Parece que as outras associações, percebem que há um preconceito contra a mulher brasileira em Portugal, mas não discutem muito isso e não fazem ações com relação a isto. Como você vê essa questão?
6. Existe algum projeto da Comunitária, ou se pretende fazer algum projeto, para trabalhar sobre esse tema dos estereótipos das mulheres brasileiras em Portugal?
7. Pensa que esse estereótipo reflete o pensamento dos portugueses sobre as mulheres brasileiras, ou também dos imigrantes brasileiros sobre as mulheres brasileiras?
8. Achas que as mulheres brasileiras sofrem mais preconceito e discriminação que os homens brasileiros?
9. Pensas que as mulheres negras brasileiras sofrem mais que as brancas brasileiras?
10. Pensa que os brasileiros em geral sofrem mais discriminação e preconceito que os imigrantes de outros países?
11. Em sua opinião quais seriam os motivos para esse preconceito?
12. O que poderia ser feito para combatê-lo?

ANEXO B:

Guião de entrevista com agentes do Marketing Turístico da EMBRATUR.

1. Em 2003, quando foi criado o Ministério do Turismo, a EMBRATUR passou a dedicar-se exclusivamente a promoção internacional. Você está na EMBRATUR desde esse momento. Fale um pouco desse processo inicial e da decisão de construir um Plano de Marketing para orientar a política da EMBRATUR, que se tornou o Plano Aquarela.
2. Sobre o Plano Aquarela, a primeira fase foi o diagnóstico. Nessa fase foi levantada a opinião interna sobre o turismo no Brasil. Conforme o relatório, agentes públicos, privados e do terceiro setor apontaram como o principal ponto fraco do turismo brasileiro, a imagem estereotipada do Brasil que teria privilegiado a mulher, a sensualidade, ligada ao carnaval e as praias... (p.78). Algumas pesquisas científicas também apontaram que as políticas anteriores da EMBRATUR utilizaram a mulher como atrativo turístico. Mas alguns achavam que o problema era focar o marketing somente nisso, que isso geraria um reducionismo da oferta turística do país. Outros acham que essa imagem ligada a sensualidade deve ser desconstruída. O Plano Aquarela foi orientado para diversificar essa imagem do Brasil ou romper com essa imagem? Como foi essa discussão?
3. Essas discussões estão relacionadas com o turismo sexual. Nesse sentido, alguns movimentos feministas apontam que essa promoção do Brasil em torno da imagem da mulher brasileira teria gerado o turismo sexual. Outros grupos defendem que o problema está na exploração sexual de crianças e adolescentes que perpassa o turismo. Essa questão fez parte das discussões e da construção do Plano Aquarela?
4. Em nenhum momento essa questão aparece explícita no Plano Aquarela. A EMBRATUR optou por não fazer o demarketing dessa imagem da mulher como atrativo. Isso chegou a ser discutido?
5. O que você acha que impulsionou o questionamento dessa imagem?
6. Muitas pessoas, grupos sociais e empresas defendem que houve um exagero, que o Brasil deve exaltar sua sensualidade, que isso faz parte da cultura brasileira. Por exemplo, a Cia. Sandrinha Sargentelli, que realiza o show de contemplação da mulata, seguindo a trajetória do seu tio Oswaldo Sargentelli. Sandrinha afirma que não incentiva o turismo sexual e apenas valoriza a cultura do samba e a mestiçagem do povo brasileiro. Em seu site a EMBRATUR consta como parceira. Qual a sua opinião e qual a relação da EMBRATUR com a Cia?
6. O Movimento feminista teve uma participação importante nessa discussão e o II Plano de Políticas para as Mulheres da SPM menciona o combate ao turismo sexual, o combate a erotização da imagem da mulher na mídia. A I Conferência de Promoção da Igualdade Racial da SEPPIR também menciona essas questões com relação à mulher negra. Esses grupos chegaram a fazer parte das discussões do Plano Aquarela?
7. Com relação a esta relação das políticas de turismo com outros agentes públicos e também com agentes privados. Qual sua opinião sobre o CNT? (SPM e a SEPPIR não estão no Conselho Nacional de Turismo)
8. Ainda sobre essa relação entre o público e o privado, o presidente da Confederação de Conventions & Visitors Bureaux, João Moreira, afirma que apesar dos avanços nas políticas de comercialização e promoção do Brasil, ainda é pequena quantidade de investimentos. Isso seria devido ao modelo brasileiro no qual apenas o setor público investe em promoção através da EMBRATUR. Ele defende que deveria haver uma parceria público-privada para investimentos em promoção turística. Qual sua

opinião sobre isso?

9. Por fim, acessei vários dados que comprovam o crescimento do Turismo brasileiro. Também é visível o processo de qualificação das políticas públicas de Turismo. Qual sua avaliação e perspectivas?

ANEXO C

Questionário Aberto sobre a imagem do Brasil e sobre o trabalho dos Escritórios Brasileiros de Turismo da EMBRATUR.

1. Relate, brevemente, sua trajetória profissional.
2. Os EBTs no exterior são unidades de promoção, marketing e apoio à comercialização de produtos, serviços e destinos turísticos do Brasil em cada país. Como é a atuação dos EBTs? Quais atividades desenvolvem?
 - 2.1 Há especificidades em cada mercado? Há publicidades diferenciadas conforme os países?
3. Como são escolhidas as cidades onde terão EBTs?
4. Portugal é um mercado prioritário para a EMBRATUR? Justifique.
5. Por que o EBT de Lisboa foi escolhido para a coordenação de todos os escritórios da Europa?
6. Os EBTs têm objetivo de consolidar a imagem do Brasil como um destino turístico no exterior. O Plano Aquarela de Marketing Turístico da EMBRATUR teve o objetivo de reposicionar a imagem do Brasil no mundo, através da promoção de uma diversidade de produtos, com objetivo (implícito) de romper com o estereótipo de “sol, praia e mulheres” – conforme informou-me a Senhora Janine Pires, ex-presidente da EMBRATUR, em 2009, durante uma entrevista para minha pesquisa de Mestrado (disponível em <http://hdl.handle.net/10183/18449>). Qual é a imagem que o EBTs têm buscado promover?
7. Em sua opinião, o Plano Aquarela está tendo resultados, no que diz respeito a diversificar a imagem do Brasil no mundo?
8. A EMBRATUR utiliza algum mecanismo de controle/feedback do Plano Aquarela, além do número de entrada de turistas estrangeiros?
9. Em sua opinião, o marketing da EMBRATUR, das décadas de 1970 e 1980, que transformou a mulher brasileira em atrativo turístico, ajudou a criar um estereótipo de hipererotização da mulher brasileira no exterior?
 - 9.1 Em sua opinião, esse estereótipo se converte em preconceito e discriminação das imigrantes e turistas brasileiras nos diferentes países para os quais viajam?
 - 9.2 Em sua opinião, este estereótipo ainda está presente em alguns países?
 - 9.3 Em sua opinião, em algum(ns) país(es) esse estereótipo é mais forte? Qual (is)?
 - 9.4 Em sua opinião, em Portugal, devido aos imaginários coloniais em torno do Brasil e uma “sexualidade tropical”, teria um maior apelo a essa imagem das mulheres brasileiras hipererotizadas? O EBT Lisboa alguma vez relatou ou discutiu algo nesse sentido, com a central da EMBRATUR?

- 9.5 A senhora, que por questões profissionais já deve ter percorrido alguns países, já passou por alguma situação de preconceito, discriminação ou assédio? Ou conhece alguma brasileira que tenha passado por algum episódio desse tipo? Se possível, relate o(s) caso(s).
10. Em sua opinião, o estereótipo de hipereorização da mulher brasileira tem alguma relação com o fluxo de turismo sexual de europeus para o Brasil?
11. Os EBTs já realizaram alguma ação com relação ao turismo sexual?
12. Em sua opinião, qual é atualmente a imagem do Brasil no mundo?
13. Quais são as ações previstas, ou que já estão sendo realizadas, pelos EBTs, para a Copa do Mundo de Futebol (2014) e para as Olimpíadas do Rio de Janeiro (2016)?
14. A EMBRATUR tem alguma posição ou discussão sobre a proposta de Ziraldo para a mascote das Olimpíadas do Rio (imagem a seguir)?



15. Qual a imagem do Brasil, que a EMBRATUR e seus escritórios, pretendem consolidar no mundo, a partir desses dois megaeventos?
16. Quais são os mercados prioritários para a EMBRATUR com relação aos megaeventos?
17. Gostaria de acrescentar mais alguma informação e/ou comentário?

ANEXO D

Guião de entrevista semi-estruturada aos jornalistas da imprensa turística portuguesa

1. Conte-me um pouco de seu trabalho... Há quanto tempo trabalha com jornalismo de viagens? Em que revistas já trabalhou?
2. Trabalha por todo o mundo ou é especialista em alguma região ou temática?
3. Qual o perfil do público das suas reportagens e dos veículos da imprensa turística em Portugal?
4. Referente ao Brasil... qual o papel do Brasil na imprensa turística portuguesa? O Brasil é um destino turístico de grande interesse para esta imprensa?
5. Quantas vezes você esteve no Brasil? Quantas reportagens você fez sobre o Brasil? Em que lugares do Brasil esteve? As viagens tinham objetivos diferentes?
6. Qual característica positiva destacaria do Brasil? E qual característica negativa?
7. O que pensa que mais interessa aos turistas portugueses no Brasil?
8. O Brasil é principalmente um destino de sol e mar, vinculado a um imaginário de paraíso? O Brasil torna-se diferente dos outros destinos sol e mar pelas relações históricas com Portugal? Por que entre os destinos de sol e mar os portugueses preferem o Brasil?
9. Nas décadas de 70, 80 e até 90 a EMBRATUR divulgou imagens do Brasil com mulheres seminuas, nas praias e no carnaval. Essa imagem teve impacto na imprensa turística em Portugal? Ainda tem algum impacto?
10. Não só o governo brasileiro é importante para divulgar o Brasil, mas também os media em geral. Algumas investigações têm demonstrado que os media portugueses constroem uma imagem da mulher brasileira relacionada com a erotização, muitas vezes relaciona com a prostituição. Você pensa que em Portugal, essa imagem de mulher brasileira como prostituta pode contribuir para um fluxo de turismo sexual para o Brasil?
11. Tendo em vista que o Código Mundial de Ética do Turismo, da Organização Mundial do Turismo, em seu artigo sexto “da obrigação dos agentes de desenvolvimento turístico”, afirma que os meios de comunicação não devem facilitar o turismo sexual. Existe alguma preocupação dos jornalistas que trabalham com o turismo, com esse tema do turismo sexual?
12. Desde 2003, o governo brasileiro, através da EMBRATUR, desenvolve o Plano Aquarela de reposicionamento da imagem do Brasil no mundo, para romper com esses estereótipos de mulheres exóticas e eróticas e gerar fluxos diversos de turismo no Brasil, que não seja apenas “sol e mar”. Pensa que este projeto está tendo impacto?
13. Pensa que o desenvolvimento socioeconômico recente do Brasil tem impacto na construção de uma nova imagem para o país?
14. Qual a imagem você pensa que os portugueses têm do Brasil hoje?

ANEXO E:

Guião de entrevista semi-estruturada ao produtor cultural, informante privilegiado sobre o mercado cultural da brasilidade em Portugal.

1. Os portugueses gostam da música brasileira?
2. Que tipo de música brasileira chega a Portugal?
3. Como a sua trajetória profissional se cruzou com a das “mulatas” em Portugal?
4. Por que Roberto Leal trazia as “mulatas” para os shows?
5. Qual era a reação do público?
6. Como você acha que o público vê as mulatas? Como artistas? Bailarinas? Ou como se fosse uma coisa natural, como um símbolo de uma brasilidade? Como arte e cultura ou como se fosse só ser brasileira para sambar?
7. E como os outros artistas e produtores envolvidos nos shows as vêem?
8. E como você acha que elas se definem?
9. Acha que elas sofrem preconceito? Assédio sexual? São confundidas com prostitutas e discriminadas por isso?
10. Em sua opinião, quais seriam os motivos para esse preconceito?
11. Com relação a estes “shows de mulatas”, criados por Oswaldo Sargentelli, há uma discussão: alguns argumentam que promovem o samba e a cultura brasileira; outros argumentam que esteriotipa e erotiza o samba e as mulheres brasileiras. O que você pensa disso?
12. Achas que há, em Portugal, uma associação entre samba, erotismo e mulher brasileira? Achas que os portugueses conhecem apenas o samba do carnaval do Rio de Janeiro? Ou achas que há uma percepção maior sobre a diversidade e riqueza do universo do samba?
13. Você, como brasileiro, português, angolano, músico, percussionista, voltado para a música popular brasileira, sente ou já sentiu algum tipo de preconceito em Portugal?
14. O preconceito que existe contra os brasileiros, e especificamente, às brasileiras, afeta o gosto dos portugueses pela música brasileira?
15. Atualmente, a situação do preconceito tem se alterado?

ANEXO F

Guião da entrevista com o Curador da exposição

“Carmen Miranda: a maior luso-brasileira de sempre”.

1. Como surgiu a ideia de realizar uma exposição sobre a Carmen Miranda em Portugal?
2. Quem foi o idealizador?
3. Quais instituições apoiaram, no Brasil e em Portugal?
4. Esta foi a primeira exposição dedicada a Carmen Miranda em Portugal?
5. Como tem sido a recepção do público português a mensagem de que a Carmen Miranda é “lusa”? E do público brasileiro?
6. Quantos visitantes estima-se que a exposição já recebeu?
7. Pensa que o ícone “Carmen Miranda” reforça uma imagem de sensualidade da mulher brasileira? Se sim, isto é bom ou ruim?
8. A Carmen Miranda é um ícone inquestionável da cultura brasileira. Acredita que criar o imaginário de Carmen Miranda como luso-brasileira pode auxiliar nas relações de amizade e proximidade entre Brasil e Portugal?

ANEXO G:

Guião de entrevista semi-estruturada às Escolas de Samba

1. Conte-me sobre a história da Escola... Desde o início houve influências do carnaval do Rio de Janeiro?
2. Quais são as principais influências?
3. Quantos participantes têm a Escola? A maioria é de portugueses e moradores da localidade?
4. Os participantes têm uma identificação, uma aproximação com o Brasil? Ou não?
5. Como é a participação ao longo do ano?
6. Quem é público que participa do Carnaval? Residentes, turistas de outras regiões de Portugal, de outros países?
7. Existe algum apoio governamental para as Escolas? Existe algum apoio do Brasil, da Embaixada ou de alguma associação de brasileiros?
8. No *Brazilian Day* Lisboa, organizado pela Rede Globo, estavam representadas as Escolas de Samba. A sua escola estava presente? Como foi a participação?
9. Existe alguma competição entre as escolas? Quais os quesitos?
10. Você já foi alguma vez ao Carnaval do Rio de Janeiro?
11. No Brasil há outras formas de carnaval, por exemplo, o Carnaval de Olinda, em Pernambuco é mais próximo ao entrudo, e o de Salvador da Bahia com os trios elétricos. Há alguma influência desses outros carnavais no Carnaval em Portugal?
12. No Brasil existe uma grande discussão sobre o Carnaval do Rio de Janeiro e como ele foi transformado pela Rede Globo em erotização, quando, na verdade, é muito mais do que isso. O que pensas disto?
13. Achas que há, em Portugal, uma associação entre samba, erotismo e mulher brasileira? Ou achas que há uma percepção maior sobre a diversidade e riqueza do universo do samba?
14. Algumas pessoas acham que essa erotização do carnaval acaba transmitindo uma imagem de erotização da mulher brasileira em geral e que isso gera discriminação contra a mulher brasileira pelo mundo. O que pensas disto?
15. Pensa que existe preconceito contra a mulher brasileira em Portugal?
16. E contra a mulher portuguesa que dança samba, existe preconceito?
17. Em sua opinião, quais seriam os motivos para esse preconceito?
18. Como pensa que a sociedade portuguesa em geral vê o Carnaval das Escolas de Samba portuguesas?

ANEXO H:

Guião de entrevista semi-estruturada com as mulheres brasileiras que trabalham no Mercado Cultural da Brasilidade em Portugal.

Dados de Identificação

Naturalidade: _____

Cidade de Residência atual: _____

Última cidade que morou antes da atual: _____

Quanto tempo está há viver (ou viveu) em Portugal: _____

Idade: _____

Formação escolar: _____

Estado civil: _____

Filhos: _____

Como você se declara com relação a sua cor/raça/etnia?

Branca Negra Mulata Indígena Outro. Qual? _____

Prefiro não me declarar Apenas Brasileira

Questões

1. Há quanto tempo vive em Portugal?
2. Qual o motivo da migração?
3. Como você vê a cultura brasileira em Portugal? Existe uma receptividade? Um mercado específico?
4. Com relação ao público dos shows: são mais brasileiros, portugueses, estrangeiros?
5. Pensa que há espaço para a diversidade da cultura brasileira, ou é mais o samba?
6. Como você se sente como representante da cultura brasileira em Portugal?
7. Como é o seu trabalho em Portugal?
 - 7.1 Em que lugares trabalha?
 - 7.2 Você trabalha com alguma associação de brasileiros em Portugal? Têm algum apoio de alguma instituição? Acha que deveria ter mais apoio para divulgar a cultura brasileira em Portugal?
 - 7.3 Trabalha em alguma outra atividade?
8. No Brasil, já trabalhava com shows de dança, música?

9. Como você define seu trabalho?
10. Como os portugueses vêem o teu trabalho?
 - 10.1 Acha que tem algum preconceito contra as dançarinas brasileiras?
 - 10.2 Você já passou por alguma situação de preconceito? Ou conhece alguém que sofreu preconceito, alguma história para partilhar?
 - 10.3 Acha que o samba é percebido como erotização em Portugal? Ou há uma compreensão enquanto cultura brasileira?
 - 10.4 Acha que as dançarinas são confundidas com profissionais do sexo?
11. Acha que as brasileiras de forma geral sofrem algum preconceito em Portugal?
12. Se sim, quais seriam, em sua opinião, as razões para este preconceito?
13. Se sim, pensa que a situação tem vindo a melhorar ou a piorar?
14. Como dançarina, é preciso cuidar do corpo, da aparência. Acha que as brasileiras “se cuidam” mais que as portuguesas?
15. Por fim, você gosta de morar em Portugal? Pretende voltar ao Brasil? Quais os aspectos positivos de ser uma dançarina em Portugal?

ANEXO I

Questionário aberto a mulheres brasileiras ativistas em Portugal.

Dados de Identificação

Naturalidade: _____
Cidade de Residência atual: _____
Última cidade que morou antes da atual: _____
Quanto tempo está há viver (ou viveu) em Portugal: _____
Idade: _____
Formação escolar: _____
Estado civil: _____
Filhos: _____
Como você se declara com relação a sua cor/raça/etnia?
() Branca () Negra () Mulata () Indígena () Outro. Qual? _____
() Prefiro não me declarar () Apenas Brasileira

Questões

1. Quais os motivos de sua vinda para Portugal?
2. Relate, brevemente, sua trajetória profissional em Portugal.
3. Relate, brevemente, sua trajetória profissional antes de vir para Portugal (e depois, se for o caso).
4. Como você avalia sua experiência migratória em Portugal?
 - 4.1 Quais os principais pontos positivos?
 - 4.2 Quais as principais dificuldades?
5. Quando começou seu interesse por alguma forma de ativismo social?
6. Esteve envolvida com organizações/movimentos sociais no Brasil? Quais?
7. Como ocorreu sua inserção em organizações/movimentos sociais em Portugal?
 - 7.1 Quais são/eram esses movimentos? Quais as principais pautas desses movimentos? Como estão organizados (formais ou através de redes sociais)? Quais os principais avanços/conquistas? Caso tenha participado de vários, procure descrever cada um deles.

- 7.2 Qual a sua avaliação da recepção que teve, como mulher brasileira, nesses movimentos?
8. Como é a recepção dos movimentos aos temas relacionados às mulheres brasileiras? Há apoios? Se você participou de diferentes movimentos (estudantil, classista, feminista não imigrante, imigrante não feminista), procure descrever cada um deles.
9. Sobre a relação trabalho – engajamento social e político, responda:
- 9.1 Você busca em seu trabalho, seja intelectual, artístico ou outro, algum tipo de transformação da sociedade? Descreva seu trabalho pensando nesta questão.
- 9.2 Se a resposta anterior foi sim, responda: esse engajamento já estava presente em seu trabalho no Brasil? Descreva.
10. Com relação aos imaginários em torno da mulher brasileira em Portugal:
- 10.1 Como você definiria esses imaginários? Qual é o conteúdo desse imaginário?
- 10.2 O que a sociedade portuguesa em geral pensa e fala das mulheres brasileiras?
- 10.3 Quais as formas de manifestação desse estereótipo, como ele se transforma em preconceito e discriminação?
- 10.4 Quais seriam, em sua opinião, as causas do estereótipo?
- 10.5 Quais as possíveis formas de combater esse estereótipo?
11. Com relação às formas como as brasileiras reagem ao estereótipo, a partir da sua experiência:
- 11.1 A maioria percebe o estereótipo?
- 11.2 A maioria se sente incomodada pelo estereótipo?
- 11.3 Você acha que a classe social, a idade, a raça/etnia, o contexto no qual a brasileira está inserida em Portugal, podem interferir na forma como ela lida com o estereótipo? Quais são, em sua opinião, essas diferentes formas de lidar com o estereótipo?
- 11.4 Você acha que seriam importantes ações de empoderamento e sensibilização das próprias brasileiras?
- 11.5 Como você lida com o estereótipo?
12. Por fim, você se considera feminista? Por quê? O que significa o feminismo para você?